OBRAS DO MESMO AUCTOR

Os Reprobos (poema). — Esgotado.

O Poema do Trabalho.

A Eleição Camararia do Porto e a politica actual do paiz (1895).

A Historia Economica. Vol. I — *Edade antiga.*

A Historia Economica. Vol. II — *Edade media.*

A Historia Economica. Vol. III — *Edade media.*

A Historia Economica. Vol. IV — *Edade moderna.*

Na Penitenciaria (poemeto).

Entre o Breviario (poemeto).

A Lista Civil, discurso proferido na Camara dos Deputados, na sessão de 6 de julho de 1908.

A Crise Vinicola, discursos proferidos na Camara dos Deputados, nas sessões de 6 e 7 de agosto de 1908.

Projectos Parlamentares.

Novos Projectos Parlamentares.

A ENTRAR NO PRÉLO

A Historia Economica. Vol. V — *Edade moderna.*

A Historia Economica. — *Edade contemporanea.* (2 volumes).

ADRIANO ANTHERO

A HISTORIA ECONOMICA

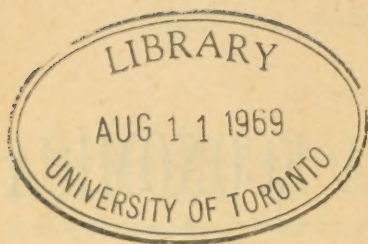
VOLUME IV

EDADE MODERNA

PORTO

Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successora

Rua da Cancella Velha, 70

1911

A HISTORIA ECONOMICA

CAPITULO I

Ideia geral do movimento economico na edade moderna

O chamado *poder centralisador da monarchia*, no principio da época moderna; e como esse poder e as luctas e guerras successivas prejudicaram o movimento economico. — Apezar d'isso, o descobrimento do novo caminho maritimo para a India pelos Portuguezes, a descoberta da America, a Renascença e a Reforma de Luthero revolucionaram o mundo, e abriram uma nova civilisação. — Descobertas e explorações que se seguiram áquellas explorações maritimas. — Como os Hollandezes e Inglezes tentaram inutilmente descobrir pelo norte um outro caminho para a India e para a America, e de que modo se lançaram depois na róta dos Portuguezes. — Apreciação da Renascença e da Reforma. — Influencia que tudo isso produziu nos diversos ramos dos conhecimentos humanos. — Alargamento enorme da área economica. — A organisação das classes trabalhadoras n'esta época. — A escravidão, como elemento colonial. — Productos commerciaes da edade moderna. — A agricultura e as outras industrias n'esta edade, e como foram influenciadas pelo *systema colonial.* — Em que consistia esse systema. — As grandes compànhias do commercio. — Moedas predominantes. — Letras cambiaes. — Communicações. — Conclusão.

Deixámos na edade media o feudalismo dominado pelos reis, e estes, firmando-se no povo e nas communas, para constituirem o chamado *poder centralisador da monarchia.*

Esse poder attingiu a sua culminancia na pessoa de alguns imperantes que viveram com pequena differença na mesma época, e são typicos da força da realeza, como Luiz XI em França (1461-1483); D. João II em Portugal (1481-1495); Maximiliano I na Austria (1486-1519); Henrique VIII em Inglaterra (1509-1547); Carlos V em Hespanha (1519-1540). Mas, inversamente, os nobres e feudaes alliaram-se depois com os reis, que trataram de opprimir o povo, até que o clamor dos opprimidos, eccoando nas trevas, e a indignação dos proletarios, recozendo nas cinzas, produziram a revolução franceza. Em todo o caso, essa reacção do povo produziu tambem differentes conflagrações, de que trataremos especialmente na historia de cada paiz; e, como se tudo isso não bastasse para prejudicar o progresso economico, ainda a Europa foi cheia de guerras internacionaes.

Logo, nos principios do seculo XVI (1521-1540), travou-se a lucta gigantesca da França e da Hespanha, representadas pelos respectivos monarcas, Francisco I e Carlos V, que ficou victorioso.

De 1568 a 1648, accendeu-se a guerra da Hollanda contra a Hespanha, em que os Hollandezes conquistaram a sua independencia; e essa mesma guerra provocou tambem uma outra, da Inglaterra contra a Hespanha (1587-1590). Seguiu-se a de Portugal contra a Hespanha, em que um pequeno povo, pelo brio denodado dos seus filhos, pôde expulsar o jugo de uma nação poderosa (1640-1668).

O engrandecimento da Hollanda e a rivalidade da Inglaterra trouxeram tambem a lucta d'esses dois paizes (1652-1654 e 1664-1667).

Em seguida, a ambição de Luiz XIV provocou a guerra da França com a Hollanda (1672-1678). E, mal estava acabada esta lucta, pela paz de Nimègue, surgiram, por um lado, a guerra da successão da Hespanha (1667-1712), na qual se involveram a Inglaterra e Portugal contra a França e Hespanha, e que terminou pela paz de Utrecht; e, por outro lado, essa lucta gigantesca de Carlos XII, da Suecia e Pedro Grande, da Russia, que firmou a grandeza d'este imperio (1700-1714).

A humanidade viu então o espectaculo cannibalesco das grandes potencias do norte e leste da Europa retalharem, ou antes, devorarem a Polonia. E, de 1742 a 1748, levantou-se a conflagração da guerra chamada da *Pragmatica Sancção,* promovida por causa da successão ao throno da Austria, em que tomaram parte a França, Prussia e Baviera contra a mesma Austria, Inglaterra e Hollanda, e que terminou pela paz d'Aix-la-Chapelle.

Como se não pudesse fechar de vez esse vulcão de morte e ruinas, destinado a aquecer a ambição dos povos, logo em 1757, rebentou a guerra da Russia e Turquia, em que a grande Catharina augmentou o seu imperio á custa dos Musulmanos, e estes foram obrigados a ceder a Crimeia e libertar os seus mares interiores, ao passo que soffreram a rebellião da Geor-

gia e dos dignitarios d'Albania, Epiro, Bagdad, Palestina e Egypto (1757-1774).

Entretanto, a França e a Inglaterra disputavam a ferro e fogo a primazia dos dominios coloniaes na America do Norte e na India (1746-1763). E, por ultimo, surgiu a revolução dos Estados-Unidos (1774-1783), de que resultou a proclamação da sua independencia, em 1775, e que trouxe comsigo, além da lucta vigorosa com os Inglezes, a guerra d'estes com a Hollanda, e a hostilidade, mais ou menos activa, com outros povos da Europa.

É claro que todas estas luctas, a par da oppressão dos reis sobre o povo e da reacção da plebe, deviam prejudicar grandemente o movimento economico. Mas houve n'esta edade quatro grandes acontecimentos, que fizeram alargar o mundo physico, o mundo religioso e o mundo intellectual, e que, vibrando atravez das chammas e ruinas de tantas guerras e de tantas luctas, vieram dar uma nova feição ao commercio e produzir tambem uma nova civilisação.

Um d'elles foi o descobrimento do novo caminho para as Indias; outro, a descoberta da America; o terceiro foi o movimento chamado da Renascença; finalmente, o ultimo, a Reforma de Luthero.

*

* *

A tomada de Constantinopla pelos Turcos tivera por immediata consequencia o travar o

movimento do commercio maritimo com o Levante e com o Mar Negro. É certo que Mahomet II não impediu as relações mercantis dos seus subditos com os christãos. Conservou até por muito tempo aos Genovezes o bairro de Galata, e só interrompeu as relações com os Venezianos, que tinham favorecido os Gregos na defeza d'aquella capital [1].

Mas os Mahometanos occupavam todos os caminhos terrestres por onde se podia fazer o commercio do Levante. Occupavam as costas do Egypto e da Syria, onde, primeiramente, iam dar os navios europeus á cata dos productos da India; e a má vontade d'elles contra os christãos, o fanatismo e intolerancia de uns e outros, e o odio accumulado das novas e antigas luctas tornavam mais perigosos esses caminhos e mais difficil esse commercio.

Por outro lado, estava acabada a edade media; e ás contendas da barbaria, ás luctas das cruzadas e ás guerras de exterminio succedera geralmente uma ancia enorme, uma aspiração infinita de novas aventuras.

Tudo isso devia despertar naturalmente o desejo de se descobrir outro caminho para a India, tentando a via do Oceano, e fugindo d'aquellas vias occupadas pelos Musulmanos.

Cabe a Portugal a gloria d'esse descobrimento e o quinhão mais honroso nas descobertas de

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, cap. V e VI.

todo o mundo, inclusivamente da propria America; já porque foram os esforços do infante D. Henrique e os primeiros ensaios dos nossos navegadores que prepararam o caminho a Christovão Colombo, e já porque Pedro Alvares Cabral e Gaspar Côrte Real tocaram tambem directamente aquelle continente.

Já no tempo de D. Affonso IV, os navios portuguezes chegaram até ao archipelago das Canarias; e suppõe-se que, ainda anteriormente, no tempo de D. Diniz, outros navios portuguezes, dirigidos pelos pilotos que elle mandára vir de Genova, abordaram ao grupo da Madeira e dos Açôres, sem comtudo emprehenderem qualquer principio de colonisação. Mas, em 1415, inaugurou-se o periodo das descobertas, com a tomada de Ceuta por D. João I, rei de Portugal.

Essa cidade era emporio do commercio entre a Asia, Africa e Europa; e as riquezas ahi accumuladas despertaram no infante D. Henrique, filho d'aquelle rei, o desejo de conhecer os paizes d'onde provinham, e attrahir assim directamente para o reino esse commercio do interior, que os Mouros vinham fazer a Ceuta [1]. E, quando o desastre de Tanger lhe extinguiu os impetos bellicosos, e lhe apagou a sêde de conquistar a gloria nos campos da batalha, veiu fundar n'um recanto do Algarve, perto do cabo de

[1] Gomes Eannes d'Azurara, *Chronica d'El-rei D. João I.* — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal,* vol. II.

S. Vicente, a villa primeiramente chamada da Tercena Naval e depois Villa do Infante, e ahi se entregou, como um vidente do futuro e um apostolo da civilisação, á tarefa dos descobrimentos.

Foi assim que, por sua iniciativa, logo em 1418, dois cavalleiros da sua casa, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, trataram de dobrar o cabo Bojador; e, quando, realmente, se esforçavam por dobral-o, arrastados pela tormenta, descobriram a ilha de Porto Santo. Em 1419, voltaram, acompanhados por Bartholomeu Perestrello, e descobriram a Madeira; ou antes, arribaram a esta ilha, visto que já fôra descoberta no tempo de D. Diniz.

Pouco tempo depois, teve logar a descoberta das Ilhas Desertas.

Em 1432, Gonçalo Velho Cabral descobriu a ilha de Santa Maria, e em seguida a de S. Miguel, a que, depois de 1444, se seguiu tambem, por novos emprehendedores, a descoberta das outras ilhas do mesmo archipelago.

Mas, ainda no tempo de Gonçalo Velho, não fôra dobrado o cabo Bojador, que era o limite das navegações d'esse tempo. Como diz Pinheiro Chagas, além dos terrores superstíciosos que as lendas do *Mar Tenebroso* infundiam aos nossos navegadores, além das erradas supposições que elles faziam ácerca do mar que banha aquellas costas, assustava-os o terem de navegar para oeste. Julgavam, de mais a mais, que não havia, além d'esse cabo, nem gente, nem povoação alguma, nem agua, nem vegetação, e apenas

uma areia esteril como a dos desertos da Lybia, e que as correntes contradictorias e irresistiveis destroçavam os navios.

Foi Gil Eannes o primeiro que, em 1434, atravessou aquelle cabo, e fez desapparecer aquelles terrores; e, voltando no anno seguinte, acompanhado de Affonso de Baldaya, descobriu a Angra dos Ruivos.

O infante D. Henrique fundou então, á sua custa e na sua villa querida, uma escola de cosmographia, com observatorio astronomico e officinas de construcção naval; e promoveu, ainda com maior actividade, a continuação das explorações maritimas.

Seguiu-se, em 1436, a descoberta do Rio do Ouro pelo mesmo Affonso Baldaya, que desembarcou na Angra dos Cavallos, e, proseguindo para o sul, chegou até á Ponta da Galé, hoje chamada por corrupção *Ponta da Galha.*

Em 1441, Nuno Tristão descobriu o cabo Branco; em 1443, os ilheos d'Arguim; e, em 1445, visitou a costa da Senegambia, e chegou até Palmar.

N'esse mesmo anno de 1445, Diniz Dias [1] desceu ao sul da Senegambia, e descobriu Cabo Verde. As caravellas d'uma companhia de navegação, creada em Lagos pelo infante D. Henrique, descobriram as ilhas Nar, Téder e outras.

---

[1] João de Barros escreveu *Diniz Fernandes* e todos os escriptores o seguiram; mas Azurara, que o conheceu pessoalmente, escreveu *Diniz Dias.*

E ainda n'esse mesmo anno, Luiz Cadamosto, veneziano, e Antonio de Nolla, genovez, mas ambos elles ao serviço de Portugal, descobriram o rio de Barbacim, o paiz de Gambia e o rio do mesmo nome.

Desde 1446 a 1460, o mesmo Antonio de Nolla, Diogo Gomes e aquelle Luiz Cadamosto descobriram e exploraram as ilhas de Cabo Verde, e os rios de Casamanza, Sant'Anna, S. Domingos, Grande, o Cabo Vermelho ou Roxo, e quatro ilhas do archipelago de Bissangos ou Bijagoz [1].

Em 1447, Nuno Tristão descobriu o rio que depois tomou d'elle o nome de rio Nuno; e Alvaro Fernandes, o rio Tabete.

Em 1458, o rei D. Affonso v tomou Alcacer Seguer, em Africa.

A 13 de novembro de 1460, morreu o infante D. Henrique, depois de quarenta annos de gloriosos esforços em pró das descobertas ultramarinas; mas nem por isso affrouxou a actividade dos Portuguezes. Pelo contrario, logo no anno seguinte, Pedro de Cintra descobriu as costas da Africa, desde o rio Bessegue até o cabo Mesurado, n'uma extensão de 629 milhas.

Em 1469, João de Santarem e Pedro Escobar descobriram o Resgate do Ouro, depois chamado Mina, e o cabo de Santa Catharina.

Desde 1469 a 1471, Fernando Pó descobriu a

---

[1] Prospero Peragallo, *Cenni Intorno Alla Colonia Italiana in Portugallo Nei Secoli XIV, XV e XVI.*

ilha Formosa e as de Fernando Pó, Corisco, Anno Bom, S. Thomé e Principe; e Lopo Gonçalves descobriu tambem o cabo a que deu o seu nome, na embocadura do Gabão.

Em 1471, Affonso v cercou e tomou Arzilla e Tanger.

Em 1482, Diogo d'Azambuja chegou a Guiné, e construiu o forte de S. Jorge de Mina (Ajudá).

Em 1484, Diogo Cão descobriu o Congo e o rio Zaire, e, no anno seguinte, o cabo Negro.

Em 1486, João Affonso d'Aveiro descobriu o Benim [1].

N'esse mesmo anno, o Azamor e a Mauritania reconheceram a soberania de Portugal.

Bartholomeu Dias, em 1486, acompanhado de seu irmão Pedro Dias e de Lopo ou João Infante, tendo por piloto Pero d'Alemquer, o mesmo que foi depois tambem piloto de Vasco da Gama, levado por uma tempestade á costa oriental da Africa, arribou á Angra dos Vaqueiros; e ahi descobriu a pequena ilha da Cruz e o rio Infante. E, na volta, encontrou o cabo por elle chamado das Tormentas, cujo nome o rei D. João II mudou em Cabo da Boa Esperança.

Este rei preparou então uma expedição, para descobrir pela costa d'Africa o caminho maritimo para a India. A sua morte, em 1495, não lhe permittiu a realisação da grandiosa empreza. Mas o

[1] Foi d'ahi que veiu para Portugal a primeira pimenta que se viu de Guiné. Garcia de Rezende, *Chronica d'El-rei D. João II*.

seu successor, D. Manoel, logo em 1497, mandou uma expedição, commandada por Vasco da Gama, para descobrir esse caminho. E, tendo este partido do Tejo, em 8 de julho de 1497, a 7 de novembro descobriu a bahia que denominou Angra de Santa Helena; a 20, dobrou o cabo da Boa Esperança; a 25, chegou á Aguada ou Angra de S. Braz; a 25 de dezembro, descobriu o Natal. Entrou no Zambeze, que chamou *Rio dos Bons Signaes*; e, seguindo a sua derrota por Moçambique, Mombaça e Melinde, chegou a Calicut, em 20 de maio de 1498. Depois, na volta para Portugal, descobriu ainda a ilha de Angediva e as ilhotas de Santa Maria [1].

Em 1500, Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil; e Gaspar Côrte Real a terra do Lavrador, a terra ou ilha dos Bacalhaus, as ilhas Côrtes Reaes e a ilha do Caramelo, na embocadura do estreito de Hudson.

Em 1501, João da Nova descobriu as ilhas da Ascensão, e em 1502 a de Santa Helena.

N'aquelle mesmo anno de 1501, o florentino Americo Vespucio, ao serviço de D. Manoel, reconheceu a terra de Santa Cruz, e desceu até o rio da Prata e o paiz dos Patagões [2].

Em 1503, Affonso d'Albuquerque descobriu Coulão.

---

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.* — Latino Coelho, *Vasco da Gama*, vol. II. — Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India*. — Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel*.

[2] P. Peragallo, *obr. cit.*

N'esse mesmo anno, o já mencionado Americo Vespucio fazia a segunda viagem, descobrindo a bahia de Todos os Santos, na America; e Antonio de Saldanha descobria a Aguada de Saldanha, perto do cabo da Boa Esperança.

Em 1505, Lourenço d'Almeida descobriu o Ceylão.

Em 1506, João Homem descobriu as ilhas de Santa Maria da Graça, S. Jorge e S. João, situadas perto do cabo da Boa Esperança; Tristão da Cunha, as ilhas que teem o seu nome; e Ruy Pereira Coutinho, a costa occidental da ilha de S. Lourenço (Madagascar).

Em 1507, Fernando Lopes descobriu a costa oriental da mesma ilha de Madagascar; e Lourenço d'Almeida, as Maldivas.

Em 1508, Diogo Lopes de Sequeira descobriu as ilhas de Santa Clara, penetrou no reino de Matatane e no rio do mesmo nome, e descobriu tambem a grande bahia de S. Sebastião. E Tristão da Cunha, de volta de Moçambique, descobriu a ilha da Ascensão, na Ethiopia.

Em 1512, Antonio d'Abreu descobriu a ilha de Amboina; e Francisco Serrão, a de Ternate.

Em 1513, Pedro Mascarenhas descobriu a ilha a que deu o seu nome, e que hoje se chama da Reunião.

Em 1516, Duarte Coelho descobriu a Cochinchina.

Em 1519, Fernando de Magalhães, portuguez ao serviço de Castella, emprehendeu uma via-

gem em volta da America, para chegar ás Molucas, onde effectivamente chegou, descendo pela costa do Brazil, atravessando o Pacifico, para morrer em Zebu, uma das Philippinas [1].

Em 1522 e 1523, os Portuguezes descobriram muitas ilhas no mesmo archipelago das Molucas.

Em 1530, Martim Affonso descobriu o rio da Prata.

Em 1539, Rodrigues de Carvalho chegou ao 44° de latitude norte.

Em 1545, Lourenço Marques descobriu na Africa Oriental a bahia, que d'elle tomou egual denominação.

Em 1560, Duarte de Albuquerque Coelho e seu irmão Jorge descobriram o rio de S. Francisco, do Brazil; e Antonio Dias descobriu a ilha que então recebeu o seu nome, e se chamou depois ilha de S. Paulo.

Em 1569, Gonçalo Pereira Marramaque descobriu algumas ilhas da Oceania; e um filho de Bartholomeu Bueno da Silva, tambem chamado Bueno, todo o Goyaz.

Em 1601, Manoel Godinho Eredia dá noticia

---

[1] Um acaso desgraçado fez que elle atravessasse o Oceano Pacifico em toda a sua largura, sem encontrar terras, salvo uma ou duas ilhotas insignificantes.

H. Jouan, *Les Iles du Pacifique*, pag. 9. — Oliveira Martins, *Portugal nos Mares*.

da Australia, d'onde resultou a sua descoberta pelos Hollandezes, em 1606 [1].

Pedro Teixeira, em 1636 e 1637, com quarenta e sete canôas e um numeroso destacamento de Europeus e de Indios, seguiu o Amazonas até o Napo, seu tributario. Subiu depois este rio, e em seguida o Coco, chegando a trinta leguas de Quito, onde afinal foi parar, acompanhado d'alguns homens. E, no anno seguinte, voltou ao Pará, pelo mesmo caminho, acompanhado pelos jesuitas Cunha e Artieda, que publicaram a relação d'essa viagem [2].

E, ao passo que tantos Portuguezes assim descobriam e exploravam por mar tantas ilhas e paizes desconhecidos, muitos outros exploravam ou descobriam, tambem por terra, differentes regiões, mal conhecidas ou ignoradas, como vamos expôr.

Em 1487, Pedro de Evora e Gonçalves Annes descobriram Tucurol e Tombuctu; Rodrigo Rebello, Pedro Reynel e João Collaço visitaram Mandimanza, Tamala dos Fulos e outras terras, no interior da Africa. E Affonso de Paiva [3] e

---

[1] Oliveira Martins, *Portugal nos Mares*, pag. 187.

[2] Julio Verne, *Os Navegadores do seculo XVIII*, traducção de Pinheiro Chagas, vol. II.

[3] Salvador Corrêa, nas *Lendas da India*, I, pag. 6, e Sebastião José Pedrozo, no *Resumo Historico, acerca da antiga India Portugueza*, dizem Gonçalo de Pavia; mas todos os outros escriptores lhe chamam Affonso de Paiva. Veja-se tambem Latino Coelho, *Vasco da Gama*, vol. I.

João Peres da Covilhã acceitaram a missão que D. João II lhes confiou de irem em busca do Preste João das Indias, que a tradição representava como um rei poderoso e christão. Chegando a Aden, separaram-se. Paiva, dirigindo-se pelo lado da Ethiopia, penetrou na Abyssinia, e voltou ao Cairo, onde morreu. Covilhã ganhou o golfo Persico, visitou Cananor, Calicut, Goa e a costa do Malabar. Voltou a Aden, e de lá ao Cairo, d'onde, por ordem do rei, tornou a voltar a Aden. D'ahi passou a Ormuz; foi novamente ao golfo Persico; visitou Meca, o monte Sinai, Thor, Zeila; e, em 1490, chegou á côrte do rei Abexim, o celebre Preste João.

A começar em 1491, o medico Martim Lopes, dirigindo-se á Allemanha, percorreu a Esclavonia, Bohemia, Hungria, Polonia, Vallaquia, Turquia, Russia e Tartaria; e d'ahi seguiu para o Mar Roxo, Arabia e Egypto. D'este paiz dirigiu-se para o rio de Tannay, Montes Rypheus, onde teve noticia dos Montes Hyperboreos e India Menor.

Proseguiu d'ahi pela Russia, Laponia, Oceano Boreal e Noruega, para a Dacia, Mar Gothico, Russia, Suecia, Livonia e Lithuania. Tudo com o principal fim de indagar e conhecer directamente as regiões arcticas, que poderiam ser um caminho para o Cathay [1].

---

[1] Oliveira Martins, *O Principe Perfeito*, no prefacio de Barros Gomes, pag. 119. — Publicação de Sousa Viterbo, no *Jornal de Sciencias Medicas*, n.º de março e abril de 1893.

Em 1508 e 1509, Eduardo de Lemos foi á India por Zeila [1], Aden, Medina, Persia, Babylonia, Bassora e Ormuz.

Em 1537, Fernão Mendes Pinto começou as suas viagens e peregrinações, que duraram vinte e um annos, pela India, Malaca, Abyssinia, China, Cochinchina, Tartaria, Japão, etc. [2]

Em 1539, Rodrigues de Carrilho chegou ao 44º de latitude.

Em 1548, Gaspar da Cruz penetrou no interior da China, de que fez uma descripção curiosa.

Em 1560, o missionario Gonçalo da Silveira penetrou por Inhambane até o curso de Otongue; seguiu o rio de Cuama; chegou pelo rio Quelimane até Gilòa, e á embocadura do Zambeze, Inhamoi, côrte de Simbaoe, etc.

Em 1570, André Pereira fez tambem a viagem de Portugal á India; e Isaac de Cairo veiu de Goa até Lisboa; como, em 1593, Frei Manoel dos Santos foi de Lisboa a Goa, e voltou de Goa a Lisboa.

Em 1588, o Padre Paes desembarcou em Massuah, na Abyssinia, percorreu o paiz, e chegou á fonte do Nilo Branco.

Em 1601, Pedro Teixeira atravessou a Persia, partindo de Ormuz, e visitou as Philippinas e a Nova Hespanha.

---

[1] Esta cidade foi depois tomada e destruida pelos Portuguezes em 1517.

[2] José Feliciano de Castilho, *Fernão Mendes Pinto*.

Em 1602, o jesuita Benedicto de Goes, para descobrir o Grande Catay, percorreu, durante tres annos, o interior da Asia, encaminhando-se sempre, pelo norte do imperio do Mogol, para o oriente até á China; e alcançou a convicção de que o Grande Catay não era outra coisa senão a propria China.

Finalmente, muitos outros exploradores, como Antonio de Gouveia (1602), Salvador Ribeiro de Sousa (1603), Nicolao d'Orta (1606-1607), Frei Gaspar de S. Bernardino (tambem 1606-1607), D. Alvaro da Costa (1611), Antonio d'Andrade (1624), Padre Manoel Godinho (1663) [1], percorreram e exploraram, uns o interior da Asia, outros o interior d'America, e outros, da Asia.

Até por conta do imperador da Russia (1735-1737), o portuguez Antonio Ribeiro Sanches, medico da armada russa, explorou a Ukrania, as margens do Don até o mar de Zabache, e os limites de Cuban até Azof. Atravessou os desertos d'entre a Crimeia e Backmut; e visitou o paiz dos Kalmukos, e depois o reino de Kazan até ás margens do Don, bem como os Tartaros da Crimeia, de Nogai e de Kergissé e Kheremissi, ao norte de Astrakan, desde o 50° até o 68° grau lat. norte [2].

---

[1] Manoel Godinho, *Relação do Novo Caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o Padre Manoel Godinho.*

[2] Garcia Rezende, *Chronica d'el-rei D. João II.* — S. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), *Reflexões geraes*

*
* *

A actividade navegadora dos Portuguezes, a sua febre exploradora e o ecco das suas glorias despertaram tambem no genio nacional dos Hespanhoes uma ardente emulação.

Christovão Colombo offereceu-se aos reis catholicos para descobrir pelo occidente um novo caminho para as Indias, d'onde resultou a descoberta da America, em 1492. E essa descoberta levantou por toda a nação um enthusiasmo enorme, de modo que os aventureiros, ávidos d'ouro e de gloria, mas sobretudo sedentos de riquezas, arrojaram-se tambem audaciosos no encalço do novo descobridor [1].

Por isso, apenas o almirante acabára de sair de S. Lucar para a sua terceira viagem, logo se organisaram quasi simultaneamente, quatro expedições á custa de ricos armadores.

---

acerca do Infante D. Henrique e dos descobrimentos de que elle foi auctor no seculo XV. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. II. — Theophilo Braga, *Camões* (Epoca e Vida). — Lobo de Bulhões, *Les Colonies Portugaises.*

[1] P. Peragallo, nos *Cenni* já citados e nas differentes obras sobre Christovão Colombo. — Otto Neussel, *Los Cuatro Viajes de Cristóbal Colón.* — D. Waldo Jiménes de la Romera, *Cuba, Puerto-Rico e Filipinas.* — Julio Verne, *A descoberta da terra,* traducção de Pinheiro Chagas, vol. I.

A primeira foi a de Alonso de Hojeda[1], que, em 1499, descobriu a Venezulla; avistou a ilha Margarida; chegou ao golfo de Paria e bahia das Perolas; passou pela bocca do Dragão, que separa a Trindade do continente; voltou para o oeste até o cabo de Vela; e, tendo tocado nas ilhas Caraibas, arribou a Yaquino.

A segunda expedição foi, no mesmo anno, de Pier Alonso Nino. Mas esse não fez nenhuma descoberta, e apenas trouxe para a Hespanha uma consideravel quantidade de perolas, que excitaram a cubiça dos Hespanhoes e o desejo de tentarem novas explorações.

A terceira foi commandada por Vicente Yanez Pinzon, tambem n'esse anno de 1499. Pinzon chegou ao continente americano, um pouco abaixo das paragens visitadas por Hojeda; explorou a costa, n'uma extensão de setecentas a oitocentas leguas; descobriu o cabo Santo Agostinho; seguiu depois a costa noroeste até o Rio Grande, a que chamou Santa Maria de la Mar Dulce; e, continuando na mesma direcção, attingiu tambem o cabo de S. Vicente.

Finalmente, de janeiro a junho tambem de 1499, Diogo de Lepe explorou as mesmas paragens; e Rodrigo de Bastidas e o já mencionado

---

[1] Alonso de Hojeda levava como piloto Juan de la Cosa; e levava tambem por sua companhia Americo Vespucio, cujas funcções não são bem conhecidas, mas que parece ter sido o astronomo da frota.

João de la Cosa chegaram ao Puerto del Retrete ou dos Escribanos, no isthmo do Panamá.

Não pararam aqui as expedições e conquistas dos Hespanhoes. Pelo contrario, em 1507, Juan Dias de Solis, de concerto com Yanes Pinzon, descobriu uma vasta provincia, conhecida mais tarde por Yucatan; e, dois annos depois, ambos elles, descendo para o sul da linha equinocial, chegaram até 40° de latitude meridional.

Em 1511, Diogo Velasquez realisou a conquista de Cuba.

Em 1512, João Ponce de Leon visitou minuciosamente as Lucayas e o archipelago das Bahamas, conquistou Porto Rico, e descobriu a Florida.

Em 1513, Vasco Nunes de Balboa, explorando o isthmo de Darien, descobriu do alto d'uma montanha o mar ao oeste; e, entrando na agua até á cintura, com a espada desembainhada, tomou posse, em nome do rei de Hespanha, d'este oceano, que cobria quasi metade do globo e banhava um mundo estranho, de cuja existencia elle não suspeitava[1].

Preparava-se tambem para conquistar o Peru, que as noticias dos Indios representavam como o paiz maravilhoso do ouro, quando foi assassinado, por ordem do governador de Darien, Pedrarias Davila, cioso da sua gloria.

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. II. — H. Jouan, *Les Iles du Pacific.*

Em 1518, João de Grijalva e Diogo Velasquez exploraram a immensa linha das costas que fórmam a peninsula de Yucatan, e a bahia de Campeche e o fundo do golfo do Mexico.

Em 1519, o portuguez Fernando de Magalhães, de que já fallámos, fez, ao serviço do rei de Hespanha, a primeira viagem da circumvallação pela America; e, descendo assim pela costa do Brazil para o cabo Horn, chegou ás Molucas, descobriu as ilhas dos Ladrões, mais tarde chamadas ilhas Mariannas, e as Philippinas, onde morreu, na ilha de Mactan, n'um combate contra os naturaes [1].

Sebastião d'el Cano, seu companheiro, na vinda atravez do Oceano Indico, descobriu a ilha a que chamou S. Paulo, e que hoje se chama Amsterdam [2].

Em 1519 e 1520, Fernando Cortez conquistou o Mexico.

Em 1526, Sebastião Cabot, então ao serviço da Hespanha, subiu o rio da Prata, descobriu uma ilha a que chamou Francisco Gabriel, entrou no Paraná, e seguiu por esse rio para o Paraguay.

Em 1537, o mesmo Fernando Cortez e Francisco de Ulloa reconheceram juntos a grande peninsula da California, e visitaram a maior parte d'esse golfo, estreito e longo, que hoje tem o nome

---

[1] Oliveira Martins, *Portugal nos Mares*. — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. XIV. — *Océan et Terres Océaniques*.

[2] E. Reclus, *obr. cit.*

de mar Vermelho. Depois d'elle, Vasques Coronado, por terra, e Francisco Alarcon, por mar, arrojaram-se á procura d'esse famoso estreito que, segundo se dizia, communicava o Pacifico e Atlantico; mas não poderam passar para diante do 36° paralello [1].

Em 1534, Francisco Pizarro descobriu o Peru; e Almagro, seu companheiro em muitas expedições e seu rival, iniciou a conquista do Chili, que Pedro Valdivia completou, em 1540 [2].

Em 1565, André de Urdanêta adivinhou o caminho, até então desconhecido, de éste para oeste atravez do Pacifico; e, dirigindo-se das Filippinas e do archipelago dos Ladrões para os mares do Japão, e, singrando depois para oeste, acabou por tomar Acapulco [3].

Em 1567, Alvaro de Mendaña, tendo levantado ferro de Callao de Lima, reconheceu a ilha de Santa Isabel, percorreu a ilha das Palmas, a ilha dos Ramos, a ilha da Galera, a ilha Buena Vista. Descobriu a ilha de S. Jorge, e visitou muitas ilhas do archipelago de Salomão e outras mais, que se não tem podido identificar.

Em 1595, Furtado de Mendonça descobriu as Marquezas.

Deu-se depois d'isso, em 1592 a viagem, em grande parte fabulosa, de Juan de Fuca, que

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. II.

[2] E. Reclus, *obr. cit.*, vol. XIV.

[3] E. Reclus, *obr. cit.*

affirmou ter encontrado o estreito de Anian, depois chamado de Behring, ha tanto tempo procurado, quando não descobrira na realidade senão a passagem que separa o continente da ilha Vancouver [1].

Em 1595, Mendaña partiu do porto de Lima, n'uma segunda expedição; e, tendo deixado a costa do Peru, descobriu a ilha Magdalena, as tres ilhas a que deu o nome de las Marquezas de Mendóça, em honra do governador do Peru, as ilhas do Perigo e as da rainha Carlota [2].

Queiroz, em 1605, tomou conhecimento das ilhas Conversion de S. Pablo, Osnabrugh, Wallis, e Decena, assim chamada, por ser a decima que se viu, que elle appellidou depois a Saggitaria, e que vem a ser ilha de Taiti, uma das principaes do grupo da Sociedade ; e conheceu ainda uma outra que chamou de Gente Formosa. Chegou a uma ilha denominada Taumaco pelos indigenas, que devia ser uma das ilhas Duff, e, em seguida, á ilha do Espirito Santo, nas Novas Hebridas.

Em 1606, por causa d'uma revolta contra Queiroz, Torres continuou a expedição, e entrou pelo estreito que tem o seu nome. Descobriu o principio da Nova Guiné e a extremidade recentemente visitada pelo capitão Moresby, bem como

---

[1] Julio Verne, *Os Navegadores do seculo XVIII,* vol. II.
[2] Julio Verne, *A descoberta da terra,* vol. II.

a parte da costa da Australia que termina na peninsula de York [1].

Em 1642, realisou-se a expedição do almirante Bartholomeu de Fuentes, a que se deve a descoberta do archipelago de S. Lazaro, acima da ilha de Vancouver.

Pararam por algum tempo as explorações da Hespanha, e amorteceu o seu enthusiasmo pelas viagens ultramarinas.

Mas as expedições que os Inglezes fizeram ás costas da America e os progressos dos Russos despertaram de novo o ciume dos Hespanhoes, dando logar a muitas outras expedições. As mais celebres foram as de D. João de Ayala e de La Bodega, que se effectuaram em 1775, em que foram reconhecidos o cabo del Engano e a bahia de Guadelupe; e, depois d'essas expedições, as de Arteago e Maurelle [2].

Se as descobertas dos Portuguezes despertaram a rivalidade dos Hespanhoes, e os levaram tambem a novas descobertas, umas e outras despertaram a rivalidade dos outros povos. Es-

---

[1] Julio Verne, *A descoberta da terra*, vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. II. Sobre as descobertas dos Hespanhoes póde vêr-se tambem D. Modesto de Lafuente, *Historia General de España*, vol. II da edição de luxo.

pecialmente os Inglezes e Hollandezes arrojaram-se tambem com todo o ardor ás emprezas ultramarinas.

Não conhecendo a principio o caminho das Indias, trilhado pelos Portuguezes, nem o da America, de Christovão Colombo, e julgando tambem que seria possivel descobrir pelo norte da Europa uma passagem para o oriente, começaram por dirigir de preferencia as suas attenções n'este sentido.

Foi assim que, na Inglaterra, logo em 1497, ou 1496, como dizem alguns escriptores, se organisou a expedição de João Cabot [1] e seu filho Sebastião Cabot. Tendo elles, primeiramente, aquelle proposito de descobrir a passagem pelo norte, depois de terem encontrado a Terra Primo Vista, seguiram a costa até 56°. Mas, vendo que, n'esse sitio, a terra voltava para leste, desesperaram de descobrir aquella passagem; e, virando de bórdo, para examinarem a terra n'essa direcção, sempre com o mesmo objectivo de encontrarem uma passagem para as Indias, chegaram á Florida. Então, começaram a faltar-lhes as provisões, e tiveram por isso de voltar para a Inglaterra [2].

---

[1] Não se sabe com certeza a nacionalidade de João Cabot, mas parece que era italiano das visinhanças de Genova ou Veneza e se viera estabelecer no Bristol. — Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II. — Scherer, na *Histoire du Commerce de toutes les nations*, traduzida por Henri Richelot e Charles Vogel, diz que era veneziano.

[2] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. II.

Em 1498, tendo já fallecido João Cabot, aquelle seu filho Sebastião tentou segunda expedição. Depois de ter visto a terra a 45°, seguiu a costa até 58°; mas os gelos obrigaram-no a virar de bórdo, tocando as ilhas dos Bacalhaus [1].

Em 1517, o mesmo Sebastião Cabot com Thomaz Pert, emprehenderam outras viagens, e chegaram á bahia de Hudson, d'onde a cobardia dos seus companheiros e a insubordinação da tripulação os forçou a voltarem para Inglaterra [2].

Em 1526, o mesmo Cabot fez nova expedição por conta da Hespanha, com o fim de atravessar o estreito de Magalhães, explorar as costas occidentaes da America e ir ás Molucas. E, n'essa expedição, subiu o rio da Prata, descobriu uma ilha que chamou Francisco Gabriel, entrou no rio Paraná, e seguiu depois o rio Paraguay.

Em 1558, foi ainda o proprio Sebastião Cabot que preparou nova expedição, composta de tres navios: expedição que elle não pôde acompanhar e cujo commando foi dado a Richard Chancellor, com proposito de descobrir uma passagem para a India pelo nordeste, já que as tentativas para a descobrir pelo nordoeste haviam sido infructiferas. Junto das ilhas de Loffodden, na costa da Noruega, a esquadra foi separada. Arrastados pela tormenta, dois navios tocaram a Nova Zembla, e entraram no porto formado pela emboca-

---

[1] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

dura do rio Arzina, na Laponia Oriental; e o terceiro, que era o do proprio Chancellor, entrou no mar Branco e desembarcou no Dwina, no sitio onde em breve se havia de erguer a cidade de Arkangel. E Chancellor foi d'alli a Moskou, onde Ivan IV, o Terrivel, o acolheu muito bem [1].

Tornou a emocionar-se a Inglaterra com a ideia de descobrir pelo noroeste uma passagem para a India. Um dos mais ardentes partidarios d'essa ideia foi Martim Frobisher, que, tendo conseguido de Ambrosio Dudky, conde de Warwich, os meios precisos, pôde emprehender, em 1476, uma nova expedição, em que reconheceu o sul da Groenlandia [2].

Em breve, impellido pelos gelos, teve de retrogradar até ao Lavrador, sem poder arribar á costa, e penetrou no estreito de Hudson. Entrou tambem depois no estreito que tem a sua denominação [3]; tomou posse da terra de Cumberland, em nome da rainha de Inglaterra; e, em 1577 e 1578, fez duas outras expedições ás mesmas paragens, sem ter adiantado sensivelmente os reconhecimentos anteriores.

Em 1585, organisou-se outra expedição, tambem para descobrir a passagem para a China pelo nordoeste. O commandante, João Davis, descobriu o estreito que tem o seu nome e a terra

---

[1] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

[3] Esse estreito é tambem denominado por alguns geographos *Entrada de Zumley*.

da Desolação. Fundeou ao pé d'uma montanha que recebeu o nome de Raleigh, n'uma bella bahia, chamada Tottness; e deu a dois cabos da terra de Cumberland os nomes de Dyer e Walsingham. Fez nova expedição no anno seguinte, em que chegou até 69°, e ainda uma outra, em 1587, na qual subiu até 72°,12'.

Quando, porém, os Inglezes pareciam mais empenhados em descobrir a sonhada passagem para a India ou China pelo norte, a guerra de Hespanha com a Inglaterra fez desviar as emprezas maritimas para o sul da America, onde as explorações podiam combinar-se com os interesses do còrso. Foi Drake o primeiro que imaginou esse genero de còrso, combatendo os Hespanhoes, sem ao mesmo tempo descurar os reconhecimentos geographicos. E não contente com isso, nas suas differentes viagens, desde 1567 a 1596, foi tambem o segundo que dobrou o cabo Horn, subiu a costa da America do Norte, mais além do que tinham feito os seus antecessores, e reconheceu muitas ilhas e muitos archipelagos [1].

De todos os que seguiram o exemplo de Drake, o mais illustre foi Thomaz Cavendish ou Candish, que, tendo obtido, em 1585, a carta de còrso, visitou tambem as costas da Patagonia e o estreito de Magalhães.

Walter Raleig, em 1584, partindo com bastan-

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. II.

tes navios, para explorar a America do Norte, fundou uma colonia que chamou Virginia, em honra da rainha virgem, a grande Isabel, mas que não prosperou, acabando de desapparecer em 1587. Em 1595, conquistou e explorou, tambem sem resultado, as Guyannas, que a tradição representava como o *Eldorado;* e tomou ainda parte na guerra contra a Hespanha [1].

Em 1601, Lancaster, partindo da Inglaterra, com cinco navios, chegou a Achem, na ilha de Sumatra; d'ahi foi a Bantam, na ilha de Java; e recolheu ao seu paiz, com uma valiosa carregação de especies.

Em 1602, Gosnold, que tomára parte nas emprezas anteriores, fez tambem uma viagem á America do Norte. Essa viagem é memoravel nos annaes da navegação, porque foi elle o primeiro que effectuou o trajecto em linha recta, pois até ahi tinha-se ido sómente pelas Canarias, Indias Occidentaes e costa da Florida.

Os Inglezes não tinham, porém, desistido de tentarem a passagem do noroeste. E por isso, em 1607, Henrique Hudson partiu de Gravesend, com uma expedição que foi infructifera. Em 1608, repetiu a tentativa, tambem inutilmente; e, não achando na Inglaterra quem subsidiasse a terceira expedição, passou, em 1609, ao serviço da Hollanda, na Companhia de Amster-

[1] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les nations*, traduzido por Henri Richelot e Charles Vogel, vol. II.

dam. N'essas expedições, Hudson, navegando a principio para nordeste, sem resultado, teve de voltar para noroeste depois d'isso, tambem sem resultado.

Em 1615, partiu outra expedição, confiada a Byleth, que levava como piloto o famoso Guilherme Baffin, sempre no mesmo pensamento de descobrir a passagem do noroeste. Partindo de Inglaterra, os exploradores reconheceram o cabo Farwell, e chegaram á entrada do estreito de Davis. Em 1616, em nova expedição penetraram no estreito de Davis, reconheceram o cabo Esperança de Sanderson, ponto extremo alcançado outr'ora por Davis, e subiram até 78° de latitude, á entrada do estreito que prolongava para o norte a immensa bahia que elles acabavam de percorrer, e que recebeu o nome de Baffin. Caminhando em seguida para oeste, e depois para sudoeste, descobriram a ilha Carey, o estreito de Jones, a ilha de Coburgo e o estreito de Lancaster [1].

Até meado do seculo XVIII, nenhuma outra expedição ingleza augmentou as descobertas. Mas, então, surgiu uma nova feição nas expedições ultramarinas. Não foi já a feição do côrso que as determinou, nem o pensamento exclusivo e predominante de explorar o commercio oriental ou as riquezas do novo mundo. Essas expedições foram de ordinario promovidas, por ordem dos governos e com fim scientifico.

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. II.

N'esse sentido, a primeira expedição ingleza foi a de D. John Byron, em 1764, que chegou á ilha dos Pinguinos e ao porto Desejado, e tomou posse do porto de Egmont e ilhas adjacentes, chamadas Falkland. Descobriu as ilhas do Desapontamento, e a do rei Jorge e Principe de Galles, que formam parte do archipelago de Pomutu, tambem chamadas ilhas Baixas, bem como as ilhas do Perigo, a ilha do duque de York e uma outra que recebeu o nome de ilha de Byron; e reconheceu tambem as ilhas de Saypan e Tinian, que fazem parte do archipelago das Mariannas.

Em 1766, Wallis fez uma nova expedição. Descobriu as ilhas de Whitsmuday, e as ilhas Egmont, Glocester, Cumberland, Guilherme Henrique, Osnabruck, Jorge III (a Taiti dos indigenas, esquecida desde Queiroz); e muitas outras ilhas e ilhotas, onde não atracou: taes como as Charlers Saunders, Lord Howe, Scilly, Boscawen e Keppel; e reconheceu ainda muitas mais [1].

Carteret, que fazia parte da expedição de Wallis, tendo-o perdido de vista, quando entravam no Oceano Pacifico, em 1767, teve de proseguir, na expedição, sósinho e em seu nome, e descobriu a ilha Osnabrugh, que fazia parte do archipelago Perigoso; bem como outra a que pôz tambem o nome de Egmont, e a do Novo Hanover, o ar-

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. I.

*

chipelago do Duque de Portland, e as ilhas do Almirantado [1].

Desde 1769 a 1779, em que foi morto nas ilhas de Hawai, emprehendeu as suas tres famosas viagens o grande James Cook, o mais illustre dos navegadores que produziu a Inglaterra.

Na primeira viagem, marcou as ilhas da Sociedade; provou que a Nova Zelandia era formada de duas ilhas; percorreu o estreito que as separa, e reconheceu-lhes o littoral; e, emfim, visitou toda a costa oriental da Nova Hollanda.

Na segunda viagem, acabou com a lenda d'um continente austral; descobriu a Nova Caledonia, a Georgia Austral, a terra de Sandwich; e penetrou no hemispherio meridional, até onde, anteriormente, ninguem se atrevera a ir.

Na sua terceira expedição, descobriu o archipelago de Hawai; levantou a planta da costa occidental da America, desde o 43 grau, isto é, n'uma extensão de 3:500 milhas; transpoz o estreito de Behring; e aventurou-se a esse Oceano Boreal, terror dos navegantes, até que os gelos lhe oppozeram uma barreira invencivel [2].

Em 1771, Samuel Hearn, por conta da Companhia de Hudson, chegou ao rio de Cobre [3] (*Coppermine*), e ás costas do Oceano Artico.

---

[1] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. I. — Henri Lebrun, *Voyages et aventures du capitaine Cook.*

[3] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II. — Emile Bonnechose, *Histoire d'Angleterre*, vol. IV, pag. 702.

Em 1791, Mackenzi, ao sair do lago dos Escravos, desceu o rio a que deu o seu nome; e, quatro annos depois, atravessou a America em toda a largura, tocando pelo occidente as costas do Pacifico [1].

Seguiram-se as expedições de Vancouver, outro explorador muito notavel; mas essas são de 1791, e por isso já não pertencem a época moderna.

*

* *

Os Hollandezes trataram tambem de vêr se descobriam a passagem do nordeste para a India [2]; e, parecendo-lhe muito difficil o mar de Karas, resolveram, por conselho do cosmographo Plancio, tentar um novo caminho pelo norte da Nova Zembla.

Os mercadores de Amsterdam dirigiram-se então a um marinheiro experimentado, Wilhelm Barentz, que partiu de Texel, em 1594, dobrou o cabo Norte, viu a ilha Waigatz, e passou á vista da Nova Zembla. Depois, dobrando o cabo Nassau, achou-se em contacto com os gelos, e, por mais esforços que fez e perseverança que mostrou, não póde romper.

---

[1] Emile Bonnechose, *obr. cit.*, vol. IV.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Eduardo Malo de Luque, *Historia Politica de los Estabelecimentos Ultramarinos de las Naciones Europeas.*

No anno seguinte, 1595, voltou nova expedição, commandada por Thiago Van-Heemskerke, de que Barentz era o piloto mór. Mas tambem nada pôde conseguir.

Houve ainda, em 1596, outra expedição, commandada pelo mesmo Heemskerke e João Corneliszoon-Rijp. Barentz tinha apenas o titulo de piloto, mas era elle o verdadeiro commandante. Descobriram então a ilha dos Ursos e Spitzberg, e chegaram á ilha das Cruzes e ilha de Orange [1].

Em 1597, organisou-se uma nova expedição commandada por Oliveiro de Noort, para mostrar aos seus marinheiros a estrada inaugurada por Magalhães e fazer todo o mal que podesse aos Hespanhoes. E, de facto, pôde atravessar esse estreito, chegar ao de Manilha e entrar depois em Java e Borneo, recolhendo á patria [2].

Em 1615, um negociante, Jacques Lemaire, e um habil marinheiro, Wilhem Cornelis Schouten, resolveram ir á India por um caminho novo, procurando uma passagem ao sul do estreito de Magalhães.

Passaram o estreito Lemaire, descobriram a Terra dos Estados, a ilha de Mauricio de Nassau e o archipelago de Varnevelt. E, seguindo pelos archipelagos da Polinesia, sem os vêr, como aconteceu a Magalhães, descobriram a ilha de Waterland e a ilha das Moscas; atravessaram o archi-

[1] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

pelago dos Amigos; chegaram ás dos Navegadores ou de Samoa; e, continuando para as Molucas, descobriram muitas outras ilhas, entre essas a que então recebeu o nome de Schouten, e hoje se denomina Mysore, que se não deve confundir com outras ilhas, tambem chamadas de Schouten, situadas na costa da Guiné. Chegaram depois a Gilolo, d'onde se dirigiram para Batavia [1].

Em 1642, João Abel Tasman, partindo da Batavia, descobriu a terra de Van Diemen, que hoje se chama Tasmania, a terra dos Estados, que foi logo mudada para o nome de Nova Zelandia, e que um piloto hespanhol, João Fernandez, partindo do Chili, tinha provavelmente visto, em 1574. Mas isso nada tirou á gloria de Tasman, que ajuntou a esta descoberta as ilhas de Tonga, por elle chamadas dos Amigos, as Fidji ou Viti, a exploração do norte da Nova Hollanda, e tambem a descoberta das ilhas de Amsterdam, Rotterdam e Principe Guilherme [2].

Em 1721, Jacob Roggewein, partindo de Texel com tres navios, descobriu a ilha que chamou Belgica Austral, bem como a ilha que denominou da Pascoa, hoje terra de Davis. Descobriu egualmente as ilhas Perniciosas, ás quaes depois Cook deu o nome de ilhas Palliser; as ilhas da Aurora e Vesper; seis outras que foram chamadas ilhas do Labyrintho, e que parecem consti-

---

[1] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

[2] H. Jouan, *Les Iles du Pacifique.*

tuirem o grupo de Vllegen, já visto por Schouten e Lemaire; a ilha do Recreio, e as ilhas de Brunan, que se suppõe serem as dos Navegadores. E achou ainda algumas outras ilhas do Pacifico, já visitadas por Schouten e Lemaire [1].

*

* *

Desde 1492 até 1524, a França mantivera-se, pelo menos officialmente, desviada das emprezas de descobertas e colonisação. Mas Francisco I não podia vêr tranquillo o seu rival Carlos V augmentar consideravelmente o poder da Hespanha pela conquista do Mexico; e por isso encarregou tambem o veneziano João Verrazzano, que estava ao seu serviço, de fazer uma viagem de exploração ao Novo Mundo.

N'essa viagem, João Verrazzano chegou á Carolina, e explorou a costa d'essa região, n'uma extensão de setecentas leguas, descobrindo a ilha que chamou Luiza de Saboia [2].

Em 1534, Jacques Cartier, tentando a passagem do noroeste, e lembrando-se ao mesmo tempo de estabelecer uma colonia nas costas septentrionaes da America, descobriu a Terra Nova pelo cabo Boavista, e subiu até ás ilhas dos Passaros. Penetrando depois no estreito de Belle-

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. I.

[2] Julio Verne, *obr. cit. A descoberta da terra*, vol. I.

Ille, chegou ao golfo de S. Lourenço; e, tendo sido arrojado pela tempestade para a costa occidental da Terra Nova, explorou os cabos Real e de Leite, as ilhas Columbarias, o cabo de S. João, as ilhas da Magdalena e a bahia de Miramichí, no continente, e ainda a bahia dos Calores. Entrando depois no estuario de S. Lourenço, penetrou por esse rio no Canadá.

André Brue, tendo fundado differentes estabelecimentos na costa occidental da Africa, na embocadura do Senegal, estendeu a nova colonia até os seus limites actuaes; explorou paizes que só foram tornados a vêr nos ultimos tempos, pelo tenente Mage; explorou tambem o Gabão e o Bambuck; e colheu as primeiras informações sobre os Peuls ou Puls e sobre os Jalofos e Musulmanos.

Em 1680, Guilherme Dampier, o celebre flibusteiro, descobriu muitas ilhas, especialmente o grupo de Baschi. E em 1699, trabalhando por conta da Inglaterra, descobriu a ilha de S. Mathias, a Tempestuosa e a bahia dos Fundibularios, onde entrou. E foi o primeiro de todos os marinheiros que pelo estreito que separa a Nova Irlanda, reconheceu as ilhas do Vulcão, Corôa, G. Rook, Long Rich e a Ilha Ardente.

Cartier tinha feito na America do Norte um ensaio de colonisação, que não produzira grandes resultados. De tempos a tempos, os poucos Francezes que ficaram no paiz, recebiam um pequeno reforço, trazido por varios pescadores de Dieppe e S. Malo; mas a corrente da emigra-

ção a custo se estabelecia. Foi então que Champlain, incumbido de continuar as descobertas e colonisação de Cartier, partiu para essa empreza, em 1603; e explorou e colonisou, de facto, grande parte do Canadá, e fundou Quebec.

Bouvet de Lozier, em 1738, viajando por conta da Companhia das Indias, e explorando os mares do sul, descobriu uma terra a que deu o nome de Cabo da Circumcisão. Mas não pôde approximar-se d'ella, por mais tentativas que fez.

Em 1768, Antonio Bugainville descobriu tambem as quatro ilhas a que deu o nome de Quatro-Facardins e que faziam parte do archipelago Perigoso. Descobriu egualmente a ilha dos Lanceiros e algumas outras no archipelago dos Navegantes e no das Novas Hebridas, bem como as ilhas do Espirito Santo, de Mallicolo, com a de S. Bartholomeu e as ilhotas que as rodeiam [1], e a ilha de Bugainville; e reconheceu ainda as ilhas de Salomão, que não tinham sido vistas depois de Mendaña, e muitas outras. Foi o primeiro francez que deu a volta ao mundo [2].

---

[1] Bugainville, apezar de reconhecer a identidade d'esse grupo com a *Tierra del Espirito Santo* de Queiroz, não pôde resistir a dar-lhe o nome de archipelago das Grandes Cycladas, denominação, á qual, depois, Cook preferiu a de Novas Hebridas.

[2] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. I. — H. Jouan, *obr. cit.*

Surville, em 1769, tambem por conta da mesma Companhia das Indias, descobriu a ilha da Primeira Vista, o porto de Praslin, formado por uma quantidade de pequenas ilhas, cujo archipelago recebeu o nome de Terra dos Arsacidas. Descobriu tambem a ilha da Aguada e a ilha das Contrariedades; reconheceu as ilhas das Tres Irmãs, do Golfo e do Livramento, no archipelago de Salomão, cuja primeira descoberta fôra feita por Mendaña. E descobriu mais a bahia de Lauriton, na Nova Irlanda, dando á enseada que havia no fundo d'ella, o nome de Chevalier [1].

Em 1772, Marion-Dufresne descobriu uma terra que chamou Terra da Esperança, e que, passados quatro annos, Cook denominou Principe Eduardo; a ilha da Caverna, as ilhas Frias, a ilha Arida, que é hoje conhecida por ilha Crozet, e ainda a ilha da Posse, hoje chamada ilha do Marion [2].

La Perouse, em 1785, descobriu as ilhas de Neker, afastadas quasi uma legua do Cabo Branco; explorou as costas do Japão e Tartaria; descobriu a ilha do Saghalien; reconheceu Avatar; e explorou muitas outras ilhas da Oceania.

Caminhava nos traços de Bugainville e de Cook (1785 a 1788); e a sua viagem teria sido muito

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII,* vol. II.

[2] Julio Verne, *obr. cit.*, vol. II.

fertil em resultados, quando se perdeu sobre os escolhos desconhecidos de Vanikoro.

*

* *

A propria Russia não ficou indifferente ás explorações maritimas; e Pedro I, em 1720, incumbiu o dinamarquez Vitus Behring e o russo Alexis Tschirikow de uma expedição, para verificar se a Asia e a America estavam reunidas ou separadas.

Compunha-se a expedição de dois navios que se construiram em Kamtschatka. Na primeira viagem, atravessaram, sem dar por isso, o estreito de Anian, a que a posteridade poz o nome de Behring.

N'uma outra viagem, em 1741, uma tempestade separou os dois navios. Behring, seguindo para o norte, descobriu o continente americano por 58°,28' de latitude. Depois, navegou no meio das ilhas que orlam a peninsula d'Alaska, poz nome ao archipelago Schumagin; reconheceu a extremidade da peninsula; e descobriu tambem uma parte das ilhas Aleutinas, morrendo miseravelmente n'uma pequena ilha que recebeu o seu nome, e onde o seu navio deu á costa [1].

---

[1] Julio Verne, *obr. cit. Os Navegadores do seculo XVIII*, vol. II.

*
* *

Os Dinamarquezes tomaram tambem grande parte n'este movimento, e a elles se deve a colonisação da Groenlandia.

*
* *

Em todo este periodo de descobertas, a India era geralmente a visão que fascinava os navegadores.

Para descobrirem um novo caminho para essa região, é que os Portuguezes foram descendo pelas costas da Africa, e dobraram o cabo da Boa Esperança ; e, se Cabral descobriu o Brazil, foi porque uma tempestade o desviou d'aquelle caminho.

A primeira expedição de Colombo mirava tambem a descobrir pelo occidente mais um novo caminho para a India. E o mesmo pensamento dominou egualmente os Inglezes e Hollandezes.

A differença é que estes povos tentaram tambem descobrir pelo nordeste e noroeste da Europa e da America uma passagem que os levasse á China e á India ; e os seus esforços foram infructiferos, n'esse sentido.

Assim, como vimos, a principio, João Cabot e

seu filho Sebastião Cabot, ao serviço da Inglaterra, tentaram a passagem pelo noroeste. Não tendo dado resultado essa tentativa, o mesmo Sebastião Cabot e Chancellor tentaram tambem inutilmente a passagem pelo nordeste; e, em vista d'essa inutilidade, os Inglezes voltaram á primeira ideia da passagem pelo noroeste, nas expedições de Frobisher, Hudson e Davis.

Tambem os Hollandezes tentaram, pelas expedições de Barentz, Heemskerke e João Cornelisson, a descoberta da sonhada passagem pelo nordeste.

E, se estas expedições não lograram realisar o seu sonho, não foram estereis para a geographia e para o commercio.

As proprias viagens de circumnavegação, descendo pelas costas orientaes da America e subindo pelas costas occidentaes, tiveram, na maior parte, o pensamento de chegarem por esse caminho á India e explorarem por esse modo as terras orientaes [1].

Ficaram, assim, devassados todos os mares, descobertas quasi todas as terras, percorridas quasi todas as regiões do globo, alargado o mundo e augmentado o universo. As consequencias

---

[1] Essas viagens de circumnavegação foram as de Drake, Cavendish, Van-Noort, Schouten, Lemaire, Spielberger, Dampier, Carreri, Clipperton, Rogers, Bugainville, Anson, Byron, Cook e Forster.

maravilhosas que d'ahi se seguiram, vamos vêl-as d'aqui a pouco.

*

* *

Designa-se pela palavra *Renascença* o movimento artistico, litterario e scientifico que se desinvolveu na Italia, durante o seculo XV, e depois se espalhou por toda a Europa, até o fim do seculo XVI.

Teve como impulsores, já no seculo XIV, Petrarca, Bocacio e Dante, que, rompendo com os erros da educação medieval, trataram de despertar o gosto pelos antigos escriptores latinos e gregos, fazendo reviver a fórma e as ideias da antiguidade classica. Mas a queda de Constantinopla, em 1453, fazendo tambem refugiar em Roma, Florença e n'outras cidades da Italia os sabios, litteratos e artistas que se tinham concentrado n'aquella cidade, deu novo e grandioso impulso a esse movimento de renovação.

Foi assim que, durante o seculo XVI, esse enorme despertamento artistico, litterario e intellectual, que representa uma outra transformação social da humanidade, se fez sentir em todos os paizes da Europa, e em toda a parte se fundaram universidades, collegios, academias e associações litterarias.

E, juntamente com esse desinvolvimento litterario, artistico e scientifico, a Renascença, já nos

ultimos tempos da edade media tinha creado a imprensa, a polvora e a bussola [1].

*
* *

O quarto grande acontecimento d'esta época foi, como dissemos, a reforma de Luthero.

Os abusos da curia romana tinham, já na edade media, levantado contra ella differentes queixas, por exemplo as dos Albigenses e Vaudenses, no seculo XIV, e as dos Hussitas, no seculo XV. Os proprios doutores da egreja e os concilios declararam que a maior parte dos prelados, dos padres e dos monges estavam corrompidos pelo seu luxo e ociosidade; e, á proporção que os leigos se instruiam nas luzes da Renascença, mais indignante se tornava o espectaculo d'essa desmoralisação.

As crenças iam desapparecendo de Roma; o movimento da Renascença, espalhando o gosto pelos livros e estatuas dos pagãos, augmentava o desgosto dos fanaticos; e a immoralidade do clero na cidade eterna augmentava tambem a indignação dos simples e dos crentes.

Tudo isso determinou ao norte da Europa um movimento de reforma no seio da Egreja.

Ora, como acontece geralmente com as gran-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 86. — Michelet, *A Renascença*. — Jacob Burckardt, *A civilisação do periodo da Renascença na Italia*.

des revoluções, depois de preparadas no coração da humanidade, um pequeno incidente as desperta.

Leão x, tendo necessidade de dinheiro para a construcção da egreja de S. Pedro, mandou frades dominicanos á Allemanha, incumbidos de conceder indulgencias espirituaes aos fieis que contribuissem para as despezas d'aquella construcção. A baixeza d'essas concessões e o abuso d'esse mercado determinaram a reacção; e Luthero, que tinha visitado Roma, e tambem ficára indignado com a degeneração do clero e com a corrupção da propria curia, foi quem iniciou a Reforma, a qual, visando primeiramente apenas ao restabelecimento da religião christã, na sua pureza primitiva, abalançou-se por fim á organisação da egreja protestante.

Por outro lado, esse movimento produziu o despertamento d'um novo zelo na egreja catholica, de modo que, além das communidades já existentes, crearam-se muitas outras, de que a mais notavel foi a dos Jesuitas [1]. E, para conter e

[1] Assim, além da Ordem dos Benedictinos e Benedictinas (529), Camaldulas (fim do seculo x), Cartuchos (fim do seculo xi), S. João da Matta (1104), de Claraval (1114), Templarios (1118), Premonstratenses (1120), Cavalleiros Teutões (1128), de Calatrava (1158), Agostinhas (1177), Santa Trindade (1198), Dominicanos e Dominicanas (1210), Irmans Clarisses (1210), Franciscanos (1215), que se estabeleceram primeiramente em Hespanha, e depois formaram ordens independentes n'outros paizes, os Carmelitas (1254), Agostinhos (1256),

castigar os protestantes ou quaesquer outros que aberrassem da egreja romana, espalhou-se pelos paizes catholicos o tribunal chamado da Inquisição.

A Reforma trouxe por isso uma grande serie de luctas religiosas, que tanto ensanguentaram este periodo. Mas a liberdade da consciencia, proclamada por ella; a admissão da razão, como criterio da verdade; a identificação dos destinos do poder religioso com os poderes do Estado, em vista do reconhecimento expresso da auctoridade civil, sem os antagonismos que existem nos paizes catholicos; a emancipação da influencia dogmatica; e a ausencia d'esse tribunal sinistro da inquisição: evolucionaram poderosamente os Estados protestantes, e portanto o seu movimento economico; ao passo que os paizes catholicos foram de-

---

que ainda se subdividiram n'outras ordens, Olivetarios, de Italia (1313), Religiosos de Santa Brigida (1368), Jeronimistas, de Hespanha (1370), as Carmelitas (1491), Minimos, Irmans da Annunciada, Penitentes Negros, e outros: surgiram, no seculo XVI, os Theatinos (1524), os Capuchinhos (1526), os Recolhidos ou Irmãos da Observancia (1530) os Barnabitas (1530), as Ursulinas (1537), os Irmãos de S. João de Deus (1540), os Jesuitas (1540), e os Oratorianos (1564). E, no seculo XVII, foram ainda fundadas as seguintes ordens: os Oratorianos francezes (1613), as Filhas da Caridade (1617), as Visitandinas (1618), as Filhas do Calvario (1621), os Lazaristas (1624), a Congregação de S. Sulpicio (1642), os Irmãos da Doutrina Christã (1681).

Julien Vinson, *Les Religions Actuelles*, pag. 412 e seguintes.

generando, debaixo das perseguições religiosas e do fanatismo dos fidalgos, dos padres e do povo.

*
* *

As quatro grandes causas conjugadas, — nova passagem para a India, descobrimento de novos mares e novas terras, movimento da Renascença e expansão da Reforma, produziram tambem um notavel desinvolvimento em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Assim, a arte nautica entrou n'uma phase nova; porque a necessidade das viagens no alto mar exigiu a maior velocidade e solidez dos navios. E essa necessidade determinou tambem a applicação da mecanica e mathematica á construcção maritima.

O ultimo seculo do periodo anterior tinha já inventado o astrolabio, o meteoroscopio e as taboas de declinação, que ajudaram os Portuguezes nas suas primeiras viagens, e de que tambem Colombo se serviu. Apezar d'isso, até o meiado do seculo XVII, a arte nautica marchou lentamente; mas, d'ahi por diante, difficilmente se construiu qualquer navio, sem um plano em que a força de agua, mastreação, armação, e, emfim, as disposições internas e externas não obedecessem a um calculo mathematico. E os sabios illustres, como Bernoulli, Euler, Borda, Ollivier, Sané, Forfait, Duhamel, e Chapman, combinaram o seu saber e os seus esforços, para simplificarem o

mecanismo e manobras dos navios, d'onde proveiu maior resistencia e ligeireza, e para aperfeiçoarem todos os elementos da architectura naval. Data d'ahi a marinha militar.

Nada podia auxiliar tanto a arte naval como a astronomia e mathematica. A bussola já fôra inventada, como vimos [1], muito tempo antes; mas foi aperfeiçoada, de modo a poder ser aproveitada, sem receio de perturbações no seu maquinismo ou falta de precisão nas suas indicações.

Demais a mais, a bussola, só de per si, não indica as distancias, nem o sitio onde se está. É mister sabel-o pela medição dos polos e observações dos astros; e para isso tornou-se necessario recorrer áquellas sciencias, cujos grandes mestres surgiram tambem n'este periodo, como Mercator, Copernico, Galileu, Ticho-Brahe, Kepler, Huyghens, Leibnitz, Pascal, Newton, Halley, João Picard, Filippe de la Hire e Domingos Cassini.

Inventaram-se os instrumentos de optica, e d'astronomia e physica, taes como os octantes, quadrantes, sextantes, telescopios, chronometros e reflectores, para medir o tempo, as longitudes e as alturas [2].

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 87.

[2] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les nations*, traduzido do allemão por Henri Richelot e Carlos Vogel, vol. II.

*

* *

As applicações das sciencias, mathematicas e astronomicas, por um lado, e, por outro lado, a contínua exploração do mar e da terra influiram poderosamente na geographia. Desvendaram-se os erros grosseiros de Ptolomeu; e, apezar de se ter arrancado a Galileu a retratação do seu systema solar, tendo o sol como centro do universo, essa verdade resurgiu para sempre d'entre as labaredas do seu martyrio. Só então é que se pôde levantar o *mappa mundi* exacto; indicaram-se as bacias dos mares, os escolhos, correntes e ventos alisados; e conheceu-se melhor o interior dos antigos continentes.

Principalmente, Delisle e Anville encarnaram esse progresso.

*

* *

Os adiantamentos da geographia physica trouxeram comsigo novas observações sobre os tres reinos da natureza e sobre as differentes raças da humanidade.

*

* *

A exploração de novas terras e novos productos e novos mercados, a maior frequencia de viagens e o augmento de relações maritimas trou-

xeram tambem um grande desinvolvimento ao direito commercial.

Anteriormente, já havia differentes collecções que offereciam excellentes materiaes [1]; mas era preciso que o direito mercantil fosse organisado em proporções mais amplas.

Ora, quasi todos os Estados policiados publicaram então excellentes leis ou codigos maritimos, como a Suecia, em 1667, a França, em 1681, a Dinamarca, em 1683. As cidades hanseaticas e os Paizes-Baixos publicaram tambem grande numero de leis e regulamentos sobre o commercio maritimo. E só a Inglaterra conservou a sua legislação antiga, formada de decisões seculares e formulas ou principios bebidos nas *Regras de Oleron, Consulado do Mar* e na *Lei mercatoria de 1302*.

De todas estas collecções a mais notavel foi a franceza, conhecida sob o nome de *Ordenanças de Luiz XIV*, que cêdo se tornaram a lei geral de todas as nações.

O direito commercial terrestre foi tambem objecto d'uma elaboração seria e de uma exposição systematica. A materia das letras de cambio foi estudada com todo o cuidado. A dos seguros data d'esse tempo, e os seguros maritimos precederam os de fogo e de vidas. Antes d'isso, havia apenas alguns casos isolados de estabelecimentos de seguros, como por exemplo a creação das bolsas do Porto e Lisboa, de que já fallámos

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 85.

no terceiro volume d'esta obra [1]. Mas a organisação, circumstanciada e methodica das regras juridicas, n'este ponto, a creação regular d'essa garantia para os differentes accidentes, a que os seguros dizem respeito, só teve logar n'este periodo [2]; e é de vêr a enorme influencia que essa instituição devia exercer no commercio e na marinha.

*

* *

Outra sciencia que muito progrediu, foi o direito internacional, sobretudo na parte maritima.

Com effeito, em 1493, Alexandre VI promulgou a celebre bulla que reconhecia a soberania de Castella e Aragão, nos territorios descobertos por Christovão Colombo ou a descobrir, a oeste do meridiano que passava cem leguas de distancia para o occidente das ilhas de Cabo Verde, ao passo que reconhecia aos Portuguezes o dominio da parte que ficava a nascente. Depois, pelo tratado de Tordezillas, de 7 de julho de 1494, foi rectificado o meridiano da separação dos dominios portuguezes e castelhanos, fazendo-o desviar para trezentas e setenta leguas, ao occidente do mesmo archipelago de Cabo Verde.

Mas, assim como os Hespanhoes e Portuguezes reclamavam o dominio d'esses mares, Genova

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 47.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

pretendia a soberania do mar da Liguria, Veneza a do Adriatico, a Turquia a do Mar Negro, a Dinamarca e Noruega a dos mares dinamarquezes e norueguezes e ainda a dos mares da Irlanda e Groenlandia. Os Inglezes contentaram-se, nos tempos que precederam o seculo XVIII, em chamar seu ao mar que rodeia a Gran-Bretanha; e os Hollandezes quizeram arrogar-se o direito exclusivo sobre a passagem do Cabo da Boa Esperança.

Nos principios do seculo XVII, especialmente, as pretensões da peninsula iberica ao dominio dos mares prejudicavam sensivelmente o commercio e navegação hollandeza, que desejavam expandir-se illimitadamente; e por isso Hugo Grocio publicou. em 1609, a sua obra *Mare Liberum*, em que proclamou a liberdade dos mares.

A doutrina de Grocio causou profunda impressão no mundo culto; mas contrariou a Inglaterra, que, já então, pretendia para ella o dominio de todos os mares; e por isso o governo de Carlos I incumbiu Selden de combater essa doutrina. Este publicou então, em 1635, o seu livro *Mare clausum*, onde só concordava com Grocio em que, effectivamente, eram condemnaveis as pretensões dos Hespanhoes e Portuguezes; não porque a soberania dos mares se não podesse exercer, mas porque ella devia pertencer aos Inglezes [1].

---

[1] Moreira d'Almeida, *Elementos de Direito Internacional Publico*. — Carlos Calvo, *Le Droit International Theorique et Pratique*.

Pelo andar dos tempos, as pretensões sobre a propriedade dos mares foram decaindo; e, supposto, só mais tarde, na edade contemporanea, a doutrina de Grocio tivesse uma consagração completa, já na edade moderna produziu effeitos salutares. E esses effeitos fizeram-se reflectir com toda a força no commercio, que, d'esse modo, encontrou livremente abertas as portas de todos os mares e desembaraçados os caminhos de todos os navios: podendo, portanto, aproveitar livremente os novos horisontes da humanidade, as novas terras e populações e os novos e mais abundantes productos, e transfundil-os, assim, livremente de região para região [1].

* * *

Tambem a Economia Politica — a sciencia que trata da riqueza das nações, não podia deixar de progredir, no meio d'esse movimento geral; mas o accrescimo de metaes preciosos, o augmento da circulação monetaria, e a ambição demasiada da exploração de minas d'ouro e prata, levaram-na, a principio, n'um caminho errado — o do *systema mercantil* ou *balança do commercio*.

Por este systema, o ouro e prata eram os ob-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

jectos mais appeteciveis, e a sua posse constituia a principal das riquezas.

N'esse tempo, a agricultura, sujeita aos feudaes e ás communas, tinha geralmente pequeno desinvolvimento, e, de ordinario, os seus productos não saíam para fóra do paiz. O commercio e a industria, propriamente dita, antolhavam-se por isso como as fontes mais seguras da riqueza nacional e como os recursos mais immediatos para obter aquelles metaes preciosos. Por esse motivo, tambem os *mercantilistas,* ao passo que abandonavam a agricultura, preconisavam a necessidade do governo intervir directamente n'aquelles outros ramos da actividade humana, inclusivamente por meio de restricções ou monopolios, de fórma a obter-se uma grande superioridade da exportação sobre a importação, e conseguir-se assim que entrasse mais dinheiro do que saísse.

A semelhante systema chamou-se tambem *Colbertismo,* por ser preconisado pelo celebre ministro de Luiz XVI; e teve differentes phases, segundo os meios adoptados para o tornar pratico e realisavel.

São intuitivos os seus defeitos.

O ouro e a prata, na sua qualidade de metaes, não passam de simples mercadorias; e, como intermediarios das trocas, representam symbolos monetarios, cujo valor intrinseco varía, segundo o seu peso e toque.

Faltando, porém, os productos nacionaes para servirem de elementos de troca, ou para suppri-

rem as necessidades alimenticias do paiz, a importação necessariamente ha de exceder a exportação; e, então, a principal importancia da moeda consiste em poder comprar esses productos necessarios. D'ahi resulta que, acima dos metaes preciosos, está a riqueza agricola e industrial do paiz; e que por isso o querer tolher a exportação, sem ter productos ou industria para a supprir, era simplesmente uma loucura.

Por outro lado, o systema mercantil, desprezando a agricultura, promovia implicitamente, e em contradicção comsigo mesmo, a saida e escassez do ouro e prata, afim de obter os necessarios productos alimenticios.

Demais a mais, creando uma lucta egoista de povo para povo, pois cada um tratava de cohibir as respectivas exportações de dinheiro ou metaes preciosos, não fazia senão perturbar o equilibrio economico. E a propria interferencia tutelar do governo no commercio e na industria, por meio de restricções e monopolios, tolhia a livre exploração do trabalho, e embaraçava a concorrencia.

Mas, se o *Colbertismo* tinha esses defeitos, propugnava ardentemente pelo desinvolvimento do commercio e da industria, especialmente a fabril, e impunha aos governos o cuidado de fomentarem e regularem a sua expansão. Fazia tambem despertar o estudo das questões economicas; e por isso, apezar de tudo, contribuiu assim, nos primeiros tempos, para o progresso social. Dizemos nos primeiros tempos; porque, em breve, os

vicios do systema preponderaram sobre as suas virtudes, e o abandono da agricultura tornou maior a carencia de productos alimentares.

Tudo isso deu logar ao systema contrario, chamado *agrario*, dos *Physiocratas* ou *economistas*, para os quaes a riqueza consistia no rendimento liquido da agricultura, cujo trabalho elles reputavam o unico verdadeiramente productivo.

No tocante a politica economica, esse systema proclamava o *laissez faire, laissez passer*, o que importava o reconhecimento das leis naturaes do mundo industrial. E, assim, embora peccasse por considerar exageradamente a agricultura como a fonte preponderante da riqueza nacional, quando sem as outras industrias, ella ficaria em grande parte inutilisada, é certo que, por um lado, dirigindo as attenções para o solo, tão desprezado pela escola anterior, e, por outro lado, preconisando a liberdade do trabalhador, deu um novo passo no caminho do progresso.

O exclusivismo d'estas duas escolas terminou pela *escola industrial*, fundada por Adam Smith, ensinando que todo o trabalho, quer agrario quer fabril, é productor da riqueza; mas esse ponto já não pertence a este volume [1].

---

[1] Rau, *Economie Nationale — Dict. d'Economie Politique*, verb. *Physiocrates* e *Système Mercantile*. — Ustrariz, *Theoria de Pratica do Commercio*. — Droz, *Economie Politique*. — Smith, *Recherches sur la nature et les causes de la richesse des Nations*. — Louis Cossa, *Histoire des Doctrines Economiques*. Louis Cossa falla ainda n'uma outra escola

*

* *

Outra sciencia que muito prosperou foi a philosophia.

A Renascença, espalhando na Europa o gosto da philosophia de Platão e Aristoteles, provocou uma reacção contra a esteril philosophia dos escolasticos.

Da philosophia de Platão, pelo espiritualismo da sua doutrina, passou-se ao mysticismo, isto é, á philosophia em que tudo se explicava pela intervenção da divindade; e, como aberrações do mysticismo, appareceram a magia e a cabalistica.

Por outro lado, a philosophia de Aristoteles creára tambem differentes systemas de *peripateticos*, e, na sua mais arrojada amplitude, a seita do scepticismo.

O movimento do espirito humano revoluteou assim no cadinho do pensamento, até que dois grandes genios, Descartes e Bacon, levaram a philosophia n'uma direcção que se conservou por muito tempo. Para elles, a experiencia e especu-

---

ou systema economico — o *Annonar*, pelo qual se tratava de prevenir a falta ou monopolio dos cereaes. Mas tudo o que dizia respeito a semelhante materia, não constituia systema ou escola economica, propriamente dita, e apenas uma serie de medidas, tendentes a fomentar a producção alimenticia e abundancia dos cereaes, e prevenir as fomes ou punir os abusos dos açambarcadores.

lação tornaram-se as duas chaves da sciencia, e d'ahi se organisaram dois differentes grupos: um dos que tentava conhecer a verdade, inductivamente, pela experiencia das coisas; outro dos que pretendiam descobril-a, principalmente, pelos principios especulativos da razão. Bacon foi o chefe dos primeiros, e Descartes dos segundos.

Ora, desde que o espirito humano entrára, assim rasgadamente, na investigação da verdade, desprendendo-se das fórmas estereis, mysticas e impeditivas dos tempos anteriores, a philosophia começou a dirigir a sua attenção para os differentes problemas do direito e da economia politica, influindo tambem com isso poderosamente no movimento commercial [1].

*

* *

Como acaba de vêr-se, houve a transformação inteira da sociedade no cadinho das artes, das sciencias e das letras. O alargamento do espirito humano foi a par do alargamento das terras e descobrimento dos mares. E, como se acontecesse que, na retorta portentosa da agua dos oceanos, da areia das costas, das rochas dos mares, e das ilhas e regiões d'antes ignotas, refervesse o fogo audaz dos navegadores do *Mar*

---

[1] Tenneman, *Manual de l'Histoire de la Philosophie*, traduzido do allemão por Victor Cousin.

Tenebroso, dos conquistadores do novo mundo, dos exploradores de roteiros e caminhos desconhecidos, soprado pelo genio de tantos artistas e de tantos sabios: erguia-se por toda a banda o clarão surprehendente d'uma nova civilisação.

Só nos resta vêr como tudo isso influiu especialmente em cada um dos factores economicos.

*

* *

A área economica alargou-se enormemente, não só pela descoberta da America e das outras regiões até ahi desconhecidas, mas tambem pela maior exploração dos productos da India, e porque novos povos entraram activamente na labutação mercantil.

Os Portuguezes, Hespanhoes, Francezes e Inglezes, que, na edade media, representaram, segundo vimos, um papel secundario no movimento economico geral, assumiram, n'este periodo, uma figura predominante. Decaíu a importancia commercial dos Allemães, e subiu ainda mais a dos Hollandezes.

Os Polacos, Russos, Suecos e Dinamarquezes, que, na época anterior, não tinham saído da penumbra, economicamente fallando, entraram no convivio universal. Os Gregos desappareceram da scena. Os Italianos perderam a sua primazia, e foram desfallecendo, até que o seu commercio quasi de todo se extinguiu. O Mediterraneo, tão animado anteriormente, converteu-se

n'um lago, ao passo que o oceano Atlantico se tornou o grande collector do commercio universal. O occidente substituiu o oriente. A importancia economica da Asia e da Africa tornou-se unicamente colonial. Finalmente, o Novo Mundo e as novas terras, pelas suas producções e colonisação, fizeram crescer prodigiosamente o *stock* da riqueza geral.

*

* *

O augmento dos productos foi por isso enorme, na quantidade e qualidade.

Começando pelos metaes preciosos, já vimos que a Europa, na edade media, só tinha ao seu serviço uma pequena porção de ouro e prata, produzida unicamente pela Hespanha, Hungria e Africa septentrional [1].

A Asia abundava certamente em metaes preciosos, mas esses representavam para os Europeus tambem mercadorias muito caras, e portanto de rara e difficil obtenção.

Demais a mais, a invasão dos barbaros tinha feito desapparecer ou esconder grande parte do ouro e prata; e os reis ou principes christãos, preoccupados em ajuntar riqueza para qualquer situação critica, iam guardando muitas das moedas ou barras d'aquelles metaes.

Ora a descoberta da America terminou esse

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 90.

estado de coisas; porque o ouro e prata começaram a correr e abundar na Europa, dando até logar a uma grande baixa no preço dos generos [1].

E, emquanto aos outros productos, o commercio da India, na edade media, era alimentado quasi unicamente por especies, pedras preciosas, perolas, algumas materias tinturiaes, sedas e pannos de grande finura; porque os outros productos eram ainda objecto de um trafico limitado. Conhecia-se, por exemplo, o assucar [2], o arroz, o sagu. Mas esses artigos, pelo seu pequeno valor

---

[1] Apezar do defeito dos instrumentos e insufficiencia dos materiaes de extracção, a quantidade de metaes preciosos extraídos, desde 1493 até 1701, foi de 3.567:200 kilos de ouro e 117.040:000 kilos de prata. Afóra isso, a quantidade de ouro e prata, tomada na conquista do Mexico, foi de 1:125 kilos; a quantidade junta por Atahualpa para o seu resgate foi de 5:911 kilos; e uma outra porção egual pouco mais ou menos foi tomada em Cuzco. — Noel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. II, pag. 324. — Shaw, *The History of Currency*, pag. 135.

[2] A canna d'assucar era cultivada na India e na China, desde toda a antiguidade. Foi levada para a Arabia e Egypto, no seculo XIII. Estendeu-se depois á ilha de Chypre e Sicilia. Foi transplantada pelos Portuguezes na Madeira, em 1420; e os Hespanhoes a transplantaram tambem nas Canarias. Levada para S. Domingos por Pedro de Arranca, em 1506, não tardou a espalhar-se por todo o archipelago das Indias Occidentaes, assim como pela terra firme e pelo Brazil. Na edade media, já os Mouros de Hespanha e Sicilia colhiam o assucar; mas não se exportava. O mel continuava a ser empregado para adoçar os alimentos.

especifico, não cobriam as despezas d'uma longa viagem por terra, nem dos demorados, intermittentes e difficeis transportes por mar.

Depois da grande navegação, todos aquelles productos da India tornaram-se vulgares. Adquiriu-se ao mesmo tempo o conhecimento de differentes drogas medicinaes, materias tinturiaes e madeiras preciosas, ignoradas até então. Foi introduzida no Novo Mundo uma grande quantidade de plantas originarias dos velhos continentes [1], e até de animaes domesticos, especialmente de gado lanigero e bovideo [2]. E outras plantas originarias da America, por exemplo o milho [3], a batata [4],

[1] Mesmo a pimenta, a canella, o cravo, o gengibre, a noz muscada, plantas essas originarias da India, foram, no seculo XVIII, naturalisadas na America.

[2] A America, na familia bovina, só conhecia o bisonte e o boi almiscarado. Jeronymo Boccardo, *Hist. del Commercio, de la Industria y de la Economia Politica*, traducção hespanhola, pag. 304.

[3] O milho, segundo alguns escriptores, é originario da India, e segundo outros da America. Mas, é certo que era o unico cereal que existia na America do Sul, quando ella foi descoberta, e de lá foi transplantado, em 1520, para a Hespanha, d'onde irradiou por todas as regiões da Europa, em que a temperatura do verão chega a 22°.

[4] A batata foi introduzida na Europa por um inglez ou seja John Hawkim, em 1545, ou Francisco Drake, em 1573, ou Water Ralleigh, em 1586; mas, ao principio, foi considerado, como uma gulodice, e só se tornou alimento popular, a partir do meado do seculo XVIII. A sua cultura propagou-se então, principalmente, na Escossia e Irlanda.

o tabaco [1], o ananaz, foram tambem introduzidos na Europa.

O cacau, exclusivamente originario da America, tornou-se um artigo altamente commercial [2]. E, a par dos productos americanos, o café [3], desde o meado do seculo XV, foi aproveitado como bebida, e, no seculo XVI, tinha já um grande consumo. O algodão [4] entrou no commercio

---

[1] A introducção do tabaco teve logar, em 1560, por Nicot, embaixador da França em Portugal; e o seu uso tornou-se geral, depois do estabelecimento da colonia ingleza da Virginia, em 1607.

A principio, os governos prohibiram-no com severidade; mas, depois, julgaram melhor fazer d'elle uma grande fonte de receita, sujeitando a sua importação a grandes tributos.

[2] Os Europeus não conheceram durante muito tempo o valor do cacau. Os Hespanhoes e Portuguezes foram os primeiros a quem os Indios fizeram saber a importancia d'esse producto; mas, ainda assim, só desde o meado do seculo XVII, é que elle foi devidamente apreciado, e que o seu commercio se tornou importante.

[3] O café é originario da Arabia, unica terra que o produzia, até que os Hollandezes o introduziram nas suas colonias. Uma planta offerecida, em 1712, pelo embaixador hollandez a Luiz XIV, foi enviada por este á Martinica; e, em pouco tempo, a ilha inteira se cobriu de plantações de café, d'onde elle passou a outras ilhas do archipelago e a Surinan, Cayena e Brazil. Em 1712, foi tambem introduzido na ilha Bourbon. Em todo o caso, como bebida só começou a ser usado no meado do seculo XV. — J. B. Roussell Ainé, *Dictionnaire des Merchandises.*

[4] O algodão já existia na India desde tempos remotos. Em 552, a arte de o fiar foi introduzida em Constantinopla por dois monges persas, vindos da China. O Digesto carregou de direitos este producto. A Crimeia e a Russia

geral, a partir do seculo XVI. E mesmo as pelliças, pelas relações commerciaes abertas com a Russia, e pela descoberta do Canadá e outras regiões productoras d'esse artigo, tiveram um enorme commercio[1]. O chá foi descoberto, em 1542,

---

adoptaram, em 1250, vestidos de algodão, fabricados nas costas do mar Caspio, Turquestão e Armenia. No seculo XIV, os Genovezes e Venezianos exportaram-no para Inglaterra; mas os Inglezes, a principio, só usaram d'elle para torcidas de luz, e os outros paizes tambem o não aproveitavam. Em 1442, é que alguns negociantes de Chester fabricaram pannos grosseiros d'algodão; e, então, os negociantes de Bristol e Londres começaram a fazel-o vir do Levante; de modo que a tecelagem começou a desinvolver-se, e tornou-se importante, a partir do seculo XVI.

[1] Os centros da producção das pelliças são o norte da Europa, a Siberia, a peninsula de Kamstchatka, a peninsula d'Alaska, as ilhas Aleutinas, as ilhas de Prisbylov, as ilhas de Behring e do Cobre, o Canadá, o Lavrador e a Groenlandia.

No seculo XI, as regiões do Obi e Petchora, ainda hoje mal conhecidas, proviam de pelliças o mundo inteiro, e para estas regiões se dirigiam os Arabes, os Normandos, os Slavos e Mongoes em procura d'ellas. Mais tarde, no seculo XVII, a conquista da Siberia foi simplesmente uma longa caça á zibelina. Depois da tomada de Toboskk, em 1581, por Iermak, os Cossacos adiantaram-se n'essa exploração; e, em menos d'um seculo, chegaram a Kamstchatka. Encontrando então ahi rebanhos de phocas de crina, seguiram-nas até ás Aleutinas e Alaska, explorando as respectivas pelles, bem como outras mais existentes n'essas regiões.

A conquista e exploração do Canadá fez-se tambem em grande parte por causa das pelliças. E, da mesma fórma, pouco e pouco, se foram explorando, já n'este periodo, as pelliças dos outros centros, acima indicados.

Charles Rabot, no jornal *L'Illustration*, de 19 e 26 de

no Japão por Mendes Pinto; e desde então a Europa começou a conhecel-o [1].

*

* *

Para apreciar devidamente o movimento agricola e industrial da edade moderna, convém examinar, como temos feito nos periodos antecedentes, a organisação das classes trabalhadoras.

Vimos no segundo volume d'esta obra [2] que, na edade media, a escravidão foi desapparecendo, pouco e pouco, e se foi substituindo pelos servos da gleba, embora no fundo não passassem tambem de escravos presos á terra. Ainda assim, a propria escravatura branca subsistiu até o seculo XIII, nas nações asiaticas, no norte da Europa, especialmente na Polonia e Moscovia, em toda a Africa, e nos povos maritimos do Mediterraneo, como Genovezes, Venezianos, Gregos, Sicilianos e Egypcios.

Em Alexandria e Marrocos, ainda ella existia no seculo XVII; e tambem em Veneza ainda então eram vendidos publicamente os escravos comprados no Levante. Da mesma fórma, em Hespanha

---

janeiro de 1895. — H. Poland, *Fur-Bearing, Animals in Nature and in Commerce* (1892).

[1] J. B. Roussell Ainé, *Dictionnaire des Merchandises*. — Julio Henriques, na *Agricultura colonial*, diz que o chá só foi conhecido na Europa, depois do meado do seculo XVII.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 69 e seguintes.

a guerra constante com os Mouros e o desprezo dos Hespanhoes pelos Judeus e por todos os infieis tinham conservado não sómente a servidão rural e domestica, mas tambem o commercio dos escravos, comtanto que esse commercio fosse applicado aos hereticos; e o numero dos Mouros que ficaram no captiveiro, era ainda muito grande, mesmo depois de se ter decretado a sua expulsão da peninsula.

A revolta dos Mouros de Granada, em 1570, lançou de novo muitos escravos no mercado; e, em 1610 e 1712, novas ordenanças os retiveram na escravidão.

Em Portugal, ainda na primeira metade do seculo XVI, eram abundantes os escravos brancos; e tanto que o alvará de 8 de julho de 1521 impõe penas rigorosas aos que, tendo mais que dezoito annos de edade, fossem achados na côrte ou em Lisboa, depois da noite cerrada [1].

Por seu lado, os Mahometanos, sobretudo os da costa septentrional da Africa, tornaram ampla a escravatura.

Claro está que, subsistindo n'estes termos a escravidão dos brancos, muito mais devia subsistir a dos negros.

Já na antiguidade, os escravos negros eram vendidos aos milhares pelos Egypcios, Phenicios e Carthaginezes; de modo que o mundo antigo

---

[1] *Repertorio dos Logares das Leis Extravagantes*, pag. 26.

offerecia por toda a parte o espectaculo de taes escravos, occupados nos mais diversos misteres. Entre os Arabes, serviram muitas vezes como soldados, e eram elles que formavam a guarda dos sultões do Egypto. Mas, como o alcorão recommendava á misericordia e doçura para com esses desgraçados, a sua condição era muito supportavel. Concorria tambem para isso o facto de que o jugo politico pesava egualmente sobre todos os cidadãos, e que por isso diminuia a distancia dos servos e dos senhores.

Ora a escravidão na antiguidade teve por causas determinantes a guerra, a conquista, a pirataria, o nascimento, as leis criminaes que a impunham por castigo, e as leis civis, que tambem a prescreviam em casos especiaes, como já expozemos no volume I [1]. Na edade media, foi quasi sempre devida á conquista ou ás guerras, e ao roubo ou pirataria. Na edade moderna, porém, cresceu e desinvolveu-se como instrumento colonial, pelo rapto e pela compra.

E, com effeito, eram precisos colonos, para explorarem a riqueza e productos do Novo Mundo. Os Europeus não queriam nem podiam, pela differença do clima, supportar o trabalho rude d'essa exploração. Os Indios, que a principio foram egualmente reduzidos á escravidão e compellidos aos mais rudes misteres, tambem difficilmente os supportavam. E, além d'isso, mais in-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. I, pag. 11.

domitos e rebeldes que os negros, sabiam fugir melhor á oppressão; e, a tal ponto levavam a sua rebeldia, que muitos se matavam, para evitar a escravatura, e as proprias mulheres provocavam os abortos.

Accrescia que os Hespanhoes e Portuguezes, mas principalmente os Hespanhoes, os exterminaram aos milhares. E demais a mais, levantou-se a favor d'esses Indios um ecco de misericordia nas côrtes da Europa. A egreja oppunha-se á sua escravidão; e um missionario illustre, que deixou nas paragens americanas a tradição d'um santo, Bartholomeu de Las Casas, ao passo que prégava a emancipação dos Indios, acceitava a escravidão dos negros.

Por tudo isto, o commercio d'esses desgraçados não teve limite.

Foram os Portuguezes que primeiro o fizeram. A principio, recebiam os negros dos mercadores mouros; mas, quando se adiantaram até Guiné e desceram depois as costas africanas, crearam relações directas com as populações do interior, e compraram em primeira mão, o ouro e os escravos. Em Portugal, applicavam esses negros aos trabalhos das fortificações; mas, nas colonias fundadas na costa occidental da Africa, em Fernando Pó, ilha do Principe, Anno Bom e S. Thomé, eram elles empregados nas novas plantações d'assucar.

Depois da descoberta da America, principiaram tambem os negros a ser exportados para o Brazil, como se fossem maquinas commerciaes

de trabalho; e depressa se reconheceu a utilidade que se podia tirar d'essa raça forte e vigorosa, propria para todos os misteres, ainda os mais rudes e mais pesados, no meio de todos os climas.

Os Hespanhoes, sabendo os serviços que os negros tinham prestado aos Portuguezes nas colonias d'Africa, recorreram ao mesmo systema; e, logo, desde os começos do seculo XVI, ao mesmo tempo que o Brazil, as colonias hespanholas se foram enchendo de escravos e de negros.

Isso despertou a cubiça dos outros povos, e sequentemente um enorme contrabando, n'esse genero, de Francezes, Hollandezes, Dinamarquezes, e sobretudo Inglezes. Creou-se a industria dos negreiros; e este mercado de carne humana, bem como a avidez d'essa caça, tornou-se a mais hedionda exploração d'este periodo [1].

A par da escravatura, continuou subsistindo na Europa a servidão da gleba, de que fallámos no segundo volume.

---

[1] Fernando Garrido, *Historia de Las Classes Trabajadoras*. — A. Tourmaigne, *Histoire de l'Esclavage Ancien et Moderne*. — Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España y de la civilisacion Española*, vol. III.

Scherer, *obr. cit.*, vol. II, pag. 93, corrigindo os calculos modestos de M. Buxton no livro *The African Slave Trade*, avalia em cento e setenta mil por anno a média de escravos importados da Africa na America, desde 1505 a 1783, o que dá uma somma total de 18.250:000 n'esse tempo. E calcula tambem n'um terço mais os que saíram das costas de Moçambique e Zanguebar, atravez dos desertos e

As cruzadas tinham-na tornado mais rara, porque muitos servos compraram então a sua independencia com os capitaes adiantados aos senhores; muitos escriptores do seculo XIV a tinham combatido; o adiantamento social e o desinvolvimento das classes populares, tambem de per si, a foram attenuando; e os philosophos do seculo XVIII pugnaram ardentemente contra ella; de modo que, por fim, muitos Estados da Europa, como a Savoia e a Sardenha, em 1771, a Dinamarca, em 1778, e a França, em 1789, a aboliram de vez. Na Inglaterra, Hollanda, Suissa e Suecia, já ella tinha sido abolida anteriormente. Ficou apenas subsistindo de direito na Polonia, Russia e Allemanha; e dizemos — de direito, porque, de facto, n'alguns d'aquelles outros paizes, subsistiu ainda, por excepção, na edade contemporanea [1].

*

* *

Continuaram tambem vigorando na edade moderna as corporações industriaes; mas com a dif-

---

por mar, sobretudo para os Estados mahometanos. E Molinari, no seu livro *Questions d'Economie Politique et Droit Publique*, vol. I, pag. 115, affirma que, ainda nos fins do seculo XVIII, os negros exportados da Africa para a America orçavam annualmente por duzentos mil.

[1] Tourmagne, *Histoire du Servage Ancien et Moderne*. — Fernando Garrido, *obr. cit.*

ferença de que a realeza interveiu na sua vida economica e administrativa, fazendo d'ellas uma dependencia do Estado.

Como vimos, tambem na edade media, essas corporações estiveram debaixo da protecção dos reis, que as aproveitaram como auxiliar poderoso nas luctas contra os feudaes [1]. Mas, apezar d'essa protecção, o trabalho livre levára-as de vencida, e as falsificações e má qualidade dos productos fabricados por taes corporações tão abusivas se tornaram, que no fim da edade media o publico reclamava medidas energicas contra semelhante abuso. Por outro lado, ao passo que a monarchia podia auferir de taes corporações uma fonte de receita pela centralisação do poder real, já não precisava da força d'ellas contra os nobres; antes a sua autonomia representaria um embaraço ao poder absorvente da realeza.

Tudo isto determinou, em França, Luiz XI a fiscalisal-as, regulamental-as, e fazel-as contribuir mais fortemente para as despezas da nação.

Por isso, as condições do aprendizado, os direitos e obrigações reciprocas dos mestres e aprendizes, a segurança dos contractos, o preço da mão d'obra, a qualidade dos productos, as horas do trabalho, os salarios, e, em summa, todas as condições internas e externas, inclusivamente a admissão e serviço das mulheres, foram minuciosamente reguladas.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 35.

Apesar d'isso, em 1641, o terceiro estado pediu a suppressão de taes corporações. Não obstante, Colbert animou-as e protegeu-as; mas nem assim melhoraram o trabalho nacional, ou a economia geral; e por isso já Turgot as quiz supprimir. Não o pôde conseguir, mas, em 1791, foram abolidas de vez.

Na Allemanha e Inglaterra ainda ellas subsistiram além da edade moderna; mas, n'este ultimo paiz, nunca tiveram o caracter exclusivo da França e da Allemanha, como o não tiveram tambem nas outras nações [1].

Finalmente, ao pé do trabalho dos escravos ou dos servos e ao pé d'aquellas associações, o trabalho livre ia fazendo a sua rotação triumphante; e, no fim da época moderna, preponderava já sobre todas as restricções.

*

* *

O desinvolvimento da industria, em geral, e em especial, o do commercio foram grandemente influenciados pelo chamado systema colonial.

As antigas colonias, formadas por emigrados voluntarios ou por bandos politicos, gosavam da

---

[1] Etienne Martin Saint Leon, *Histoire des Corporations de Metiers*. — Albert Babeau, *Les Artisans et Les Domestiques d'Autrefois*. — Sidney and Beatrice Webb, *The History of Trade Unionism*.

liberdade economica, sem que por isso estivessem sujeitas ás restricções e monopolios da metropole.

Os colonos eram, geralmente, independentes. Quando, n'uma guerra qualquer, tomavam partido pela mãe patria, era por devoção espontanea; e sómente o reciproco interesse e não a pressão e violencia os aproximava d'ella. E contribuia certamente para semelhante situação o facto d'essas colonias serem constituidas, em geral, por uma cidade, rodeada de pequeno territorio, que não podia ter outra vocação além do trafico intermediario; e, se esse trafico não fosse livre, ellas não poderiam subsistir.

Na edade moderna, porém, as colonias estavam n'uma absoluta sujeição economica e politica da metropole, de modo que a sua producção, industria e commercio eram objecto d'um monopolio rigoroso em favor d'ella.

Por isso, os principios que determinaram essa sujeição, constituiram o chamado *systema colonial,* que vinha a ser o *conjuncto de medidas promulgadas pelos differentes governos que possuiram colonias, afim de as explorarem, exclusivamente em beneficio da metropole.*

Eram cinco os principios fundamentaes d'esse systema: 1.º Restricção da exportação dos productos coloniaes, de fórma que só podiam ser exportados para a metropole; 2.º Restricção da importação nas colonias, de fórma que estas, em geral, só podiam importar os productos da metropole; 3.º Restricção na metropole de artigos

coloniaes estrangeiros; 4.º Restricção de transportes maritimos entre as colonias e a metropole, de fórma que os transportes dos productos só podiam fazer-se em navios nacionaes; 5.º Finalmente, restricção de manufacturas nas colonias, mesmo das suas materias primas [1].

Com pequenas variantes e mais ou menos rigoroso, este systema preponderou em todos os paizes coloniaes na edade moderna; e é patente o erro de semelhantes restricções.

Tolhiam o desinvolvimento geral do commercio e da industria, e, em especial, o das colonias em favor exclusivo da metropole; tolhiam a concorrencia, tornando por isso mais caros os productos; provocavam as represalias de paizes para paizes, que eram obrigados a estabelecer tambem restricções contra restricções; e davam logar, a um enorme contrabando, com relação áquelles Estados que não tivessem industria propria para abastecer as suas colonias, como nós veremos que succedeu, especialmente na Hespanha [2].

---

[1] José Frederico Laranjo, *Theoria da Emigração*. — Leroy Beaulieu, *De la colonisation chez les peuples modernes*.

[2] Na essencia, ainda hoje se conservam muitos d'esses principios em quasi todos os paizes coloniaes. Mas, em todo o caso, o progresso tem alargado a esphera da acção das colonias; de modo que, em geral, já ellas não são, pelo menos, objecto d'uma exploração grosseira e egoista, como o foram na edade moderna. Por outro lado, o movimento cosmopolita do commercio e a transfusão universal dos productos industriaes vai quebrando as restricções e inutilisando os egoismos.

*
* *

A par dos embaraços que provinham de semelhante systema para a livre e geral expansão do movimento industrial e commercial, tambem as guerras continuadas, tanto na Europa como nas colonias, por terra e por mar, o prejudicaram.

Por outro lado, a hulha ainda foi parcamente empregada, sobretudo nos primeiros seculos d'este periodo.

Na edade media, como vimos, no segundo volume [1], o preconceito de que o fumo d'esse combustivel era prejudicial á saude, affastou o consumo, e o seu uso até chegou a ser prohibido com penas severas.

Na Inglaterra, ainda no principio da edade moderna, se levantaram clamores contra esse emprego; e a propria Isabel chegou a prohibil-o durante as sessões do parlamento, com receio de que, realmente, fosse prejudicada a saude dos cavalheiros dos condados. Mas, por um lado, a carestia da lenha tornou a hulha indispensavel, e, por outro lado, reconheceu-se que esta não era prejudicial; e, por isso mesmo, o seu uso tornou-se geral na Inglaterra, desde Carlos I.

Mas na França, ainda em 1547, Henrique II decretou multas rigorosas contra o emprego da

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 67 e 68.

hulha. O Estado fez depois concessões parciaes a varios individuos para a sua exploração; e, em 1774, os academicos de medicina e sciencias foram consultados sobre se tal emprego era realmente prejudicial á saude, e, já então, decidiram favoravelmente. Mas o publico reagiu ainda, accusando o combustivel de muitos defeitos imaginarios; e, só na edade contemporanea, é que o emprego da hulha foi definitivamente adoptado.

Na Allemanha, tambem ella foi adoptada tardiamente. E só os Paizes-Baixos, livres do preconceito popular dos outros povos, é que tiraram muito cedo partido d'essa descoberta [1].

Demais a mais, para os embaraços da industria accrescia tambem o não haver ainda a vasta rêde de invenções mecanicas, nem a applicação do vapor e da electricidade.

Tudo isto devia travar, absolutamente fallando, o amplo desinvolvimento da industria e do commercio, que, certamente, sem esses embaraços, attingiriam, já n'esta época, um logar mais proeminente. Mas, ainda assim, pela descoberta da America e do novo caminho para a India e pelas demais causas beneficas já apontadas, que muito contrabalançaram aquelles embaraços, abriu-se um novo horisonte ao movimento industrial, e fez-se do commercio colonial um

---

[1] Bainier, *La Géographie appliquée à la Marine, au Commerce, à l'Agriculture, à l'Industrie et à la Statistique*, vol. I. — *Géographie Générale de la France.*

cadinho permanente de riqueza para muitos paizes.

*

* *

Começando pela industria mineral e metallurgica, a principio, foi nos Paizes-Baixos e Allemanha que, principalmente, se exerceu. Mas, no fim do periodo, a Inglaterra tomou n'essa industria, como em quasi todas as outras, um dos maiores quinhões.

Na industria agricola, o systema physiocrata, olhando a lavoura como a primeira fonte da riqueza nacional, devia influir muito sobre ella, como realmente influiu.

A diminuição da servidão concorreu tambem para o seu progresso; e o protestantismo, abolindo um grande numero de festas e de jejuns, augmentou os dias de trabalho e favoreceu a creação do gado. Por outro lado, na Inglaterra, o commercio de lãs augmentou os rebanhos lanigeros; e, na Hollanda, a industria linheira propagou enormemente a cultura do linho, continuando os seus habitantes a ser peritos no amanho e laboração da terra, como já foram na edade media.

Mas, em geral, o atrazo da agricultura era grande; o numero de productos cultivados muito reduzido; e, mau grado as ideias physiocratas e a sua influencia na sociedade, as guerras e os exercitos permanentes que ellas exigiam, assim como a febre das riquezas e explorações coloniaes, que

atrophiava as outras industrias na metropole, retardaram, em grande parte, o progresso da lavoura.

A industria textil, com a introducção do algodão e com a necessidade que havia de abastecer o novo mundo de fatos e de roupas, tomou grande incremento. E foi a Hollanda que sempre teve a primazia, a não ser nos ultimos tempos d'este periodo, em que essa primazia foi exercida pela Inglaterra, devida, em grande parte, á invenção da maquina de fiar de Hargraave e Arkewright, que fez uma revolução completa [1].

A Italia desappareceu da scena. A propria Allemanha decaiu n'esse genero. Portugal e Hespanha, embriagados com as riquezas da America e do Oriente, julgaram quasi sempre de somenos importancia tudo que não fosse o ouro e os diamantes das colonias. E só a França, nos ultimos tempos d'esta época, principiou fazendo já séria concorrencia á Inglaterra e á Hollanda.

Houve, porém, uma industria que se póde dizer que nasceu na edade moderna — a da grande pesca.

Se as expedições maritimas nas regiões polares não attingiram o seu proposito, que era a descoberta de um novo caminho para a India, não ficaram estereis para o commercio. D'ahi

---

[1] Cunningham, na sua obra *The Growth of English Industry and Commerce,* compara até a importancia d'essa invenção á descoberta da America.

veiu o progresso da grande pesca; e, por virtude d'ella, a pesca da baleia tornou-se uma industria consideravel e lucrativa.

Já os Romanos a tinham exercido, assim como os Bascos, ao norte da Hespanha, onde as baleias desciam em perseguição dos arenques. Mas essas baleias eram pequenas, e eram mais apreciadas então as barbas do que o oleo e a carne; de modo que o proveito d'essa industria era menor.

Mais tarde, os Francezes participaram com os Bascos d'essa pesca; mas, no seculo XVI, as baleias não deixavam o norte, e, no estado em que estava a navegação, os marinheiros não ousavam ir lá procural-as.

Foi então que os Inglezes e Hollandezes, sabendo que Barentz encontrara em Spitzberg muitos d'esses cetaceos, começaram a dedicar-se á colheita d'elles, e encheram assim o mercado dos seus productos.

A principio, os dois povos tiveram luctas entre si; mas, vendo depois que havia logar para todos, compozeram-se; ficando, ainda assim, a vantagem para os Hollandezes, que, ao lado da pesca da baleia, emprehenderam a da phoca, e auferiram com isso enormes lucros.

O exemplo da Hollanda e Inglaterra despertou a rivalidade das outras nações maritimas, que se lançaram tambem n'esse caminho da grande pesca; e alguns governos, como o da França e Inglaterra, animaram esta industria, concedendo até premios aos navios que a quizessem explorar.

*

Apezar d'isso, a Hollanda não perdeu a superioridade, por fórma que, tendo-se as baleias retirado de Spitzberg para a Groenlandia, mesmo ahi as foi procurar. Só perdeu a preponderancia, pela revolução franceza, em que a Inglaterra achou occasião favoravel de attrair para si os pescadores com o seu capital e com a sua experiencia.

Os Americanos já se distinguiram tambem, como colonos inglezes, na grande pesca, e mais se continuaram a distinguir depois da emancipação; porque a embocadura de S. Lourenço, as costas da Nova Brunswich, a Nova Escossia e a Terra Nova são muito abundantes de phocas e de bacalhaus.

Houve uma outra industria que progrediu enormemente n'este periodo — a das construcções navaes. Já o fizemos sentir n'este capitulo, tratando do modo como a descoberta da America e do caminho para a India influiu no desinvolvimento da nautica, da astronomia e da mathematica. Só temos a accrescentar que o augmento do commercio, pelo movimento colonial e exploração de novas terras e novos productos; a rivalidade das nações maritimas em melhorarem as condições da velocidade e segurança dos navios; as guerras navaes, concorrendo tambem para o aperfeiçoamento das construcções; e, finalmente, a pirataria e o contrabando colonial, fomentando a segurança e velocidade dos navios: deviam trazer, como trouxeram, um grande progresso para essa industria.

Por outro lado, o principio da liberdade dos mares, já proclamada n'esta época, alargando o commercio e a navegação, egualmente alargou a industria dos armadores, e sequentemente as construcções maritimas.

*

* *

No quadro das industrias foi tambem o commercio uma das que mais caminhou. Como já notámos, bastavam para isso os novos horisontes abertos á humanidade, os novos mares, as novas terras e populações, e os novos e mais abundantes productos. E o augmento do luxo, pelas riquezas da America e da India; o augmento dos mineraes preciosos e com elles do numerario, e o augmento da facilidade dos transportes, convergiam tambem para desinvolver esse ramo da actividade humana.

Mesmo, na sua esphera e nas suas condições internas, o commercio soffreu n'este periodo differentes modificações, que vamos apontar.

Primeiramente, a força do seu movimento deslocou-se para o occidente da Europa, como egualmente já fizemos sentir. O Mediterraneo tornou-se um lago, e o Atlantico, o Pacifico e mar das Indias constituiram-se os grandes theatros do trafico maritimo.

Em segundo logar, na edade antiga e mesmo

na edade media, dominava a cabotagem e o transporte por terra. Na edade moderna, dominava a navegação de longo curso ou do mar alto, e preponderavam os transportes maritimos; por fórma que uma carregação no porto de Lisboa ou d'Amsterdam excedia em valor e quantidade as maiores carregações antigas da Asia.

Em terceiro logar, nos periodos anteriores, o commercio tinha um caracter puramente individual; e, só por excepção, é que os governos tratavam de o regular ou dirigir, como aconteceu, por exemplo, nas republicas de Veneza e de Genova.

Os individuos ou emprezas particulares trabalhavam á mercê dos seus recursos e da sua propria actividade. Os governos ou cruzavam os braços, ou, quando intervinham excepcionalmente n'um ou n'outro ponto, era, esporadicamente, e sem qualquer plano governativo; e, á parte as proprias violencias, portagens ou barreiras officiaes, deixavam que os commerciantes seguissem o seu caminho e escolhessem os seus meios de fortuna, com toda a liberdade.

N'este periodo, porém, a centralisação do poder real trouxe tambem a centralisação de todas os instituições; e o commercio tornou-se por isso um negocio nacional. A sua importancia economica não foi olhada sómente debaixo do aspecto individual, mas tambem debaixo do aspecto collectivo; e os governos trataram de o regulamentar, fazendo d'elle uma politica nacional, concedendo subsidios a differentes industrias, prote-

gendo umas, abandonando outras, e outorgando differentes monopolios.

N'este sentido, figura o estabelecimento das alfandegas, como recurso economico da nação.

Já ellas existiam desde a antiguidade, mas com um caracter puramente fiscal, constituindo por isso apenas um meio dos governos obterem dinheiro; e só por excepção é que algumas vezes desempenharam um papel commercial, como, por exemplo, em Veneza. Por outro lado, taxavam de preferencia os productos exportados, e, ao passo que oneravam de direitos as materias primas, alliviavam os objectos manufacturados. N'este periodo, porém, fez-se d'essa instituição um instrumento, não sómente para obter dinheiro para o thesouro, mas tambem para favorecer a economia do paiz e contrariar, quanto possivel, o desinvolvimento das outras nações; e a isso obedeciam as taxas d'entrada e saída, os direitos differenciaes, e as varias disposições aduaneiras.

Por semelhante systema, as nações declararam-se mutuamente n'um bloqueio permanente, e o systema mercantil de que já fallámos, favorecia semelhante rivalidade.

Felizmente, a humanidade no seu progresso e as necessidades privativas de cada paiz foram quebrando esse egoismo. E, no meio da guerra economica de semelhante systema, os Estados onde fermentava a actividade industrial e commercial, foram predominando economicamente sobre os outros; ao passo que os povos inertes, como a Hespanha e Portugal, não fizeram mais que au-

gmentar o contrabando e completar a sua ruina commercial [1].

*

* *

Para completarmos a exposição das differenças do commercio anterior para o da edade moderna, apontaremos tambem o systema das grandes companhias.

N'esta época, ainda os mares e os seus perigos eram mal conhecidos, e os navios e respectivas carregações estavam por isso sujeitos a contínuos revezes; não estavam ainda espalhadas as instituições de seguros; e, pela demora e difficuldades das viagens para a India, America ou Oceania, nas embarcações d'esse tempo, o commercio colonial, para que fosse bem convidativo, precisava de ser feito, não por navios isolados, mas por comboios de navios. Tanto mais que os piratas e corsarios infestavam os mares; as guerras maritimas entre as nações da Europa eram quasi continuadas; e só uma expedição naval importante, embora com destino mercantil, podia percorrer os oceanos com segurança provavel [2].

Ora os capitaes individuaes não chegavam para tanto, nem havia particulares que se associassem

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — *Dictionnaire du Commerce et Navigation*, na palavra *Douane*.

[2] Leroy Beaulieu, *La Colonisation chez les Peuples modernes*, no capitulo *De la Colonisation Hollandaise*.

a emprezas de tanta monta; e por isso surgiu o pensamento de constituir grandes companhias, com a protecção do Estado e com privilegios especiaes.

Logo em 1600, os negociantes de Londres formaram *A Sociedade dos Mercadores de Londres traficando com as Indias Orientaes*. Em 1602, constituiu-se na Hollanda a *Companhia Hollandeza das Indias Orientaes,* que obteve do Estado o monopolio de todo o commercio da India, e que serviu de molde a quasi todas as companhias que se formaram depois na Europa. Em 1602, organisou-se tambem na Hollanda a *Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes,* que obteve o privilegio do commercio da America e da costa occidental da Africa, desde o tropico de Cancer até o cabo da Boa Esperança. E assim, successivamente, se foram creando outras grandes companhias nos differentes Estados da Europa, como veremos, quando d'elles tratarmos especialmente [1].

*
* *

Na edade moderna o numero e a variedade das moedas ainda foi muito consideravel, até o meado do seculo XVIII. A divisão politica da Europa era infinita, e não havia Estado, por mais pe-

---

[1] Scherer, *obr. cit.,* vol. II.

queno que fosse, que não cunhasse moedas proprias, destinadas a circular no seu territorio.

Assim, o imperio da Allemanha, as cidades livres e principados do mesmo imperio, a Italia e as cidades italianas, a Hespanha, França, Inglaterra e Portugal, Avinhão sob os papas, Navarra, o principado de Dombes, Flandres, as cidades imperiaes, como Besançon e a propria Russia, cunhavam moedas proprias, com a effigie dos seus soberanos.

A Suecia, Noruega e Dinamarca seguiam os usos monetarios allemães. Constantinopla, sob a prêza dos turcos, tinha durante quasi um seculo respeitado a nacionalidade e tradição bysantina, e o dinheiro cunhado em nome de Mahomet II tinha conservado os carecteres gregos. Mas, depois d'isso, o desejo de imitar as potencias visinhas preponderou sobre os novos senhores de Bysancio, e os caracteres turcos substituiram as antigas effigies.

Nos ultimos tempos do seculo XVIII, porém, as moedas mais usadas eram as seguintes: os escudos, meios escudos, quarto e oitavo de escudo d'ouro [1], o luiz e meio luiz, e as peças de dez, oito, quatro e dois luizes, tambem d'ouro [2], e o

[1] O escudo francez valia então approximadamente 1$200 reis, valor que já vinha desde 1693.

[2] Os luizes d'ouro variaram tambem de valor, desde 4$266 reis que valiam os primeiros, cunhados, em 1640, até 4$800 que valiam em 1785.

escudo branco ou luiz de prata [1], todas francezas; o soberano e meio soberano d'ouro, de Inglaterra [2]; o dobrão de quatro escudos [3], o dobrão de dois escudos [4], o escudo duplo e quadrupulo [5], todas d'ouro, e as moedas de prata de real, quatro reaes e oito reaes [6] de Hespanha; o thaler [7], o florim [8] e gulden [9] da Allemanha; o florim da Austria [10]; as peças de um e tres florins dos Paizes-Baixos [11]; as moedas cunhadas pela companhia hollandeza das Indias Orientaes, com as armas da Zelandia, Hollanda, Utrecht, West-Frise e Gueldre; os ducados e florins de Veneza e Florença [12]; e ainda algumas das

---

[1] Os luizes de prata equivaliam originariamente, em 1641, a 1$240 reis, que era tambem approximadamente o valor dos cunhados em 1785.

[2] O soberano valia 4$545 reis.

[3] O dobrão de quatro escudos correspondia a 7$350 reis.

[4] O dobrão de dois escudos correspondia a 3$700 reis.

[5] O escudo correspondia a 1$850 reis.

[6] O real correspondia a 46 reis.

[7] O thaler de prata da Prussia, Saxonia, Hanover, Baviera e Baden correspondia a 650 reis, o de Bremen a 750 reis e o de Francfort e Hamburgo a 560 reis.

[8] O florim de prata de Baden, Baviera, Francfort, Wurtemberg a 370, e o florim de ouro de Hanover correspondia a 1$580.

[9] O gulden era o florim de prata de Francfort.

[10] O florim da Austria, moeda de prata, equivalia a 435.

[11] O florim dos Paizes-Baixos, moeda de prata, correspondia a 355 e a peça de tres florins a 1$150 reis.

[12] O ducado de ouro de Veneza equivalia a 1$344 reis, e de prata a 768 reis.

moedas pontificias, como, por exemplo, o sequim [1].

*

* *

Como elemento das trocas, a letra de cambio teve grande importancia e grande desinvolvimento; e a materia commercial que lhe diz respeito, assim como a dos cheques e promissorias, foi tambem mais ampliada e mais bem definida.

Por outro lado, aos bancos de deposito e emprestimo, que já existiam na edade media, accresceu a instituição dos bancos de desconto e, mais tarde, dos bancos de circulação, que accumulavam com aquellas outras operações o desconto de titulos commerciaes ou financeiros e a emissão de titulos fiduciarios, que faziam o papel de moeda real. E foi assim que se foram creando bancos de desconto em differentes paizes, como, por exemplo, o de Lyon, em 1545, o de Tolosa, em 1549, o de Rouen, em 1566, o de Napoles, em 1575, o de Amsterdam, em 1609, o de Hamburgo, em 1619, e bancos de circulação, como o de Stokol-

---

[1] O sequim pontificio equivalia a 2$100 reis.

Sobre esta materia das moedas, veja-se Noel, *obr. cit.*, vol. II. — L. Shaw, *The History of Currency*. — Rodrigo Affonso Pequito, *Curso de Contabilidade Commercial*. — Bouillet, *Dictionnaire universel des sciences, des lettres et des arts*. — Larousse, *Grand Dictionnaire Universel*.

mo, em 1656, o de Inglaterra, em 1694, o da Escossia, em 1695, o da Austria, em 1703 [1].

*

* *

Emquanto ás communicações, as maritimas, com as novas descobertas e melhor conhecimento dos mares e com o progresso da navegação que d'ahi resultou, tornaram-se muito mais faceis e muito mais amplas.

As estradas, em geral, pouco melhoraram. Mesmo os grandes caminhos internacionaes, como aquelle que atravessava os Alpes pelo S. Gothard, Bremen e monte Cenis, os caminhos entre Vienna, Francfort, Bruxellas e Paris, os que d'esta capital raiavam para diversos pontos da França, os de Colonia a Hamburgo e Leipsick, e o caminho que se prolongava para leste, atravez da Siberia, por Breslau e Cracovia até á Polonia e Hungria, estavam mal tratados.

As communicações internas por meio de canaes é que tiveram um grande desinvolvimento.

O paiz onde se abriu maior numero d'elles, foi na Hollanda. Na França, Luiz XIV, além d'outros, mandou construir o de Languedoc, para juntar o Mediterraneo ao Oceano. Na Allemanha, Frederico Grande abriu tambem differentes canaes. A Austria juntou por um canal o Danubio

[1] Noel, *obr. cit.*, vol. II. — Oliveira Martins, *O Banco.*

ao Theiss. Na Russia, Pedro Grande abriu egualmente muitas d'essas communicações. A Inglaterra rasgou, em 1758, um canal que juntou Liverpool a Manchester, e logo se cobriu d'elles, á proporção que o interior do paiz se foi enchendo tambem de grandes focos industriaes. A propria Suecia começou o canal de Trollhatta, que foi acabado na edade contemporanea. Só a peninsula iberica ficou estranha a esse movimento, contentando-se com os canaes de irrigação que tinha do tempo dos Mouros; e apenas Carlos V começou a abrir o canal Imperial, com o fim de facilitar a navegação do Ebro até o Mediterraneo.

*

* *

Começaram tambem no principio d'este periodo a estabelecer-se e organisar-se regularmente os correios; e, mais tarde, vieram as carreiras de postas ou diligencias para os viajantes.

Esse augmento, porém, das communicações e navegação e a organisação dos correios fizeram diminuir muito a importancia das feiras, a ponto de que, no fim da época, um grande numero d'ellas tinha desapparecido, e as unicas verdadeiramente internacionaes, que ficaram subsistindo, foram as de Beaucaire, Simigaglia, Francfort, Leipsick, Nijni-Novogorod, Kiakhta, e algumas outras na Asia.

*

* *

Fica assim esboçado o movimento economico d'este periodo.

Como vimos, quatro factos capitaes o iniciaram — o descobrimento da America e do novo caminho para a India, a Renascença e a Reforma de Luthero, que abriram as portas ainda cerradas do mundo, alumiaram os espiritos e alargaram a consciencia.

Os Portuguezes proseguiram nas explorações maritimas; os Hespanhoes, Hollandezes, Inglezes, Francezes e outros povos da Europa seguiram após elles; e, mercê de tantos esforços, patentearam-se todos os mares e descobriram-se todas as terras.

A riqueza do Oriente e a colonisação da America pejaram de metaes preciosos e de novos e variados productos os mercados da Europa.

Deslocou-se o commercio do oriente para o occidente da Europa. O Mediterraneo tornou-se um lago, e o Oceano converteu-se no grande collector do commercio universal. O systema colonial estabeleceu a reclusão das colonias, e criou depois, de nação para nação, uma especie de bloqueio economico; mas a necessidade industrial e o contrabando foram quebrando essa barreira.

Aquelle systema trouxe tambem a nova escravidão dos negros, como systema commercial. E, a par d'isso, foi desapparecendo a servidão da gleba.

Poderosas companhias avassallaram todo o commercio da America e do Oriente. A economia politica desinvolveu a agricultura. Entraram novos elementos na industria com a propagação da hulha e do algodão. As invenções physicas e chimicas principiaram a aproveitar o vapor, assim como as industrias mecanicas descobriram e começaram a applicar a maquina de fiar. A philosophia illuminou os espiritos. O povo foi tendo a consciencia dos seus direitos. E tudo caminhou para uma nova era, em que a humanidade havia de ser rebaptisada com sangue, nos principios da egualdade, liberdade e fraternidade.

CAPITULO II

Portugal

Ligeiro esbôço da sua historia politica, na epoca moderna

Como vimos no III volume d'esta obra, o ultimo rei portuguez da edade media foi D. João II. Mas, já muito antes d'elle, desde D. João I, este paiz iniciara os descobrimentos maritimos.

Em 1486, Bartholomeu Dias tinha dobrado o cabo das Tormentas, e, para realisar o sonho de D. João II — a descoberta do novo caminho para a India, só faltava a expedição final. Era d'essa expedição que o rei se occupava com toda a actividade, quando foi surprehendido pela morte, em 1495.

Na falta de descendentes legitimos, succedeu-lhe seu primo e cunhado D. Manuel (1495-1521), que realisou aquella empreza.

Para isso, fazendo completar a armada que o seu predecessor mandara preparar, confiou o commando d'ella a Vasco da Gama. E este, saíndo do Tejo, em 8 de julho de 1497, costeando a Africa pelo poente, torneando-a seguidamente pelo sul, e subindo até Moçambique, Mombaça e

Melinde, pelo nascente, chegou a Calicut, na India, em 1498, e voltou a Lisboa no anno seguinte, depois de ter realisado a mais grandiosa empreza dos tempos modernos.

Preparou-se, desde logo, uma grande esquadra, commandada por Pedro Alvares Cabral, que partiu para a India, no anno de 1500; mas, arrastado por uma tempestade, aportou, em 26 d'abril d'esse mesmo anno, ao Brazil, a que deu o nome de Santa Cruz [1].

No mesmo anno, Gaspar Côrte Real, descobriu a Terra Nova.

Em 1501, João da Nova, descobriu a ilha da Ascensão, e em 1502, voltando da India, descobriu a ilha de Santa Helena. E, em 1504, Duarte Pacheco, com um punhado de homens, derrotou completamente os exercitos innumeraveis do rajah de Calicut, assombrando toda a Asia com o seu heroismo.

Então, em 1505, D. Manuel nomeou vice-rei da India a D. Francisco d'Almeida, que, revelando-se um excellente administrador e um admiravel guerreiro, encheu de gloria, juntamente com seu filho Lourenço d'Almeida, o nome de Portugal.

A D. Francisco d'Almeida succedeu D. Affonso d'Albuquerque, que o grande historiador Alexan-

---

[1] Torres de Mascarenhas, no *Compendio da Historia de Portugal*, diz que nas relações contemporaneas vem o nome de *Terra de Vera Cruz*.

dre Herculano appellida o maior general do mundo, depois de Cesar e Bonaparte. Conquistando Goa, Malaca e Ormuz, assentou n'essas tres solidas bases o dominio portuguez no Oriente. Mantendo a disciplina entre os seus subordinados, e exercendo para com os indigenas uma justiça inflexivel, lançou os fundamentos de um imperio luso-indiano, que poderia affrontar os tempos, se os seus successores soubessem imitar-lhe o exemplo. Mas já Lopo Soares d'Albergaria, que lhe succedeu (1515), e Diogo Lopes de Sequeira, que se lhe seguiu (1518), embora mantivessem o lustre das armas portuguezas, não procederam com a mesma justiça, rectidão e seriedade administrativa de Affonso de Albuquerque.

Ao mesmo tempo que a nossa bandeira tremulava tão gloriosamente na India, as praças d'Africa foram, tambem no reinado de D. Manuel, dura escola guerreira, onde se amestravam em constantes escaramuças os soldados que iam depois militar na Africa. E ahi mesmo os nomes de Duarte de Menezes, Henrique de Menezes, Lopo Barriga, João de Menezes, Nuno Fernandes de Athayde, Pereira Pestana, Diogo Viegas, Ruy Garcia, João de Mendonça e outros, cobriram de gloria o reino de Portugal [1]. Sómente o Brazil é que foi desprezado, constituindo apenas o refugio dos Judeus e degredados.

A politica interna, com pequena differença,

---

[1] Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III.*

*

torneou em volta da politica ultramarina. A grandeza e esplendor da côrte pelas riquezas vindas do Oriente foram maravilhosas. Lisboa tornou-se a capital do mundo. O commercio dos productos coloniaes augmentou consideravelmente. Mas a agricultura e as outras industrias, em geral, não prosperaram, em consequencia das guerras continuadas na Africa e na Asia, da falta de braços que d'ahi resultava, e da ambição das riquezas do Oriente, que atrophiava as demais actividades.

Além d'isso, D. Manuel expulsou todos os Mouros e Judeus que não quizessem converter-se á religião catholica.

Eram elles que representavam a classe mais desinvolvida e trabalhadora do paiz. E, embora alguns se convertessem exteriormente para evitar o exilio, a grande massa abandonou o reino, com grave prejuizo da economia nacional.

Orgulhoso até o excesso, D. Manuel, para ostentar a gloria e riqueza de Portugal, mandou ao papa Leão X uma embaixada presidida por Tristão da Cunha, com riquissimos presentes, provenientes das nossas possessões [1]. E, para perpetuar em monumento perduravel a gloria das nossas conquistas, construiu o templo dos Jeronymos, um dos mais apreciados monumentos da Europa.

---

[1] Jeronimo Osorio, *Vida e feitos d'el-rei D. Manuel*, vol. III. — Damião de Goes, *Chronica de El-rei D. Manuel*. — — Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. II. — Theophilo Braga, *Camões*, Epoca e Vida.

Tambem D. Manuel prestou alguns serviços á legislação, fazendo publicar as Ordenações Manuelinas [1]. Mas o reinado d'este rei caracterisa-se, não pelo merito do monarca ou pelas suas qualidades moraes [2], mas pela sua felicidade, que o fez denominar *Venturoso*.

*
* *

Succedeu-lhe D. João III (1521-1557). Fanatico e pouco instruido, trabalhou, desde logo, em estabelecer a inquisição, o que pôde conseguir, em 1537, comprando a rios de ouro a concessão da curia romana. E, atraz da inquisição, admittiu a companhia de Jesus, que não tardou a apoderar-se do confessionario e do ensino.

Durante o seu reinado, converteu o governo da nação no mais completo absolutismo. Favoreceu comtudo as letras e sciencias; e, n'esse intuito, reformou e transferiu definitivamente a Universidade de Lisboa para Coimbra, e mandou vir do estrangeiro professores conceituados, para ensinarem as differentes disciplinas.

Dedicou-se tambem com todo o cuidado á nossa colonisação, especialmente do Brazil; e, no

---

[1] Coelho da Rocha, *Ensaios sobre a historia do governo e da legislação de Portugal.*

[2] D. Manoel foi até de uma repellente ingratidão para todos aquelles que mais o serviram, como Duarte Pacheco, D. Francisco d'Almeida e D. Affonso d'Albuquerque.

seu reinado, continuaram ainda com brilho os nossos feitos ultramarinos, apezar da corrupção que principiara a contaminar as nossas colonias.

Foi então que se descobriu o Japão, e se fundou a colonia portugueza de Macau. Mas perderam-se as praças d'Africa, Alcacer-Seguer, Azamor, Saffin e Arzilla, que o rei abandonou, por julgar inutil e mesmo prejudicial a sua conservação [1].

*

* *

A D. João III succedeu o neto D. Sebastião (1557-1578). Educado militarmente pelo aio D. Aleixo de Menezes e pelo jesuita Luiz Gonçalves da Camara, essa educação, a par da indole fogosa e pouco docil do rei, fizeram d'elle uma especie de monge militar. Imaginando que Deus o tinha destinado, para suspender a visivel decadencia da monarchia e levar o facho da fé catholica ao seio das trevas as mais densas, e sonhando com a fundação d'um grande imperio na Africa, aproveitou por isso o facto de um principe mouro, Muley-Hamet, expulso do throno de Fez e Marrocos por outro principe, seu tio Muley-Moluk ou Abd-el-Malek, lhe pedir auxilio. E, passando o estreito, com um luzido exercito, onde ia a flôr da nobreza de Portugal, foi completamente derrotado

[1] Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III.*

e morto na batalha d'Alcacer-Kibir, quando apenas contava trinta e oito annos de edade.

Durante o seu reinado, continuaram as luctas dos Portuguezes na India e na Africa, e foi prosperando a colonisação do Brazil; mas eram já grandes a decadencia do nosso prestigio e os erros da nossa administração.

*

* *

A D. Sebastião succedeu seu tio o cardeal D. Henrique, já da edade de sessenta e seis annos. Dotado de um espirito fragil e fanatico, e completamente dominado pelos Jesuitas, nada fez para levantar o paiz, e deixou que, em volta d'elle, fervessem as intrigas e pretensões para a successão da corôa.

Apresentavam-se como pretendentes differentes principes estrangeiros, parentes da casa real, e entre esses D. Filippe II, rei de Hespanha, neto d'el-rei D. Manuel por sua mãe D. Isabel; a duqueza de Bragança, filha de D. Duarte; e D. Antonio, Prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz. Mas D. Filippe era o mais temivel dos pretendentes, e empregou todos os meios de corrupção, para adquirir partidarios entre os proprios Portuguezes.

D. Henrique reuniu então, em 1579, côrtes, para tratar da successão do reino; tão abatido, porém, estava no povo o espirito da liberdade que

ellas contentaram-se em delegar no rei uma auctorisação para escolher o successor que entendesse.

Tendo D. Henrique resolvido escolher D. Filippe II, tornou a reunil-as em Almeirim, em 1580, para confirmarem a sua escolha. Mas n'essa reunião, appareceu um homem, tão eloquente como patriotico, Phebo Moniz, protestando com tal energia contra aquella escolha que o cardeal morreu, sem se ter resolvido coisa nenhuma.

O movimento economico do reino resentiu-se tambem da fraqueza do monarca, do abatimento a que nós tinhamos descido e das incertezas e intrigas da successão. As possessões da India e Africa foram perdendo os emblemas da nossa grandeza; e, mesmo no Brazil, a decadencia foi grande. Digno de registrar-se, houve apenas a abolição d'alguns impostos vexatorios, a conclusão da torre de S. Julião, começada no tempo de D. João III, assim como o estabelecimento de uma Universidade, em Evora, que foi entregue aos Jejuitas.

D. Henrique, pouco tempo antes do seu fallecimento, nomeara cinco governadores do reino, que logo se venderam a D. Filippe II; e este, para realisar a sua ambição, fez invadir Portugal por um exercito hespanhol, commandado pelo duque d'Alba. Então D. Antonio, Prior do Crato, foi acclamado rei pelo povo, em Santarem; mas, o exercito do duque d'Alba facilmente o derrotou, obrigando-o a fugir para o norte do paiz, e de lá para o estrangeiro.

*
* *

Senhor da situação, D. Filippe foi acclamado rei nas côrtes de Thomar, tomando o nome de Filippe I de Portugal, e prometteu guardar os foros e isenções do reino, dar-lhe uma certa independencia administrativa, e só nomear para governadores os principes da familia real ou portuguezes de distincção.

Todas as possessões portuguezas reconheceram logo a nova ordem de coisas. Só a ilha Terceira, onde D. Antonio se acolhera, auxiliado por uma esquadra franceza, é que resistiu ao governo de D. Filippe, até 1583; e, tambem depois d'isso, em 1589, chegou a desembarcar em Cascaes uma esquadra ingleza, que vinha em auxilio do mesmo pretendente, e que foi repellida.

Mas D. Filippe depressa esqueceu as suas promessas.

Desconfiando sempre da fidelidade de Portugal, tratou de inutilisar tambem os seus meios de resistencia, chamando para o exercito hespanhol os mancebos portuguezes, descurando as nossas colonias, e restringindo tudo o que podesse exaltar a nossa imaginação. Além d'isso, tendo entrado em lucta com Isabel de Inglaterra, preparou, em 1588, a chamada *armada invencivel*, em que tomou grande parte o nosso paiz. Essa armada foi destroçada pelos Inglezes, coadjuvados da tempestade, nas alturas de Calais; sendo

parte dos navios arrojados á costa e outros aniquilados pelo almirante Drake; e isso representou uma perda enorme para o nosso commercio e navegação [1].

N'este reinado, os Portuguezes ainda poderam conservar o seu prestigio militar na Africa. Mas, no Oriente, os Hollandezes e Inglezes reduziram muito o nosso dominio, e, na America, tivemos de soffrer diversos ataques e invasões dos estrangeiros.

O movimento economico, atrophiado debaixo do despotismo e prejudicado pela má vontade do governo hespanhol, decaíu tambem com a decadencia das nossas colonias. Foram, porém, organisadas as *Ordenações Filippinas*, que, embora baseadas nas *Ordenações* anteriores, representaram um grande progresso na jurisprudencia, e influiram consideravelmente nas relações juridicas dos cidadãos, e portanto na garantia dos contractos e solidez das obrigações [2].

D. Filippe II de Hespanha e I de Portugal falleceu em 1598, e succedeu-lhe seu filho D. Filippe II (1598-1621), que só governava nominalmente, deixando que, em seu nome, regessem a sua vasta monarchia os ministros duque de Lerma e duque de Uzeda.

O seu reinado foi ainda mais desastroso para Portugal que o reinado precedente.

---

[1] Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, vol. III.

[2] Coelho da Rocha, *obr. cit.*

Os governadores que nomeou, em vez de cuidarem da administração e prosperidade do nosso paiz, trataram dos interesses d'elles, exercendo tambem perseguições e vinganças contra os Portuguezes menos pacientes, ao passo que o governo de Madrid não tratava senão de illudir as garantias de Portugal.

A decadencia das nossas possessões caminhava a passos largos; e já não era sómente a má administração e abandono que as prejudicava, mas tambem a guerra dos inimigos de Hespanha.

Entretanto, crescia a reacção do povo contra o jugo hespanhol, e ia recozendo nas cinzas o odio nacional, para explodir no reinado seguinte.

*

* *

Á imitação do que fizera o seu antecessor, Filippe III (1621-1640) entregou tambem completamente as redeas do governo ao seu ministro conde-duque d'Olivares.

Desleixado e detestavel administrador, Olivares abandonou aos seus proprios recursos as nossas colonias. Na India, os Inglezes e os Persas tomaram-nos Ormuz. No Brazil, os Hollandezes, em 1624, tomaram a Bahia, e foi preciso o heroismo portuguez para os expulsar, em 1625. Em 1626, um naufragio destruiu a esquadra portugueza. Em 1630, os Hollandezes voltaram a atacar-nos no Brazil, e tomaram Pernambuco, Mara-

nhão e a Bahia; em 1631, bateram uma esquadra hispano-portugueza; e, em 1637, tambem tomaram S. Jorge da Mina. Os desastres succediam-se egualmente na Asia e na Africa. E, ao passo que as nossas colonias ficavam desamparadas, Olivares sugava as forças do reino, obrigando os nossos soldados a militar em Flandres e na Italia. Os tributos eram pesadissimos; as exacções insupportaveis; e não havia violencia que o ministro não praticasse.

Por outro lado, veiu governar Portugal a duqueza de Mantua, D. Margarida, princeza da casa real hespanhola, que tomou por secretario Miguel de Vasconcellos, portuguez degenerado. Este secretario tornou-se o executor implacavel dos planos despoticos do duque d'Olivares, juntamente com outro portuguez, tambem odiado, residente em Madrid, Diogo Soares. E tudo isso produziu afinal a revolução de 1640, em que Portugal expulsou o jugo hespanhol, acclamando como rei a D. João IV, duque de Bragança.

*
* *

Os direitos de D. João IV foram confirmados nas côrtes de 1641, e o seu reinado (1640-1656) foi agitado pela reacção e conspiração dos sectarios de Hespanha e pela guerra da independencia. Mas, no meio d'essa lucta, D. João não deixou de se applicar com cuidado á boa administração interna do reino.

Adoptou as Ordenações Filippinas; promulgou muitas outras leis e decretos uteis; e o seu bom senso e natural prudencia, a par da habilidade dos seus ministros e generaes, muito contribuiu para preparar a defeza do reino.

Das nossas colonias, porém, perdemos, na Africa, Ceuta, que ficou pertencendo á Hespanha, e, no Oriente, Malaca e Ceylão. Em compensação, na America, retomamos aos Hollandezes o Maranhão, Pernambuco e Bahia, e obrigamo-los a abandonarem de vez todo o Brazil.

*
* *

A D. João IV succedeu D. Affonso VI (1656-1668). No seu tempo, continuou a guerra com a Hespanha. Mas o exercito hespanhol foi derrotado, em 1659, na batalha das linhas d'Elvas; em 1663, na batalha do Ameixoal; em 1664, na de Castello Rodrigo; e, em 1664, em Montes Claros: assignando-se por fim, a paz de 1668.

Empenhado n'esta lucta, Portugal não podia acudir ás colonias, que por isso ficaram reduzidas ás ilhas de Cabo Verde, a Tanger, ás provincias de Guiné com S. Thomé e Principe, Angola e Moçambique na Africa, a Goa, Damão, Diu e Bombaim na India com algumas outras terras, fortalezas e feitorias na Asia e Africa, a Macau na China e Timor na Oceania. E d'essas ainda perdemos Tanger e Bombaim, que foram dadas em

dote á princeza D. Catharina, para casar com Carlos II, rei de Inglaterra.

Apezar d'isso, o ministro conde de Castello Melhor administrou habilmente o reino. Mas o monarca, debil de corpo e de espirito, e de um desinvolvimento intellectual limitadissimo, mostrára, desde creança, a mais triste inclinação para uma vida crapulosa e para conviver com gente da mais baixa especie; e tudo isso descontentara o paiz.

Demais a mais, tendo D. Affonso VI casado com D. Maria Francisca de Saboya, habituada ao viver luxuoso e livre da côrte de Luiz XIV, e que logo mostrou pelo marido o maior desprezo e a mais viva sympathia pelo cunhado, D. Pedro, estes dois alliaram-se entre si; e, grangeando na côrte um partido numeroso, conseguiram, primeiramente, que o rei exilasse o seu velho e melhor amigo marquez de Castello Melhor; depois, quando o viram desamparado, moveram taes intrigas que, em pouco tempo, o transformaram n'um escravo; e, por fim, conseguindo até a annullação do casamento, levaram o pobre monarca a renunciar ao governo em favor do irmão, que, em seguida, o mandou para a ilha Terceira, como sua residencia obrigatoria.

D. Pedro, embora só tomasse o titulo de regente, governou, desde então, como verdadeiro rei; e, não contente com isso, casou com a cunhada, D. Maria Francisca de Saboya.

A regencia foi pouco fertil em acontecimentos. Descobriu-se uma conspiração que tinha por

fim collocar no throno D. Affonso VI, protegido pelo embaixador de Hespanha. Os conspiradores foram suppliciados; o embaixador hespanhol foi mandado saír do reino; e D. Affonso, com receio de que fugisse da ilha Terceira, foi levado para Cintra, onde viveu encarcerado.

Houve tambem differentes incidentes diplomaticos com os paizes estrangeiros, em que o governo do regente mostrou a maior energia; mas a paz não foi perturbada, e o seu grande ministro, conde de Ericeira, desinvolveu muito o movimento economico do paiz.

*

* *

D. Affonso VI falleceu, em 1683, e D. Pedro II tomou então o titulo de rei. Tendo administrado o reino com tino e prudencia, emquanto regente, lançou-se depois n'uma guerra pesada, pelos sacrificios que nos impoz e pela alliança que nos trouxe: a guerra chamada da *Successão de Hespanha,* em que nós combatemos, ao lado dos Inglezes e Hollandezes, pelo archiduque Carlos, que promettera a D. Pedro um augmento de territorio, contra os Francezes e Hespanhoes, que luctavam por Filippe V de Hespanha, neto de Luiz XIV.

N'essa guerra, o exercito alliado, composto de Portuguezes, Inglezes e Hollandezes, sob o commando do marquez de Minas, atravessou triumphantemente a Hespanha, e entrou em Madrid,

em 1706, no mesmo anno em que D. Pedro II expirara.

A alliança, porém, de Portugal com Inglaterra trouxe comsigo o tratado commercial de Methuen, que nos poz economicamente na dependencia d'essa nação, como adiante faremos vêr.

*

* *

A D. Pedro succedeu D. João V (1706-1750). A guerra com Hespanha continuava accesa. Apezar das victorias do marquez de Minas, os Portuguezes tiveram de retirar para o reino de Valencia, onde uma esquadra desembarcara tropas inglezas; e, sendo derrotados na batalha d'Almanza, voltaram em seguida para Portugal. D'ahi por diante, a lucta foi apenas uma serie de combates sem importancia, a não ser a heroica defeza de Campo Maior, em 1710, por um brigadeiro portuguez.

Assim, a guerra da *Successão* nenhum beneficio nos deu, antes expoz as nossas colonias á perseguição dos Francezes, que nos foram atacar no Brazil, até que a paz de Utrecht, em 1715, trouxe a paz de toda a Europa.

De resto, D. João V, dotado d'alguma intelligencia, mas extremamente beato e galanteador sem escrupulos, faustoso e orgulhoso em aventuras amorosas, mesmo nos conventos, desperdiçou a riqueza do paiz em faustosas embaixadas e construcções dispendiosissimas. Foi assim

que a opulencia das minas do Brazil, que, no seu tempo, attingira o maior grau de riqueza, lhe serviu para obter na côrte de Roma frivolas concessões, como a creação da patriarchal.

Construiu o convento de Mafra, em que enterrou quarenta e oito mil contos de reis; e, em Lisboa, a capella de S. João Baptista, em que gastou egualmente muito dinheiro, o hospicio de S. Filippe Nery e a egreja das Necessidades. Espalhou com mão prodiga riquissimas dadivas, contemplando principalmente as egrejas e conventos. E comprou a peso d'ouro o titulo de *Fidelissimo,* que o papa outorgou aos reis portuguezes, como sendo os mais dedicados da Europa á Santa Sé.

A par d'isso, o governo de D. João v representou um absolutismo completo; porque, aproveitando o exemplo que lhe vinha de Luiz XIV, nunca reuniu as côrtes. E tal foi o seu abandono pela administração do Estado que, ao seu fallecimento, o paiz achava-se n'um completo abatimento, não obstante as sommas incalculaveis que nos vieram do Brazil e que foram esbanjadas na maior parte.

A sua exagerada devoção levou-o tambem a intervir n'uma guerra entre o papa, os Venezianos e os Turcos, enviando uma esquadra, que tomou parte gloriosa na victoria do cabo Matapan, mas que sobrecarregou a fazenda com uma despeza enorme, sem proveito da nação.

Ainda assim, no meio dos seus desperdicios, construiu o aqueducto das Aguas Livres

em Lisboa, para abastecer a cidade da agua que faltava, e o hospicio das Caldas da Rainha, para abrigo dos desgraçados: obras de incontestavel utilidade. Fundou a Academia Real da Historia Portugueza, para favorecer as letras patrias; creou algumas livrarias, entre ellas a sala da bibliotheca da Universidade de Coimbra; prestou alguns outros serviços ás letras e sciencias; e creou algumas fabricas.

Mas tudo isso não bastou, para attenuar os effeitos d'uma má administração e d'um enorme desperdicio.

*

* *

Succedeu-lhe o filho D. José I (1750-1777), que, apenas subiu ao throno, teve a felicidade de nomear seu primeiro ministro a Sebastião José de Carvalho e Mello, depois Conde de Oeiras e Marquez de Pombal, o mais notavel estadista que Portugal tem tido, e que, pelo seu genio superior, deixou o nome assignalado entre as primeiras glorias da historia portugueza.

Logo em 1755, houve o terremoto de Lisboa, que fez da cidade um montão de ruinas; e o grande ministro já demonstrou ahi a sua grande energia e o seu genio administrativo, remediando todos os males, acudindo com mantimentos aos famintos, castigando os ladrões, e fazendo em pouco tempo resurgir d'aquellas ruinas a moderna Lisboa, segundo um plano, tambem então

moderno, e bello, a qual se tornou, desde logo, uma das mais formosas cidades do mundo.

Depois, em 1758, houve uma tentativa de assassinato contra o rei, tramada pelo duque de Aveiro e pela familia dos Tavoras: tentativa que o ministro castigou severamente, fazendo morrer os culpados, e aproveitando este ensejo, para abater a aristocracia, que o não podia vêr.

A Companhia de Jesus era tambem desaffecta ao Marquez de Pombal; e este, por seu lado, não podia tolerar esse outro poder, que tratava de dominar as consciencias, pelo pulpito, pelo confessionario e pelo ensino, e constituia um Estado no Estado. Por isso, conseguiu que fossem expulsos de Portugal todos os Jesuitas e os seus bens confiscados [1], e que mais tarde Clemente XIV decretasse a extincção da Ordem.

A par d'isto, dedicou-se a todos os ramos da economia e administração interior, fazendo progredir as artes e sciencias, a agricultura, industria e commercio, provendo á organisação militar, defeza do reino e desinvolvimento da marinha, restabelecendo a fazenda e credito publico, e organisando as finanças da nação.

Para extinguir o odio das raças, acabou com a distincção que havia entre christãos novos e velhos. Declarou livres os indigenas do Brazil, e levantou barreiras ao trafico infame da escravatura. Restringiu o poder da inquisição, e tirou ao

---

[1] Lei de 3 de setembro de 1759.

poder ecclesiastico a censura dos livros, confiando-a á Real Meza Censoria.

Fundou a Aula do Commercio dos Nobres e a Imprensa Nacional de Lisboa. Reformou a Universidade de Coimbra. E deu, geralmente, grande impulso á instrucção.

Desinvolveu tambem muito as colonias, embora, pelas ideias economicas da epoca, estabelecesse differentes companhias, de que adiante falaremos.

E, externamente, fez o nome portuguez respeitado das nações estrangeiras. N'esse sentido, até fez saír do reino o nuncio do papa, por se ter mostrado menos cortez para comnosco. Exigiu e obteve do governo inglez uma satisfação honrosa, pelo facto do almirante Boscawen ter mandado queimar uns navios francezes nas aguas de Portugal. E, quando, em 1763, o exercito hespanhol invadiu o nosso territorio, pelo facto de Portugal se lhe não querer unir na guerra contra a Inglaterra, o conde de Schomberg Lippe depressa expulsou os invasores.

*

* *

D. Maria I, que subiu ao throno por morte de D. José (1777-1816), era já casada com seu tio D. Pedro, que tomou tambem o titulo de rei e foi o terceiro d'este nome.

Um dos primeiros actos da rainha foi restituir a liberdade a muitos encarcerados, victimas do

governo do Marquez de Pombal. Depois, para condescender com as reclamações dos inimigos do grande ministro, mandou-lhe instaurar processo, e condemnou-o a perder todas as honras e a ser desterrado para vinte leguas distantes da capital.

O Marquez de Pombal pouco tempo sobreviveu á sua desgraça, fallecendo em Pombal, em 1782.

A rainha entrou depois n'uma cega reacção contra as medidas do reinado anterior. Mas, apezar d'isso, algumas d'ellas tinham calado de tal modo na consciencia publica que não poderam ser revogadas. Os Jesuitas, por exemplo, não conseguiram ser readmittidos, nem os Tavoras ser rehabilitados.

Com respeito á instrucção, é que o governo de D. Maria não recuou; antes, desinvolvendo o pensamento do Marquez de Pombal, creou a Academia Real das Sciencias e a Bibliotheca Publica de Lisboa. E, na marinha, um ministro dos mais notaveis, Martinho de Mello e Castro, trabalhou energicamente na reorganisação das nossas forças navaes.

Em tudo o mais, houve grande retrocesso; e, mesmo nas relações diplomaticas, tivemos grandes embaraços.

Assim, quando, em 1776, rebentara a guerra dos Estados-Unidos com a Inglaterra, o Marquez de Pombal, mostrando-se favoravel aos Inglezes, tinha mandado fechar os nossos portos aos navios da republica americana. Mas D. Maria e o

seu governo, a instancias da Hespanha e da França, e, depois, a convite da Russia, pretenderam conservar a neutralidade. E isso trouxe graves difficuldades á nação, até que a Inglaterra reconheceu a independencia dos Estados-Unidos, e todos os outros paizes seguiram o mesmo exemplo.

Quando rebentou a revolução franceza, já a rainha tinha a razão perdida, e teve por isso de assumir a regencia do reino o principe D. João, seu filho e successor. Mas essa parte da historia pertence a outro volume.

CAPITULO III

Portugal

Ilhas adjacentes e colonias portuguezas: Systema de capitanias. — Influencia da religião e da Egreja, na edade moderna, como elemento colonial.

Madeira e Porto Santo: Sua colonisação, producção e progresso. — Acção da Egreja e influencia religiosa.

Açores: Sua colonisação, producção e progresso. — Acção da Egreja e influencia religiosa.

Cabo Verde: Sua colonisação, producção e progresso anterior. — Sua decadencia posterior e quasi abandono. — Acção da Egreja e influencia religiosa.

S. Thomé, Ilha do Principe, Anno Bom e Fernando Pó: Sua colonisação, producção e commercio. — Seus accidentes politicos e sociaes. — Acção da Egreja e influencia religiosa.

Guiné: Condições differentes da sua colonisação. — Medidas do infante D. Henrique e D. Affonso v. — Augmento do commercio com essas medidas. — Inutilisação dos planos de D. Affonso v pelo assassinato de Behomin. — Commercio com o interior. — Ataques dos corsarios francezes, inglezes e flamengos. — Invasão dos Hollandezes. — Decadencia enorme da colonia, desde o seculo xvii. — Acção da Egreja e influencia religiosa.

A politica de Portugal até o tempo do Marquez de Pombal, como a de muitas outras nações da Europa, no seculo xvi e primeira metade do seculo xvii, volteia em redor do systema colonial. Por isso, antes de vêrmos especialmente o movimento economico do reino, tratemos de apreciar, de um modo geral, o das suas ilhas adjacentes e possessões ultramarinas.

Os principios do systema colonial que expozemos no primeiro capitulo, preponderaram tambem mais ou menos, em Portugal, com a differença de que, na Hollanda e Inglaterra, adoptou-se, desde logo, a instituição de grandes companhias, em que podiam entrar todos os membros da nação; e assim a riqueza proveniente do commercio ultramarino refluia mais geralmente em proveito de todos os cidadãos.

Em Portugal, pelo contrario, começou por se adoptar o systema das doações ou concessões em favor dos capitães expedicionarios ou dos nobres, d'onde veiu o nome de capitanias.

A distancia do reino e a falta do commercio tornava necessarias essas capitanias, que representavam uma especie do governo feudal. O capitão era o senhor absoluto das respectivas concessões, administrava-as e governava-as, sujeito apenas á superintendencia real e ao pagamento do dizimo; e só por excepção lhe eram impostas certas restricções.

A par d'isso, preponderou o systema de monopolios e exclusivismos commerciaes em favor da corôa ou dos nobres. E, por tudo isso, o proveito geral do paiz era insignificante.

Em compensação, ao passo que as companhias inglezas e hollandezas reduziram a historia colonial dos seus paizes a simples aventuras de mercadores, em Portugal o sonho da gloria, a dilatação dos dominios ultramarinos, por amor da religião e da patria, e o estimulo da heroicidade, foram os primeiros impulsores das nossas

expedições; e á medida que iam descobrindo terras, não se esqueciam os Portuguezes de inspirar aos seus habitantes ideias moraes e principios de civilisação [1].

N'isso, nos avantajámos áquelles povos. E excedemos tambem a Hespanha, porque, n'esta, a avareza dos capitães, a cubiça das minas e a exploração mercantil das colonias, sempre interesseira, dura e cruel, predominou sobre os demais elementos [2].

A historia resumida do nosso movimento colonial vai demonstrar esta verdade.

---

[1] Francisco de S. Luiz, *Historia dos descobrimentos e conquistas dos Portuguezes no Novo Mundo.*

[2] Como prova d'esta asserção, poderiamos citar innumeros exemplos. Apontaremos, porém, os seguintes: Pedro de Alvarado, encontrando-se com Francisco Pizarro na conquista da provincia de Quito, entrou em transacção com elle e cedeu-lhe por cem mil pesos a faculdade d'essa conquista. Pizarro, commerciando com Atahulpa, imperador dos Incas já depois de prisioneiro, concedeu-lhe o resgate, se elle enchesse de objectos de ouro um quarto de vinte e dois pés de comprimento até á altura a que podesse chegar com a mão; e, tendo o imperador satisfeito a essa condição, mandou-o depois estrangular na prisão. Hojeda só tratou de fazer prisioneiros para vender. Pier Alonso Nino e Christovão Guerra foram levados á costa de Pária, só pelo intuito lucrativo; e, desde que alcançaram grande abundancia de perolas, de nada mais cuidaram. Juan de la Casa e Rodrigo de Batidas, com os seus dois navios, foram tambem levados só pelo desejo de colher ouro e perolas. Cortez e seus companheiros queimaram o imperador Montezuma e o seu primeiro ministro, unicamente porque lhe não descobriram os thesouros que tinham escondidos.

Para isso, e tanto quanto o permittem as proporções resumidas da obra que emprehendemos, vamos apreciar a largos traços a evolução economica das nossas ilhas adjacentes e possessões ultramarinas, n'este periodo.

Um dos elementos de colonisação, e dos mais fortes, foi, sem duvida, a influencia religiosa; porque, fossem quaes fossem os abusos a que a acção ecclesiastica desceu, é innegavel que, por meio dos sacerdotes, dos conventos ou das missões, concorreu poderosamente para a implantação da fé religiosa, que representava um alento e um estimulo das descobertas; adoçou os costumes barbaros; contribuiu para a domesticação dos selvagens e para a exploração dos terrenos; e, deslumbrando ao mesmo tempo os indigenas com o apparato do culto externo, infundia a auctoridade da metropole. Por isso mesmo, iremos tambem fazendo a historia d'esse elemento de colonisação e d'essa influencia.

*

* *

Já vimos como Portugal foi descobrindo terras. Depois foi-as tambem occupando, ou, pelo menos, levantando n'ellas padrões [1] do seu dominio e da sua gloria; e d'ahi resultou que, durante este periodo, já possuimos os archipelagos

---

[1] Os padrões eram monumentos, ordinariamente de pedra, que os nossos descobridores levantavam no logar que descobriam como signal de dominio e posse.

da Madeira e Porto Santo, dos Açores e de Cabo Verde; differentes possessões na costa da Guiné, a ilha de Santo Antão, (depois chamada do Principe), as ilhas de S. Thomé, Anno Bom e Fernando Pó; differentes outras terras na Africa Occidental, meridional e oriental; tambem differentes possessões na India; Macau; as Molucas, Solor e Timor; e o Brazil: como veremos com maior desinvolvimento n'este volume.

*

* *

Começando pela Madeira e Porto Santo, o systema adoptado para o governo d'essas ilhas foi tambem o das capitanias.

N'este sentido, em 1425, foram divididas em tres capitanias: a do Porto Santo, dada a Bartholomeu Perestrello, a do Funchal, dada a Gonçalves Zarco, e a da Madeira, a Tristão Vaz [1].

Para povoar essas ilhas, foram logo da metropole differentes familias nobres, como os Perestrellos [2], Calassas, Pinas, Vasconcellos, Vieiras, Castros, Nunes, Pestanas [3]. E essas familias, jun-

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *Historia Insulana*, vol. I, pag. 101 e seguintes.

[2] A familia dos Perestrellos provinha da Italia, e o seu nome primitivo era Pellastralli, que se transformou n'aquelle outro. — P. Peragallo, *Cenni Intorno Alla Colonia Italiana in Portugallo Nel Secoli XIV, XV e XVI.*

[3] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. I, pag. 96.

tamente com differentes trabalhadores minhotos e algarvios, é que formaram a população colonisadora, á qual se juntaram depois os negros importados da Africa [1].

O solo d'estas ilhas era fertilissimo. Como é sabido, os nossos descobridores começaram por deitar fogo ás florestas que as assoberbavam; e o infante D. Henrique mandou para lá navios, carregados com todas as especies de gado domestico e com sementes de varios fructos e cereaes. Ao mesmo tempo, fez vir da Sicilia a canna do assucar, e de Chypre (ou Candia, como diz Rebello da Silva), videiras de malvasia; e tudo isso prosperou por fórma que o gado domestico, em todo este periodo, tornou-se abundantissimo; foi tambem grande a abundancia de trigo até o seculo XVIII [2]; e foi egualmente consideravel a abundancia de vinho, que se exportava em grande quantidade para os paizes estrangeiros, assim como a producção do assucar.

Tambem a Madeira chegou a produzir n'este periodo muitas nozes, castanhas, amendoas e sumagre. E vinha de lá para Portugal muito boa madeira, signal de que o fogo lançado pelos pri-

---

[1] Com grande desvanecimento diz o Padre Antonio Cordeiro que a Madeira e Porto Santo não foram povoadas com delinquentes degredados ou Judeus, nem infestas de outras nações, senão de Portuguezes limpos e nobres, *obr. cit.*, vol. I, pag. 96.

[2] Um alqueire de semeadura produzia sessenta. No seculo XVIII, diminuiu a producção extensiva.

meiros colonisadores não destruiu todas as suas riquezas florestaes.

« Vinte annos depois de povoada a Madeira », diz Cadamosto nas suas *Relações*, « além do assucar que produzia, dos arcos de teixo, que já se exportavam, e dos excellentes vinhos, que tambem já sobejavam para exportar, havia engenhos de serrar, e trabalhavam-se muitas e excellentes obras de carpintaria e bofetes de muitas invenções, e outras obras de madeira, de que essa ilha provia todo o Portugal e outros paizes » [1].

Nos ultimos tempos d'este periodo, a exploração agricola da Madeira estava decadente. Cultivava-se principalmente o vinho; estavam incultas muitas extensões de terreno que poderiam servir para cereaes, oliveiras, amoreiras e pastos; e havia pouco gado [2].

*

* *

Emquanto á influencia religiosa, Perestrello levou comsigo alguns padres franciscanos, que, pouco tempo depois, fundaram um convento na Madeira, e levantaram differentes egrejas nas duas ilhas. D. Henrique mandou tambem para o Funchal differentes sacerdotes; e, em 1528, o ca-

---

[1] Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*, vol. v.

[2] Domingos Vandelli, *Memoria sobre a Agricultura d'este Reino e de suas conquistas*, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, vol. I.

pitão João Gonçalves da Camara levou dois padres da Companhia de Jesus, que fundaram tambem na Madeira um collegio de Jesuitas.

Em 1514, foi creado um bispado n'essas ilhas, tendo a sua séde no Funchal. Depois, D. João III, obtendo approvação do papa, elevou este bispado a arcebispado, com jurisdicção sobre todo o ultramarino descoberto. Essa jurisdicção foi-se reduzindo pouco e pouco; porque, em 1533, crearam-se os bispados de Cabo Verde e S. Thomé, e, em 1534, o dos Açores, em Angra, todos suffraganeos do Funchal até 1550. E, então, por iniciativa do mesmo rei, o arcebispado do Funchal foi reduzido a bispado suffraganeo de Lisboa, ficando independentes d'elle aquelles outros bispados [1].

*

* *

Com todos estes elementos, com a fertilidade do solo e bondade do clima, estas ilhas desinvolveram-se rapidamente. O Funchal era já villa, em 1451, e cidade, em 1508. Além d'isso, a Madeira, já em 1408, possuia tres povoações importantes, Machico, Santa Cruz e Camara de Lobos, com oitocentos homens capazes de pegar em armas; e, apezar de muito montanhosa, produzia mais de 2:484 hectolitros ou 3:000 moios de trigo. A producção do assucar ascendia a 23:997 kilo-

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II, pag. 48.

grammas ou quasi 1:633 arrobas e meia; o vinho excedia já o consumo [1], e exportava-se para os paizes estrangeiros, Brazil e Angola; e havia ainda outros generos de grande exportação, entre elles o doce, em que se aproveitava o muito assucar da ilha.

E, supposto, em 1566, esta ilha fosse atacada por corsarios francezes que a saquearam fortemente e mataram muitas pessoas, continuou progredindo, até o fim do periodo.

*

* *

Nos Açores, seguiu-se tambem o systema de capitanias, sendo constituidas as seguintes: a de Santa Maria e S. Miguel, em 1433, em favor do seu descobridor Gonçalo Velho Cabral [2]; a da ilha Terceira, que depois comprehendeu a de S. Jorge, constituida, em 1450, em favor de Jacome de Bruges, natural de Flandres, com a obrigação de a povoar; a da Graciosa, constituida, primeiramente, no mesmo anno de 1450, só em metade da ilha, a favor de Duarte Barreto, seu primeiro povoador [3], e depois, por morte d'elle, em toda ella, a favor de Pedro Correia da Cunha; a do Fayal, constituida, logo de-

---

[1] Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII,* vol. v.

[2] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.,* vol. I, pag. 149.

[3] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.,* vol. II, pag. 248.

pois da sua descoberta, egualmente em 1450, a favor do fidalgo flamengo, Joz de Utra [1]; a do Corvo, doada, em 1453, por D. Affonso V ao Duque de Bragança; a das Flores, doada a D. Maria de Vilhena, tambem pelos meados do seculo XV [2]; e a capitania do Pico, doada pelo Infante D. Henrique ao mesmo Joz de Utra [3].

Os capitães governavam nas respectivas capitanias, com recurso de appellação para a corôa, pagando o dizimo para a Ordem de Christo ou para o rei, quando este administrava tambem a mesma Ordem. E, para cobrar esses dizimos, os reis estabeleceram em algumas d'ellas commendas, que tinham a seu cargo a respectiva cobrança [4].

Em geral os Açores foram tambem povoados de trabalhadores minhotos e algarvios e familias nobres do reino; a par dos negros africanos, levados para lá, em grande escala. A ilha de S. Jorge, porém, foi povoada por Flamengos, trazidos por Guilherme Vandagara (Van de Gar), fidalgo de Flandres, que obteve licença para isso.

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II, pag. 275.

[2] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II.

[3] A ilha Graciosa dizem que foi a ultima que se povoou. — Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*

[4] As commendas eram beneficios rendosos concedidos a ecclesiasticos ou cavalleiros das ordens militares, ou terras dadas em recompensa de serviços, com obrigação de defeza e protecção contra os inimigos e malfeitores. — Lobão, *Notas a Mello*, liv. II, pag. 49.

E, da mesma fórma, a ilha Terceira e Fayal foram povoadas por muitos outros flamengos, trazidos pelos referidos concessionarios Jacome de Bruges e Joz de Utra.

*

* *

A producção dos Açores tornou-se egualmente notavel.

Assim, a ilha de Santa Maria produzia muito vinho e trigo. Só ella, em 1666, deu 137 moios ou 610:236 litros d'esse cereal.

S. Miguel, no fim do seculo XVI, só de dizimo para a corôa dava 1:200 moios ou 993:600 litros de trigo, e muitas vezes 1:500 moios ou 1.242:000 litros, em cada anno, e 500 pipas ou 220:000 litros de vinho. Além d'isso, produzia muita fructa, principalmente figos e bananas. Só não dava ginjas nem cerejas. Havia muito assucar e muita batata dôce, muito linho e pastel. E tudo isto, apezar de se não cultivar ainda senão um terço da ilha. Havia tambem muito gado domestico e muito peixe.

Desde o seculo XVIII, diminuiu a abundancia do trigo, mas, em compensação, augmentou a dos outros generos, pela extensão da cultura.

Emquanto á ilha Terceira, Jacome de Bruges, logo que ella lhe foi doada, em 1450, tratou de a povoar com gente que levou de Portugal e com Flamengos que trouxe de Flandres, levando juntamente para lá grande copia de gado domestico. A sua producção de trigo augmentou considera-

velmente, de modo que, no principio do seculo XVIII, dava 14:000 moios ou 11.592:000 litros, por anno, ou mais; e era abundantissima de gado domestico, especialmente gado bovideo e suino, e d'aves de capoeira, coelhos e peixe. Havia tambem muitas fructas, e entre ellas grande abundancia de castanhas; e algum vinho, posto que ordinario.

A de S. Jorge produzia tambem muito trigo, muito vinho e bom, mesmo generoso, que chegou a regular por tres mil pipas ou 1.260:000 litros; fructas de toda a casta; muito boa madeira; e todas as especies de animaes domesticos, em grande abundancia [1].

A fertilidade do solo ainda era maior que a das outras ilhas, porque é menos montanhosa e muito regada. A sua producção de trigo excedia por isso a d'essas outras; e a quantidade de gado bovino, ovino, aves, fructas, legumes e hortaliças era tambem muito grande.

A ilha do Fayal abundava especialmente de trigo e gado domestico. O vinho era pouco, assim como a fructa. Lavrou a principio bastante pastel, mas depois substituiu a cultura d'esse genero pela do trigo [2].

Em compensação, a ilha do Pico produzia vinho em tanta quantidade, que era exportado para os paizes estrangeiros, e até para o Brazil e

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II, pag. 243.

[2] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II, pag. 272.

Portugal, e reputava-se quasi egual ao da Madeira. Muito boa madeira de cedro e teixo, que se exportava para a Terceira e outras ilhas, e que, ao mesmo tempo, dava logar na propria ilha do Pico a grande industria de moveis. Era tambem muito abundante de peixe.

A ilha das Flores não era muito fertil, mas, ainda assim, era muito abundante de vinho, fructas e hortaliças. A producção do trigo é que era diminuta, e a do milho nulla.

Já a ilha do Corvo tinha mais fertilidade, porque a sua camada da terra era mais funda que a das Flores. Dava muito trigo, centeio e cevada; e tinha muito bons pastos, com que alimentava muito gado domestico. Era tambem, como a ilha do Pico, muito abundante de boas madeiras.

*

* *

Os primeiros religiosos que entraram nos Açores, foram tambem franciscanos; e logo estabeleceram conventos em varias ilhas. Em seguida, os Jesuitas, em 1569, fundaram um collegio em Angra. Depois foram os Eremitas, em 1579, e, após elles, outras muitas Ordens. Em 1534, como já dissemos, foi creado o bispado de Angra, na ilha Terceira, com jurisdicção sobre todo o archipelago dos Açores [1].

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. II, pag. 49.

*

* *

Em S. Miguel houve um grande tremor de terra, em 1522, e seguiu-se uma terrivel peste que durou até 1531. Novos tremores de terra se repetiram, em 1563 e 1630, causando grandes ruinas. E tambem n'outras ilhas se manifestaram diversos terremotos que produziram eguaes desastres. Demais a mais, a Terceira, desde 1581 a 1583, teve de sustentar, luctando pelo prior do Crato, a guerra contra D. Filippe; e, desde 1641 a 1642, contra o jugo castelhano.

Mas a situação e feracidade de todas essas ilhas fizeram com que ellas brevemente se restabelecessem dos prejuizos que provieram d'esses factos, e continuassem progredindo em todo este periodo.

*

* *

As ilhas de Cabo Verde foram doadas por Affonso V em 1460, ao infante D. Fernando, duque de Bragança, com o exclusivo do trafico ou resgate na Africa Portugueza; e D. Fernando, em 1461, nomeou seu capitão donatario a Antonio de Nolla.

Decapitado o duque de Bragança, D. João II fez doação a D. Manuel, então Duque de Beja, de todas essas ilhas; e D. Manuel, subindo ao throno, incorporou-as, em 1495, nos bens proprios da corôa. Em 1497, o mesmo rei dividiu a ilha de

S. Thiago em duas capitanias, norte e sul, dando a primeira a Diogo Affonso, contador da Madeira, e a segunda a Jorge Corrêa, casado com a filha e herdeira de Antonio Nolla. Mas, já em 1505, só existia a capitania do sul ou da Ribeira Grande, começando as terras do norte a ser divididas como sesmarias ou capellas [1].

O infante D. Fernando esmerou-se em cultivar e povoar essas ilhas com creados seus e gente da Guiné; mas, apezar d'isso, a exploração não progrediu.

Emquanto a colonisação correu unicamente por conta dos donatarios, só começaram a cultivar-se as ilhas de S. Thiago e de Fogo. As outras apenas se utilisavam em pastagens para o gado bravo. Mas, em 1530, o governo de D. João III voltou-se para esse archipelago, e povoaram-se então as ilhas de S. Nicolau, Boa Vista, Santa Maria e Santo Antão. Applicou-se tambem aos terrenos a lei das sesmarias, e o resultado foi que, já em 1533, o desinvolvimento da população exigiu a

---

[1] Chamavam-se *sesmarias* os terrenos, casaes ou pardieiros, em ruinas, incultos ou desaproveitados; e, segundo a lei chamada das *sesmarias*, podiam ser distribuidos pelos lavradores que os cultivassem ou tratassem. As capellas eram predios ou terrenos transmittidos, com o encargo de certos legados pios. — *A Historia Economica*, vol. II, pag. 427. — Vicente Antonio Esteves de Carvalho, *Observações historicas e criticas sobre a nossa legislação agraria, chamada commummente as sesmarias*. — Rosa de Viterbo, *Elucidario das Palavras, Termos e frases que em Portugal antigamente se usavam.*

creação d'um bispado, e, em 1550, tornou-se elle independente do Funchal, até então metropolita.

A importancia do trato d'algumas d'essas ilhas, portos d'escala nas derrotas das armadas da India e America, convidava muitos mercadores e cavalleiros do reino a estabelecerem-se lá; e a Ribeira Grande, elevada a cidade, todos os dias se ennobrecia com edificios novos.

A tendencia para a emigração foi tão grande, que D. Manuel, em 1515, prohibiu a residencia de fidalgos e Judeus, sem prévia auctorisação da corôa. Apezar d'isso, continuou augmentando a população e progredindo o archipelago; e D. Filippe declarou, em 1592, a ilha de S. Thiago capital de todo elle. Mas as guerras da monarchia hespanhola com as potencias maritimas europeias cedo determinaram uma longa serie de revezes, que forçaram os Portuguezes domiciliados em Cabo Verde a recolherem-se á patria, arruinados, e os colonos pretos a fugirem para o interior ou a dispersarem por differentes partes.

*

* *

Estas ilhas, á proporção que foram sendo cultivadas, foram-se tornando muito ferteis e productivas.

A de S. Thiago, por exemplo, dava muito assucar, de que se fazia muita conserva. Não produzia trigo; mas, em compensação, dava tanto milho branco, grosso e miudo, que carregava na-

vios para fóra. Produzia tambem muitos feijões, aboboras de muitas castas, muita fructa de espinho, muitas peras, figos e melões, uvas de todo o anno e muitas bananas. Tinha muitos gatos d'algalia, muitas gallinhas e muitos macacos. Sahia ambar em muitas d'essas ilhas. E havia por todo o archipelago as fructas do reino, grande copia de legumes e muito gado domestico, principalmente das especies ovina, caprina e equina.

*

* *

Os povoadores mandados pelo infante D. Fernando foram tambem os primeiros catechistas.

Os negros arrancados do continente visinho recebiam logo o baptismo; no fundo, porém, sujeitos aos abusos dos Portuguezes e mal comprehendendo a doutrina christã, pouco amor podiam ter por ella; e a idolatria continuava subsistindo na sua alma, ao pé das praticas e cerimonias do christianismo.

Acudiram alguns Franciscanos, do Algarve e outros sacerdotes, para pastorearem o rebanho; mas nem por isso melhoraram aquella situação.

Em 1533 [1], Clemente VII elevou este archipelago a bispado, estendendo a sua circumscripção a trezentas leguas de terra firme, desde o rio

---

[1] Lopes Lima, *Ensaio sobre a Estatistica das Possessões Portuguezas*, vol. I, pag. 70, diz que foi em 1532.

Gambia até o rio da Palma. E, a par d'isso, todos os annos essas paragens eram visitadas por missionarios ou religiosos, incumbidos tambem de levar consolações espirituaes aos christãos da Guiné. Esses esforços, porém, não deram grandes resultados.

Em 1604, a Companhia de Jesus tomou sobre os seus hombros mais essa empreza, e o Padre Bartholomeu Barreiro partiu com dois socios, munidos de instrucções adequadas.

Os Jesuitas, porém, a par do seu zelo, começaram a abusar na acquisição de bons terrenos, não só em Cabo Verde, mas tambem na Guiné; de modo que, nas licenças concedidas para novas fundações nas ilhas do archipelago e em Cacheu, se inseriu a clausula de que elles nunca podessem herdar bens de raiz.

Tres annos depois, em 1627, um decreto mandava consultar os mesmos Jesuitas sobre o modo pratico de se fundarem nas Universidades de Portugal seminarios, bem povoados de negros das costas da Africa, para estes, depois de habilitados com os estudos theologicos, saírem a missionar.

Todos estes esforços aproveitaram pouco; e os Jesuitas, já no fim do seculo XVII, por causa do clima, abandonaram o archipelago [1].

---

[1] Padre Antonio Cordeiro, *obr. cit.*, vol. I, pag. 87. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V, pag. 107 e seg. — Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias.* — Lopes Lima, *obr. cit.*, vol. I, pag. 70.

*

* *

Essa mesma insalubridade e os revezes de que já fallámos, prejudicaram toda a colonia; e, apezar da feracidade do seu solo e excellencia da sua situação, entrou em funda decadencia, desde o seculo XVII em diante [1].

Como vimos, os Portuguezes leigos começaram a deixar essas ilhas, e os missionarios abandonaram-nas tambem; de fórma que a decadencia d'ellas continuou por toda a epoca.

Nos ultimos tempos d'este periodo, a maior parte do archipelago, não obstante a sua fertilidade, estava inculto. A urzella era o seu principal producto, porque nascia sem cultura, assim como a canna sacharina, pelo interesse da aguardente. O milho, feijão, aboboras, batatas, hortaliças e fructas eram cultivadas apenas quanto bastasse para o sustento dos lavradores.

A industria foi sempre quasi nulla. Reduzia-se á fabricação de alguns pannos singelos, á do anil, estabelecida em 1711, e á curtimenta de algumas

---

[1] Por causa da insalubridade do clima, em S. Thiago e em S. Thomé, nos seculos XVI, XVII e XVIII, e do terror que d'ahi resultava para os bispos novamente nomeados, a ponto de muitos renunciarem ás mitras, el-rei D. José pediu a Benedicto XIV a mudança das respectivas cathedraes para ilhas e sitios mais saudaveis, o que elle concedeu; e os bispos começaram por isso a deixar de residir na *mortifera* Ribeira Grande. — Lopes Lima, *obr. cit.*, vol. I, pag. 75.

pelles de cabra e alguns couros de boi; e tambem só quanto bastasse para o consumo local.

Emquanto ao commercio, estas ilhas, até o principio do seculo XVIII, ministravam á metropole ou á exportação assucar, arroz, milho, feijão, algodão, gado, pelles, sangue de drago, tabaco, ambar, urzella, salitre, pedra pomes, sal, esponjas; e ouro, escravos e dentes de elephante, que os seus habitantes iam buscar ao continente africano. Especialmente o milho e o feijão eram objecto de uma grande exportação para as Canarias, e o sal e urzella constituiam o principal objecto do seu commercio.

Tudo isso, porém, decaiu, de modo que a exportação se limitou a alguns pannos e aguardente para a Guiné; a pequena porção de milho para a Madeira e Canarias; algumas pelles e couros para a America; e sal, urzella, e alguns fructos e animaes, levados pelos navios estrangeiros que alli aportavam [1].

*

* *

As ilhas de S. Thomé, Santo Antão, depois chamada ilha do Principe, Anno Bom e Fernando

---

[1] Domingos Vandelli, *Memoria sobre a Agricultura d'este Reino e das Suas Conquistas*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. I. — João da Silva Feijó, *Memoria sobre a urzella de Cabo Verde*, e *Ensaio Economico sobre as ilhas de Cabo Verde*, nas mesmas *Memorias*, vol. V.

Pó, apezar da costa occidental da Africa ser muito visitada pelos Portuguezes, e da proximidade d'ellas, jazeram quasi no esquecimento até D. João II.

A de S. Thomé, descoberta em 21 de dezembro de 1471, por João Pedro de Santarem e Pedro d'Escobar, foi, em 1485, elevada a capitania real e doada a João de Paiva ou João Pereira, fidalgo da casa de D. João II.

Ainda então, era deshabitada, e o donatario pouco fez para a povoar. Em 1490, essa doação e capitania foi transferida para Alvaro Caminha, que se estabeleceu lá com Judeus e degredados, dando a cada um d'elles uma escrava, afim de povoar a ilha.

Esses primeiros colonos estabeleceram-se em Agua-Ambó, junto á Ponta-Figo, e d'ahi se transportaram para o logar onde hoje assenta a cidade. A pequena povoação que lá fundaram, foi augmentada com degredados, artifices, filhos de Judeus, que eram mandados do reino e arrancados á força aos paes, e com os escravos, que, desde logo, lá foram introduzidos; de modo que dos filhos dos colonos e das escravas, libertados por munificencia regia, descende a nobreza ou a classe mais abastada da população de S. Thomé [1].

Em 1510 ou 1512 [2], ardeu a povoação; e, em 1517, houve uma revolta d'escravos, que commetteram muitas atrocidades.

---

[1] A. F. Nogueira, *A Ilha de S. Thomé.*

[2] Francisco Mantero, *A Mão d'Obra em S. Thomé.*

Apezar d'isso, a ilha progredia activamente. Já então se achava em grande parte arroteada, e a fabricação do assucar tornou-se tão copiosa que, em 1522, contava mais de seis engenhos, produzindo mais de 5:852 arrobas ou 35:954k,176; e, em 1533, ahi foi creado um bispado, cuja jurisdicção se estendia ao longo de Angola [1].

Os governadores, porém, de S. Thomé oppriniam violentamente os habitantes. Já estes, em 1520, tinham reclamado contra essa oppressão, perante D. Manuel, que, por alvará de 10 de agosto de 1520, permittiu que os mulatos podessem servir qualquer officio como os brancos; e, em 1524, D. João III concedeu um foral a essa ilha, com varias isenções e privilegios.

Em 1534, Paulo III tornou o bispado suffraganeo do Funchal, de que mais tarde, em 1550, foi separado por Julio III, que o sujeitou ao metropolitano de Lisboa.

Em 1535, a povoação foi elevada a cidade; mas a soberba e immoralidade dos proprietarios começou a estabelecer uma desordem geral. Reagiam contra o governo central; desautoravam os governadores; não respeitavam as leis; praticavam toda a casta de crimes e de excessos; e desmandavam-se na mais torpe corrupção de costumes, constituindo-se em verdadeiros regulos ou tyrannos do seu paiz. As proprias auctoridades praticavam tambem toda a casta de excessos.

---

[1] Lopes Lima, *obr. cit.*

A ilha resentiu-se por isso economicamente d'esse estado de coisas.

Em 1540, deu-se ao sul, nos rochedos chamados de Sete Pedras, o naufragio de um navio que vinha de Angola, carregado de escravos, d'onde conseguiram salvar-se uns duzentos, que fundaram a celebre povoação dos *Angolares;* e, poucos annos depois, começaram a assaltar os estabelecimentos mais proximos, com o fim principal de roubarem mulheres [1].

Em 1567, foi a cidade saqueada pelos Francezes, que nós tinhamos expulso do Brazil.

Em 1574, os *Angolares,* animados talvez com os primeiros excessos, e d'esta vez auxiliados por alguns escravos que se lhe juntaram, queimaram muitos engenhos; destruiram as plantações; expulsaram muitos colonos, que foram para o Brazil e para o reino; e protelaram, acoitados nas mattas do interior, uma rebellião que durou perto de um seculo [2]. Em 1585, um novo incendio destruiu novamente a cidade. E não pararam n'isso as desgraças da ilha.

Em 1594, o bispo D. Francisco de Villa Nova excommungou inconsideradamente o governador D. Fernando de Menezes. Esse acto foi reprovado por todos os habitantes, e deu logar a que um negro chamado Amador arvorasse o estandarte da revolta, proclamando-se rei. Foi preso e

---

[1] Francisco Mantero, *obr. cit.*

[2] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. v.

justiçado por isso, em 1596; mas essa revolta de tal modo sobresaltou os habitantes que muitos, receando novas rebelliões, se transportaram para o Brazil [1].

Em 1600, a ilha foi saqueada pelos Hollandezes, sob o commando de Vander Don, que só acharam os restos da prosperidade antiga [2].

E o governo da metropole quasi nenhum soccorro prestava ás colonias, antes concorria para a sua decadencia, difficultando o commercio e exportação com monopolios a favor do Estado, a par de formalidades fiscaes embaraçosas e encargos aduaneiros pesados.

Tantos desastres fizeram que os habitantes de S. Thomé se começassem a transferir para o Brazil; e, supposto o alvará de 16 de janeiro de 1610, para obviar a essa emigração, concedesse aos habitantes da ilha differentes privilegios, não conseguiu evital-a: tanto mais que as desordens continuaram, provocadas ora pelos colonos, ora pelo governador, e mesmo pelos prelados, até que, em 1641, a ilha foi novamente invadida pelos Hollandezes, que tomaram posse da fortaleza. E, supposto fosse reconquistada, em 1644, ainda assim, para os Hollandezes evacuarem todo o territorio, receberam grandes sommas de dinheiro.

As mesmas desordens sobrevieram, em 1673,

---

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.* — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III.

[2] Lopes Lima, *obr. cit.*, vol. II.

por dissidencia entre o governador Julião de Campos Barreto e o cabido; e continuaram, pelos abusos dos governadores, até 1693, em que houve outro assalto dos Angolares a varias fazendas.

Em 1709, os Francezes invadiram novamente a ilha, ao passo que se amotinaram os negros de Minas; e, d'ahi por diante, a historia d'ella cifra-se em abusos dos governadores, em contendas d'elles com o senado e revoltas de soldados, até que, em 1753, a séde do governo foi transferida para a ilha do Principe, por ser mais salubre e cuja salubridade se exagerava. Depois, em 1778, rebentaram ainda novas desordens, que se prolongaram até o fim do periodo [1].

*

* *

Emquanto á influencia religiosa, muitos sacerdotes acompanharam Alvaro de Caminha, em 1493; e, em 1500, muitos missionarios, Eremitas de Santo Agostinho, partiram de Lisboa com Fernão de Mello, e fundaram um mosteiro da sua Ordem. Mas, apezar d'isso e do augmento da população e christandade, essas ilhas eram povoadas

---

[1] Luciano Cordeiro, *Memorias do Ultramar. Estabelecimentos e Resgates portuguezes na costa occidental da Africa.* — A. F. Nogueira, *A ilha de S. Thomé.* — Raymundo José da Cunha Mattos, *Chorographia e historia das ilhas de S. Thomé, Principe, Anno Bom e Fernão Pó.* — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. v.

de Judeus, que, embora renegados, conservavam no fundo as suas crenças, e de Mouros ou negros, que, embora fossem baptisados, quando chegavam á ilha, não amavam a nova religião. Tudo isso inutilisava os esforços dos missionarios, como aconteceu tambem nas ilhas do Anno Bom e do Principe.

Em 1533, creou-se o novo bispado de S. Thomé, que, além das quatro ilhas, comprehendia as missões de Gabão, Benin, Oére, Dahomé e Accará, e os reinos do Congo e Angola, com centenas de leguas de circuito, sendo declarado suffraganeo do Funchal até 1550, em que passou a ser suffraganeo de Lisboa [1].

Mas, como já dissemos, apezar d'isso e dos missionarios, os resultados para o christianismo eram pequenos, devido tambem ao caracter atravessado dos colonos pardos e á sua desmoralisação, á corrupção dos brancos, á indolencia dos pretos e á sua repugnancia ao trabalho.

*

* *

Logo que a ilha de S. Thomé foi povoada, começou a ser tão copiosa a producção e commercio do assucar que, pelo meado do seculo XVI, dava mais de cento e cincoenta mil arrobas ou 220:320 kilogrammas, producto de ses-

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V.

senta engenhos que se haviam construido, apezar de estar sómente arroteada uma terça parte da ilha. Achavam-se estabelecidos lá muitos commerciantes, portuguezes, castelhanos, francezes e genovezes; e o seu ancoradouro era frequentado por navios de varias nações, attraídos pelas franquias e beneficios que os nossos lhes concediam. Mas, já nos ultimos tempos d'este periodo a ilha estava inculta na maior parte.

*

* *

A ilha do Principe, descoberta pelos mesmos navegadores que descobriram a de S. Thomé, era egualmente deshabitada, e só foi começada a povoar pelo donatario Conde de Vimioso, em 1500, com pretos que mandou vir da Africa. Principiaram então as plantações da canna sacharina e fabricação do assucar, cuja dizima pertencia ao primogenito do rei, montando-se para isso bastantes engenhos; e mais livre de desordens internas que a ilha de S. Thomé, pôde tambem caminhar mais desafogadamente. Mas o progresso verdadeiro da ilha começou, quando a Companhia de Cacheu e Cabo Verde [1] estabeleceu n'ella os seus depositos para o commercio de

[1] Essa Companhia, de curta duração, foi fundada por D. Pedro II, em 1676. Só ella podia levar fazenda do reino para a Guiné e ahi commerciar, ficando todavia resalvado o direito de lá commerciarem tambem os moradores de Cabo

escravos que fazia no Gabão e Camarões, e para o fornecimento contractado com a Companhia da India de Castella.

Em 1640, a sua povoação foi elevada a cidade. Em 1706, os Francezes atacaram esta colonia, tomando-lhe a fortaleza e os navios que estavam surtos no porto; mas tiveram de retirar, pela guerra que lhe fizeram os naturaes. E, em 1753, toda a ilha foi encorporada nos bens da corôa, mediante o contracto com o conde de Lumiares; sendo tambem n'esse mesmo anno, como vimos, quando tratámos de S. Thomé, que foi transferida para lá a séde do governo das duas ilhas.

Esta ilha, a não ser na canna sacharina, permaneceu quasi inculta por todo este periodo. Apezar d'isso, teve bastante movimento economico, até o fim do seculo XVIII, sobretudo o que provinha d'aquelles engenhos de assucar e commercio de escravos; mas, desde então, apenas uma fabrica de anil, que lá se estabeleceu, lhe deu certa importancia [1].

*

* *

A ilha de Anno Bom, que, juntamente com a de Fernando Pó, pertencia á provincia de S. Thomé

Verde e ilhas da sua jurisdicção. — Ruy Ennes Ulrich, *Politica colonial*. — Lopes Lima, *obr. cit.*, vol. I. — Moraes Carvalho, *Companhias de Colonisação*.

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV, e *Memoria citada*.

e Principe, era tambem deshabitada; e assim permaneceu por muito tempo, servindo apenas de ponto de reunião para as pescarias dos moradores de S. Thomé,

Jorge de Mello, seu donatario, vendeu-a no tempo de D. Sebastião a Luiz d'Almeida, que a mandou povoar por escravos indomitos e pobrissimos. Os Hollandezes tentaram e conseguiram a sua conquista, em 1641. Foi reconquistada em 1642 e 1643; mas não progrediu, e estava ainda na maior parte inculta, quando foi cedida á Hespanha, juntamente com a ilha de Fernando Pó, pelo tratado de 24 de março de 1778 [1].

*

* *

A ilha de Fernando Pó, ao contrario de todas as tres ilhas precedentes, era habitada pelos Bubis, raça que, pelos seus caracteres physicos, se eleva muito acima do commum do negro, mas que pelo idioma pertence á grande familia dos Bantus ou Tantus. Eram todos valorosos, mas ferozes, e até alguns antropophagos.

Uns piratas estrangeiros vieram ahi estabelecer-se no tempo de D. João v, mas este mandou desalojal-os, em 1739, o que obteve.

Como já dissemos, tambem esta ilha foi cedida á Hespanha, em 1778.

---

[1] Lopes Lima, *obr. cit.*

*

A sua vida economica foi nulla durante todo o tempo que a possuimos, e contribuiu para isso a ferocidade dos seus habitantes.

*

* *

O nosso dominio em Guiné, até meado do seculo XVII, comprehendia todo o territorio que se estende de Cabo Verde até á Serra Leoa, abrangendo assim a Senegambia e uma extensão da costa de quatrocentas e cincoenta milhas. Mas durante a dominação hespanhola, Portugal perdeu todo o territorio ao norte do cabo de Santa Maria e ao sul do Cabo Verde, ficando-lhe apenas a parte comprehendida entre 13°10′ e 10°20′ de latitude norte.

As condições d'essa colonia eram differentes das outras; porque o clima impedia a fixação dos Europeus, e havia grande abundancia de negros, e dos mais valentes e desenvolvidos, que tornavam perigosa a penetração no interior. E, por consequencia, havia tambem grande abundancia de braços para a cultura que dispensava a emigração dos colonos da metropole.

Não se estabeleceu por isso ahi nenhuma capitania. A nossa exploração devia ser naturalmente o resgate dos productos indigenas, e especialmente o commercio dos escravos, que os barbaros já exerciam, e de que tanto precisavamos para abastecer as nossas colonias; e, por esse motivo, o infante D. Henrique adoptou o systema

de occupar com feitorias os logares mais apropriados ás communicações do interior.

N'este sentido, para assegurar o monopolio da bandeira portugueza, construiu o forte de Arguim, onde os negros do interior vinham trocar o ouro, malagueta e escravos por trigo e tecidos das fabricas europeias; e, nas suas relações com os Arabes, pôde conseguir o monopolio para as suas embarcações ou das pessoas que elle auctorisasse, com absoluta exclusão de quaesquer outros intermediarios europeus.

D'esse modo, todo o resgate passava pelas feitorias portuguezas; e esse commercio foi augmentando muito, logo que se descobriu o reino de Benin, d'onde os Portuguezes começaram a levar a pimenta para Flandres, e a costa da Mina onde foi construido o castello de S. Jorge, cujos proveitos eram avultadissimos. Em 1447, já os Portuguezes tinham n'aquellas paragens vinte e sete navios que traficavam em differentes postos da costa [1].

Depois, D. Affonso v, em 1469, arrendou o commercio das terras da Guiné, por cinco annos, a Fernão Gomes, com a clausula expressa de descobrir em cada anno cem leguas da costa, o que adiantou os nossos descobrimentos até o cabo de Santa Catharina [2]. Apenas foi excluido d'este arren-

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. v.

[2] Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*, vol. v. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. v.

damento o resgate do marfim, que anteriormente fôra já arrendado a Martins Annes Boa Viagem; bem como o trato fronteiro ás ilhas de Cabo Verde, privilegiado para os moradores das mesmas ilhas, e o do castello d'Arguim, propriedade do principe herdeiro, D. João.

O commercio do Senegal engrossou por isso muito, e já rendia avultados lucros, em 1488, quando o chefe dos Jalofos, das margens do Senegal, Behomin, veiu a Portugal pedir o auxilio de D. João II, para o restituir ao throno d'onde fôra expulso. D. João II quiz aproveitar o ensejo, e mandou Pedro Vaz da Cunha com uma frota, ordenando-lhe que levantasse na entrada do Senegal uma feitoria fortificada, como este realmente levantou; e, d'esse modo, poderia ter sido assegurado o trato d'aquella região, se a pouca lealdade de Pedro da Cunha, assassinando Behomin, não inutilisasse pela raiz os planos do monarca.

Destruidas com isso as esperanças do commercio no Senegal, os Portuguezes, e especialmente os habitantes de S. Thiago, que negociavam n'essas paragens, no começo do seculo XVI, voltaram-se para os portos do reino de Budumel, e frequentaram especialmente a angra de Besiguiche, trocando por escravos, courama, cera, marfim, gomma, ambar e ouro, grossas carregações de cavallos, de milho e de legumes. D'ahi se espalharam muitos pelos rios Gambia, S. Domingos, Casamansa, Geba, e Rio Grande; e, familiarisados com a lingua e costumes dos negros, entranha-

ram-se pelo interior, e fizeram-se intermediarios de todo o commercio do sertão.

N'esse trato com os indigenas, perderam até o amor da patria; e, quando os Francezes e Hollandezes e outros povos estrangeiros começaram a visitar essas regiões, foram elles que os guiaram e auxiliaram.

Com effeito, os corsarios francezes e inglezes e mesmo flamengos, logo desde o principio do seculo XVI, faziam grandes depredações em Guiné, especialmente na Costa da Mina, e mesmo nos Açores. Os Francezes, já em 1617, possuiam differentes feitorias e fortalezas. E as depredações dos corsarios inglezes prolongaram-se até o reinado de D. Sebastião, só terminando pelo tratado de 1576 com a Inglaterra, que suspendeu por tres annos todos os embargos e sequestros, e abriu á navegação e trato de todos os Inglezes os portos de Portugal, Madeira e Açores.

A par d'isso os Hollandezes, tendo-se estabelecido no Brazil, em 1630, careciam da Africa para os escravos; e por isso, depois de terem saqueado S. Thomé, onde entenderam que não valia a pena fixarem-se, seguiram para as costas, occupando successivamente os portos portuguezes da Guiné. Estabeleceram-se no Gabão, no cabo Lopo, no rio d'El-rei, em Calabar e Fernando Pó; e, em 1637, tomaram sem dar um tiro S. Jorge da Mina.

Quando, em 1640, se tornaram nossos alliados, admittido por nós o *statu quo* e abandonada a ideia de reivindicação, não sentindo bem garan-

tido o seu dominio, aproveitaram á pressa a occasião de vêr se podiam completar a sua occupação; e, ao passo que tomavam, no Brazil, o Maranhão, e, na Africa Occidental, Loanda, occuparam tambem Anno Bom e S. Thomé, sem abandonarem as conquistas da Guiné.

Em 1641 a decadencia das nossas colonias era completa tanto nas ilhas de Cabo Verde como nas de S. Thomé e Principe, e nas terras da Guiné e de Angola.

No fim da primeira metade do seculo XVII, haviamos perdido ou estavamos em risco de perder as mais importantes possessões da Africa Occidental.

Loanda, S. Thomé e Anno Bom foram reconquistados por nós (1642 a 1644). Mas quasi toda a costa equatorial que nos pertencia, ficou perdida.

Em 1680, restabeleceu-se um novo presidio em Ajudá, e, no tempo do Marquez de Pombal, adquirimos a ilha de Bissau; mas, em todo o caso, o que os povos estrangeiros nos deixaram n'essa provincia da Guiné, conservou-se por todo o tempo n'um estado enorme de abandono e decadencia.

*

* *

Já vimos que Clemente VII, em 1533, creou o bispado de Cabo Verde, dando-lhe por circumscripção todo o archipelago, com trezentas

leguas de terra firme, desde o rio Gambia até o rio da Palma, e que, depois d'isso, todos os annos tanto as ilhas de Cabo Verde como essas paragens da Guiné eram visitadas por missionarios ou religiosos, incumbidos de converter e doutrinar o gentio e consolar os christãos. E creou-se tambem, no mesmo anno de 1533, o novo bispado de S. Thomé, que comprehendia as missões de Gabão, Benin, Oére, Dahomé e Accará e os reinos do Congo e Angola, com centenares de leguas de circuito, declarado suffraganeo do Funchal até 1550.

Apezar de tudo isto, o resultado das missões foi pequeno, devido em parte aos seus proprios abusos, e, em parte, ao caracter atravessado dos negros e colonos pardos. E, desde 1641, a costa da Guiné não tornou a vêr a roupeta dos frades da Companhia; já porque eram pouco affeiçoados a trocarem os triumphos colhidos na Asia pelos trabalhos obscuros de uma prégação esteril, nos sertões da Africa; já porque o clima era ainda mais doentio que nas outras possessões africanas; e, finalmente, porque a situação politica d'essas colonias se tornava cada vez mais perigosa.

E, com effeito, como vimos, poucos annos depois, perdiamos essa costa quasi toda, ficando apenas com a parte comprehendida entre 13°10′ e 10°20′ de latitude norte.

CAPITULO IV

Portugal

Angola: Accidentes politicos e sociaes da colonia, durante a epoca moderna. — Acção da egreja, da religião e das missões. — Trafico dos escravos. — Productos, industria e commercio.

Moçambique: Accidentes politicos e sociaes da colonia. — Atrazo d'ella, por causa d'esses accidentes e pela má administração da metropole. — Trafico dos escravos. — Estado de abatimento, nos seculos XVII e XVIII. — Acção da egreja, da religião e das missões.

Foi em 1484 e 1485 que Diogo Cão descobriu o rio Zaire e a costa do reino do Congo, d'Angola e Benguella, até o parallelo de 22° de latitude, e levantou padrões em varios pontos da mesma costa; mas essa colonia quasi que ficou abandonada até o meado do seculo XVI. Apenas D. João II fez esforços especiaes, para introduzir ahi o christianismo [1], e, em 1555, creou-se o bispado do Congo e Angola.

Em 1560, Paulo Dias visitou pela primeira

---

[1] N'este sentido, está o facto de ser enviado Gonçalo de Sousa, acompanhado de tres frades franciscanos, e a famosa embaixada do Congo que foi convertida e baptisada em Portugal.

vez a barra do Coanza, e taes noticias trouxe da importancia e commercio da colonia, que, em 1574, voltou para lá, como governador, levando comsigo muitos Jesuitas. Entrou, então, no porto de Loanda; conquistou uma porção de territorio, onde lançou os fundamentos da primeira cidade portugueza — S. Paulo de Loanda; fundou logo uma egreja com o nome de S. Sebastião [1]; e, por brilhantes victorias sobre o regulo de Angola, affirmou o nosso dominio [2].

Os Jesuitas levantaram tambem no morro da cidade a parochia de Nossa Senhora da Guia [3]; e, em pouco tempo, a christandade elevou-se a vinte mil almas, ao mesmo tempo que as relações dos habitantes de Angola com o Congo aplanavam a diffusão do christianismo.

Começou logo a desinvolver-se o commercio; em marfim, cobre, gados, mantimentos e escravos [4]. Por causa d'esse resgate d'escravos, continuaram tambem as guerras com os negros; mas as successivas e repetidas victorias sobre os re-

---

[1] Perry, *Geographia e Estatistica Geral de Portugal e Colonias*. — Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias Portuguezas*. — Lopes Lima, *obr. cit.*

[2] A primeira egreja do Congo foi fundada mais tarde, em 1491. Perry, *obr. cit.*

[3] Feio Cardoso Castello Branco e Torres, *Historia dos Governadores e Capitães Generaes de Angola desde 1575 a 1825 e Descripção Geographica e Politica dos reinos de Angola e Benguella.*

[4] Feio, *obr. cit.*

gulos permittiram a fixação e alargamento dos estabelecimentos de Angola, sendo por isso construidos varios presidios para os defenderem.

Em todo o caso, a insalubridade do clima, o facto do terreno ser já cultivado pelos negros e a continuação d'aquellas guerras, faziam que a exploração d'esta colonia fosse embaraçosa e difficil. Não crescia a população, dizimada pelas febres [1]; não se agricultava o terreno, por falta de braços; e o commercio foi-se reduzindo quasi sómente aos escravos.

Pelos fins do seculo XVI, accordou a tradição das montanhas de prata de Cambambe; e a cubiça de metaes preciosos deu logar a varias expedições da metropole, que levaram á occupação da colonia, sem conduzirem á descoberta das minas. Ao mesmo tempo, espalhou-se que o districto de Benguella era um districto de cobre, e desde que a prata falhou, os exploradores dirigiam-se para lá; mas o cobre falhou tambem, como tinha falhado a prata.

Tudo isso, a par da insalubridade da colonia, deu em resultado que ella foi de novo abandonada. Apenas augmentou com toda a força o commercio dos escravos, pela necessidade de os mandar para o Brazil; e por isso Angola tornouse, a par da Guiné, o principal centro d'esse tra-

---

[1] A primeira leva de mulheres portuguezas para Angola foi mandada, em 1594, consistindo em doze convertidas da Casa Pia, destinadas a casar. — Paiva Couceiro, *Angola*, pag. 14.

fico. No resto, a colonia permaneceu n'aquelle abandono.

No primeiro governo de Manuel de Cerveira Pereira, que derrotou o sova Cafuxe, venceu e afugentou o sova de Cambambe, recebeu a vassallagem dos sovas de Musseque e o preito voluntario do rei de Angola, e construiu o novo presidio sobre o Quanza (1603-1607), levantou-se novamente a provincia, e despertou o commercio, á sombra das nossas armas. E esse progresso continuou tambem no segundo governo do mesmo Cerveira Pereira (1617), que, então, fundou a villa e fortaleza de S. Filippe, desbaratou os sovas do Dombe, dilatou as conquistas até o sertão de Caconde, e concluiu o descobrimento das minas de cobre [1].

Mas os ataques dos Hollandezes na Africa occidental tornavam-se constantes. Tendo-se apoderado consecutivamente das feitorias do Gabão, do cabo de Lopo Gonçalves, da ilha Fernando Pó e do Rio d'El-rei, consummaram a conquista, tomando, em 1637, a fortaleza de S. Jorge da Mina, commandados por Mauricio de Nassau, na sua passagem para a America [2]. Depois, em 1641, tomaram toda a colonia d'Angola; e, embora ella fosse retomada por nós, em 1642 a 1644, tambem a lucta proveniente d'essa conquista e reconquista concorreu para o abatimento da provincia.

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 287.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 460.

No tempo de D. João v, o soba de Caconda invadiu o presidio de Benguella, e foi derrotado pelo governador da provincia, D. João Manuel de Noronha. Mas, por um lado, os Hollandezes, que nos tinham tomado o castello de S. Jorge da Mina, arrogavam-se o direito de reconhecimento sobre os nossos navios, e os sujeitavam por isso, muitas vezes, a differentes vexações. Por outro lado, os piratas inglezes faziam tambem diversas incursões, e tinham até chegado a construir em Cabinda um forte guarnecido, que os protegia, e que, naturalmente, serviria de base ao governo inglez para depois ampliar o seu dominio.

Afim de acabar com esse estado de coisas, D. João v mandou o capitão de mar e guerra José Semedo, que destruiu o forte de Cabinda, tomando aos Inglezes todas as peças de artilheria que lá encontrou, e expulsou os Hollandezes de S. Jorge da Mina.

Todos estes accidentes, porém, prejudicaram tambem a colonia; de fórma que, só no tempo do Marquez de Pombal, é que ella prosperou alguma coisa.

*

* *

Os Dominicanos foram os primeiros missionarios que se estabeleceram na Guiné meridional. Em 1484, um d'elles foi até deixado como refens no Sonho, uma das provincias de que se compunha então o reino do Congo, por Diogo Cão,

esperando a sua volta de Portugal com os enviados do rei do Congo. E, em 1491, Ruy de Sousa conduziu na sua frota outros cinco Dominicanos, com mais cinco Capuchinhos, cinco Agostinhos e certo numero de missionarios seculares [1].

Entraram depois os primeiros Jesuitas com o primeiro governador Paulo Dias de Moraes, em 1574; e, atraz d'esses, vieram muitos outros. Mas a Companhia, ao passo que rasgava nos sertões as sendas da civilisação christã, ia grangeando para si os interesses mundanos, servindo-se da auctoridade espiritual, para attrair exclusivamente os povos conquistados, attenuando a auctoridade da corôa portugueza, e quasi que fazendo avultar como soberana a protecção da mesma Companhia.

Explorando os costumes locaes, acceitou dos sovas sujeitos a obediencia effectiva; e, valendo-se da confiança que os negros depositavam nos seus missionarios, foi alargando sem ruido a sua absorpção, declarando-se protectora d'aquelles, e inculcando que nenhuma outra voz seria attendida.

Paulo Dias caíu no laço, e, annuindo ás petições dos sovas, repartiu-os pela superintendencia dos padres, capitães e pessoas distinctas. A consequencia foi o dominio dos Jesuitas sobre

---

[1] Manoel Ferreira Ribeiro, *Vias commerciaes dos Portuguezes em toda a Africa Central nos seculos XVI e XVII.*

o gentio e a lucta que, sob esse dominio, provocaram contra Paulo Dias e seus successores.

A côrte de Madrid, vendo que, d'esse modo, viria a acontecer o mesmo que no Paraguay, isto é, o dominio absoluto da Companhia, em prejuizo da corôa, revogou aquella medida; mas já nada pôde conseguir. A tutela dos Jesuitas estendeu-se a tudo e a todos; e, embora tivessem sido forçados a abandonar o dominio dos sovas, na essencia, cobertos com as armas espirituaes, eram elles que dominavam. Os proprios padres seculares não ousavam competir com a Companhia [1].

Em 1644, os Religiosos da Ordem Terceira trilharam tambem a praia de Angola, e fundaram um convento em Loanda. E, vinte e dois annos depois, o bispo D. Frei Simão de Mascarenhas descarregava o primeiro golpe nos Jesuitas, transferindo para a capital da provincia a Sé de Santa Cruz do Congo; ficando o prelado com o titulo, que ainda hoje usa, de bispo de Angola e Congo, e podendo prover as parochias em presbyteros da sua escolha, e crear outras, tambem dependentes da jurisdicção episcopal.

A sociedade, ferida no poder e no amor proprio, desistiu, então, de missionar, e dedicou-se a trabalhar para si, commerciando no resgate dos escravos e mercadorias e disfructando o privilegio que, em toda a parte, a eximia do pagamento

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. v, pag. 166 e seguintes.

dos direitos ao fisco; e por isso o governo, para acudir á falta de obreiros evangelicos, mandou, em 1627, fundar um seminario no Congo, onde fossem doutrinados doze moços naturaes da terra, e ordenou que se advertisse aos superiores da Companhia a obrigação que os religiosos residentes em Angola tinham de penetrar no sertão e de se occuparem da conversão das almas.

Em todo o caso, a par dos seus abusos, os missionarios reuniam conhecimentos d'agricultura, engenheria, medicina e outras sciencias, que applicavam. Foram elles que introduziram em Angola o café que trouxeram de Moka e differentes outras plantas, como o ananaz, a bananeira, a pitanga e diversas arvores de córte e madeira. Aprenderam a lingua bunda, em que traduziram o decalogo, e ensinaram o portuguez.

Por quasi toda a epoca, Angola estava cheia de vastos bosques e campinas inuteis; e, geralmente, só nos arredores das habitações e fortes se cultivava o milho e uma especie de painço muito miudo. A maior utilidade que se tirava de lá era o tributo dos escravos e o marfim, e n'isso consistia o seu principal commercio [1].

---

[1] Domingos Vandelli, *Memoria citada sobre a agricultura d'este reino e de suas conquistas*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. I.

Mas pelo decreto de 21 de fevereiro de 1720, foram enviados para essa colonia os ciganos e os judeus detidos em Portugal; e, por decreto de 25 de junho de 1754, deportaram-se tambem para lá os criminosos que fossem pedreiros ou carpinteiros, deportação que o governador Sousa Coutinho, em 1762, restringiu, attendendo á reclamação da gente honesta. E, toda essa população, fornecendo braços para o trabalho e para a colonisação, alguma coisa influiu na exploração da provincia, na segunda metade do seculo XVIII.

*

* *

Na provincia de Moçambique, fundaram-se muito cedo os presidios do Sena e Tete, e estabeleceram-se feitorias commerciaes em Inhambane, Lourenço Marques e Quilimane (1544). O proprio Lourenço Marques, que foi o primeiro portuguez que explorou essas terras, fundou com Antonio Caldeira a feitoria, tambem chamada de Lourenço Marques, e algumas casas commerciaes nas ilhas de Inhaca e dos Elefantes; e já então saía de Moçambique todos os annos uma nau a resgatar marfim, apezar dos frequentes naufragios [1].

Mas, apezar d'esses fócos de colonisação, foi

[1] Eduardo de Noronha, *O Districto de Lourenço Marques.*

principalmente a exploração mineira que provocou a attenção da metropole; porque a tradição representava Sofala com a antiga Ophir, e contava-se que o interior estivesse repleto de jazigos preciosos, concorrendo tambem para isso a noticia que Pero da Covilhã mandara para Lisboa, ácerca do ouro que do interior vinha a Sofala.

Convergindo assim a attenção geral para as regiões mineiras, no resto da costa, sómente se procuravam pontos de *étape* no caminho do Indostão. E por isso, no tempo de D. Sebastião, Francisco Barreto, primeiro governador d'essa colonia, foi com ordem de descobrir o Ophir e conquistar a Monomotapa, afim de conseguir o ouro e a prata, com que o rei contava para conquistar o imperio africano. A expedição gorou-se, e Francisco Barreto morreu em Tete. Vasco Homem, que lhe succedeu, pôde visitar e estudar o valle do Zambeze, mas voltou com a convicção de que as minas não compensavam o trabalho [1].

Então, perdida a esperança de se explorar productivamente ouro ou prata [2], abandonou-se tambem a exploração agricola, e mesmo a commercial, a não ser o trafico dos escravos, que eram tambem levados de lá, em grande quantidade, para o Brazil.

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 149.

[2] Mais tarde, em 1623, até a côrte mandou suspender a procura das minas. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 454.

A par d'isso, a guerra dos estrangeiros, a cubiça, lucta e revolta dos indigenas embaraçaram continuadamente o progresso d'esta colonia.

Já em 1527, appareceram uns navios francezes mas evitaram os nossos navios e os nossos portos de mar. Em 1585, o ataque dos Macuas ceifou muitas vidas. Em 1587 e 1589, os Turcos vieram atacar-nos; e, desde então ao fim do seculo, fomos tambem atacados pelos Cafres, Zimbos, Macuas e outros povos barbaros [1]. Em 1601, voltou uma outra expedição franceza ao Oriente, mas sem resultado, porque se perdeu nas Maldivas, e os Francezes só tornaram a apparecer na Africa oriental, no meado do seculo XVII. No fim do seculo XVI, appareceram a hostilisar-nos tambem os Inglezes, sob o commando do celebre Drake, e, pouco depois, tornaram novamente a apparecer, commerciando em pedras preciosas.

Mas os povos que, desde o principio, mais nos hostilisaram, causando grandes prejuizos, foram os Hollandezes. Em 1603, o seu atrevimento cresceu a ponto de irem cercar a fortaleza de Moçambique. Sendo repellidos, voltaram com maior força no anno seguinte; mas, ainda d'essa vez, foram infructiferos os seus esforços, porque Estevão d'Atayde, só com cento e cincoenta soldados, defendeu a fortaleza contra a esquadra de

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 151.

Paul Van Caerden [1] e perto de mil homens que elle desembarcou [2]; obrigando-os a reembarcarem, depois de terem soffrido grandes perdas de que elles se vingaram, incendiando a cidade e devastando as propriedades portuguezas no continente fronteiro á ilha.

Os Macuas do interior invadiram tambem por diversas vezes a peninsula do Mossuril, matando e destruindo tudo o que encontravam. Os Arabes e Zimbos ameaçavam egualmente o nosso dominio. E as guerras com Flandres, no tempo da nossa annexação á Hespanha, chamando para ahi a attenção dos Hespanhoes e provocando mais fortemente contra nós a má vontade dos Hollandezes; a destruição da esquadra invencivel que levou comsigo o melhor da nossa marinha; os abusos dos governadores de Moçambique, opprimindo os colonos, explorando em seu proveito os recursos da provincia, e deixando campear a desordem e a immoralidade; a derivação dos cuidados da metropole para o Brazil; e, finalmente, o procedimento das proprias missões: completaram a ruina de Moçambique.

Perdemos Ormuz, em 1622; Mascate, em 1650; as feiras do Ongoe e Dambarare na Macarangua, em 1693; e a fortaleza de Mombaça, em 1700. E os Inglezes, nossos alliados, pelo tratado

[1] Mousinho d'Albuquerque, *Moçambique*, pag. 23. — Rebello da Silva diz *Pedro Villemsz Verhoeven*.

[2] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. v, pag. 203, diz outros nomes e datas. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 280.

de 1661, senhores de Bombaim e Tanger, longe de nos auxiliarem, animavam os nossos inimigos, para nos expoliarem do que mais tarde veiu a ser uma parte do imperio britanico [1].

Todos estes factos e accidentes prejudicaram muito o desinvolvimento economico da colonia: tanto mais que a Africa offerecia pouco interesse aos navegadores portuguezes, preoccupados unicamente de desviar do Levante e de Veneza o trafico da India e de procurarem o celebre Preste João [2].

Como é natural, tambem as receitas publicas e os proveitos particulares se resentiam d'esse estado de coisas; o proprio commercio não era livre, antes representava um exclusivo das capitanias; e para cumulo do mal, o governo da metropole, embora com o pensamento de augmentar as receitas publicas, ordenou que fossem vendidos os cargos do Estado da India, e portanto das capitanias de Africa oriental, medida que teve consequencias desastrosas.

Para atalhar a tantos desastres, em 1671, tirou-se aos governadores o exclusivo do trafico em toda a provincia, a não ser em Rios de Sena, ficando livre o commercio para todos os portuguezes; mas, em contraposição, a prejudicar e embaraçar os effeitos salutares que deveriam resultar d'essa medida, estabeleceu-se na ilha uma

[1] Mousinho d'Albuquerque, *Moçambique*.

[2] S. Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*

alfandega, onde tinham de vir a despacho todos os generos exportados dos diversos pontos e as fazendas de importação de consumo para toda a colonia. Tres annos depois, ainda se arrancou aos governadores aquelle exclusivo do resgate em Rios de Sena, que passou para a corôa, sob a administração de uma junta especial; e, em 1686, foi abolida essa mesma junta, ficando livre todo o trato só para os nacionaes [1].

Tudo isso podia dar um certo desinvolvimento á colonia, mas infelizmente houve dois outros factos que fizeram um contraste deploravel: a permissão da saída dos escravos para o Brazil (1650), e a creação na India da Companhia dos Baneanes (1686).

Emquanto á exportação dos escravos, o governo adoptou essa medida, para acudir á falta de braços no Brazil, que a occupação de Angôla pelos Hollandezes, em 1637, cada vez tornava maior. Mas esse ignobil trato concorreu para despovoar o interior de Moçambique e estagnar o commercio sertanejo.

O governo da metropole tentou lançar, então, as verdadeiras bases de progresso da colonia, mandando para lá grande numero de colonos portuguezes; e, em 1677, foi a primeira remessa d'elles, em que iam artifices de todos os misteres, com mulheres convertidas e orfans, para ca-

---

[1] Lopes Lima, *obr. cit.* continuada por Francisco Maria Bordallo, vol. IV.

sarem. Mas por um lado, os esforços do governo n'esse sentido não passaram de factos isolados, apezar do brado constante dos capitães de Sofala e Moçambique; e, por outro lado, a creação d'aquella Companhia dos Baneanes concorreu para prejudicar todos os esforços da metropole [1].

Foi ella instituida pelo vice-rei Conde d'Alvor, com o exclusivo do trafico entre Diu e Moçambique, no proposito de reanimar o commercio d'aquella praça e augmentar as receitas do Estado. E, embora essa companhia fosse perdendo pouco e pouco os privilegios, até que se extinguiu, noventa annos depois da sua instituição, ainda assim, deu em resultado que os commerciantes asiaticos monopolisaram o commercio da nossa Africa oriental, durante o resto da edade moderna.

Se, no seculo XVII, ia assim resvalando para o abysmo o commercio de Moçambique, mais se accentuou a decadencia no seculo XVIII, pela inepcia, desmazelo ou perversão dos capitães, pela ignorancia dos empregados publicos, indisciplina das forças militares, augmento enorme da corrupção, e abuso das ordens religiosas, que tinham admittido em larga escala o elemento canarim e mulato, e que, faltando á sua missão, mercadejavam e exportavam negros, e provocavam por vezes graves complicações e revoltas perigosas. Os desastres succediam-se continuadamente.

---

[1] Lopes Lima, *obr. cit.*, vol. IV.

Mombaça, que fôra retomada, em 1725, com Pate e Zanzibar, perdeu-se definitivamente em 1729. Os Hollandezes e Inglezes disputavam entre si Lourenço Marques. Os Francezes negociavam e piratiavam livremente em Zanzibar e nas ilhas de Querimba. Não havia agricultura. A actividade mercantil quasi se resumia na exportação dos escravos, e no trafico dos Baneanes com Damão e Diu. Apenas em Manica se mantinha uma feira na posse dos Portuguezes; as outras estavam quasi que abandonadas. E a alfandega de Moçambique, unica de toda a costa, rendia trinta e nove mil e cem cruzados, que hoje poderão equivaler, com a grande depreciação de numerario, a cerca de oitenta contos de reis.

Em 1760, estabeleceu-se o aforamento dos prasos da corôa, e regulou-se a sua transmissão, por fórma a favorecer o estabelecimento dos Europeus na Zambezia e desinvolver a cultura. Mas a faculdade de vender os colonos como escravos tinha desviado os emphyteutas da agricultura, para se dedicarem ao trafico dos negros, menos trabalhoso e muito mais lucrativo; e isso inutilisou os effeitos a que mirava aquella medida [1].

Assim foi vivendo, ou antes vegetando esta provincia, até o fim do periodo de que estamos tratando. A historia posterior será tratada n'outro volume.

---

[1] Mousinho de Albuquerque, *Moçambique*.

*

* *

Na Africa oriental floresceram mais os serviços da Egreja. Já em 1540 a 1550, os Dominicanos evangelisaram o reino de Inhambane. Installaram-se em Tonge, sua capital, e baptizaram toda a familia real d'esse Estado. Em 1548, construiu-se um convento em Sena, e seis missionarios, tambem dominicanos, foram residir n'elle. Em 1560 [1], saíram de Gôa os primeiros Jesuitas, destinados áquellas regiões. Nove annos depois, outros religiosos do mesmo Instituto seguiram Francisco Barreto no descobrimento e conquista das minas. Entrando á sombra das armas portuguezas em Rios de Sena, reduziram-no á obediencia pela doutrina, como os conquistadores com a espada; e tão depressa e de tal fórma catechisaram os indigenas, que já Vasco Homem, successor de Francisco Barreto, teve de empregar a força, para conter os padres em respeito e poder visitar e estudar o valle do Zambeze [2].

Em 1577, os Dominicanos tambem edificaram em Moçambique o convento de Nossa Senhora do Rosario, que servia de asylo e agasalho aos padres que passavam do reino para a Asia e

---

[1] Ferreira Ribeiro, na *obr. cit.*, diz que foi em 1559.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V.

vice-versa. E, em 1612, o papa Paulo V separou a ilha de Moçambique e toda a costa oriental da Africa, desde o cabo Guardafui até o de Boa Esperança, do arcebispado de Gôa, e creou uma nova prelazia.

*

* *

Os missionarios, a principio e á proporção que foi crescendo o seu numero, deram começo ás suas peregrinações, subindo a corrente do Zambeze até o Monomotapa; fundaram templos, instituiram confrarias, pastorearam as egrejas do interior e estenderam a predica até á ilha de Madagascar.

Mais tarde, porém, os apostolos converteramse em negociantes, e escandalisaram a sua lei e a moral, escravisando cafres, mercadejando no sertão, adquirindo terrenos e explorando-os com avidez, concorrendo tambem, d'esse modo, para a decadencia da colonia [1].

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V. — Manuel Ferreira Ribeiro, *Vias Commerciaes dos Portuguezes em toda a Africa Central nos seculos XVI e XVII.* — Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias Portuguezas.* — Lopes Lima, *obr. cit.*

CAPITULO V

Portugal

A India: O que era a India, ao começar a epoca moderna. — As nossas descobertas e explorações, e os feitos gloriosos dos nossos soldados e capitães. — Os planos de D. Francisco de Almeida e Affonso de Albuquerque. — A nossa grandeza, no tempo d'este vice-rei. — Decadencia posterior e causas que a determinaram. — Influencia da Egreja e das missões. — Productos, industria e commercio. — Centros principaes.

Quando Vasco da Gama chegou á India, essa vasta região avultava na imaginação dos Portuguezes como o paiz maravilhoso das lendas e das riquezas.

Dizia-se que havia alli nove mil povos differentes e cinco mil cidades de primeira grandeza, entre as quaes se distinguia a celebre Nysa, que a tradição representava como a patria de Baccho [1]. Contava-se que, muitos annos antes de Alexandre Magno ter vencido o rei Poro, Rhanssés o Grande — o Sesostris dos escriptores gregos, conduzira á India uma grande armada, que, saindo

---

[1] Faria e Castro, *Historia de Portugal*, vol. IX, pag. 85 e seguintes.

do golfo arabico, salteou e conquistou muitas povoações, nas ribas do mar Erythreo [1]; que Semiramis tinha penetrado tambem n'essa região com seus exercitos; que, mesmo depois de Alexandre Magno, os Ptolomeus do Egypto, hellenisados, fizeram navegar as suas frotas mercantis, desde Myos-Hormos e Berenice, na costa occidental do mar Vermelho, até á India oriental, e chegaram tambem a Ceylão — a Taprobana dos antigos; que os rios arrastavam ouro nas correntes, e o mar coroava de aljofres e pedras preciosas as costas onde espraiava as suas ondas; e, finalmente, que um poderoso monarca, o Preste João das Indias, ahi professava o christianismo [2].

E a tudo isso, que a lenda levantava perante os olhos da Europa como visão deslumbradora, accrescia a informação dada pelo rei de Benim, que veiu a Portugal no tempo de D. João II, e aqui se fez christão [3], e que mais despertara no monarca o desejo de descobrir as Indias [4].

Esta vasta região dividia-se em tres partes: o imperio do Mogol, e as duas peninsulas separadas pelo golfo de Bengala.

---

[1] Latino Coelho, *Vasco da Gama*, vol. I, pag. 236.

[2] Latino Coelho, *obr. cit.*

[3] Sebastião José Pedroso, *Resumo historico ácerca da antiga India Portugueza*. — Gaspar Corrêa, *Lendas da India*. Alguns escriptores dizem que não foi o rei de Benim, mas um seu embaixador, que veiu a Portugal. — Major, *Vida do Infante D. Henrique*.

[4] Faria e Castro, *obr. cit.*, vol. IX, pag. 85 e seguintes.

Na peninsula d'aquem do Ganges, comprehendiam-se, na parte occidental, os reinos de Golconda, Visapur, Decan [1], Onor, Barcelor, Canará, Cambaya, Calicut, Coulão e outros; e, na parte oriental ou costa de Coromandel, Negopatan, Meliapor, S. Thomé, Bisnagar, Narsinga, Orixa e outros. Na peninsula d'além do Ganges, havia os reinos de Ava, Pegu, Arracan, (o antigo Estado dos Brahmas), a Cochinchina, Tonquim, Martabão e Sião.

Depois da primeira expedição de Vasco da Gama, não se pensou ainda em crear na India um imperio colonial ou sujeitar ao nosso dominio os regulos da costa, conquistando o territorio. Mas cuidou-se, desde logo, em aproveitar o commercio d'essa região; e, por isto, a segunda esquadra, a de Pedro Alvares Cabral, levou ordem de tratar amizade com o Samorim de Calicut [2], para fundar, em logar commodo do seu Estado, uma feitoria para o commercio portuguez. E, de facto, elle a pôde fundar.

D. Manuel resolveu então mandar á India to-

---

[1] Goa constituia uma soberania tributaria do Decan. Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. III, pag. 321. — Latino Coelho, *Vasco da Gama*, vol. I, pag. 267.

[2] O titulo de Samorim correspondia ao de imperador, com respeito aos outros monarcas. Gaspar Correia, *Lendas da India*, vol. I, pag. 177. — Quasi todos os regulos da região malabar eram vassallos do imperador de Calicut, e lhe pagavam pareas. Jeronymo Osorio, *Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel*, traduzido do latim por Francisco Manoel do Nascimento, vol. I, pag. 101.

dos os annos uma esquadra que dilatasse o evangelho, fizesse respeitar as armas portuguezas, e podesse garantir o nosso trafico [1].

A ambição do territorio começou logo a avassallar os espiritos; e, d'ahi por diante, a gloria das nossas armas, a extensão do nosso commercio e a preponderancia do nosso nome, caminharam tão rapidamente e assumiram tal grandeza, que o mundo inteiro ficou assombrado.

Assim, Vasco da Gama, na segunda viagem, em 1502, fez tributario o rei de Quiloa, e estabeleceu feitorias em Cochim e Cananor.

Em seguida, os dois irmãos Francisco de Albuquerque e Affonso de Albuquerque fizeram levantar uma tranqueira em Cochim, e tornaram tributario o rei de Zanzibar.

Affonso de Albuquerque voltou ao reino, mas deixou Duarte Pacheco a guardar aquella tranqueira, unicamente com cento e cincoenta homens, seis caravellas e um navio. E este capitão, n'um heroismo nunca excedido, dispondo apenas d'esse punhado de homens, desbaratou na primeira batalha os exercitos reunidos do Samorim de Calicut, dos reis de Fanos, Bipur, Cotagam e Curiga; e, depois, n'outros combates successi-

[1] Em 1501, celebrou D. Manuel diversos conselhos com os homens mais entendidos, sobre a vantagem de se proseguir na conquista do Oriente. E, embora se apresentassem muitas opiniões e argumentos para se desistir do intento, a opinião contraria prevaleceu no animo do rei. — Gaspar Correia, *obr. cit.*, vol. I, pag. 233 e 234.

vos, venceu por differentes vezes o mesmo Samorim e o rei de Ripelin, que tinham muitos milhares de homens e muitas centenas de paráos sob o seu commando [1].

Mas a conservação e desinvolvimento do nosso commercio, como D. Manuel o resolvera, demandava o estabelecimento de feitorias permanentes e respeitadas; a conservação de feitorias demandava a construcção de fortalezas; a conservação de fortalezas demandava a occupação de differentes postos, na costa e nas situações mais apropriadas, que podessem auxiliar-se e acudir-se mutuamente; e tudo isto exigia a nomeação de um governador geral que imprimisse uma direcção unica, e estabelecesse a disciplina e subordinação geral no commando.

Por isso, D. Manuel resolveu nomear como vice-rei da India a D. Francisco de Almeida, dando-lhe logo ordem de construir uma fortaleza em Quiloa, outra em Cananor, uma terceira em Cochim, e uma quarta em Angediva.

De facto, logo na passagem, construiu elle a fortaleza de Quiloa; tomou depois a cidade de Mombaça, fazendo tambem tributario o respectivo reino (1505); fundou as fortalezas de Angediva, Cochim e Cananor; e destruiu a armada de Samorim, que estava ajudado das naus de Meca e

---

[1] Jeronimo Osorio, *obr. cit.*, vol. I. — Paráos eram as embarcações da India. — Rodrigo de Lima Felner, *Subsidios para a Historia da India Portugueza.*

dos Musulmanos. Para vingar a morte de seu filho Lourenço de Almeida, morto pelos Rumes[1] que tinha feito tributario o reino de Ceylão e assombrado a Asia com a sua heroicidade, incendiou Dabul e differentes cidades da costa, e aniquilou as esquadras reunidas dos mesmos Rumes e de Diu, Chaul e Calicut, enchendo o mundo inteiro com o deslumbramento da sua gloria, alliada á firmeza da sua justiça.

A D. Francisco de Almeida seguiu-se como vice-rei Affonso de Albuquerque.

O plano do primeiro fôra todo commercial, tendo por base a alliança com os povos indigenas, com fortes armadas a proteger esse commercio, e com estabelecimento de simples feitorias; e tudo isso, sobredoirado pelo influxo da justiça e da honestidade. Mesmo a construcção das fortalezas já não entrava no seu systema.

De harmonia com as suas ideias, o seu procedimento foi o de um homem equitativo, recto e bondoso. Só, quando a morte do filho lhe encheu o coração de azedume e o abrazou na sêde da vingança, é que a sua alma se tornou biliosa e aspera. E, se as instrucções do rei, as hostilida-

---

[1] Os Rumes eram guerreiros atrevidos que, da Turquia ou do Egypto, se expediam em armadas pelo estreito do mar Vermelho contra os Portuguezes, e que tambem andavam por outras partes ao serviço das armas, por mar e por terra, em partidas mais ou menos numerosas. — Sebastião José Pedroso, *obr. cit.*, pag. 114. O nome derivava de Rumeli, uma das familias turcas.

des dos povos indios, os accidentes das guerras e a vertigem da gloria militar e conquistadora que empolgava os Portuguezes, levou tambem por vezes esse primeiro vice-rei na corrente guerreira, no fundo, o seu pensamento dominante foi governar pela justiça e amizade dos povos, e estender o nosso commercio á sombra da paz.

Era o sonho d'um heroe visionario, mas irrealisavel. A competencia mercantil, qualquer que fosse o procedimento dos nossos governadores, e por mais allianças que se estabelecessem no principio com os regulos da costa, havia de trazer, desde logo, como trouxe, a rivalidade dos Arabes, dos Mouros, dos Egypcios, dos Italianos e dos proprios indigenas; e, sem estabelecimentos fortificados e duradouros na costa que podessem servir de abrigo ás nossas esquadras e defeza permanente ao nosso commercio, este depressa nos fugiria, e depressa nos seriam fechados os mares do oriente.

Por isso, Affonso de Albuquerque traçou outro plano, que peccava por exagerado, como o do seu antecessor peccava por modesto; mas cujo pensamento ainda reluz no céo da historia, como uma das mais portentosas concepções do espirito humano.

Esse plano foi crear na India um imperio colonial, tomando, como sentinellas e reductos principaes, as cidades mais importantes d'essa vasta região, no centro e nas extremidades.

Com um milhão e meio de habitantes na metropole, sómente um genio colossal poderia ar-

chitectar e realisar em vida a execução d'essa portentosa ideia.

É certo que não podiamos conservar uma tal situação, pela grande distancia d'essa regiao e pela pequena população e recursos do reino; e que mais avisadamente andaria Albuquerque, limitando as suas ambições a menor porção da costa, ou mesmo simplesmente aos pontos commerciaes onde as circumstancias melhor favorecessem a conservação e concentração do nosso dominio. Mas, ainda assim, o que temos na India, devemol-o, sem duvida, ao genio d'esse heroe.

Illuminado pelo seu pensamento e arrastado como um fanatico pelo ideal do seu plano, Affonso de Albuquerque, tendo partido de Portugal n'uma armada commum com Tristão da Cunha, e tendo tomado, juntamente com elle, varias cidades da costa oriental da Africa, taes como Oja, Brava e Socotorá, separou-se depois do companheiro, para seguir o seu proprio destino.

Os portos de commercio mais apropriados ao seu intento, e que, ao mesmo tempo, abrangiam a Asia meridional nos seus pontos mais importantes, eram Aden, Ormuz, Goa e Malaca.

Aden, emporio do commercio oriental que seguia a via maritima do mar Vermelho, estendia uma das mãos á Syria, Asia Menor e Egypto, e outra aos Italianos, seus intermediarios no trafico indirecto com a Europa.

Ormuz, rochedo arido, transformado em cidade, era o centro das transacções com a Persia, Mosopotomia e Armenia; e, ao mesmo tempo, a

escala onde paravam as mercadorias indianas que, pelo seu pequeno volume e grande valor especifico, admittiam o transporte por terra até Constantinopla [1].

Goa era a cidade mais importante da India: e o seu trafico directo abraçava a costa do Malabar até o cabo de Comorim [2].

E Malaca era dez vezes mais rica do que Veneza. N'ella concorriam especialmente o cravo das Molucas, a massa e noz de Sunda, o sandalo de Timor, a camphora de Borneo, o ouro, a prata de Lequios, as drogas e especiarias aromaticas, as manufacturas da China, Sião, Java, e de muitas outras regiões da Asia e Oceania.

Mas estes mesmos productos, os estofos de Bengala, os rubis e lacre de Pegu, o aljofre e perolas de Manar, os diamantes de Narsinga, a canella e pedrarias de Ceylão, a pimenta e a gengibre, e, em summa, todos os productos orientaes trasbordavam nos mercados de todas essas cidades.

Albuquerque levava comsigo apenas seis navios, tripulados por quatrocentos e cincoenta homens, e tinha, na mente, o projecto de conquistar um mundo! Hoje mal se concebe tão espantoso arrôjo.

Pois, apezar das poucas forças de que dispunha, seguiu logo para Ormuz.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 441.

[2] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 425.

Esta cidade tinha por guardas avançadas Calayate, Curiate, Mascate, Orfanate, Soar (Silhar), que obedeciam tambem ao soberano de Ormuz.

Albuquerque surgiu como um raio defronte da primeira, que se humilhou perante elle, e tomou e incendiou Curiate, que lhe quiz resistir; saqueou e incendiou Mascate, passando ao fio de espada os seus defensores, para os castigar da resistencia e para aterrar os habitantes de Ormuz. Avassallou Soar; tomou e castigou Orfanate; e caiu em cima de Ormuz (1507), a grande e portentosa cidade, em cujo porto se accumulavam navios de todo o oriente, e que tinha a defendel-a sessenta naus, duzentas galeras e infinidade de ferradas [1].

Deslumbrando-a com o fogo da sua artilheria, tomou-a com a heroicidade dos seus capitães; e obrigou o rei a pagar annualmente quinze mil seraphins d'ouro [2] para D. Manuel e cinco mil para as despezas da armada, e a consentir o levantamento de uma fortaleza, no sitio que mais conviesse a Affonso de Albuquerque.

Pouco depois, a deserção de alguns dos seus capitães fez-lhe abandonar a conquista; mas seguiu-se a de Goa (1510). Perdida pouco depois

---

[1] Chamavam-se *ferradas* as embarcações de Ormuz. — Lima Felner, *Subsidios para a Historia da India Portugueza.*

[2] Os serafins ou xerafins d'ouro de Ormuz, valiam 300 reis. Havia tambem serafins de Cochim, que valiam 360 reis, e de Aden, igualmente do valor de 360 reis. — Lima Felner, *obr. cit.*

esta cidade, Affonso de Albuquerque retomou-a definitivamente no mesmo anno, a que se seguiu a tomada de Bombaim, em 1511. Amedrontou o rei de Cambaya. Emprehendeu depois a tomada de Malaca. Em seguida, tomou Singapura, e voltou ao mar Vermelho, para completar o seu plano.

Ahi tentou tomar Aden; e, embora o não conseguisse, percorreu todo o mar, fazendo tremular a sua bandeira nos portos do Egypto e da Arabia, e tentando até desviar o curso do Nilo, para arruinar e castigar os Egypcios, irreconciliaveis inimigos dos Portuguezes. Realisou por fim a conquista de Ormuz (1514); e obrigou o Samorim a consentir o levantamento de uma fortaleza em Calicut.

Estava acabada a sua obra. Portugal tinha na sua mão tres das grandes chaves do Oriente. Ao centro do nosso dominio, em Goa, acudiam os embaixadores da Persia, de Sião, de Pegu, de Narsinga, de Cambaya e de Bijapur, emfim de quasi todos os Estados orientaes; e o nome de Portugal eccoava por toda a parte. Ao mesmo tempo, D. Manuel deslumbrava a Europa inteira com o fastigio da sua opulencia. O esplendor da embaixada que elle mandou a Roma, maravilhou a propria egreja. Lisboa era o mercado do mundo inteiro; o Tejo, o collector do commercio universal. Estava completa a obra do Semi-Deus. Podia descansar. E o dia 16 de dezembro de 1515 marcou o principio do seu somno eterno.

Portugal chegara ao apogeo da sua gloria co-

lonial [1]. Mas a decadencia ia começar com os successores de Albuquerque, embora o prestigio das nossas armas continuasse, por bastante tempo, imperando nos povos indigenas.

Com effeito, Lopo Soares d'Albergaria, que succedeu a Affonso de Albuquerque, enviou Fernão Peres de Andrade a devassar os mysterios do vasto reino da China; e este, passando pela ilha de Sumatra, obteve do sultão de Pacem a construcção de uma fortaleza no seu reino. Arribou depois á Cochinchina, e de lá foi ter a Cantão, estabelecendo relações amigaveis com os mandarins.

O vice-rei, para combater as armadas do Egypto, incendiou Zeila na costa da Ethiopia; estabeleceu de novo a dominação portugueza na ilha de Ceylão, a que já Lourenço de Almeida aportara; e construiu uma fortaleza em Quilon ou Coulam e outra em Colombo.

Mas, em todo o seu governo, procedeu sem plano formado; e, desde então, a moralidade dos nossos costumes começou a decaír, ao passo que a desordem da nossa administração e os erros dos nossos capitães augmentavam successivamente.

---

[1] Mesmo economicamente fallando, orçava por vinte mil quintaes só a pimenta que vinha cada anno da India, produzindo o melhor de um milhão de cruzados. E quanto á metropole, os rendimentos fôrros de toda a despeza, attingiam duzentos contos. — Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. II, pag. 20.

Com o successor de Lopo Soares d'Albergaria, Diogo Lopes de Sequeira (1518), aconteceu a mesma coisa.

Um dos seus companheiros, Antonio Corrêa, tomou as ilhas de Bahrein; outro dos seus capitães, Diogo Fernandes de Beja, fundou a fortaleza de Chaul; e, pelo seu lado, o vice-rei conseguiu fundar outra fortaleza em Pacem.

Garcia de Sá, em 1521, estabeleceu negociações com as Molucas, e conseguiu a construcção de uma outra fortaleza, no territorio do sultão de Ternate.

Antonio de Brito, em 1522, derrotou o sultão de Tidor [1].

Mas os Indios atacavam-nos de toda a parte. O prestigio das nossas armas decaía, e a moralidade dos nossos soldados, capitães e governadores desapparecia cada vez mais, quando D. João III, a vêr se punha côbro a tal desordem e decadencia, nomeou vice-rei a Vasco da Gama. Este esforçou-se, realmente, por cohibir os abusos, com toda a sua energia; mas a morte não o deixou, porque falleceu ao cabo de tres mezes de governo.

Depois, Henrique de Menezes venceu e humilhou novamente o Samorim; varreu os corsarios que infestavam os nossos dominios; e queimou Panane e Coulete. Lopo Vaz de Sampaio tomou e incendiou a cidade de Porká. Pedro de Masca-

---

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 115.

renhas, em 1526, venceu o rei de Bintam. Diogo da Silveira arrazou completamente Mangalor, Heitor da Silveira fez tributario o scheick de Aden (1530), e, juntamente com Nuno da Cunha, tomou a ilha e fortaleza de Beth. O mesmo Nuno da Cunha construiu uma fortaleza em Chale, terra situada entre Calicut e Cochim, para substituir a de Calicut, mandada arrazar por Henrique de Menezes. Tomou e arrazou Baçaim, e conseguiu por fim o levantamento da fortaleza de Diu (1535), tão appetecida e recommendada por D. Manuel e D. João III, a que logo se seguiu a tomada da cidade; e, tambem sob o governo d'elle, Martim Affonso tomou a ilha de Repelin [1].

Antonio Galvão, em 1536, venceu, em frente de Tidor, os sultões orientaes, combinados contra nós [2]; e em 1541, D. Estevão da Gama enviou uma embaixada á Abyssinia, estabelecendo assim relações com esse paiz [3].

Mas a decadencia do nosso prestigio era cada vez maior, quando, em 1545, D. João III, para remediar o mal, nomeou como vice-rei a D. João de Castro [4]. Dotado de uma seriedade e rigidez de caracter inquebrantavel, o seu governo não se

---

[1] Sebastião José Pedroso, *Resumo Historico ácerca da Antiga India Portugueza*.

[2] Este capitão já aventou a ideia de rasgar o isthmo do Panamá. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 171.

[3] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. IV.

[4] *Historia de Portugal*, da Empreza Litteraria de Lisboa, vol. III, por Alberto Pimentel, pag. 345.

assignalou por novas conquistas, nem por importantes reformas ou fecundas iniciativas; mas brilhou por uma firmeza a toda a prova nos negocios da guerra, por um sentimento vivissimo da honra da bandeira, por uma lisura quasi sem precedentes, por uma honestidade austera e nobre, e pelo cumprimento inalteravel da justiça. E comtudo, apezar de todas essas qualidades, só pôde suspender temporariamente, nos tres annos do seu governo, a ruina da nossa dominação [1].

Não nos propomos escrever a historia minuciosa da India, mas sómente resumir o movimento economico d'essa colonia; e por isso não podemos levar até o fim esta exposição politica. Apontaremos apenas que, em 1557, conseguimos do governo chinez a fundação de um estabelecimento em Macau, pelo serviço que lhe prestámos, varrendo os corsarios que infestavam a costa, e que, n'esse mesmo anno, demos começo á fundação da cidade que ahi possuimos.

Embora o imperio portuguez tivesse no seio os elementos da ruina, ainda comprehendia n'esse tempo a cidade de Ormuz com uma cidadela e uma feitoria: as ilhas de Bahrein, e o excellente porto de Mascate, na Arabia Feliz. Tinhamos Diu, Damão e Gôa. Obedeciam ao nosso poder as costas do Industão, como tributarias ou alliadas, desde o golfo de Cambaya até o cabo de Comorim. Uma linha de fortalezas subjugava Ceylão.

---

[1] Sebastião José Pedroso, *obr. cit.*

Tinhamos, na costa de Coromandel, Negapatan e Meliapor. E possuiamos tambem Malaca no sueste da Asia e na entrada da Oceania.

Não tinhamos estabelecimentos nos reinos de Pegu e Sião, mas gosavamos lá de grande influencia. Exerciamos plena auctoridade nas Molucas e Celebes, e tinhamos differentes feitorias nas ilhas de Sonda, em Sumatra, Java e Bornéo. Na China, depois de termos perdido Liampó ou Ning-Pó, colonia rica, tinhamos obtido, como já notámos, a cessão de Macau. Haviamos alcançado entrada e trato lucrativo no Japão. E tinhamos tambem, na Africa oriental, Sofala, Monomotapa, Moçambique, Quiloa, Melinde e a ilha de Socotorá [1].

Ainda no tempo de D. Sebastião, a India portugueza, posto que declinando, conservava intacto o brilho das suas armas, e inteiro o respeito do nosso nome. Ainda então, D. Luiz d'Athayde, depois conde de Athouguia, quasi tão grande militar como Albuquerque, em 1571, arrostou a liga dos potentados da Asia, venceu todos os inimigos, e entregou incolume o imperio ao seu successor, o primeiro vice-rei nomeado por Filippe I, D. Francisco de Mascarenhas, conde de Santa Cruz, que fez abrazar Coulete, ninho de piratas, e destroçou os Mogoes.

E ainda depois d'isso, no mar Vermelho, o rei

---

[1] Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, vol. III, pag. 164.

de Lara expiou em Xamel as hostilidades contra Ormuz, e o rei de Achen soffreu um aspero castigo, por ter renovado a porfia contra Malaca.

Em 1584 a 1585, D. Duarte de Menezes venceu *o naique*[1] de Sanguiescer, e derrotou o rajáh de Ceylão. No mesmo vice-reinado de Duarte de Menezes, D. Paulo de Lima, um dos mais extremosos e ditosos capitães d'aquelle tempo, libertou Malaca, levou d'assalto a cidade de Jor, a despeito das suas torres e baluartes, e dos Jaus e Malaios aguerridos que a guardavam, e dos reis de Tingale, de Dragut e de Campar que os commandavam[2].

A par d'isso, em 1597, o ultimo rei de Ceylão legara por testamento aos Portuguezes todas as suas terras, constituindo-os senhores absolutos d'ellas, menos os reinos de Condea e Uvá, que eram de sua mulher, e o de Jafanapatam, que obedecia a um soberano natural. E os proprios reis de Condea e Jafanapatam foram em seguida feitos tributarios[3].

Mesmo nas duas primeiras decadas do seculo XVII, os nossos capitães sustentaram nos mares e nos presidios o peso das armas dos barba-

---

[1] A palavra *naique* designava um rei tributario d'outro soberano indiano. — Leonardo Paes, *Promptuario das Deffinições Indicas*, pag. 81.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 65.

[3] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 179. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 291 e seguintes.

ros e os assaltos repetidos das esquadras da Hollanda e Inglaterra.

Mas a nossa grandeza tinha assentado tanto no brilho militar e heroicidade dos nossos guerreiros, como na fé e patriotismo dos nossos cidadãos, na integridade dos nossos costumes, na rigidez da nossa administração, no respeito dos indigenas, na falta de concorrencia dos outros povos europeus, e na alliança de muitos regulos indianos. E tudo isso foi desapparecendo, logo depois de Affonso d'Albuquerque, ao passo que se foram amontoando e accentuando, cada vez mais, outras differentes causas da nossa decadencia, taes como a corrupção dos soldados; o peculato e cubiça dos capitães; a insaciavel sêde de ouro, predominando sobre todos os sentimentos e trazendo, como consequencia, o roubo dos indigenas e até a pirataria a que os nossos se entregavam [1]; as desordens por causa da successão dos governos; a insufficiencia do alimento e vestuario dos soldados e marinheiros; a falta ou demora no pagamento dos soldos, dando logar á má vontade e rebellião, e provocando a relutancia nas batalhas; a deslealdade para com os regulos e as crueldades para com os indigenas, que indispozeram os habitantes contra o nosso dominio, e encheram toda a Asia de indignação contra o nosso procedimento; a dissolu-

[1] Essa pirataria requintou no governo de Martim Affonso.

ção da magistratura; o luxo exagerado nos grandes, despertando a ambição immoderada de dinheiro e sacrificando a dignidade; o abuso das missões de que fallaremos em logar proprio; e os desastres da nossa marinha [1].

Por outro lado, a corôa começou a despachar os homens novos, pondo de lado os velhos e os mais carregados de serviço, e a querer que se levantassem fortalezas em todos os logares que podessem ser occupados como chaves de navegação.

Affonso d'Albuquerque estabeleceu, é certo, um grande imperio, mas concentrado em poucos pontos — Malaca, Ormuz e Goa, como essenciaes para a conservação do nosso dominio mercantil e maritimo; e o seu genio a tudo suppria. Os seus successores, porém, multiplicaram sem vantagem as fortalezas; e assim concorreram tambem para a nossa decadencia, porque não tinhamos soldados para as defendermos, e porque a população idonea cada vez escasseava mais no reino, pelas sangrias das colonias, a que se juntou a derrocada de Alcacer-Kibir. A propria preponderancia commercial de Lisboa ia declinando, e com ella o movimento do commercio asiatico.

Sobreveiu então o governo da casa de Austria; e Filippe I, em guerra com a Hollanda, fechou-

---

[1] Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, vol. III, pag. 433. — Diogo do Couto, *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia*. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III e V.

lhe todos os portos da peninsula. Foi um golpe rude para os Hollandezes, que não conheciam ainda o caminho maritimo da India, e que se vinham fornecer dos productos orientaes ao porto de Lisboa. Mas um seu compatriota Cornelius Hautmann, preso em Lisboa para o pagamento d'uma avultada multa, estudara todas as circumstancias da viagem e todas as particularidades do commercio portuguez na India. Quando se julgou bem instruido, escreveu aos armadores de Amsterdam, propondo orientál-os de tudo o que sabia, se quizessem pagar-lhe aquella multa e soltal-o; e, sendo acceite esse offerecimento e resgatada a divida, conduziu realmente á India, em 1596, a primeira expedição da sua patria [1].

D'ahi por diante, os Hollandezes, que já nos incommodavam nos outros mares, foram guerrear-nos tambem na India; atraz d'elles, seguiram os Inglezes; e a rivalidade e competencia d'esses povos acabou a nossa ruina.

O deploravel systema adoptado, em 1615, por Filippe II de pôr em hasta publica o provimento das capitanias, tambem augmentou a desordem, embora essa medida, pelo clamor que produziu, fosse revogada, passados dois annos [2]. E quando aquelle rei falleceu, a decadencia era completa.

Os inimigos cada vez se mostravam mais for-

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 140. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 202. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 283.

tes e poderosos, e os meios de os repellir cada vez eram mais escassos. As proprias luctas civis não eram menos crueis que as guerras de fóra.

Em 1603, tinhamos perdido o Pegu que Salvador Ribeiro[1] entregara ao rei de Portugal; em 1615, as Molucas; em 1621, Queixomil; e em 1622, Ormuz. Em 1641, os Hollandezes tomaram-nos Malaca; em 1652, o Cabo; e, em 1656, expulsaram-nos de Ceylão. Vendo-nos recuar, os regulos voltaram-se para elles e para os Inglezes. Os piratas malaios atacavam-nos por toda a parte; e os nossos soldados e navios escasseiavam para nos defenderem, especialmente, depois da perda de duas armadas mandadas á India, em 1623, e da destruição da *armada invencivel,* que levou a flôr dos nossos marinheiros e dos nossos navios[2].

Apezar d'isso, ainda no tempo de D. João IV, conservavamos na Africa oriental Moçambique, Mombaça e Sofala. Tinhamos perdido, porém, a ilha e cidade de Ormuz. E, embora possuissemos Mascate, porto principal da Arabia Feliz, e Diu, collocada n'uma posição admiravel para dominar a navegação da Arabia, da Persia e do Industão, a queda de Ormuz fôra um golpe de que o nosso imperio nunca mais se restabeleceu.

Além d'isso, Portugal occupava Damão na costa de Cambaya, centro do commercio do

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 205.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V.

arroz, e Baçaim, afamada pelas madeiras de construcção, ambas com as suas dependencias. No Malabar, tinhamos as peninsulas de Salsete e Bardez; e Cananor, Barcelor, Manganor, Cangranor, Dabul, Cochim e Coulão reconheciam tambem a corôa portugueza.

Na costa de Coromandel, Meliapor, reedificada, recordava ainda a antiga prosperidade, muito reduzida, comtudo, depois de paralisado o commercio do golfo de Bengala pelos navios da Hollanda.

Em Ceylão, a cidade de Columbo e o reino de Jafanapatam obedeciam ás nossas armas; porém os Hollandezes haviam-se apoderado de Batticaló, Triquimalé, Nigumbo e Galle. Tinhamos no mar da China Macau, e na Oceania, a ilha de Timor [1]. E no meio dos revezes e no periodo d'essa decadencia, ainda, de tempos a tempos, brilhara e continuou a brilhar a gloria das armas portuguezas.

Assim, em 1620, Ruy Freire construira uma fortaleza em Queixome, e destroçara e abrazara a armada do rei da Persia, defronte de Ormuz. E, se perdeu Queixome, pela grande superioridade do shah, ao cabo de nove mezes de sitio, deixou assignalado o seu commando como sendo uma das paginas mais gloriosas dos feitos militares.

---

[1] Conde da Ericeira, *Portugal Restaurado,* vol. I, parte I, liv. III, pag. 153 e seguintes. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV.

Em 1628, Nuno Alvares Botelho ganhara sobre o Achem a mais completa victoria do nosso dominio asiatico.

Em 1713, José Pereira de Brito, por ordem de Vasco Fernandes Cesar de Menezes, destruiu, com grande desproporção de forças, o rajah de Kanará, tomou Barcelor, invadiu Kalianapor, queimou Molequin e bombardeou Mangalore [1].

Em 1717, D. Lopo José d'Almada reduziu a cinzas a cidade de Porpatane; João Saldanha da Gama, em 1728, reconquistou Mombaça, embora a conservassemos apenas por dois annos; e, em 1746, o marquez de Castello Melhor tomou Alorna, Bicholin, Avara, Tyracol e Balli.

Todos os lampejos temporarios, porém, que faziam resplandecer por intervallos a nossa antiga gloria, não serviram senão para dourar a nossa ruina e alumiar o abysmo da nossa decadencia. Os reis de Castella, desinteressando-se do nosso dominio ultramarino e provocando contra nós a guerra dos Hollandezes e Inglezes [2], tinham preparado a nossa ruina, por fórma que nem mesmo o Marquez de Pombal lhe pôde valer.

E, embora este, em 1763, accrescentasse definitivamente á corôa portugueza as Novas Conquistas, a saber: Pondá, Canácona, Bicholin, Satary, Pernem, Astragar, Balli, Embarbacem, Chandarovady e Cocorá, aquella ruina era inevi-

---

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. VII, pag. 99.

[2] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, pag. 320.

tavel. Só nos restaram as possessões que ainda conservamos.

*

* *

Emquanto á ilha de Timor, Affonso de Albuquerque, tendo conquistado Malaca, resolveu apoderar-se das Molucas, e incumbiu a tomada d'ellas a Antonio d'Abreu. Os navios d'este capitão deram fundo em Solor, que ficou sendo o porto d'escala para as embarcações que de Malaca ou da India se dirigiam ás Molucas; e brevemente ahi se estabeleceram os missionarios, bem como, em Larantuka, na ilha das Flores, onde poderam levantar uma fortaleza, começando essas ilhas a considerar-se, pouco a pouco, sob o dominio portuguez.

Acudiam a Larantuka os indigenas de Timor, com pau sandalo, que trocavam pelos productos da nossa industria; e essas relações deram em resultado que, em 1630, os Portuguezes se estabeleceram em Timor, tambem pela acção dos missionarios [1].

No meado do seculo XVII, os Hollandezes arrancaram-nos uma parte da ilha, estabelecendo-se em Cupang. Ao mesmo tempo, o governador da India nomeara para essa possessão, que estivera até ahi exclusivamente debaixo do poder

---

[1] Affonso de Castro, *As Possessões Portuguezas na Oceania*. — Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*.

dos padres, Antonio Coelho Guerreiro, como governador, ao qual se succederam outros governadores. E, no tempo d'um d'elles (1731), Jacob Moraes Sarmento, houve uma revolta dos negros, que foi suffocada. Ainda depois d'isso, houve uma serie de revoltas e luctas com o gentio, até que um dos seus governadores, Fracisco Ornay, em 1769, tomou a deliberação de abandonar e incendiar a antiga capital Lifão e estabeleceu-se em Dilly, que, assim ficou sendo a nova capital do dominio portuguez nas Molucas, provida d'uma enseada magnifica, e situada, além d'isso, n'uma provincia, onde os regulos reconheciam mais fielmente o nosso dominio.

Essa ilha abundava em sandalo, cêra, algodão, tabaco, arroz, milho grosso, feijão, canella grossa, gengibre, açafrão, pimenta e sal.

*

* *

Quando os Portuguezes chegaram á India, encontraram estabelecidos nas costas do Malabar os christãos de S. Thomé, chamados *Thomistas*, que pertenciam á seita dos Chaldeus Nestorianos, e que formavam uma população de vinte mil almas. Condemnavam as imagens, tinham horror pela confissão auricular, e diziam que os seus principios religiosos eram devidos ao apostolo S. Thomé. Mas, em 1500, na esquadra de Pedro Alvares Cabral, já foram alguns frades, e já D. Manuel recommendou áquelle capitão que, ao

lado da feitoria de Calicut, fundasse uma egreja, para os padres da armada celebrarem os officios divinos.

Na esquadra de D. Francisco de Almeida, foram tambem alguns sacerdotes. Em 1509, existia já em Socotorá um pequeno mosteiro de Franciscanos, cujos membros falleceram todos, pela insalubridade do clima, excepto dois. E, quando, em 1510, Affonso de Albuquerque tomou Goa, um Dominico, chamado Frei Rodrigo Homem e muitos Franciscanos, caminharam ao lado d'elle, de cruz alçada. Obtida a victoria e sagrada a mesquita do Hidalcão, o vice-rei a doou aos mesmos Franciscanos para a sua residencia, que ahi se conservaram até 1521, quando terminou a construcção d'um mosteiro privativo.

Em 1530, foi nomeado vigario geral de Goa o Padre Miguel Vaz, que derrubou os templos brahmanicos, fundou um collegio religioso na mesma cidade, e espantou os proprios conquistadores, pelo ardor do seu zelo; e, em 1533, foi creado o bispado, que mais tarde, em 1557, foi elevado a arcebispado.

Em 1542, entrou na India S. Francisco Xavier, e, no anno seguinte, outros Jesuitas o seguiram [1].

---

[1] D. João III pediu ao Papa Paulo III que lhe enviasse alguns Jesuitas, para missionarem a India. O papa recommendou essa pretensão a Ignacio de Loyolla, mas este só pôde enviar ao rei de Portugal dois Jesuitas, que foram Simão Rodrigues e Francisco Xavier. O primeiro ficou no reino, e Francisco Xavier seguiu para o Oriente.

Aquelle apostolo empregou, desde logo, o maior zelo não só em doutrinar as gentes e espalhar a religião christã, como introduzir a moralidade nas populações corrompidas. E, ora em Goa, ora nas costas da Pescaria, comprehendida entre o cabo Comorim e a ilha de Manar, ora em Travancore, Meliapôr, Malaca, nas costas do Malabar e de Bengala, nas Molucas, em Ternate, Tidor, nos archipelagos da Malasia, em Ceylão e no proprio Japão, prégou o christianismo com um successo enorme, que a sua humildade, virtude e caridade, a sua doçura e bondade e a santidade dos seus actos justificavam.

Em 1549, os Franciscanos começaram a fundação d'um outro convento. Já a cidade tinha então mais de quatorze egrejas e ermidas. E, por seu lado, a Ordem Dominicana construiu mais dois conventos, um em Chaul e outro em Cochim [1].

A par d'essas, muitas outras Ordens accorreram á India, mas nenhuma d'ellas prestou tantos serviços como a dos Jesuitas, e tambem nenhuma outra soube aproveitar melhor as circumstancias e colher fructos mais valiosos no seu proprio interesse. Os seus membros introduziram-se nos Estados mais importantes e nas côrtes mais opulentas, como o Japão, China, Cali-

[1] Fr. João dos Santos, *Varia Historia da Christandade Oriental.*

cut, Travancore, Porká, Dangemale e Abyssinia; e em todos esses paizes, a par da sua missão evangelica, se entregavam ao commercio.

O nome de S. Francisco Xavier abria-lhes o caminho, e o valimento e prestigio da Ordem, com a propria capacidade e astucia dos seus membros, servia-lhes, para vencerem as contrariedades. Por isso, em pouco tempo, a Companhia tornou-se uma potencia no Oriente, como se tornara na Europa [1].

A principio, tanto ella como as outras Ordens prestaram grandes serviços. Começou, porém, a afrouxar a antiga rigidez, a immoralidade a substituir a virtude e interesse, e a relaxação a dominar todos os sacerdotes.

Além d'isso, os Franciscanos, confiados na sua força, apressaram-se a libertar-se da tutela da provincia em Portugal.

N'esse sentido, fizeram a primeira tentativa em 1580; e, mallograda ella, tornaram a renoval-a, em 1611, até que triumpharam, em 1619. E, desde então, a nova provincia, que se chamou de S. Thomé, trocou as normas que a tinham engrandecido, pelas tentações mundanas; e a frouxidão do rito, a immoralidade dos costumes, a soberba dos ministros e a despeza da propaganda, substituiram as antigas virtudes. Os povos imitaram esse exemplo, e, desamparados da li-

---

[1] Fernão Guerreiro, *Das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus, nas partes da India.*

ção e vigilancia dos pastores, volveram aos usos gentilicos [1].

Demais a mais, a nova provincia dividiu-se em dois bandos — os parciaes do ministro provincial e os do commissario geral, que se hostilisavam continuadamente.

Por outro lado, o concilio tridentino prohibira que os membros das Ordens monacaes exercessem as funcções de parochos. Os Franciscanos conseguiram passar por cima d'esse preceito, e de tal fórma abusaram e se entregaram á ociosidade, abandonando a catechese e recaindo nos vicios mundanos, que lhes foram novamente prohibidas as funcções parochiaes. Mas, annos depois, tornaram a ser-lhes permittidas, d'onde resultou nova relaxação de costumes.

As outras Ordens declinaram por egual, e a desordem e a corrupção foram extremas.

Já quando D. João III chamou os Jesuitas a Portugal, as missões da India se tinham desviado profundamente do seu ideal; e foi essa a razão por que o rei lá mandou S. Francisco Xavier, que prestou, como vimos, excellentes serviços. Mas, por fim, os seus successores não lhe seguiram o exemplo, e então a decadencia religiosa e a devassidão do clero foram completas.

O proprio fanatismo e o estabelecimento da inquisição vieram aggravar o mal; pois, querendo fazer proselitos á força e castigar a falta ou hesi-

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. v, pag. 200.

tação das crenças religiosas, provocaram a saída de muitas familias e até conflagrações violentas.

As luctas e invejas do clero regular e do clero secular, a soberba, prepotencia e corrupção dos Jesuitas, completaram a ruina das missões, e ajudaram tambem a ruina das colonias.

*

* *

Com respeito á Oceania, logo com a expedição de Antonio de Abreu, os Dominicanos [1] se estabeleceram em Solor e Flores (1511 a 1512), e com tamanho ardor se entregaram á sua tarefa, que, em 1599, havia já em Larantuka um collegio de meninas e dezoito egrejas. A obra d'elles era politica e religiosa, como geralmente acontecia em todas as colonias. Ao passo que animavam o ardor da fé, estabeleciam as missões, fundavam estabelecimentos coloniaes, incitavam o patriotismo, catechisavam o rei e ligavam-no por tratados a Portugal; e conseguiram até uma *finta* ou imposto para as suas despezas.

De Solor passaram os Dominicanos para Timor, conseguindo que os Portuguezes ahi se estabelecessem, tambem definitivamente, em 1630; e por fórma que, em 1640, havia já em Timor

---

[1] Perry, na *obr. cit.*, diz que foram os Franciscanos; mas os outros escriptores que consultamos, fallam dos Dominicanos.

vinte e duas egrejas. Mas o zelo religioso e a acção dos missionarios tanto decairam que, no fim da edade moderna, só havia cinco egrejas n'essas ilhas, e um só religioso, que era o proprio prelado.

*

* *

São conhecidos os productos e riquezas orientaes. Mas essas riquezas, pela transfusão moderna do commercio; pelo progresso da industria, que tem sabido imitar os proprios artefactos da China, da India e do Japão [1]; pelo progresso da cultura, que tem espalhado por differentes regiões e colonias os productos mais exquisitos do solo oriental; e, pela variedade enorme dos artigos que a civilisação tem creado, propagado e imitado, não exercem já a attracção dos periodos anteriores, nem constituem já uma necessidade, como n'outros tempos.

Mas, na edade media, e mesmo na edade moderna, as especiarias eram tão desejadas como o sal das cozinhas e os condimentos mais vulgares; as sedas e os metaes preciosos constituiam objectos caracteristicos de nobreza e opulencia; as madeiras preciosas constituiam tambem uma ostentação que prefazia o orgulho das familias; finalmente, os productos orientaes eram o mais importante repositorio do commercio universal.

---

[1] Affonso de Castro, *obr. cit.*

Foi esse commercio que nós dominámos durante um seculo. E abrangia, principalmente, o cravo das Molucas, a massa e noz de Sunda, a camphora de Bornéo, o salitre de Maduré, a pimenta e gengibre de Malabar; a canella de Ceylão; o ambar das Maldivas, o sandalo de Timor; o beijoim de Achem; os angelins, teca e courama de Cochim; o anil, lacre e roupas de Cambaya; o pau de Solor; os cavallos da Arabia e da Persia; os tapetes tambem da Persia; a sêda, damascos, almiscar, lavores e porcellanas da China; os estofos de Bengala; as perolas e aljofres de Manar; os diamantes de Narsinga e Mossulpatam; os rubis de Pegu; o ouro de Sumatra, Sofala e Lequios; a prata e cobre do Japão; as perolas, tamaras, passas, agua rosada e fructas verdes e seccas das ilhas de Bahrein; os larrins da Persia (moeda); o ferro, o cobre, atum, azeite, assucar, cera, opio e algodão que se accumulavam nos depositos de Diu, bem como os artefactos delicados de madeira e marfim em que os habitantes d'essa cidade sobresaíam; o arroz de Damão; a madeira de construcção de Baçaim; os primorosos tecidos de seda de Chaul; tambem a seda e o algodão, tabaco, salitre, enxofre, marfim, metaes, e, sobretudo, a canella e perolas de Ceylão; o opio e pannos estampados de Negapatan e Meliapor; o alóe e paus tinturiaes de Malaca; o ouro, estanho, chumbo, cobre, saphiras e rubis de Pegu; as madeiras das Cebeles; as especiarias das Molucas, principalmente a noz moscada e o cravo; o ouro em pasta ou em pó, obras

finas de madeira e de marfim, charões, sedas, porcellanas, artefactos de tartaruga e de noz de coco, e almiscar, da China [1].

Em contraposição, a nossa exploração não abrangia a agricultura nem a industria.

A primeira não daria nunca os lucros que os Portuguezes contavam tirar do commercio, e que tiraram, com effeito, nos primeiros tempos; e, por outro lado, seria impraticavel com a hostilidade dos indigenas, e com o systema da nossa occupação, toda militar e guerreira.

E, emquanto á industria, além de existirem os mesmos inconvenientes que havia para o estabelecimento da agricultura, não tinhamos no reino productos industriaes que podessemos levar para a India, nem competencia profissional que podesse rivalisar com os orientaes. Por isso, a nossa lucubração foi toda commercial.

Mas esse commercio do Oriente não era livre para os proprios nacionaes, e muito menos para os estrangeiros.

Emquanto aos estrangeiros, quando as frotas de Portugal aportaram á India, eram os Arabes, os Persas e os Rumes ou Turcos os principaes recoveiros e commerciantes dos productos orientaes. Os Portuguezes, porém, poderam varrel-os dos mares e excluil-os d'esse trafico; e de

---

[1] Padre Manuel Godinho, *Relação do novo caminho que fez por terra e mar para a India Portugueza.* — Rebello da Silva, *obr. cit.,* vol. V. — Latino Coelho, *obr. cit.,* vol. I.

tal modo aterraram os seus marinheiros, que os capitães israelitas ou idolatras não se julgavam seguros, sem obterem das nossas auctoridades uma licença ou *cartaz*, no qual se declarava o porto d'onde partiam, o logar onde se dirigiam, e o numero dos tripulantes que levavam.

Com os paizes da Europa acontecia a mesma coisa; porque a principio foram tambem rigorosamente excluidos d'esse commercio. E isto, não só por ter levado muito tempo, sem que elles aprendessem o caminho maritimo da India e se aventurassem áquelles mares desconhecidos, mas tambem, porque, ainda depois de os frequentarem, foram impedidos por nós de traficar nas regiões que tinhamos descoberto.

Acrescia ainda que a prioridade d'essas descobertas e uma sombra de respeito pelos direitos que d'ahi resultavam, contiveram officialmente os differentes Estados de contrariar o nosso monopolio. E, embora os piratas e corsarios, auctorisados, ou, pelo menos, tacitamente animados pelos respectivos governos, começassem a atacar os nossos navios, emquanto não veiu a dominação castelhana, e com ella a guerra de Filippe I com a Hollanda e Inglaterra e a má vontade do mesmo rei contra a França, Portugal pôde obter dos paizes estrangeiros a satisfação pelos damnos dos corsarios.

Relativamente aos proprios nacionaes, se o commercio da India lhes não era absolutamente prohibido, estava comtudo sujeito a muitas restri-

cções vexatorias, que suffocavam a liberdade; e a corôa reservava para si o trafico das substancias mais lucrativas, com o fundamento de que precisava de se resarcir das grandes despezas que fazia e das perdas que soffria.

Effectivamente, por um lado, não havia então em Portugal capitalistas ou proprietarios, negociantes ou mesmo sociedades que podessem armar qualquer expedição para a India, ou, pelo menos, não havia iniciativa, para a tentarem á sua custa. As expedições eram por isso feitas por conta do Estado e nas suas armadas; e, ainda assim, eram muito arriscadas e dispendiosas.

Essas armadas partiam todos os annos em março, compostas de galeões e caravellas. Chegavam á India em janeiro, e, com ida e volta, gastavam dezoito mezes. Os naufragios e desastres eram frequentes; e os assaltos dos corsarios, a par das luctas dos inimigos, tornavam ainda mais arriscada a segurança dos navios, a vida dos tripulantes e o lucro da expedição.

Não quer isto dizer que o fundamento invocado pelo governo portuguez para o seu monopolio fosse racional, mas sim que os factos eram verdadeiros. De resto, foi tambem esse systema que nos perdeu.

De harmonia com esses principios, a corôa reservava para si o commercio da pimenta e das armas e munições, e o tracto da China, Japão, Molucas, Ormuz e Moçambique. A pimenta,

armas e munições nem mesmo podiam ser negociadas por qualquer navio indiano ou mahometano, ainda que estivesse munido de *cartaz*; e aquelles que fossem encontrados com esses productos, deviam ser apresados e confiscados.

Senhora d'estes monopolios, a corôa, muitas vezes, arrendava-os ou concedia-os temporariamente a alguns dos seus subditos; os arrendatarios ou donatarios, tambem muitas vezes, vendiam a respectiva concessão; e ainda D. Sebastião, pelo regulamento de 1570, augmentou e apertou mais a rêde dos monopolios, allegando que o commercio da India se tornara mais oneroso e difficil. Mesmo nos objectos livres, cada portuguez só podia commerciar, com a condição de pagar ao Estado trinta por cento do respectivo valor.

Um alvará datado de Valladolid, em 26 de junho de 1604, creou em Portugal um tribunal separado para o governo do Estado da India e dominios ultramarinos, que se dividia em duas secções distinctas: uma do Brazil e da Africa, comprehendendo o expediente e consultas relativos á America, Guiné, ilhas de Cabo Verde e S. Thomé, e a outra, de todos os pontos que abrangia a vasta administração do Oriente. Esse alvará influiu na publicação de alguns actos proveitosos, e cohibiu muitos abusos; mas uma desastrosa providencia de 1616, de que já fallámos, para acudir aos apertos do fisco, mandou vender as capitanias e os cargos por tres annos; e, em-

bora fosse revogada, em 1618, produziu uma perturbação e relaxação completa [1].

Em 1623, Olivares tentou organisar em Lisboa uma grande companhia para o commercio da India, como a da Hollanda, mas não pôde realisar essa empreza nem fazer levantar o commercio [2]. E, depois da restauração, tambem o commercio não augmentou, antes foi decaindo cada vez mais.

*

*   *

Já dissemos quaes eram os productos que abundavam nas praças orientaes. Em troca, davamos nós o ouro, colhido nas visinhanças de Sofala e de Monomotapa, os escravos negros do sertão, o marfim e ebano das possessões africanas, o vinho, azeites portuguezes, mercadorias das fabricas de Inglaterra, Flandres, tecidos de lã, sobretudo pannos escarlates, vidros, crystaes e relogios.

E, emquanto ao commercio com o Japão, cujas relações se estreitavam desde 1542, mandavamos de Macau para lá os productos chinezes, e, em particular, estofos, com as sobras dos tecidos de lã e dos artefactos da Europa, não

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 283 e seguintes.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 330.

consumidos no mercado; e recebiamos em troca a prata e o cobre.

*

* *

Os transportes eram tambem feitos, por conta do Estado, nos galeões ou caravellas de que já fallámos. A cubiça fez augmentar as proporções d'esses navios e a sua carregação; mas os desastres e os naufragios succederam-se então com mais frequencia[1]: tanto mais que os corsarios usavam de navios mais ligeiros e velozes, que levavam grande vantagem aos nossos.

*

* *

Entre os centros principaes do commercio da India, já mencionamos Aden, Ormuz, Goa e Malaca: e agora é logar proprio, para explanarmos este ponto.

Seria longo especificar tantas e tantas cidades notaveis do Oriente, cheias de riqueza, de luxo, de industria e de commercio, e por isso vamos reduzir a nossa apreciação ás mais importantes.

Aden, antes das descobertas dos Portuguezes, era já *muito rica e celebre*[2]. Mas, depois d'essas

---

[1] Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, vol. II. Discurso setimo.

[2] *Decadas de D. João de Barros*, vol. II, liv. VII, pag. 181. — *A Historia Economica*, vol. II, pag. 440.

descobertas, augmentou enormemente o seu commercio. É que, antes d'isso, como estavam desafogados os mares da India, os mercádores mouros seguiam de ordinario directamente do Egypto e costas do mar Vermelho para a India e *vice-versa,* não tendo necessidade de fazer de Aden o centro do seu negocio.

Com as conquistas, porém, dos Portuguezes e com a perseguição que estes faziam ao commercio dos Mouros, e portanto aos seus navios, *e como quem navega a pedaços, faz o caminho a temer,* na phrase de João de Barros, aquelles mercadores tomavam sempre como ponto de abrigo, de refugio ou centro de transacções, aquella cidade.

D'ahi colhiam noticias das nossas armadas; e, conforme essas noticias, faziam ou não o seu caminho, aventurando-se ao mar Indico. E até, muitas vezes, já destinavam não passar de Aden, onde vinham tambem parar os navios, com as mercadorias de toda a costa da India, Cambaya e Ormuz, bem como da costa de Melinde. Assim o terror da nossa armada veiu a fazer de Aden *uma escala do poente e nascente* [1].

Essa praça, como já dissemos, estendia uma das mãos á Syria, á Asia Maior e ao Egypto, e outra aos Italianos, seus intermediarios no trafico indirecto com a Europa.

Emquanto a Ormuz, o golfo Persico fôra,

---

[1] João de Barros, *obr. cit.,* vol. II, liv. VII, pag. 181.

*

desde a dominação dos Arabes, a via maritima do commercio da India.

Bassorah era o seu primeiro emporio. Decaídos os califas, o commercio tornou a tomar o antigo caminho do mar Vermelho, e Alexandria reassumiu a influencia perdida.

Ora, nas transacções com a Persia, com a Mesopotamia e com a Armenia, o porto de Ormuz, rochedo arido, transfigurado em cidade opulenta, era a escala onde paravam as mercadorias indianas que, pelo seu pequeno volume e grande valor especifico, admittiam o transporte por terra até Constantinopla. Além d'isso, as caravanas de Alepo, Persia e Khorassan vinham duas vezes por anno a Ormuz. E, depois da conquista do Egypto pelos Turcos e da segunda declinação de Alexandria, augmentou ainda muito a importancia da ilha, exportando tapetes, sedas em bruto, drogas medicinaes e especiarias.

Goa, como já dissemos no segundo volume, desde que foi tomada por Albuquerque, tornou-se em breve a rainha do Oriente [1]. No fim

[1] Na carta de Affonso de Albuquerque escripta de Cananor a el-rei D. Manuel, aos 17 de outubro de 1510, dizia elle: «São tão grandes as coisas de Goa tanto no que diz respeito á segurança da India como ao que se refere aos recursos para as despezas e aos fornecimentos de operarios, madeiras, ferro, salitre, linho, arroz, mercadorias, roupas de algodão, etc., que parece-me que sem ella não poderia manter a India». — Constancio Roque da Costa, *Historia das Relações Diplomaticas de Portugal no Oriente*, pag. 34.

do seculo XVI, as suas riquezas tinham-lhe valido o nome de *Goa dourada*, e um proverbio portuguez da India dizia: *quem tem visto Goa, não precisa vêr Lisboa*. Mas os ataques dos Hollandezes, dos Mahometanos e Mahratas, e sobretudo o fanatismo dos poderes e a inquisição, fizeram empobrecer e despovoar a cidade. A par d'isso, o canal meridional do Mandobi, sobre que estava construida, perdeu, pelo desprezo a que foi votado, a sua profundidade; os campos abandonados cobriam-se de uma vegetação enorme; o trasbôrdo das aguas constituiu pantanos; e a malaria expulsou os habitantes.

Malaca tinha mais riqueza que dez Venezas, e ahi se juntava o trato de todas as mercadorias do mundo [1]. Era o emporio do trafico da China, do Japão e das Molucas. Todos os annos saía do seu porto uma nau para a Cochinchina e outra para Sião, afim de carregar oleos e paus tinturiaes; e muitos navios seus demandavam as praias de Martagão no Pegu, commutando a pimenta, o sandalo, a camphora, a porcellana por ouro, estanho, chumbo, cobre, saphiras e rubis.

A par d'estas cidades, Macau tornou-se tambem muito importante pelo commercio da China.

A derrota directa para lá era de Goa a Malaca, e de Malaca ao celeste imperio. Os navios levavam prata cunhada (larrim) da Persia, moedas da Europa, algumas mercadorias das fabricas da

---

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, vol. II, pag. 164.

Inglaterra e Flandres, tecidos de lã, sobretudo pannos escarlates, vidros, crystaes, relogios e vinhos portuguezes, aos quaes se juntavam os productos da India. E traziam os productos da China, ouro em pó, obras finas de madeira, de marfim e charão, sedas, porcellanas, artefactos de tartaruga e de noz de côco, e almiscar.

Essa praça foi tambem a intermediaria do commercio entre a China e Japão, o que fez que as nossas relações com este paiz augmentassem muito, desde 1542. Enviavamos de Macau os productos chinezes, e, em especial, estofos com as sobras dos tecidos de lã e dos artefactos da Europa, não consumidos no mercado, e recebiamos do Japão a prata e o cobre.

CAPITULO VI

Portugal

O Brazil: Abandono da sua colonisação até D. João III. — Divisão em capitanias. — Emigração dos Portuguezes para lá e despertamento da colonia. — Principaes accidentes politicos e sociaes até o Marquez de Pombal: lucta com os Indios, reacção dos Jesuitas, trafico da escravatura, influencia das missões, e guerra com os povos estrangeiros. — Levantamento da colonia, no tempo do Marquez de Pombal. — Decadencia posterior. — Apreciação dos principaes factores economicos, antes e depois do Marquez de Pombal: productos, industria, commercio, communicações e centros principaes.

Como diz Oliveira Martins[1], os Portuguezes, deslumbrados com a riqueza da India, não deram, em todo o tempo de D. Manuel, importancia ao Brazil. E tanto que, durante os vinte annos do seu reinado, depois da descoberta de Alvares Cabral e da expedição de Americo Vespucio, só uma outra expedição foi tentada, a de Gonçalo Coelho, que não deu grande resultado; porque dos seis navios que levava, naufragaram dois, e os outros voltaram a Portugal, já no tempo de D. João III, sem terem auferido nenhum proveito d'essa expedição.

---

[1] *O Brazil e as Colonias Portuguezas.*

Foi preciso que as descobertas dos Hespanhoes no Novo Mundo e a sua narrativa exagerada sobre as riquezas mineraes do novo continente despertassem a attenção dos Portuguezes para essa colonia.

Então, D. João III enviou, em 1526, uma terceira expedição, commandada por Christovão Ayres [1], que, aportando a uma vasta e segura bahia, por elle chamada Bahia de Todos os Santos, ahi fundou uma feitoria. Foi depois fundar outra em Pernambuco, levantou padrões e regressou ao reino.

Em 1530, saía de Lisboa outra esquadra, composta de duas naus, um galeão e duas caravellas, cujo commando foi dado a Martim Affonso de Sousa, conjuntamente com o titulo de capitão-mór, com plenos poderes para conceder *sesmarias*, isto é, doação das terras desaproveitadas, e crear villas e povoações, onde julgasse mais conveniente. Começara Martim Affonso a desempenhar-se d'essa missão, e já havia lançado os primeiros fundamentos das povoações de S. Vicente e de S. André de Borda do Campo (hoje S. Paulo), quando, em 1532, D. João III resolveu dividir toda a costa, desde Pernambuco até o rio da Prata, em capitanias [2].

O Brazil foi por isso dividido em differentes

---

[1] Rocha Pombo, *Historia do Brazil*, vol. III, pag. 29, diz Christovão Jacques.

[2] Augusto de Carvalho, *O Brazil*.

capitanias [1], que o rei distribuiu pelos seus fidalgos mais valentes e favoritos mais estimados, e cujos donatarios tinham poderes soberanos, só com a obrigação de pagarem o dizimo á corôa, que, pela sua parte, reservava para si differentes privilegios. Mandaram-se para lá os degredados [2]. Constituiu-se o Brazil um couto para todos os crimes, excepto os da heresia, traição, moeda falsa, afim de attrair os immigrantes; transportaram-se carregações de mulheres mais ou menos perdidas; os Judeus acharam lá um refugio para as suas perseguições; e com estes elementos se foi constituindo a população colonisadora [3].

Por outro lado, ao contrario do que geralmente succedia nas outras colonias, estabeleceu-se a liberdade da agricultura e commercio, mesmo para os estrangeiros. Os impostos eram moderados. Havia poucos artigos estancados. E a translação individual de uma capitania para outra, e mesmo para fóra do Brazil, era egualmente garantida.

A feracidade do clima e esta organisação liberal attraíu tambem familias importantes. Mas, apezar d'isso, as primeiras tentativas de colonisa-

---

[1] Oliveira Martins, *obr. cit.*, pag. 9. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. III, pag. 127 e seguintes. — Tinoco de Sande Junior, *Resumo da Historia do Brazil*, pag. 7.

[2] Este degredo só foi prohibido pelo decreto de 28 de março de 1722. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. III, pag. 32.

[3] Augusto de Carvalho, *obr. cit.*

ção ficaram, em geral, estereis, pelas luctas e rivalidade dos capitães e seus tenentes, e pela reacção dos indigenas.

Com effeito, o Brazil era povoado por duas raças principaes, os Tupis, que occupavam as costas, e os Tapuyas, que occupavam o interior; e ambas ellas estavam subdivididas em varias familias, como os Tupynambas, os Tupiniquins, os Tupiaes, os Tamoyos, os Caetes, os Aymorés, que todos offereciam uma resistencia energica aos Portuguezes. E estes, crueis como na Africa e na India, e, em geral, degredados, aventureiros e homens da peior especie, para domarem a resistencia, exterminavam esses indigenas, que, por seu turno, exerciam terriveis represalias.

A par d'isso, os donatarios, sem caracter official, não tinham prestigio nem força, para irem attenuando essas desordens. A rivalidade dos capitães estabelecia tambem a antinomia entre as differentes capitanias. A grande distancia a que ficava a auctoridade suprema do rei, augmentava o mal. E era tambem necessario prover á defeza das costas ameaçadas pelos Francezes [1].

---

[1] Rocha Pombo, *Historia do Brazil*, vol. III. — Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias*. — Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. — Desde o principio do reinado de D. João III, até 1544, o Brazil não sómente não rendera para o Estado, mas gastou-se em defendel-o e povoal-o mais de oitenta mil cruzados. — Frei Luiz de Sousa, *Annaes de D. João III*, pag. 416.

Tudo isso levou D. João III, em 1549, a estabelecer um governo regular e pôr ao lado dos capitães um governador geral, com o titulo de vice-rei, que foi Thomé de Sousa. A capitania da Bahia tinha vagado, e tomara conta d'ella o proprio monarca. Por isso e pela sua posição geographica, foi lá que se estabeleceu a séde do novo governo.

Logo com Thomé de Sousa foi o jesuita Manuel da Nobrega, auxiliado por cinco membros da Companhia de Jesus, que tomaram a seu cargo a conversão dos Indios, protegendo-os ao mesmo tempo da violencia dos Portuguezes. E foram tão bem succedidos na sua tarefa, que, em grande parte, conseguiram tirar o horrivel costume da antropofagia e *aldear* os mesmos Indios, isto é, fixar as tribus nomadas em *aldeias* ou moradas permanentes.

Continuou emigrando a gente do reino, e com ella novos Jesuitas, entre os quaes foi com o segundo governador Duarte da Costa, em 1553, o Padre José de Anchieta.

Então, a Companhia redobrou de esforços, para converter as Indios e para estender a toda a America o seu dominio absoluto, ainda n'esse tempo benefico. E serviu-lhe muito para isso a influencia d'aquelle Padre Anchieta, o vulto mais notavel da mesma Companhia, no Brazil, que recebeu o titulo de apostolo da America, como S. Francisco Xavier recebera o de apostolo do Oriente.

Pela brandura do seu trato, pela sua cari-

dade e virtude, pela sua eloquencia, pelo emprego das linguas indigenas, que elle aprendera facilmente [1], e pela doçura da sua alma, que manifestava até nos canticos á Virgem, que tanto impressionavam os selvagens, exerceu uma influencia enorme nos indigenas.

A Duarte da Costa succedeu Mem de Sá. Devido á sua iniciativa e aos esforços dos Jesuitas, a colonia continuou progredindo; de modo que, da Bahia para o sul, começou a vêr-se a costa coberta de povoações nascentes, e as cidades principiaram a brotar, não só á beira-mar, mas tambem no interior.

A principio, a febre mineira dominou a população; mallogradas, porém, as primeiras tentativas, n'esse sentido, os colonos dedicaram-se aos trabalhos agricolas.

Os reinados de D. Sebastião e D. Henrique foram tão prejudiciaes para o Brazil como para a metropole; e o desastre d'Alcacer-Kibir tambem se repercutiu alli terrivelmente.

Depois, o governo hespanhol pouco se importou com a nossa colonia, antes parecia folgar com o nosso quebrantamento, para mais firme tornar o seu poder no continente. E foi, durante esse governo, e principalmente por causa d'elle, que tivemos de sustentar a guerra com os Hollandezes, de que adiante fallaremos, em

[1] Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. x, n.º 156.

que a Hespanha nos deixou abandonados. Então, o Brazil, que chegara a produzir anteriormente cento e vinte mil caixas de assucar, no valor de quatro mil contos, vinte e tres mil caixas de tabaco, mais rendosos ainda que o assucar, uma grande quantidade de ambar e gengibre, já no tempo de Filippe III, não dava para si, custando á metropole esforços com que ella não podia [1].

Apezar d'isso, a população augmentou consideravelmente, porque era maior a emigração dos nacionaes, que se sentiam mais á vontade e mais *portuguezes* no Brazil do que no reino. Em 1580, por exemplo a população adventicia em toda a costa não excedia doze a quinze mil almas; em menos de vinte annos, essa população quadruplicou; e, em 1640, a colonia brazileira já não contava menos de cento e cincoenta mil a duzentos mil habitantes.

Por outro lado, começou a despertar mais vigorosa a iniciativa brazileira; e tudo fez que o governo dos Filippes não fosse tão prejudicial ao Brazil, como á primeira vista se podia suppôr, apezar do desprezo que elles mostraram por essa colonia.

No tempo de D. João IV e D. Affonso VI, e nos primeiros tempos de D. Pedro II, as guerras com a Hespanha obstaram a que se olhasse com attenção para o Brazil. Mas, já nos ultimos tempos de D. Pedro II, a descoberta das minas fi-

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 78.

zera d'esse paiz uma região riquissima, pelo menos, segundo as ideias correntes, n'essa época, ácerca da riqueza das nações.

A par d'isso, a febre das minas prejudicou o desinvolvimento agricola; porque todas as provincias se despovoaram para as regiões mineiras. E os escravos africanos eram por tal fórma procurados para os trabalhos d'essas minas, que o seu preço subiu extraordinariamente; de modo que os cultivadores não podiam obtel-os, visto que os proventos da cultura não comportavam a carestia das despezas da exploração.

Para obstar a taes inconvenientes, o governo de D. Pedro prohibiu o transporte dos pretos da Bahia para as minas. Mas, além das difficuldades de impedir esse transporte, a febre do ouro dominou tambem a metropole, que passou por cima de todas as prohibições: e a chamada de uma população de aventureiros, só levados pela cubiça [1], as contendas de uns com os outros, e as luctas dos nacionaes (*reinóes*) com os que tinham nascido na colonia, produziram uma desordem geral. Tão graves até se tornaram as dissidencias entre os reinóes e os Paulistas ou naturaes de S. Paulo, nos primeiros annos do seculo XVIII, que, por causa d'ellas, em 1710, foi preciso erigir a provincia de Minas em governo separado.

[1] A emigração dos Portuguezes para o Brazil foi tal, que o nosso governo tratou de a cohibir, mas inutilmente. — Augusto de Carvalho, *obr. cit.*, pag. 59.

N'esse mesmo anno de 1710, sendo governador do Brazil, D. Lourenço d'Almada, houve tambem uma revolta em Pernambuco, e desordens sangrentas entre as duas cidades de Olinda e Recife, e mesmo entre a fidalguia e burguezia de cada uma d'ellas, que duraram até 1711. Houve egualmente no mesmo governo de D. Lourenço d'Almada, em 1710 e 1711, o assalto de Duclerc e Du Gay Trouin ao Rio de Janeiro, de que adiante fallaremos [1]. E, ainda depois, se seguiram a revolta da Bahia e novas luctas dos *reinóes* e Paulistas.

Tudo isso prejudicou grandemente a colonia. Mas, por outro lado, descobriram-se novas minas de ouro em Goyaz e Matto Grosso; e, em 1729, descobriram-se tambem os primeiros diamantes em Minas.

O governo de D. João v explorou lautamente essas riquezas, continuando abandonada a agricultura; e, por isso, toda a colonia á mercè dos ambiciosos e exploradores, continuara a ser, principalmente, uma ceifa de ouro e diamantes.

Tudo mudou no tempo do Marquez de Pombal. Mas, antes de examinarmos a influencia do governo do grande ministro, que estabelece uma época distincta, vejamos quaes foram até lá os principaes accidentes politicos e sociaes d'esta provincia.

---

[1] Rocha Pita, *Historia da America Portugueza*, pag. 284. — Pinheiro Chagas, *Historia de Portugal*, vol. v. — Tinoco de Sande Junior, *obr. cit.*

Foram elles, principalmente, a lucta com os Indios, a reacção dos Jesuitas, o trafico da escravatura, a influencia das missões e a guerra com os povos estrangeiros.

*

* *

Quando os Portuguezes se foram estabelecendo no Brazil, foi-se desinvolvendo tambem a má vontade dos Indios contra o nosso dominio ; e isso provocou a lucta e exterminio dos indigenas, bem como toda a sorte de crueldades empregadas para com esses desgraçados, que fugiam para o interior, longe do alcance dos nossos.

Mas os Portuguezes depressa viram que, além de escassear a população, os Europeus não supportavam os trabalhos da exploração do solo, pela differença do clima ; e por isso trataram de caçar os Indios mesmo no sertão, para os escravisarem e sujeitarem ao trabalho compellido. As violencias empregadas n'esse proposito, o martyrio a que os Portuguezes sujeitavam os mesmos Indios, e, por outro lado, a furia com que estes se defendiam, para fugirem á escravidão, constituem uma das partes mais barbaras, e, ao mesmo tempo mais dolorosas da historia do Brazil [1].

Os Jesuitas intercederam pelos indigenas, contra esse aprisionamento e essa escravidão. E, de-

---

[1] Augusto de Carvalho, *obr. cit.*

pois de grande lucta com os governadores e de grandes hesitações e medidas contradictorias, obtiveram de Filippe I, em 1595, um decreto que só reputava justas as guerras feitas aos Indios, por determinações regias, e, portanto, só legitimos prisioneiros os que fossem captivos n'essas guerras legaes. E, por fim, em 1609, foi até decretada por Filippe II a liberdade dos indigenas [1].

Então, os esforços dos governadores, que reagiram contra a influencia da Companhia de Jesus, nada conseguiram; e resultou d'ahi que o gentio, amparado por ella, negou-se a todo o trabalho, mesmo quando os proprietarios lhe propunham contractos de soldadas ou pagamentos vantajosos; e só se prestava a agricultar as fazendas dos padres, cujos productos affluiam portanto mais baratos ao mercado.

Á vista d'isso, a camara de S. Paulo requereu que fosse permittido aos moradores da cidade alugar compellidamente os braços dos *Indios das aldeias*. O governador deferiu. Mas os Indios, protegidos pelos missionarios, quebravam as promessas, e não havia modo de os coagir.

Nas outras capitanias succedia o mesmo, e os colonos, carecendo de trabalhadores para as roças e para as minas, adoptaram então o alvitre

---

[1] Já D. Sebastião, em 20 de março de 1570, tinha promulgado uma lei prohibindo os captiveiros das Indias; mas essa lei foi desprezada.

de organisarem bandos armados, chamados *bandeiras de guerra*, e entrarem com elles pelo sertão, prendendo o gentio, muito ao longe, fóra da jurisdicção dos Jesuitas.

Semelhante estado não podia continuar, e a côrte, em 1611, conferiu a apreciação da necessidade d'essas *bandeiras de guerra* a uma junta sujeita ao beneplacito regio.

Por fim, nem os proprios Jesuitas obtiveram resultado satisfatorio, no seu proposito de civilisar e attraír os indigenas pela catechese e de os empregarem nos trabalhos agricolas; até que, ultimamente, o Marquez de Pombal proclamou e realisou definitivamente a liberdade dos Indios [1].

Basta o que fica exposto, para se vêr que a colonisação pelos negros tornou-se muito cedo necessaria, e sequentemente recorreu-se á sua importação. A Africa principiou, então, a fornecer milhares e milhares de escravos. E esta importação tornou-se mais importante, desde o segundo meado do seculo XVII, porque estavam acabadas

---

[1] Dizemos que o Marquez de Pombal realisou a liberdade dos Indios, porque já a lei de 1 d'abril de 1680, sob a regencia de D. Pedro II, tinha prohibido a escravidão d'elles e ordenado até que mesmo os que fossem tomados na guerra, deviam ser tratados como os outros prisioneiros; e tudo isso tambem de harmonia com outras leis anteriores. Mas essas leis eram postergadas na pratica, e por isso o Marquez de Pombal promulgou a de 6 de junho de 1755, que restituiu a liberdade aos Indios do Pará e Maranhão; e depois, pelo alvará de 8 de maio de 1758, ampliou essa liberdade a todos os outros Indios.

as guerras com os Hollandezes, e o côrso foi abolido pela paz de 1662, que terminou tambem as guerras europeias. Os proprios Inglezes e Hespanhoes exerciam essa mesma importação em grande quantidade [1].

*

* *

Emquanto ás missões, já vimos como os Jesuitas se estabeleceram no Brazil e a influencia que foram exercendo nos indigenas. Os seus esforços foram tão rapidamente coroados que, em 1550, creou-se o bispado independente da Bahia, e, em 1553, o padre José d'Anchieta, que, segundo já dissemos, foi com o governador Duarte da Costa, levou a constituição que erigia o Brazil em provincia independente da sociedade universal.

A Companhia redobrou então de esforços. Como diz Oliveira Martins, os Jesuitas estudavam o Tupi, baptisavam os Indios aos centos em cada dia, fundavam aldeias, deslumbravam os selvagens

---

[1] O numero dos negros cresceu tanto, que elles se julgaram com força, para combinarem differentes levantamentos e formarem differentes *quilombos*, isto é: grandes nucleos de negros revoltados no interior das florestas e para além dos centros populosos. Palmares foi o mais importante, onde se estabeleceu uma especie de republica. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. II, pag. 559 e seguintes; vol. V, pag. 321 e seguintes. — Tinoco de Sande Junior, *obr. cit.*

*

com os esplendores do culto catholico, explorando habilmente a acção da musica sobre toda a casta de animaes; e assim chegaram a exercer um predominio absoluto em differentes partes.

Para este dominio da Companhia concorreu tambem a expulsão dos Francezes, que se tinham vindo fixar no Rio de Janeiro.

Com effeito, a riqueza crescente do Brazil aguçou o appetite dos outros povos; e os Francezes foram dos primeiros que tentaram compartilhar d'essa riqueza.

Depois de varias tentativas, feitas por elles e que adiante notaremos, em 1555, uma colonia de Calvinistas, sob o commando de Villagaignon, installou-se no Rio de Janeiro. Nem ao governo, por elles serem estrangeiros, nem aos Jesuitas, por elles serem protestantes, convinha a fixação dos recemchegados; e, por isso, uns e outros, combinados, trataram de os expulsar. Mas só o poderam conseguir, ao cabo de dez annos de lucta, porque os Francezes encontraram auxilio nas tribus indigenas, que tornou mais difficil aquella tarefa [1].

Expulsos os Francezes e dominados os Indios, as missões expandiram-se no sertão, e os Jesuitas governaram na Bahia, surgindo entre elles e os governadores differentes conflictos.

Outras ordens religiosas, como os Francisca-

---

[1] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 80.

nos, Benedictinos, Carmelitas e Capuchos de Santo Antonio e Carmelitas Observantes seguiram os Jesuitas [1]. De modo que, no começo do seculo XVII, a concorrencia dos frades e monges era tal, que a côrte prohibiu, em 1606, a fundação de mais conventos sem licença regia; e, em 1624, teve de regulamentar a edificação dos novos mosteiros dos Capuchos.

Os Jesuitas, porém, no tempo de D. João IV, renovaram as suas emprezas. Em 1652, foi mandado ao Brazil o padre Antonio Vieira. Batidos na Bahia, foram para o norte; e, em 1666, o proprio padre Antonio Vieira e os demais tiveram de embarcar para o reino [2]. Em 1680, o governo restaurou os Jesuitas no dominio que tinham gosado; e, por fim, o Marquez de Pombal, supprimiu o poder temporal das missões, e transformou as *aldeias* dos Indios em villas de direito commum.

*

* *

Como já dissemos, a colonisação crescente do Brazil e o augmento da sua riqueza despertaram o appetite dos povos estrangeiros. E os Francezes foram dos primeiros que tentaram estabelecer-se n'essa colonia.

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. III, pag. 413; vol. V, pag. 27 e seguintes. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. V.

[2] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 51 e seguintes, e pag. 143 e seguintes.

Assim, desde 1505, os habitantes e marinheiros de Honfleur e Dieppe se aventuraram ás costas do Brazil, e, em 1522, os Normandos apparelharam pequenas frotas para o descobrimento de novas terras e para explorarem ou occuparem tambem aquellas costas [1].

Rebatidas essas expedições, em 1555, Villagaignon, de que já fallámos, conseguiu installar-se no Rio de Janeiro, durante dez annos. Os habitantes de Dieppe mandaram depois, em 1594, sob o commando de Riffaut, uma colonia ao Maranhão, e fundada ella, Le Rivardière, em 1612, foi engrossar o estabelecimento nascente. Esses Francezes tiveram de evacuar o Brazil, em 1615. Mas, ainda em 1710 e 1711, voltaram á carga, assaltando o Rio de Janeiro, sob o commando de Duclerc e Du-Guay Trouin, sendo novamente batidos [2].

Por seu lado, um pirata inglez, Edward, tentou, em 1583, tomar parte do Brazil, fundeando em Santos; mas foi repellido por Diogo Flores de Valdez [3]. Em 1587, um outro Roberto Withrington, entrou na Bahia, e apoderou-se das embarcações que lá encontrou [4]. Ainda outro pirata inglez, Cavendish, em 1591 foi tambem saquear a cidade de Santos; e a preza que fez,

---

[1] Gomes de Carvalho, *D. João III e os Francezes.*

[2] Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias,* pag. 38.

[3] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 19.

[4] Gomes de Carvalho, *obr. cit.*

animou os mercadores de Londres a armarem uma expedição, que foi confiada ao commando de James Lencaster (1593), e que, chegando ao Recife com um comboio de doze navios, abarrotou esses navios d'assucar [1]. E, finalmente, em 1630, ainda os Inglezes tentaram tomar o Pará, mas foram repellidos [2].

Da mesma fórma que esses outros povos, tambem os Hollandezes cubiçaram a riqueza do Brazil. Por isso, desde 1599, por varias vezes, assaltaram as costas d'essa colonia. Em 1624, vieram tomar a Bahia; e, depois de terem saqueado as casas e as egrejas, alli se estabeleceram, declarando abolida a escravidão e fôrros todos os Tapuias, afim de ganharem os naturaes.

Em 1625, porém, chegou do reino uma nova esquadra e um novo governador; e os Hollandezes foram expulsos [3].

Tornaram a voltar, em 1627, e, não podendo entrar na Bahia, saquearam o porto, e apresaram os navios, regressando á Hollanda, carregados de assucar.

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 160.

[2] Oliveira Martins, *obr. cit.*, pag. 38.

[3] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 334 e seguintes. — Foi enorme a riqueza que saquearam. Só de caixas d'assucar encontraram tres mil e novecentas, além de muita seda, tabaco, azeite, pelles e cincoenta peças de artilheria. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 219. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 343. — Esta tomada encheu de vergonha os portuguezes, que tinham defendido Macau. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 219.

Voltaram pela terceira vez, em 1630, e tomaram Pernambuco; mas, querendo-se estender para o norte e sul, foram repellidos; e depois em 1631, foram batidos por uma esquadra hespanhola. Julgando-se perdidos, incendiaram Olinda, e acolheram-se fortemente ao Recife, esperando soccorros.

O mulato Calahar foi-se-lhe então offerecer; e, desde essa data, com o auxilio d'elle e d'outros mulatos que este arrebanhou, alargaram o seu dominio, occupando successivamente a costa, Parayba, Alagoas, Porto-Calvo. Caiu tambem em poder d'elles toda a provincia de Pernambuco; e foram estendendo a conquista, de modo que chegaram a dominar toda a costa, desde o rio Formoso. Mesmo para o interior, havia apenas na Lagoa e Porto Calvo dois focos de resistencia.

Então, a Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, que tinha o privilegio das conquistas e do commercio no Brazil, mandou, em 1637, o principe Mauricio de Nassau governar os novos Estados. Os Portuguezes que ainda restavam em Pernambuco, foram rechassados. Os commandantes Conde de Bagnuolo, Duarte d'Albuquerque, Henrique Dias e o *Camarão,* acolheram-se a Sergipe, d'onde fugiram por fim para a Bahia; e o dominio hollandez desceu até o rio de S. Francisco, alongando-se para o norte até o Ceará.

Em 1638, o principe atacou a Bahia, mas os restos do exercito do norte bastaram para o repellir. Rechassado, passou a occupar-se da organisação da nova colonia.

Em 1640, desbaratou a armada do Conde da Torre, e tomou depois Sergipe e Maranhão. Mas, tendo havido uma tregua de dez annos, em relação ás colonias, entre Portugal e a Hollanda, esta suspendeu as suas conquistas, e o principe foi chamado á Hollanda.

Então, a Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes que, segundo dissemos, tinha o privilegio d'essas conquistas e do commercio no Brazil, com o desejo de colonisar e obter recursos, para cobrir as grandes despezas que a lucta com os Portuguezes lhe tinha causado, aboliu o regimen militar, e instituiu um governo, á frente do qual figurava um negociante, um ourives e um carpinteiro [1].

Este governo, como já não havia guerra, intendeu que devia licencear o exercito, desmantelar as fortalezas e vender as armas e munições, para applicar o seu producto na agricultura, deixando por isso as conquistas sem defeza.

Ao mesmo tempo, reanimou-se a coragem dos Portuguezes; e as provincias foram tomadas, umas após outras, sob os heroicos esforços de Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, *Camarão* e outros, até que a Hollanda, pela paz de Haya de 6 d'agosto de 1658, resignou a posse do Brazil, mediante uma indemnisação que Portugal lhe pagou, e mais a concessão da mesma liberdade de commercio no

---

[1] Scherer, *obr. cit.,* vol. II.

Brazil que tinham os Inglezes, ficando a nossa colonia em situação desgraçada [1].

*

* *

Todos estes accidentes deviam tambem prejudicar muito, como prejudicaram, a colonisação do Brazil.

Em todo esse tempo, o ouro, a prata e os diamantes constituiram recursos opulentos para a metropole, e colhiam-se naturalmente nos rios, ou, com facilima extracção, nas minas da terra.

A agricultura tinha um pequeno desinvolvimento relativo. Mas, apezar d'isso, e não obstante as perturbações e accidentes politicos de que temos fallado, e das restricções de que fallaremos, foi, durante quasi um seculo, a contar de Martim Affonso, a unica fonte de riqueza explorada em todas as capitanias. Como diz Rocha Pombo, pondo pé na terra, o emigrante europeu, que vinha tangido de ambições e acossado pela miseria e pelo despotismo, em nada mais pensou, desde o primeiro dia, senão haurir do solo a exuberancia da seiva que lhe liberalisava uma natureza inclemente, mas cujas magnificencias lhe compensavam todo o esforço [2].

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. III, pag. 660. — D. Francisco Manuel, *Epanaphoras*, Epanaphora V.

[2] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 505.

A industria e mesmo o commercio foram tambem deficientes, não obstante o haver-se creado, no tempo de D. João IV, a Companhia Geral do Commercio do Brazil, inspirada no exemplo da Companhia Hollandeza, que principiou a mandar frotas para lá [1]. E nós veremos já as causas que produziram essa deficiencia.

A sorte da colonia ia mudar completamente com a administração do Marquez de Pombal.

Logo no principio do seu governo, em 1752, teve logar a insurreição dos Paraguayanos, incitada pelos Jesuitas, pelo facto do governo portuguez os ter expulsado do Paraguay; estendeu-se a revolta dos Indios do Pará ao Maranhão, cuja guerra durou até 1756. E, tendo estes sido derrotados e submettidos, começou a lucta com os Jesuitas, que levantaram ao governo toda a casta de embaraços.

Em 1755, o Marquez de Pombal fundou a companhia do Maranhão e Grão Pará, com o capital de quatrocentos e oitenta contos e com o privilegio exclusivo da venda dos generos portuguezes nos portos d'essas duas provincias. Marcava-se-lhe um certo limite para o preço de certas vendas. Concediam-se-lhe dois navios de guerra (*tercenas*) para os seus armazens, estaleiros e depositos, e a licença para tirar das

---

[1] D. Francisco Manuel, *obr. cit.*, Epanaphora V. — Ruy Ennes Ulrich, *Politica Colonial*, pag. 196. — Arthur de Moraes Carvalho, *Companhias de colonisação*, pag. 81.

mattas nacionaes as madeiras de que precisasse. Só ella podia introduzir escravos no Maranhão e fabricar polvora n'essas duas provincias; e gosava, além d'isso, muitos outros privilegios [1].

E, em 1758, ainda o Marquez de Pombal fundou outra companhia egual para Pernambuco e Parayba, tambem privilegiada [2].

Tantos privilegios provocaram as reclamações dos negociantes. A *Meza do Bem Commum* que substituira, em 1720, a Junta do Commercio, fundada em 1649, protestou tambem contra esses privilegios, mas o Marquez puniu os membros d'essa Meza; e esta foi dissolvida e substituida pela antiga Junta.

Tambem o Marquez de Pombal poz em hasta publica o privilegio para a pesca da baleia. Regulamentou os districtos diamantinos [3]. Acabou, mesmo no Brazil, com a distincção dos Christãos Novos [4]. Introduziu importantes melhoramentos na legislação civil e penal, relativas á colonia [5]. Acabou com o mau systema de vender em hasta publica os logares de serventia publica. Finalmente, foi tambem no governo d'esse grande ministro que se começou a olhar seriamente para

[1] Lei de 6 de junho de 1755, alvará de 7 de junho do mesmo anno e decreto de 10 de fevereiro de 1757.

[2] Alvará de 13 de agosto de 1759.

[3] Carta regia de 10 de janeiro de 1771.

[4] Lei de 25 de maio de 1773.

[5] Lei de 6 de junho de 1755. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. VII, pag. 318.

a agricultura, e que o progresso da colonia principiou a assentar na sua base natural e permanente [1].

Com a morte do Marquez de Pombal, os Hespanhoes appareceram de subito em som de guerra diante da ilha de Santa Catharina; e, pela fugida das auctoridades, desembarcaram tranquillamente, a 23 de fevereiro de 1777, tomando conta da mesma ilha.

Preparavam-se para invadir a provincia do Rio Grande, e chegaram ainda a tomar uma parte d'ella, quando Portugal, humilhando-se, pôde conseguir o tratado de 1778, em que lhes deixava a posse dos terrenos do Paraguay, que elles nos tinham cedido em troca da colonia do Sacramento, pelo tratado de 1750, e lhes dava tambem esta mesma colonia, com alguns terrenos do Maranhão e com as ilhas de Anno Bom e Fernando Pó. Em compensação, recebeu Portugal o que os Hespanhoes já nos tinham conquistado — a ilha de Santa Catharina e uma porção da provincia do Rio Grande.

Depois, no governo de D. Maria I, ainda houve como medida salutar, o alvará de 8 de janeiro de 1783, favorecendo o commercio do reino com o Brazil e com os portos de Goa e Macau. Mas tanto uma como as outras colonias foram novamente desprezadas.

---

[1] Para se avaliar bem a iniciativa colonial do Marquez de Pombal, póde lêr-se tambem o directorio para as povoações dos Indios do Pará e Maranhão de 3 de maio de 1757.

*

* *

Examinemos agora em especial alguns dos factores economicos a que vagamente nos temos referido.

Relativamente aos productos, os metaes preciosos foram, nos primeiros tempos da nossa descoberta, um manancial que se julgava inexgotavel. É difficil mesmo calcular ou imaginar a quantidade de ouro que se captava nos ribeiros do interior, e que era logo, nas pequenas forjas e mais tarde nas fundições da fazenda real, reduzido a barras, sem contar com aquelle que se desviava no contrabando [1].

Os exploradores, por toda a parte, iam tambem encontrando ferro, cobre, salitre [2], e varie-

---

[1] Em 1693, descobriram-se os jazigos de Minas Geraes, e em 1698 as minas do Ouro Preto, do Morro, do Ouro-bueno, de S. Bartholomeu do Ribeirão do Carmo, de Itacolumi, de Itatiaia, Itabira e outras. O ouro que se extraía d'ellas todos os annos, era extraordinario. — Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 246. — Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. II, e *O Brazil e as Colonias Portuguezas*.

[2] Em 1640, Gedeon Morris descobriu as ricas salinas de Mossoró, proveitosissimas para o Brazil, porque, desde os primeiros tempos de colonisação, o consumo do sal constituia um verdadeiro problema para o commercio e para a administração. No tempo de D. Pedro II, descobriram-se tambem abundantes minas de salitre no interior

dade de pedras preciosas, especialmente esmeraldas e safiras; mas toda a gente só cuidava do ouro e prata. Depois, com a descoberta dos diamantes, é que estes constituiram outra das grandes riquezas da colonia.

A par dos mineraes, o pau brazil tornou-se tambem, desde os primeiros tempos da colonisação, um artigo valioso para a exportação, assim como differentes especies de madeira.

Entre os productos agricolas, avultava a canna de assucar, o arroz, o trigo, o café, a pimenta e a canella. Havia grande quantidade de leguminosas, muito algodão e tabaco, bananas, muitas fructas da Europa, e outros productos, segundo mais detidamente veremos na apreciação da industria agricola.

O solo era uberrimo, como hoje, e o clima egualmente adequado á producção.

Havia abundancia de gado domestico das especies suina, ovina, muar e cavallar.

Foi, na Bahia, que se introduziu o primeiro gado, vindo de Cabo Verde, e d'alli passou para Pernambuco, aclimatando-se admiravelmente n'essas duas capitanias, d'onde tambem

---

da provincia da Bahia. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 418. — Rocha Pitta, *obr. cit.* — Mas o regimen da metropole, n'esse ponto, de que breve fallaremos, prejudicava muito a importancia da exploração, e dava logar a uma grande carestia de sal.

se espalhou pelas outras regiões. Mas foi no sul que depois a creação mais se desinvolveu [1].

E entre os animaes nativos, os macacos, papagaios e differentes aves, para a extracção das pennas e para viveiros e gaiolas, constituiam productos importantes para o commercio, de que os Francezes se abasteciam em grande quantidade. Especialmente, os papagaios tinham uma procura enorme. O seu preço regulava por doze mil reis, e eram exportados por centenas [2].

Os productos da pesca eram muito abundantes, mesmo as baleias nas costas do Oceano [3]. E sobresaíam tambem as tartarugas, que appareciam n'uma quantidade enorme.

*
* *

Se o solo do Brazil tinha a feracidade que ainda hoje possue, e que é propria do seu clima e natureza, a administração da metropole é que tolheu quasi sempre a sua exploração agricola.

Assim, até 1640, não se permittia que no Brazil se cultivassem as riquezas produzidas pelas possessões portuguezas da Asia, e que entretinham o commercio das frotas que Portugal mandava

[1] Augusto de Carvalho, *obr. cit.*, pag. 61. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v.

[2] Gomes de Carvalho, pag. 159 e seguintes.

[3] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 24.

para o Oriente, que, então, merecia mais cuidados [1]. O zelo foi tão longe, que até se arrancaram as drogas similares ás do Oriente, quando, natural e expontaneamente, brotavam na terra. Como disse o Padre Antonio Vieira, escapou o gengibre, porque as raizes se esconderam pelo chão e desappareceram aos olhos.

Perdida, porém, parte das conquistas da Asia, mudou-se de systema, no anno de 1662, mantendo-se apenas a prohibição para alguns dos objectos cultivados no solo portuguez, por exemplo, azeitonas e figos [2]. O tabaco, o algodão, a baunilha, a canella, a pimenta receberam auctorisação, para serem cultivados. Mandaram-se até vir do Oriente varios generos, para se aclimatarem no Brazil; e começou tambem a explorar-se com força o cravo e a noz moscada.

Mas o governo andava tão erradamente, que ora levantava a prohibição, com respeito a um ou mais productos especiaes, ora a limitava a certas circumscripções. Algumas vezes, só permittia a exploração a companhias organizadas com o nome de *estancos,* e outras vezes, reservava para si o monopolio.

A canna de assucar foi introduzida, em 1532, por Martim Affonso, sendo para isso levada da Madeira; e começou logo a ser cultivada com

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.* — Rocha Pombo, *obr. cit.,* vol. v, pag. 560.

[2] Rocha Pombo, *obr. cit.,* vol. v.

grande proveito em S. Vicente, depois em Pernambuco e na Bahia, e, em seguida, mais ou menos largamente, no littoral das outras capitanias.

Segundo já dissemos, antes dos Filippes, a producção attingira cento e vinte mil caixas, no valor de quatro mil contos de reis. Decaiu enormemente com a dominação hespanhola; mas, retomada a nossa independencia, a producção augmentou de novo, chegando, no fim do seculo XVII, a exceder tres milhões de arrobas ou 44.064:000 kilogrammas, n'um valor de dois mil contos de reis, approximadamente, não fallando ainda na parte das safras, consumidas na propria colonia; e essa cultura era tão protegida que o governo mandou arrancar o anil, para dar logar á canna sacharina. A producção tornou a decair com a vertigem das minas, que arrastou a população para ellas; mas, acabada essa vertigem, tornou a augmentar [1], por fórma que, em 1761, o governo teve de prohibir a plantação da canna sacharina, para favorecer as outras culturas.

O trigo, o arroz e a vinha fizeram tambem, desde logo, excepção ao regimen prohibitivo da metropole.

Por isso mesmo, o trigo fornecia uma colheita abundante, e chegou a dar grande resultado. E só mais tarde é que foi batido pela concorrencia do trigo estrangeiro, que dispunha de climas e regiões mais productivas.

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v, pag. 524.

A cultura do arroz começou em S. Vicente, como a da canna, com a chegada dos primeiros colonos; mas, tanto n'essa capitania como na do Rio, esta lavoura só se tornou importante, depois da época da mineração. E de tal modo se propagou que, nos principios do seculo XVIII, a sua producção era já muito grande, e a qualidade egual ao arroz da Hespanha e da Italia, e melhor que o da Asia [1].

No reinado de D. Maria, só a provincia do Maranhão mandava para Lisboa perto de mil sacas.

O governo, segundo os seus habitos, veiu logo regulamentar essa cultura, prohibindo, sob as penas mais severas, que se cultivasse outro arroz que não fosse o branco da Carolina. Apezar d'isso e da concorrencia das outras regiões da America, o Brazil era, no fim da edade moderna, a região do mundo que produzia mais arroz.

A vide foi introduzida, em 1535, mas nunca deu grande resultado.

A producção do algodão, ainda no tempo de D. João V, só bastava para o consumo da colonia; mas, apezar d'isso, em Pernambuco, chegou a ter mais importancia que a do assucar [2].

---

[1] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 13. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 540.

[2] Tambem esse genero soffreu por vezes as restricções da metropole. Assim, desde 1691, foi a sua cultura prohibida por vezes no Maranhão. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 529.

O canhamo foi objecto de constantes recommendações da côrte; e a cultura d'elle chegou tambem a ter certa importancia, exportando-se bastante quantidade para o reino, desde o meado do seculo XVIII [1].

O tabaco principiou a cultivar-se desde o tempo dos donatarios, e estava em uso entre os proprios colonos; mas a exploração d'esta planta, como artigo de commercio, só teve inicio na Bahia, nos principios do seculo XVII. Em 1711, avaliava-se já a producção da Bahia em vinte e cinco mil rôlos, no valor de 300:000$000 reis, e a de Alagoas, em 50:000$000 reis [2].

Entre os productos proprios do paiz, a mandioca era abundantissima, e a sua farinha constituia a alimentação commum dos indigenas. E tirava-se tambem grande utilidade dos andús, que são eguaes ás ervilhas na fórma, dos mangallós, mendobis, gergelim, e do gengibre, do qual se fazia boa conserva e que se deitava em differentes mixtos de doce e guizados; assim como dos geremús, carás brancos, roxos e de outras côres e de varias castas, e dos mangarás, margaritas, castanhas de caju e outros generos [3].

Além d'isso, havia muitas outras culturas, algumas das quaes se fixaram, delimitando-se em zonas proprias ou generalisando-se em todo o

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v, pag. 536.
[2] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v, pag. 537.
[3] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 14.

paiz, e outras foram simplesmente ensaios. Entre aquellas que se tornaram definitivas, estão a do milho, que era já conhecido e utilisado pelos indigenas, tanto para alimento como para fabricação de bebidas; a das favas, ervilhas, feijões, batatas, inhame, baunilha; e mais tarde a do mate e café [1].

As hortaliças e varios productos da Europa, alfaces, couves, repolhos, nabos, cenouras, pepinos, etc., eram abundantes [2]. E cultivavam-se egualmente as fructas do nosso continente e muitas naturaes do Brazil, como as mangas, ananazes, maracujás, araçás, cocos, e bananas [3], sem comtudo se tirar todo o proveito possivel d'estas ultimas, como hoje acontece [4].

Nos fins da época moderna, porém, a agricultura estava muito decadente. O trigo já se cultivava unicamente no Rio Grande. O gado bovino tinha diminuido, embora fornecesse ainda bastantes couros e carne secca. Eram rarissimas as ovelhas. Fazia-se muito pequeno caso das abelhas. E a creação do bicho da sêda tinha começado apenas em Minas Geraes [5].

---

[1] O cacau só começou a ser cultivado no fim do seculo XVII.

[2] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 14.

[3] Rocha Pitta, *obr. cit.*, pag. 24.

[4] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 544, diz que talvez não haja hoje no Brazil outro artigo de lavoura cujos proveitos se comparem aos da banana.

[5] *Memoria sobre a agricultura d'este reino e das suas conquistas* por Domingos Vandelli, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, vol. I.

*
* *

Se a agricultura não tinha o desinvolvimento que poderia ter, em consequencia das causas que já expozemos, as outras industrias eram muito mais apoucadas, pelo pequeno desinvolvimento dos colonos e pelas restricções da metropole, oriundas do systema colonial d'esta época, exceptuando o tempo do Marquez de Pombal.

Assim, a exploração do ouro, da prata e diamantes, é que, segundo já dissemos, preoccupou principalmente os colonos. Os respectivos exploradores, como tambem já notámos, iam encontrando por toda a parte o ferro, o cobre, o salitre, o crystal e diversas pedras preciosas; mas quasi que unicamente se importavam com o ouro, prata e diamantes [1].

Além d'isto, a exploração das salinas, a principio, foi prohibida, para não prejudicar o commercio do sal do reino; e, depois, constituiu um monopolio da corôa, que só foi abolido no principio do seculo XIX. Isso causou uma grande carestia de sal, e prejudicou muito não sómente a exploração dos respectivos jazigos, mas tambem o desinvolvimento das industrias que dependiam d'esse artigo [2]. Por exemplo, as derivadas da

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 461.

[2] A falta do sal era tal, que ás vezes se chegava a temperar a comida com assucar. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V, pag. 568 e 569.

pecuaria tiveram sempre grande embaraço, por essa falta do sal.

A exploração das minas de ferro foi tambem prohibida, pela razão dada nos respectivos decretos, de que o ferro do reino era de melhor qualidade [1]. E muitas outras industrias soffreram egual prohibição.

Só depois que o ouro foi escasseando e se tornou mais trabalhosa a sua mineração, é que se tratou de attender para a industria, em geral, e construir a verdadeira riqueza nas suas fontes legitimas — os trabalhos agricolas, sem comtudo se abandonar a exploração mineira. Isso no governo do Marquez de Pombal [2].

O commercio foi tambem apoucado até o

---

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v, pag. 568 e 569.

[2] Havia comtudo excepções em algumas industrias, que já antes do Marquez de Pombal, tinham attingido grande desinvolvimento, por exemplo a pesca da baleia ; pois, como se vê do alvará de 12 de novembro de 1753, já n'esse anno o rendimento dos direitos d'essa industria foi arrendado por quarenta e oito mil cruzados para o Estado. A industria da madeira de construcções era tambem importante, apezar da corôa, em todas as doações que fazia, reservar o monopolio das madeiras de lei, d'onde o erario tirava um dos melhores proveitos. Essa industria tinha até maior importancia nos tempos coloniaes do que hoje, naturalmente, como diz Rocha Pombo, porque foi vencida por outras no proprio paiz, quanto mais nos mercados de fóra. A provincia do Rio de Janeiro, apezar do mau regimen do sal, exportava courama, assucar, madeira e muitos cereaes. A Bahia, além do assucar, exportava tambem muito tabaco, aguardente e madeira, e mesmo courama. Pernambuco, todos esses generos

tempo do Marquez de Pombal. D. João IV, para o favorecer, creara, em 1647, a Companhia Geral do Commercio do Brazil, inspirada no exemplo da Companhia Hollandeza, á qual concedeu a organisação do systema de frotas, isto é, um serviço de navegação entre as colonias e a metropole, submettendo todos os armadores e mestres de navio a uma regra commum e contribuição uniforme, *para dar escolta aos navios de navegação para que se podessem oppôr a qualquer commettimento dos inimigos*. E foi tambem concedida a essa companhia o estanco de alguns artigos, como o bacalhau, farinhas de trigo e azeite.

Nada d'isto, porém, deu grande resultado, e cedo começaram as reclamações; por fórma que, em 1654, a navegação foi declarada livre para quaesquer navios fóra da frota, e a companhia foi extincta em 1720 [1].

Por outro lado, o commercio do interior, até o fim do seculo XVI, esteve fechado á actividade dos colonos, por falta de estradas. E, mesmo depois que as relações mercantis começaram a estabelecer-se, e que a navegação fluvial e costeira foi supprindo a falta de caminhos, a metropole

---

e pau brazil. O Maranhão e Pará, muito cacau, café, salsaparilha, cravo, algodão e tambem courama. — Decreto de 29 de novembro de 1753. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V.

[1] D. Francisco Manuel, *obr. cit.*, Epanaphora V. — Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. V. — Ruy Ennes Ulrich, *Politica Colonial*, pag. 199. — Arthur de Moraes Carvalho, *Companhias de Colonisação*, pag. 81.

tratou de restringir esse commercio, para não prejudicar o do reino [1].

*

* *

Ora o Marquez de Pombal não só tratou, como já vimos, do desinvolvimento da agricultura, mas tambem se esmerou pelo progresso das outras industrias. N'esse intuito, prohibiu a exportação dos negros do Brazil para o reino, que se tinha tornado assombrosa, e que, ao mesmo tempo que ia pejando Lisboa e outras cidades de ociosos, ao serviço espectaculoso dos ricos, privava a colonia de braços robustos e fortes para o trabalho; e essa medida começou, desde logo, a produzir salutares effeitos. Preveniu o desbastamento que se fazia de mangues, com penas rigorosas [2]. Favoreceu a fabricação das lonas, tréos e enxarcias, e mais *massame* dos navios, de linho das hervas gravatá e ticú, na Bahia [3]. E tal foi a sua iniciativa, que a industria brazileira, até onde ella podia bracejar com as restricções da metropole, se adiantou consideravelmente; e mais se adiantaria ainda, se não fosse embaraçada pelos principios restrictivos do systema co-

[1] Rocha Pombo, *obr. cit.*, vol. v, pag. 586.

[2] Alvará de 9 de julho de 1760. Já D. João tinha prohibido, pelo alvará de 24 de maio de 1740, cortar as arvores de baunilha e seus ramos.

[3] Alvará de 3 de agosto de 1767.

lonial de que temos fallado e de que o proprio Marquez se não animou a libertal-a totalmente.

Emquanto ao commercio, já o simples desinvolvimento da industria devia influir n'elle; mas, além d'isso, o Marquez de Pombal concorreu tambem poderosamente para o seu desinvolvimento, pelo progresso que imprimiu á metropole, pelo córte de muitas restricções a que estava sujeito, e por ter declarado livre a navegação do Brazil com Portugal e das provincias brazileiras entre si.

Tudo mudou outra vez no tempo de D. Maria I. O desinvolvimento industrial pareceu um mal, e o alvará de 5 de janeiro de 1785 terminou com esse desinvolvimento, prohibindo a existencia de fabricas e manufacturas no Brazil[1]: o que

---

[1] Diz-se n'esse alvará que as fabricas e manufacturas, ha alguns annos, se tinham diffundido em differentes capitanias do Brazil, com grave prejuizo da cultura, da lavoura e da exploração das melhores terras d'aquelle vasto continente, e que a verdadeira e solida riqueza estava nos fructos e producção das terras. Enumeram-se ali varias industrias existentes no Brazil, que ficavam prohibidas, o que attesta o desinvolvimento que lhes dera o Marquez de Pombal. Essas industrias, nos termos textuaes do mesmo alvará, eram as de todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou bordados de ouro e prata; de velludos brilhantes, setins, tafetás ou de outra qualquer qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombazinas, fustões ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão ou de linho, branca ou de côres; e de pannos, baetas, droguetes, saetas ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lã, ou os ditos tecidos fossem fabricados de um só dos referidos generos

trouxe tambem a declinação conjuncta do commercio.

*

* *

As cidades do Brazil prosperaram rapidamente.

Por exemplo, a Bahia foi fundada, em 1549, por Thomé de Sousa, perto da antiga villa Velha, e, em 1624, já tinha mil e quatrocentas casas, duas egrejas e tres conventos [1].

S. Paulo, fundada pelos padres, em 1544, sob o nome de Santo André de Borda do Campo, cresceu e prosperou tambem muito depressa, pela concorrencia dos Indios que n'ella vieram habitar.

O Rio de Janeiro, fundada, em 1656, por Estevão de Sá, progrediu egualmente com grande rapidez.

E Olinda, já em 1630, contava dois mil habitantes, sete egrejas, quatro conventos, sendo tres de frades e um de freiras [2].

---

ou misturados e tecidos uns com os outros ; exceptuando tão sómente aquelles dos ditos teares e manufacturas em que se tecem ou manufacturam fazendas grossas de algodão, que servem para o uso e vestuario dos negros, para enfardar e empacotar fazendas e para outros ministerios semelhantes.

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 340.

[2] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 392.

CAPITULO VII

Portugal

Movimento economico da parte continental n'esta época

População do reino e suas variantes.

Agricultura: Seu estado no tempo de D. João II. — Como ella definhou depois d'isso, e causas d'esse definhamento. — Esforços ineffirazes de alguns monarcas, para a levantarem. — Seu progresso, no tempo do Marquez de Pombal. — Productos principaes.

Industria: Seu apoucamento geral, sobretudo até D. João V, e causas que influiram n'isso. — Desinvolvimento relativo no tempo d'este monarca e, principalmente, do Marquez de Pombal. — Apreciação do movimento industrial no tempo de D. Maria I.

Commercio: Sua deficiencia no principio d'este periodo, e causas que influiram n'isso. — Esforços de D. João II em favor do commercio. — Influencia que as descobertas ultramarinas exerceram no movimento mercantil. — Decadencia d'esse movimento, pelo abatimento das colonias e desastre de Alcacer-Kibir. — Desgraçadas consequencias que se seguiram de Filippe I ter fechado os portos da peninsula aos Hollandezes. — Hostilidade dos povos estrangeiros contra o nosso dominio ultramarino, e males que originou. — Resurgimento do commercio, no tempo do Marquez de Pombal. — Decrescimento no tempo de D. Maria I. — Relações de Portugal com os outros povos. — Im-

portação e exportação. — Centros principaes. — Moedas. — Communicações. — Conclusão.

Vimos no volume antecedente por quanto orçava a população portugueza no fim da edade media [1].

Essa população crescera bastante, desde os ultimos tempos de D. João I a D. Manuel (1422-1521), devido á paz interna de que o paiz gosara, e ao seu desinvolvimento economico. Mas, ainda assim, o accrescimo foi prejudicado por differentes causas, como as epidemias e pestes repetidas [2], a variola, syphilis e febres intermittentes, que faziam grande damno nos habitantes; as perdas occasionadas pelas guerras de D. Affonso V, no littoral africano e contra Castella; o recrutamento para a navegação; a exportação para as colonias; a defeza de tantos presidios distantes; e a expulsão dos Mouros e Judeus.

Alguns escriptores calculam a população de Portugal, no principio da edade moderna, n'um milhão e trezentos mil habitantes; outros, n'um milhão e quinhentos mil; e outros, em tres milhões. E por isso, n'esta variedade de opiniões, abstemo-nos de fixar algarismos, remettendo os

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 480.

[2] Tal foi a de 1491, que abarcou as povoações principaes, e que renovou os seus assaltos, em 1502, 1506, 1515 e 1521. No reinado de D. Duarte, foram ellas quasi constantes.

leitores para as fontes que citámos n'aquelle volume [1].

Em todo o caso, essa população decresceu tão rapidamente, que, já no recenseamento ordenado durante o governo da princeza Margarida, duqueza de Mantua (1634 a 1640), tinha descido a 1.100:000 habitantes; pelas sangrias que soffreu nas guerras ultramarinas e continentaes; pelos continuados naufragios; pelo desastre de Alcacer-Kibir; pelas terriveis fomes, especialmente, a de 1579; pela attracção dos claustros; pela necessidade da colonisação e exodo para o Brazil e para a Africa, na cubiça do ouro e diamantes; pela emigração para as outras colonias; pelos homicidios e prisões que a invasão do duque d'Alba e a dominação hespanhola tinham trazido; pela calamidade d'aquellas pestes [2], variola, syphilis e febres intermittentes, que persistiam no reino; e até pelos terremotos frequentes [3].

---

[1] Veja-se tambem Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, vol. IV, pag. 416, e Oliveira Martins, que, no *Projecto de lei do fomento rural*, avalia a população, no meado do seculo XVI, em 1.500:000 habitantes.

[2] Por exemplo, as pestes de 1569 e 1579. A primeira, só em Lisboa, matou setenta mil pessoas, e tambem a segunda foi tão grave que teve de ser franqueada a saída dos conventos. — José Joaquim Soares de Barros, *Memoria sobre as causas da differente população de Portugal em diversos tempos da Monarquia*, nas citadas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, vol. I.

[3] Um d'elles, em 1522, derrubou em Lisboa centenas de casas e alagou duas ruas. Em 1531, houve outro que ar-

E accresce que o estado infeliz da agricultura, de que vamos fallar, concorria tambem para essa despopulação; porque fazia que muitas pessoas que não iam tentar a sorte nas conquistas, vagueassem pelas estradas, mendigando e roubando, e que outras passassem á Hespanha.

D. João I, para a conquista de Ceuta, pôde ajuntar vinte mil soldados, e Affonso V, trinta mil para a tomada de Arzilla, sem ficarem desguarnecidas as praças do reino. Pois D. Sebastião para a expedição da Africa, só pôde reunir onze mil! E, depois do desastre de Alcacer-Kibir, fez-se uma resenha da população de metade do reino, a mais populosa, e verificou-se por ella que a de todo o paiz não chegava a um milhão! [1]

No tempo dos Filippes, além das perniciosas consequencias dos males que ficam apontados, accresceu o desinvolvimento da emigração, por fórma que, no fim do seculo XVI, parte dos habitantes de Sevilha, e quasi todos os officiaes de officio, em Madrid, Castella Velha e Extremadura, eram portuguezes. E ainda essa falta de população foi aggravada, pela prohibição de entrarem no

---

rasou tambem grande parte de Lisboa; e ainda outro, em 1551, soterrou mais de duas mil pessoas. — Garcia de Rezende, na *Miscellanea* que vem no final da *Chronica de El-Rei D. João II.*

[1] A população das colonias é que tinha augmentado. — Soares de Barros, *Memoria citada.*

reino ciganos, Armenios, Arabes, Persas e Mouros de Granada [1].

Restaurada a nossa independencia, a população foi augmentando gradualmente, de modo que, em 1776, segundo o calculo d'um nosso escriptor, e em vista do recenseamento a que se procedeu n'esse anno, já passava de tres milhões e quinhentos mil habitantes [2].

Ora todas estas circumstancias e sangrias, relativas á população, deviam tambem concorrer, para prejudicar o nosso desinvolvimento economico; e vamos já vêl-o no decorrer d'este capitulo.

*
* *

Começando pela agricultura, D. João II velou tambem por ella com cuidado; e sobretudo a creação do gado equideo mereceu-lhe especial attenção.

N'esse sentido, estabeleceu coudelarias, sob a direcção de um *coudel mór*. Fez vir muitos cavallos da Africa. Prohibiu os fidalgos e clerigos de montarem em mulas [3]; e, tendo cedido, depois, ás

---

[1] *Ordenações do Reino*, liv. V, tit. 69.

[2] Soares Barbosa, *Memoria sobre as causas de differente população de Portugal, em diversos tempos da monarquia*, nas cit. *Memorias Economicas*, vol. I.

[3] Eguaes decretos não tardaram a ser promulgados no resto da peninsula. Por signal que Christovão Colombo, quebrado pelos annos e abatido pela velhice, obteve, em

reclamações dos clerigos que pediam essa liberdade, ainda assim, prohibiu os ferradores de as ferrarem, sob pena de morte.

Mas, depois de D. João II, a agricultura definhou consideravelmente.

Differentes causas concorreram para isso, taes como a séde das conquistas e descobertas, que privavam o reino dos melhores braços; a expulsão dos Judeus e Mouros, despojando tambem o reino de muitos braços validos e vigorosos e dos mais activos trabalhadores; a quantidade enorme de casas religiosas, que roubavam ao trabalho dos campos tantos homens expulsos e tantos outros encerrados nos claustros; o luxo asiatico, introduzido no reino, destruindo o amor da vida simples, frugal e laboriosa; a abundancia da riqueza, provinda das colonias, especialmente no tempo de D. João III, d'onde resultou o desprezo das outras fontes economicas; a funesta influencia dos privilegios, que esterilisava as melhores propriedades nas mãos do clero e das classes aristocraticas; o rigor das leis fiscaes, que absorviam os lucros dos lavradores; a falta de communicações e mercados; a transformação dos costumes portuguezes, pelo esplendor da navegação e das conquistas; o pouco respeito

1506, como privilegio especial, o poder montar n'uma mula *silhada e ferrada*. A lei de 2 de dezembro de 1642 prohibia até a creação de machos e mulas, e mandava proceder a devassa sobre isso.

pela propriedade alheia e menosprezo das leis respectivas; os roubos e as extorsões; o absenteismo dos campos, pela saída dos grandes proprietarios para Lisboa, que se tornou a attracção permanente dos fidalgos; a emigração para as colonias; e, apezar dos esforços de D. João II em favor da pecuaria, a carencia de estrumes, proveniente da falta de gados.

Faltava o trigo que tinhamos de importar. Os estrangeiros compravam a nossa lã crua, que depois nos vendiam com grande lucro; e pagavam os nossos bois por alto preço, para que não tivessemos com que lavrar, e maior fosse a nossa dependencia dos mesmos estrangeiros.

A falta de trabalhadores tornou-se tão grande, que o serviço era feito por escravos negros ou mouros; e havia tantos que até parecia que excediam os naturaes. De mais a mais, a moda era ter cada fidalgo muitos creados, cujos braços eram tambem roubados á agricultura; e o mau estado das finanças publicas, desde D. João III, aggravando os impostos, mais critica tornava a situação dos lavradores.

Solares meios caídos, rodeados de hortas ou campos abandonados ou desperdiçados, com as officinas arruinadas; cabanas de colmo; habitações com paredes fendidas e tectos alquebrados; curraes de palhoça; abegoarias abertas á inclemencia das estações; uma alfaia mais que insufficiente; e fazendas de meia legua e de uma legua de extensão, desaproveitadas, com as vinhas e olivedos afogados em matto, e prefazendo

a quarta parte do paiz: denunciavam a pobreza ou falta de exploração.

Já no tempo de D. João III, os ermos se alongavam deante da vista; e os grandes morgados, as terras dos nobres, os dominios das corporações religiosas e das ordens militares, em geral mal cultivadas, porque andavam de ordinario arrendadas, e, na falta de arrendatario, ficavam incultas; augmentavam a desolação.

Esforçaram-se os monarcas por acudir a esse estado de coisas com differentes providencias. Assim, D. Manuel renovou a lei de D. Fernando, quanto aos vadios [1]. Ordenou que todos os homens de trabalho, encontrados a jogar em dia de semana, fossem castigados. Prohibiu com penas graves especiaes o furto das uvas; e reformou os foraes, a vêr se podia levantar a agricultura, pelas honras que concedeu aos lavradores. Estas medidas, porém, foram inefficazes, porque, acima d'ellas, preponderavam as causas ruinosas que temos apontado.

O abandono que D. João III fez de alguns dos presidios d'Africa, teve tambem por fim augmentar a população trabalhadora do paiz, como realmente augmentou. No mesmo proposito, prohibiu elle aos fidalgos e nobres que militassem na India e lá casassem, o exercerem governo ou capitanias n'esses Estados, afim de os obrigar indirectamente a voltarem para Portugal e traze-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 475.

rem as riquezas adquiridas. Prohibiu, sob penas rigorosissimas, o furto dos gados. Deu privilegio aos creadores. Prohibiu tambem que os gados estrangeiros viessem pastar a Portugal[1]. E cohibiu a mendicidade, que se tornava verdadeiramente escandalosa[2]. Mas tambem essas medidas foram inefficazes ; porque todos fugiam do trabalho rural, e as seares eram tratadas com pequena attenção.

Por isso, em 1564, por lei de 12 de fevereiro, o mesmo rei mandou que os lavradores mondassem os campos e limpassem ou prevenissem a ferrugem, prescrevendo-lhes o modo de o conseguirem e os instrumentos opportunos. Prohibiu que se taxasse o preço do pão e vinho, e se cortassem sobreiros e outras arvores pelo pé. E mandou que se plantasse arvoredo nas margens dos rios, não só para provimento dos estaleiros, como para defeza das terras.

Pouco aproveitaram tambem essas medidas. E até no tempo d'este rei se perdeu a cultura da seda, por causa d'aquella que vinha do Oriente, bem como decresceu consideravelmente a exploração do mel, em consequencia do assucar das ilhas e Brazil e da cera de Cabo Verde e de Timor.

D. Sebastião não desprezou a agricultura.

---

[1] Lei de 26 de novembro de 1538.

[2] Racional discurso por Antonio Henriques da Silveira, nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, vol. I, pag. 79.

Para prova d'isso, basta vêr o regulamento de 24 de novembro de 1576, ácerca das lezirias e paúes do reino, onde prescreveu regras para a boa administração das terras contra os estragos das cheias, para o cuidado das sementeiras, direcção dos reparos e tapumes, e vigilancia na abertura das vallas, com muitas outras disposições em beneficio da lavoura. Mas a população era então muito pequena, e bastava isso, para que a agricultura não podesse progredir.

No tempo do cardeal rei, todo de incertezas e sustos e de ambições e de intrigas para a successão da corôa, nada se fez.

Foi n'estas condições que a agricultura chegou ao tempo dos Filippes, ainda aggravada pelo desastre de Alcacer-Kibir, o qual, ceifando a população mais rica e vigorosa de Portugal, fez cumulo á desgraça, pela falta de braços, de capitaes e pelo desanimo e quebrantamento das familias dos expedicionarios. Então, por um lado, Filippe I aggravou ainda a pouca segurança e respeito da propriedade, promulgando uma lei vexatoria que fazia voltar á corôa todos os predios de que os respectivos possuidores não tivessem documento; pois que muitos d'elles nunca tinham tido titulos, e outros os tinham perdido. E, por outro lado, as causas ruinosas que militaram contra a agricultura nos reinados antecedentes, ainda vieram actuar com mais força, pelos desastrosos effeitos da guerra maritima que a Hespanha nos trouxe.

Além d'isso, muitos Portuguezes, desgostosos

foram para Flandres e outras regiões; e a perseguição de Hespanha aos que seguiram o partido do Prior do Crato, fez tambem desterrar muitas pessoas.

Em todo o caso, Filippe I e Filippe II alguma coisa fizeram, para recobrar a agricultura do seu abatimento; mas o mal estava tão inveterado que não podia curar-se facilmente.

Assim, Filippe I legislou sobre aposentadorias, livrando dos principaes encargos d'ellas os lavradores, que se queixavam desde o tempo de D. Pedro I [1]. Reformou-se a lei sobre a arborisação, prescrevendo o modo de evitar e punir os incendios e os cortes de madeiras, lenhas e rama, nas tapadas. Concedeu aos pastores serranos valiosos privilegios para a commodidade e segurança dos rebanhos transeuntes, nos districtos de Evora, Portalegre e Castello Branco. E, deferindo aos procuradores das villas e cidades, que allegaram os vexames da execução do ultimo regimento de 1579 sobre coudelarias, aboliu-as totalmente, o que ao mesmo tempo lhe serviu, para privar Portugal de bons cavallos e prejudicar esse elemento da defeza nacional.

Filippe II procurou tambem favorecer a agricultura, já ordenando aos lavradores que promovessem com mais afinco a arborisação, já providenciando sobre o enxugamento dos campos do Mondego e Ribatejo, e creando inclusivamente

[1] Alvará de 7 de setembro de 1590.

em Coimbra uma junta para o enxugamento d'aquelle rio. Mas as antipathias crescentes de Portugal com a Hespanha; as hostilidades navaes com a Hollanda; a interrupção do nosso commercio, pela falta de velas nos nossos portos; a prodigalidade na concessão de terras ao clero, como succedera com Filippe I; e os vicios accumulados que vinham dos reinados anteriores: augmentaram ainda a desordem, por fórma que, segundo attestam as Ordenações Filippinas[1], era grande a falta de trigo e mais cereaes, azeite, vinho, gados, couro, sola, atanados, linho em rama, e muito diminuta a fabricação de estopa, mel, cera e sebo. Havia mingua de pastos e fenos. Corria grande perigo a arborisação. Havia tambem grande escassez de plantas fructiferas. E era diminuta a quantidade do gado domestico.

Filippe III não tentou com menos vontade que seu pae e avô favorecer a agricultura. Mas os impostos successivos de que o duque dos Olivares carecia, e que incidiam de preferencia sobre o solo, a falta de madeiras e lenhas, a despeito das resoluções que tinham sido tomadas por Filippe II, o estado de excitação do paiz, em que o sonho da independencia ia substituindo os outros estimulos, e o mal que vinha dos reinados anteriores, tornaram egualmente infructiferos os esforços d'aquelle monarca.

Em relação á arborisação, encarregou elle os

---

[1] *Ord.*, liv. V, tit. 76, 77, 78, 112 e 115.

corregedores de demarcarem os logares mais proprios para novas sementeiras e plantações e de zelarem a guarda e conservação das mattas, devendo promover nos montes e baldios a creação de carvalhos, castanheiros, pinheiros e outras essencias, e de fiscalisar por seus olhos a execução d'essas medidas. Mas essas ordens pouco effeito produziram; porque a devastação dos proprietarios, o roubo dos estranhos e o não cumprimento dos executores as tornaram quasi que inuteis.

O pão e os legumes continuaram escasseando cada anno, e as colheitas eram cada vez mais precarias. Em 1627, foi até preciso declarar livre de direitos o trigo do reino e das ilhas, importado para consumo de Lisboa; e, em 1632, mandou-se abrir os nossos portos aos navios hollandezes que transportassem cereaes, apezar da guerra da Hespanha e da Hollanda.

Nos tempos de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, as guerras com Castella, as guerras coloniaes, a emigração para as nossas possessões e o effeito das causas ruinosas anteriores, não deixavam tambem progredir a agricultura. E accresceu que os proprios reis e os seus ministros pequeno cuidado lhe dedicaram. Mesmo o conde da Ericeira dedicou-se de preferencia ao desinvolvimento do commercio e da industria.

Já em 1641, a pobreza dos generos do paiz era tal que, nas côrtes d'esse anno, o braço popular pediu que se franqueassem livres de direitos os portos do reino aos cereaes estrangeiros.

De harmonia com essa reclamação, foi publicado o alvará de 5 de maio de 1647, que fixou como principio a franquia dos impostos, libertando de tributos os cereaes importados das ilhas e possessões ultramarinas; e isso mesmo feriu um golpe fatalissimo sobre a agricultura, porque o lavrador do reino não podia concorrer com os outros generos assim franqueados, e deixava por isso muitos terrenos incultos.

Accrescia tambem a falta ou pessimo estado das estradas e a prohibição da saída do cereal para o estrangeiro. O Alemtejo, por exemplo, não podia fazer transportar o seu excedente para Lisboa, pelas grandes despezas de conducção, nem competir ahi com o trigo estrangeiro; e tambem não podia vender para a Hespanha limitrophe, por ser prohibida a exportação.

A cultura da vinha, e a producção do vinho é que augmentou pelo tratado de Methuen, mas esse augmento onde mais se fez sentir, foi no sul [1].

D. João V, apezar do seu genio luxuoso, vendo o abatimento da agricultura e a miseria geral, no meio da ostentação da côrte, prohibiu o luxo de muitos artigos; e limitou o numero de

[1] Com effeito, a exportação dos vinhos do Douro nos quatro annos seguintes ao tratado só augmentou em 698 pipas ou 283:160 litros. — *Memoria sobre o estado da Agricultura e Commercio do Alto Douro*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. III.

lacaios, para que houvesse braços para a lavoura.

Por outro lado, vendo que os lavradores do Ribatejo soffriam grandes damnos, já pelas voltas do rio, já pelos prejuizos resultantes das cheias, e já pelo perigo e difficuldades do transporte dos generos para a capital, corrigiu esses desvios, e melhorou esse estado, doando o antigo leito do rio, n'aquellas voltas, á Basilica Patriarchal, para as fazer cultivar.

Os seus cuidados, porém, tambem não poderam levantar a agricultura; porque lá estavam a prejudical-a os esplendores da riqueza do Brazil, a ambição do ouro e diamantes das nossas colonias, a attenção desviada para ellas, com o fim de exploral-as em proveito proprio, e o genio magnificente do monarca, destinando os capitaes do Estado para outros fins menos productivos.

E, por outro lado, as muitas doações que D. João III fez e as regalias que deu, bem como a obrigação que impoz a tantos milhares de lavradores de trabalharem com seus braços e bois nas obras de Mafra, e o augmento que fez de empregados publicos, sobretudo no ramo judicial, diminuiram tambem muito a efficacia d'aquellas medidas [1].

A propria cultura do Douro, antes do Mar-

---

[1] José Verissimo Alvares da Silva, *Memoria Historica sobre a agricultura portugueza desde o tempo dos Romanos*, nas citadas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias*, vol. V.

quez de Pombal, foi sempre muito reduzida. Apenas estavam plantados de vinhedos pequenas porções de terreno, destacadas entre o matto, que se queimava de tempos a tempos, para semear, umas vezes, centeio, com bem pequeno resultado, e, outras vezes, sumagre, que se cultivava cuidadosamente, constituindo um ramo de commercio, bastante proveitoso para os lavradores.

Os olivaes occupavam outra porção do terreno. Mas nem todas as terras eram proprias para essa cultura; e por isso, a producção era muito contingente, de modo que, muitas vezes, se passavam oito ou dez annos, sem as oliveiras darem fructo.

Nas terras altas, havia tambem castanheiros, e semeava-se o pão por muita parte.

O tratado de Methuen, como já dissemos, fez augmentar a cultura do vinho, embora esse augmento se fizesse resentir principalmente nos vinhos do sul. Mas, tendo assim augmentado a producção e a cultura, tanto no Douro como nas outras regiões do paiz, o vinho caíu em tal depreciação de qualidade e preço, que, depois, o Marquez de Pombal, para remediar esse inconveniente, julgou necessario constituir, por alvará de 10 de setembro de 1756, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, para preservar e garantir o cultivo dos vinhedos e a boa toada do vinho, e para promover a venda d'elle, fixando um preço regular que desse um lucro razoavel, tanto ao viticultor como ao negociante.

E com isso melhorou certamente a situação economica do Douro, durante esta época [1].

No Alemtejo tambem a agricultura deixou sempre muito a desejar, para o que contribuiu principalmente a falta de população.

A decadencia da lavoura até D. João v, de que temos fallado, não só diminuiu ainda mais a cultura dos cereaes, mas até fez que algumas outras culturas, que tinham começado a prosperar, não podessem resistir á ruina.

Assim, a das amoreiras, tão estimadas no tempo de D. Affonso v, que até decretara a plantação obrigatoria de vinte pés por morador, nas comarcas, onde mais podesse florescer, e tão protegida tambem no tempo de D. João II, esmoreceu pela concorrencia da seda do Oriente, e só tornou a levantar-se no tempo do Marquez de Pombal. O assucar do Brazil e a cera de Cabo Verde, como já dissemos, reduziram consideravelmente as colmeias do reino. E mesmo o trigo e o azeite vinham de fóra.

Em compensação, implantou-se e vulgarisou-se logo no principio do seculo XVI, no districto de Braga, o milho grosso, que, em breve, adquiriu uma farta e grande producção; e a colheita do vinho tornou-se enorme.

Tudo mudou no reinado de D. José I, com o

[1] Veremos n'outro volume que o monopolio d'essa companhia foi abolido, no periodo seguinte, pela reclamação dos interessados.

Marquez de Pombal, que applicou tambem o seu genio ao progresso da agricultura.

N'este sentido, extinguiu os pequenos morgados e libertou muitas terras vinculadas, d'onde resultou a maior liberdade de propriedade, e, portanto, a melhoria da sua cultura. Prohibiu que se instituisse a alma por herdeira, prevenindo assim a accumulação de propriedades nas mãos do clero; e prohibiu tambem que o clero e os claustros acceitassem a doação de quaesquer bens, sem que a corôa examinasse a necessidade d'isso. Cerceou os privilegios da Egreja, para restringir a ordenação de padres. Aboliu a differença entre christãos novos e christãos velhos, medida essa que, ao passo que levantava a dignidade geral dos cidadãos, terminava com as más querenças e preconceitos, e prevenia a reserva que havia na admissão dos christãos novos ao trabalho. Declarou livres todos os cidadãos que nascessem em Portugal, dando assim garantia a todos os trabalhadores. Procurou democratisar as classes mais elevadas, promovendo o casamento entre nobres e plebeus. Exceptuou do serviço militar os creados dos lavradores abastados. Regulou a emigração para o Brazil. Fez vir da America para Portugal os homens opulentos, por meio de honras, premios e dignidades; e obrigou-os a empregar os seus capitaes na agricultura. Vendo que se abusava da cultura do vinho, em prejuizo da cultura de cereaes, prohibiu com penas severas que elle se cultivasse nas varzeas do rio Tejo, e do Mondego e Vouga,

nas terras das Lezirias ou paul e terras baixas de Torres Vedras, Anadia, Mogofores, Arcos, Avellans de Caminho e Fermentello. Ao mesmo tempo, para desinvolver o vinho da região duriense, creou a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, já mencionada, á qual deu grandes privilegios.

Animou tambem com privilegios a cultura da seda e a producção da madeira nacional. Corrigiu uma grande parte do curso do Mondego. Começou um canal desde Leiria até perto de Vieira. E foi tambem no seu tempo que se inaugurou a cultura do arroz [1].

Tudo isso levantou a agricultura do marasmo em que ella estava.

A abolição da escravatura, porém, produziu uma ligeira crise no Alemtejo, porque só lá havia quatro a cinco mil escravos. Por isso, no tempo de D. Maria I, Pina Manique fez dirigir para alli a emigração que antes d'isso se dirigia para a America. Mandou vir tambem dos Açôres quatrocentas e cincoenta familias, duas mil e trinta e tres pessoas de ambos os sexos, que estabeleceu em Setubal, Ourique, Beja, Evora e Portalegre, distribuindo-lhes terras e mantimentos. Reprimiu a mendicidade que tinha attingido um verdadeiro

---

[1] Francisco Luiz Gomes, *Le Marquis de Pombal.* — Simão José da Luz Soriano, *A Historia do reinado d'El-rei D. José.* — Latino Coelho, *Historia Politica e Militar de Portugal.* — John Smith, *Memorias do Marquez de Pombal.*

escandalo. E sujeitou os ciganos a penas graves por quaesquer abusos.

Apezar de tudo isto, ainda no fim da edade moderna, a agricultura portugueza achava-se abatida e rudimentar; mas, abatida como esteve sempre, mesmo assim, foi ella que, n'este periodo, forneceu a base mais solida da nossa economia nacional.

Havia até differentes generos que abundavam, e alguns d'elles forneceram uma fonte copiosa para a exportação. As laranjas, por exemplo, já vulgares no tempo de D. Manuel, eram exportadas em grande quantidade, da mesma fórma que os figos, passas e esparto do Algarve. Havia grande quantidade de fructas em volta de Lisboa, Setubal, Coimbra, Lamego, Collares, Abrantes, Alcobaça e Penella. Era muito grande a producção do vinho e a sua exportação. A producção do milho, como já vimos, tornou-se depressa, muito abundante. E a exportação da lã foi tambem sempre copiosa, a despeito das medidas prohibitivas de alguns reinados [1].

---

[1] Sobre esta parte, relativa á agricultura, além das obras e leis já citadas, podem vêr-se mais as seguintes obras: Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV e V. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V e VI. — Henrique Schœfer, *obr. cit.*, vol. IV, V e VI. — *Memoria sobre a população e a agricultura*, redigida por ordem da commissão de estatistica rural, Lisboa, 1868, part. 2.ª — *Memoria para a Historia da Agricultura em Portugal*, nas *Memorias da Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, vol. II.

*
* *

Se a agricultura, mesmo no tempo da sua decadencia, foi sempre a fonte mais segura da economia nacional, a industria foi, geralmente, mesquinha e pouco favorecida; e, sobretudo, anteriormente a D. João V e ao Marquez de Pombal.

Para isso, até o reinado de D. Henrique, e mesmo sob os Filippes, além dos motivos especiaes que iremos apontando, influiram as causas geraes de que já fallámos: a falta de população; a attracção para as colonias; o deslumbramento da riqueza das nossas provincias ultramarinas, fazendo que os governantes considerassem como de somenos importancia o fomento dos nossos recursos internos; a falta de communicações e de feiras, que tornava a circulação difficultosa e cara; as guerras continentaes ou maritimas, roubando para o exercito ou para a marinha a parte mais robusta da nação; a expulsão dos Mouros e Judeus, decretada, em 1496, por D. Manuel; a falta de instrucção technica e geral; a falta de capitaes, e, portanto, os juros exorbitantes; e a concorrencia dos estrangeiros, com os quaes não podiamos competir.

Além d'isso, a protecção do Estado reduzia-se a providencias, mais ou menos restrictivas da liberdade individual e da emancipação do trabalho, e, ainda assim, onerando os productos com impostos. E accresciam tambem as portagens dos

concelhos, os abusos dos officiaes e arrematantes do fisco, e os varejos, denuncias e apprehensões.

E certamente que a industria não podia caminhar com semelhantes embaraços.

Assim, no tempo de D. João II e D. Manuel, continuavamos sendo tributarios dos estrangeiros em quasi todos os artigos manufacturados. Afóra alguns pannos de linho e alguns tecidos grosseiros de lã, importavamos de Bristol, Londres, Florença, Lille, Hollanda e de outros Estados, os pannos, velludos, setins e teias para camisas finas. Os proprios escravos pretos e os creados se vestiam com fazendas de fóra.

Os nossos estofos grosseiros e os bureis, fabricados na Beira, nos districtos situados nas duas margens do Zezere, já no tempo que decorreu desde D. João I a D. Affonso V, haviam começado a fazer concorrencia aos pannos fortes e grosseiros de Bristol; e a sua producção nacional augmentou, no tempo de D. João II e D. Manuel. Mas os impostos que sobrecarregavam esses artigos, as vexações e varejos fiscaes e os abusos dos rendeiros do fisco, abafavam o desinvolvimento d'essa industria. Demais a mais, a expulsão dos Mouros e Judeus fez-nos perder uma grande parte dos melhores artistas.

Em todo o caso, no principio d'este periodo começou tambem a fabricação das baetas, guardaletes, picotes e pannos de cordão, de que anteriormente nos forneciamos do estrangeiro.

D. Sebastião fez progredir essas industrias

com o regulamento de 1573, cohibindo os abusos com que alguns fabricantes pretendiam illudir os mercados, tanto ácerca da qualidade como da medida dos pannos.

As localidades mais importantes n'este ramo eram Lisboa, Covilhã, Portalegre e Extremoz.

Mas tudo isso era modesto; porque a importação dos artefactos de Flandres, França, Allemanha e Inglaterra, em vez de affrouxar, augmentara, a ponto que, mesmo durante os Filippes, os productos hespanhoes, protegidos pela exclusão dos artigos similares dos povos com que Portugal e Hespanha andavam em guerra, supplantaram tambem as nossas fabricas [1]. Só mais tarde, é que ellas se haviam de levantar, pelos esforços do conde de Ericeira, como veremos.

Emquanto á industria da seda, que, no periodo antecedente, obtivera grande desinvolvimento, por um lado, os estofos do Oriente expulsaram do mercado os estofos nacionaes, e mesmo os estrangeiros de maior preço. E, por outro lado, as leis sumptuarias influiram tambem, para amortecer esta industria, já combalida, desde o seu começo, pela concorrencia de Granada e dos tecidos flamengos ou italianos [2].

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV.

[2] D. João II até prohibiu que se vestissem sedas, brocados, chaparias, borlados e canotilhos. Sómente os homens podiam trazer gibões, carapuças e pantufos de seda, e as

*

Ainda assim, no principio d'este periodo, Lamego cultivava no seu terreno para cima de cincoenta mil onças de seda em bruto, e lavrava em seus teares setins, tafetás e velludos, de que provia todo o norte do reino.

Uma industria que existia com grande lustre e desinvolvimento no tempo de D. Manuel, era a de tapeçaria, exercida principalmente pelos Mouros. Mas, sendo elles expulsos, ficaram apenas em Portugal os vestigios d'essa industria, até que mais tarde novamente se desinvolveu, como veremos, pelos esforços de D. João V e do Marquez de Pombal [1].

A industria do linho era muito prospera, dando grande exportação para Castella e Leão e America hespanhola. Os principaes centros eram Lamego, Guimarães, Arganil, Coimbra, Tentugal, Goes, Lafões, Arouca e Braga. Só em Lamego, o numero de tecedeiras de linho e estopa passava de dois mil. Mas, já no tempo dos Filippes, diminuiu a importancia d'essa industria.

Tambem a pequena industria ou industria caseira, até o tempo dos Filippes, teve grande desinvolvimento. Só em Lisboa, em 1558, havia numerosos officios, desempenhados por 18:658 operarios. Mas essa mesma industria desfalleceu,

---

mulheres sainhos, cintas e bordaduras sem vestidos. — Garcia de Rezende, *Chronica de El-rei D. João II*, cap. IV.

[1] Sousa Viterbo, *Artes e Artistas em Portugal*, no *Instituto de Coimbra*, vol. XLIX, pag. 362.

no tempo do governo hespanhol, porque, sendo, em 1558, o numero de operarios de 18:568, para uma população de 100:595 almas, em 1620, era de 18:655, para uma população superior a 165:000 almas.

As industrias da cortiça e curtimenta, que já no tempo de D. Affonso v e D. João ii, constituiam *estancos* ou privilegios, foram declaradas livres, em 1490; mas nem assim augmentou o seu desinvolvimento.

As saboarias estavam egualmente sujeitas ao estanco, e por isso pouco desinvolvidas.

A industria do papel, inaugurada entre nós, no tempo de D. Affonso v, não passou d'uma timida tentativa, continuando os estrangeiros a abastecer o mercado.

As fabricas de vidro estavam muito atrazadas, e todos os vidros finos e crystaes vinham do estrangeiro. Concorreu tambem para isso o facto de que, em 1498, D. Manuel, para obstar á desarborisação, prohibiu o córte de madeiras, permittindo sómente o córte da rama.

A industria de porcellanas e louças finas, azulejos e outros productos ceramicos tocara, na sua imitação das porcellanas da China, um tal grau de perfeição, que a sua exportação augmentara de anno para anno. Já, em Extremoz, se fabricavam pucaros como actualmente, cuja fórma graciosa e qualidade especial de barro tornam a agua tão fresca e saborosa.

A industria de ourivesaria, tanto a particular como a das egrejas, foi sempre extensa e notavel.

Da mesma fórma, as armarias, nos tempos aureos da nossa grandeza, tiveram grande desinvolvimento. Os grandes armazens á beira do Tejo estavam sempre repletos de armamentos, de fórma que chegaram a despertar a attenção de alguns estrangeiros illustres que nos visitaram. E, em Goa, havia outro arsenal, tão completo como em Lisboa [1].

Emquanto ás minas, D. João II e D. Manuel não desprezaram esse ramo de riqueza, e differentes medidas tenderam a desinvolvel-o. Mas, no governo de D. João III, embora se não desprezasse inteiramente a exploração mineira, outros cuidados desviaram a attenção.

D. Sebastião promulgou a lei de 17 de dezembro de 1557, pela qual as pesquizas e explorações continuaram a ser livres, com excepção de Traz-os-Montes, onde, sem licença, era prohibida a descoberta, exploração e trabalho das minas; e concedeu um premio aos descobridores. A corôa recebia um quinto do rendimento; e pago esse imposto, a venda do mineral podia fazer-se livremente no reino, sendo apenas prohibida a exportação.

De todas as minas, as mais prosperas, na primeira metade do seculo XVII, eram a de estanho de Lafões e as de ferro de Penella e Thomar. Mas a concorrencia dos productos da Biscaya,

---

[1] Sousa Viterbo, *Artes e Artistas em Portugal.*

superiores em qualidade e mais baratos, desanimava a lavra dos nossos jazigos. E, em todo o caso, a falta de capitaes e de incentivo, o atrazo das artes mineiras, os processos imperfeitos, lentos e dispendiosos, e o exito mais que duvidoso, fizeram com que esta industria, quando muito, só chegasse para o limitado gôso das localidades mais proximas, e não podesse competir, no custo e no preço, com os mineraes estrangeiros, introduzidos pela via maritima.

A exploração do sal diminuiu consideravelmente.

As salinas da antiga provincia de Entre Douro e Minho já não existiam no principio d'esta época. As de Riba Tejo foram declinando tambem, por fórma que a sua exploração cessou no tempo de Filippe II. As de Aveiro decaíram egualmente, com a decadencia da barra. Só as do Algarve continuaram a dar muito sal. E, supposto, desde 1532 até o reinado de D. José, muitas outras fossem exploradas, todas ellas decaíram depois, a ponto de que, no fim d'esta época, a maior parte se achava inculta, concorrendo tambem para isso a declinação da pesca, n'aquella provincia.

Só as marinhas da Figueira e Setubal é que forneciam grande parte do nosso rendimento. De Setubal, por exemplo, no tempo de D. João IV, saía tão grande quantidade de sal, que era exportado para Hollanda, e com o seu producto se pagavam os petrechos, armas e munições que vinham para Portugal. No anno de 1650, man-

dou a rainha D. Luiza ao juiz e vereadores da mesma cidade que lhe vendessem trinta mil moios de sal, para os mandar para Hollanda, afim de promoverem o ajustamento da paz; e, no tempo da regencia de D. Pedro, com os direitos do sal exportado para Hollanda, pagaram-se, em poucos annos, trezentos contos de reis, que se deviam aos Hollandezes[1].

A pesca continuava a ser a industria mais prospera de Portugal; e, entre as terras onde mais florescia, sobresaía o Algarve, tão apto para ella, pela sua posição geographica.

As *almadravas* ou armações em que se colhia o atum, davam já, no principio do seculo XVI, um rendimento valioso; e a villa de Lagos, em especial, tinha prosperado muito com essa pesca, havendo ahi muitos armadores e companhas, occupadas com ella, desde 1 de março até 15 de junho. E ainda D. Manuel para a favorecer, exceptuou, durante os tres mezes e meio de maior trabalho, os atalaias, armadores e companhas de serem citados, demandados ou embargados por dividas, privilegio que D. João IV lhes confirmou, em 1640.

Em 1607, só os direitos sobre as pescarias do atum, arrendados por contracto, produziam 10:686$600 reis; e, em 1620, subiram a quatorze

[1] Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Memoria sobre a Historia das Marinhas de Portugal*, nas *Memorias da Litteratura*, da Academia Real das Sciencias, vol. V.

contos, não cessando de subir até á avultada quantia de oitenta contos.

Os Portuguezes foram tambem os primeiros pescadores de bacalhau na Terra Nova.

Quando lhes constou a noticia do descobrimento d'essa região, alguns negociantes, associados com os da ilha Terceira, adiantaram em commum as despezas de uma colonia; e já esta se achava de posse de parte da costa proxima do grande banco, quando os Bretões lá chegaram, em 1504. A dizima do pescado da Terra Nova constituiu, desde logo, avultado rendimento para a corôa. E tal era a nossa concorrencia n'aquelle trafico, que, ainda em 1578, alli se achavam cincoenta navios, fazendo todos juntos o porte de tres mil toneladas [1].

O centro principal d'essa industria era Aveiro, uma das mais populosas e ricas terras de Portugal, desde o seculo XIV, e que tinha a seu favor a excellencia da barra e a abundancia das salinas. Já no tempo de D. Manuel, saíam de lá sessenta caravellas para a colheita do bacalhau; e, em 1550, os seus moradores empregavam na pesca, em geral, mais de cento e cincoenta embarcações.

Era tambem importante a colheita do atum e da corvina do Algarve.

A pesca do coral, que foi inaugurada, como vi-

---

[1] Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*, vol. V.

mos [1], no tempo de D. Affonso v, foi-se perdendo depois d'isso, por fórma que já não existia no principio do seculo XVIII.

Em 1615, tambem se conservava ainda activa a pesca da baleia, no Brazil, mas a infelicidade dos tempos logo a aniqüilou.

As pescarias do Tejo eram tão notaveis, que D. Manuel, em 1500, fez ao duque de Bragança doação do dizimo do pescado de Lisboa, para o indemnisar do reguengo de Collares e dos rendimentos das extinctas Mouraria e Judiaria: tal era a importancia d'esses direitos. E Villa do Conde, Fão, Espozende, Darque e Villa Nova de Cerveira, eram tambem muito importantes n'esse ramo.

Esta industria, porém, foi diminuindo successivamente, pelos pesados tributos que lhe foram impostos em differentes épocas, e principalmente durante o dominio hespanhol; pelas oppressões e represalias dos arrendatarios, no lançamento d'esses tributos; pela declinação do commercio e navegação portugueza; e pela decadencia dos portos e salinas [2].

Emquanto á marinha, teve um grande desinvolvimento, nos primeiros tempos da nossa gloria colonial. A armada portugueza era tão numerosa, no primeiro quartel do seculo XVI, que D. Manuel mantinha, de ordinario, trezentas naus nas

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 496.

[2] H. Schaefer, *obr. cit.*, vol. V, pag. 160.

conquistas da Asia, Africa e America. Já a armada de Alvares Cabral, em 1500, saíu de Lisboa com treze naus. Em 1501, a armada de D. João da Nova levou quatro naus. Em 1502, Vasco da Gama voltou do oriente com vinte. Em 1505, foram para a India trinta navios. Em summa, repetiam-se expedições sobre expedições, e a tudo suppria a nossa marinha.

Mesmo na qualidade dos vasos maritimos, era notavel o nosso desinvolvimento; porque nem os povos mais adiantados, como a Hollanda, conheciam os segredos da nossa construcção, capaz de arrostar a navegação longinqua.

Este progresso prolongou-se, por muito tempo; e a marinha particular acompanhava a marinha do Estado. De Vianna, por exemplo, ainda em 1619, cruzavam nos mares setenta vasos de todas ao lotações, armados e tripulados por habitantes da cidade; e Caminha era pouco inferior a Vianna na importancia da navegação.

Mas a ruina começou com a derrota da *armada invencivel,* no reinado de Filippe I, em 1588. Continuou com o naufragio das duas armadas, que foram para a India, em 1623[1], e com o naufragio da esquadra governada por D. Manuel de Menezes, em 1626; e acabou com os conflictos do canal, em 1639, e com a destruição da frota do conde da Torre, em 1640.

Os arsenaes, já n'esse tempo, estavam vasios.

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. III, pag. 330.

Não havia capitães, nem marinheiros, nem artilheiros. Castella tinha-nos levado quasi todas as peças. E a escassez do dinheiro e de aviamentos era tão grande, que se gastava, em armar duas naus pequenas para a India e algumas caravellas, tantos mezes como, nos dias mais venturosos, em lançar muitos galeões e caravellas ao mar.

As avarias que nos faziam as Companhias das Indias, não cessavam. Só no governo de Olivares, perdera a nossa corôa quinhentos e quarenta e sete navios [1]. E a tudo isso accresceram ainda as desastrosas guerras de Hollanda, a decadencia da barra de Aveiro, e a perda da barra de Vianna.

A barra de Setubal tambem se prejudicou, a ponto que, em 1617, o governo ordenou uma informação ácerca dos motivos que a tinham deteriorado. O porto de Sagres já então se achava arruinado; o de Tavira estava perdido, em 1622; e o de Faro, já no principio do seculo XVII, começava a açoriar-se.

Nas bellas artes, a não ser na creação da architectura manuelina, que produziu os monumentos de Belem e Thomar, a deficiencia era completa.

O que fica exposto já mostra que a nossa industria começou a decaír no reinado de D. João III.

N'esse reinado, attendeu-se, como vimos, com mais cuidado para as colonias; mas, por isso mesmo, e, além das outras causas da decadencia

---

[1] Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 78.

geral que já citámos, tambem pelo ouro que vinha do Brazil e que atrofiava o trabalho da metropole; pela pressão inquisitorial; e pela relaxação crescente das forças vivas do paiz: decresceu consideravelmente o movimento industrial.

E, nos dois reinados que se seguiram, ainda o desastre de Alcacer-Kibir, a decadencia colonial, as intrigas da successão, o desvairamento de D. Sebastião e a inepcia de D. Henrique, fizeram continuar a ruina, apezar de algumas medidas proveitosas d'aquelle rei, que já notámos.

No tempo dos Filippes, a pressão estrangeira; a sucção pelo governo hespanhol das nossas forças economicas; o desprezo pelo nosso fomento; as guerras coloniaes que tivemos de sustentar; as guerras maritimas a que fomos arrastados; as leis sumptuarias [1], prohibindo o luxo; e o estado de decadencia e ruina que vinha dos ultimos reinados: prejudicaram, especialmente, o movimento das industrias, e ajudaram a sua ruina. A propria marinha e as salinas decaíram grandemente, como fica exposto.

Começou, porém, n'esse tempo, a ter certa importancia uma industria que merece especial menção — a dos palitos de madeira para os dentes.

Esta industria, que hoje se exerce no districto de Coimbra, nos concelhos de Penacova,

---

[1] *Ordenações do Reino,* liv. v, tit. 100.

Poiaes e Coimbra, especialmente n'alguns logares do primeiro d'esses concelhos, tendo por centro Lorvão, onde primitivamente nascera, e que, afóra o consumo nacional, dá para a exportação duzentos e sessenta e um contos de reis, approximadamente, era já importante no seculo XVII [1].

*

* *

Durante os reinados de D. João IV e D. Affonso VI, tambem a industria não podia progredir, em consequencia das guerras da independencia. E tanto mais que os effeitos d'essas guerras se accumularam com os males que resultavam e tinham resultado da emigração para as colonias, das guerras maritimas, da pobreza do erario, excesso de tributos, falta de população trabalhadora; porque a maior parte da gente valida andava occupada na guerra e nas expedições ultramarinas, e bem assim dos outros factos já apontados.

Renovou-se tambem a prohibição do luxo [2]; e a falta de incentivo do governo concorria egualmente para essa falta de progresso.

Mas, já no tempo de D. Pedro II, o seu

---

[1] *Memoria sobre a industria portugueza de palitos de dentes*, pelo engenheiro João Rodrigues Pinto Brandão, no *Boletim do Trabalho Industrial* n.º 37, de janeiro de 1910.

[2] Lei de 25 de janeiro de 1677.

ministro, conde da Ericeira, procurou por todos os modos proteger o movimento industrial.

N'esse sentido, montou fabricas de chapéos de seda e castor, fomentou o estabelecimento e desinvolvimento de outras differentes fabricas nacionaes, e mandou vir do estrangeiro varios mestres para as dirigirem. Em 1685 e 1686, prohibiu a entrada de pannos, sarjas e droguetes estrangeiros, coarctando-se com isso o commercio activo da Inglaterra sobre Portugal; de modo que as fazendas de exportação d'aquelle reino para o nosso paiz chegaram a não montar a mais de 400:000 libras por anno [1]. E deu grande impulso ás fabricas de Portalegre e Covilhã, ao passo que prohibiu expressamente a entrada dos lanificios estrangeiros.

Ainda assim, este ministro, de tão fecunda iniciativa, perdeu uma occasião de beneficiar enormemente a nossa industria, como seria chamar para o reino os protestantes, expulsos da França por Luiz XIV, que constituiam a população mais industrial e activa d'aquelle reino.

Desgraçadamente, porém, com a queda d'esse ministro, Portugal fez com a Inglaterra o tratado de Methuen, que trouxe a ruina das nossas fabricas.

Por esse tratado, os pannos e tecidos inglezes podiam entrar em Portugal, livres de direitos; e,

---

[1] *Memoria sobre o estado da agricultura e commercio do Alto Douro,* nas citadas *Memorias Economicas,* vol. III.

em compensação, os nossos vinhos tinham entrada franca na Inglaterra. Os Inglezes, porém, nada davam e nada perdiam com isso; porque, não tendo vinhos, necessitavam dos nossos, que, n'esse tempo, eram os mais apreciados na Inglaterra, e tinham sem contestação a primazia da Europa. Convinha-lhes por isso que estes fossem baratos, e, sequentemente, que fossem isentos de direitos. E nós perdiamos tudo; porque, não podendo competir com os pannos inglezes, sem a protecção pautal, haviamos de ser esmagados por essa concorrencia, como realmente fomos [1].

Logo nos primeiros tempos depois do tratado, a nossa industria fabril declinou completamente, e, pouco a pouco, se foi quasi extinguindo [2].

Comtudo, apezar d'esse tratado, o rei que se seguiu, D. João V, não descurou o movimento industrial.

No seu tempo, fundou-se a fabrica de sêda do Rato, por meio de accionistas. Mas, no fim do seu reinado, já ella estava definhando; por falta de dinheiro; por se mandarem vir de fóra todos os objectos de seda, não obstante dizer-se

---

[1] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo e legislação de Portugal.*

[2] Com esse tratado, a exportação de Inglaterra subiu logo a 1.300:000 libras, emquanto que o augmento da expedição dos vinhos nos primeiros quatro annos, posteriores ao tratado, só augmentou em 658 pipas. — Citada *Memoria sobre o estado da agricultura e commercio do Alto Douro.*

que os productos d'esta fabrica rivalisavam com os de Lyão; e até, pelas medidas decretadas pelo mesmo rei contra o luxo [1].

D. João v fundou tambem uma fabrica de vidros em Coina [2]; e, no seu tempo, fundou-se egualmente a fabrica de vidros da Marinha Grande, por iniciativa de Guilherme Stephens, a qual só prosperou no reinado seguinte, sob a influencia do Marquez de Pombal.

A despeito, porém, dos esforços d'este rei em favor d'essa industria, a concorrencia ingleza continuou preponderando absolutamente nos mercados portuguezes.

A industria do papel, que, segundo já dissemos, principiou entre nós, no tempo de D. Affonso v, e proseguiu modestamente, depois, até D. João v, foi muito favorecida por elle, especialmente, a fabrica de papel de Louzã [3].

A relojoaria, que principiou a ser exercida no seculo xv, só pelo impulso d'este monarca, e, depois d'elle, pelo auxilio do Marquez de Pombal, tomou certo incremento [4].

---

[1] Leis de 6 de maio de 1708 e de 24 de maio de 1749. — Pereira e Sousa, *Classes dos Crimes*, pag. 136.

[2] Sousa Viterbo, *Artes Industriaes e Industrias Portuguezas*, no *Instituto de Coimbra*, de 1902, pag. 749.

[3] Sousa Viterbo, *Artes Industriaes e Industrias Portuguezas*, no *Instituto de Coimbra*, de 1903, pag. 556. — Alvará de 19 d'abril de 1749.

[4] Sousa Viterbo, *Artes e Artistas em Portugal.*

As tapeçarias tiveram grande desinvolvimento. D. João V promoveu até a fabricação das tapeçarias para ornamentação das paredes, no genero dos pannos de arraz, com figuras e vivo colorido, cuja fabricação e vestigios se perderam completamente. E, a par d'esse genero, tambem no seu tempo e no do Marquez de Pombal, se desinvolveu muito a fabricação dos tapetes [1].

A multiplicidade de grandes edificios de luxo que D. João V mandou construir, levara á descoberta e exploração de especies preciosas de marmore, de differentes côres.

As demais industrias, porém, continuaram no anterior abatimento, porque, além de outras causas já ponderadas, umas foram affectadas pelo tratado de Methuen, outras prejudicadas pelas guerras e dissensões dos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II, e todas ellas abafadas no tempo de D. João V, pela ambição e gulodice das riquezas do Brazil [2], e pela incuria administrativa d'esse monarca.

A propria industria piscatoria continuou decaíndo. D. João V quiz ainda levantar de novo a pesca do coral, concedendo, em 1711, licença a Vicente Francisco, para a restaurar; mas, apezar

---

[1] Sousa Viterbo, *obr. cit.*

[2] Para se vêr a quantidade enorme de riquezas que do Brazil vieram para Portugal, no tempo de D. João V, póde lêr-se Schaefer, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 669 e seguintes. E, comtudo, o thesouro publico estava pobre, á data do fallecimento do monarca, tal foi o seu esbanjamento!

d'isso, ella foi declinando por fórma que, já no fim do periodo, estava reduzidissima [1].

E, mesmo com respeito á marinha, em 1690, só nos restava a lembrança da nossa opulencia passada.

*

* *

Tudo mudou no tempo do Marquez de Pombal.

Já, pelo facto d'elle ter feito progredir a agricultura, egualado a condição dos cidadãos, vinculado ao reino os christãos novos, cohibido a emigração colonial, e desinvolvido o commercio, que influe na industria, como a industria influe no commercio, concorreu indirectamente, para fomentar o progresso industrial. Mas a tudo isto, juntou uma acção immediata e directa.

Assim, para acabar com a funesta influencia do tratado de Methuen, exigiu que os Inglezes levassem de Portugal mercadorias, em valor correspondente áquellas que nos fornecessem.

Protegeu muito a fabricação da seda. E, n'este sentido, resuscitou a fabrica do Rato [2]; só em dois annos, mandou vir de França quarenta mil pés de amoreiras, que foram plantados nos arredores de Lisboa e na propria quinta de Oei-

---

[1] Constantino Botelho de Lacerda Lobo, *Memoria sobre a decadencia das Pescarias em Portugal*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. IV.

[2] Alvará de 20 de fevereiro de 1752.

*

ras, d'elle Marquez, e deu vantagens aos lavradores ou plantadores d'essas arvores [1]; concedeu subvenções aos respectivos fabricantes, e a isenção de direitos para a exportação dos productos ou importação dos materiaes precisos ao fabrico; e outhorgou ainda outros privilegios, sempre com o fim de animar, como animou, aquella industria [2].

Introduziu fabricas de cutellaria, relojoaria, pentearia, fundição de metaes, louças, serralheria, cambraia e botões de casquinha [3]. Deu vida nova ás fabricas de lanificios da Covilhã, Fundão e Portalegre. Animou a fabricação da sola e atanados, prohibindo a importação dos productos estrangeiros e isentando de direitos a exportação dos respectivos productos [4]. Favoreceu egualmente a fabricação da goma e do grude [5], a cravação dos diamantes e a fabricação de folhetas para isso [6], a industria de chapéos [7], e a fabricação de pelles d'anta, camurça e pelliças [8].

---

[1] Lei de 20 de fevereiro de 1752.

[2] Decretos de 2 de abril, 6 de agosto e 24 de outubro de 1757, alvarás de 10 de abril de 1760 e 3 de março de 1761, e decreto de 3 de abril de 1763.

[3] Decreto de 17 de fevereiro de 1774.

[4] Decretos de 6 de abril de 1758, 21 de agosto de 1761 e 4 de dezembro de 1764.

[5] Alvarás de 9 de junho de 1761 e 4 de dezembro de 1764.

[6] Alvará de 22 de agosto de 1767.

[7] Alvarás de 10 de dezembro de 1770 e 22 de outubro de 1775.

[8] Alvará de 19 de maio de 1770.

Confirmou em bases solidas a fabrica de vidros da Marinha Grande, abonando-lhe dinheiro e concedendo-lhe varios privilegios fiscaes.

Tomou conta da fabrica de papel da Louzã, incumbindo a manufactura a negociantes da sua confiança; e foi assim que, passando depois esta fabrica para particulares, se tem conservado até os nossos dias.

Fez ensaiar a fabricação da porcellana, embora sem grande resultado. Creou a superintendencia dos lanificios, para conservar a reputação da lã e dedicou especial attenção a essa industria [1]. A fim de incitar o fomento industrial, fez que o Estado abonasse importantes quantias a differentes fabricas [2]. E, para se animar a industria de pannos nacionaes, até por occasião do terremoto de 1775, o proprio rei, a familia real e toda a côrte se vestiram de briche.

A industria do linho é que decaíu no tempo do grande ministro; porque elle extinguiu a feitoria obrigatoria do linho e canhamo, com todos os seus officios e empregos [3]. Essa feitoria datava de 1625, em que se impoz aos lavradores de certos concelhos a obrigação de semearem uma certa

---

[1] Alvarás de 11 d'agosto de 1759, 7 de novembro de 1766 e 4 de setembro de 1769, e decreto de 20 de março de 1770.

[2] Campos Junior, *O Marquez de Pombal*, vol. II, pag. 284. — John Smith, *Memorias do Marquez de Pombal*, pag. 279.

[3] Alvará de 25 de fevereiro de 1771.

porção de linhaça, mesmo nas terras que eram mais proprias para a cultura do trigo e do milho grosso. Mas, se, com aquella medida, a industria do linho desmereceu, subiu, em geral, o proveito da agricultura.

Tambem o Marquez de Pombal mandou construir um grandioso edificio para o fabrico da polvora, na Ribeira de Alcantara, com todas as officinas precisas.

Com o fim de proteger e fiscalisar a industria e commercio, creou, em 1755 [1], a Junta do Commercio, que, mais tarde, já no reinado de D. Maria I, foi elevada a tribunal regio, com o nome de *Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação,* e com grande jurisdicção sobre esses assumptos [2].

Vendo que a pesca reclamava despezas demasiadas, para que um só individuo a podesse explorar com vantagem, concebeu a ideia de fundar uma companhia, no intento de erguer essa industria; e assim creou a Companhia Geral das Pescarias Reaes do Reino do Algarve, com privilegio por doze annos [3], que abrangia todos os productos da pesca, excepto a sardinha, e que deu optimos resultados. Mas, no resto do paiz, a industria piscatoria continuou decadente.

Fez vir de muitas partes, á custa do Estado e com grande dispendio, toda a sorte de mecanicos

---

[1] Decreto de 30 de setembro de 1755.

[2] Decreto de 5 de junho de 1788.

[3] Decreto de 15 de janeiro de 1773.

e artifices, fabricantes de lanificios e de seda, tecelões, chapeleiros, carapuceiros, esmaltadores, etc.; e com isso a industria fabril tomou um grande adiantamento [1].

Desinvolveu tambem muito a marinha, com o auxilio de Martinho de Mello e Castro, mandando até vir Suecos, Hollandezes, Dinamarquezes, e, principalmente, Inglezes e Francezes, para nos instruirem e ajudarem n'aquillo em que tinhamos sido os seus mestres e modelos, nas épocas passadas.

Deu egualmente grande desinvolvimento ás letras e humanidades.

E, finalmente, para fornecer braços ao trabalho e á industria, prohibiu, sob penas severas, a vadiagem e ociosidade em Lisboa, empregando até os vadios nas obras do Estado [2].

Com a morte de D. José I, a industria decaíu de novo; porque, além dos Inglezes retomarem a sua influencia, afrouxou a iniciativa do governo.

E, entretanto, alguma coisa se fez de bom no tempo de D. Maria, que influiu tambem no movimento industrial.

Assim, além do grande serviço prestado á instrucção publica, geral e superior, fundou-se a Academia Real das Sciencias e a Academia da Marinha, que serviu de base á moderna Escóla Naval [3]. E o grande ministro da marinha, Mar-

---

[1] Schaefer, *obr. cit.*, vol. V, pag. 163.

[2] Decreto de 4 de novembro de 1755.

[3] Lei de 5 de agosto de 1779.

tinho de Mello e Castro, que já o fôra no tempo do Marquez de Pombal, desinvolveu muito a marinha; estabelecendo uma companhia de guardas marinhas, que deviam frequentar não só as aulas d'aquella Academia, mas tambem as demais que fossem necessarias, para conhecerem as materias relativas á profissão que adoptaram; reformando a administração da marinha e augmentando muito os navios da armada; fazendo desinvolver grandemente a nossa construcção naval; e creando a Cordoaria de Lisboa.

Além d'isto, D. Maria estabeleceu no Porto uma aula de desenho e debuxo; e, em Lisboa, outra de desenho de historia e de figuras, e ainda mais uma de desenho e de architectura civil.

Acabou com a Companhia do Pará e Maranhão, que pouco proveito tinha dado á economia nacional [1]. Continuou a proteger a industria de vidraria [2]. Libertou o commercio interior de lans da fixação de preços e outras peias, que lhe tinha posto o alvará de 4 de setembro de 1769 [3]. Favoreceu o fabrico de pentes de marfim, caixas de papelão e vernizes [4], a fabricação de meias [5], lanificios [6] e fitas nacionaes.

---

[1] Decreto de 9 de janeiro de 1778.
[2] Alvará de 11 de dezembro de 1780.
[3] Decreto de 25 de janeiro de 1718.
[4] Decreto de 24 d'abril de 1784.
[5] Decretos de 14 de fevereiro e 2 de agosto de 1786.
[6] Alvará de 31 de julho de 1788.

E Pina Manique, intendente de policia, reformando e organisando a policia, acabando com o estado de desordem de Lisboa, e illuminando a cidade, concorreu tambem para a segurança do trabalho, e, sequentemente, para a protecção da industria.

Por outro lado, fundou a Casa Pia, para recolher e instruir os orphãos vadios de Lisboa, aproveitando para o trabalho muitas vocações e actividades perdidas. E, finalmente, desinvolvendo, como veremos, as communicações em volta da capital, auxiliou tambem com isso as industrias d'ella [1].

*

* *

Pelo que respeita ao desinvolvimento mercantil, até o fim do seculo XV, o commercio externo era muito limitado. E, para isso, além das vexações e restricções a que estava sujeito, e de que já fallámos, no volume III, concorria a enormidade dos abusos fiscaes. Apenas as naus estrangeiras fundeavam no porto de Lisboa, os es-

---

[1] N'esta parte do movimento industrial, na edade moderna, podem vêr-se, além dos livros e leis que ficam citados, as seguintes obras: José Accurcio das Neves, *Variedades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas*, vol. III, pag. 311 e seguintes, e *Noções Historicas, Economicas e Administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal*. — Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*.

crivães e despachantes da alfandega caíam sobre ellas, como aves de rapina; revolviam as camaras, os porões; e apoderavam-se de tudo o que podiam tomar na confusão da descarga.

O porteiro da alfandega, na arrumação, lançava de proposito os fardos nos peores armazens; e, peitado por dadivas, fazia atrazar o despacho de navios chegados ha mais tempo, em proveito de outros mais modernos.

As violencias e maus tratos para com os negociantes estrangeiros eram usuaes. A guarda das fazendas era tão infiel, que ás vezes desappareciam peças inteiras de panno. Demorava-se o despacho de proposito, para que os negociantes tivessem de dar as fazendas por todo o preço. Os rendeiros, Judeus e outros homens compravam a praso; assignavam escriptos de divida; e faltavam a tudo, certos de que as protecções eternisariam as demandas e consumiriam os credores.

Empregava-se toda a sorte de fraudes e roubos, para despojar os estrangeiros, e muitas vezes, á má cara: tanto mais que lhes era prohibido o uso das armas.

Já o infante D. Pedro, para resarcir os Portuguezes das tomadias e represalias dos piratas, obrigara os povos estrangeiros ao tributo addicional de quatro por cento sobre as sizas. Esta odiosa contribuição ainda se conservava no tempo de D. João II, e havia, além d'isso, outros impostos muito arbitrarios, lançados sobre os navios estrangeiros.

Ora D. João II abateu os direitos de entrada em Lisboa; favoreceu muito os negociantes estrangeiros que vinham negociar no reino [1]; e, pela rigidez do seu governo, diminuiu aquelles vexames e a avidez dos exactores. Mas outras causas concorriam, para tornar precaria a situação dos mesmos estrangeiros.

Assim, a inveja pela sua riqueza levou os Portuguezes a odial-os e julgar mal adquirida a sua opulencia, queixando-se ao rei de que elles procuravam arrastar o preço dos generos; de que não introduziam as qualidades dos tecidos absolutamente necessarios ao consumo; de que em si concentravam todos os cambios; e de que descobriam os segredos do commercio das ilhas e da Mina: o que tudo fazia diminuir os lucros dos lavradores, os direitos das alfandegas e a circulação do numerario. D. João II não attendeu a semelhantes queixas; mas aquelles suppostos aggravos expunham os negociantes estrangeiros a conflictos, tornando-lhes perigosissima a hostilidade dos empregados fiscaes, seguros do apoio popular.

Além de tudo isso, D. João II, para augmentar os rendimentos das alfandegas nacionaes, fez vir os mercadores externos aos mercados do reino; prescrevendo que nenhum d'elles podesse residir nas ilhas, sem licença especial, e que, dentro

---

[1] Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*, vol. v.

d'um anno, saíssem d'ellas os que ainda lá estivessem.

Esta medida deu resultado, e os productos das ilhas, em vez de passarem directamente para a mão dos estrangeiros, começaram a ser carregados por elles em Lisboa. Mas excitou o ciume e hostilidade das nações externas, dando logar a varios aprisionamentos de navios portuguezes pelos Inglezes, Hollandezes e Francezes, ao mesmo tempo que terriveis represalias da nossa parte, e alguns conflictos passageiros com esses paizes. E, por maior que fosse o estimulo mercantil de D. João II, que o arcebispo de Evora e o duque de Vizeu apodavam, por irrisão e desprezo, de *rei mercador*, ou por mais forte que fosse o seu governo, os abusos arreigados nas instituições sempre conseguiam prevalecer, aggravando as difficuldades do transito e do consumo, com a extorsão das portagens illegaes e iniquas.

Demais a mais, os regulamentos em vigor, a pretexto de prevenirem as fraudes e contrabando, embaraçavam o commercio, obrigando os fabricantes a sello e registro, na séde dos almoxarifados [1], com perda de tempo e dinheiro.

Os impostos de saída eram pesados e as formalidades embaraçosas; o retorno estava tambem regulamentado por fórma iniqua; e todas as mercadorias, ou fossem productos fabris ou

---

[1] Os almoxarifes eram os officiaes da fazenda da casa real, incumbidos de arrecadar os respectivos direitos.

generos alimenticios ou materias primas, eram indistinctamente carregadas de direitos, á entrada ou á saída [1].

D. Manuel diminuiu os tributos da cortiça despachada em Lisboa, e tornou livre a importação de madeiras para construcções navaes, assim como o pão, as armas, as aves e a caça; o que já contribuiu para o desinvolvimento do commercio internacional, mau grado os inconvenientes apontados.

A limitação do commercio exterior tornava tambem limitado o commercio interno. Mas tudo mudou com as nossas expedições ultramarinas que vieram alterar completamente as condições mercantis do paiz; e, por meio da exploração dos productos coloniaes, trouxeram um desinvolvimento enorme ao commercio externo, a despeito de todas as restricções e mau grado os embaraços do systema colonial.

Então, longe de se afastarem os negociantes estrangeiros, alguns d'elles gozaram até de favores especiaes.

Em 1503, por exemplo, D. Manuel concedeu a varios negociantes allemães auctorisação para re-

---

[1] Além das alfandegas maritimas, a organisação fiscal, nos seculos XVI e XVII, comprehendia a *Casa da India, Guiné e Mina,* onde se despachavam os carregamentos d'aquellas proveniencias. A *Casa do Haver do Peso, Marçarias e Herdades,* a *Casa da Siza dos Trinta,* a *Casa da Portagem,* a *Casa da Carne,* a *do Paço da Madeira,* a *da Siza do Peixe,* e a *do Terreiro do Trigo.*

sidirem em Lisboa, assim como a qualquer outro commerciante estrangeiro que estabelecesse feitoria em Portugal, pelo menos com 25 ducados.

Entre os primeiros que se aproveitaram d'essa concessão, contam-se os Fuggers, que, em 1504, enviaram a Lisboa o seu primeiro feitor, Marcos Zimmermann.

N'esse mesmo anno, concluia tambem Lucas Rem, feitor da casa de Welser, de Augsburgo, com D. Manuel um tratado pelo qual lhe era concedida participação no commercio directo com as Indias, podendo expedir, na frota que então seguia para o Oriente, um commissario seu e generos para a permuta. E a mesma concessão já tinha sido feita aos italianos Bartholomeu Marchioni, de Florença, Antonio Sabrago, Francesco Carducci e outros.

Passado, porém, algum tempo, foi decretado por D. Manuel que toda a pimenta, vinda das Indias devia entrar na alfandega de Lisboa, para d'ahi ser vendida aos compradores; e cessou, assim, a participação dos estrangeiros nas frotas da India [1].

Ora aquellas expedições ultramarinas tinham começado muito cedo a influir no commercio da metropole.

Já, em 1444, o infante D. Henrique havia auctorisado uma companhia, fundada em Lagos, a

[1] Bento Carqueja, *O Capitalismo Moderno*.

negociar directamente com as ilhas d'Arguim, e ahi mandara levantar uma fortaleza, onde estabeleceu uma feitoria, de que logo proveiu grande trato. Esse trato, com o descobrimento do reino de Benin, d'onde se começou a carregar a pimenta para Flandres, e com a descoberta da Mina, onde D. João construiu o castello e cidade de S. Jorge, augmentou por fórma que o mesmo rei estabeleceu uma outra feitoria permanente em Anvers, incumbida de negociar, por conta da corôa, e de proteger as transacções dos vassallos portuguezes.

Muitas outras das nossas possessões, logo no fim do seculo xv, começaram tambem a recompensar os descobridores. A Madeira, por exemplo, já então fornecia mais de quarenta e cinco mil arrobas de assucar. S. Thomé principiara egualmente a fornecer grande quantidade. A malagueta, as especies, os almiscares e licores, embora constituissem monopolio da corôa, desde o infante D. Henrique e D. Affonso v [1], não deixavam tambem de vir enriquecer o mercado nacional. E, por fim, com o alargamento das nossas conquistas da Asia, principiaram os diversos productos do Oriente a affluir com força ao

---

[1] Com effeito, D. Affonso v, revalidando os antigos regimentos de seu tio, D. Henrique, reservou expressamente para a corôa a exportação da malagueta e outras especies, e dos licores e almiscar, sob penas graves: medida essa que representou um dos primeiros traços do systema colonial.

reino, e os povos estrangeiros, sobretudo, os Hollandezes e Venezianos, a vir carregal-os em Lisboa. Estes ultimos quizeram até contractar com o rei D. Manuel o monopolio da compra d'esses productos, como veremos.

Então, as nossas naus voltavam do Japão carregadas de prata, e da China, pejadas de seda e de almiscar. O cravo das Molucas, a massa e noz da Lunda, a canella de Ceylão, as perolas de Manar, os diamantes de Mossulpatan, os rubis de Pegu, o beijoim de Achem, a teca e courama de Cochim, o gengibre e pimenta de Malabar, a camphora de Borneu, o anil, o cairo, as roupas de Cambaya, o incenso de Cacheu, os cavallos da Persia e Arabia, o marfim de Africa, e mil outras preciosidades enchiam os nossos mercados. Lisboa tornou-se, como já dissemos, o emporio do mundo, o Tejo, o collector do commercio universal.

No tempo de D. João III, ainda continuámos vivendo do commercio colonial; e sustentámos apparentemente a nossa grandeza, não obstante a ruina que já lavrava no centro, e apezar d'esse rei concorrer, pela sua politica jesuitica, para o desfallecimento do reino.

Mas já D. Sebastião prejudicou muito o commercio pelo seu abandono dos assumptos economicos; e até, pela promulgação de medidas anti-economicas e mesmo descaroadas, restringiu a liberdade do trafico mercantil. Por exemplo, pelo alvará de 4 de novembro de 1564, que prohibia vender mercadorias fiadas a pessoas

necessitadas que n'ellas não negociassem, e lei de 1 de julho de 1565, que taxava o preço da carne [1].

Depois, o desastre de Alcacer-Kibir, o frouxo governo do cardeal D. Henrique e as luctas do Prior do Crato continuaram a abater o movimento commercial. Mas o principal golpe veiu do governo dos Filippes, com a desastrada medida de fechar os nossos portos aos Hollandezes.

Assim, emquanto Portugal conservou a sua independencia, não tomou parte nas luctas dos Hollandezes com a Hespanha, e por isso os negociantes da Hollanda foram bem acolhidos no porto de Lisboa. Mas, quando Filippe I tomou conta de Portugal, intendeu que não havia melhor maneira de castigar a Hollanda que prival-a das mercadorias da India, que os seus navios iam carregar a Lisboa. N'este sentido, fez, em 1594, arrestar de improviso, no porto d'aquella cidade, cincoenta navios hollandezes, e prohibiu aos seus novos subditos, sob as penas mais severas, quaesquer relações com as provincias hollandezas. Foi para ellas um golpe rude, mas depressa o dardo se voltou contra quem o lançara.

Os Hollandezes comprehenderam que não ti-

---

[1] *Repertorio dos Lugares das Leis Extravagantes*, pag. 52. — Provisão de 14 de setembro de 1568, para se não vender pão aos estrangeiros. — Lei de 22 de agosto de 1570, que prohibia as mulas, facas e quartões da França, Flandres, Allemanha, Escocia e Irlanda. — Alvará de 30 de maio de 1576, prohibindo comprar cascaria para revender.

nham outro remedio senão ir buscar os proprios productos á India; e para isso começaram por vêr se descobriam um caminho, mais curto e menos ameaçado, pelo norte da Europa, atravessando o Oceano Glacial.

Supposto os Inglezes já tivessem tentado inutilmente, em 1556, chegar ás Indias Orientaes por este caminho, muitos negociantes da Zelandia se associaram, em 1596, e equiparam, com o auxilio de Amsterdam e Enkhuisen, tres navios que, sob a direcção de Barentz e Heemskerk, deviam procurar, pelas costas septentrionaes da Europa e da Asia, um caminho para a China e Molucas.

A empreza falhou completamente, e, nos annos seguintes, duas outras expedições tiveram o mesmo resultado.

Mas, durante o decurso d'estas expedições, os Hollandezes tinham-se aventurado a tentar a viagem da India, pelo caminho dos Portuguezes; e o acaso veiu ajudal-os.

Como já dissemos [1], um hollandez, Cornelius Hautemann, que tinha navegado, muitas vezes, além-mar, em navios portuguezes, achava-se preso em Lisboa, por não ter podido pagar uma multa judicial, que lhe fôra imposta; e propoz aos seus patricios ensinar-lhes o caminho das Indias, comtanto que elles lhe pagassem aquella multa. A offerta foi acceita.

Uma sociedade de negociantes — a *Sociedade*

---

[1] Pag. 192.

dos Paizes Distantes ou Sociedade Van Verne [1], encarregou-se do seu livramento; e, em 1585, enviou-o á India, com quatro navios, e com a missão de estudar o commercio d'essa região.

A expedição teve optimo resultado. Atraz dos Hollandezes, foram os Inglezes; e, desde então, acabou a preponderancia do nosso commercio na India.

O desastre da *esquadra invencivel,* que nos levou tudo o que ainda restava da nossa marinha, as guerras com a Hollanda, no Brazil, os ataques dos corsarios, as luctas da independencia, e as desordens do reino, com D. Affonso VI, completaram a decadencia.

No tempo de D. Pedro II, o conde de Ericeira, levantando a nossa industria, levantou egualmente o nosso commercio; mas, em breve, o tratado de Methuen, fazendo retrogradar, com toda a força, o movimento industrial, fez tambem decaír o movimento mercantil.

A situação não melhorou no tempo de D. João V. E, coisa notavel, apezar do ouro e diamantes que vinham a rôdos do Brazil, os desperdicios da corôa e a indolencia dos Portuguezes eram taes, que as circumstancias do thesouro foram sempre más, e o onus da divida publica sempre abafador!

Pelo advento do Marquez de Pombal, é que

---

[1] Octave Noel, *Histoire du Commerce du Monde, depuis les temps les plus reculés,* vol. II, pag. 153.

houve o mesmo resurgimento que se deu na industria.

Começou elle por abrir numerosas estradas, que melhoraram as condições do paiz, facilitando as communicações e dando mais facil saída aos productos.

Segundo as ideias do tempo, estabeleceu, como vimos, o systema das companhias e privilegios; mas, ainda assim, pelo seu vigor e actividade e pela funda iniciativa do seu genio, o commercio recebeu d'elle um vigoroso impulso, e tambem contribuiram para isso algumas d'aquellas companhias. Por exemplo, a Companhia dos Vinhos do Alto Douro levantou e augmentou muito o commercio dos vinhos da região duriense.

Creou a Junta do Commercio [1], de que já fallámos, e auxiliou quanto pôde o desinvolvimento das nossas relações commerciaes com varios paizes. Creou a *Aula de Commercio,* onde os individuos que se dedicavam a essa carreira, adquiriam os conhecimentos especiaes que lhes eram indispensaveis. Aboliu a odiosa differença, que ainda existia, entre o reino de Portugal e Algarve, unificando-os nos mesmos impostos e abolindo as restricções que, em varias partes, pesavam no commercio dos Algarvios [2].

E os seus esforços foram coroados do melhor resultado; porque a industria mercantil tornou a florescer novamente, como não tinha florescido,

---

[1] Decreto de 30 de setembro de 1765.

[2] Lei de 4 de fevereiro de 1773.

depois das épocas afortunadas de D. Manuel e D. João III.

No tempo da rainha D. Maria I, Pina Manique, policiando e illuminando Lisboa, prestou tambem grandes serviços ao commercio.

Ainda, em muitos sitios, se viam as ruinas e escombros que o terremoto produzira, e que o Marquez de Pombal não lograra substituir inteiramente por novas edificações. A policia nocturna era feita por meio de rondas, que, ás horas mortas, circulavam na cidade. Lisboa, de noite, era uma das terras peores para o viandante inoffensivo, com as suas trevas, os seus muladares, os seus entulhos, as suas encruzilhadas, as suas quelhas; povoada de cães, de mendigos, de mulheres perdidas, de padres mundanissimos, de numerosos malfeitores e militares indisciplinados, que iam correr as suas errantes aventuras ou perpetrar livremente as façanhas criminosas. E a indisciplina das tropas da guarnição tornava ainda mais precaria a segurança dos cidadãos.

Pina Manique, porém, reduziu a mendicidade e vadiagem, como já fizera o Marquez de Pombal; e, acabando com as proezas dos facinoras, augmentou e protegeu o trabalho, e completou essa obra, com o estabelecimento da Casa Pia, que era, ao mesmo tempo, escola, manufactura e penitenciaria[1].

---

[1] Latino Coelho, *Historia Politica e Militar desde os fins do seculo XVIII até 1814*, vol. I, cap. V.

A par d'isso, houve, no tempo d'aquella rainha, algumas outras providencias, directamente relativas ao commercio e tendentes a desinvolvel-o. Assim, proveu novamente ao trafego dos estabelecimentos reaes de lanificios em Portalegre, no Fundão e na Covilhã, confiando-os a uma companhia de opulentos mercadores [1]. Para conjunctar a conservação e progresso do fomento, n'uma só instituição, creou a *Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação d'estes Reinos e Dominios,* que substituiu tambem algumas instituições dispersas anteriores. Regularisou os seguros maritimos. E concluiu com a imperatriz Catharina da Russia, em 20 de dezembro de 1789, um tratado de amizade, navegação e commercio, que alargou as nossas relações mercantis com aquelle imperio; mas esse facto já não pertence á edade moderna, de que estamos tratando.

Apezar de tudo isso, o commercio, como todas as instituições do reino, desceu muito do desinvolvimento a que chegara no tempo do Marquez de Pombal [2].

*

* *

Pelo que respeita ás nossas relações mercantis com os paizes estrangeiros, eram ellas,

---

[1] Alvarás de 29 de março e 3 de junho de 1788.

[2] Schaefer, *obr. cit.*, vol. V.

officialmente, cordeaes com a Inglaterra, no principio do seculo XVI, e até os mercados inglezes forneciam o trigo que nos faltava. Mas a avidez dos corsarios e piratas começou a embaraçar as transacções, de modo que nós começamos tambem a deixar de ir áquelle paiz, com receio d'elles. E, do meado d'aquelle seculo em diante, já não eram sómente os corsarios ou piratas que atacavam os nossos navios ou embaraçavam o nosso commercio: eram tambem as expedições inglezas que cubiçavam as nossas colonias.

Assim, em 1553, os Inglezes, apezar de recebidos com amizade na ilha da Madeira, tentaram conquistar a cidade do Funchal, por um assalto repentino: o que não poderam conseguir, pela firmeza do nosso governador. Em 1555, os vasos britannicos appareceram em differentes pontos da costa da Mina, resgatando ouro e marfim; e, só depois de energicas reclamações do nosso governo, é que o gabinete da rainha Maria Tudor se viu obrigado a prohibir aos seus vassallos a navegação da Africa, India e Brazil e de todas as regiões descobertas pelos Portuguezes, sob pena de embargo. Mas, apezar d'isso, continuaram as violencias; e a côrte de Inglaterra continuou tambem a conceder cartas de côrso que as auctorisavam.

É certo que, apparentemente, os vinculos diplomaticos entre as duas corôas mantinham-se cordeaes. Tanto os Inglezes, como os demais estados da Europa, respeitavam e tinham respeitado, officialmente, os direitos das nossas con-

quistas e o nosso privilegio sobre o commercio das terras conquistadas. Mas a fama da riqueza que nós tiravamos do trato da Mina e das especiarias da Asia, levantara a avidez de todos os negociantes; e o exemplo e felicidade dos nossos descobrimentos excitava a inveja de todos os povos.

Já tinham partido de Inglaterra pequenas expedições, como as de Drake e Frobisher, e outras se seguiram, que o governo inglez auctorisava, debaixo de mão. E, embora os Portuguezes, unidos a Castella, tambem lesada pelos corsarios, tratassem de se despicar, mettendo a pique os navios inglezes que encontravam, o trafico ultramarino era tão lucrativo, que os armadores corriam o risco de perder tudo, para ganharem muitissimo.

Por isso, em 1560, D. Sebastião enviou a Londres, como embaixador, Manuel d'Araujo, para representar contra os actos de pirataria que os Inglezes praticavam na Guiné e outras possessões nossas, chegando mesmo a vender aos Mouros os marinheiros portuguezes.

O governo inglez attendeu apparentemente a esse protesto; mas, debaixo de mão, continuou a tolerar e animar as depredações e abusos. Por isso, o governo portuguez, para os castigar, em 1565, perto do rio dos Cestos, metteu no fundo um navio inglez, com vinte e quatro pessoas de tripulação e uma carga, avaliada em sete mil e seiscentas libras; aprezou tambem outro navio nos mares da Guiné, conduzindo a

tripulação para o forte de S. Jorge de Mina [1]; e, depois, ainda aprezou e metteu a pique, na costa de Mina e golfo da Guiné, quantos navios inglezes se encontraram.

Continuaram as hostilidades, por fórma que, em 1569, o nosso governo decidiu o sequestro de todas as fazendas inglezas em Portugal. Mas, no fim de largas e enredadas negociações, celebrou-se o tratado de 29 d'outubro de 1576, por virtude do qual ficaram suspensos por tres annos todos os embargos e sequestros, e se abriram á navegação e trato dos Inglezes os portos de Portugal, Madeira e Açores.

No tempo dos Filippes, a guerra que a Hespanha teve de sustentar contra a Inglaterra, em que tivemos de ir a reboque, além da persistente ambição dos Inglezes de usurparem o commercio das nossas colonias, afrouxaram, ou quasi que interromperam, as relações commerciaes entre os dois paizes. A nossa navegação foi, por isso, atribulada pelos Inglezes, e as nossas caravellas de Mina, como as naus do Brazil e as urcas e galeões da India, desappareciam, em grande numero, afundados ou tomados pelos navios dos armadores britannicos ou hollandezes [2].

Houve depois o tratado de paz de 15 de de-

---

[1] José d'Arriaga, *A Inglaterra, Portugal e suas colonias.*

[2] Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, vol. III, pag. 138.

zembro de 1623, mas, apezar d'isso, os aggravos continuaram.

Com a restauração de Portugal, D. João IV, para manter a sua corôa, lançou-se nos braços do governo inglez, que a côrte portugueza suppunha o mais poderoso alliado do nosso reino. E resultou d'ahi o tratado commercial de Londres, de 29 de janeiro de 1642, em que se estabeleceu a mutua reciprocidade mercantil, e se permittiu que os subditos britannicos pagassem em Portugal os mesmos tributos dos nacionaes, e até que fossem isentos de alguns d'elles; que podessem usar de armas offensivas e defensivas; e gosassem jurisdicção judicial independente, liberdade de consciencia, e faculdade de trafico nas nossas possessões africanas.

Esse tratado já nos sujeitava economicamente aos Inglezes, com cujo commercio e industria não podiamos competir. Mas, apezar d'isso, em dezembro de 1652, ainda se fez um outro, mais vexatorio para nós e mais favoravel para elles, em que até nos obrigavamos a pagar-lhes a indemnisação de cincoenta mil libras, pelos bens que lhes tinham sido tomados.

Ainda depois d'isso, o tratado de 10 de julho de 1654 tornou mais estreita a sujeição; porque a Inglaterra obteve a faculdade de tambem poder commerciar nas outras nossas possessões, com direitos modicos, e até com a condição de, quando os Portuguezes precisassem de navios para as colonias, só poderem fretal-os aos mesmos Inglezes. Em 1661, veiu o tratado chamado

de *Paz e Casamento,* pelo qual se confirmaram as anteriores concessões aos subditos britannicos, e se lhes permittiu que podessem residir livremente em quaesquer praças das nossas colonias. E, finalmente, em 27 de dezembro de 1703, fez-se o tratado de Methuen, de que já fallamos, e que completou a nossa ruina industrial.

Como já vimos, por esse tratado foram admittidos livremente em Portugal os lanificios inglezes, com a condição de serem tambem recebidos livremente na Inglaterra os vinhos portuguezes, com abatimento da terça parte dos direitos que os vinhos da França pagavam. Por isso mesmo, esse tratado arruinou a nossa industria, e não favoreceu a agricultura; antes, produziu em breve uma crise vinicola e a diminuição da cultura dos cereaes, que determinou mais tarde as medidas do Marquez de Pombal, relativas á Companhia dos Vinhos do Alto Douro e ao arrancamento de vinhas de que já fallámos.

As boas relações que se seguiram d'esse tratado, foram logo perturbadas no tempo d'aquelle grande ministro, desde que elle cuidou de levantar a nossa industria. Os Inglezes, então, como desforço, trataram de repetir os antigos actos de pirataria; mas o Marquez reclamou energicamente contra isso, e a Inglaterra até mandou a Lisboa uma esquadra, para dar uma satisfação completa ao nosso governo.

D'ahi por diante, as relações politicas não tiveram perturbação sensivel; industrial e com-

mercialmente, porém, foi acabando o predominio dos Inglezes. Iam conseguindo, ás vezes, uma ou outra garantia, como, por exemplo, a do alvará de 8 de janeiro de 1783, que lhes permittiu a introducção da louça amarella, em prejuizo da nossa industria; mas o dominio absoluto economico da Inglaterra sobre Portugal só havia de renascer, com o tratado de 19 de fevereiro de 1810, que será apreciado n'outro volume [1].

*

* *

Relativamente á Hespanha foram cordeaes as nossas relações até D. Henrique. No tempo de D. Sebastião houve mesmo entre os dois paizes reciproca liberdade commercial completa.

Acabadas as guerras da restauração, o tratado de paz de 13 de fevereiro de 1668, ratificado por outro de 2 de março do mesmo anno, estabeleceu tambem a reciproca liberdade commercial, *como se usava no tempo d'el-rei D. Sebas-*

---

[1] Visconde de Santarem, *Quadro Elementar das Relações diplomaticas de Portugal*, vol. XV a XVIII. — José Frederico Laranjo, *Relações de Portugal com as outras potencias*, no jornal *O Instituto de Coimbra*, vol. LVII. — Borges de Castro, *Collecção de Tratados, Convenções, Contractos e Actos Publicos celebrados entre a Corôa de Portugal e mais potencias*. — José d'Arriaga, *A Inglaterra, Portugal e suas Colonias*.

tião, a par de reciprocas garantias para os subditos dos dois paizes.

Em 7 de maio de 1681, foi celebrado um tratado a respeito da posse da colonia do Sacramento fundada pelos Portuguezes, em 1680, na margem septentrional do Rio da Prata. Em 6 de fevereiro de 1715, fizemos o tratado da paz concluida em Utrecht, em que se restabeleceu novamente a reciproca liberdade commercial anterior, e se restituiram mutuamente os territorios tomados na guerra da *Successão*. E houve tambem os artigos de 16 de março de 1737, tratados de 13 de janeiro de 1750, 17 de junho, 17 de abril e 12 de julho de 1751, 30 e 31 de março de 1753, 12 de fevereiro de 1761, 10 de fevereiro de 1763 e 1 de fevereiro de 1777, a respeito dos limites das nossas possessões americanas, e que, por isso mesmo, teem relação com a historia economica de que estamos tratando [1].

*

* *

As relações com os Paizes-Baixos é que cedo se tornaram muito estreitas e muito importantes.

Os Portuguezes substituiram os Italianos, na offerta dos productos orientaes: tanto mais que

---

[1] Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. I e II. — Borges de Castro, *obr. cit.* — Latino Coelho, *obr. cit.*, vol. II, cap. I.

dividiram com os Hespanhoes o exclusivo dos transportes e das importações transatlanticas, de que os Hollandezes se muniam e que reexportavam para os outros paizes. E, bem aconselhados, preferiram escolher para mercado aquella região, que lhes offerecia uma organisação mercantil, completa e geralmente acceita, e que, pela sua posição central, chamava a concorrencia que, naturalmente, os Portuguezes não poderiam attraír ou multiplicar na propria terra.

Bruges, Anvers e Malines eram os principaes centros d'esse mercado; e por isso, já no tempo de D. João II, os Portuguezes estabeleceram em Bruges uma feitoria, que, desde logo, tomou grande desinvolvimento, encetando tambem, em 1503, as remessas para a Allemanha, e que, depois da decadencia de Bruges, passou para Anvers. O feitor, meio diplomata e meio commerciante, tinha a chave dos segredos mais importantes da corôa.

Corriam por essa feitoria dezenas de milhões em letras de cambio, drogas, joias e raridades exoticas. Ahi concorriam tambem os povos da Europa, sobretudo Venezianos e Allemães, e d'estes, principalmente, os mercadores de Augsburgo e Nuremberg, a par da concorrencia que faziam a Lisboa. Mas, na segunda decada do seculo XVI, já a feitoria não podia pagar as suas dividas [1].

---

[1] Schaefer, *obr. cit.*, vol. V, no artigo de Joaquim de Vasconcellos, *A Feitoria de Flandres*. — Rebello da Silva, *obr. cit.*, vol. IV.

Mandavamos para os Paizes-Baixos, azeite, vinho da Madeira, assucar, mel, cêra, açafrão, figos, passas, limões, laranjas, amendoas seccas, fructas seccas e cobertas, cortiça, sal, purpura, jaspe, alabastro, coral, couros, pelles, ouro, ferro, estanho, zarcão, mercurio, especiarias, drogas, perolas, pedrarias, ambar, almiscar, marfim, alóes, algodão, aromas, ruibarbo, noz de quina, pastel e outras mercadorias.

E recebiamos cobre, bronze, latão em bruto ou obra, chumbo, diversas qualidades de pannos e telas, dos seus teares, e algumas até das fabricas inglezas, sarjas de todo o preço, meias, tapetes, camalotes, linho, linhas, fio, cêra, pez, cebo, enxofre, trigo, carne, peixe salgado, queijo, manteiga, ferragens, tecidos de sêda, artigos de ourivesaria, armas offensivas, defensivas, munições de guerra; e, em summa, todos os objectos que requeriam trabalho e arte, porque a nossa industria a nada suppria.

Em 1549, este commercio já estava decadente, por fórma que o governo mandou recolher o feitor de Flandres e abrir as portas da casa da India a todos os compradores que se apresentassem.

A conquista dos Hespanhoes acabou com essas relações commerciaes. Tanto mais que, pela guerra dos Hollandezes com a Hespanha, que levou Portugal a reboque, e pela guerra no Brazil contra a Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, creou-se uma hostilidade permanente de Portuguezes com Hollandezes.

Tudo isso mudou com a restauração. Logo em 21 de janeiro de 1641, D. João IV levantou as prohibições de commercio que havia com a Hollanda, seguindo-se o tratado de treguas de 12 de julho, do mesmo anno. Em 20 de outubro de 1648, celebrou-se um convenio, onde foram resolvidas as duvidas e desintelligencias entre os dois povos, a respeito do Brazil e das outras nossas possessões. Depois, pelo tratado de 6 de agosto de 1661, estabeleceu-se a restituição de certos bens e territorios, a mutualidade do commercio e a *reciproca amizade*. Finalmente, em 1677, houve ainda um novo tratado de commercio entre os dois paizes, e as relações politicas e mercantis continuaram sempre cordeaes, durante o resto da época moderna [1].

*

*   *

Emquanto á França, apezar das relações officiaes se manterem em paz com Portugal, os seus corsarios, no tempo de D. João III, infestavam os portos do Brazil, e já interceptavam o commercio da Asia.

Depois de energicas reclamações do nosso governo, fez-se o tratado de 14 de julho de 1536, que regulava as relações mercantis entre os dois paizes, e que devia terminar o conflicto; mas

---

[1] Borges de Castro, *obr. cit.*

nem sequer o attenuou. As infracções repetiram-se; o reconhecimento dos direitos da corôa portugueza á navegação e commercio exclusivo das conquistas continuou a ser tido por letra morta, na mente dos armadores; e esse estado de coisas mais se aggravou, no tempo dos Filippes, em vista das hostilidades da França com a Hespanha.

Em 1641, porém, ajustou-se uma alliança politica, e, ao mesmo tempo, o livre trafico entre os dois Estados, *como no tempo dos antigos reis de Portugal,* havendo, portanto, reciproca liberdade de commercio. E, em 1683, a França adheriu ao tratado de 1668 que Portugal celebrara com a Hespanha, e que, a par das condições da paz ajustada entre Portuguezes e Hespanhoes, continha differentes clausulas mercantis.

Depois d'isso, o alvará de 7 d'abril de 1685 estendeu aos Francezes os mesmos privilegios de que os Inglezes gosavam no reino. O tratado de 25 de junho de 1689 concedeu tambem certas franquias aos navios da França que entrassem em Lisboa. O tratado de 28 de julho de 1689 confirmou e ampliou as boas relações commerciaes dos dois paizes. E, tendo ellas sido interrompidas, pela guerra da *Successão,* veiu depois restabelecel-as o tratado de paz de 11 d'abril de 1713 [1].

---

[1] *Repertorio dos Logares das Leis Extravagantes,* pag. 139. — Borges de Castro, *obr. cit.* — Visconde de Santarem, *obr. cit.,* desde o vol. III a VIII.

*
* *

A descoberta do caminho para as Indias deu, como já vimos, um golpe mortal no commercio de Veneza, fazendo convergir para Lisboa a carregação dos productos orientaes. O senado veneziano, conhecendo a gravidade da situação, encarregou varios agentes seus de se informarem ácerca das descobertas, conquistas, estabelecimentos e commercio dos Portuguezes na India. E, supposto a republica se visse humilhada, e instigasse caladamente os Mahometanos, Turcos e Indios contra nós, tentou occultar esse sentimento, dando provas ostensivas de que desejáva manter illesa a sua antiga amizade. Por isso, em 1501, mandou até um rico presente a D. Manuel, tentando obter d'elle o monopolio da compra das especies [1]; ao passo que tratava de combinar com o Egypto, como medida salvadora dos interesses commerciaes da republica e do proprio Egypto, o córte do isthmo, ao que o go-

---

[1] Damião de Goes, *Chronica d'el-rei D. Manuel,* parte IV. — Bento Carqueja, na obra já citada, *O Capitalismo Moderno,* pag. 99, fundado nas auctoridades que lá cita, diz que o contracto do monopolio da compra das especies se ultimou em 1522. Mas, se assim fosse, os Venezianos não proporiam, em 1527, a D. João III a celebração d'esse contracto, nem solicitariam d'elle a renovação dos antigos privilegios; e tambem não insistiriam com D. Sebastião, para obterem um monopolio que já estava concedido.

verno egypcio não annuiu, ou por não poder levar por diante esse arrojado projecto, ou por falta de meios.

As ligações da mesma republica com os Mahometanos da India, cujas hostilidades contra Portugal favorecia, quebraram essas boas relações. Mas, apezar d'isso, os Venezianos não descansaram. Apenas subiu ao throno D. João III, solicitaram d'elle a renovação dos antigos privilegios e favores concedidos ás embarcações venezianas que aportavam a Lisboa. E el-rei satisfez ao pedido, estipulando cinco por cento sobre a venda dos productos importados debaixo da bandeira da republica, e ordenando que os funccionarios e negociantes venezianos fossem acolhidos sempre com distincção.

Em 1527, o senado propoz novamente ao governo portuguez o monopolio para os Venezianos das especies importadas em Lisboa, á excepção da quantidade necessaria para o consumo do reino, ao que o governo portuguez não annuiu.

E em 1571, enviou novo embaixador a D. Sebastião, para obter aquelle monopolio juntamente com novos accordos commerciaes. Os preparativos da *jornada* da Africa inutilisaram tambem essa embaixada; mas ainda assim, em 1578, a republica obteve d'aquelle rei a reducção a quatro por cento do imposto sobre a venda das mercadorias carregadas em navios venezianos.

Nos ultimos tempos do cardeal D. Henrique, o senado mandou ainda um outro embaixador a Lisboa, que não pôde realisar nenhum accordo

commercial, pelo estado da incerteza em que o reino se encontrava.

Durante o dominio hespanhol, os Venezianos mantiveram inalteraveis as boas relações com Portugal, embora não tivessem tido nenhuma correspondencia com a corôa de Hespanha [1].

A restauração de 1640 deu occasião a novas e reiteradas diligencias da republica, para obter a continuação dos privilegios commerciaes que já lhe tinham sido concedidos; e aconteceu a mesma coisa, nos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II.

No tempo de D. João V, mais se estreitaram as boas relações entre os dois paizes, pelos serviços que elle prestara á republica e a toda a Italia, na occasião dos Turcos se assenhorearem da Morêa e quererem acommetter a ilha de Corfu; por ter ordenado a saída de uma esquadra do Tejo, que principalmente contribuiu para a victoria de Matapan (1719), onde os Turcos foram derrotados, ficando a Italia desassombrada d'esses inimigos.

As mesmas boas relações continuaram no reinado de D. José; mas o contrabando a que os commerciantes venezianos se entregaram, produziu o retrahimento gradual do commercio da republica em Portugal. E, desde então por diante,

---

[1] Amelot de la Houssaie, *Histoire du Gouvernement de Venise*, vol. I, pag. 88.

a propria decadencia de Veneza fez desapparecer, pouco e pouco, essas relações [1].

Depois dos Venezianos, os povos d'Italia que mais commercio fizeram com Portugal, foram os Genovezes, e havia milhares d'elles, em Lisboa.

*
* *

As relações de Portugal com os Allemães foram sempre cordeaes; e já D. Manuel, no alvará de 7 de fevereiro de 1495, lhes concedeu varios favores, que ampliou ou renovou em 1503, 1508, 1509, 1510, 1511 e 1517, e que, em grande parte, D. João II confirmou em 1528 [2]. Mas o commercio directo do nosso paiz com a Allemanha não era muito consideravel; porque o abastecimento em Portugal dos productos allemães era feito por intermedio da Hollanda; e o sortimento dos productos portuguezes na Allemanha fazia-se, principalmente, pela nossa feitoria de Flandres, emquanto ella esteve florescente. Apezar d'isso, a concorrencia dos Allemães ao nosso reino era tão grande, que as principaes cidades do Rheno, desde Colonia até Basilea, e as da Franconia e Suabia, tinham representantes em Lisboa.

---

[1] Marquez de Soveral, *Apontamentos sobre as antigas relações politicas e commerciaes de Portugal com a republica de Veneza.* — Marin, *Commercio dei Veniziani,* vol. VII.

[2] Visconde de Santarem, *obr. cit.*, vol. I.

A Allemanha munia-se dos nossos productos coloniaes, dando em compensação os seus metaes, especialmente, o cobre e bronze, em quantidades enormes. Os negociantes Fuggers e outros tiveram até grande preponderancia e favores especiaes de D. Manuel, como já notámos; e, ainda no reinado de D. Sebastião, Conrad Roth, de Augsburgo, fez grandes contractos de pimenta com el-rei, um dos quaes, por exemplo, valia 300:000 florins [1].

*
* *

Fizemos com a Dinamarca uma convenção de 26 de setembro de 1766, para introducção dos nossos vinhos n'esse paiz, em troca das vantagens concedidas á introducção das suas mercadorias em Portugal.

Em 29 de julho de 1641, fizemos tambem um tratado commercial com a Suecia, que foi ratificado em 10 de dezembro do mesmo anno.

Até com Marrocos fizemos o tratado commercial de 11 de janeiro de 1744, depois ratificado por outro de 11 de fevereiro de 1790, o que mostra que, mesmo ahi, o nosso commercio tinha certo valor.

As nossas relações commerciaes com a Rus-

---

[1] Schaefer, *obr. cit.*, vol. v, no artigo de Joaquim de Vasconcellos, *As Feitorias de Flandres.*

sia é que só começaram a desinvolver-se na época posterior, desde que, pelo tratado de 20 de dezembro de 1789, se entabolou com esse paiz o commercio dos nossos vinhos, como já vimos, em troca das mercadorias russas.

*

* *

Pelo que respeita aos centros commerciaes, Lisboa, no tempo de D. Manuel, apezar das desordens e pestes, contava cem mil habitantes; porque a emigração do reino e de fóra d'elle era abundante; e o seu commercio era enorme, traduzindo um serio movimento de intelligencia. Calculava-se que os livreiros vendiam para cima de vinte mil cruzados por anno; e o valor dos livros recebidos de França, Veneza e outros logares não importava em menos.

De toda a parte acudiam a Lisboa os productos de varias industrias [1]. No reinado de D. João III, contava dez mil propriedades de casas de dois, tres, quatro e cinco andares, trezentas e vinte e oito ruas [2], cento e quatro travessas, e cento e cincoenta bêcos e viellas.

---

[1] Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. II, pag. 23. — D. Francisco Manuel, *Epanaphoras*, Epanaphora II.

[2] As ruas eram tão estreitas, tortuosas e irregulares que, ás vezes, os carros esmagavam contra os muros quem passava.

Recenseava vinte e oito mercadores de sêdas, noventa de pannos, e quatrocentos e cincoenta e oito de varios artigos fabris do reino e de fóra. E affluiam lá os mercadores de todo o mundo, desde que Lisboa substituira Veneza, matando o commercio da Syria e da Alexandria [1].

No tempo de D. João III, era já reputada como uma das primeiras cidades da Europa.

No seculo XVII, apezar do reino haver declinado rapidamente, ella augmentou de população; e, em 1620, devia contar para cima de cento e sessenta e cinco mil almas.

A sua importancia commercial diminuiu com a decadencia do nosso commercio; mas, com a reedificação do Marquez de Pombal, tornou-se uma das cidades mais bellas do tempo, e readquiriu grande importancia economica, pelas medidas fomentadoras d'esse ministro [2].

O Porto, nos ultimos tempos do seculo XV e

---

[1] Rebello da Silva, *Historia de Portugal,* vol. IV, pag. 568 e seguintes. — Christovão Rodrigues de Oliveira, *Summario de algumas cousas ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa.* — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 245 e seguintes. — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal,* vol. I.

[2] Para provar, comtudo, o relativo atrazo de Lisboa, n'esses tempos, basta ponderar que o edital de 27 de março de 1765, do Marquez de Pombal, mandou substituir por taboletas os ramos que os vendeiros ainda usavam; e, no tempo de D. Maria I, o edital de 13 de julho de 1789 prohibiu a creação de porcos, dentro da cidade, que havia em grande numero.

principios do seculo XVI, soffreu pestes violentas, que diminuiram a sua população e prejudicaram o seu desinvolvimento. E acresceram ainda as consequencias das guerras que tinha havido, e as brigas dos burguezes com o clero e com a fidalguia.

O proprio ambito da cidade era ainda muito reduzido, contando apenas uma só freguezia, a da Sé.

A abertura, porém, das nossas expedições ultramarinas produziu um effeito enorme n'essa cidade. Começou logo a negociar com a Madeira e Açores. Servindo de entreposto para o commercio de exportação, fez com Villa de Conde e Vianna a possivel concorrencia a Lisboa; e foi bracejando com toda a força por novas ruas, concorrendo muito para esse desinvolvimento o facto de D. Manuel ter mandado abrir a navegação do Douro até á Pesqueira.

O tratado de Methuen, ao passo que prejudicava a industria do paiz, e tão fatalmente se resentiu no movimento economico geral, favoreceu o commercio e riqueza d'esta cidade, porque os vinhos do Porto forneciam a maior parte da nossa exportação; e essa benefica influencia foi augmentada ainda pelas medidas vinicolas do Marquez de Pombal. Então, o progresso da cidade foi tal, que, no seculo XVIII, os seus estaleiros eram superiores aos de Lisboa. Tinha-se apagado a concorrencia de Villa de Conde, Vianna e Aveiro. Operava-se em grande escala pela barra do Douro o trafico com o Brazil, e

os vinhos do Porto eram exportados para todo o mundo.

É claro, que em vista de tudo isso, a população devia crescer proporcionalmente. E, com effeito, sendo, em 1527, com a de Villa Nova e Rio Tinto, de 16:398, em 1623, sem calcular Rio Tinto, Gaia e Villa Nova, era de 18:797; em 1732, de 30:024; e, em 1787, de 61:462 [1].

Aveiro, no principio do seculo XVI, era uma das povoações maritimas de Portugal mais ricas de gente, commercio e industria. Senhora d'uma barra magnifica, pelo seu fundo, extensão e segurança, e de muitas grandes marinhas, todos os annos, saía do seu porto grande numero de embarcações, que abasteciam de sal não só as provincias da Beira, Minho, Douro e Traz-os-Montes, e muitas das nossas ilhas, mas tambem os portos da Galliza, que d'elle faziam até deposito geral, para depois exportarem para outras partes.

Além do sal, a agricultura dos seus campos e as pescarias das suas aguas constituiam outros dois ramos importantes da sua industria. Compunha-se, então, Aveiro de dois mil e quinhentos fogos.

Com todos esses predicados, logo que os seus habitantes tiveram noticia do descobrimento de Côrte Real, alguns negociantes tanto d'essa

---

[1] Ricardo Jorge, *Origem e desinvolvimento da população do Porto.* — D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo e Historia dos Bispos do Porto.* — Padre Agostinho Rebello da Costa, *A descripção da cidade do Porto.*

villa [1], como de Vianna, trataram de se aproveitar d'essa descoberta; e, combinados com armadores da ilha Terceira, fizeram partir uma colonia, para se estabelecer na Terra Nova.

Em 1550, Aveiro empregava já mais de cento e cincoenta embarcações no commercio, que então, se achava elevado ao mais alto grau, predominando o negocio do bacalhau, que os Aveirenses exerciam em communicação com aquella ilha. Mas o açoriamento da sua barra, junto ás calamidades politicas do reino, fez-lhe perder essa importancia; de modo que, em 1598, já se empregavam sómente cincoenta navios d'aquella pesca, e, em 1690, pouco mais se conservava do que a lembrança d'uma opulencia, de todo extincta [2].

Coimbra, no fim d'este periodo, contava uma população de nove mil habitantes. O seu movimento economico tinha-se apoucado, pela diminuição que a exportação da laranja soffrera, em consequencia do mau estado da barra da Figueira [3]. Mas o seu movimento interno, a par

---

[1] Aveiro só foi elevada a cidade pelo Marquez de Pombal, pelo decreto de 25 de julho de 1759.

[2] Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, *Ensaio sobre os descobrimentos e Commercio dos Portuguezes em as Terras Septentrionaes da America*, nas citadas *Memorias da Litteratura Portugueza*, vol. VIII. — Francisco de S. Luiz, *obr. cit.*, vol. V.

[3] Manuel Dias Baptista, *Ensaio de uma descripção physica e economica da cidade de Coimbra e seus arredores*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. I.

da sua importancia moral, tinham subido muito, pela reforma da Universidade.

Braga começou a decaír no seculo XV, quando as povoações do littoral ganharam maior incremento, pelos nossos descobrimentos e pelo augmento do commercio que d'ahi resultou para ellas. Apezar d'isso, augmentou em população, ao passo que Guimarães diminuiu n'esse ponto, sem diminuir no movimento industrial.

Vianna, que, no periodo antecedente, não passava de uma povoação de pescadores, attingiu tambem grande desinvolvimento com as nossas expedições ultramarinas, e, sobretudo, no reinado de D. Manuel. Os seus navios concorriam á pesca do bacalhau da Terra Nova com os de Aveiro, e frequentavam os portos do norte e as ilhas e terras novamente descobertas, especialmente o Brazil, desde que este começou a povoar-se. Já nos principios do seculo XVI, cruzavam nos mares mais de setenta vasos de todas as lotações, armados e tripulados por habitantes d'essa cidade.

Ella fazia um grande commercio com a França, Flandres, Inglaterra e Allemanha. Segundo se lê em Frei Luiz de Sousa, *cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e commercio, por uma parte, com as conquistas de Portugal, ilhas e terras novas do Brasil, por outra parte, com França, Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia de ordinario muitos generos de mercadorias e despedia outras: para os quaes tratos traziam os moradores no mar grande numero*

de naus e caravellas, com grossas despezas a que respondiam eguaes retornos e proveitos, que tinham a villa florentissima e em estado de uma nova Lisboa [1].

Mas a decadencia começou, logo no seculo XVII, com a declinação da barra, e continuou gravemente, no seculo XVIII. Em 1739, uma resolução do governo obrigou os navios ou esquadras de Vianna, que fossem para o Brazil, a juntarem-se ou incorporarem-se nas esquadras do Porto, o que trouxe ainda maior decadencia economica. E, embora o Marquez de Pombal, em 1756, revogasse esta medida, Vianna jámais attingiu o antigo esplendor, e nem mesmo pôde levantar-se do seu quebrantamento.

Caminha era inferior a Vianna, relativamente á navegação; mas, em todo o caso, tinha tambem grande importancia, n'esse genero, que lhe vinha já dos tempos anteriores [2].

Setubal augmentou muito. O seu sal passava por ser o melhor, não só de Portugal, mas até do

---

[1] Frei Bartholomeu dos Martyres, liv. I, cap. XXIV, pag. 41 *v.* — Citado ensaio de Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, nas citadas *Memorias da Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias*, vol. VIII, pag. 323. — José Augusto Corrêa, *Cidades de Portugal.*

[2] Já em 1459, os habitantes de Caminha, quando os corsarios francezes e gallegos lhes infestavam as costas, armaram em côrso, auctorisados por D. Affonso V, que lhes cedeu o quinto das presas; tomaram muitos navios; e varreram os mares de ladrões e piratas.

estrangeiro [1]; e as suas pescarias e marinhas não desfalleceram, como tantas outras.

Tavira cresceu tambem de importancia e população, ao contrario de Silves, Lagos e Faro que diminuiram.

Evora decaíu muito [2].

Finalmente, a Covilhã, Portalegre e Fundão eram importantes na industria de lanificios.

*

* *

D. João II teve casas da moeda no Porto e Lisboa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes, que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Portuguezes	4$000	reis
	Justo	600	»
	Cruzado	400	»
	Espadim ou meio justo	300	»
	passando depois para	320	»
	Coroa	120	»
Prata	Cruzado	390	reis
	Quatro vintens	80	»

[1] José Joaquim Soares de Barros, *Considerações do sal commum em geral e em particular do sal de Setubal*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. I.

[2] José Joaquim Soares de Barros, *Memoria sobre as causas da differente população de Portugal em diversos tempos da monarchia*, nas citadas *Memorias Economicas*, vol. I.

Prata	Real de prata ou vintem	20 reis
	Meio real ou meio vintem	10 »
	Leal	12 »
	Quarto de vintem ou cinqueta ou cinquinho	5 »
Cobre	Real	6 ceitis
	Espadim.	4 reis

D. Manuel teve casas da moeda no Porto, Lisboa, Ceuta, Cochim, Goa e Malaca, e fez cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores actuaes nominaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Portuguez (em 1499)	4$000 reis
	e depois.	8$000 »
	Espadim	500 »
	Cruzado.	400 »
	Quarto de cruzado.	100 »
	Corôa	120 »
Prata	Esfera — cujo valor se ignora.	
	Cruzado.	390 reis
	elevado em 1517 a	400 »
	Portuguez	400 »
	Meio Portuguez	200 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
	Indio.	33 »
	Real de prata ou vintem	20 »
	passando depois em 1501 para . . .	30 »
	Meio real de prata ou meio vintem . .	10 »
	Quarto de vintem ou cinqueta ou cinquinho	5 »
	Meia esfera	20 »
	Espadim.	4 »

Cobre	Real.	6 ceitis
	Ceitil . . . . a sexta parte do real [1].	

D. João III teve casas da moeda em Lisboa, Porto, Cochim e Goa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Portuguez	4$000 reis
	Cruzado calvario [2].	400 »
	Moeda de quatro cruzados	1$600 »
	S. Vicente.	1$000 »
	Meio S. Vicente.	500 »
Prata	Coroa	120 reis
	Tostão	100 »
	Quatro vintens	80 »
	Real portuguez dobrado.	80 »
	Meio tostão.	50 »
	Real, segundo alguns escriptores . . .	50 »
	e segundo outros.	40 »
	Meio real ou vintem	20 »
	Cinquinho ou cinqueta	5 »
Cobre	Dez reaes. . . . . 10 reis ou	60 ceitis
	Tres reaes.	18 »
	Patacão	10 reis
	Meio patacão.	5 »
	Real	6 ceitis
	Ceitil . . . . . . sexta parte do real.	

---

[1] Manuel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, vol. II. — Damião de Goes, *Chronica d'el-rei D. Manuel*. — *Commentarios de Affonso de Albuquerque*.

[2] Gomes de Carvalho, *D. João III e os Francezes*, pag. 39, diz que, no tempo de D. João III, o cruzado valia 1^{fr},66.

D. Sebastião teve casas da moeda em Lisboa, Porto, Cochim e Goa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Portuguez	4$000 reis
	S. Vicente	1$000 »
	Meio S. Vicente	500 »
	Moeda	500 »
	Engenheiro ou Engenhoso	500 »
	Ducados ou ducatões d'ouro	40$000 »
	outros	30$000 »
Prata	Coroa	120 reis
	Cruzado (1561)	500 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
	Vintem	20 »
	Meio vintem	10 »
Cobre	Dez reaes	10 reis
	Cinco reaes	5 »
	Tres reaes	3 »
	Meio patacão	1 1/2 »
	Real	1 »
	Ceitil . . . . . sexta parte do real.	

D. Henrique teve casas da moeda em Lisboa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas.

Ouro	Moeda de 500 reaes	500 reis
Prata	Tostão	100 reis
	Meio tostão	50 »
	Real portuguez dobrado.	
	Vintem	20 »

Cobre	Dez reaes	10 reis
	Cinco reaes	5 »

D. Antonio Prior do Crato teve casas da moeda em Lisboa e Angra, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Moeda de 500 reaes	500 reis
Prata	Dois cruzados	800 reis
	Cruzado	400 »
	Tostão	100 »
	Quatro vintens	80 »
	Meio tostão	50 »
	Vintem	20 »
Cobre	Meio patacão	5 reis
	Quatro reaes	4 »
	Dois reaes	2 »
	Real	6 ceitis
	Ceitil	sexta parte de um real.

Os governadores do reino tiveram casas da moeda em Lisboa, e mandaram cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Moeda de 500 reaes	500 reis
Prata	Tostão	100 reis
	Meio tostão	50 »

Filippe I teve casas da moeda em Lisboa e Goa, e mandou cunhar as seguintes moedas, cor-

respondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Moeda de 500 reaes	500 reis
	Moeda de 4 cruzados	2$060 »
	ou 2$200 pouco mais ou menos.	
	Moeda de 2 cruzados	1$030 »
	ou 1$100 pouco mais ou menos.	
	Moeda de cruzado.	515 »
Prata	Tostão	100 reis
	Real singello ou 2 vintens	40 »
	Vintem	20 »

Filippe II teve casas da moeda em Lisboa e Goa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Moeda de 4 cruzados	2$060 reis
	ou 2$200 pouco mais ou menos.	
	Moeda de 2 cruzados	1$030 »
	ou 1$100 pouco mais ou menos.	
Prata	Tostão	100 reis
	Meio tostão.	50 »
	Moeda de 80 reaes	80 »
	Moeda de 40 reaes.	40 »
	Vintem	20 »

Filippe III teve casas da moeda em Lisboa e Goa, mas não ha noticia especial das moedas que mandou cunhar.

D. João IV teve casas da moeda em Lisboa e Porto, Evora e Goa, e mandou cunhar as seguin-

*

tes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Moeda da Conceição.	12$000 reis
	Moeda de 4 cruzados	3$000 »
	Moeda de 2 cruzados	1$600 »
	Moeda de 1 cruzado.	800 »
Prata	Moeda da Conceição.	600 reis
	Cruzado	400 »
	elevado depois a	500 »
	Meio cruzado ou 2 tostões.	200 »
	Tostão	100 »
	E os antigos foram elevados a . . .	120 »
	Meio tostão.	50 »
	Quatro vintens	80 »
	Dois vintens	40 »
	Vintem.	20 »
	Dez reis	10 »
Cobre	Cinco reis.	5 reis
	Tres reis	3 »
	Real e meio.	1 1/2 real

Affonso VI teve casas da moeda em Lisboa e Goa, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes, que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Conceição.	12$000 reis
	Moeda de 4 cruzados	1$600 »
	Moeda de 2 cruzados	800 »
	Moeda de cruzado.	400 »
	Moeda de 4 mil reis.	4$000 »
	E em 1668 foi mudada para	4$400 »
	Moeda de 2 mil reis.	2$000 »
	Moeda de mil reis.	1$000 »

Prata	Cruzado	400 reis
	Meio cruzado	200 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
	Quatro vintens	80 »
	Dois vintens	40 »
	Vintem	20 »
	Dez reis	10 »
Cobre	Real e meio.	

D. Pedro II teve casas da moeda em Lisboa, Porto, Goa, Diu, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Dobra	24$000 reis
	Conceição	12$000 »
	Moeda	4$400 »
	Meia moeda	2$200 »
	Quarto de moeda	1$100 »
	Em 1677, foram cunhadas outras moedas de	4$000 »
	e, em 1688, outras de	4$800 »
Prata	Cruzado	400 reis
	Cruzado novo	480 »
	Os de D. Affonso VI passaram para	600 »
	Meio cruzado ou 2 tostões	200 »
	Doze vintens	240 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
	Seis vintens	120 »
	Tres vintens	60 »
	Quatro vintens	80 »
	Dois vintens	40 »

Prata	Vintem	20 reis
	Meio vintem	10 »
Cobre	Dez reis	10 reis
	Cinco reis	5 »
	Tres reis	3 »
	Real e meio	1 1/2 real

D. João v teve casas da moeda em Lisboa, Porto, Goa, Diu, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes e Moçambique, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Dobras ou dobrões de cinco moedas	24$000 reis
	Dobrões de duas moedas e meia	12$000 »
	Moeda	4$800 »
	Meia moeda	2$400 »
	Quartinho	1$200 »
	Cruzado novo	480 »
	Dobra de 8 escudos	12$800 »
	Dobra de 4 escudos (peça)	6$400 »
	Dobra de 2 escudos (meia peça)	3$200 »
	Escudo ou quarto de peça	1$600 »
	Meio escudo	800 »
	Cruzadinho	400 »
Prata	Cruzado novo	480 reis
	Doze vintens	240 »
	Seis vintens	120 »
	Tres vintens	60 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
	Vintem	20 »
Cobre	Dez reis	10 reis
	Cinco reis	5 »
	Tres reis	3 »
	Real e meio	1 1/2 real

D. José teve casas da moeda em Lisboa, Goa, Diu, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes e Moçambique, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Dobra de 4 escudos	6$400 reis
	Dois escudos ou meia peça	3$200 »
	Escudo ou quarto de peça	1$600 »
	Meio escudo	800 »
	Quartinho	1$200 »
	Cruzado novo	480 »
Prata	Cruzado novo	480 reis
	Doze vintens	240 »
	Seis vintens	120 »
	Tres vintens	60 »
	Tostão	100 »
	Meio tostão	50 »
Cobre	Dez reis	10 reis
	Cinco reis	5 »
	Tres reis	3 »

D. Maria I teve, como D. José I, casas da moeda em Lisboa, Goa, Diu, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Geraes e Moçambique, e mandou cunhar as seguintes moedas, correspondentes aos valores nominaes actuaes que vão indicados adiante d'ellas:

Ouro	Dobra de 4 escudos	6$400 reis
	Dobra de 2 escudos ou meia peça	3$200 »
	Escudo ou dezeseis tostões	1$600 »
	Meio escudo ou oito tostões	800 »
	Quartinho	1$200 »
	Cruzado novo	480 »

Prata	Cruzado novo.	480 reis
	Tres tostões.	300 »
	Doze vintens	240 »
	Cento e cincoenta reis.	150 »
	Seis vintens.	120 »
	Tostão	100 »
	Setenta e cinco reis.	75 »
	Tres vintens	60 »
	Meio tostão.	50 »
Cobre	Vintem.	20 reis
	Dez reis	10 »
	Cinco reis	5 »
	Tres reis.	3 » [1]

*

* *

Os meios de communicação até D. José I, eram, como diz Pinheiro Chagas, de uma ingenuidade, verdadeiramente primitiva.

---

[1] Além das obras já citadas, podem vêr-se mais as seguintes:

Teixeira de Aragão, *Descripção Geral e Historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal.* — Joaquim de Santo Antonio, *Memoria sobre as moedas do Reino e Conquistas*, nas *Memorias da Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, vol. I. — Francisco da Costa Solano, *Relação do dinheiro que se fabricou no reyno de Portugal, desde o tempo de el-rei D. João IV até o anno de 1734.* — Frei Francisco de Santa Maria, *Memorias das moedas de ouro, prata e cobre que se tem lavrado n'este novo reino de Portugal, desde o seu principio até ao presente.* Foi publicada no vol. IV da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, pag. 259 a 282. — João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, parte VII.

Não havia um só palmo de boas estradas. Todas ellas eram detestaveis e pouco seguras. Viajava-se a cavallo, e pernoitava-se em estalagens perigosas e mal servidas. E era sómente pelos almocreves que se fazia então o transporte das mercadorias [1].

O Marquez de Pombal dirigiu tambem para esse ponto a sua attenção, e fez construir e reparar muitas estradas.

No tempo de D. Maria I, apezar do retrocesso economico geral, tambem se não descurou a viação. E, por iniciativa do intendente de policia, Pina Manique, foram abertas differentes estradas e projectadas muitas outras, especialmente, no Douro; assim como se arborisaram muitos dos caminhos publicos.

O primeiro cuidado d'esse intendente foi lavrar em Lisboa columnas monumentaes, para marcar as leguas. Cada marco tinha um relogio de sol; mas como, ás vezes, a legua acabava na sombra, debateu-se qual seria preferivel, se errar a medição ou ficar o relogio sem sol; e, por não se chegar a uma solução, ficaram muitas estradas por se fazerem.

Tambem no tempo da mesma rainha, o mi-

---

[1] O proprio D. João V occupou-se muito pouco das estradas, apezar das allegações em contrario dos seus apologistas. — Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. VIII. — Manuel Bernardes Branco, *Portugal na época de D. João V*. — Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol. II, pag. 229.

nistro José de Seabra mandou construir a estrada de Lisboa a Coimbra, passando por Leiria, que devia terminar no Porto; e, em 1791, mandou regularisar o curso do Mondego, mas este facto já fica fóra da época moderna.

*

* *

Com respeito ás communicações postaes, o primeiro documento de que ha noticia, é a carta de lei de 6 de novembro de 1520, d'el-rei D. Manuel, em que fez mercê a Luiz Homem, fidalgo da sua casa, do officio de correio-mór, com todas as vantagens que, n'outros paizes, tinham os logares da mesma categoria.

Esse correio-mór era obrigado a estabelecer os correios necessarios, para satisfazer as requisições da auctoridade publica, ou dos commerciantes e outras pessoas particulares que pretendessem corresponder-se com quem residisse dentro ou fóra do paiz. Os portes e preços da viagem eram ajustados entre os interessados, com attenção ao tempo do percurso e aos logares do destino; mas ninguem ficava inhibido de mandar, por conta propria, as suas correspondencias, sem que por isso o emissario tivesse caracter official. Os lucros respectivos eram divididos em dez partes, uma d'ellas para o correio-mór, e as outras nove para os seus subordinados. E cumpria ao mesmo correio-mór dar as providencias precisas, para que elles fossem agasalhados e enca-

minhados convenientemente, podendo estabelecer cavallos de posta, onde julgasse necessario.

Apezar d'esse diploma, ou, porque a morte de D. Manuel se seguisse em pouco tempo, ou por outro qualquer motivo, o serviço dos correios só chegou a estabelecer-se, em 1525, por carta de lei de D. João III, que novamente investiu o mesmo Luiz Homem n'aquelle cargo. Por morte d'este, esse officio passou para o filho Luiz Affonso, e foi-lhe estabelecido um ordenado fixo de quinze mil reaes, além dos emolumentos que recebia de cada correspondencia, consistentes, como já dissemos, no dizimo dos portes do reino, com mais dois reaes ou tres vintens dos portes de Hespanha e um real dos de fóra.

Essa instituição foi regulamentada por carta de lei de 13 de janeiro de 1533; e o cargo continuou na familia de Luiz Homem até D. Filippe III, que, em 16 de junho de 1606, o adjudicou, pelo preço de 70:000 cruzados ou vinte e oito contos de reis, a Luiz Gomes de Malta, para elle e seus successores, com a faculdade de poder nomear e prover estafetes, mestres de posta e assistentes, e até considerar-se isento de sujeição ao reino de Castella.

A 17 de fevereiro de 1644, estabeleceu-se uma nova organisação postal, que se denominou *Regimento do Correio-mór*. Em 20 de fevereiro de 1705, fez-se um tratado entre Portugal e Inglaterra, para o estabelecimento d'uma correspondencia regular entre os dois paizes; de modo que os Inglezes mandavam, a expensas suas, a

correspondencia de Londres pela via Falmouth, e de Lisboa saía tambem regularmente um paquete que levava o correio para Inglaterra.

Finalmente, em 1797, aquelle officio foi incorporado no Estado, mediante uma indemnisação que se deu ao correio-mór [1].

*
* *

O primeiro pharol de Portugal [2] foi mandado levantar, em 1515, no convento de S. Vicente e no cabo do mesmo nome, por D. Fernando Coutinho, bispo do Algarve, levado da caridade para com os navegantes.

Tendo sido reedificado em melhores condições por D. João III, foi arrazado por Francisco Drake, em 1587, e restaurado por Filippe II, em 1606.

A confraria de Nossa Senhora da Luz, em 1680, construiu tambem em local proximo da cidade do Porto, um edificio, para collocar n'elle um pharol.

Veiu depois o pharol de Espichel, mandado levantar pela irmandade de Nossa Senhora do Cabo.

Em 1758 [3], o Marquez de Pombal ordenou

---

[1] Guilhermino de Barros, *Relatorio Postal do anno economico de 1877-1878*.

[2] Estes pharoes eram feitos de vidros, e alumiados a azeite.

[3] Alvará de 1 de fevereiro.

tambem a construcção de seis pharoes, a saber: um no sitio de Nossa Senhora da Guia, onde já o tinha havido; e os outros, nas ilhas Berlengas, na fortaleza de S. Francisco ou S. Lourenço (Bugio), em S. Julião da Barra, nas proximidades do Porto, e em Vianna. E muitos outros ainda foram construidos, nos ultimos tempos do Marquez de Pombal e de D. Maria I, como o do Cabo da Roca, em 1772; o da Serra d'Arrabida, no mesmo anno, depois mudado para a Torre do Outão; os de S. Lourenço e S. Julião, em 1775; e os do Cabo Espichel e Carvoeiro, em 1790 [1].

*

* *

Fica assim resumida a historia economica dos Portuguezes, na edade moderna. O seu desinvolvimento completo daria volumes, e seria incompativel com a indole e proporções d'esta obra. Mas o que ahi fica, é bastante para nos fazer resfolgar de orgulho, pela nossa gloria passada.

Com pequeno territorio continental e pequena população, atirámos com um pedaço de panno para o tôpo de uma caravella, e fomos descobrir um novo caminho para a India e arrancar ao *Mar Tenebroso* o segredo tambem de um novo mundo.

---

[1] Guilhermino de Barros, *Relatorio do Director Geral dos Correios e Telegraphos, Pharoes e Semaphoros*, relativo ao anno de 1889.

Depois, senhoreámos a costa, desde a India até o Ganges; tomámos nas mãos as chaves dos mares orientaes, e puzemos-lhes de sentinellas Ormuz, Goa e Malaca. Ameaçámos Aden. Occupámos os portos principaes da Arabia, da Persia e da Ethiopia. Derrotámos as armadas turcas. Abatemos o orgulho de Veneza. Vencemos os reis do Oriente, e fizemos da maior parte d'elles ou nossos vassallos ou nossos tributarios. As nossas frotas correram todos os mares e varreram todos os inimigos. As riquezas do Oriente andaram a rodos pelo reino. Colonisámos os sertões da Africa e os sertões da America. Introduzimos no Brazil a ordem e a civilisação, e varremos de lá os povos estrangeiros, que tentavam o nosso dominio. Implantámos por toda a parte a cruz, como symbolo de paz e de caridade. A nossa bandeira tremulou em metade da Africa, metade da Asia, quasi metade da America; e fizemos o nome portuguez respeitado por toda a parte. Desviámos para nós o commercio italiano. Transformámos as correntes mercantis da edade media. Assombrámos a propria Egreja com a riqueza das nossas embaixadas. Deslumbrámos o universo com o ouro da nossa opulencia. E, finalmente, Lisboa tornou-se a metropole do mundo: o Tejo o collector do commercio universal.

A corrupção dos nossos governadores, a inepcia dos nossos monarcas, a degeneração dos nossos soldados, a cubiça dos nossos cidadãos, a atrophia exercida tambem pelo clero, especialmente pelos Jesuitas, fez desperdiçar toda essa

gloria e tornar quasi inutil para o progresso do paiz tanta riqueza.

O despotismo ou imbecilidade dos reis, e a oppressão e abandono do reino, no tempo dos Filippes, comprimiram e apagaram no coração do povo os sentimentos da dignidade nacional, até que o Marquez de Pombal, que amassou com ferro e sangue o fermento da democracia, levantou, por dezenas de annos, a patria do abatimento em que jazia, insuflando-lhe a seiva das antigas glorias.

Depois, tudo decaíu de novo, até ser rebaptisado no fogo da revolução franceza. Mas esse rebaptismo já fica fóra d'esta época, e será apreciado n'outro volume.

CAPITULO VIII

Hespanha

Ligeiro esboço da sua historia politica na época moderna

Vimos no volume anterior o estado de abatimento, vergonha e desmoralisação a que chegara o reino de Castella, no tempo de Henrique IV.

Não tendo elle deixado filhos, foi proclamada sua successora a irmã D. Isabel, casada com D. Fernando, rei d'Aragão (1474-1504). Mas uma parte dos nobres levantou-se a favor de D. Joanna, filha da rainha anterior, e chamada a Beltraneja, por se dizer que provinha do adulterio da mesma rainha com o fidalgo da côrte Beltrão de la Cueva.

Esses nobres conseguiram interessar em favor d'ella o tio D. Affonso V, rei de Portugal, que entrou em Hespanha com um numeroso exercito, d'onde nasceu a guerra entre os dois paizes, que terminou com a batalha de Toro e com a desistencia da mesma D. Joanna.

Então, D. Isabel e D. Fernando transformaram completamente as condições sociaes, politicas e economicas do reino.

Até ahi, as monarchias de Castella e Aragão estavam separadas, e as preoccupações dos seus governantes eram, principalmente, as rivalidades entre esses dois Estados, a guerra com os Mouros, e as perturbações civis e desordens do reino.

Pela reunião, porém, das duas corôas, em vista do casamento de Fernando e Isabel, desappareceram aquellas rivalidades. A grandeza da monarchia, resultante d'essa união, e a energia e capacidade d'aquelles dois monarcas fizeram tambem terminar as luctas civis e as desordens do reino, que eram alimentadas, principalmente, pela prepotencia dos nobres. E já, quando uma parte d'estes se uniu a D. Affonso V de Portugal, sob a apparencia de defenderem as pretensões de D. Joanna, pugnavam, na realidade, pela conservação e augmento dos seus proprios privilegios.

A Galliza, sobretudo, estava sujeita a esses ladrões de nobre estirpe, que se apoderavam das rendas das egrejas, amedrontavam as villas, devastavam os campos, e obrigavam as aldeias a pagar-lhes tributos, emquanto que os funccionarios reaes não tinham conseguido, depois de D. João II, cobrar qualquer imposto. Esses tyrannos haviam substituido assim o senhor legitimo; e, além das suas depredações e abusos, perturbavam toda a região com luctas civis.

A Andaluzia era tambem presa de duas facções — a do duque de Medina Sidonia e a do marquez de Cadiz, cujas familias possuiam quasi a provincia inteira, e disputavam a preponderancia com as armas na mão; por fórma que a desor-

dem ganhara tambem toda a provincia, e eram enormes por toda a parte, os abusos, mortes e roubos, a ponto de ninguem estar seguro da sua vida e fazenda nem da honra de sua mulher e de suas filhas.

O proprio claustro não era abrigo sufficiente, nem os baluartes constituiam defeza valiosa. Os castellos erguidos no alto das montanhas tinham-se transformado, pela maior parte, em covis de ladrões; e os proprios fidalgos não duvidavam descer a saltear na planicie, mesmo as pessoas a quem deviam justiça e protecção. A segurança dos caminhos estava tambem á mercê d'esses bandidos; e o campo tornara-se um deserto.

Fernando e Isabel, para reprimirem semelhantes desordens e prepotencias, fizeram executar os principaes tyrannos, arrasaram muitas fortalezas [1], e reorganisaram a *Santa Hermandade,* antiga salvaguarda dos direitos e interesses do povo.

Consistia essa instituição na liga de muitas cidades, villas e aldeias, para a repressão das ladroeiras e para a segurança dos caminhos e das propriedades. N'este sentido, sustentava forças que deviam representar o papel de policia rural; e todas as cidades, villas ou aldeias contribuiam para ella, segundo os seus recursos e população.

Havia, assim, uma força permanente de dois mil homens de cavallaria e numerosos peões, que

---

[1] Só na Galliza arrasaram 47. — Jean H. Mariejol, *L'Espagne sous Ferdinand et Isabelle.*

vigiavam incessantemente os caminhos, e velavam pela propriedade. Uma caixa de despezas, alimentada com o producto das multas e taxas municipaes, fornecia os fundos necessarios. Uma junta suprema, composta de deputados provinciaes e presidida pelo bispo de Carthagena, julgava, sem appellação, os crimes da alçada da *Santa Hermandade,* podendo mesmo applicar a pena de morte. Os processos eram summarios, e rapida a execução das sentenças[1].

Esta poderosa corporação, sanccionada pela rainha, em 1476, prestou relevantes serviços á ordem publica; mas os seus rigores, a par dos abusos dos seus membros, fizeram que os privilegios lhe fossem reduzidos, em 1498, desde que terminou a guerra com os Mouros, e o Estado entrara n'um periodo de ordem e segurança.

Ao mesmo tempo que os reis catholicos assim reprimiam as luctas civis e desordens internas, tratavam de livrar a Hespanha do jugo dos Mouros. E, de facto, foram tomando, pouco e pouco, as cidades que elles possuiam, até que, em 1492, pela conquista de Granada e pela capitulação de Boabdil, ultimo rei mouro, conseguiram o seu desejo.

Unificada a Hespanha, pacificado o reino, dominados os Mouros, e ao mesmo tempo aquecido e revigorado, em tantas luctas e batalhas, o sangue dos Hespanhoes, tudo estava preparado

[1] Jean H. Mariejol, *obr. cit.*

para novas emprezas. As descobertas dos Portuguezes tinham aberto novos horizontes; a renascença tinha illuminado todos os recantos do espirito humano; e o genio indomito dos Hespanhoes não podia reprezar-se, no meio d'essa quietação do reino.

Foi, então, que appareceu Colombo, e conseguiu, depois de grandes esforços, obter da rainha tres navios, para descobrir um novo caminho da India, pelo occidente dos mares [1]. Em vez, porém, d'esse caminho, descobriu a America, facto esse que, segundo veremos, veiu a produzir, tambem na sociedade hespanhola, uma transformação completa.

Comtudo, nem por isso os reis catholicos deixaram de attender cuidadosamente ás necessidades interiores do reino. Pelo contrario, pugnaram pelo desinvolvimento da agricultura e das

---

[1] Antes de recorrer aos reis de Hespanha, Colombo recorreu, como é sabido, a D. João II de Portugal; e este rei, ouvindo os homens de maior competencia do paiz, desprezou o offerecimento de Colombo. Não admira isso; porque, tratando-se, no dizer do grande navegador, de um outro caminho para a India, Portugal, que já tinha segura a empreza do seu roteiro para essa região, não lhe convinha arriscar-se a novas tentativas. E, realmente, n'essa data, a empreza de Colombo tão incerta se julgava, que, ainda depois da descoberta da America, se não houvesse a noticia de que ella continha ouro, talvez os Hespanhoes a abandonassem. Por essa mesma incerteza, tambem Henrique VII de Inglaterra regeitara os serviços de Colombo, quando este lh'os mandou offerecer.

industrias; affastaram muitos obstaculos que havia para o commercio interno, em consequencia das provincias se acharem separadas umas das outras por numerosas linhas de alfandegas, e, por isso, aboliram muitas d'estas alfandegas; regularisaram o systema da moeda; e desinvolveram as communicações.

Houve, porém, duas grandes nodoas e dois grandes erros economicos, no reinado d'estes monarcas — o estabelecimento da inquisição e a expulsão dos Judeus.

Emquanto á inquisição, creada pelo papa Innocencio III, durante a heresia dos Albigenses, já nos fins do seculo XIV e principio do seculo XV, podia considerar-se extincta de facto. Pois, apezar d'isso, foi renovada por Isabel contra os herejes contumazes, contra os Mouros, Judeus e mesmo contra quaesquer christãos suspeitos de heresia, e até contra os individuos que se mostrassem tibios na perseguição dos herejes!

As penalidades consistiam no sequestro de bens, desterro, carcere perpetuo, demissão dos empregos, infamia dos descendentes até á segunda geração, fogueira para os impenitentes e relapsos, e lingua cortada aos blasphemadores. E taes foram as arbitrariedades, injustiças e vinganças surdas que acompanhavam o fanatismo dos inquisidores, que, além de milhares de pessoas condemnadas ao carcere e outras penas maiores, cujos braços ficavam por isso inutilisados para o trabalho, a população fugia aterrada, em grandes massas, para fóra do paiz.

Pelo que respeita aos Judeus, que tinham vindo para Hespanha, durante o dominio dos Wisigodos, eram odiados, tambem pelo fanatismo religioso dos Hespanhoes, pela recordação do auxilio que tinham prestado aos Sarracenos, na occupação da peninsula, pela inveja resultante das suas grandes riquezas e capacidade, e pela influencia que d'ahi lhes provinha.

Tudo isso determinou a sua expulsão; e com ella ficou a Hespanha privada d'uma raça, que, a par dos Mouros, concentrava nas mãos o movimento industrial e commercial do paiz. Foi uma perda enorme, a ponto de que o imperador da Turquia, ao vêr chegar um grande numero de Judeus, exclamou: «Estranho soberano este, que empobrece o proprio Estado, para enriquecer os nossos!»

*

* *

Por morte de Isabel (1504), reinou sua filha Joanna, a Louca, casada com Filippe I, tendo como regente seu pae, D. Fernando, que proseguiu na organisação do paiz e fermentação do seu progresso. Durante essa regencia, fez guerra aos Mouros, em Africa, tomando-lhes Oran e Melilla e, ainda que temporariamente, Bugia, Argel, Mazalquibir, Tunis e Tripoli; e, no seu tempo, continuaram as descobertas iniciadas por Colombo, organisando-se as expedições de Vasco Nunes de Balboa, que se assenhoreou do terri-

torio de Darien, bem como as de outros felizes navegadores [1].

*

* *

Por morte de Fernando, subiu ao throno, ainda em vida de Joanna, a Louca, seu filho D. Carlos I (1519-1555), que, em pouco tempo, se tornou tambem imperador da Allemanha, por morte de seu irmão Maximiliano, sob o nome de Carlos V. Tinha sido educado em Flandres, e trouxe de lá o amor pela industria e commercio; mas, apezar d'isso, pouco aproveitou á economia da nação, pelas muitas guerras que emprehendeu, pelas revoluções internas que teve de suffocar, pelos impostos exagerados que lançou, e pela falta de população activa que se derivara d'esses factos.

Assim, teve guerra prolongada com a França, em que chegou a aprisionar o rei Francisco I. Teve guerras na Italia. E elle proprio foi á Africa n'uma expedição contra o bey de Tunis, o celebre Barbaroxa, que infestava os mares, conseguindo afugental-o e tomar-lhe a capital.

Entrou, além d'isso, em novas campanhas contra os Turcos, tambem na Africa e na Italia;

[1] No reinado de D. Isabel e regencia de Fernando houve tres grandes homens todos mal pagos pelo rei: Colombo, o ministro cardeal Ximenes e o grão capitão Gonçalo de Cordova.

e tentou ainda uma expedição infeliz contra Argel.

No interior, houve tres revoluções sangrentas: a *da Germania*, a *guerra das communas* e a *revolta dos Mouros*.

A primeira, logo no principio do seu reinado, consistiu n'um movimento popular, brutal e sanguinario, que nasceu em Valença, e rapidamente se propagou por Jativa, Murviedro, Orihuella, Segorbe, Alcira, e outras povoações menores; e foi motivada pelo odio á nobreza, que vexava o povo, espancava os credores e insultava os mais sagrados direitos e as mais santas virtudes da familia. Embora não tivesse, a principio, caracter politico, por fim converteu-se n'uma revolução popular, sangrenta e cruel, contra os poderes constituidos.

A guerra das communas, que tinha nas suas fileiras nobres e sacerdotes, a par de artistas, commerciantes e lavradores, quasi constituiu outra revolução nacional. Foi inspirada n'um movimento de reacção contra as demasias dos estrangeiros, tão protegidos por Carlos I, contra os privilegios e abusos dos cortezãos, e contra o esbanjamento da fazenda real e impostos exorbitantes, arrancados ao povo. Tambem despertou com toda a violencia, em Toledo, Segovia, Valladolid, Zamora, Burgos, e mesmo em Madrid e n'outras terras; e sempre com todo o cortejo de horrores e crueldades, por parte dos *communistas* e dos *imperialistas*.

Finalmente, quando mal acabava esta guerra,

levantaram-se os Mouros de Valencia, Granada e Aragão, por lhes ter sido imposta a conversão forçada das suas crenças. A resistencia, alentada pelo fanatismo, foi grande, e os Hespanhoes a custo poderam subjugal-os.

Ainda assim, no meio d'estas guerras e revoluções, que tanto mal fizeram á Hespanha, continuaram as expedições ultramarinas. Fernão Cortez conquistou o Mexico, Francisco Pizarro, o Perú, Almagro, o Chili, e Mendoza, o Rio da Prata.

*

* *

Carlos I abandonou o governo, em 1555, para encerrar-se no mosteiro de Santa Justa, onde falleceu, em 1558; e, por isso, n'aquelle mesmo anno de 1555, principiou o reinado de seu filho Filippe II, de Hespanha e I de Portugal (1555-1598).

O governo d'este monarca foi tambem cheio de guerras com a França; com a Inglaterra, em que perdeu a celebre Armada Invencivel; com a Hollanda; e com os Turcos, cuja frota aniquilou, por sua vez, na batalha de Lepanto.

Conquistou Portugal, mas perdeu a Hollanda que herdara de Carlos I, e que, depois d'uma lucta desesperada, se tornou independente. Cadiz foi tambem tomada e devastada pelos Inglezes.

No interior, Filippe II teve de suffocar o levantamento de Aragão, que se queria tornar de novo independente; e, por isso mesmo, invadiu essa provincia, e fez-lhe perder todos os foros e

regalias civicas. E terminou tambem com os privilegios que a *Santa Hermandade* conservava.

Todas estas guerras, os impostos exagerados, que ellas trouxeram, o despotismo do rei, o seu fanatismo e intolerancia, e as demais causas que adeante apontaremos, fizeram decaír muito o movimento economico da nação. No meio da grandeza material e politica do Estado, a Hespanha, sob este monarca sombrio, cruel e sanguinario, chamado o *Demonio do meio dia*, representava um gigante alquebrado de forças e de recursos.

*
* *

Da mesma fórma, continuou a Hespanha decaindo no governo de Filippe III (1598-1621). O seu ministro, duque de Lerma, em cujas mãos o rei se entregou discricionariamente, não tinha qualidades de estadista. A par d'isso, a immoralidade dos costumes e os desperdicios prejudicaram tambem a segurança do Estado. Continuaram as guerras com a Hollanda, com a França e com a Inglaterra, bem como as luctas na Italia, todas cheias de revezes; e continuaram tambem as guerras, na Allemanha, por causa do auxilio dado ao imperador, supposto essas fossem mais gloriosas para as armas hespanholas.

Para cumulo da desgraça, o rei, invejando a gloria da rainha Isabel, expulsou os Mouros, dando com isso o ultimo golpe na desolação da

patria; porque elles constituiam a população mais rica, activa e trabalhadora que ficara na Hespanha.

*

* *

Filippe IV (1621-1665) seguiu as pisadas do pae, e o seu ministro, duque d'Olivares, foi a continuação do duque de Lerma. Teve tambem guerra com a França, e com tanta infelicidade que n'ella foi aprisionado todo o exercito do general Povar, na batalha de Recroy, no Rossilhão.

Continuou as campanhas da Allemanha e da Italia. Mas Portugal emancipou-se. A Catalunha revoltou-se; e apaixonada, valente e arrebatada, como sempre, não duvidou entregar-se ao dominio de Luiz XIII, para vexar a corôa de Hespanha e facultar aos estrangeiros a invasão da patria, esperando libertar-se das extorsões e vexames que padecia. Custou muito a D. Filippe IV recuperar as provincias desagregadas; e, ainda assim, em 1642, o Rossilhão, involvido n'essa pendencia, perdeu-se para sempre.

Napoles e Sicilia, tambem revoltadas, sómente se pacificaram á custa de muito sangue e sacrificios. Na Hollanda, terminada a tregoa de doze annos, que Filippe III negociara, em 1609, romperam-se de novo as hostilidades; e a Hespanha teve de reconhecer a independencia da republica hollandeza, na paz de Westphalia. E, ainda de-

pois d'isso, pela guerra com a França, teve de de ceder, no tratado dos Pyrineus de 1659, parte de Flandres. A Inglaterra, que tentou debalde assenhorear-se do Mexico, apoderou-se, comtudo, da Jamaica. As naus da India eram frequentemente aprezadas pelos Inglezes e Portuguezes. A esquadra hespanhola foi completamente desbaratada pelos Hollandezes. Os *flibusteiros* [1] e piratas tomavam continuadamente os galeões hespanhoes. E os ministros, entregues unicamente á preoccupação do seu valimento, não cuidavam dos interesses do Estado. Em summa, ia caíndo a pedaços a vasta monarchia, que tão respeitada e temida se tornara no tempo de Carlos I e Filippe II.

*

* *

O reinado seguinte, de D. Carlos II (1665-1700), tinha de ser ainda mais infausto para a Hespanha.

A anarchia nos serviços do Estado, a desmoralisação publica e particular, a relaxação dos governantes, a fraqueza e miseria dos governados, o abandono dos interesses coloniaes, a decadencia das fontes economicas da nação, tocaram o zenith. Chegou-se a recear que Portugal conquistasse a Hespanha.

---

[1] Os flibusteiros, assim chamados dos seus barcos ou navios ligeiros (*flyboaters*), ou dos seus roubos (*freebooters*), eram os ladrões contrabandistas, acoutados nas Antilhas.

*
* *

Tudo isso, porém, tinha de mudar com Filippe v, neto de Luiz xiv (1700-1746), que o fallecido Carlos ii apontara em seu testamento para successor. O monarca francez conseguira fazel-o collocar no throno, apezar das intrigas da Austria, que favorecia a pretenção do archiduque Carlos, e que por isso promoveu a guerra civil, na Catalunha e Aragão, e apezar tambem da guerra com a Inglaterra e Portugal, que luctavam egualmente pelo mesmo pretendente.

A Hespanha perdeu, então, o que lhe restava de Flandres; o reino de Napoles e as outras possessões que tinha na Italia; e ainda a praça de Gibraltar, que foi tomada pela Inglaterra e que esta conservou, a despeito de quantos esforços os Hespanhoes fizeram para a reconquistar.

Por outro lado, a côrte tornou-se por vezes o jogo de intrigas palacianas e do escandalo das favoritas do rei, apezar d'este ser casado duas vezes; os validos partilharam tambem por vezes, com as rainhas, o exercicio da auctoridade real; e ainda Filippe v se annullava, frequentemente, sob a influencia da princeza dos Ursinos e de outras cortezans.

Mas, no meio d'essas fraquezas, havia n'elle o estimulo do progresso; e, pela iniciativa do grande cardeal Alberoni e outros ministros ha-

beis, impulsionou fortemente a sua patria adoptiva.

Encontrou a milicia desmantelada, e organisou um grande exercito; encontrou a marinha de guerra perdida, e creou uma grande armada, com a qual abateu o orgulho de Inglaterra; encontrou o paiz na miseria e na desordem, e restabeleceu a segurança, promulgando tambem admiraveis medidas economicas. Reduziu os cargos do palacio, aboliu os foros de Valencia e Aragão, que passaram a reger-se pelas leis de Castella; restabeleceu o prestigio das colonias; reorganisou a administração publica; e fez entrar o paiz, audaciosamente, no caminho de uma completa regeneração economica, politica e administrativa.

*
* *

O seu successor, Fernando VI (1746-1759) teve a seu favor a tranquillidade e paz do seu reinado; e, dispondo de admiraveis qualidades governativas, proseguiu activamente na obra de Filippe V. De modo que, no seu tempo, a Hespanha tambem continuou progredindo em todos os ramos.

Aconteceu a mesma coisa com Carlos III (1759-1788). A sua iniciativa economica, o seu cuidado pela administração publica, o seu amor pelo desinvolvimento de communicações e pela marinha; o seu interesse pelas colonias; e, em

summa, o seu cuidado pela grandeza do paiz: accrescentaram importantes beneficios á administração dos seus antecessores.

Começara a reinar Carlos IV, com as mesmas tradições, quando rebentou a revolução franceza [1].

---

[1] Carlos Romey, *Historia de España*, traduzida por Bergnes de las Casas. — D. Modesto Lafuente, *Historia General de España*. — Rafael Altamira y Crevea, *Historia de España y de la Civilisación Española*. — D. Alfredo Opisso, *Elementos da Historia de España*. — Carlos Lisboa, *Historia Resumida de Hespanha*.

CAPITULO IX

Hespanha

Movimento economico da parte colonial

Expedições e descobertas. — Organisação da administração colonial. — Necessidade da edificação de novas cidades em logares mais adequados á exploração das minas, á segurança das conquistas e ao commercio. — Mau tratamento e crueldade para com os Indios ou indigenas. — Intervenção do padre Bartholomeu de Las Casas a favor d'elles. — Substituição do trabalho dos mesmos Indios nas minas pelos negros. — Os tratados do *assiento*. — Como os Hespanhoes, até o tempo de Filippe v, pelo seu egoismo, pessima administração da metropole, systema de restricções e ambição das riquezas mineraes, atrophiaram a agricultura e a industria das colonias, e abafaram até o desinvolvimento dos indigenas. — Restricções tambem impostas ao commercio e aos transportes. — Contrabando enorme que se seguiu d'esse estado de coisas. — As missões. — Sua influencia no Paraguay. — Mudança do systema colonial, no tempo de Filippe v e dos seus successores. — Progresso das colonias depois d'isso.

Vimos no primeiro capitulo como a Hespanha, lançando-se no encalço dos Portuguezes, foi descobrindo e conquistando parte da America, parte da Oceania, e como conquistou tambem differentes praças na Africa.

Assim, durante este periodo, teve ella debaixo do seu dominio as Antilhas e muitas ilhas

das Lucayas, a California, o Mexico, o Novo Mexico [1], a Florida, a Terra Firme, que comprehendia a região que hoje constitue toda a America Central e a republica da Colombia, o Perú, a Bolivia, o Chili, o Paraguay, e a bacia platina.

Tinha no Mediterraneo as Baleares, e, no Oceano Atlantico, as Canarias, cuja submissão só foi completa, em 1512.

Possuia na Oceania as Filippinas, as Mariannas e as Carolinas, que tinham sido descobertas e occupadas por Magalhães, na sua viagem de circumvallação. Questionou-se então se estas ilhas, assim como as Molucas, estavam comprehendidas na demarcação das terras que pertenciam aos Portuguezes, e acabou essa questão no reinado de D. Carlos v, por um accordo, em que o governo hespanhol reconheceu provisoriamente, pela somma de 350:000 ducados, o direito dos Portuguezes. A questão foi depois renovada, sob Filippe II; mas, como Portugal foi annexado á Hespanha, ficou esta com essas ilhas, menos as Molucas, por que tinham sido conquistadas pelos Hollandezes.

No tempo da regencia de Fernando, tambem a Hespanha tomou Bugia, Argel e Mezalquibir, que pouco tempo estiveram no seu poder; Oran,

---

[1] O Novo Mexico comprehendia o territorio que actualmente pertence aos Estados-Unidos, limitado ao norte pelo Colorado, a éste pelo territorio Indio e pelo Estado de Texas, ao sul por este Estado e pelo Mexico, e ao oeste pelo territorio Arisona.

que deteve, quasi permanentemente, até 1792; e Melilla, que ainda conserva.

Carlos V trouxe-lhe os Paizes-Baixos, que estiveram no dominio hespanhol até Filippe II; conquistou Tunis e Tripoli, que tambem estiveram pouco tempo n'esse dominio; e senhoreou-se de Penõn de Velez e Peñon de Alhucenas, que ainda hoje pertencem á Hespanha.

Em 1580, os Hespanhoes tomaram conta de Ceuta, que lhes foi garantida pela paz de Lisboa de 1668.

Com pequenas interrupções, tiveram debaixo do seu poder Milão até 1710, Napoles e Sicilia até 1713, a Sardenha até 1714, o Rossilhão até 1642, e o Franco-Condado até 1674; e em 1778, adquiriram as ilhas de Fernando Pó e Anno Bom.

No decorrer do periodo, perderam tambem as ilhas de S. Eustaquio e Coraçao, tomadas pelos Hollandezes, em 1632 e 1634; Guadalupe, Martinica e S. Domingos, tomadas pelos Francezes, em 1630 a 1641; Jamaica, tomada pelos Inglezes, em 1655; S. Thomaz, tomada pelos Dinamarquezes, em 1671; e Portugal, que se emancipou novamente, em 1640. Mas, como se vê, a Hespanha ainda conservou, durante toda a edade moderna, o vastissimo dominio colonial de metade da America do Sul, quasi um quinto da America do Norte, quasi todas as ilhas e terras firmes da America Central, differentes ilhas e praças na Africa, e as Filippinas, Mariannas e Carolinas, na Oceania.

Durante os primeiros tempos, os Hespanhoes

*

preoccuparam-se muito pouco das suas colonias transatlanticas; e, por isso, o governo d'estes vastos dominios coloniaes andou, primeiramente, á mercê dos conquistadores e ao capricho dos capitães e dos guerreiros. Mas, acabado o periodo revolto da conquista, a Hespanha tratou de dividir as colonias em capitanias regulares, pondo á frente d'ellas, na America, um-vice rei, e, nas Filippinas, um governador [1].

Assim, em 1540, foi nomeado o primeiro vice-rei, com a sua séde no Mexico, tendo por circumscripção o Mexico, o Novo Mexico, a Florida, a California, toda a America Central e a parte insular. A America do Sul ficou ainda entregue aos capitães; mas, em 1542, foi nomeado para lá outro vice-rei, com a sua séde em Lima. E esta divisão permaneceu até 1776, em que as colonias americanas foram divididas em quatro vice-reinos, a saber: o do Mexico, tendo a séde no Mexico; o de Venezuella, com a séde em Porto Bello, o do Perú, com a séde em Lima, e o do Rio da Prata, com a séde em Buenos-Ayres; e em oito capitanias independentes: Novo Mexico, Guatemala, Chili, Caracas, Cuba, Porto Rico, Florida e S. Domingos.

---

[1] Em todo o caso, nas colonias hespanholas, por causa da exploração das minas, cuidou-se mais cedo da sua administração do que geralmente aconteceu com os outros paizes; e Robertson, *L'histoire de l'Amérique*, vol. II, pag. 348, vê n'isso uma circumstancia que distingue as colonias hespanholas.

Os funccionarios municipaes eram eleitos pelas cidades ou villas, e chamavam-se *Cabildos* [1].

A par dos vice-reis, funccionava uma *audiencia,* especie de conselho de estado e supremo tribunal de justiça, que tinha tambem a seu cargo vigiar o procedimento dos mesmos vice-reis e contrabalançar a sua acção, recorrendo até para o rei, se o julgasse necessario. E havia ainda, superior a tudo isso, *o conselho das Indias,* com a sua séde em Madrid, creado em 1511 e organisado em 1542, que tinha a superintendencia ecclesiastica, militar, civil e economica [2], e debaixo de cuja supremacia residia em Sevilha, para a solução dos negocios mercantis, uma *côrte* do commercio e da justiça.

A necessidade da defeza e da exploração mineira fez que os Hespanhoes cuidassem tambem, desde logo, da edificação de novas cidades, em situação apropriada; já que as cidades existentes ficavam afastadas da costa e das regiões mineiras, ou em logares menos convenientes para dominio dos terrenos occupados.

As primeiras foram Isabella, na ilha de Haiti, então chamada Hispaniola, em 1494, e Vera Cruz no Mexico, em 1519. Foram-se depois edi-

---

[1] Jeronimo Brocardo, *Historia del Commercio, de la Industria y de la Economia Politica,* traducção hespanhola e notas de Lorenzo Bento, pag. 316.

[2] Henri Cons, *Precis d'Histoire du Commerce,* vol. I, pag. 224. — Robertson, *L'Histoire de l'Amérique,* traduzida do inglez, vol. I, pag. 353.

ficando, successivamente, Cumana, em 1520, na Venezuella; Porto Bello e Cartagena, em 1532, na Columbia, então chamada Nova Granada; Valencia, em 1555, no Novo Mexico; Caracas, tambem na Venezuella, em 1567; e, no littoral do Oceano Pacifico [1], desde 1530 a 1550, Acapulco. nas costas do Mexico, Panamá, no isthmo do mesmo nome, Lima, no Perú, e Conceição, no Chili.

Além d'isso, muitas outras cidades se edificaram no interior e na visinhança das minas; e tambem se edificou Manilha, na ilha de Luçon, em 1572.

A administração colonial dos Hespanhoes foi até Filippe IV o que ha de mais egoista, de mais barbaro e de mais pernicioso para as colonias e para a propria metropole. Sacrificaram os indigenas, sacrificaram a agricultura, a industria e o commercio; e, fazendo da America o theatro de uma avareza insaciavel e de uma crueldade requintada, subordinaram o cavalheirismo da sua raça e a gloria do seu povo á baixa exploração de ambiciosos fraudulentos.

Contribuiu tambem para isso a proposta feita por Colombo de se transportarem para a *Hispaniola* e fazerem-se trabalhar nas minas os malfeitores condemnados ás galés, e mesmo os con-

---

[1] Os Hespanhoes reedificaram o Mexico, mas destruiram quasi todas as cidades que encontraram, como por exemplo Zampoalla, Tlascalla e Cholula, no Mexico.

demnados á morte, quando os seus crimes não fossem de natureza atroz. Foi adoptada essa proposta, e por isso esvasiaram-se as prisões de Hespanha, para povoar as colonias.

Mas, além d'esses criminosos serem os que menos trabalharam nas minas, os demais immigrados eram, geralmente, aventureiros, sem recursos nem escrupulos, ou segundos filhos de familias arruinadas, que tinham apenas em mira adquirir riqueza; e, certamente, não era sobre taes bazes que se podia edificar uma sociedade viavel [1].

As consequencias d'essa organisação social não foram tão graves, no tempo da rainha Isabel, que recommendou o respeito pelos indigenas, e se esmerou em desinvolver a agricultura e o commercio; mas a politica d'essa rainha foi desprezada pelos seus successores, e o povo hespanhol seguiu logo por uma esteira, completamente diversa.

Os indigenas foram tratados o mais desprezivelmente possivel. Eram exterminados aos milhares; e os que não tiveram essa sorte, foram despojados de toda a riqueza que possuiam, primeiramente, pela pilhagem, e, depois, pelo excesso dos tributos [2]. O procedimento para com esses desgraçados era tal, que grande parte d'elles se

---

1 Robertson, *obr. cit.*, vol. I, pag. 137. — Octave Noel, *Histoire du Commerce du Monde*.

2 A pesca, a caça e qualquer officio supportavam impostos pesadissimos; a propria esmola do pobre era taxada.

deixava morrer de fome, ou se matava, para fugir aos maus tratos dos Hespanhoes. Não se approximavam de suas mulheres, para não gerarem filhos, destinados a perpetuo soffrimento. As mães conheciam e procuravam plantas para abortarem; e, muitas vezes, ellas proprias se envenenavam, juntamente com o fructo que traziam no ventre [1].

A principio, os Indios, mau grado aquella importação de criminosos, foram forçados ao trabalho mineiro, no meio dos maiores rigores e vexames, em que a maior parte succumbia: tanto mais que não estavam habituados a esse trabalho, porque mesmo os que não tinham nenhuma civilisação, viviam apenas da caça e da pesca [2].

Depois, Frei Bartholomeu de las Casas, outro humanitario como Anchieta e S. Francisco Xavier, tanto prégou a misericordia e a emancipação d'esses infelizes, e com tanta devoção, caridade e zelo pugnou a seu favor, que foram declarados livres e collocados sob a tutela dos monges, escapando assim ao exterminio total de que estavam ameaçados. Nem por isso acabaram os abusos commettidos contra elles; mas, em todo o caso, para os substituir na escravidão e nos trabalhos mais pesados, começou a importação dos negros da Africa.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Robertson, *obr. cit.*, vol. II, pag. 224.

[2] Henri Cons, *Precis d'Histoire du Commerce.* — Altamira, *obr. cit.*, vol. III.

Contraste notavel! Foi o proprio Las Casas que propoz que se comprassem esses negros nos estabelecimentos dos Portuguezes das costas africanas! Calculava-se que esta especie de homens era mais robusta que os Americanos, mais capaz de resistir a uma grande fadiga e mais pacientes, sob o jugo da servidão; e que o trabalho de um negro equivalia ao de quatro Indios. Por isso, o cardeal Ximenes favoreceu muito esse commercio; e Carlos I concedeu até a um dos seus cortezãos flamengos o exclusivo de importar na America quatro mil negros, privilegio que elle vendeu, por vinte e cinco mil ducados a mercadores genovezes; sendo assim estes Genovezes que estabeleceram, primeiramente, por uma fórma regular, esse commercio de homens entre a Africa e America [1].

A importação tornou-se então enorme [2]. Por

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. I, pag. 230.

[2] O governo de Madrid adoptou até o systema de fazer com particulares e companhias estrangeiras *assientos*, isto é, tratados ou contractos, por isso chamados do *assiento*, para provêr de escravos as possessões do Ultramar ; e esses contractos foram muito frequentes, desde o principio do seculo XVI. Carlos V, em 1517, celebrou esses *assientos* com os Flamengos, seus compatriotas. Desde 1595 até 1600, foi Gomes Renuel que teve este privilegio. N'este anno, fez-se o contracto com o portuguez João Rodrigues Coutinho, governador de Angola, que se obrigou a fornecer annualmente quatro mil duzentos e cincoenta escravos, por tempo de nove annos. Nas mãos dos Portuguezes continuou esse fornecimento de escravos até 1641, em que passou para os

cada cem negros que chegavam vivos ao comprador, era preciso sacrificar cento e quarenta e cinco, por enfermidades ou por exigencias da caça, que, muitas vezes recaía até nos proprios barcos destinados a esse trafico. Só com isto, perdia a Africa todos os annos quatrocentos e setenta e cinco mil pessoas [1].

Toda esta multidão de negros veiu, pois, substituir os Indios no trabalho das minas; e d'ahi resultou que tambem os productos mineraes constituiram a principal exploração do solo até Filippe v, enchendo a Hespanha de ouro e de prata [2], mas, por isso mesmo, aniquilando todo o progresso dos Indios.

Hespanhoes; e n'estes se conservou, até que a Companhia Portugueza da Guiné, em 1696, o tomou por seis annos. Dos Portuguezes passou para os Francezes, e d'estes para os Inglezes. — Borges de Castro, *Collecção de tratados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias*, vol. II, pag. 45. — Castilho, *Tratados de Paz y do commercio*. — Altamira, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 519.

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. I, pag. 222 e seguintes. — Jeronymo Brocardo, *obr. cit.*, pag. 314.

[2] De 1492 a 1500, a quantidade de metaes preciosos, importada em Hespanha, foi na média de 31:500$000 reis por anno. De 1500 a 1545, attingiu uma média annual de 1.200:000$000 reis. Quando, em 1545, foi descoberta no Peru a mina de Potosi, e no Mexico se substituiu aos processos primitivos da colheita do ouro e prata uma exploração séria, elevou-se a importação a 9.900:000$000 reis. — Cons, *obr. cit.*, vol. II, pag. 226. — E. Reclus, na sua obra *Nouvelle Géographie, Europe Méridionale*, pag. 662, diz que, desde

Com effeito, no momento da conquista hespanhola, tinham já bastante civilisação os Aztèques e Nahuas, no Mexico, os Mayas, no Yucatan, os Quitchés, em Guatemala, os Muyscas ou Chibchás em Cundinamarca (Colombia), e os Quichuas e Aymaras no Peru; e, todos elles, apezar da diversidade de costumes no momento da conquista, attestavam a mesma origem. O uso do ferro era desconhecido; mas, por toda a parte, a agricultura era favorecida por canaes de irrigação, e o commercio por estradas [1]. Era grande a creação dos lhamas; e a industria chegara, especialmente no trabalho dos metaes, a grande desinvolvimento. A permuta era empregada, muitas vezes, para as trocas; mas, no Mexico, as favas de cacau serviram de moeda, e os Chibchás tinham dinheiro proprio [2].

Ora tudo isso foi aniquilado pelos Hespanhoes.

Fernando e Isabel ainda trataram de promover, por sua propria iniciativa, um novo desinvol-

---

1500 a 1702, as remessas de metaes preciosos, enviadas pelas colonias para a metropole, attingiram a somma total de cincoenta e quatro milhares de milhões de francos.

[1] Emquanto ao commercio e ás estradas, o paiz mexicano era dos mais atrazados. Em compensação, estava muito desinvolvido nas artes; tinha um systema publico de correios; e, na cidade do Mexico, sua capital, as ruas eram já varridas, regularmente, e illuminadas, por meio de fogos postos, de distancia em distancia. — Robertson, *obr. cit.*, vol. II, pag. 280 e seguintes.

[2] Henri Cons, *obr. cit.*, vol. I. — E. Reclus, *obr. cit.*, *Indes Occidentales*, pag. 96 e seguintes.

vimento, fazendo das colonias um vasto campo de exploração economica.

Por isso, no seu tempo, os Hespanhoes trataram de explorar os productos naturaes do solo; introduziram a cultura dos cereaes, hortaliças e legumes de toda a casta; das favas, cebolas e nabos; da amoreira, oliveira e vinha, nas regiões mais apropriadas da America; assim como da canna do assucar, nas Antilhas.

Fizeram tambem aclimatar a maior parte dos animaes domesticos da Europa, como o carneiro, a cabra, o cavallo, o touro e o asno; e a propagação do gado foi tal que, em 1520, já se discutia se devia introduzir-se na America a legislação da *mesta*. Mas logo surgiu a exploração do ouro; e, desde então até Filippe V, desprezou-se tudo o mais.

Para que não fosse prejudicada a exportação dos productos agricolas da metropole, chegou-se mesmo a prohibir a cultura da vinha e da oliveira. Admittiu-se uma excepção em favor do Peru e do Chili, por estarem muito afastados; mas foi-lhes prohibida, sob as penas mais severas, toda a expedição d'esses generos para Guatemala e para as outras regiões, que ficaram reservadas aos productos hespanhoes [1].

Além d'este mau regimen e da ambição pelos

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. II, pag. 357 e 499. — Altamira, *Historia de España y de la Civilisacion española*, vol. III, pag. 513. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

metaes preciosos, accrescia que a população que ia para as colonias, regra geral, não era de trabalhadores; era, como vimos, de criminosos, ou, então, de fidalgos aventureiros; e mesmo essa não ia para o interior. Havia grande rivalidade de raças entre brancos, mulatos, creoulos e Indios. Havia, demais a mais, o preconceito do provincialismo, conforme as diversas proveniencias, entre Andaluzes, Catalães, etc. [1] Os dizimos para os clerigos e conventos e as doações religiosas prejudicavam egualmente a agricultura, da mesma fórma que succedia na metropole. A distribuição da propriedade era defeituosissima, porque havia capitães e guerreiros que tinham tomado para si vastos districtos, e, ás vezes, provincias inteiras. E, finalmente, o systema de isolamento a que os nacionaes votavam os estrangeiros, desviava da lavoura muitos braços aproveitaveis.

A principio, ainda havia uma exploração abundante dos productos indigenas, anil, cochenilha, baunilha, cacau, pau brazil, campeche, copal, ambar, milho, lans de lhama, quina, tecidos de algodão, pennas do Mexico e gommas aromaticas. E mesmo o assucar introduzido por Isabel, proporcionou grandes carregações para a metropole. As perolas do Panamá constituiram tam-

---

[1] Thomaz Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Etablissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes*, vol. IV.

bem, desde logo, uma grande fonte de exploração. Mas, depois, esses productos foram, cada vez, mais desprezados, e tudo se sacrificou á exploração dos metaes e pedras preciosas.

A unica região razoavelmente cultivada era o Paraguay, onde os Jesuitas haviam fundado um Estado, que dependia nominalmente da Hespanha, mas que elles administravam, inteiramente á sua vontade, e do qual brevemente fallaremos.

Só no governo de Filippe v, se começou a pensar seriamente na cultura do solo, tanto tempo desprezada, attendendo-se especialmente a uma nova fonte de riqueza, a do tabaco. E foi a ilha de Cuba que se tornou o centro d'essa exploração, de que Havana tirou uma grande riqueza.

Os monarcas anteriores a Filippe v aproveitaram esta cidade, sómente para porto estrategico, abandonando o resto da ilha a si propria. E, por isso mesmo, os colonos europeus ahi se tinham embrutecido, entregando-se principalmente á caça dos touros selvagens, e, por vezes, á pirataria e contrabando.

O tabaco era a unica das culturas que exerciam em grande escala; e o consumo crescente d'este producto na Europa suggeriu, então, a Filippe v a ideia d'uma nova fonte de rendimento publico. N'este sentido, em 1717, declarou monopolio da corôa o consumo do tabaco n'aquella ilha, permittindo apenas a cada agricultor a cultura d'uma certa quantidade, que a corôa lhe comprava por um preço determinado.

A par do tabaco, espessas florestas forneceram, então, excellentes madeiras para as construcções navaes, e ahi se estabeleceram importantes canteiros, d'onde sahiram os melhores navios. Mas, além d'esses dois productos, as Antilhas quasi não tinham nenhum outro proprio, para alimentar o seu commercio.

O que se deu com a agricultura da America, succedeu tambem com a industria e commercio.

Quando os Hespanhoes conquistaram a America, por toda a parte, se sabia tecer, bordar, cinzelar os metaes preciosos e fabricar armas; e desinvolviam-se e prosperavam os mercados e as feiras [1].

O governo poderia tirar um grande partido d'esse desinvolvimento; e, pelo contrario, abafou e atrophiou, não sómente o progresso dos indigenas, mas tambem o movimento industrial e commercial dos seus proprios colonos.

A principio, só attendeu á exploração mineira. Essa era permittida a qualquer hespanhol, e por isso as minas pertenciam áquelle que as descobrisse, ficando apenas obrigado a apresentar ao governo as amostras do minerio e pagar o terreno, á razão de uma piastra por pé quadrado. As minas abandonadas passavam para o Estado.

Durante largo tempo, a exploração foi muito irregular. Atacavam-se unicamente as minas cujo minerio, muito puro, exigia pouco trabalho; e

---

[1] Henri Cons, *obr. cit.*

esta industria tornou-se tambem, por largo tempo, um jogo de acaso, em que se arruinou a maior parte dos emprezarios.

Foi na provincia mexicana de Zacatecas que se encontraram, em 1534 [1], as primeiras minas de prata. E outras minas foram seguidamente descobertas, especialmente as de ouro de Potosi, no Peru, em 1545, tão abundantes que o ouro excedeu logo a prata, e se tornou a principal riqueza mineral da America hespanhola [2].

No resto, os colonos deviam prover-se unicamente dos productos da metropole. Por isso mesmo, foram prohibidas, desde logo, as industrias mais importantes, como a fiação, a tecelagem, a tinturaria, a curtimenta. Os Indios nem sequer podiam confeccionar por suas mãos os poucos vestidos de que se cobriam, e tinham de vestir-se á hespanhola; de modo que, não tendo meios para adquirirem esses vestidos, viram-se obrigados a renunciar á civilisação e a retomar nos bosques a vida nomada [3].

Egual falta de liberdade se dava, com respeito ao commercio; porque, além das colonias sómente o poderem fazer com a metropole e haver muitos generos estancados, até no reino, havia grandes restricções.

---

[1] Brocardo, *obr. cit.*, pag. 315, diz que foi em 1532.

[2] Scherer, *Histoire du Commerce de toutes les nations*, traduzida por Henri Richelot e Charges Vogel.

[3] Altamira, *obr. cit.*, vol. III, pag. 520.

E, com effeito, esse commercio, a principio, foi livre para todas as terras, mas logo, em 1501, foi limitado a uma unica praça, a de Sevilha, e, depois, tambem á de Cadiz. Todas as relações com os paizes transatlanticos eram severamente prohibidas com quaesquer outros portos de mar. E uma camara de commercio (*casa da contratacion*) determinava, cada anno, a especie e qualidade de mercadorias, que deviam ser exportadas para as colonias; d'onde resultou que os negociantes d'essas duas praças se combinaram mutuamente, para levantarem os preços e tirarem lucros enormes [1].

Nem o proprio transporte era livre. Duas esquadras reaes, escoltadas por navios de guerra, de cincoenta e dois a cincoenta e cinco canhões, afretados pelos negociantes de Cadiz e Sevilha, iam duas vezes por anno, ou, pelo menos, de dois em dois annos, para a America.

Uma era chamada *a frota,* outra *os galeões.* Estes faziam o commercio do Peru e do Chili, aquella o do Mexico ou Nova Hespanha [2].

Chegadas essas esquadras aos portos do destino, a troca dos productos era tambem restringida.

Assim, pouco tempo antes da chegada dos galeões, os negociantes da America do Sul leva-

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. II, pag. 354.

[2] Constava a primeira esquadra a principio de quinze galeões, e a segunda, de doze. — Henri Cons, *obr. cit.*, vol. I, pag. 224.

vam por mar a Panamá, e de lá por terra, nos primeiros dois seculos, a Porto Bello, e, depois d'isso, tambem a Carthagena, as riquezas das suas minas e outros productos preciosos, para serem trocados pelos objectos manufacturados. A primeira d'estas cidades, n'aquelles dois primeiros seculos, foi o *rendez-vous* de todo o commercio da America hespanhola do sul; mas, depois que a concorrencia se dividiu com Carthagena, Porto Bello ficou o *rendez-vous* dos negociantes de Caracas, da Nova Granada e outras possessões, e Carthagena o *rendez-vous* do grande commercio do Peru e do Chili. Os preços eram taxados por delegados do commercio dos dois hemispherios. E, para os pobres indigenas, os corregedores é que faziam a distribuição, determinando a seu capricho a quantidade e qualidade que devia receber cada Indio do seu arredondamento; de sorte que, ás vezes, tinha de ficar com objectos para elle completamente inuteis. Por exemplo, não tinha barba, e era compellido a comprar navalhas de barba [1].

Entretanto, a frota chegava a Vera Cruz [2], para proceder com a Nova Hespanha ás mesmas operações que em Porto Bello; e, depois de ter destacado alguns navios, para traficarem com as

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. III, e os outros escriptores que consultamos, dizem que a venda ou distribuição se fazia em Vera Cruz; mas Cons, *obr. cit.*, vol. II, diz que era em Jalapa, pelo facto de Vera Cruz ser muito insalubre.

ilhas, as duas esquadras reuniam-se em Havana, d'onde voltavam para a metropole.

É certo que, muitas vezes, o commercio particular illudia o systema de frotas e galeões, armando por sua iniciativa expedições proprias, que desembarcavam nas Indias, occultamente, ou com o pretexto de que o temporal as fizera arribar. Mas esses casos occultos e extraordinarios, que representavam contrabando, não contrabalançavam os inconvenientes d'aquelle systema legal.

Sob Filippe II, além dos metaes preciosos, as carregações de retôrno comprehendiam ainda o anil, a cochenilha, o campeche, o assucar, a baunilha, o cacau, a camphora, a quina e os couros tanados. Mas, como já dissemos, estes productos eram, cada vez, mais desprezados, e as carregações começaram a compôr-se, quasi exclusivamente, de ouro e prata, de perolas do Panamá e da California e de pedras preciosas.

Por outro lado, a importação nas colonias consistia principalmente nos tecidos de lã, linho, moveis, instrumentos araterios e obras de metaes, objectos de luxo, azeite e diversas provisões alimentares.

Parece á primeira vista que a necessidade d'este dispendio dos productos importados nas colonias devia fazer progredir muito a industria da metropole; e, de facto, no tempo de Fernando e Isabel, assim aconteceu, como veremos. Mas, já no tempo de Carlos I e dos seus successores até Carlos II, de tal modo se extenuou o

paiz, que os nacionaes não puderam supprir aquellas necessidades.

A despopulação crescente, a falta de braços, o preconceito contra os misteres e artes mecanicas, o augmento dos impostos, e as demais causas que adiante apontaremos, fizeram diminuir as fabricas hespanholas, por fórma que, em 1545, já se considerava impossivel fornecer, antes de seis annos, todas as mercadorias pedidas pelos negociantes de Porto Bello e Vera Cruz. E, comtudo, n'essa época, ainda a situação das fabricas nacionaes era toleravel!

N'este estado de coisas, os exportadores hespanhoes viram-se obrigados a recorrer aos negociantes de fóra, emprestando os seus nomes, para illudirem a lei, que prohibia todo o commercio das colonias com estrangeiros. E, assim, se estabeleceu o mais vasto contrabando de que ha memoria: contrabando esse que, na essencia, o governo teve de tolerar como um dos males inevitaveis, embora se oppozesse apparentemente, e cobrisse a Hespanha d'uma rede de alfandegas.

Os Francezes, Inglezes e Hollandezes carregavam, assim, a frota e os galeões das suas proprias mercadorias, por meio de trasbordo; a corrupção dos empregados fiscaes alimentava esse contrabando; e o proprio governo, por meio dos seus agentes, recebia dos exportadores um grande tributo, em compensação da sua tolerancia [1].

---

[1] Só, por excepção, o governo, algumas vezes, tratava de excluir d'esse commercio as nações de que tinha qual-

Mas essa mesma compensação foi acabando pouco e pouco; já porque os outros povos que enviavam para a America os seus productos, pelos portos de Hespanha, ou por meio das frotas e galeões, trataram de os expedir d'uma outra fórma; e já porque, a par do contrabando da metropole, começou tambem a haver o contrabando nas proprias colonias, que se fazia, ordinariamente, pela corrupção dos vice-reis, capitães e governadores.

Foi principalmente pelo auxilio dos Portuguezes que os povos estrangeiros começaram a exercer esse contrabando. Tanto mais que os direitos de saída de Portugal eram menores que em Sevilha e Cadiz, e por isso os productos podiam ser fornecidos mais baratamente.

Assim, muitas centenas de navios, carregados de productos hollandezes ou inglezes, saíam todos os annos de Lisboa, do Porto, de Lagos e de outros portos do Algarve, com direcção ao Brazil. Chegados lá, navegavam para o Rio da Prata; subiam este rio quanto podiam, e depositavam as mercadorias em qualquer logar, d'onde ellas eram transportadas por terra, atravez do Paraguay, para Lima, com ajuda dos Jesuitas, que realisavam d'este modo grandes lucros. Essas mercadorias espalhavam-se, depois,

---

quer aggravo. Por exemplo, em 1685, foram confiscadas as mercadorias de todos os Francezes que faziam commercio com a America hespanhola.

em todo o Peru; e os negociantes d'este paiz tinham até correspondentes no Brazil, em Lisboa e em differentes cidades da Europa.

A faculdade concedida aos Portuguezes de fornecerem escravos ás colonias hespanholas, facilitava egualmente o contrabando; porque as mercadorias entravam juntamente com esses escravos. Mas, independentemente d'este auxilio dos Portuguezes, os negociantes dos outros povos começaram a exercer tambem directamente o contrabando, por meio dos seus navios.

Até o principio do seculo XVII, fizeram-no por expedições puramente particulares. Mas, quando a França, a Inglaterra e a Hollanda augmentaram as suas possessões na America, e, sobretudo, quando se estabeleceram na India occidental, pela fórma que já vimos, a Hollanda em S. Eustaquio e Curaçao (1632 e 1634), a França em Guadelupe, Martinica e S. Domingos (1630-1641), a Inglaterra em Jamaica (1655), os Dinamarquezes em S. Thomaz (1671), o negocio colonial tornou-se para ellas um systema politico, de que fizeram arma de combate contra a Hespanha. Tanto mais que o commercio com Porto Bello, Carthagena e Vera Cruz podia ser arruinado, em tempo de guerra, pela situação d'essas ilhas, e, mesmo em tempo de paz, pelo contrabando a que ellas serviam de foco.

Então, navios finos e ligeiros desembarcavam as mercadorias, á vista dos grandes navios de Hespanha, que não podiam seguil-os no meio dos baixios. E, quando os Hespanhoes armaram navios

semelhantes, os contrabandistas associaram-se para os arrostar, tendo, ordinariamente, por auxiliares os *flibusteiros,* que formavam uma sociedade á parte, e que, sob o protectorado da França e Inglaterra, faziam uma guerra de morte á Hespanha.

Demais a mais, a marinha hespanhola tinha decaído por fórma, que não podia proteger um littoral tão extenso. Uma prova d'isso é que, no tempo de Carlos II, a Hespanha só possuia no Oceano Pacifico tres navios de guerra, e d'esses mesmos só dois eram capazes de arrostar com os accidentes do mar.

Os tratados de *assiento,* de que já fallámos, favoreceram tambem os contrabandistas; porque, da mesma fórma que acontecera com os Portuguezes, o contrabando ia juntamente com os escravos. E as companhias hollandezas e inglezas estabeleceram até, nas colonias hespanholas, commissarios que as auxiliavam, tambem n'esse ponto, e as informavam de tudo que tivesse relação com o mesmo contrabando.

O resultado foi que as feiras de Porto Bello e Vera Cruz se tornaram cada vez mais desertas. Sob Filippe IV, os galeões ficavam tres annos á espera dos negociantes americanos, por fórma que, n'esse intervallo, apodreciam nos portos, estragavam-se as mercadorias, e os negociantes hespanhoes gastavam de ante-mão o seu beneficio. Em vez de se dirigirem a Cadiz ou Sevilha, as exportações da America tomavam o caminho de Londres ou Amsterdam. E as expedições da

metropole, que primeiramente eram annuaes, só tinham logar de cinco em cinco annos, ou de seis em seis, o que ia habituando, os colonos cada vez mais, aos productos estrangeiros [1].

Accrescia ainda a variedade de moeda. E, além d'isso, nas prolongadas guerras maritimas da Hespanha com a Inglaterra, Hollanda e França, os vice-reis do Mexico e Peru, sob a sua responsabilidade, permittiram o negocio com os paizes neutros, por estarem interrompidas as relações commerciaes com a metropole; especialmente, depois que a Jamaica caíu em poder dos Inglezes, d'onde estes espreitavam a volta dos pesados galeões, carregados d'ouro, para os tomarem.

Póde dizer-se que, desde Filippe II, cujo reinado marcou a decadencia da industria hespanhola, os nove decimos dos productos consumidos nas colonias eram estrangeiros.

*

* *

Temos visto como se fazia o commercio nas colonias americanas, e como os productos nacionaes foram sendo substituidos pelo contrabando dos outros povos.

O povo que, primeiramente, exportou mais productos, foi a França, pelos portos de Hespa-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

nha. Este commercio francez, porém, perdeu a superioridade, quando a Inglaterra e a Hollanda, pela tomada de Jamaica e Coraçao, organisaram o contrabando directo. A partir do seculo XVIII, os productos da industria allemã foram tambem expedidos por Hamburgo; e, então, Genova começou, egualmente, a fornecer as suas sedas, fitas e brocados d'ouro.

*

* *

As Filippinas tinham ficado, por assim dizer, á parte das outras colonias hespanholas. Não tinham relações directas com a metropole. A communicação fazia-se, primeiramente, por Callao, na costa do Peru, e, depois, pelo porto mexicano de Acapulco, no Oceano Pacifico, por meio d'um galeão real, e ás vezes dois, chamados do *Mar do Sul*.

Supposto essas ilhas sejam das mais ferteis do globo, os productos agricolas só formavam a menor parte das suas carregações. O pouco ouro que lá se achava, é que tinha attraído a attenção do governo hespanhol.

Emquanto á industria, militava o mesmo systema restrictivo da America hespanhola, e, sequentemente, o seu desinvolvimento industrial era nullo.

Mas, se essas ilhas, industrialmente fallando, se achavam na situação restrictiva das outras

colonias, emquanto ao commercio, formavam um regimen differente.

Manilha era um porto franco, onde todos os povos maritimos da Asia podiam levar as suas mercadorias, e onde os proprios negociantes europeus podiam traficar livremente, sob a simples condição de adoptarem um pavilhão indiano ou chinez.

O commercio da China e da India com as Filippinas era já tão antigo e tão importante, que o governo hespanhol intendeu que por isso mesmo e pelo afastamento d'essas possessões, seria inconveniente prohibil-o [1]; e d'ahi veiu a razão dos favores concedidos aos navios d'esses Estados.

Da mesma fórma, podiam tomar parte nos carregamentos feitos pelos galeões, com o consentimento e sob a fiscalisação do governador, todas as pessoas a quem fosse distribuida uma senha ou *boleta,* que dava direito a carregar um certo numero de productos, mediante o pagamento de certos direitos.

O rei é que armava o navio por sua conta, e pagava as despezas do transporte. O galeão, assim carregado e pesado, levava, ordinariamente, cinco ou seis mezes, para chegar a Acapulco. Ahi pagavam-se novos e duplicados direitos. Á sua chegada, abria-se uma grande feira, como em Porto Bello, Carthagena e Vera Cruz; e, ao

[1] Eduardo Malo de Luque, *Historia Politica de los Estabelecimentos Ultramarinos de las Naciones Europeas.*

cabo de quatro mezes, voltava o galeão para as Filippinas, carregado de dinheiro, para novas compras, e de um pequeno numero de outras mercadorias.

Semelhantes embaraços e a faculdade concedida aos navios da China fizeram que o commercio passasse quasi todo para as mãos dos Chinezes, cuja actividade, demais a mais, supplantava a dos Hespanhoes. E, por isso mesmo, e porque tambem a compra dos productos da industria estrangeira nos mercados de Manilha desviava para os povos alheios o dinheiro nacional, o governo de Madrid hesitou se lhe conviria abandonar a colonia. Por fim, sempre resolveu conserval-a, mas só por causa da sua situação favoravel, como centro de missões christãs, que, em geral, vieram a dar os mais tristes resultados.

*

*   *

Essas missões começaram pela America.

Já na segunda expedição, foram doze missionarios, e outros seguiram após elles[1], que se foram estabelecendo pelas planuras cobertas de bosques do interior e savanas interminaveis, cruzadas de povoações errantes, separadas por differença de linguas e costumes, e espalhadas como o resto de um immenso naufragio.

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. I, pag. 117.

Essas missões, estabelecidas, assim, no meio d'esses desertos, eram pequenas colonias, especies de oasis, em que alguns sacerdotes reuniam em torno de si um certo numero de Indios, tratando de inspirar-lhes o amor da agricultura e da vida estavel, e ensinando-lhes, ao mesmo tempo, os rudimentos da religião christã.

A principio, como acontecera com as missões dos Portuguezes, a influencia das hespanholas foi proveitosa, e começou a desbravar os selvagens, habituando-os aos gosos da civilisação e aos cuidados da agricultura. Porém, mais tarde, aquella especie de educação conventual contribuiu para deter o progresso intellectual e civil; e a ignorancia dos frades, o seu systema de conservar n'um certo isolamento a communidade dos fieis, organisada por elles, e de impedir entre os proprios Indios a communicação frequente, puzeram um obstaculo insuperavel á civilisação [1]. Aconteceu a mesma coisa nas Filippinas.

Sómente o Paraguay fazia excepção ao estado geral, e representava um grande desinvolvimento.

Em 1579, Filippe II permittiu que lá se estabelecessem essas missões. Os primeiros estabelecimentos dos Jesuitas começaram com pequeno resultado; mas, em 1604, o Geral da Ordem fez uma provincia jesuitica só do Paraguay, a qual então comprehendia apenas sete *povos* [2] dos In-

---

[1] Brocardo, *obr. cit.*, pag. 318.

[2] Chamavam-se assim os logares onde os Indios se

dios, e que se foi estendendo, depois, a todo o Paraguay. Sobretudo, no ultimo terço do seculo XVII, os missionarios foram fundando muitos *povos* novos, mercê das crueis perseguições que os Portuguezes faziam aos Indios do Brazil, e que levaram grande numero d'elles a acolherem-se, então, áquellas missões.

Essas missões gosavam de um regimen quasi independente do poder civil. Os padres só reconheciam como superior o Geral dos Jesuitas, e os colonos só reconheciam como suprema a propria missão.

Em todos os *povos* d'essa região, e n'uns com mais abundancia e esmero que n'outros, a agricultura estava desinvolvida, da mesma fórma que as industrias.

Havia officinas de prateiros indios e de mestres que trabalhavam de moldura, de martello e de todos os lavores, summamente destros e primorosos. Tambem as havia de ferraria, pregaria, chaves e fechaduras, armas de fogo, que podiam competir com as serralherias de Barcelona; de canhões e mais objectos de artilheria; de todas as mais artes de bronze, aço, ferro, estanho, cobre; de pedreiros, ferreiros, estatuarios, esculptores e pintores, tudo com ferramentas e officinas, em que os Indios trabalhavam; e ainda de outras

---

encontravam em numero de trezentos pelo menos, com seu chefe ou *cacique*, e debaixo da vigilancia de um visitador hespanhol. — Altamira, *obr. cit.*, vol. II, pag. 435.

differentes industrias, como de construcção de carros e carretas, tecidos e teias de algodão e outras especies, e de chapéos; em summa, de quantos officios e misteres se podiam encontrar n'uma grande cidade da Europa. Tudo isto, principalmente, no seculo XVIII; mas, já no seculo XVII, havia bastante desinvolvimento industrial [1].

*

* *

A desgraçada administração da metropole, emquanto á agricultura, industria e commercio, que fica exposta, continuou até Filippe V. Sob este rei, porém, as colonias experimentaram sabias e profundas reformas. Todos os Hespanhoes foram admittidos ao negocio colonial. Destinaram-se, por ordem do governo, para o commercio com a America, navios finos e ligeiros, que se chamavam *navios não matriculados* ou *navios de registo*, e que foram adoptados, geralmente, em substituição de frotas e galeões [2]. A chegada d'esses navios e o seu numero era incerto e muito variavel, o que expunha os contrabandistas a maiores perigos, e por isso fazia diminuir o contrabando. E a corôa renunciou tambem, pouco e pouco, á tutela do commercio colonial.

---

[1] Brocardo, *obr. cit.*, pag. 318.

[2] As frotas e galeões fizeram as suas ultimas viagens em 1735 e 1737.

Em 1728, concedeu-se a uma companhia o privilegio exclusivo do commercio com a provincia de Caracas, que não produzia nem ouro nem prata, mas que produzia cacau e assucar da melhor qualidade em grande abundancia [1]. A companhia desinvolveu a cultura d'estes generos; e, por meio de exportações regulares e consideraveis, acabou com o contrabando que os Inglezes e Hollandezes faziam ha muito n'essa região [2].

Animado pelo successo da Companhia de Caracas, Filippe v applicou ás Antilhas o mesmo systema, e por isso, em 1725, concedeu o commercio de Cuba a uma sociedade de Cadiz, com o nome de Companhia das Antilhas. E, em 1756, Fernando vi concedeu tambem o commercio de Porto-Rico, S. Domingos e Honduras, a uma outra companhia, chamada de S. Domingos ou da Catalunha. Mas nenhuma d'estas deu resultado.

---

[1] Thomas Raynal, *obr. cit.*, vol. iv.

[2] Effectivamente, um tratado de 1713 abandonara á Inglaterra o monopolio do fornecimento de escravos ás colonias hespanholas, o que deu ensejo áquelle paiz de estabelecer fraudulentamente um grande commercio com as mesmas colonias, por meio do contrabando. Por outro lado, os Hollandezes, tambem por meio do contrabando, que, desde ha muito, se fazia entre a terra Firme e a ilha hollandeza de Curaçao, tinham-se assenhoreado quasi completamente do commercio de Caracas. Estes dois factos levaram a Hespanha a abandonar o commercio d'essa região áquella companhia; e, graças a este expediente, em breve duplicou a cultura do cacau, reduzindo-se a metade o seu preço na metropole. — Ruy Ennes Ulrich, *obr. cit.*

Em 1750, foi abolido o tratado d'*assiento* cujos resultados estavam sendo inutilisados, pelo contrabando de que já fallámos. O exemplo, porém, do que se dera em Havana, no tempo em que ella esteve sob o dominio inglez, veiu produzir uma revolução economica nas colonias.

Com effeito, em 1762, Havana fôra tomada pelos Inglezes, na guerra com a França, alliada de Hespanha, e só foi restituida, depois, em troca da Florida.

Ora, a Inglaterra tinha deixado o commercio livre, nos poucos annos que dominara essa cidade, e os resultadas obtidos com esta liberdade foram taes, que determinaram a Hespanha a promulgar a celebre ordenança de 1765, pela qual abriu ao commercio colonial os principaes portos de Hespanha, Cadiz, Sevilha, Alicante, Carthagena, Gijon, Teneriffe nas Canarias e Palma nas Baleares [1].

Então, Havana tomou grande desinvolvimento, concorrendo tambem para isto o ser a residencia de um capitão geral e o centro do trafico do

[1] Ainda assim, tal era a influencia dos preconceitos restrictivos, que a cada porto ficou assignalada uma area privativa. A Andaluzia devia exportar os seus productos por Sevilha e Cadiz; Valencia e Murcia, por Alicante e Carthagena; Granada, por Malaga; a Catalunha e Aragão, por Barcelona; as Castellas, por Santander; a Galliza, pela Corunha; as Asturias, por Gijon; as Canarias, por Teneriffe; as Baleares, por Palma. As provincias bascas ficaram fóra d'esta faculdade de exportação.

commercio por toda a America; e, desde 1773, Porto-Rico attingiu uma prosperidade quasi egual.

O libertamento do commercio entre a metropole e as colonias foi seguido, em 1774, do libertamento do commercio entre as proprias colonias, a não ser com as Filippinas. Para essas, continuou o regimen anterior; e até, no governo dos Bourbons, isto é, de Filippe V e seus successores, se reservou sómente para o Mexico todo o commercio d'essa colonia, quando, antes d'isso, os negociantes do Peru podiam mandar um navio a Acapulco, para traficarem directamente com as carregações de Manilha.

Em 1784, por proposta do ministro da fazenda Cabarus, creou-se a companhia colonial das Filippinas, com varios privilegios, entre os quaes figurava o exclusivo do trafico asiatico; e acabaram, então, as demais travações impostas pela corôa ao commercio d'essa colonia.

Portanto, no seculo XVIII, as colonias hespanholas obtiveram um grande desinvolvimento, e a nação trocou a antiga crueldade, avareza e egoismo por uma protecção decidida.

*

* *

Ainda assim, na America hespanhola, mesmo no governo dos Bourbons, a industria não se libertou totalmente dos effeitos do regimen restrictivo que a metropole lhe tinha imposto. Mas a agricultura levantou-se, a ponto de que algumas

provincias já exportaram muitos generos, por exemplo, o Chili, que mandava para o Paraguay muito vinho e azeite; e o commercio tomou tambem uma nova e grande actividade.

Sem fallar no minerio e n'outros productos communs, a cochonilha do Mexico, a quina do Peru, o anil de Guatemala, o cacau da America Central, o tabaco e assucar de Cuba, assim como o assucar da *Hispaniola* (Haiti) e da Nova Hespanha (Mexico), as perolas do Panamá e os couros da America do Sul, onde a creação do gado bovino e ovino tinha multiplicado por fórma admiravel: constituiram, respectivamente, para essas colonias um trafico enorme e uma grande fonte de riqueza.

Nas Filippinas, que, segundo vimos, tiveram sempre um regimen á parte, o commercio com a metropole era representado por especies, drogas, porcellanas da China e Japão, tecidos d'algodão da India, mussellinas, sedas e todos os mais objectos que o Oriente produzia, em troca do ouro e generos da metropole, recebidos nos mercados de Acapulco. E, além d'esse commercio com a metropole, ainda havia um trafico muito importante com a China e Japão [1].

*

* *

Já fallámos de alguns centros mercantis, mas chegou o logar proprio de passarmos re-

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. II.

vista a esse ponto; e vamos por isso apontar os principaes.

A antiga cidade do Mexico, contando sessenta mil habitantes, foi destruida pelos Hespanhoes, e em seguida reedificada por elles mesmos, com tanta elegancia e regularidade que se tornou, então, a cidade mais bella da America hespanhola. Mas, pela sua posição continental, nunca teve tanto commercio como as outras cidades edificadas ao pé do mar.

Vera Cruz, apezar da sua insalubridade, teve um movimento grande, pelo facto de ser a estação das frotas. E tambem Acapulco teve egual movimento, por ser o mercado de commercio com as Filippinas.

A cidade do Panamá, pela sua posição e pelo seu commercio de perolas, attingiu depressa um augmento notavel. Estava n'uma grande prosperidade, quando, em 1670, foi saqueada e queimada pelos piratas; mas, sendo depois reedificada n'um logar mais proprio, depressa se compensou d'esse desastre [1].

---

[1] Os Hespanhoes pensaram tambem, desde os primeiros tempos da conquista, no corte do isthmo de Panamá. Assim, Vasco Nunes de Balboa (1513), Fernão Cortez (1522) e Gaspar d'Epinosa (1533), que apresentou até ao rei um projecto por este approvado, Gil Gonzalez d'Anta (1554) e Pizarro, fizeram indagações a tal respeito. Mas o *Conselho das Indias*, interessado em guardar o monopolio do commercio da America central, paralisou todos os projectos, e até conseguiu de Filippe II um decreto, con-

Carthagena, fundada, em 1533, por Pedro Heredia, já em 1544, se tornara uma das mais notaveis cidades da America. Apezar de ser saqueada, muitas vezes, pelos piratas, tomada por Francisco Drake, em 1583, e pelos Francezes, em 1697, e cercada inutilmente pelos Inglezes, em 1741, continuou sempre florescente. E, quando foi escolhida para o encontro dos galeões e para o mercado que resultava da vinda d'elles, muito maior se tornou o seu commercio e população.

Porto Bello era muito insalubre; mas a circumstancia de ser ponto forçado dos galeões e troca dos productos da metropole, o que dava logar a uma feira enorme, que se prolongava por muitos dias, converteu, desde logo, essa cidade n'um grande centro commercial. Por fim, aquella insalubridade fez atrazar, ou, pelo menos, suspender o seu movimento.

Lima, no Peru, era, depois do Mexico, a cidade mais bella da America hespanhola; e, como capital d'um vice-reino e centro de commercio do sul, tinha tambem grande importancia commercial.

Potosi, que tem hoje só nove a dez mil habi-

---

demnando á morte aquelle que, sem permissão expressa do governo da metropole, subisse os rios do isthmo ou apresentasse um projecto da reunião dos dois oceanos. Apezar d'isso, em 1788, no tempo de Carlos IV, tornou-se a tratar novamente d'isso. E, além dos Hespanhoes, tambem o inglez William Patterson, em 1698, apresentou a Guilherme III um projecto da abertura d'esse isthmo. — Lanier, *Amérique*.

tantes, chegou a ter cem mil, no tempo da abundancia das respectivas minas; e era então uma das cidades mais movimentadas da America.

As cidades mais antigas d'essa região, Quito e Cuzco, que serviram ambas ellas, de capitaes do imperio dos Incas, e pela sua riqueza encheram os Hespanhoes de admiração, é que decairam de todo [1].

Valdivia, fundada, em 1551, pelo conquistador do Chili, Pedro Valdivia, teve bastante movimento; assim como Valparaizo, apezar do seu perfido clima.

Conceição foi, primeiramente, a capital do Chili, o que lhe trouxe grande augmento. Mas os Indios a tomaram e retomaram muitas vezes, até que, por isso mesmo, em 1574, se julgou conveniente passar a capital para S. Thiago. Apezar d'isso, em 1630, Conceição foi de novo destruida; e tudo isto prejudicou o seu progresso.

S. Thiago foi tambem fundada, em 1541, por Pedro Valdivia. Sendo depois destruida por um tremor de terra, em 1730, foi logo reedificada, com taes commodidades e tanta regularidade, que raramente se encontravam no novo mundo. E prosperou, de fórma que se tornou a capital do Chili, em 1574.

---

[1] Só o famoso templo de Cuzco era incrustado, exteriormente, de laminas d'ouro, e, internamente, de laminas de prata; e continha todos os idolos e figuras dos povos subjugados, que brilhavam ahi como tropheos de gloria dos imperadores.

Buenos-Ayres cresceu rapidamente. No meado do seculo XVIII, era já uma cidade opulenta e muito povoada.

Finalmente, Manilha, n'uma das mais bellas situações do mundo, por causa da sua bacia, do seu espaçoso e profundo rio, o Passig, e das populosas e bem cultivadas campinas dos arredores, foi, pela sua formosura, chamada a *Perola do Oriente*. Fundada pelos Hespanhoes, em 1571, foi tomada pelos Inglezes, em 1762, tendo por isso de pagar um avultado resgate; e soffreu tambem diversos tremores de terra. Mas a especialidade dos seus productos e feracidade dos seus campos, bem como em geral de todas as Filippinas, e a grandeza do seu commercio, conservaram-na sempre n'um grande progresso economico [1].

---

[1] N'esta exposição colonial, não fallámos das Mariannas ou ilhas dos Ladrões e Carolinas, porque tiveram sempre muito pequena importancia.

CAPITULO X

Hespanha

Movimento economico da metropole

Desinvolvimento, no tempo de Fernando e de Isabel. — Decadencia successiva, depois d'isso, até Filippe v. — Causas que determinaram essa decadencia. — Apreciação geral do movimento economico do reino e seu progresso, no tempo de Filippe v e de seus successores. — Menção especial de alguns factores economicos, nos differentes reinados d'esta época. — Relações com os outros povos. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações. — Conclusão.

Traçada, assim, a historia colonial de Hespanha, na edade moderna, apreciemos o seu movimento economico na metropole, segundo a ordem logica, exposta na introducção do primeiro volume d'esta obra.

Quando Fernando e Isabel subiram ao throno, havia ainda em plena exploração minas de prata, cobre, ferro, mercurio, cobalto, enxofre, salitre, e mesmo hulha, que forneciam abundantes productos mineraes.

Nas provincias do sul, quasi todos os campos se assemelhavam a jardins, e um engenhoso systema de irrigação tornava aproveitaveis os terrenos mais ingratos. Os cereaes abundavam por

toda a parte, a ponto de sobrarem para a exportação, apezar de ser, então, numerosa a população de Hespanha. Nas Asturias e Castella, estavam os celleiros sempre cheios. E Navarra e as provincias bascas, com as suas immensas florestas e os seus abundantes prados, forneciam bellas madeiras de construcção, grande quantidade de gado e boa lã, que se aperfeiçoava cada dia.

Depois, tudo isso foi definhando, pouco a pouco, de modo que, já no meado do seculo XVI, a desolação era completa. Cidades inteiras achavam-se em ruinas. Tres quartas partes das aldeias da Catalunha estavam abandonadas. A Extremadura, notavel pela sua fertilidade e belleza do clima, parecia um deserto, e não alimentava mais que cento e vinte e quatro habitantes por milha quadrada. Diversas culturas d'essas provincias, especialmente, a do vinho, tinham desapparecido. Na Andaluzia, que sob os Mouros contava vinte mil cidades e aldeias, podia-se viajar, seis horas e mais, sem se encontrar uma casa habitada. Os campos de trigo de Castella-a-Velha tinham sido substituidos por simples pastos; e uma região, nos arredores de Segovia, n'um espaço de vinte e quatro leguas, recebera o nome de *Despovoado,* porque perdera toda a sua população [1].

Havia algumas pequenas excepções a tão

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Carlos Romey, *Historia da Hespanha,* traducção hespanhola, vol. IV.

desgraçada situação. Valencia, por exemplo, conservou a sua riqueza e actividade agricola, até á expulsão definitiva dos Mouros. As vinhas foram sempre muito bem cultivadas no sul, e mesmo em Castella, e deram sempre grande resultado. Da mesma fórma, a cultura da oliveira na Andaluzia não esmoreceu; e os terrenos despovoados pela expulsão dos Mouros foram-se, pouco a pouco, repovoando. Mas o quadro geral era aquelle que acima expozemos [1].

Por isso mesmo, os productos do solo foram successivamente escasseando, até o tempo de Filippe v, em que, segundo já dissemos, e ainda, mais detidamente veremos, houve uma revolução completa no movimento economico da Hespanha.

Aconteceu com a industria a mesma coisa. Fernando e Isabel encontraram-na decaída, mas levantaram-na, a ponto de que, já em 1519, Sevilha chegou a ter cento e trinta mil industriaes, a par de grande numero de lojas de ourives, prateiros, fabricantes de sêda e lenços e fanqueiros; e, em Segovia, a fabricação de pannos occupava trinta e quatro mil obreiros, que empregavam cada anno quatro milhões e meio de arrateis de lã ou dois milhões sessenta e cinco mil e quinhentas kilogrammas, chegando a haver dezeseis mil teares. Os pannos azues e verdes de Cuenca eram muito procurados, sobretudo no Oriente e costas da Africa; e, em parte nenhuma, os bor-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. III, pag. 454.

dados de ouro e prata, especialmente para ornamentos de egreja, eram mais perfeitos ou mais solidos que em Sevilha e Granada. Eram muito notaveis as obras de prata de Valladolid, os couros de Cordova, as armas de Toledo, e os vidros e coraes de Barcelona, que, apezar de decaída, conservava muito do seu antigo esplendor. Ibisa era um centro importante de curtimenta e de sabão. Em Ocaña, a industria de luvas era muito grande; assim como, em Torrellas (Aragão), a industria de moveis de marchetaria. Santa Maria dava a despacho, annualmente, sessenta navios de sal. Na cidade de Toledo, a preparação de bonés finos de lã era enorme, da mesma fórma que a fabricação da seda, em que trabalhavam dez mil operarios [1].

N'essa mesma cidade, assim como em Segovia, Cuenca, Granada e Sevilha, não havia homem válido que não ganhasse a vida. E Burgos,

---

[1] Este movimento industrial de Toledo é que, por excepção, se conservou por muito tempo; e tanto que, ainda em 1620 e 1621, n'uma das parochias da cidade, todos os moradores, em numero de seiscentos e noventa e nove, eram fabricantes de bonés e no meio do seculo XVII os operarios da seda tinham subido a cincoenta mil, havendo, além d'isso, muitos teares de panno.

Ainda assim, este desinvolvimento industrial, se era muito importante, comparado com o dos reinados futuros até Filippe V, e com os povos, mais atrazados n'esse ramo, como Portugal, por exemplo, era diminuto, quanto á Hollanda, como veremos.

Leon e Medina del Campo tinham tambem uma industria muito activa.

Depois, tudo isso foi declinando successivamente, e a passos largos, até Filippe v.

O commercio floresceu egualmente no tempo dos reis catholicos, contribuindo muito para isso o terem elles decretado a unidade monetaria de pesos e medidas; mas, depois foi tambem declinando successivamente, a ponto de chegar a completa ruina. E ainda assim, muito mais poderia ter progredido o paiz, se não fosse a expulsão dos Judeus, tão barbaramente decretada e executada, e o estabelecimento da inquisição [1].

Effectivamente, quanto aos Judeus, quando estes, carregados de maldições, se dispersaram pelo mundo, uma grande parte foi estabelecer-se na peninsula iberica.

Sempre odiados ou perseguidos pelos christãos, é natural que tivessem auxiliado, ou, pelo menos, visto com bons olhos a invasão e conquista dos Sarracenos. E, como estes os deixaram viver, pacifica e tranquillamente, tolerando a sua propria religião, é tambem natural que se lhes affeiçoassem e os continuassem auxiliando, pelo menos tacitamente, contra os christãos, como auxiliaram. D'ahi resultava o odio crescente que elles inspiravam, a par da inveja suscitada pelas suas riquezas e pela influencia que tinham adquirido.

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*, vol. III, pag. 347.

Ora Fernando e Isabel, no meio do seu genio politico e commercial, tinham as ideias fanaticas dos Hespanhoes, e pensavam que a conformidade religiosa de todos os seus subditos na fé catholica, ao passo que traria para a monarchia a gloria de Deus, pela conversão dos infieis, importava para a nação a maior solidariedade de ideias e de crenças, e portanto a maior unidade politica.

Tudo isso os levou a admittir a inquisição.

Foram, então, queimados muitos milhares d'aquelles desgraçados. Outros se converteram, para salvarem a vida ou os bens. Muitos outros foram mortos cruelmente pela populaça. Mas, ainda assim, os reis catholicos, não contentes com as crueldades e perseguições d'aquelle tribunal, decretaram, afinal, a expulsão de todos os Judeus.

Para desviarem semelhante golpe, offereceram estes uma grande somma de dinheiro. O rei Fernando estava a ponto d'acceitar, mas o grande inquisidor Torquemada espantou a sua consciencia, e a ordem foi executada. Oitenta mil Judeus se dirigiram para Portugal, onde lhes foi permittido passar, mediante o pagamento de um imposto, para embarcarem para a Africa. E outro grande numero se embarcou para Napoles, ou atravessou os Pyrineus. Avalia-se a totalidade em oitocentos mil.

Era-lhes prohibido levar ouro ou prata; mas essa prohibição facilmente foi illudida, e a Hespanha ficou privada de grandes capitaes. A

perda maior, porém, foi a da capacidade industrial e commercial que os Judeus possuiam.

*

* *

As causas geraes que produziram carencia de productos e ruina da agricultura, da industria e do commercio, e da exploração mineira de que fallámos, após o reinado dos reis catholicos, até Filippe v, foram muitas e variadas: taes como as guerras multiplicadas e frequentes; a emigração para as colonias [1]; as perseguições religiosas [2]; a falta de população, resultante d'essas guerras, d'essa emigração e d'essas perseguições; o dinheiro que ia para a curia romana, desfalcando o numerario nacional [3]; o excesso d'impostos; o despotismo dos reis; os abusos e preponderancia dos nobres e do clero, atrophiando a iniciativa dos trabalhadores e comprimindo a independencia individual, que, segundo é sabido,

---

[1] Essa emigração mais augmentava, á proporção que mais precario se tornava o estado do reino. Um escriptor diz que a emigração para as colonias custou á Hespanha trinta milhões de habitantes, em menos de dois seculos. — Lafuente, *obr. cit.*

[2] O terror da inquisição afugentou muita gente, especialmente, as classes trabalhadoras, que mais perseguidas eram por ella, por ser, n'essas classes, que mais germinavam as ideias novas. — Lafuente, *obr. cit.*

[3] Eram enormes as remessas de dinheiro para Roma, tanto pelo governo, como pelo clero e particulares.

constitue um dos predicados essenciaes para a expansão do trabalho; a ambição do ouro da America, fazendo olhar com desprezo para todas as outras fontes de riqueza; o desejo de ser nobre e a vergonha de ser operario [1]; os abusos do systema mercantil [2]; a enormidade da divida publica, absorvendo os recursos ordinarios do paiz [3]; as despezas exorbitantes da casa real, tomando uma grande parte dos rendimentos publicos [4]; o grande numero de dias festi-

---

[1] Contribuiu para isso tambem o facto das artes industriaes serem exercidas por Arabes e Mouros.

[2] Em parte nenhuma, foram maiores os abusos do systema mercantil do que na Hespanha. A consequencia foi que, sendo rigorosissima a prohibição d'exportar o ouro e prata; e sendo, assim, mais difficil a obtenção das materias primas, no estrangeiro, subia o custo dos productos manufacturados no interior, e, por essa razão, tambem ellas não podiam obter collocação nos mercados externos.

[3] Quando Filippe II subiu ao throno, a divida da nação era de trinta e cinco milhões de ducados; á sua morte, era de cem milhões, e ficaram-lhe hypothecadas as rendas de varios annos. — Lafuente, *obr. cit.*

[4] Só para os gastos da rainha, em 1560, foram consignados sessenta mil ducados, e, em 1562, essa consignação foi elevada a oitenta mil; a do principe havia subido de trinta e dois mil a cincoenta mil, e o mesmo a respeito de D. João d'Austria. De modo que a lista civil, assignada ao rei e á princeza montava, em 1562, á somma de quatrocentos e quinze mil ducados. Essas despezas continuaram, assim exaggeradas, nos outros reinados.

Cada anno, só o rei recebia das colonias americanas mais quatrocentos e cincoenta contos de maravedis, ou um

vos[1]; o grande numero de dias de jejum, prejudicando o consumo da carne; o luxo excessivo, que tornava maiores as despezas particulares, e mais aggravava a miseria publica[2]; e, finalmente, o grande numero de conventos e de sacerdotes[3].

A par d'estas causas geraes, que influiram conjuntamente na agricultura, industria e commer-

---

milhão duzentos e tres mil e duzentos e trinta e tres ducados, que, apezar d'isso, não chegavam para as despezas da casa real. — Lafuente, *obr. cit.*

[1] Tal era o inconveniente de tantos dias festivos que, já no tempo de Filippe II, os Aragonezes pediram a reducção dos dias santos, mas não foram attendidos.

[2] Deu isso logar a frequentes leis sumptuarias que, afinal, como geralmente acontece, não eram obedecidas, ou eram sophismadas. — Lafuente, *obr. cit.*

[3] O numero de conventos e de padres foi sempre augmentando até Filippe V. Concorreram para isso os privilegios e respeito de que gosavam, a protecção que os monarcas lhe concediam, os pingues rendimentos que usufruiam, e o mau estado economico geral. Quanto mais as classes trabalhadoras luctavam com difficuldades, tanto mais augmentava o numero dos mandriões ecclesiasticos.

Assim, no tempo de Filippe IV, contavam-se nove mil conventos de homens com quarenta e seis mil frades, e novecentos mosteiros de mulheres com treze mil e quinhentas monjas. Havia, além d'isso, trezentos e doze mil sacerdotes seculares. Eram os verdadeiros donos das provincias, pois que os testamentos e doações dos fieis lhes tinham entregado a maior parte da peninsula. Além d'isso, a curia romana tirava da Hespanha verdadeiros thesouros, e os bispos tinham rendas de monarcas. — Brocardo, *obr. cit.*, pag. 327.

cio, outras houve especiaes de cada um d'esses ramos.

Para a agricultura, a accumulação de propriedade nas mãos do clero [1]; o estabelecimento de grande quantidade de morgados, que constituiam vastos terrenos, em geral, mal cultivados ou desprezados [2]; o serem taxados os productos agricolas e prohibida a exportação de alguns generos, de modo que não podia haver incentivo para a cultura; a sociedade da *mesta* [3], o atrazo das artes agricolas, a não ser nos Mouros; o absenteismo, porque os proprietarios resi-

---

[1] Eram successivas as accumulações das propriedades na mão do clero, ora por doações e heranças, e ora por compras. O mal tão grande foi, que já as côrtes reunidas em Madrid, em 1563, pediram a Filippe II que lhe pozesse côbro. — Lafuente, *obr. cit.*

[2] Gounon-Loubens, *Essais sur l'administration de Castella*, cap. IX.

[3] No III vol. da *Historia Economica*, pag. 399 e seguintes, já fallámos desinvolvidamente d'esta sociedade na edade media. Temos a accrescentar que a sua grande influencia continuou na edade moderna até o fim do seculo XVII. Filippe V e Fernando VI é que reduziram os seus privilegios, como veremos. O antigo privilegio que lhe fôra concedido da entrada nas terras lavradias, logo que os fructos estivessem colhidos, foi affirmado por novas leis, e até se prohibiu o arrendamento dos pastos, para se não poder illudir essa concessão. (Decretos de 1532, 1589, 1609, 1633). Altamira, *obr. cit.*, pag. 450. — A par d'isso, o seculo XVI foi cheio por luctas entre ella e os proprietarios, que reagiam contra os privilegios que lhe tinham sido concedidos, inclinando-se as côrtes ora para a sociedade, ora para os proprietarios. — Gounon-Loubens, *obr. cit.*

diam longe das terras, desbaratando na capital as suas rendas e desolando as provincias.

E accresce que as unicas medidas que os governos tomaram, para favorecer a agricultura, foram a protecção pessoal dos lavradores, isentando-os da prisão por dividas e prohibindo a penhora do gado bovino, e mesmo do gado ovino até cem cabeças, bem como a penhora das alfaias agricolas.

Da mesma fórma, na industria, a par das causas geraes que apontámos, influiram tambem deleteriamente a prohibição da exportação de certos generos, como obras de lã, objectos de couro e seda [1], e da importação de muitas materias primas; a fixação de preços para differentes artigos; o systema de monopolios; a regulamentação das vendas; as muitas alfandegas internas que ainda havia, apezar da reforma da rainha Isabel; as leis sumptuarias [2]; e as alcavalas ou impostos sobre as compras e vendas, que, até Filippe IV, regularam por dez por cento do va-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II, pag. 222. — Lafuente, *obr. cit.* — Só as Vascongadas e Navarra exportavam livremente.

[2] As leis sumptuarias tendiam, certamente, a levantar o nivel da riqueza individual, prevenindo os desperdicios. Mas, além de não serem fielmente observadas, e de serem geralmente sophismadas, sempre restringiam a fabricação dos productos luxuosos, e sequentemente a industria e commercio d'esses artigos. Por isso, pouco aproveitaram a propriedade particular, e prejudicaram muito a expansão economica geral.

lor dos productos, e, no tempo d'elle, subiram a quatorze por cento.

Emquanto ao commercio, da mesma fórma, a par das causas geraes apontadas, havia: differentes restricções particulares que o prejudicavam; pesados direitos de importação e exportação em quasi todos os artigos; variadas alcavalas sobre as compras e vendas, de que já fallámos; o dizimo sobre os productos que entrassem em Castella, tanto pelos portos maritimos, como pelos portos seccos; muitos outros encargos vexatorios; as leis sumptuarias a que já nos referimos; grande numero de alfandegas internas, de que tambem já fallámos; o contrabando; a falta de communicações; as guerras maritimas, que impediam ou difficultavam o transporte por mar. E, como é obvio, o exagero do systema mercantil teve no commercio uma repercussão mais grave do que na agricultura e na industria.

Ainda assim, até o meado do seculo XVII, a decadencia do commercio não foi tão rapida, nem tão completa, como na agricultura e na industria, porque era alimentado pelos productos coloniaes. Mas, desde então, essa decadencia foi plena, devido ás differentes causas que temos apontado, aggravadas pela sublevação de Portugal e da Catalunha; e, mesmo n'aquelle periodo, o commercio nem sempre se fazia em beneficio dos Hespanhoes, e era, em grande parte, exercido por estrangeiros.

Sevilha, por exemplo, era habitada por mercadores de Flandres, Genova, França, Italia, In-

glaterra e Grecia. Os Genovezes tinham até nas mãos a maior parte dos negocios bancarios, e monopolisavam o commercio de cereaes, couros, sêdas, aço e outros productos. As minas de mercurio de Almaden estavam arrendadas aos Fuggers. A maior parte dos navios que iam para a India, eram estrangeiros, e levavam tambem mercadorias estrangeiras. Em Cadiz, havia muitos negociantes armenios, hamburguezes e hollandezes. Em summa, por toda a parte os estrangeiros se iam apoderando do commercio. E, embora o povo, muitas vezes, protestasse contra os privilegios que lhes eram concedidos, a dependencia em que o rei estava dos banqueiros allemães e italianos e os apuros de dinheiro em que se encontrava, faziam desprezar esses protestos.

Á parte o commercio interior, cujas principaes manifestações estavam nas feiras e mercados, as grandes torrentes mercantis eram a americana, concentrada em Sevilha, e mais tarde em Cadiz; a do norte da Europa, especialmente flamenga; e a do Mediterraneo, que provia os portos catalães, valencianos e malhorquinos e as suas embarcações.

N'esses tempos felizes, ainda as feiras tinham grande importancia. A de Medina del Campo, no seculo XVI, era concorrida por mercadores de toda a Europa, e até gozava o privilegio de ser um centro obrigado para muitos pagamentos commerciaes de quasi toda a Hespanha, particularmente juros e seguros, e mesmo para muitos

pagamentos ao thesouro real[1]; mas, no fim do seculo XVI, estava já muito decadente, e o seu movimento passou, juntamente com aquelle privilegio, para Burgos, cuja prosperidade nem por isso foi duradoura.

*
*   *

Estas causas geraes e especiaes, que produziram a decadencia successiva da agricultura, industria e commercio até Filippe V, foram aggravadas ou notificadas pelo caracter e administração de cada um dos monarcas, e pelos accidentes e circumstancias peculiares de cada reinado.

Assim, nos primeiros tempos de Carlos I, a agricultura estava ainda florescente. Foi decaindo como tudo o mais, excepto na creação do gado lanigero, que se conservou tambem florescente por todo o seculo XVI. Só a sociedade da *mesta,* á sua parte, possuia sete milhões de carneiros, e a exportação da lã era enorme, a ponto que só para Burgos foram, em 1554, trinta e seis mil a quarenta mil balas de lã.

Emquanto á industria, o desinvolvimento que attingira no reinado dos reis catholicos, fez que ella continuasse egualmente progredindo, nos primeiros tempos de Carlos I. Elle proprio, que tinha sido educado em Flandres, e tinha por isso

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. III, pag. 464.

colhido n'essa educação o amor da industria e commercio, a principio, auxiliou tambem, com medidas adequadas, esse progresso. E, demais a mais, ao impulso anterior vinha juntar-se a enorme procura de productos industriaes, pela rapida e extensa colonisação da America hespanhola, cujo unico mercado, em vista do monopolio, era a metropole, o que naturalmente havia de excitar a actividade dos artistas nacionaes [1].

O estimulo do trabalho era por isso geral.

Especialmente a industria da fabricação da seda e lanificios, de bonés de lã, sabão, luvas, armas, bem como a exploração das minas de sal, a pesca, mesmo a longinqua, porque os marinheiros hespanhoes iam até os mares da Irlanda, Terra Nova, Cabo de Aguer (Africa) e Tunis, tinham ainda um grande desinvolvimento. Só era escassa a industria mineira, porque as minas tinham sido dadas a fidalgos, nobres estrangeiros e dignitarios da Egreja.

Mas, tudo isso, já mesmo no reinado de Carlos I, entrou em decadencia; e essa decadencia continuou, depois, a passos largos.

E, comtudo, Carlos I não era indifferente ao movimento economico, bastando para isto a sua educação flamenga. Mas as guerras demoradas, que teve de sustentar, obrigaram-no a grandes embaraços financeiros, a carregar o povo de impostos, enfraquecendo as forças vivas da na-

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. III, pag. 348.

ção, e a desviar para os campos da batalha os braços mais vigorosos e mais aptos para as artes economicas.

Além d'isso, para sustentar essas guerras, teve de pedir dinheiro emprestado a grandes banqueiros e de lhes conceder grandes privilegios, em detrimento dos nacionaes. Os mais favorecidos foram os banqueiros allemães Fuggers, a quem alugou as proprias minas de mercurio de Almaden, e concedeu uma participação no commercio colonial, que os assemelhava quasi aos negociantes de Sevilha. Mas tambem os Genovezes, em troca do auxilio que prestaram ao mesmo rei, sob André Doria, nas guerras de Italia, obtiveram grandes privilegios mercantis, e de tal maneira foram espalhando os seus productos, que, já no reinado de Filippe II, reinavam na maior parte dos mercados.

Por outro lado, Carlos I, com receio de vêr levantar o antigo espirito liberal, e por causa das revoluções populares de que já fallámos [1], submetteu a uma tutela rigorosa todos os actos da vida particular dos cidadãos, sujeitando tambem a industria a uma estreita fiscalisação, que tolhia a independencia do trabalho.

Accrescia ainda que, já no seu reinado, o ouro e prata da America principiaram a invadir a Hespanha, tão abundantemente que os Hespanhoes olharam com menos apreço para todas as outras

---

[1] Vid. pag. 361.

fontes de riqueza. Essa abundancia fez subir os salarios; o governo augmentou a crise, prohibindo, com penas severas, a exportação d'esses metaes preciosos [1]; e a ambição dos negociantes de Sevilha e Cadiz tornou o mal irremediavel, porque desprezavam tudo que não fosse ouro e prata, e não faziam caso das materias primas, mesmo do couro, algodão e anil, abandonando o seu commercio aos estrangeiros.

Finalmente, desde 1518 a 1548, por instancias das côrtes, preoccupadas da carestia dos cereaes, gado, couros, carnes e mais productos da agricultura, foram-se restringindo officialmente as transacções com os outros paizes, até que, em 1552, foram ellas completamente prohibidas. Restringiu-se egualmente a exportação das mulas e cavallos, com o fundamento de que se tinham tornado dez vezes mais caros, por causa d'essa exportação. Prohibiu-se a exportação das sedas indigenas, ao passo que se permittiu a importação das sedas estrangeiras. E a propria exportação dos pannos foi tambem prohibida, em 1552. O resultado foi que Sevilha, em poucos annos, viu os seus cento e trinta mil industriaes reduzidos a vinte mil. Burgos, Valladolid, Leon e Medina del Campo começaram a decaír consideravelmente; e Segovia resignou-se a vêr desapparecer os numerosos rebanhos, de que era tão soberba [2].

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

[2] Octave Noel, *obr. cit.*, vol. II.

Pelo que respeita ao commercio, já dissemos que este não decaiu tão rapidamente como as outras industrias, e se conservou n'uma certa actividade até o meado do seculo XVII; mas que, então, a decadencia foi completa.

*

* *

Filippe II encontrou, assim, consumidas as rendas publicas, esgotados os recursos, a nação agonisando com dividas enormes, estiolada a agricultura, a industria decaída, o commercio declinante, em consequencia das differentes causas já apontadas, e, especialmente, das muitas guerras sustentadas por seu pae.

Elle mesmo teve de continuar a lucta com a Hollanda, com a França, com a Inglaterra, e entrou n'outra guerra nova com os Turcos: sempre com os mesmos inconvenientes de desperdicios de dinheiro e de população.

A conquista de Portugal e a compra dos muitos Portuguezes que o auxiliaram, custou-lhe tambem grandes sommas. A derrota da *armada invencivel* destruiu-lhe a marinha, e com ella essa grande alavanca do commercio: tanto mais que, n'esse tempo, os navios mercantes eram ordinariamente acompanhados por navios de guerra, e a *armada* e *galeões* constituiam tambem navios militares. O ouro da America continuava a fazer desprezar cada vez mais as artes uteis do trabalho. As despezas da casa real eram, como vimos,

enormes. E, para acabar de esgotar os dinheiros publicos, tambem a construcção do Escurial consumia sommas fabulosas [1].

Tudo isto fez que elle acabrunhasse ainda o paiz de mais impostos, que no tempo de Carlos I; e, que além d'isso, pelos abusos, crueldades e perseguições que no seu tempo requintaram de extensão e ferocidade, especialmente contra as classes trabalhadoras, onde, segundo já dissemos, germinavam mais fortemente as ideias novas [2], promovesse em muito maior escala a emigração e despovoação do reino, e mais concorresse para o abatimento da agricultura, do commercio e da industria.

Para remediar tantos males, seria necessario modificar radicalmente o regimen politico e o

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*, e Brocardo, *obr. cit.*, pag. 327, calculam seis milhões de duros.

[2] Filippe II acreditou receber do céo a missão de apagar, até os ultimos traços, as ideias revolucionarias e protestantes, que tornaram o seculo XVI memoravel na historia da civilisação. Por isso, deixou a inquisição exercer um poder sem limites, obrigando-a todavia a servir os seus interesses materiaes. Era elle que nomeava e destituia os inquisidores, e se apropriava dos bens dos condemnados, o que representava um dos melhores rendimentos da corôa. A Hespanha constituiu, assim, uma verdadeira theocracia, organisada por ordem dos Jesuitas, e de modo que a Egreja e o Estado formavam um todo indivisivel. Pelas perseguições da inquisição, muitos habitantes perderam a vida, outros a posição e riqueza, e outros emigraram. Entre os emigrados que a Hollanda acolheu, figuraram, especialmente, os fabricantes de Segovia, Toledo e Sevilha.

regimen economico. E, longe d'isso, Filippe II tomou para si a prata que vinha das Indias para os particulares; lembrou-se de vender as fidalguias, jurisdicções e empregos, para arranjar dinheiro, tornando por isso mais desprezada a classe dos trabalhadores; impoz emprestimos forçados a prelados, magnates e proprietarios, arrancando-lhes violentamente o dinheiro; tomou para si a quarta parte dos bens das egrejas, os terrenos communs e as cidades e logares da corôa; suspendeu o pagamento aos credores do Estado; legitimou por dinheiro os filhos dos clerigos; insistiu nas leis sumptuarias [1], por julgar que o mal vinha do luxo exagerado, conseguindo apenas com isso reduzir ainda mais as artes e officios; e expulsou os Mouros de Granada, que constituiam uma população muito industrial e activa.

Mesmo algumas medidas com que tentou beneficiar a industria, não deram resultado.

Por exemplo, para desinvolver a exploração mineira e acabar com as concessões e monopolios dados por seu pae, incorporou na corôa todas as minas, permittindo aquella exploração, unicamente debaixo de certas condições e com determinados tributos para o patrimonio real. Mas, nem assim, conseguiu o levantamento d'essa industria, em vista das causas ruinosas que temos apontado, e que tudo atrophiavam.

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

*
* *

Filippe III nada remediou dos males existentes, e accrescentou outros novos. Continuou a guerra com Flandres, França e Inglaterra. Continuou opprimindo o povo de tributos, e vendendo as fidalguias e cargos publicos. Augmentou o valor da moeda de bilhão, fazendo que dois maravedis valessem quatro, medida desgraçada que, além de fazer encarecer os generos e afugentar a moeda de prata [1], deu logar a que os estrangeiros introduzissem tanto dinheiro de cobre falso, que, em pouco tempo, se tornou mais abundante que o bom [2].

Para rivalisar com a triste gloria de Isabel, a Catholica, relativa aos Judeus, expulsou os Mouros, que constituiam a população agricola, commercial e industrial mais activa da Hespanha [3]. E,

---

[1] É a conhecida lei de Groscher: *a moeda mais fraca afugenta a mais forte.*

[2] Lafuente, *obr. cit.*, vol. III.

[3] Já os Mouros tinham soffrido bastantes perseguições, no tempo dos reis catholicos e de Carlos I e Filippe II, mas por fim, com o pretexto de conspirarem contra o Estado, foram expulsos, pela terrivel ordenança de 22 de setembro de 1609, cujos principaes capitulos eram: que, ao cabo de tres dias, todos elles, homens e mulheres, haviam de embarcar, nos portos que o respectivo commissario regio lhes assignasse. Não lhes era permittido aproveitarem joias, dinheiro ou objectos preciosos, nem mesmo quaesquer mo-

a par d'isso, a fundação de grande numero de mosteiros e casas religiosas, e a grande quantidade de pessoas que se dedicavam ao estado ec-

---

veis ou roupas que não levassem no proprio corpo. Qualquer pessoa que encontrasse um Mouro desmandado, fóra do seu logar, passados aquelles tres dias, podia impunemente despojal-o, prendel-o e até matal-o, se resistisse. Eram punidos de morte, quando se averiguasse terem queimado, escondido ou enterrado alguma parte da sua fazenda. Em cada logar de cem *visinhos*, isto é, de cem chefes de familia, ficariam seis, os mais velhos, que fossem escolhidos pelos senhores, para ensinarem a cultivar os campos.

Executada a ordenança, não tardaram os caminhos a pejar-se de *christãos velhos*, que assaltavam, roubavam e assassinavam os infelizes que iam embarcar-se. Depois, cubiçosos do ouro dos desterrados, ou os degolavam deshumanamente, ou os atiravam ao mar, commettendo em seguida os mais brutaes excessos nas mulheres e nas filhas d'elles.

Com pretexto de que os Mouros vendiam ao desbarato os seus haveres, para levarem algum dinheiro comsigo, o que era natural, foi-lhes prohibida toda a venda de cereaes, azeite, casas, censos, terras, direitos e acções, inhibindo os *christãos velhos* de lhes comprarem qualquer coisa, sob pena de nullidade. D'este modo, os expatriados a quem o decreto de proscripção colheu desprevenidos, tiveram tambem de soffrer os horrores da fome e da miseria. Esta proscripção, além de privar a Hespanha de milhões de ducados, que, apezar de tudo, os Mouros poderam levar comsigo, ou já tinham collocado no estrangeiro, privou tambem o paiz da população mais activa e laboriosa, que mais conhecimentos possuia da agricultura, e constituia o principal movimento da industria e commercio. Os escriptores calculam, variadamente, de trezentos mil a um milhão, o numero de Mouros, assim banidos. — Lafuente, *obr. cit.*

clesiastico tambem augmentou consideravelmente a carencia de trabalhadores, a ponto das côrtes pedirem que se não auctorisasse a fundação de mais nenhuma d'essas casas.

O ouro e prata da America continuavam a vir em grande quantidade. Em 1604, por exemplo, as frotas e galeões trouxeram para Sevilha doze milhões de *pesos*, em barras de prata e dinheiro, tocando ao rei tres milhões e meio, afóra o valor de nove milhões de ducados em anil, grão, cochonilha, seda, perolas e esmeraldas; e assim successivamente. Mas d'esse dinheiro o que não ia para os Paizes-Baixos, era gasto em saraus, banquetes, mascaradas, torneios, espectaculos e festins de toda a ordem, que faziam o entretenimento diario da côrte.

Á morte de Filippe III, segundo alguns escriptores, Sevilha já não tinha senão quatrocentos teares, que, nos annos seguintes, foram reduzidos a sessenta. Toledo tinha tambem perdido quasi a maior parte dos seus teares e toda a fabricação da seda; a população estava reduzida á miseria; e os seiscentos e noventa e oito fabricantes de bonés estavam reduzidos a dez.

*

* *

Quando Filippe IV subiu ao throno, era tão afflictivo o estado economico da Hespanha, por causa d'essa expulsão dos Mouros, que o povo desesperado já dos governantes, dirigiu represen-

tações aos bispos e curas, para atalharem a miseria do paiz. E o duque d'Olivares aggravou ainda mais a situação com as suas medidas inconvenientes.

Emquanto á agricultura, taxou o preço do trigo, cevada e outros generos, obrigando os lavradores a vendel-os por esse preço; e derogou a lei de 1619, que tinha estabelecido certos privilegios em favor dos lavradores.

Emquanto á industria, como as fabricas tinham cessado pela expulsão dos Mouros, lembrou-se de chamar artistas estrangeiros. Mas impoz-lhes duas condições que os afugentaram: a de serem catholicos e de se fixarem no interior do reino; e, com isso, a ruina do movimento industrial continuou, cada vez mais forte.

Em 1655, estava de todo perdida a industria das luvas em Ocaña. Em 1659, a fabricação de pannos de Segovia estava reduzida a muito pouco; e Bruges e as mais cidades productoras da Hollanda e Flandres é que forneciam a Hespanha. Nos ultimos tempos do seu reinado, os teares de Cuenca estavam reduzidos a tres. Tinham desapparecido de Castella as fabricas de sabão, crystal, vidro da Andaluzia, linho, papel, chapeus, botões, alfinetes, pentes, porcellana, latão e quasi todas as industrias metallurgicas [1].

---

[1] Póde haver exaggeração n'este quadro, traçado por alguns escriptores hespanhoes; mas essa mesma exaggeração demonstra a enorme decadencia social.

Para vêr se levantava o commercio, Filippe IV decretou, em 1626, que os proprios nobres o podiam exercer, sem menoscabo da sua dignidade e privilegios, comtanto que não trabalhassem pessoalmente, nem tivessem a loja ou estabelecimento no proprio domicilio. Mas, a par d'isso, promulgou a medida mais fatal que podia promulgar, que foi prohibir todas as transacções com os paizes inimigos e rebeldes, e mandar confiscar todos os fructos, mercadorias e artefactos que proviessem d'esses paizes.

Mesmo aos estrangeiros residentes na peninsula só lhes concedeu a faculdade de commerciarem com as Indias, com a condição de aproveitarem agentes hespanhoes. E, como a Hespanha andava em guerra com quasi toda a Europa, ficou assim sequestrada de todas as nações do velho continente.

Primeiramente, aquella prohibição abrangeu apenas os productos inglezes e hollandezes (1623-1628) [1]. Seguiu-se depois a prohibição dos productos francezes e dos Estados rebeldes da Allemanha (1630). E por fim decretou-se que os

---

[1] Já no anno de 1603, o duque de Lerma publicara um decreto em que prohibia todo o commercio com os Hollandezes, e impunha o tributo de trinta por cento a todos os productos que entrassem ou saissem de Hespanha, sem se provar que não procediam dos Paizes-Baixos; e já esse decreto prejudicou muito o commercio externo, pelas vexações e embaraços a que dava logar, e porque quasi todos os povos, especialmente os Francezes, se abasteciam, em grande parte, da Hollanda ou por intermedio d'ella.

proprios productos de Flandres e dos Estados alliados ou amigos, além das muitas formalidades a que estavam sujeitos, para se verificar se tinham sido fabricados n'esses Estados ou n'outra parte, ficassem obrigados a um minucioso e rigoroso exame dos vedores do contrabando, sob pena de serem confiscados.

Por isto mesmo, a França tomou represalias, e a Hespanha teve de modificar o rigor primitivo, reduzindo essa prohibição a quasi mera formalidade.

Mas, nem por isso, melhorou o estado industrial da nação, porque a necessidade de procurar allianças na guerra contra a Hollanda, trouxe logo uma serie de tratados com os paizes estrangeiros, favorecendo de um modo especial o trafico externo.

Tudo isso acabou por extinguir o pequeno commercio que ainda havia e privar os nacionaes dos recursos indispensaveis, para proverem ás necessidades mais urgentes da vida.

Demais a mais, faltava numerario; e, para o supprir, nem mesmo havia as remessas das Indias; porque ou vinham muito tarde, ou não vinham nunca, pela perseguição maritima dos inimigos da Hespanha — Hollandezes, Inglezes e Francezes, e mesmo dos flibusteiros. A desgraça chegou a ponto que o presidente do conselho de ministros, conde de Castella, propoz que não houvesse armada, e que a marinha mercante desappareceu quasi de todo, pela prohibição do commercio com os outros paizes.

Por causa d'essa falta de numerario, o duque d'Olivares tornou a reduzir a moeda de bilhão a metade, isto é, áquillo que fôra primitivamente. Mas viu-se obrigado a altear e baixar successivamente o valor do dinheiro; e essa mobilidade trouxe a confusão no povo, e fez retraír muito mais o numerario.

Então, a corôa pediu o auxilio dos particulares; decretou pesadissimas contribuições; deitou mão ao ouro e prata das egrejas, o que produziu geral horror; lançou pela primeira vez, em 1636, o imposto do papel sellado; e vendeu, como os seus antecessores, as fidalguias.

Nada d'isso, porém, remediou a situação. A crise economica era asphyxiante.

Ao mesmo tempo, a immoralidade campeava infrene por todo o reino; e ainda, para cumulo de infortunio, se juntaram differentes calamidades publicas.

Em 1626, por exemplo, grandes inundações, provenientes da chuva e da neve, destruiram muitos campos e colheitas; e arrebataram muitos homens e muitos gados. O Tormes levou doze egrejas e quinhentas casas. O Guadalquivir, cuja cheia durou quarenta dias, arruinou tres mil casas, e arrastou grande multidão de gados e de pessoas, a que se seguiu a fome e a peste, occasionada pela infecção do ar e pela corrupção das aguas e dos pantanos.

Em 1629, houve outra cheia do Guadalquivir egual á de 1626, e que produziu tambem analogos desastres, em Granada. Em 1630, um in-

cendio voraz consumiu mais de cento e vinte casas em S. Sebastião. Em 1631, outro incendio, na Praça Nova de Madrid, que durou mais de tres dias, reduziu a cinzas a serie de casas correspondentes ás ruas de Toledo e Imperial [1]. E, em 1636, houve ainda outro incendio, que queimou todos os cavallos da casa real.

Finalmente, em 1640, deu-se a emancipação de Portugal, cuja guerra augmentou a crise de Hespanha, e cuja marinha auxiliou a destruição dos outros paizes sobre a marinha hespanhola [2].

*

* *

Carlos II, devido á actividade e genio do seu ministro Oropesa, começou com bons auspicios. Estabeleceu a economia nos gastos da côrte, e o allivio nos impostos; incitou a dignidade na administração interna, e a energia na representação exterior. Mas esse ministro, devido ás intrigas da côrte, foi deposto; e, por isso, pelas terriveis consequencias da guerra com a França, e pela imbecilidade do rei, a desordem e decadencia de Hespanha attingiu o zenith; e os desper-

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

[2] A Hespanha perdeu, tambem no reinado de Filippe IV, o Rossilhão e a Jamaica. Mas, no meio de tanta desgraça, as letras progrediram. — Lafuente, *obr. cit.*

dicios da côrte e do Estado, em festividades religiosas, diversões profanas, canonisação de santos, representações de comedias novas, autos de fé, e assombrosas solemnidades, não tiveram limite.

A immoralidade campeou mais forte ainda que nos reinados anteriores. Os impostos subiram tambem muito mais. O contrabando excedeu todas as marcas, por ter sido prohibido o uso dos artigos estrangeiros. A agricultura continuou desfallecida. A industria e commercio ficaram reduzidos á expressão mais simples; e o proprio Carlos II contribuiu poderosamente para isso, ordenando que todos os negociantes estrangeiros, residentes em Madrid, habitassem um bairro separado da cidade, que vinha a ser o de Atocha, como se o contacto d'elles fosse impuro; ao passo que, pelos tratados de 1665 e 1667, foi permittido aos Inglezes terem armazens proprios e jurisdicção privativa. A tal ponto chegou a situação economica do paiz, que o governo, por fim, não pagou nem mercês, nem livranças, nem annuidades, nem juros, nem rendas de nenhuma especie [1].

---

[1] Em todo esse tempo até Filippe V, só a Catalunha e as provincias do norte souberam escapar á decadencia que avassallou o resto da Hespanha. Os Bascos, sobretudo, conseguiram conservar os seus antigos foros; e entre elles, todo o trabalho, era considerado honroso.

*

*

* *

Com Filippe v, sob a iniciativa do seu grande ministro cardeal Alberoni e outros mais, tudo mudou. Esse rei, para favorecer a agricultura, melhorou as condições dos arrendatarios, facultando-lhes o pagamento das rendas; concedeu privilegios aos lavradores, e garantiu-os contra a prepotencia dos nobres; alliviou a propriedade rustica de muitas contribuições; instituiu um banco agricola, com o fim de auxiliar a lavoura; promoveu a arborisação da Mancha e Castella. O privilegio da *mesta,* se não foi abolido de todo, foi consideravelmente restringido. E realisou-se a repartição e venda de muitos baldios.

Emquanto ao movimento industrial, a pouca industria que havia, estava na mão dos estrangeiros, que tinham vindo substituir os Mouros. E por isso, Filippe v tratou tambem de os attraír com novos favores, dando-lhes até residencia por conta do Estado.

Mas, ao passo que, assim, chamava para o reino artistas que desinvolviam e fomentavam as artes e serviam de estimulo e de guia aos nacionaes, prohibiu a importação dos objectos estrangeiros manufacturados com que o paiz não podesse competir [1]. E, para mais favorecer a fa-

---

[1] Altamira, *obr. cit.,* vol. IV, pag. 283.

bricação nacional, chegou a impôr aos nacionaes, inclusivamente aos militares, a obrigação de se vestirem sómente de pannos e teias hespanholas.

Além d'isto, supprimiu alguns tributos, muito onerosos que pesavam sobre os artefactos do paiz; e promulgou differentes leis sumptuarias que affectavam directamente varios artigos de luxo estrangeiro [1].

Graças a estas medidas e a muitas outras, como a sciencia economica d'aquelle tempo recommendava, estabeleceram-se na Hespanha muitas fabricas e manufacturas de linho [2], seda, lenços, pannos, tapetes, crystaes e d'outros productos, a ponto de se tornar necessaria a creação de um director ou superintendente das fabricas nacionaes.

D'essas fabricas as que mais prosperaram foi a de panno de Guadalaxara, que o cardeal Alberoni mudara de Segovia para lá, e por fórma que, passados alguns annos, occupava já oitenta e quatro mil pessoas, e foi encarregada dos fornecimentos militares; a de tapetes, situada ao pé de Madrid; e a de crystaes de Santo Ildefonso.

Tudo isso trouxe um grande desinvolvimento

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

[2] O cardeal Alberoni mandou vir até artistas da Hollanda, para ensinarem essa industria aos Hespanhoes. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

industrial; e poderia ser muito maior, se não fossem os direitos, ainda pesados, a que estava sujeita a exportação dos artefactos, e a importação das materias primas.

Pelo que respeita á marinha, quando Filippe v subiu ao throno, encontrou apenas algumas poucas galeras, n'um estado quasi inaproveitavel; e logo, nos dez annos que se seguiram á paz de Utrecht, organisou uma esquadra de mais de vinte navios de guerra e trezentos de transporte.

A expedição maritima de Oran, nos ultimos annos do seu reinado, deixou a Europa assombrada, pela poderosa armada que os Hespanhoes reuniram. E nem mesmo as guerras, em que andou involvido, impediram o monarca de attender á lucta naval com a Inglaterra e de abater mais uma vez o orgulho da soberba Albion, nos mares do velho e novo mundo.

Por isso, creou tambem estaleiros, fabricas de artilheria, collegios e escolas de pilotagem, em que se deu boa instrucção para officiaes de marinha. E, por signal, que a fabrica de artilheria creada em Cadiz tornou-se uma das melhores da Europa, e o collegio de guardas marinhas, instituido em 1721, tornou-se notabilissimo.

Além d'isso, promulgou medidas opportunas sobre o corte de madeiras de construcção e manufacturas de cabos.

Foram destinados por ordem do governo, para o commercio com a America, navios finos e ligeiros, chamados *navios não matriculados* ou *na-*

vios de registo, e que foram adoptados geralmente em substituição das frotas e galeões [1].

O effeito das medidas de Filippe v fez-se sentir de tal modo, que a população que, em 1702, havia descido a cinco milhões e setecentas mil almas, tinha subido, em 1780, a dez milhões [2].

O commercio externo é que não teve grande desinvolvimento; porque as muitas guerras que o rei teve de sustentar, alteraram as relações com os paizes belligerantes. E, para terminar algumas d'ellas, foi necessario fazer tratados de paz, em que a Hespanha teve de conceder favores importantes, que egualmente a prejudicaram. Por exemplo, o tratado de *assiento* concedido aos Inglezes, por um artigo da paz de Utrecht.

Além d'isso, as erradas ideias do systema mercantil que, embora modificadas, ainda influiam n'esse tempo, involveram outro embaraço para o rapido desinvolvimento do commercio.

Ainda assim, Filippe v supprimiu as alfandegas internas, excepto na Andaluzia. E, supposto a medida fosse incompleta, porque esta provincia era o caminho natural de todas as mercadorias que se expediam para a India occidental, e por isso mais conveniente seria applicar-lhe tambem essa abolição, não deixou, comtudo, de produzir excellentes resultados.

---

[1] As frotas e galeões fizeram as suas ultimas viagens, em 1735 e 1738.

[2] Brocardo, *obr. cit.*, pag. 332.

Pelo açoriamento do Guadalquivir, passou tambem para Cadiz o exclusivo que Sevilha tinha do commercio transatlantico, e esse facto fez d'aquella cidade uma das praças mais ricas e florescentes da Europa.

A par d'isso, a corôa renunciou pouco a pouco á tutella do commercio colonial. Como já vimos, em 1728, o rei concedeu a uma companhia que se creou em Guadalquivir o privilegio exclusivo do commercio com a provincia de Caracas, que não offerecia ouro nem prata, mas que produzia cereaes e assucar em abundancia e da melhor qualidade; impondo, porém, á mesma companhia a obrigação de servir a marinha real com um certo numero de navios, em cada anno [1]. E essa companhia desinvolveu a cultura d'aquelles generos; e, por meio de exportações regulares e consideraveis, deu cabo do contrabando que, desde ha muito, se fazia entre a *Terra Firme* e a ilha hollandeza de Curaçau.

Finalmente, os antigos caminhos foram reparados e custodiados, e abriram-se outros novos.

*

* *

Fernando VI gosou um longo periodo de paz, e por isso, emquanto as nações visinhas eram

---

[1] Formou tambem outra companhia em Cadiz para a exploração do commercio das Antilhas, mas pouco prosperou. Vid. pag. 399.

victimas dos horrores da guerra, o seu povo fazia notaveis progressos na agricultura, na industria, no commercio e na marinha.

Economico por indole, não adoptou os costumes magnificentes de seu pae, regrando, assim, as finanças da côrte. Reprimiu a immoralidade. Estabeleceu os celleiros communs (*positos*), onde todos os lavradores deviam depositar uma certa porção de trigo. Estabeleceu bancos ruraes. Na Mancha e Castella, inteiramente nuas, estabeleceu-se um regimen florestal, e tratou-se de reduzir as emigrações. O canhamo e garança, que até então se compravam muito caros no estrangeiro, foram cultivados com successo; e os privilegios da *mesta,* já reduzidos por Filippe v, soffreram ainda um novo e maior córte.

Fernando vi continuou tambem protegendo a industria; e especialmente a fabricação da seda alcançou grande successo, chegando a haver, no tempo d'elle, quatorze mil seiscentos e dez teares [1].

O progresso da marinha foi enorme, devido á iniciativa do grande ministro Ensenada [2], que restaurou completamente a marinha hespanhola.

E tambem Fernando vi se não descuidou do desinvolvimento do commercio.

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

[2] Este ministro foi o principal auctor das mais proveitosas medidas economicas de Fernando iv ; mas não obstou isso a que fosse demittido de todas as honras e empregos.

*

* *

Carlos III continuou egualmente fecundando, activa e productivamente, o movimento economico.

Para beneficiar a agricultura, mandou dividir os baldios pelos *visinhos*, contemplando de preferencia os trabalhadores e cultivadores. Tratou de colonisar localidades incultas; e a iniciativa mais importante n'este genero foi a de Serra Morena, onde, em 1766, vieram estabelecer-se seis mil lavradores allemães e flamengos, a que foram distribuidos terrenos. Cohibiu os abusos que os senhorios praticavam para com os seus arrendatarios, levantando-lhes inopinadamente a renda, ou despedindo-os, quando elles tinham beneficiado as terras. Tornou inteiramente livre a compra e venda dos cereaes, cortando mesmo as exacções exaggeradas que algumas cidades e villas impunham, por meio da licença das vendas [1], mas prevenindo, em todo o caso, o açambarcamento. Permittiu tambem a entrada dos generos estrangeiros, quando os productos nacionaes attingissem um certo preço. Estabeleceu o registro das hypothecas. E, se nem todas essas medidas obedeceram aos verdadeiros principios

[1] Tal era porém o espirito da rotina que o rei sujeitou de novo a venda dos generos a preços fixos.

economicos, mostraram comtudo o zelo do monarca.

Da mesma fórma, para fazer progredir a industria, prohibiu a entrada dos tecidos estrangeiros de algodão ou lã. Para tornar o trabalho menos desdenhado, declarou que os artistas podiam ser eleitos para o municipio[1]. Abriu na Galliza e nas Asturias escolas para a fabricação de lenços, como vinham de Westphalia. Isentou de direitos a importação de muitas maquinas e materias primas[2], e entre essas o algodão, d'onde proveiu grande desinvolvimento á fabricação d'esse artigo, sobretudo, na Catalunha. As fabricas de panno que então existiam, foram engrandecidas, e crearam-se outras novas. As da seda foram reanimadas. Toledo achou o seu antigo renome para as obras de ferro e aço. Crearam-se tambem fabricas de vidro, porcellana, papel, tapetes, chapeus e outros objectos; e, para não faltarem braços competentes á industria, uma lei de 1782 impoz a cada artista a obrigação de dedicar, pelo menos, um dos seus filhos á vida industrial.

Carlos III desinvolveu tambem grandemente a marinha, e a pesca, muito decaída até então, bem como a industria de conservas[3]. Olhou egual-

---

[1] Já Filippe V declarara o commercio e a industria perfeitamente conciliaveis com a nobreza.

[2] Lafuente, *obr. cit.*

[3] Altamira, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 278.

mente pelo adiantamento do commercio. E, para isso, além do impulso dado á marinha, aboliu muitas das alfandegas internas que ainda restavam na Andaluzia. Extinguiu muitos impostos, especialmente, as alcavalas; e, em 1782, fundou o banco de S. Carlos, que auxiliou poderosamente o credito, e portanto as operações mercantis.

Alargou tambem muito as communicações, o que influiu egualmente no desinvolvimento commercial. E, n'este sentido, creou emprezas para a canalisação dos rios, e entre ellas a do canal do Manzanares e a do de Murcia. Augmentou as *postas* ou correios do Estado, pondo duas por semana, em vez d'uma só, como anteriormente havia. Estabeleceu tambem as diligencias, cujo privilegio foi concedido a uma empreza catalã (1771)[1]. Desinvolveu a fabricação dos coches e carruagens, concedendo franquias aos mestres d'esse officio que se quizessem estabelecer no reino. Fixou a legua hespanhola em oito mil varas castelhanas. Pela primeira vez, mandou consignar as distancias de legua a legua, por pilares de pedra, á imitação dos marcos miliarios dos Romanos, tendo por centro Madrid. E creou uma linha de embarcações correios, que faziam expedições mensaes para Havana, Porto Rico e Prata.

Finalmente, promulgou muitas outras medi-

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

das que, influindo no progresso geral do reino, influiram tambem, especialmente, na economia da nação: taes como abolir as jurisdicções privilegiadas, sujeitando tudo ás justiças ordinarias; assegurar a ordem publica; varrer os vadios, empregando-os na milicia e na marinha; prohibir o jogo; regulamentar o serviço militar, de harmonia com as necessidades d'agricultura e da industria; regulamentar a caça e pesca; expulsar os Jesuitas; reformar livremente o ensino, particularmente, os collegios maiores; e fundar escolas economicas, onde se ensinavam as artes agricolas, industriaes e commerciaes [1].

*

* *

Fica, assim, historiado em globo o movimento da agricultura, industria e commercio da Hespanha, durante a edade moderna.

Pouco precisamos de especialisar; pois o quadro que fica traçado, fornece uma ideia, pelo menos approximada, do movimento economico geral. Accrescentaremos simplesmente algumas outras pequenas noticias.

A industria metallurgica, tão importante sob os Mouros, decaíu completamente, depois que elles foram expulsos; e a industria textil, decaíndo tambem successivamente, como vimos, depois de

---

[1] Lafuente, *obr. cit.*

Isabel, só começou a levantar-se no tempo de Filippe V.

A typographia teve sempre escasso desinvolvimento. As imprensas eram tão pouco numerosas, que a maior parte dos livros, mesmo os da Egreja, eram impressos na Hollanda ou na Italia [1].

Emquanto á marinha mercante, em 1513, empregava ella cerca de mil navios. D'esses, duzentos pertenciam ás Vascongadas, e entregavam-se á pesca da baleia e ao commercio com o norte. Os outros, na maior parte, pertenciam á Andaluzia, e, principalmente, a Sevilha, que, segundo vimos, foi a principal praça de commercio da Hespanha até o meado do seculo XVII, em que Cadiz a substituiu. E a cabotagem occupava mil e quinhentas embarcações de menor capacidade. Portanto, póde dizer-se que, até o reinado de Filippe II, a marinha mercante era muito importante, e seguia de perto a de Portugal, se a não egualava.

Concorria tambem para isso a protecção que as leis lhe davam. Nenhum navio estrangeiro podia carregar em porto hespanhol, emquanto houvesse um navio nacional, sem a respectiva carga; e, durante muito tempo, o governo deu um premio a cada embarcação construida na Hespanha.

Com Filippe II, porém, começou a decaden-

---

[1] Gounon-Loubens, *obr. cit.*

cia. Contribuiu tambem para essa decadencia a derrota da armada *invencivel,* a par dos ataques dos pequenos navios genovezes, flibusteiros e barbarescos, que tantas vezes destruiram e fizeram render os grandes navios de Hespanha.

Por outro lado, a falta de segurança dos mares tornou-se cada vez mais fatal á marinha hespanhola. Os piratas infestavam as costas do Mediterraneo. A cabotagem cessou por isso ahi quasi totalmente, importando comsigo a ruina da pesca; e a Hespanha perdeu assim a melhor escola para formar marinheiros. A não serem os galeões de Cadiz e Sevilha, tão mal equipados, difficilmente se encontrava nos outros portos um navio de importancia, que levasse pavilhão hespanhol.

Com os Bourbons, porém, tudo mudou.

Já Filippe v se dedicou ao adiantamento da marinha, e fez construir navios finos e ligeiros, que podessem luctar com as embarcações dos outros paizes.

Apezar d'isso, ainda no seu reinado, em 1734, o transporte e o commercio maritimo da Hespanha se faziam, na maior parte, por navios dos outros paizes; e tanto que, n'esse anno, chegaram dos portos estrangeiros a Cadiz dez mil e quatro navios, sendo quatrocentos e noventa e seis inglezes, duzentos e vinte e oito francezes, cento e quarenta e sete hollandezes e os outros de differentes paizes, ao passo que só frequentaram esse porto sessenta navios hespanhoes, não fallando na cabotagem. Mas, já em 1759, sob D. Fer-

nando VI, o numero dos navios nacionaes se elevou a cento e cincoenta e nove; e, no fim d'este periodo, os navios de Hespanha já se encontravam em grande quantidade no mar do Norte e no mar Baltico.

Egual adiantamento se deu, como vimos, nas outras industrias e no commercio. Os Bourbons promoveram mesmo a formação de gremios, em que os commerciantes tratavam e velavam mutuamente pelos seus interesses mercantis e pelo desinvolvimento do commercio, bem como a formação de companhias que compravam em ponto grande as materias primas e os productos fabricados. Houve-as em Madrid, Toledo, Sevilha, Granada e outras povoações [1].

*

* *

Os principaes centros de commercio d'esta época foram, no tempo de Fernando e Isabel, e ainda no tempo de Carlos I e Filippe II, embora alguns d'elles decaissem gradualmente depois de Isabel, Sevilha, Cadiz, Granada, Cordova, Barcelona, Segovia, Toledo, Cuenca, Burgos, Valladolid, Léon, Medina del Campo, Zamora, Salamanca e Avila.

Sevilha, até o meado do seculo XVII, foi a principal praça mercantil de Hespanha. Adquiriu,

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 287.

como vimos, o privilegio do commercio com a America. Era por isso o entreposto dos negocios de importação e exportação com os povos d'além mar. Era tambem a intermediaria das trocas entre Flandres e a Italia, assim como o ponto de partida das viagens para as Canarias. Mesmo industrialmente, no tempo de Carlos I, tinha quinze mil ou dezeseis mil teares, com cento e trinta mil operarios. Provia todo o mundo de seda crua, lã, couros, linho, etc. Mas, quando o Guadalquivir se açoriou, de modo que se não prestava á subida dos navios de maior lotação, a primazia passou para Cadiz. E, desde então, decaíu por fórma que, em 1564, só tinha tres mil teares com trinta mil operarios [1].

Medina del Campo e Burgos eram tambem grandes centros commerciaes, no principio do seculo XVI, e muito notaveis pelas suas feiras, a que affluiam as mercadorias do paiz e do estrangeiro; mas decaíram muito com o privilegio de Sevilha.

As fabricas de Segovia davam trabalho a trinta e quatro mil cento e oitenta e nove operarios. Cuenca fabricava por anno duas mil peças de pannos, e os seus bonés finos eram muito apreciados, constituindo até grande exportação para a Turquia e Berberia.

Barcelona ainda contava sessenta mil habitantes; e, embora muito decaída do seu antigo es-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. III.

plendor, porque a grande corrente do commercio se deslocara do Mediterraneo para o Oceano, era ainda muito industrial e commercial.

Ainda assim, a não ser Granada, que era muito populosa e cuja população se ignora, todas estas cidades, antes de Filippe II, inclusivamente as principaes, Sevilha, Cordova, Valladolid e Toledo, não contavam mais de seis mil fogos, de modo que tambem a côrte se não achava bem em qualquer parte e mudava todos os annos [1].

Mas, quando Filippe II fundou o Escurial, teve de residir muito tempo em Madrid, que era então uma povoação humilde, e d'ella fez uma cidade importante, e ao mesmo tempo a capital do reino. Claro está que esta circumstancia a constituiu em pouco tempo um dos grandes centros de população, embora não fosse muito industrial e commercial. O movimento economico exercia-se de preferencia nas outras cidades. Madrid ficou a residencia da côrte, dos fidalgos, dos ociosos, dos exploradores politicos e dos amantes do luxo e corrupção [2]; e augmentou grandemente, até o principio do seculo XVII, em que chegou a ter quatrocentos mil habitantes. Depois, decaiu por fórma que, no fim d'esse seculo, só tinha cento e cincoenta mil, para tornar a augmentar depois, no tempo dos Bourbons.

Estas mesmas cidades, embora algumas d'ellas

---

[1] Gounon-Loubens, *obr. cit.*, pag. 34.
[2] Gounon-Loubens, *obr. cit.*, pag. 40.

decaíssem successivamente, ainda constituiram os principaes centros por todo o periodo. E, sob o governo de Carlos III, tornaram-se tambem grandes centros commerciaes Reus, Malaga, Santander, Corunha, Alicante, Carthagena, Gijon, depois que, segundo vimos, elle lhes abriu o commercio transatlantico.

*

* *

Emquanto ás relações mercantis com as outras nações, antes de Filippe II fechar os portos da peninsula aos Hollandezes e Inglezes, esses dois povos faziam um grande commercio com a Hespanha, abastecendo-se dos generos coloniaes da America e Filippinas, e fornecendo, ou por contrabando ou por livre troca, os productos de que os Hespanhoes careciam.

A Hollanda, principalmente, que, ainda no principio da edade moderna, conservava o grande papel de mercado central da Europa e de grande recoveira dos povos do norte [1], e que, demais a mais, tinha com a Hespanha as relações que lhe provieram da ascensão de Carlos I ao throno da Allemanha, exercia um commercio enorme com os Hespanhoes. Mas as guerras successivas e contínuas que surgiram entre esses dois povos até Filippe V, a par do exaggero do systema mercantil, interromperam as relações.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III.

Aconteceu a mesma coisa com a França.

As guerras com a Italia, depois de Carlos I em deante, que tanto favorecera os Italianos, reduziram tambem o commercio hespanhol com esse paiz.

A independencia de Portugal e a hostilidade e guerras a que deu causa, cortaram egualmente as relações com os Portuguezes.

Demais a mais, as leis do reino, que, segundo vimos, prohibiam a importação de uma grande parte dos productos estrangeiros, independentemente de quaesquer hostilidades ou guerras, restringiam, geralmente, as relações mercantis com quasi todos os povos.

Por tudo isto, as relações mercantis internacionaes até Filippe V foram apoucadas.

Só com a Suecia é que, em 1578 e 1579, Filippe II negociou um tratado de alliança, pelo qual conseguiu a posse das praças de Helsingfor e Helsingborn, assegurando assim á Hespanha o commercio de todo o Baltico e excluindo d'elle os Inglezes e Hollandezes.

Filippe V, porém, pela sua origem franceza, entabolou relações estreitas com a França. A Inglaterra, acabada a *guerra da successão*, quiz tambem rivalisar com a França, e, no fim do periodo, quasi a tinha egualado. E, depois da França e da Inglaterra, foi a Hollanda que, no tempo dos Bourbons, mais commercio fez com os Hespanhoes.

*

* *

Nos primeiros tempos da edade moderna, em que a industria hespanhola se tornara tão activa, esse commercio com os paizes estrangeiros era feito, principalmente, com os generos coloniaes e com os productos do solo hespanhol, que a Hespanha expedia, em troca das materias primas de que precisava para as suas industrias. Mas, quando o paiz começou a decaír industrialmente, os estrangeiros forneciam os Hespanhoes de quasi todos os productos industriaes.

Para se comprovar este facto, basta-nos citar as ordenanças emittidas por Filippe IV, em 16 de maio de 1628, 31 de agosto de 1630 e 23 de março de 1633. Na primeira d'essas ordenanças, foi prohibida a entrada dos artefactos inglezes ou de possessões inglezas e hollandezas; na segunda, ampliou-se a prohibição aos artefactos de França e Estados rebeldes da Allemanha; e, na terceira, aos proprios productos vindos em navios flamengos, ou mesmo em navios de quaesquer povos amigos, tendo sido fabricados n'aquelles paizes: o que dava logar a grandes vexames e grandes embaraços fiscaes.

Ora, n'essas ordenanças, vem especificados os productos ou artefactos cuja importação ficava prohibida, e vê-se que abrangiam quasi o repositorio completo das industrias. Assim, abrangiam toda a especie de tecidos de linho, algodão,

lã, seda e velludos mesmo em obra; toda a especie de fio, meias finas, botões, cobertas, tapetes, alcatifas, almofadas, oleados; quasi todos os objectos de industria metallurgica, e até muitos productos mineraes, como estanho, chumbo e cobre, alfinetes, instrumentos, caldeiras, maquinas, fios metallicos, adagas, espadas e copos de espada, porcellanas e espelhos; estampas de papel, obras de osso, carne salgada; e muitos outros productos e artefactos, inclusivamente as proprias especies da India [1]. E ainda estas prohibições se aggravaram mais nos reinados seguintes [2].

*

* * *

Quando os reis catholicos subiram ao throno, havia uma grande confusão nos pesos e medidas e na moeda de ouro e prata; e escasseava o dinheiro de cobre, que tanta vantagem tem para o pequeno commercio.

É certo que havia no reino d'Aragão uma excellente moeda de prata, chamada *jaca,* do nome da cidade onde foi fabricada, e que, em muitas cidades, se serviam do *soldo* d'aquelle metal; mas as moedas de prata eram tão numerosas e tão variadas, que a sua enumeração excede os limites do nosso estudo.

---

[1] Lafuente, *obr. cit.,* vol. III.

[2] Altamira, *obr. cit.,* vol. IV, pag. 283.

Essa diversidade de moedas causava grande prejuizo ao commercio; e a má situação que d'ahi resultava, era ainda aggravada pela tolerancia que se concedia á introducção do dinheiro estrangeiro.

Demais a mais, os principes, além d'elles proprios fazerem cunhar a moeda, confiavam a cunhagem a especuladores, pouco escrupulosos. Henrique IV concedeu até a grande numero de senhores e abbades esse direito; de modo que, em poucos annos, houve cento e cincoenta estabelecimentos monetarios, que, muitas vezes, produziam peças de má liga.

A propria realeza não escrupulisava em falsificar a moeda: e tanto mais que a opinião corrente era que esta só valia pela figura que ostentava e pela vontade do principe que a fazia fabricar, e não pelo seu valor intrinseco.

Accrescia ainda que a quebra da moeda era frequente, e a sua fabricação muito imperfeita. Os cunhos eram grosseiros, desegual o modelo, inexacto o peso, e, até na legenda, havia, muitas vezes, erros de orthographia.

Fernando e Isabel começaram pela tarefa de regularisar o systema de pesos e medidas; e, depois de terem feito varias reformas monetarias, trataram tambem de ordenar aquelle cahos, introduzindo a unidade no meio da desordem. E, por isso, na pragmatica emittida de Medina del Campo, em 1497, estabeleceram tambem um novo systema monetario.

Fabricaram peças de ouro com o nome de

excellentes de Granada, as mesmas que depois foram sempre designadas tambem pelo nome de *ducados,* com o peso de 3gr,52110, encerrando 3gr,48442 de ouro fino. E deixaram ao publico a faculdade de poder cunhar multiplos de cinco, dez, vinte e cincoenta d'essas peças.

A unidade monetaria de prata era o *real* que devia pesar 3gr,433529 e conter 3gr,19509 de prata fina.

As moedas de bilhão receberam o nome de *brancas,* e cada uma valia meio maravedi. O real continha 34 maravedis, o excellente de Granada ou ducado 375 maravedis, e o maravedi correspondia a 5,6 reis do nosso dinheiro.

O governo não conservava o monopolio da moeda. E a velha moeda de ouro castelhana, assim como os dinheiros de ouro estrangeiros continuaram a correr, segundo o seu peso e titulo. Sómente se desmonetisaram os *reales* e bilhão anteriores.

Este regimen poucas modificações soffreu posteriormente; mas todas ellas vão apontadas no quadro que se segue, onde vae tambem a correspondencia, pelo menos approximada, das respectivas moedas, com os actuaes valores nominaes do nosso paiz [1].

---

[1] Saw, *The History of Currency.* — Gounon-Loubens, *Essais sur l'administration de la Castille au XVIme siècle.* — Goury du Rostan, *Essais sur l'Histoire Economique de l'Espagne.*

Assim, no tempo de Isabel e Fernando, cunharam-se as seguintes moedas, entre as quaes vão incluidas as que serviam de unidade, como já expozemos.

Moedas d'ouro:

Excellentes maiores	5$485 reis
Meios excellentes, dobras ou castelhanas.	2$472 »
Excellentes de Granada ou ducados. . .	2$100 »
Aguias ou florins.	2$046 »
Escudos ou corôas, tambem conhecidos pelo nome de pistolas.	1$831 »

Moeda de prata:

Real.	123 reis

Moeda de bilhão:

Branca	2,8 reaes

Carlos V não fez alterações nos ducados, reales e brancas que mandou cunhar, conservando o valor que lhes tinham dado Fernando e Isabel; mas fez novas moedas de ouro — os *escudos,* do valor de 1$849 reis.

Filippe II cunhou tambem escudos de ouro, do mesmo valor de 1$849 reis; e conservou os ducados, reales e brancas dos reis *catholicos,* no mesmo valor que tinham.

Filippe III, conservando o valor das outras moedas, augmentou, como vimos, o valor da moeda de bilhão, fazendo que dois maravedis valessem quatro.

Filippe IV não alterou a moeda de ouro; mas mudou o valor dos reales para 98,3 reis, e fez voltar a moeda do bilhão a metade do valor, como era primitivamente.

Carlos II tambem não fez alteração nas moedas de ouro e bilhão, mas fez cunhar novos reales de prata, no valor de 98 reis.

Filippe V não alterou tambem o valor dos ducados, reales e brancas. Conservou o valor nominal dos escudos; mas alterou-lhes por differentes vezes o valor especifico. E fabricou novos reales de prata, cujo valor variou nas differentes emissões, desde 48 reis até 110 reis.

Fernando VI, além dos ducados, reales de prata e brancas, do valor já referido, fez cunhar *vintens* de ouro, do valor de 962 reis.

Carlos III mandou cunhar escudos de ouro nacional, do valor de 1$817 reis; vintens, de ouro provincial, do valor de 955 reis; dobrões de oito escudos (ouro nacional), do valor de 1$817 reis; dobrões de oito escudos (ouro provincial), do valor de 935 reis.

Fabricou egualmente reales de prata nacional, do valor de 47 reis, e de prata provincial, do valor de 46,5 reis.

Mas, em 1772, procedeu á unificação da moeda usada até então, dando por unidade o *real de vellon,* do valor de 46 reis, dividido em 34 maravedis. As peças divisorias tinham de ser um, dois, quatro e oito maravedis. E os multiplos eram em prata, o *real,* que vinha a ser egual a dois reales de vellon, que por isso valia 92 reis, e

constituia a unidade das moedas de prata; a *peseta provincial,* egual a quatro reales de vellon, e portanto do valor de 184 reis; a *columnaria,* egual a cinco reales de vellon, e portanto do valor de 230 reis; o *real a quatro,* (isto é, contendo quatro reales), e portanto do valor de 368 reis; o *real a oito,* egual a oito reales, e portanto do valor de 736 reis; o *meio peso,* ou *meia piastra,* de prata, egual a dez reales de vellon, e portanto do valor de 460 reis; o *peso forte* ou *peso duro* ou *piastra de prata,* egual a vinte reales de vellon, e portanto do valor de 920 reis.

As moedas de ouro eram: o *escudito* ou *piastra de ouro* ou *coronilha,* egual a vinte reales de vellon, e portanto do valor de 920 reis; o *escudo* ou *dobrão* ou *meia pistola,* egual a quarenta reales de vellon e portanto do valor de 1$840 reis; o *dobrão* ou *quatro escudos* ou *dupla pistola,* egual a cento e sessenta reales de vellon, e portanto do valor de 7$360 reis; e o *dobrão* de oito escudos ou *quadrupla pistola,* egual a trezentos e vinte reales de vellon, e portanto do valor de 14$720 reis.

Esta reforma, porém, não conseguiu o fim a que se propunha, pela depreciação do maravedi, moeda extremamente infima, pela multiplicidade das moedas de prata, pela confusão dos differentes reales (*singelos, de prata,* etc.), e, sobretudo, por se conservarem muitas das moedas provinciaes, por exemplo de Navarra, Catalunha, Valencia e Canarias.

Afim de remediar estes inconvenientes, novas

medidas foram decretadas em 1776, 1777, 1779 e 1786, mas tambem, sem resolver por completo a difficuldade [1].

*
* *

Fernando e Isabel policiaram, como vimos, os caminhos, e attentaram pela sua segurança. Mas, depois d'isso, as poucas estradas que se construiram e repararam no seculo XVI, foram, ou por iniciativa local de effeitos limitados; ou por acção particular dos commerciantes; ou ainda, para procurar ou facilitar a passagem da artilheria e das comitivas regias, muito frequentes n'aquelle tempo, sobretudo, por causa dos casamentos dos reis e principes hespanhoes com princezas estrangeiras e do recebimento d'estas.

Além d'isso, a propria iniciativa municipal via-se muitas vezes prejudicada pelas formalidades administrativas, consulta do conselho real e outros eguaes embaraços.

Carlos I, com o fim de facilitar a navegação do Ebro até o Mediterraneo e poder, ao mesmo tempo, regar grande porção de terras, começou a construcção de um ramal d'esse rio, chamado o *Canal Imperial d'Aragão,* derivado em Fontellas de Navarra; mas as obras foram suspensas, em

---

[1] Altamira, *obr. cit.,* vol. IV, pag. 283. — Rodrigo Affonso Pequito, *Curso de Contabilidade.*

1540, e a empreza tornou-se inutil para o fim que o monarca pretendia. No tempo do mesmo rei, tentaram-se ainda outros canaes, tambem sem resultado, e construiram-se muitas pontes; assim como, no tempo de Filippe II, em que tambem se melhoraram as condições da viação fluvial e os portos de Carthagena, Malaga, Bilbao, S. Sebastião, Motrico, Gijon, Mahon, Ceuta, Gibraltar, Valencia e Cadiz. No porto de Barcelona, já então açoriado, começou-se até, em 1590, um novo molhe, que terminou em 1697.

Mas, em 1641, todos estes melhoramentos estavam já perdidos [1], e as communicações foram-se tornando cada vez peiores até Filippe V.

A expulsão dos Mouros prejudicou tambem grandemente a viação publica; porque, mesmo as estradas, tão cuidadas e reparadas por elles, se estragaram.

Da mesma fórma, os rios foram abandonados, e tornaram-se impraticaveis, a ponto de quasi serem desconhecidos os navios e barcos sobre elles, e dos transportes se fazerem, ao longo das margens, em bestas de carga. Os Italianos e Hollandezes offereceram-se a tornar esses rios navegaveis, mas foram repellidos.

No governo dos Bourbons, porém, tratou-se de melhorar muito as communicações. O paiz foi dotado de um systema regular de estradas, tendo por centro Madrid, de modo que as qua-

---

[1] Altamira, *obr. cit.*, vol. III, pag. 475 e 476.

tro principaes iam tocar a Corunha, Barcelona, Valencia e Sevilha. Cuidou-se dos portos e dos rios, e limparam-se os caminhos de ladrões, e as costas, de piratas.

O canal Imperial de Aragão foi continuado por Filippe v, embora nada se conseguisse de effectivo até Carlos III. E tambem no tempo de Filippe v, se terminou o canal de Huesca; fez-se o canal de Amposta; e abriram-se muitos outros canaes de irrigação.

No tempo de Fernando VI começou a construir-se a estrada do posto de Guadarrama, que uniu ambas as Castellas. E, desde 1777 a 1788, por iniciativa do grande ministro Flondablanca, foram reparadas duzentas leguas de caminhos de rodagem; e se construiram mais cento e noventa e cinco, além das estradas construidas pelos Biscainhos e Navarrinos, nas respectivas regiões.

*

* *

Como conclusão, podemos assentar que o governo hespanhol, até Filippe v, foi nefasto ás suas colonias americanas.

Foram exterminados milhares de indigenas, no Mexico, no Peru e n'outras regiões. A população dos valles, que escapou ao morticinio, foi obrigada a trabalhar nas minas das montanhas. A cultura foi abandonada. Havia por toda a parte perseguições crueis. A imposição de trabalhos

pesados, bem como o excesso de fadigas a que os desgraçados Indios eram submettidos, afugentava ou consumia tambem muitos d'esses desgraçados. E, além d'isso, a introducção da variola, doença até ahi desconhecida na America, dizimava muita gente, mesmo dos Europeus [1].

Pelo contrario, na metropole, uma rainha varonil, a grande Isabel, auxiliada do marido D. Fernando, pôde unificar a Hespanha; e, pela sujeição dos Mouros, pela quietação das desordens internas, e pelo seu espirito fomentador e patriotico, levantou esse grande paiz do abatimento a que chegara, no tempo de Henrique IV.

Carlos I e Filippe II, economicamente, deixaram decaír a Hespanha; mas, politicamente, elevaram-na a tal grandeza, que esse ultimo rei sonhava até com a hegemonia da Europa.

A par d'isso, o espirito intolerante de Isabel e o fanatismo sombrio e cruel do mesmo Filippe II fizeram do reino um carcere sombrio, onde os ferros da inquisição empanavam os resplendores da gloria nacional, e aterravam, como jaula de feras, o espirito dos liberaes.

A altivez fidalga dos Hespanhoes, as suas tradições gloriosas, o cavalheirismo d'essa raça, que tem por si a tenacidade dos Wisigodos e o ardor dos Arabes, não se desmentiu nunca; e, mesmo no meio da sua decadencia economica e politica, alumiava por vezes, como o relampago, o solo

---

[1] Robertson, *obr. cit.*, vol. II, pag. 341 e 348.

de todo o mundo. A inepcia dos reis, o fanatismo do clero e os abusos e preconceitos da nobreza não deixaram que a luz fizesse fermentar livremente a vida e o progresso, até Filippe v; mas tudo mudou, então; e a Hespanha entrou n'um caminho novo, transformando-se economicamente e adquirindo um grande progresso, até o fim da época moderna.

CAPITULO XI

Hollanda

Ligeiro esboço da sua historia politica na época moderna

No volume antecedente, deixámos a historia politica dos Paizes-Baixos no começo do reinado de Carlos V (1506), imperador da Allemanha, e tambem rei de Hespanha, com o nome de Carlos I, que reunira egualmente ao seu dominio a Belgica e Hollanda, onde, na sua menoridade, governou por elle a tia Margarida d'Austria (1506-1520).

Como tambem expozemos no mesmo volume, as industrias, commercio e marinha, bem como a riqueza publica estavam já n'uma grande prosperidade; mas, ainda assim, as perturbações internas prejudicavam muito a completa expansão do progresso nacional. E, embora as provincias estivessem reunidas debaixo do mesmo sceptro, faltava um laço de cohesão, bem intima, que as prendesse mais estreitamente n'uma acção homogenea. Esse laço ia dal-o a Reforma de Luthero.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 9.

Effectivamente, a Reforma não tardou a espalhar-se nos Paizes-Baixos, especialmente na Hollanda, aggremiando em volta d'ella todos os cidadãos. E contribuiu muito para isso a acção de Erasmo, tambem natural da Hollanda, que, por suas ironias e por suas zombarias, destruiu grandemente a fé catholica [1].

Carlos v, posto que avêsso á nova religião, não opprimiu os Paizes-Baixos com perseguições; mas, em compensação, cobriu-os de tributos, pela voragem insaciavel das guerras em que andava involvido; e restringiu os privilegios liberaes de que elles gosavam, sobretudo, em Flandres, que até ahi mantivera uma especie de independencia politica.

A Carlos v succedeu, tambem no governo dos Paizes-Baixos, o filho Filippe II de Hespanha (1549), que mandou para lá, como governadora, sua irmã natural Margarida de Mantua, nomeando-lhe varios conselheiros, e entre elles o cardeal Granvella.

Esta governante e os seus conselheiros quizeram abafar a nova doutrina, pela violencia; e para isso estabeleceram a inquisição, com todo o rigor. Os nobres da Hollanda e da Belgica foram pedir-lhe a extincção d'esse tribunal; mas não foram attendidos [2]. E, então, a indignação de todo

---

[1] O proprio evangelho de Luthero, em 1523, foi traduzido em hollandez e impresso em Amsterdam.

[2] Renon de France, *Histoire des Troubles des Pays-Bas*, vol. I.

o povo; a propagação da Reforma; a revolução dos novos iconoclastas, que destruiram as imagens e reliquias d'uma grande parte dos templos; o exaspero dos perseguidos; e a combinação da nobreza: prepararam a reacção nacional que os Hespanhoes, por escarneo, chamaram a *guerra dos mendigos*.

Por isso, Filippe II mandou para os Paizes-Baixos o duque d'Alba, que estabeleceu um conselho, chamado *Tribunal de sangue,* encarregado de julgar os individuos que se mostrassem ou tivessem mostrado, por qualquer fórma, affectos á Reforma (1568). Esse tribunal exerceu as maiores crueldades, de modo que, em pouco tempo, fez muitos milhares de victimas [1]. E, então, as sete provincias que formaram depois a republica da Hollanda, a saber: Hollanda, Zelandia, Utrecht, Gueldre, Over Yssel, Groningue e Drenthe, levantaram-se ferventes de raiva e de indignação, sob o commando de Guilherme I,

[1] Todo o paiz se viu, então, coberto de ruinas, de patibulos e de sangue. O commercio e industria, até ahi tão florescentes, ficaram exanimes; porém Filippe II dizia: *Mais vale ter sujeito um povo de mendigos que reinar sobre um povo de herejes.* Só no patibulo, morreram mais de dezoito mil pessoas, e, entre essas, as maiores notabilidades do paiz. Anvers foi entregue ao saque, durante tres dias, perdendo a vida mais de trezentas pessoas, e sendo incendiadas mais de quinhentas casas. — Jeronimo Brocardo, *Historia del Commercio, de la Industria y de la Economia Politica,* traducção hespanhola de Lorenzo Benito, pag. 337 e seguintes.

o *Taciturno,* principe d'Orange, a quem nomeavam stathouder [1]. E, depois das maiores provas de heroismo, como a defeza de Leyde, e o rompimento dos diques que defendiam o norte do paiz contra o Oceano, rompimento que deu logar á inundação de uma grande parte do mesmo paiz, os Hespanhoes foram expulsos, e a Hollanda proclamou a sua independencia, sob o nome de Republica das Sete Provincias Unidas (1579).

As provincias da Belgica, embora tambem luctassem parcialmente contra o jugo estrangeiro, não poderam expulsal-o, e ficaram por isso novamente na dependencia da Hespanha.

Guilherme d'Orange foi assassinado, em 1584; e os Estados Geraes confiaram logo a defeza da patria ao segundo filho d'elle, Mauricio de Nassau.

A guerra que, durante alguns annos, tinha proseguido com pequena actividade, foi de novo continuada pela Hespanha, e com tal fervor que a Hollanda julgou preciso invocar e recorrer ao auxilio de Isabel de Inglaterra. Esta rainha mandou, então, em soccorro d'ella um exercito, commandado pelo duque de Lencaster, que em vez de ajudar lealmente os Paizes-Baixos, tratava

---

[1] A origem do stathouder ou logar tenente vem de Filippe, herdeiro de Jaquelina, que, em 1440, governou o paiz por meio de stathouders; mas, com respeito a Guilherme, o *Taciturno,* esse titulo representava a nomeação do chefe superior da nação.

perfidamente de os sujeitar ao dominio inglez, e por isso os Hollandezes tiveram de expulsal-o.

Foi durante essa lucta (1588) que houve a derrota da *armada invencivel,* para cuja destruição a Hollanda contribuiu com vinte navios. A marinha hespanhola jámais se levantou d'esse desastre, que fundou tambem a supremacia da marinha hollandeza. E, para cumulo de infortunio, ainda a Hollanda e Inglaterra, unidas, destroçaram o resto da frota hespanhola, nas costas da peninsula, e tomaram Cadiz. As perdas da Hespanha foram tão consideraveis, que Filippe II achou-se impossibilitado de fornecer fundos aos seus generaes nos Paizes-Baixos, e elles tiveram de suspender as operações.

Foi, então, que elle fechou os portos da peninsula iberica aos Hollandezes: facto esse de que já tratámos largamente [1]. E a guerra continuou cada vez mais accesa entre os dois paizes, até que, depois de varias victorias da Hollanda, e, entre essas, a do almirante Heemskerk, entre Cadiz e Gibraltar, assignou-se, em 1609, já no reinado de Filippe III, um armisticio de doze annos, em que foi reconhecida provisoriamente a liberdade e independencia da Hollanda, com o direito d'ella poder commerciar nas Indias orientaes e occidentaes, da mesma fórma que a Inglaterra e a França.

Infelizmente, esses doze annos foram cheios

---

[1] Pag. 192 e 306.

de perseguições religiosas e de luctas civis. Formou-se dentro da propria Hollanda a seita dos Arminios e dos Mennonitas, que se combateram mutuamente. A seita calvinista, reagindo contra aquellas outras, acarretou novas desordens. E a ingratidão dos cidadãos e intrigas da casa d'Orange fizeram condemnar tres dos principaes homens do paiz e dos que mais illustraram a historia dos Paizes-Baixos. Um d'elles, Oldenbarneveld, o mestre de Mauricio de Nassau, foi condemnado á morte; e os outros dois, Hoogerberts e Hugo Grocio, a prisão perpetua, e todos tres á confiscação dos seus bens.

Por morte de Mauricio (1625), as provincias da Hollanda, Zelandia, Utrecht, Gueldre, Overyssel elegeram stathouder a Frederico Henrique, tambem filho de Guilherme d'Orange; e as provincias de Groningue e Drenthe elegeram Ernesto Casimiro, que já era stathouder de Friza. Mas a guerra com a Hespanha continuara, logo depois do armisticio, e cada vez mais vantajosa para a Hollanda, tanto na Europa como na America.

Por isso, os Hollandezes conquistaram parte do Brazil. Pieter-Hein aprezou tambem uma flotilha hespanhola, carregada de barras de ouro, no Peru [1]; e Frederico Henrique tomou a cidade de Maestricht e o Limburgo inteiro.

---

[1] Só o peso d'estas barras d'ouro foi avaliado em mais de doze milhões de florins.

Depois de varias batalhas, foi por fim assignada, em 1648, a *Paz Eterna,* em que Filippe IV reconheceu as Provincias Unidas, como potencia soberana e independente, e confirmou todas as conquistas que ellas tinham feito na Belgica e nas Indias, concedendo-lhes tambem o direito de commerciarem nos portos hespanhoes, nas condições mais favoraveis.

N'esses oitenta annos de lucta (1568 a 1648), os Paizes-Baixos tinham-se endividado enormemente; só a provincia da Hollanda, devia cento e vinte milhões de florins; um grande numero de cidades foi destruido; e outras provincias inteiras tinham sido saqueadas pelo inimigo ou varridas pelas inundações. Mas, apezar de tudo, os habitantes, pela sua ordem, economia, industria e commercio, tinham augmentado grandemente a sua riqueza; e os canaes e caminhos interiores, preparados e reparados com o maximo cuidado, assim como a belleza das cidades e o asseio das villas e aldeias davam a todo o paiz o aspecto geral de uma grande prosperidade.

Feita a paz, foi eleito stathouder de toda a Hollanda Guilherme II, que manifestou tendencias absolutistas, cerceando as garantias liberaes; mas, tendo fallecido, com poucos annos de governo, os Hollandezes voltaram novamente aos antigos principios liberaes, tomando medidas preventivas contra as tendencias usurpadoras da casa d'Orange. Para isso, deram auctoridade suprema aos Estados Geraes, e concederam a direcção dos

negocios a um *pensionario* (presidente do conselho de ministros).

Em 1652, Cromwel declarou guerra á Hollanda, por ella não ter querido reconhecer a supremacia do pavilhão inglez sobre o mar, superioridade que a Inglaterra impuzera a differentes nações.

Esta guerra, depois de combates navaes, em que se illustraram os almirantes hollandezes, Tromp, Ruyter, João Evertzoon, Witt e João van Galen, sobre os almirantes inglezes Blake, Deane e outros, terminou com a paz de 1654, em que se pactuou a alliança dos dois paizes.

O intervallo que decorreu até 1654, foi preenchido, no exterior, com acções gloriosas da marinha hollandeza sobre Portugal, Suecia, Estados Barbarescos, e, no interior, com a intriga do principe d'Orange, filho de Guilherme II, para obter o stathouderato.

Em 1664, Carlos II da Inglaterra, para punir a alliança dos Hollandezes com Cromwel, e instigado por Luiz XIV, que pretendia obter as provincias hespanholas da Belgica, pretensão a que a Hollanda se oppunha, declarou-lhes guerra [1].

A Hollanda nomeou então *pensionario* a Wit; e, depois de varias batalhas navaes, em que se illustrou o almirante Ruyter, foi assignada a paz de Breda, em 1667.

---

[1] Cromwel queixava-se tambem de que os Hollandezes protegiam o filho de Carlos I, e isso influiu na declaração da guerra.

Seguidamente, Wit fez adoptar um edíto perpetuo, pelo qual o stathouderato ficava para sempre abolido. E a Hollanda pôde fazer uma triplice alliança com a Suecia e Inglaterra, pela qual as tres nações se obrigavam a oppôr-se ás ambições da França, que pretendia a Belgica.

Luiz XIV conseguiu desfazer essa alliança; e, ligando-se em segredo com os bispos de Colonia e Munster e com o rei de Inglaterra, Carlos II, resolveu invadir e acabrunhar a Hollanda, primeiro que esta podesse prevenir-se. Mas, apezar d'isto, os Hollandezes prepararam-se energicamente para a guerra, e consentiram em nomear Guilherme d'Orange capitão e almirante geral.

Tendo, então, Luiz XIV invadido a Hollanda, esta rompeu novamente os diques; e, rebentando novamente as perturbações internas, uma revolução civil restabeleceu o principe d'Orange, Guilherme III, em todas as regalias que o stathouderato tinha antes do edíto perpetuo de Wit; e esse illustre cidadão, que, no seu governo de vinte annos, tanto adiantara a Hollanda, foi assassinado.

Continuando a guerra, as victorias navaes de Ruyter forçaram a Inglaterra a fazer a paz. Os bispos de Munster e Colonia sairam tambem da colligação. Ficou só em campo Luiz XIV contra a Hollanda; e, tendo esta, depois, obtido a alliança da Hespanha e da Austria, em 1678, fez-se a paz de Nimegue.

Em 1688, Guilherme III pôde obter o throno da Inglaterra, expulsando Jayme II, seu padrasto, e foi viver para Londres, d'onde ficou tambem a

governar a Hollanda. Mas, então, os interesses do commercio hollandez foram sacrificados aos de Inglaterra; e a união das duas potencias só produziu para a Hollanda encargos penosos, sem lhe dar as vantagens correspondentes. Accresceu ainda que Luiz XIV, por causa d'essa união, declarou guerra á Hollanda, em 1690.

Formou-se, então, uma alliança entre a Hollanda, Inglaterra, Hespanha e Austria, em que, depois, entraram successivamente o duque de Saboia e muitos principes do imperio allemão. Essa guerra acabou pela paz de Riswick (1697).

A subida de Filippe V ao throno hespanhol ateou outra guerra europeia — a *da successão,* em que tomaram parte a Inglaterra, Hollanda, Allemanha e Portugal contra a França e Hespanha. E, morrendo Guilherme III (1702), a Hollanda voltou á organisação que tinha, em 1650, a saber, á residencia da auctoridade suprema nos Estados Geraes, e da direcção dos negocios, n'um pensionario, dignidade esta de que o celebre Heincio tinha sido investido, sob o ultimo stathouderato.

Aquella guerra terminou pela paz de Utrecht, em 1713, confirmada pelo tratado de Rastdat, em 1714. Em virtude d'ella, o imperador da Austria tomou posse da Belgica; e, depois, um novo tratado, chamado da *Barreira,* concluido, em 1715, entre a Hollanda e a Austria, estipulou que as cidades de Namur, Tournai, Menin, Furnes, Warneton, Ypres e o forte de Kenocque receberiam guarnição hollandeza, para se oppôr,

assim, uma barreira entre a França e os Paizes-Baixos.

Além d'isto, um subsidio annual de cinco mil escudos que os Belgas ficaram obrigados a fornecer, devia indemnisar os Hollandezes das despezas d'essa guarnição.

Começaram, depois, as intrigas civis para o restabelecimento do stathouderato na pessoa de Guilherme, principe d'Orange, neto de Guilherme III.

A organisação politica hollandeza resentia-se do tempo das jurandas, mestrias e privilegios feudaes, em que fôra feita, e precisava de ser reformada; e isso augmentava os partidarios d'aquelle principe, que argumentavam com semelhante reforma. Em todo o caso, a Hollanda gosou, então, sob o governo dos pensionarios, de tranquillidade por espaço de trinta annos, que serviram para augmentar a riqueza nacional [1].

Em 1740, a morte do imperador da Allemanha, Carlos VI, deu logar á guerra da *pragmatica sancção*, pela qual as nações da Europa resolveram assegurar á filha d'esse imperador, Maria Thereza, a successão nos Estados de seu pae. A Hollanda, por instigação do partido orangista e contra o partido republicano, que desejava a paz, entrou n'essa guerra, a par da Austria e In-

---

[1] Foi n'este intervallo que se descobriu que os diques se arruinavam, porque um insecto roia as traves que os compunham, e que por isso elles foram reformados, só com pedra e cal.

glaterra, contra o eleitor da Baviera, que disputava aquella successão, apoiado pela França e pela Prussia. E, em vista d'isto, os Francezes, commandados pelo marechal de Saxe, invadiram os Paizes-Baixos (1744).

Os Orangistas aproveitaram o ensejo d'esta guerra, e Guilherme IV foi eleito stathouder, em 1747.

Por isso, a republica succumbiu de novo; e data d'esse restabelecimento do stathouderato a decadencia da Hollanda. Já ella tinha commettido o erro de conservar a provincia hollandeza de Flandres afastada da união, persistindo em governar essa provincia como paiz conquistado, por fórma que até prohibia aos catholicos os empregos civis. Guilherme IV seguiu o mesmo systema, aggravando, portanto, o mal que d'ahi resultava; e, demais a mais, como genro do rei de Inglaterra, sujeitou a Hollanda aos interesses inglezes.

Aquella guerra da *pragmatica sancção* terminou pela paz de Aix la Chapelle (1748); mas continuaram as dissensões intestinas, por causa das pretensões dos *Oranges,* cada vez mais usurpadoras.

Por morte de Guilherme IV, ficou um filho de tres annos. A mãe, nomeada governadora do Estado, confiou o commando do exercito ao duque allemão Luiz de Brunswick, seu parente; de modo que a republica se viu governada por uma dama ingleza e por um senhor feudal da Allemanha, e os interesses da Hollanda foram sacrifi-

cados, inteira e continuadamente, aos interesses da Inglaterra.

Rebentando novamente a guerra dos *sete annos* entre os Francezes, Inglezes e Hespanhoes, a Hollanda, que se quiz conservar neutral, apezar dos esforços da governante para a levar a apoiar a Inglaterra, soffreu os maiores vexames dos proprios Inglezes [1].

Por morte da governante, foi o joven principe d'Orange nomeado stathouder, e Brunswick nomeado feld-marechal do exercito terrestre. Mas a guerra continuou, e tambem a Hollanda continuou a soffrer os maiores vexames dos Inglezes.

A paz de Paris de 1763 terminou essa lucta, e os annos que se seguiram foram de paz e tranquillidade para o paiz até á independencia dos Estados-Unidos (1775). Mas, apezar d'isso, a decadencia politica da Hollanda não cessou.

Assim, tendo a França e a Hespanha reconhecido aquella independencia dos Estados-Unidos, a Inglaterra intimou os Hollandezes a não commerciarem com esse paiz; e, tendo os Hollandezes desprezado essa intimação, a Inglaterra tomou-lhes differentes navios. Ao mesmo tempo, os Hollandezes confiscaram tambem no Mediterraneo varios navios da Inglaterra, com o funda-

---

[1] Um dos maiores vexames era a visita de todos os navios hollandezes, para se vêr se levavam contrabando de guerra, e os abusos que por essa occasião eram commettidos pelos Inglezes.

mento de que levavam viveres aos Inglezes, bloqueados em Gibraltar.

As Provincias Unidas, por traição ou incapacidade do seu governo, tinham-se tornado o ludibrio de todas as potencias, até que, por fim, a Inglaterra, em 1781, lhes declarou nova guerra. Mas, depois de varios desastres, tendo os Inglezes reconhecido a republica dos Estados-Unidos, fizeram a paz com as outras potencias europeias hostis, e bem assim com a Hollanda.

Em tudo isso, porém, Guilherme v procedeu como um verdadeiro amigo dos Inglezes e um inimigo disfarçado do seu paiz; e d'ahi proveiu a desgraça d'este.

Depois d'aquella paz até a revolução franceza, a historia da Hollanda foi preenchida, principalmente, pela lucta dos republicanos contra os Orangistas, e pela intriga d'estes, não só na côrte ingleza, mas tambem na prussiana, cujo rei era cunhado de Guilherme v. Essas intrigas deram em resultado a invasão da Hollanda pelos Prussianos, em 1787, organisando-se o stathouderato em toda a plenitude do seu poder, e seguindo-se, depois, a conquista pela França, em 1785[1].

---

[1] Renon de France, *Histoire des Troubles des Pays-Bas*. — Janssens, *Histoire des Pays-Bas, jusqu'en 1815*. — Daniel Stern, *Histoire des commencements de la Republique aux Pays-Bas*. — Kerroux, *Histoire de Hollande et des Provinces-Unies*. — Arnold Scheffer, *Résumé de l'histoire de la Hollande*.

CAPITULO XII

Hollanda

Movimento economico da parte colonial

Desinvolvimento que a Hollanda trazia da edade media. — Com as descobertas ultramarinas dos Portuguezes e Hespanhoes, entrou ella, com toda a actividade, na exploração do commercio colonial, vindo munir-se dos respectivos productos a Portugal e Hespanha. — Como Filippe II quiz tolher esse commercio, fechando-lhe os portos da peninsula iberica. — Tentativas dos Hollandezes, para descobrirem um novo caminho maritimo para as Indias pelo norte da Europa. — Inutilidade d'essas tentativas. — Como Cornelius Hautmann lhes ensinou o caminho que os Portuguezes tinham sulcado. — Expedição do mesmo Cornelius Hautmann a Java, Madura e Bali. — Animação dos Hollandezes, depois d'isso, para continuarem n'outras expedições. — Formação de differentes sociedades, n'este sentido. — Necessidade de as fundir n'uma grande companhia, e creação da Companhia Hollandeza das Indias Orientaes. — Progresso e poderio d'esta companhia. — Attento esse progresso e poderio, tentativa dos Hollandezes, para constituirem um imperio oriental, com a capital em Java. — Fundação de Batavia. — Alargamento d'esse imperio e ampliação das operações da companhia por todo o Oriente. — Explorações e expedições commerciaes da Hollanda na Africa e America. — Formação da Companhia das Indias Occidentaes. — Tentativas d'essa companhia sobre o Brazil. — Fundação dos estabelecimentos hollandezes na America do Norte, nas Antilhas e nas Guyannas. — Como a Hollanda perdeu a maior parte d'esses estabelecimentos. —

Dissolução da Companhia das Indias Occidentaes e formação d'uma nova companhia. — Caracter da colonisação hollandeza.

Já vimos como a Hollanda se organisou no continente; vejamos agora como ella constituiu o seu poder ultramarino.

A iniciação colonial dos Hollandezes prende-se com a conquista de Portugal pelos Hespanhoes.

Com effeito, como consta do volume anterior, a Hollanda, já durante a edade media, fez um commercio importante na peninsula iberica. Este commercio continuou com a edade moderna; e, supposto os Hespanhoes, em guerra com as provincias rebeldes dos Paizes-Baixos, empregassem todos os esforços para aniquilar o seu movimento economico, por um lado, os Hollandezes poderam salvaguardar os seus interesses, ou pela força aberta, em consequencia do poder da sua marinha, ou pela astucia, pedindo emprestado um pavilhão estrangeiro.

Por outro lado, a Hespanha, sem relações com o nordeste da Europa, e carecendo necessariamente dos productos d'essa região, como, por exemplo, da madeira, ferro, couros, canhamo, cereaes, e até dos materiaes de guerra, servia-se para isso do auxilio dos seus inimigos, em cujas mãos estava, principalmente, o trafico d'esses productos. As ordens rigorosas dos governos de Madrid e Bruxellas nada podiam contra a ordem natural das coisas: tanto mais que, no tempo que o reino de Portugal se conservou independente da Hespanha, os negociantes da Hollanda foram

muito bem acolhidos pelos Portuguezes; e isso mais baldados tornava os esforços do rei hespanhol, para lhes fechar o commercio da peninsula.

Quando, porém, Filippe II tomou conta de Portugal, entendeu que não havia melhor modo de castigar os Hollandezes do que prival-os das mercadorias da India que as suas embarcações iam carregar a Lisboa; e, n'este sentido, em 1594, fez arrestar de improviso, nas aguas do Tejo, cincoenta navios hollandezes, e prohibiu, sob as penas mais severas, todas as relações com as provincias rebeldes dos Paizes-Baixos.

Os Hollandezes comprehenderam, então, que não tinham outro recurso, a não ser o de irem buscar os proprios productos á India. Para isso, começaram por tentar descobrir um caminho mais curto, pelo norte da Europa, atravessando o Mar Glacial; e d'ahi datam as tentativas de que já fallámos no segundo capitulo. Mas a empreza dos negociantes da Zelandia, associados aos de Amsterdam e Enkhuisen, quando, em 1594, equiparam tres navios, sob a direcção de Barentz e Heemskerk, afim de procurarem por aquella fórma um caminho para a China e Molucas, falhou completamente; e duas outras expedições que se seguiram, tiveram o mesmo resultado.

Como já expozemos [1], o acaso veiu então favorecer a Hollanda. Um seu patricio Cornelius Hautemann, que tinha navegado, muitas vezes,

[1] Vide pag. 192 e 306.

em navios portuguezes, achava-se preso em Lisboa, por causa de uma certa multa que lhe fôra imposta judicialmente; e propoz aos seus concidadãos o ensinar-lhes o caminho para a India, se elles lh'a pagassem. A offerta foi acceita. Uma sociedade de negociantes, sob o titulo *Sociedade dos Paizes Distantes* ou *Sociedade de Van Verne,* encarregou-se do livramento de Hautmann; e, em 1595, enviou-o á India com quatro navios, incumbindo-o de estudar essa região e o seu commercio e de entabolar com ella relações mercantis.

Hautmann, depois d'uma longa permanencia em Madagascar, abordou, em 1596, a Bantan na costa oriental de Java; visitou em seguida a sua capital Jacatra e a ilha da Madura e Bali. Mas, como teve de sustentar por toda a parte combates sanguinolentos com os indigenas, incitados pelos Portuguezes, voltou ao reino, chegando a Texel, em 1597, depois de ter perdido dois navios e quasi dois terços da sua equipagem [1].

Apezar dos perigos d'esta viagem, o resultado era de animar. Os Hollandezes reconheceram o caminho das Indias; e o dominio dos Portuguezes, visto de perto, perdia muito do seu prestigio. Mas, ainda assim, resolveram evital-os,

---

[1] Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I. — Hautmann trouxe comsigo negros, Chinezes, Malabares, um joven de Malaca, um japonez, e Abdal, piloto do Guzerate, cheio de talento, que conhecia perfeitamente as costas da India. — Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I, pag. 212.

quanto possivel, e fundar um estabelecimento, longe de Goa e das Indias.

A sociedade de Van Verne uniu-se para isso a outra sociedade, formada de negociantes de Amsterdam e Rotterdam; e uma segunda frota, de oito navios, fez-se á vela, em 1558, para as Indias Orientaes, sob o commando de Jacques Cornelius van Neck e de Heemskerk.

Os Hollandezes abordaram no caminho á ilha de França, a que deram o nome de ilha Mauricia, e aportaram felizmente a Bantan, cujo rei lhes permittiu a troca dos productos que levavam, por especies, de que elles carregaram quatro navios, que mandaram logo para a Europa. Dos navios restantes, dois visitaram Amboina e Ternate, e os outros dois, a ilha da Banda, fazendo todos elles uma grossa carregação. O almirante estabeleceu feitorias n'essas ilhas, fez tratados com alguns soberanos, e voltou á Europa, carregado de riqueza [1].

A Hollanda ficou enthusiasmada, e formou logo diversas outras sociedades; de modo que, em 1601, tinham já partido differentes expedições.

Java e as Molucas eram as regiões mais frequentadas; mas, pouco a pouco, os Hollandezes abordaram tambem a Sumatra e ás pequenas ilhas de Sonda, vendo-se animados em toda a

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I. — Thomas Raynal, *obr. cit.*, vol. I.

parte pelo odio reprezado contra os Portuguezes.

Qualquer, porém, que fosse o successo d'esse commercio hollandez, faltava-lhe a principio uma organisação regular e forte.

Com effeito, n'esse tempo, os particulares não podiam aventurar-se a emprezas semelhantes, pelos perigos que ellas offereciam e grandes despezas que acarretavam. E, demais a mais, as differentes sociedades ou companhias da Hollanda tratavam de se guerrear e supplantar mutuamente, sem que houvesse ordem ou regularidade nas suas tentativas, e sem um plano collectivo que favorecesse o commercio.

Acontecia muitas vezes que os portos das Indias Orientaes se enchiam ao mesmo tempo de navios hollandezes, produzindo uma alta consideravel no preço dos generos que se desejavam comprar, ou a baixa, não menos sensivel, nos productos offerecidos á venda; e, se outros navios chegavam depois d'esses, ou não encontravam mercadorias, que podessem comprar, ou eram obrigados a vender ao desbarato os productos que levavam.

Outras vezes, por falta de navios e commerciantes hollandezes, perdia-se uma occasião propicia para a venda dos productos coloniaes.

Por isso, o governo dos Paizes-Baixos resolveu remediar este mal, promovendo a fusão das differentes sociedades e companhias n'uma só, que recebesse extensos privilegios; e tal foi a origem da famosa *Companhia Hollandeza das In-*

dias Orientaes, que entrou a funccionar, em 20 de março de 1602. Só ella podia traficar com as Indias Orientaes. E esse trafico foi declarado negocio do Estado, e, sem prejuizo dos interesses particulares, collocado sob a fiscalisação e protecção do governo [1].

A organisação d'essa companhia, que serviu em muitos pontos de norma ás que se formaram posteriormente nos outros estados da Europa, foi a seguinte:

Era constituida por sessenta administradores, eleitos pelos accionistas e distribuidos por seis collegios ou camaras, que tinham a sua séde em Amsterdam, Mildelburgo, Delft, Rotterdam, Horn e Enkhuisen. Cada uma d'essas camaras tratava os negocios respectivos á sua circumscripção; mas os negocios communs eram tratados em Amsterdam, e decididos pela maioria de votos de todas as camaras, sendo, depois, executados por uma commissão de dezesete membros. No caso de haver qualquer desaccordo entre as camaras, ou d'estas com o poder central, o Estado podia intervir, e tinha sempre direito de fiscalisar os actos da Companhia, inclusivamente os seus orçamentos. Qualquer cidadão da republica podia fazer parte d'ella e re-

[1] Thomas Raynal, *obr. cit.*, vol. I. — Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I. pag. 215. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Jeronimo Brocardo, *obr. cit.* — Gustave Noel, *Histoire du Commerce du Monde*, vol. II.

tirar-se depois das contas geraes, que tinham logar, de dez em dez annos.

Na primeira carta, a Companhia só obteve o seu privilegio por vinte annos. Houve depois reluctancia em conceder a prorogação; porque, além das avarias e erros de administração de que era accusada, o monopolio feria o sentimento republicano, e o amor da liberdade acceitava com repugnancia as restricções d'essa ordem. Mas a apreciação dos serviços que a Companhia tinha prestado n'aquelles vinte annos, e a imminencia de nova guerra com a Hespanha fizeram que a carta fosse renovada por outro egual espaço, apezar da opposição de pessoas de grande auctoridade, como João Wit. Depois d'isso, a posse e o habito constituiram uma especie de direito, e as renovações encontraram pequenas difficuldades. Simplesmente, foram limitadas a periodos mais pequenos; já porque o Estado queria ter a Companhia na sua dependencia, e já porque ella tinha de pagar muito dinheiro por cada renovação.

A instituição d'esta sociedade fez crescer rapidamente a expansão commercial dos Hollandezes no Oriente, e por isso trataram elles de procurar um centro que servisse ao mesmo tempo de ponto de apoio contra os Hespanhoes e Portuguezes.

Ora, entre os productos das Indias, então, mais procurados na Europa, figuravam as especies; e, embora estivessem repartidas por todo o Oriente, em nenhuma parte eram tão abun-

dantes e tão variadas como nas Molucas. Estas ilhas tinham sido descobertas pelos Portuguezes, mas Goa estava longe, e, assim, a posse d'ellas não seria muito disputada. A Companhia resolveu, portanto, começar pela sua occupação. N'este sentido, logo, em 1602, enviou uma frota de quatorze navios, sob o commando de Varwyk, que os Hollandezes consideram como o fundador do seu imperio colonial; e, no anno seguinte, uma outra, commandada por Van der Hagen. E estas expedições e outras que se seguiram até 1638, conseguiram, depois dos mais rudes combates, a expulsão dos Portuguezes, o estabelecimento dos Hollandezes, e o monopolio do commercio das especies, em favor d'estes, com exclusão dos outros povos.

Ao mesmo tempo, a Companhia tratava tambem de estreitar relações commerciaes no Indostão, supposto se tivesse abstido, nos primeiros tempos, de atacar ahi a dominação portugueza.

Assim, em 1606, estabeleceu em Negapatan, nas costas do Coromandel, perto do Tranquebar, uma feitoria, que se tornou um dos principaes entrepostos para o commercio das teias de linho; e uma outra em Atschim, no ponto nordeste da Sumatra. Em 1608, contractou com o principe Singino, da costa do Malabar, uma alliança, que lhe grangeou, nos Estados d'esse principe, inteira liberdade commercial, com exclusão dos Portuguezes. Em 1609, penetrou tambem na ilha de Borneo. E, em 1612, abordou a Ceylão, cujo soberano a cobriu de favores.

Animados com estes successos, os Hollandezes resolveram, então, fundar um imperio colonial. E, porque as Molucas ficavam mais distantes, e, por outro lado, elles desejavam afastar-se da India, onde era permanente a ameaça ou reacção dos principes indigenas, onde as revoluções eram continuadas, e onde o Gran Mogol era, então, muito poderoso, para que se podesse pensar em fazer conquistas continentaes, lançaram a vista para as ilhas de Sonda, decidindo-se pela de Java, que estava situada perto do estreito de Sonda, que era rica de producções de toda a especie, mais bem cultivada que as outras ilhas, e que por isso reunia optimas condições.

E, de facto, depois de uma lucta desesperada com os Inglezes, ahi fundaram, em 1618, sobre as ruinas da antiga Jacatra, a cidade de Batavia, que tinha um porto abrigado de todos os ventos, que elles dotaram de uma bolsa, bancos e muitas outras instituições uteis, importadas da metropole, e que, além d'isso, tornando-se n'um ponto estrategico, teve para o imperio dos Hollandezes no Oriente os mais felizes resultados.

Depois d'isto, o dominio da Hollanda cresceu rapidamente, chegando o seu apogeo, no fim de seculo XVII. Appareciam já como concorrentes os Francezes e Inglezes; mas, tiveram de contentar-se com o segundo e terceiro logar; e, só no seculo XVIII, é que tomaram o predominio do commercio nas Indias Orientaes, como veremos.

O interior de Java foi todo conquistado, depois

da fundação de Batavia, e seguiram-se as outras ilhas de Sonda, parte de Timor, as ilhas Celebes, Borneo e Sumatra. Em 1641, foi occupada Malaca; em 1651, foi tomado o Cabo aos Portuguezes, que se tornou para os Hollandezes um refugio importante, e como que a chave das Indias. Em 1658, a ilha de Ceylão foi quasi toda reduzida á obediencia, devido a que os naturaes só viam nos Hollandezes os inimigos dos Portuguezes, que elles detestavam, e por isso foram os primeiros a auxilial-os [1]. Em 1663, os estabelecimentos que os Hollandezes já tinham nas costas do Malabar e Coromandel, foram augmentados com Culan, Cranganor e Cochim; e, mais tarde, foram fundados outros, em Bengala e sobre o Ganges.

Pela paz de 1669, que reduziu os estabelecimentos portuguezes a Goa, Damão, Diu e Macau com algumas praças nas costas dos Mahrattas, entregando as outras á Hollanda, muito mais cresceu a preponderancia da Companhia, mesmo no Indostão.

Mas, n'essa parte, o Grão Mogol não só lhe foi arrancando pouco a pouco os territorios que ella adquirira dos Portuguezes, como lhe reduziu os favores que tinha obtido dos pequenos principes. Por isso, o poder dos Hollandezes ficou sempre mais limitado ahi; e apenas poderam conservar, na costa do Malabar, as praças já re-

---

[1] Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I, pag. 269.

feridas, e, na costa do Coromandel, os estabelecimentos de Paliacate, Negapatan, Sadraspatam, Bymilipatam e Sacan, o primeiro dos quaes constituia o deposito central [1].

A Companhia estendeu egualmente as suas operações até Sião, China e Japão.

Emquanto a Sião o commercio dos Hollandezes foi, a principio, consideravel. Tendo, porém, um despota que governava esse paiz, faltado ás obrigações contraídas para com a Companhia, esta castigou-o, abandonando as feitorias que tinha no seu territorio. É que os Hollandezes tinham-se possuido de tal soberba, que reputavam a sua presença como um favor, segurança e honra d'aquelle principe; e de tal modo haviam estabelecido esta preoccupação que, para voltarem para lá, foi necessario que elle enviasse á Companhia uma embaixada pomposa, pedindo perdão do passado, e dando garantias para o futuro.

Mas esta deferencia e submissão tiveram seu termo; e, pela concorrencia das outras potencias europeias, o commercio da Hollanda foi sempre declinando, por fórma que ella apenas conservou um privilegio, — o de subir com os seus navios pelo Menan até á capital do imperio, onde lhe foi permittido ter um agente permanente, emquanto que os outros povos não podiam passar da embocadura d'aquelle rio.

---

[1] Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I, pag. 281.

Em todo o caso, os Hollandezes enviavam apenas por anno um navio, carregado de assucar, especies, lenços e cavallos de Java, e traziam de Sião estanho, gomma lacca, marfim, pó d'ouro e pau de sapão, que vinha a ser o principal artigo d'esse commercio, e, por assim dizer, aquelle que o sustentava.

Com respeito á China, desde 1601, que os Hollandezes tentaram abrir as portas d'esse imperio; mas o ouro e as intrigas dos Portuguezes tinham conseguido fechar-lhes a entrada.

Quizeram os Hollandezes vêr se conseguiam pela força o que não tinham podido obter pela supplica e pela astucia, e resolveram por isso interceptar os navios chinezes. Esse expediente, porém, nada aproveitou, porque a esquadra portugueza saíu de Macau, e afugentou os navios da Companhia.

Poucos annos depois, os Hollandezes sitiaram Macau, mas, tambem d'essa vez, nada conseguiram; e, sendo obrigados a levantar o cêrco, foram estabelecer uma colonia nas ilhas dos Pescadores, que tambem não pôde subsistir [1]. Conseguiram, ainda assim, estabelecer-se, em 1634, na ilha Formosa, a noventa milhas de Cantão. A nova colonia foi-se fortalecendo insensivelmente e sem ruido; e elevou-se de repente a um grau de prosperidade que assombrou toda a Asia, quando a conquista da China pelos Mandchus

[1] Raynal, *obr. cit.*, vol. I.

fez refluir sobre essa ilha mais de cem mil chinezes, que se entregaram com cuidado á cultura do arroz e do assucar, attraíndo innumeraveis navios da sua nação. Por isso mesmo, esta ilha tornou-se um grande centro de relações commerciaes entre Java, Sião, Filippinas, China e Japão [1].

Em 1662, porém, acabou semelhante prosperidade, porque os Chinezes expulsaram os Hollandezes, que, inutilmente, se esforçaram em retomar essa ilha. E, desde então, estes viram-se obrigados a soffrer a sorte das outras nações e a supportar com ellas as duras condições do trafico limitado a Cantão.

Em compensação, os negociantes chinezes iam em grande quantidade a Batavia.

Relativamente ao Japão, em 1610, os Hollandezes conseguiram do imperador inteira liberdade e a permissão de lá estabelecerem feitorias commerciaes. Mas houve, depois, um grande reviramento; porque, se os Hollandezes não foram excluidos como os Portuguezes, tiveram de soffrer as condições humilhantes que lhes impoz a desconfiança dos Japonezes, a ponto que, em 1641, foram confinados na pequena ilha de Desima, perto de Nagasaki, e vigiados como prisioneiros [2].

---

[1] Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I, pag. 222.

[2] Raynal, *obr. cit.*, vol. I. — Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

Comtudo, nem por isso deixaram de continuar um commercio que lhes dava grandes beneficios, e ficaram até os ultimos tempos a unica nação europeia admittida no Japão.

Os productos que os Hollandezes levavam para o Japão eram pannos da Europa, sedas, teias de linho tingidas, pau tintorial, especies e sobretudo, muita pimenta e cravo. Em troca, traziam, principalmente, o ouro.

*

* *

A direcção suprema, e, portanto, a superintendencia geral da Companhia residia, como vimos, na metropole, e por ella era nomeado o administrador geral que residia em Batavia, centro do commercio e ponto de partida para a navegação com as outras regiões da Asia e communicações com a Europa. E d'esse governador geral dependiam os governadores particulares de Ceylão, Amboina, Banda, Ternate, Macassar, Malaca, costa de Coromandel e da cidade do Cabo.

O orçamento da Companhia era maior que o dos proprios Estados Geraes. As suas receitas consistiam sobretudo nos proveitos do commercio, nos productos de varias rendas e varios impostos, nas vendas de terrenos e nas prêsas.

Os artigos que constituiam, principalmente, a riqueza da Companhia, eram, como em parte já mostrámos, as especies, que os Hollandezes tiravam das Molucas, a cera, conchas, pau de

sandalo e sapão, sagu e arroz, de Timor e Celebes, ebano, canna fistula, gengibre, camphora, estanho, pó d'ouro e pedras preciosas, especialmente diamantes, de Borneo e Sumatra, o assucar, arroz, enxofre, anil, arack, rhum, marfim, betel, perolas e sobretudo canella de Ceylão; e, mais tarde o café e tabaco de Java.

Em Ceylão, a Companhia não gosava do monopolio, como nas Molucas; porém mais de dois terços do trafico, tão lucrativo, da canella estava nas suas mãos, e explorava tambem a pesca das perolas. Bengala e a costa de Coromandel forneciam salitre, opio, substancias tinturiaes, seda, algodão e, sobretudo, tecidos d'esta materia. E as feitorias da costa do Malabar tomavam algumas vezes parte na exportação da pimenta, canella, aço, madeira e outros productos do paiz.

*

*   *

Emquanto á agricultura, os Hollandezes animaram a cultura do sagu, arroz e tabaco; mas, já com respeito ás especies, usaram de um procedimento que se cita, e com razão, como um dos exemplos mais frizantes do estreito espirito commercial d'esta epoca.

Assim, porque o trafico das especies constituia um dos seus maiores cuidados, e tanto que, segundo vimos, determinou a conquista das Molucas, os Hollandezes, para assegurarem o seu monopolio, fizeram guerra á natureza, de modo

que só deixavam subsistir os seus dons, onde contavam tirar d'elles um lucro exclusivo. Restringiram, por isso, a cultura do moscadeiro á ilha de Banda, e a do cravo á ilha de Amboina, destruindo essas plantas em todas as outras ilhas, e prohibindo n'ellas a plantação de novos pés, apezar do cravo ser tambem aproveitado para azeite.

*

* *

A industria das colonias era nulla, em consequencia do egoismo do systema colonial de que já fallamos. Mas, em compensação, o commercio da Companhia era enorme; porque se tornou, como os antigos Phenicios e Arabes, a intermediaria principal de todas as trocas; e porque a procura dos productos das Indias augmentava espantosamente, não só na Europa, como na China, Japão, Arabia, Persia, norte da Asia, etc.

Os Hollandezes foram tambem os primeiros recoveiros dos perfumes da Arabia; e mesmo do café de Moka, até que introduziram a sua plantação em Java.

No golfo Persico, onde Ormuz se havia eclipsado, tinham elles estabelecido a feitoria de Gonrun ou Bender Abassi. Tinham tambem conseguido entabolar relações commerciaes com a China e Japão, como vimos. E tudo isso, a par dos outros elementos economicos da Hollanda, de que fallaremos, fez augmentar prodigiosamente o trafico da Companhia.

*
* *

Fiscalisada nos primeiros tempos rigorosamente pelo Estado e identificada com os interesses nacionaes, esta instituição tornou-se o poder preponderante da Hollanda e a principal alavanca da sua riqueza e progresso. Mas a simplicidade de costumes e a seriedade dos primeiros administradores e mais empregados da Companhia depressa desappareceram; e debalde, no regulamento de 1658, lhes foi prohibido negociarem por conta propria. O luxo, a fraude, a concussão e exploração desenfreada dominaram por toda a parte; o numero de empregados augmentou enormemente; e a administração da metropole começou a resentir-se de eguaes defeitos.

Por outro lado, uma disposição absurda obrigava todos os navios a ir a Batavia, para serem visitados, apenas com excepção dos que deviam dirigir-se a Ceylão, Bengala e China [1]; e, na sua vinda para a metropole, eram obrigados a fazer um desvio consideravel pelo norte da Escossia, em vez de passarem no canal da Mancha. Além d'isso, as guerras e luctas successivas que a avareza e ambição commercial da Companhia provocou, trouxeram grandes despezas. E, ao

[1] Malo de Luque, *obr. cit.*, vol. I, pag. 324. — Leroy-Beaulieu, *La Colonisation chez les Peuples Modernes.*

passo que tantas causas convergiam para a ruina d'ella, o proprio monopolio das especies lhe fugia das mãos, pela concorrencia dos outros povos.

Assim, os Inglezes, em 1774, descobriram arvores de especies na costa da Guiné; já em 1771, os Francezes tinham estabelecido nas ilhas do Oceano Indico o cravo e a noz moscada; e, por sua vez, as outras nações tomaram tambem parte n'estas culturas vantajosas. A Companhia não resistiu a tantos golpes, e por isso, em 1795, resolveu conservar para si unicamente o monopolio do commercio da China e Japão, tornando livre o commercio das Indias Orientaes.

Esta Companhia, que chegara a dar aos seus accionistas dividendos de 22 % e até excepcionalmente de 62 ½ % [1], tinha, n'essa data, um passivo superior ao activo. O Estado ficou, então, de posse dos seus dominios, e tomou sobre a si a liquidação das respectivas dividas.

Certamente que, ainda assim, a Companhia muito aproveitou á riqueza da Hollanda, mas muito pouco á civilisação do Oriente. Vexou os indigenas, e creou o odio dos outros povos. E outra seria a sua obra se, em vez de limitar a sua acção a tres ou quatro culturas especiaes, e ao seu commercio egoista, houvesse desinvolvido,

---

[1] O snr. A. Moraes Carvalho, no seu livro *Companhias de Colonisação*, falla em 60 %; mas vê-se da relação d'esses dividendos apresentada por Malo de Luque, vol. I, *obr. cit.*, que chegaram a attingir 62 ½ %.

como actualmente acontece, tambem a cultura de outros generos, por exemplo: do assucar, arroz e anil, bem como a creação do gado.

Ainda um dos seus governadores, e o mais habil de todos os que a administraram no seculo XVIII, Mossel tentou essa transformação, mas não foi acceita pelos seus patricios.

Tambem elle quiz estabelecer uma colonia agricola no Cabo, mas a sua tentativa não prosperou pela lucta de Hottentotes, que os Hollandezes aproveitavam como colonos, e que tratavam muito rudemente [1].

*

* *

O imperio commercial dos Hollandezes não podia deixar de abraçar tambem o occidente; e tanto mais que a Hespanha, sua inimiga irreconciliavel, podia ser combatida na America, da mesma fórma que na India.

Já no tempo de Carlos V, alguns navios hollandezes tinham tentado viagem nos paizes novamente descobertos e importado para Anvers diversos productos do solo americano, taes como o pau tinturial, cacau, baunilha. Depois da separação das provincias do norte, Amsterdam tornou-se o ponto de partida das expedições transatlan-

---

[1] Leroy-Beaulieu, *La Colonisation chez les Peuples Modernes.*

ticas, que se succederam em numero crescente, e que foram cada vez mais regulares. E combinavam-se de ordinario estas expedições com as das costas occidentaes da Africa, onde se carregava muito ouro e muitos escravos.

Assim, já em 1598, um navio hollandez trouxe grande abundancia d'ouro, e, ao mesmo tempo, um negociante de Amsterdam ousou tomar posse da ilha portugueza do Principe. Depois, em 1612, os Hollandezes puzeram pé na Costa do Ouro, e ahi edificaram o forte de Nassau, d'onde exportavam por contrabando escravos para a America.

Mas tudo isto era isolado e incerto, quando Guilherme Uslink, expulso de Bravante, pela intolerancia religiosa, procurara um asylo em Amsterdam. Tinha estado em Hespanha, conhecia por isso o commercio da America, e, novo Hautmann, propoz aos Estados Geraes um projecto sobre a exploração d'esse commercio.

Este projecto não foi acceito, pela opposição que lhe fez Barnevelt, para não quebrar o armisticio feito com a Hespanha; mas, depois da morte de Barnevelt, creou-se, de harmonia com as ideias de Uslink, a *Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes,* com o privilegio do commercio e navegação na costa occidental da Africa até o Cabo da Boa Esperança, nas duas costas da America, e em todas as ilhas do Oceano Pacifico até as Molucas, onde começava o territorio da Companhia das Indias Orientaes.

Esta Companhia das Indias Occidentaes com-

*

punha-se das cinco camaras de Amsterdam, Zelandia, Mosa, Hollanda septentrional, e provincias de Friza e Groningue. A sua carta, outorgada por vinte e quatro annos, era concebida pouco mais ou menos como a da outra companhia; e foi-lhe concedida isenção de direitos de importação e exportação por oito annos [1].

Em todo o caso, se as cartas das duas companhias eram quasi eguaes, as circumstancias eram muito diversas, e, por isso, não tardaram ellas a differir nos meios e no resultado.

A America era uma região vasta e inculta, cujos indigenas estavam n'um infimo grau de civilisação, e onde os metaes preciosos constituiram por muito tempo o unico objecto de exportação.

Não podia, portanto, a Hollanda apoiar as suas pretensões no auxilio dos indigenas; e, além d'isso, havia o concurso dos Hespanhoes e Portuguezes, que tinham o dominio e monopolio d'essa região.

Por este motivo, a Companhia começou por organisar corsarios, habilitados com navios finos e velleiros, que davam caça aos navios hespanhoes e portuguezes, carregados de metaes preciosos, e muito mais pesados e vagarosos.

Mas as presas não bastavam, para preencher a missão da Companhia. Era preciso conseguir territorios, e não se podiam conseguir senão pela conquista, desde que a bulla de Alexandre VI di-

[1] Pinheiro Chagas, *obr. cit.*, vol. V, pag. 218.

vidira a propriedade do novo mundo entre Portugal e Hespanha.

N'este sentido foi o Brazil que attraiu toda a attenção dos Hollandezes, e datam d'ahi as suas tentativas para o conquistar, de que fallámos longamente no segundo capitulo, e que terminaram, em 1658, pela expulsão completa d'elles, e pelo abandono total d'aquella região.

Para o momento, não foi grande a perda; mas começaram d'ahi a pouco a apparecer as minas brazileiras, que quasi eclipsaram as do Mexico, e a plantação do assucar e café, a prosperar, de modo que essa nova colonia se tornou a rival mais temivel de Java.

*

* *

A Hollanda tinha tambem, no principio do seculo XVII (1609), fundado alguns estabelecimentos commerciaes na America do Norte, no territorio do actual estado de New-York, perto dos rios de Hudson, Coneticut e Delawre, com o fim de facilitar a pesca do bacalhau na Terra Nova e o commercio de pelliças com as tribus indianas. Designavam-se esses estabelecimentos, collectivamente, sob a denominação de *Novos Paizes-Baixos;* e a sua capital chamava-se Nova Amsterdam, (hoje New-York).

A Companhia pôde luctar contra os Suecos, que vieram tambem alli tentar a colonisação, e occupavam, desde 1638, um paiz extenso, e

conseguiu expulsal-os, em 1655; mas succumbiu sob a potencia ingleza, auxiliada pelo ardor das colonias da Nova Inglaterra. E, embora a republica interviesse e fizesse á sua rival uma guerra gloriosa, illustrada pelas expedições de Ruyter e Tromp, a paz de Breda, em 1667, tirou-lhe para sempre a posse das colonias de Hudson, e serviu de ultimo degrau á supremacia da Inglaterra, na America do Norte [1].

Assim, as bases sobre as quaes a Hollanda poderia fundar na America um imperio colonial, semelhante ao de Hespanha e Portugal, estavam perdidas.

*

* *

Em compensação, os Hollandezes, pelo seu systema de pirataria, tinham-se apoderado, em 1634, das ilhas de Curaçao, Bonaire, Aves e Aruba; e, quarenta annos mais tarde, tomaram egualmente posse das pequenas ilhas de Santo Eustaquio, Saba e S. Martinho. E, apezar da pequenez d'estas ilhas e infertilidade de algumas d'ellas, foram, por fim, o recurso mais fecundo e quasi unico do commercio hollandez; não só porque a Hollanda fez d'ellas o centro das suas carregações americanas, e de fórma que, por exemplo, Wil-

---

[1] Jeronimo Brocardo, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Reynal, *obr. cit.*

lemstadt, na ilha de Curaçao, era o deposito mais consideravel de mercadorias americanas de todo o mundo; mas tambem porque os Hollandezes d'ahi contrabandeavam, e d'ellas fizeram ninho de corsarios contra a Hespanha [1].

Só nos ultimos dez annos d'este periodo, é que, pela revolução dos Estados Unidos, mudou esse grande desinvolvimento commercial das Antilhas hollandezas.

*

* *

Tambem os Hollandezes, no principio do seculo XVII, estabeleceram as colonias das Guyanas, onde fundaram quatro estabelecimentos designados pelo nome dos rios que os regavam: Surinan, Essequibo, Demerara e Berbice.

Surinan, o mais consideravel, tinha sido, occupado pelos Inglezes e Francezes, attraidos pela fecundidade do solo; mas os Hollandezes o conquistaram e obtiveram a cessão formal na paz de Breda. Os Estados Geraes abandonaram essa

---

[1] Só desde 1623 a 1636, a Companhia das Indias Occidentaes lançou ao mar oitocentos navios, com os quaes apprehendeu ao inimigo quinhentas e quarenta e cinco embarcações. As despezas do armamento ascenderam a 45.000:000 florins, e o valor das prezas a 90.000:000. Os dividendos da Companhia excederam vinte e cinco e até trinta por cento, e, alguns annos, a cem por cento. — Jeronimo Brocardo, *obr. cit.*

colonia á Companhia das Indias Occidentaes, com a condição de que o seu commercio seria livre para todos os cidadãos da republica. Impotente e insoluvel, porém, a Companhia viu-se forçada a vender dois terços da mesma colonia á cidade d'Amsterdam e á casa de commercio de Somelsdyk, o que trouxe a formação de uma nova companhia, com o nome de *Companhia de Surinan.*

Os principios d'esta outra companhia foram difficeis, porque a dureza d'um governo aristocratico trouxe ensanguentadas revoltas. Mas, seguindo-se a suppressão dos abusos, desde o seculo XVIII, a colonia prosperou com rapidez: tanto mais que muitos huguenotes francezes e muitos judeus de varios paizes, fugindo ás perseguições religiosas, lá se foram estabelecer, sob a lei da mais completa tolerancia.

O paiz foi saneado, por meio dos diques dos rios e do enxugamento dos pantanos. Fundou-se Paramaribo, perto da embocadura do Surinan, para servir de capital. E levantaram-se as fortalezas de Fort-Amsterdam e outras, para defeza dos ataques internos dos negros *marrons* ou escravos fugitivos, que se tinham refugiado nas florestas, e dos ataques externos dos Francezes.

As principaes culturas do Surinan eram o café e assucar, e, depois d'essas, o algodão, tabaco, anil e cacau. E o valor das exportações, que iam, sobretudo, para Amsterdam, elevava-se, cada anno, a oito milhões de florins, além d'aquellas que o contrabando levava ás colonias inglezas da America do Norte.

Emquanto a Essequibo, as luctas com os Francezes e Inglezes prejudicaram o seu desinvolvimento até á paz de Breda, em que a dominação hollandeza foi reconhecida. Alguns plantadores d'Essequibo transportaram-se, então, para Demerara, onde, em 1740, nasceu uma nova colonia d'este nome. Numerosos rios ahi secundavam admiravelmente o commercio e navegação, e tudo isso permittiu estabelecer plantações mais para o interior, em condições de salubridade mais favoraveis.

O estabelecimento de Berbice tinha todos os meios de rivalisar com Surinan, se não fosse paralisado por uma administração tão incapaz como anarchica.

Fundado, em 1626, por um negociante de Flessingue, foi desprezado, até que a companhia caíu, por embaraços financeiros, e pelos ataques que a colonia soffreu dos inimigos externos.

Ao mesmo tempo, em 1763, levantaram-se os negros da colonia. A sua revolta foi domada, e os chefes punidos com os mais atrozes supplicios. Mas o grande numero de negros n'essa colonia e em Surinan dava logar a temores contínuos, e forçava as Provincias Unidas a ter já exercitos permanentes, o que tambem prejudicava o seu desinvolvimento [1].

---

[1] A. Schaeffer, *obr. cit.*, pag. 217.

*
* *

A Companhia das Indias Occidentaes dissolveu-se, em 1674. No anno seguinte, os Estados Geraes auctorisaram uma *Nova Companhia das Indias Occidentaes,* que durou até 1790; e herdou todas as possessões da companhia anterior. Mas esta dispunha tambem de muito fracos meios, para luctar com a concorrencia dos Inglezes e Francezes; faltavam-lhe forças militares, para defender e proteger o seu commercio; e, demais a mais, a especulação da metropole continuou a preferir as Indias Orientaes.

Por isso, tambem esta Companhia não deu resultado; e o governo tomou, então, o bom expediente de conceder a todos os cidadãos hollandezes, sob certas condições, o livre commercio com a Africa e America.

*
* *

O caracter que assignalou a colonisação hollandeza foi a ausencia completa do espirito de propaganda religiosa, de gloria militar ou de influencia politica. O seu pensamento foi unicamente o da exploração mercantil; e, n'este sentido, o seu fim era prevenir a concorrencia dos outros povos, ou pela força ou pela astucia.

De harmonia com esse caracter, a principio, os Hollandezes tratavam de vender mais barato

que os outros povos e de comprar mais caro, afim de attraírem todo o commercio; não levantavam fortalezas; não se intromettiam na politica interna das nações asiaticas. E, mesmo a respeito de feitorias, sempre que podiam, prescindiam d'ellas, limitando-se a commerciar na mão com os indigenas.

Mas, desde que tentaram estabelecer em seu favor o monopolio das especies, que elles chamavam *as minas d'ouro da Companhia,* mudaram de proposito; porque, além da guerra que fizeram á natureza, restringindo a cultura, quizeram afastar os outros povos do commercio directo d'esse genero e afugentar os contrabandistas. E isso obrigou a Companhia a muitas despezas e crueldades, e a muitas guerras e revoltas.

Foi, assim, que ella teve de construir fortes em Timor e Celebes; que, em Banda, destruiu quasi toda a população indigena, e reduziu Palaroon a um deserto; que, em Amboina, massacrou grande numero de Inglezes e Japonezes, depois de os ter sujeitado á tortura; e que, em 1740, fez, em Java, outro massacre espantoso de Chinezes.

Exigiu do rei de Ternate que elle extirpasse o cravo dos seus Estados, salvo Amboina, e essa exigencia deu logar a uma lucta armada. Teve tambem de fazer a guerra, para conservar o commercio das especies em Sumatra. E as perturbações eram contínuas em Ceylão e em Java; porque a Companhia não queria fazer um preço equitativo aos indigenas.

Na America, os Hollandezes tiveram o mesmo espirito estreito de simples mercadores, e o mesmo systema de violencias, a par da rapina, sem um pensamento levantado d'amor da patria ou da civilisação. Apenas Mauricio de Nassau abriu um parenthesis no egoismo hollandez, tratando, embora com o pensamento da conquista, de desinvolver nas regiões tomadas a agricultura e as artes pacificas do trabalho.

Mas, de resto, na Asia, na Africa ou na America, essa nação que, na metropole, era tão pequena de territorio e tão grande nas manifestações liberaes, tão excelsa no amor da patria, tão cuidada na civilisação material e moral do seu paiz, foi, como colonisadora, n'este periodo, o typo da avareza, do egoismo e crueldade, onde apenas reluzia, como explendor da grandeza patria, o heroismo dos seus soldados e o arrojo e coragem dos marinheiros.

CAPITULO XIII

Hollanda

Movimento economico da metropole

Continuação da lucta dos Hollandezes contra os accidentes do solo, dos rios e do mar. — Falta de minerio, madeira e cereaes. — Grande desinvolvimento industrial, sobretudo, na agricultura, nas industrias textis, na pesca, marinha e navegação. — Egual desinvolvimento no commercio. — Abundancia de numerario. — Centros commerciaes. — Relações com os outros povos. — Principaes productos sobre que recaíram essas relações. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

Tendo examinado o movimento economico das colonias, vejamos agora o movimento da metropole.

Continuou n'este periodo a mesma lucta dos Hollandezes contra o mar e contra os rios, e até contra os proprios elementos, de que fallámos no terceiro volume, lucta essa que retemperava a sua energia e acrisolava a sua firmeza e patriotismo. E, entre as calamidades que os assolaram, convem lembrar as tempestades de 1570, 1665, 1717 e 1774, que afogaram milhares de pessoas, quebraram os diques, demoliram as al-

deias, e causaram á industria e commercio perdas incalculaveis.

N'uma d'essas tempestades, ficou submergida e afogada a cidade de Rommerswaal, com as aldeias visinhas. N'uma outra, afogaram-se os polders de Saaftinghen. E, n'uma outra, viram-se desapparecer as terras da ilha mais occidental da Zelandia, com as duas grandes aldeias que ahi se encontravam, conhecidas pelos nomes de Zutland ou do *Paiz do Sal*[1].

*

* *

A Hollanda continuou, como na edade media, a produzir muitos cereaes, linho e canhamo. Abundavam da mesma fórma os productos da pesca, e era enorme a creação do gado; mas, ainda assim, os artigos coloniaes de que já fallámos, é que faziam o grosso do seu movimento commercial. Continuaram escasseando a madeira e o carvão.

A agricultura occupou o mesmo logar proeminente que já vinha da edade media; e, em consequencia d'isso, havia grande creação de gado, grande preparação de queijo e manteiga, e uma forte industria de curtimenta.

As flores foram tambem objecto de grande

---

[1] Eliseu Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. IV, *L'Europe de Nord-Ouest, Hollande*. — M. L. Lanier, *L'Europe*, pag. 210 e seguintes.

cultura e, em especial, as tulipas, na primeira metade do seculo XVII, tiveram uma exploração fabulosa.

Os Hollandezes, n'esta época, tornaram-se tambem mestres na arte hydraulica, e eram solicitados de todas as partes, para defenderem as praias contra a invasão das aguas.

Numerosas *pequenas Flandres* ou *pequenas Hollandas* foram conquistadas por elles aos pantanos, em França, Inglaterra e Allemanha. E a immensa obra feita na sua patria serviu de modelo a muitos trabalhos do mesmo genero, em toda a Europa occidental.

Só no seculo XVIII, é que, menos zelosos da liberdade e progresso do que tinham sido nos seculos antecedentes, se occuparam, tambem menos activamente, de augmentar o seu territorio á custa do mar.

Graças a esses trabalhos hydraulicos, a superficie dos polders que foi accrescentada, desde o seculo XVI, aos campos da Hollanda, póde avaliar-se em 104:539 hectares.

As outras industrias continuaram tambem progredindo enormemente.

Faltava o combustivel e os mineraes; e, por isso, no campo metallurgico, era menor o movimento. Mas, ainda assim, a Hollanda aproveitava muito das materias primas do estrangeiro para diversas occupações chimicas. A arte de polir e talhar os diamantes, de preparar os rubis e outras pedras preciosas, vindas das Indias, tinha um grande desinvolvimento em Amsterdam. E a

industria de objectos de marmore era tambem muito importante.

Mas uma das primeiras industrias da Hollanda era a da construcção de navios, e, como consequencia d'ella e das relações commerciaes da Hollanda, a da navegação.

Diversas causas concorriam para isso, taes como a barateza da mão d'obra; a organisação grandiosa das officinas; a longa experiencia, vinda já da edade media; a abundancia de construcções, tanto para a marinha nacional, como para os estrangeiros, que encommendavam navios aos Hollandezes; e a pericia natural dos nacionaes.

Tudo isso fazia que a Hollanda excedesse, n'este genero, a todos os outros paizes; e, juntando ainda o movimento da pesca e do commercio proprio, as muitas guerras maritimas e expedições do côrso, que influiam na marinha mercante, como esta influe na marinha militar, concebe-se quão enorme devia ser o desinvolvimento das construcções maritimas.

Por isso, metade da Europa fazia preparar as suas frotas nos estaleiros de Sardan, e muitos paizes se aproveitavam dos transportes dos navios hollandezes.

A propria Inglaterra até Cromwell não prescindiu dos serviços da Hollanda. Mas o *acto de navegação,* que reservou ao pavilhão inglez a cabotagem e a navegação com as colonias e paizes de fóra da Europa, prohibindo aos outros pavilhões todo o commercio indirecto nos portos de Inglaterra, deu um golpe sensivel na Hol-

landa; e, a partir de então, os outros Estados imitaram a Inglaterra, e reduziram, cada vez mais, as operações de frete dos Hollandezes.

Por outro lado, tornaram-se mais onerosos os impostos, pelas necessidades do Estado; e accresceu a concorrencia do Norte e das cidades hanseaticas, que faziam transportes pelo mesmo preço, e cuja neutralidade era mais respeitada, offerecendo, portanto, maior segurança. E tudo isso causou uma grande diminuição nas construcções navaes e nas mais industrias que se relacionavam com ellas.

A pesca é propria de todos os povos que habitam perto do mar; mas nenhum soube desinvolver, como os Hollandezes, esta industria local, a ponto de fazer d'ella um ramo do seu commercio exterior. Foram elles que se tornaram os maiores fornecedores de peixe para os povos catholicos, mesmo nas colonias da Africa, Asia e America.

Um dos artigos de maior producção foi o dos arenques: tanto mais que principiaram a abandonar as costas do Baltico, fugindo para o mar do norte, e, por isso, os Hollandezes cada vez podiam exercer com maior liberdade essa pesca.

Foi ella até que deu logar ás primeiras contestações com a Inglaterra; porque esta pretendia reivindicar o monopolio, n'um longo percurso da sua costa, e d'ahi se originou a questão de saber até onde ia o dominio dos mares, debatida no livro de Hugo Grocio — *Mare liberum*, a que

respondeu Selden no seu livro — *Mare clausum*, como já expuzemos no primeiro capitulo [1].

Apezar d'essa contenda, os Hollandezes obtiveram o direito de pesca no mar do Norte e na Irlanda, n'uma extensão de dez milhas da costa; e, até o fim do seculo XVII, exerceram, n'essa industria, um grande predominio.

A partir do seculo XVIII, é que a diminuição geral do consumo do arenque e os esforços dos outros Estados, para desinvolverem a sua propria industria, n'esse ponto, deram grande prejuizo aos Hollandezes. Especialmente, a Suecia encontrou nas costas do Cattegat uma pesca muito abundante. Em Enden, formou-se tambem uma sociedade allemã para a colheita do arenque. A França e a Inglaterra applicaram-se, egualmente com ardor, a este ramo, de modo que suppriam a seu proprio consumo, e ainda exportavam grande quantidade de peixe. E tudo isso fez que, no fim da edade moderna, a frota hollandeza do arenque se achasse muito reduzida.

Esta pesca estava sujeita a varios regulamentos.

Os principaes portos de armação dos buises [2] eram Rotterdam, Schiedam, Vaardingen, Massluis, Delftshafen, Enkhuisen e Ryp. Cada cidade tinha um director de pesca; e esses directores forma-

---

[1] Vide pag. 56.

[2] Assim se denominavam os barcos proprios para a pesca do arenque.

vam uma camara, que ora se reunia n'uma cidade, e ora n'outra, velando pelos regulamentos e decidindo as questões levantadas entre os pescadores. A frota do arenque era escoltada por navios de guerra, que serviam tambem de hospitaes aos marinheiros doentes.

Havia tambem, como artigo de commercio, os arenques amarellos ou defumados, que se pescavam nas costas da Hollanda e do Zuiderzé, e os abadejos, especie de bacalhau fresco, chamado *stockfisch,* que se pescavam nas paragens da Irlanda e da America do Norte. Essa pesca dos abadejos, porém, pouco tempo subsistiu, porque os Norueguezes e Inglezes se apoderaram d'ella, em grande parte.

Quanto á pesca da baleia, já vimos como as primeiras expedições dos Hollandezes no mar do Norte deram logar a essa industria. Logo em seguida á expedição de Barentz, em 1596, que avisou os Hollandezes de ter encontrado grande numero de baleias em Spitzberg, organisaram-se muitas outras expedições, em que foram engajados como harpoeiros os proprios Bascos, na posse do seu antigo renome. Então, os Inglezes e Hollandezes, querendo excluir-se mutuamente, não tardaram a chegar a conflictos sangrentos, até que, reconhecendo que havia logar para todos, se reconciliaram, e admittiram tambem os demais concorrentes. Unicamente, para evitar conflictos, dividiu-se Spitzberg e o mar visinho em muitos districtos, que foram repartidos pelos Inglezes, Hollandezes, Francezes, Dinamarquezes,

etc. Os Hollandezes, porém, tiveram a superioridade n'esta pesca, assim como em quasi todas as industrias, n'este periodo. Fundaram para este effeito, n'aquella ilha de Spitzberg, um estabelecimento, chamado *Schemeremberg,* que era o *rendez-vous* dos baleeiros e dos caçadores de phocas. Ahi se encontravam os apparelhos necessarios para derreter a gordura, preparar as barbas e a pelle, com armazens, sobejamente fornecidos; e a colonia offerecia o aspecto de uma grande aldeia. As casas vinham feitas de Amsterdam, para se armarem; e, durante a estação da pesca, o districto boreal estava animado como uma feira.

Os lucros que os Hollandezes tiravam d'esta industria, chamaram, como já dissemos, a concorrencia dos outros povos. Apezar d'isso, os Hollandezes conservaram, como tambem dissemos, a superioridade. E, não obstante as baleias retirarem, cada vez mais, para os gelos da Groenlandia, acabando por isso, pouco a pouco, os estabelecimentos de Spitzberg, os intrepidos baleeiros da Hollanda as seguiram, e a pesca d'ellas continuou florescente por toda a edade moderna.

A par da pesca da baleia, os Hollandezes exerciam tambem productivamente a da phoca.

As outras industrias prosperaram egualmente; e a immigração vinda da Belgica, por causa das perseguições religiosas e da guerra de Hespanha, contribuiu para isso. As fabricas de Amsterdam não cederam ás que Anvers tinha possuido, e Leyde e Haarlem substituiram Gand e Bruges.

Assim, a refinação do assucar tomou enorme incremento, para acompanhar as necessidades do consumo, e Amsterdam foi, sem duvida, a primeira praça do mundo inteiro, n'este genero.

Havia tambem muitos moinhos de azeite, e muitas fabricas de tabaco, polvora, serragem de madeira, branqueamento de cera, saboaria, tinturaria, curtimenta; emfim, de todos os generos industriaes convenientes a um paiz maritimo onde desembarcam materias primas.

O linho da Hollanda conservou a reputação que trazia da epoca anterior, e que tem durado até os nossos dias. As provincias de Friza, Over-Yssell e Droningue sobresaíam n'esta industria, e a finura e egualdade do tecido eram postos em relêvo pela perfeição do branqueamento. A Hollanda recebia até da Westphalia e Silesia, teias que branqueava, e que entravam depois no commercio como productos nacionaes.

Haarlen, afamada em toda a parte pela industria do branqueamento do linho, era ao mesmo tempo o centro das fabricas consideraveis de seda e velludo, que faziam concorrencia ás de Milão, Tours e Lyon.

A industria dos tecidos de lã era enorme; e, até o seculo XVIII, os Hollandezes conservaram, tambem n'esse genero, a sua superioridade sobre os outros paizes.

Da mesma fórma, a industria do papel era muito grande, e concorria para isso o desinvolvimento enorme que a imprensa já teve, n'esta época, nas Provincias Unidas, em consequencia

da liberdade que gozava e que não havia ainda no resto da Europa.

Egual desinvolvimento existia nas sciencias e nas letras.

A industria hollandeza, porém, declinou mais depressa e mais rapidamente que o seu commercio.

Por um lado, os outros povos começaram a fazer-lhe uma grande concorrencia, em proveito das industrias nacionaes. A França, sob Colbert, deu-lhe um golpe mortal. A Inglaterra e paizes do norte fecharam-se cada vez mais aos productos da Hollanda. Depois do tratado de Methuen, em 1703, Portugal surtiu-se das fabricas inglezas. E a Hespanha deixou tambem, por fim, de ser uma das grandes clientes dos Paizes-Baixos, fornecendo-se de preferencia da França e da Inglaterra.

Por outro lado, o territorio da Hollanda era pequeno; falhava de productos mineraes, de madeira e de muitas outras materias primas; e os Estados Geraes começaram a lançar impostos muito pesados.

Por tudo isso, apezar de que a revogação do edito de Nantes lhe deu grande reforço de braços e de competencia, a industria da Hollanda decaíu rapidamente, a contar do meado do seculo XVIII.

Em compensação, o seu commercio manteve-se sempre florescente por todo este periodo. Bastava para isso o desinvolvimento da sua marinha; a sua situação geographica ao pé do mar

e com tres grandes arterias fluviaes; a abundancia de dinheiro; e as relações mercantis com os outros povos, as quaes, a despeito da decadencia da industria, representaram sempre um trafico enorme.

A primazia do proprio movimento bancario, n'este periodo, passou da Italia para Anvers, e d'esta para a Hollanda. Amsterdam foi a primeira praça n'este ponto; e o proveito que a Hollanda tirava d'esse genero de commercio, era extraordinario. Trasbordava no paiz o ouro de Anvers; e os bancos particulares eram muitos. Mas, pela grande diversidade de moedas que havia, e algumas d'ellas depreciadas no mercado, por serem antigas, os negociantes de Amsterdam resolveram, em 1609, fundar, sob a garantia da cidade, um banco de deposito e desconto, ao qual, em 1612, se seguiu outro, em Rotterdam.

Bancos de circulação é que a Hollanda não quiz, no presente periodo, porque resistiu sempre á tentação das emissões de papel [1].

*

* *

Nenhum paiz teve tanto dinheiro como a Hollanda. Mas, apezar d'isso, foram, durante muito tempo, prohibidos os emprestimos aos governos

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Noel, *obr. cit.*, vol. II. — Henri Cons, *Précis d'Histoire du Commerce*, vol. I. — Jeronymo Brocardo, *obr. cit.*

estrangeiros, até que, por fim, a accumulação de capitaes e o desejo de obter juros mais elevados fez levantar essa prohibição. E, foi assim que, no fim do seculo XVII, os Inglezes negociaram lá os seus primeiros emprestimos, e que, no seculo XVIII, a Russia, Dinamarca e muitos outros Estados seguiram este exemplo.

Começou tambem n'esse tempo a especulação nas operações da bolsa, principalmente das acções da Companhia das Indias Orientaes; e, supposto essas operações fossem por algumas vezes prohibidas, a prohibição foi inutil.

A este desejo de especular, pela alta e baixa dos papeis de credito, accresceu a negociação das tulipas, cuja mania, na primeira metade do seculo XVII, e, sobretudo, desde 1634 a 1637, se apoderou de todas as classes da população, e trouxe a ruina de muitas familias. Foi, principalmente, em Haarlen que essa especulação e essa mania se tornaram maiores; e foi tambem lá que os jardineiros crearam as variedades mais apreciadas e mais caras. Vendiam-se bolbos por preços fabulosos. Um bolbo do *Vice-rei* custava 2:500 florins, e tres do *Semper augustus*, 3:000 florins [1].

---

[1] E. Reclus, *obr. cit.* — Não era o desejo de possuir flôres que determinava essa negociação, mas a especulação na alta e baixa do preço das tulipas; de modo que, em toda a Hollanda, as proprias tabernas se transformavam em bolsas, onde a compra e venda era concluida perante testemunhas. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

*
* *

A revolução da Hollanda contra a Hespanha fez de Amsterdam uma cidade livre, que, tornando-se o asylo de todos os perseguidos—judeus, protestantes ou livres pensadores, elevou-se, n'esta época, á primeira classe, entre todas as cidades commerciaes da Europa. Tornou-se até mais commercial e importante do que tinha sido qualquer outra, por exemplo Tyro, Alexandria, Veneza, Genova, Barcelona, Lisboa, Bruges, Wisby e Lubeck. Como mercado intermediario, só era inferior a Anvers d'outr'ora, mas o seu commercio proprio representava uma somma tal como ainda se não tinha visto. Chamavam-lhe o celleiro da Europa, por ser tambem o centro do commercio de cereaes. A sua marinha mercante era a primeira da época, e os seus capitães governavam o mundo. Communicava com o centro do paiz por uma rêde completa de estradas, rios e canaes, e o seu porto era muito seguro.

Ao lado d'ella, figuravam Rotterdam, onde vinham dar principalmente as importações da França e da Inglaterra, e Dordrecht, que estava no mesmo caso, para as da bacia do Rheno.

Esta ultima cidade era a mais rica da Hollanda, quando, em 1421, uma terrivel inundação veiu assolar os campos circumvisinhos e fazer d'ella um archipelago de ilhas e bancos de areia. Apezar d'esse desastre, Dordrecht, graças á sua

feliz situação commercial, já no principio do seculo XVI, attingira uma prosperidade tal que a collocava ao lado de Rotterdam. Era a *étape* obrigada das mercadorias importadas pelo Mosa e Rheno, e ahi paravam, como hoje, as longas jangadas de madeira da Floresta Negra, que desciam pelo Rheno.

Leyde era já muito industrial; e abundava em todas as industrias, regorgitando sobretudo de fabricas de pannos e estofos de lã, sarjas e camelões, quando, no seculo XVII, a ruina das provincias belgas fez tambem d'ella a principal herdeira das industrias flamengas. Sobretudo, aquella fabricação dos pannos, estofos de lã fina, sarjas e camelões ahi se desinvolveu, de uma fórma notavel. Depois da revogação do edito de Nantes, um grande numero de protestantes francezes lá se foi estabelecer e exercer as respectivas industrias. A sua Universidade, já muito notavel n'esta época e muito frequentada, augmentava tambem a sua importancia. As guerras, porém, e a concorrencia da Allemanha e da Austria arruinaram a maior parte das manufacturas de Leyde, e a cidade se despovoou. Tinha ella nos seus bellos dias o dobro da população que tem hoje.

Utrecht distinguia-se tambem por seus pannos negros e velludos.

Delft, a patria de Grocio e do pensionario Heincio, onde, em 1584, foi assassinado Guilherme, o *Taciturno,* era afamada, principalmente, pela fabricação de porcellana.

Haarlen, já na edade media, era especialisada pela tecelagem de linho e seu branqueamento, e era tambem a séde de importantes fabricas de seda e velludos. As suas aguas e clima davam grande brancura aos tecidos. Por isso mesmo, antes que se adoptasse o methodo expeditivo do chloro, esses tecidos eram enviados da Silesia e do Hanover para Haarlen, e, depois, reexportados de novo, sob o nome de teias de Haarlen.

Em 1570, foi cercada pelos Hespanhoes, que a tomaram, depois d'alguns mezes de resistencia; e, então, os soldados da guarnição e duzentos cidadãos foram decapitados e lançados ao lago. Tornada hollandeza, quatro annos depois, depressa se levantou do seu desastre; e, como Leyde, aproveitou indirectamente a ruina das cidades flamengas, herdando a sua industria, sobretudo as suas teias.

Sardam era muito notavel pela construcção dos navios; e metade da Europa ahi vinha construir as suas embarcações, como já dissemos.

Schiedam, Vlaardingen, Maassluis, Delftshafen, Enkhuisen eram os principaes portos, onde se armavam os barcos de pesca dos arenques e das baleias e phocas; e isso lhes dava tambem grande movimento commercial.

Enkhuisen chegou a ter quarenta mil habitantes, oito vezes mais do que hoje tem. Reuniam-se no seu porto milhares de barcos, e enviava á pesca longinqua cento e quarenta chalupas, escoltadas por vinte navios de guerra. Mas o porto foi-se obstruindo, e os habitantes não

tiveram a energia, para reconquistarem as vantagens perdidas.

Mildelburgo, patria de Ruyter, onde Zacharias Jansen, em 1590, inventou os microscopios, e Hans Zipershey, em 1680, os oculos de vêr ao longe, era tambem um centro commercial importante.

Flessing, collocada na bocca do extremo do Escalda, n'uma enseada muito abrigada, e que não é obstruida pelos gelos, como acontece a muitas cidades da Hollanda, tinha por si uma situação favoravel. Mas, por outro lado, como a maior parte das cidades da Zelandia, a provincia menos salubre do reino, tinha, como tem hoje, a desvantagem do clima, humido, brumoso e cheio de miasmas. Ainda assim, era um centro importante no commercio, na pesca e na navegação.

Horm, hoje decaída, teve vinte e cinco mil habitantes e quatrocentos e cincoenta barcos para a pesca longinqua; e era grande a riqueza dos seus armadores, no seculo XVII.

Shiermonikoog era habitada, quasi que exclusivamente, por marinheiros, que se occupavam na pesca, sobretudo da baleia. Possuia setenta navios.

Nimegue tinha, na época da Hansa, n'uma das portas a seguinte legenda: *Melius est bellicosa libertas quam servitus pacifica*; e era tambem um centro economico notavel.

Arnhem, que um proverbio diz ser *a mais alegre cidade da Hollanda,* e é certamente uma das

mais agradaveis, tinha egualmente um movimento industrial e commercial importante.

*

* *

Emquanto ás relações commerciaes com os outros povos, começando pelo norte, a Hollanda, a par da influencia commercial que já tinha, ficou herdeira da influencia da Liga Hanseatica, e por isso fez, quasi que exclusivamente, o commercio internacional dos Estados scandinavos, até o primeiro quartel do seculo XVII. Em todos os portos, os seus navios eram os mais numerosos, e, muitas vezes, serviam para transportar os proprios habitantes da Scandinavia e Dinamarca ás suas possessões d'além-mar.

Mas, no seculo XVII, governos esclarecidos, como o de Gustavo Adolpho (1611 a 1632), e Christiano V (1670 a 1699), trataram de se libertar d'essa tutella, e brevemente dotaram os seus Estados com industrias, marinha e commercio importantes. De modo que esses povos, que, durante seculos, tinham deixado os seus interesses economicos á mercê dos estrangeiros, saíram de repente da figura passiva.

Ao mesmo tempo, a concorrencia ingleza principiou a desbancar os Hollandezes; e, assim, por essa concorrencia, pelo desinvolvimento nacional da Scandinavia e Dinamarca, e pelas taxas impostas aos productos hollandezes, a influencia dos Paizes-Baixos, no seculo XVII, foi successivamente

desapparecendo, ao passo que foi augmentando a influencia da Inglaterra.

O vinho, aguardente, sal, queijo, materias tinturiaes, fructas do sul, tabacos e especies formavam sempre os principaes elementos da importação hollandeza na Noruega e Dinamarca. Os pannos foram tambem muito procurados, a principio; mas deixaram de o ser, pelo desinvolvimento da industria nacional.

Em troca, os Hollandezes traziam de lá madeiras, productos florestaes e mineraes. O saldo era contra a Hollanda.

Acontecia quasi a mesma coisa na Suecia; mas ahi a situação dos Hollandezes ainda foi melhor, porque o cobre, o pez e a resina, que eram dos productos mais importantes d'esta região, estavam quasi inteiramente monopolisados pelo commercio de Amsterdam. Os proprietarios das fabricas trabalhavam até com o dinheiro e credito da Hollanda, e tinham-se comprommettido a servir, primeiramente e mais barato, os seus credores.

*

* *

Emquanto á Russia e paizes do Baltico, desde que, pela ruina da Liga Hanseatica, os Hollandezes lá foram admittidos, e davam os productos mais baratos, porque os iam buscar ás proprias regiões productoras, os Hanseaticos não podiam competir com elles. Por isso, tambem os Hollan-

dezes ahi tiveram a preponderancia, quasi até o fim do periodo; e, só então, foram substituidos pela Inglaterra.

Os Inglezes haviam descoberto o caminho da cidade de Arkangel, que se tornou, desde logo, a primeira praça commercial russa até á fundação de S. Petersburgo; e foi tambem a Arkangel que os Hollandezes concorreram, desde logo. Trinta ou quarenta navios da Hollanda entravam todos os annos n'essa praça, carregados de generos commerciaes.

Os Hollandezes tiravam da Russia muita madeira para as construcções maritimas, pez, linho e canhamo para as velas, sebo, oleo de peixe para seu consumo e para reexportação, do qual forneciam até as provincias do sul. A propria Hespanha, durante a guerra dos Paizes-Baixos, teve de supportar esse commercio, e a França apenas se libertou d'elle, no meado do seculo XVIII, em que estabeleceu relações directas com a Russia [1].

*

* *

A Hollanda exercia tambem commercio importante com a Polonia, pelo Vistula e Dantzick; e um dos artigos mais importantes d'esse com-

---

[1] Jeronimo Brocardo, *obr. cit.* — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

mercio era o dos cereaes, de que os Hollandezes faziam entreposto, e abasteciam o mundo inteiro.

Por seu turno, introduziam na Polonia artigos manufacturados, assucar, especies, azeite, vinhos e papel. E varios tratados lhe assignaram ahi vantagens especiaes, que os indemnisaram, em certo ponto, das perdas que soffreram nos outros paizes do Baltico.

*

* *

Emquanto á Allemanha, convem recordar que, no periodo antecedente, Bruges e Anvers eram os portos por onde o noroeste, ou mais propriamente a bacia do Rheno communicava com as regiões d'além-mar. Ora essa herança facilmente foi recolhida pela Hollanda, a cujos portos iam dar os principaes rios das regiões collocadas por detraz d'ella; e assim, a bacia do Rheno caíu completamente sob o dominio do commercio hollandez.

No que respeita ao nordeste ou bacia de Weser e do Elba, a situação da Allemanha era melhor; porque as duas cidades hanseaticas de Hamburgo e Bremen tinham ficado com os restos do antigo commercio da Liga. Mas, ainda assim, a Hollanda entretinha tambem importantes relações commerciaes com essas duas cidades e com essa região.

As madeiras e o trigo eram os principaes productos que tirava de lá, mandando em troca

especies, chá, arenques e diversos tecidos de lã. E fazia um grande commercio bancario com Hamburgo, que saldava ordinariamente as transacções com os outros paizes, por meio de cheques sobre a Hollanda.

Na bacia do Rheno, que abraçava toda a área commercial até Nimegue e Arnheim, comprehendendo, a éste, a Suabia e Franconia, ao sul, a Suissa, e ao oeste, a Alsacia, o Palatinado e a Lorena, a Hollanda introduzia generos coloniaes, fructas do sul, metaes, peixe salgado, artigos da industria nacional e estrangeira. E, em troca, trazia madeira que era o principal artigo fornecido pela floresta Negra e pelo Odenwald; vinhos tanto do Rheno como de Mozella, que se exportavam para o norte e para Inglaterra; tabaco do Palatinado, que os Hollandezes misturavam depois com as folhas da Virginia, e reexportavam até para a propria Allemanha; canhamo de Alsacia e Suabia; potassa de Hundsruck; ferro das minas dos arredores de Mozella e Lahn; productos de industria allemã, sobretudo de Nuremberg, que a Hollanda comprava nas feiras de Francfort; teias de linho de Jubiers, Berge e Westphalia; pedras, carvão, obras de ferro e aço e materiaes de guerra de Aix-la-Chapelle, aguas mineraes e fructas. Os cereaes não faltavam tambem n'essa região, mas os Hollandezes, por causa dos direitos, preferiam prover-se d'elles no norte, pelo caminho maritimo, que, embora fosse mais perigoso, era mais isento de portagens.

Este commercio com a região do Rheno era para os Hollandezes, a par do trafico das especies, o mais lucrativo; e accresciam ainda os beneficios dos transportes por agua, que estavam quasi inteiramente nas mãos dos Hollandezes até Colonia — a praça onde se fazia o trasbordo, e o principal entreposto do commercio rhenano.

O trafico da Hollanda com o norte da Allemanha diminuiu muito, á proporção que as cidades hanseaticas estenderam as suas relações mercantis ao ultramar. Mas com a bacia do Rheno conservou-se prospero até o fim do periodo; já porque os direitos fiscaes, no interior da Allemanha, eram menores para os Hollandezes que as proprias portagens para os nacionaes; e já porque a Inglaterra, em 1667, na paz de Breda, isentou as mercadorias da Allemanha, exportadas pela região rhenana, das restricções do *acto de navegação*.

Foi assim que, por mais batidos que os Hollandezes parecessem no fim do periodo, não tinham perdido terreno n'essa região.

*

* *

Relativamente á Inglaterra, já vimos no volume antecedente que a Liga Hanseatica, durante a edade media, é que preponderou no commercio d'esse paiz; porque ella se encarregava de comprar as lãs inglezas, em que a nação, e, princi-

palmente, os nobres concentravam a principal fonte do seu rendimento.

Isabel, subindo ao throno, tratou de combater essa preponderancia, desinvolvendo a industria e a navegação nacional; e, por isso mesmo, convinham-lhe muito as relações commerciaes da Hollanda. Demais a mais, rebentando quasi ao mesmo tempo a guerra dos dois paizes com a Hespanha, a communidade dos interesses politicos devia determinar, como determinou, o augmento d'essas relações.

Terminada essa guerra, começou a rivalidade entre os Inglezes e Hollandezes; e Cromwell, pelo seu *acto de navegação,* teve principalmente em vista acabar com o predominio da Hollanda na Inglaterra, como Isabel acabara com o predominio da Liga Hanseatica.

Seguiu-se a guerra de 1652, que interrompeu de todo as relações mercantis entre os dois povos; e, mesmo depois de acabada essa guerra em quasi todo o resto da edade moderna, a Inglaterra andou sempre, como vimos, em lucta aberta ou hostilidade encoberta com a Hollanda, e, ordinariamente, por motivos commerciaes, fazendolhe tambem uma guerra de tarifas.

Por isso mesmo, as relações mercantis entre os dois povos foram diminuindo; e, simplesmente nas colonias inglezas, os Hollandezes conseguiram sempre fazer, por meio de contrabando, um commercio importante.

As principaes carregações da Inglaterra para a Hollanda consistiam em cobre, estanho, chum-

bo, alunite, carvão de pedra, salitre, lãs fiadas, pannos, teias de linho e de algodão, estofos da India e Turquia, campeche, tabaco, arroz e café. A lã só figurava em pequena quantidade; porque, depois de Isabel, começou a ser consumida na propria Inglaterra; e o trigo tambem só figurava na exportação, em certos annos.

A Hollanda enviava, em troca, especies, drogas, mercurio, tartaro, madeira e lenha, papel, varas de baleia, sedas, lãs e pannos finos, velas e mesmo teias de linho, apezar da concorrencia da Irlanda, que só começou a fazer-se sentir no fim do periodo. Tambem a Hollanda mettia na Inglaterra, por contrabando, grande porção de genebra.

*

* *

Emquanto á França, tambem esta partilhou da situação da Inglaterra, pelas victorias da Hollanda na guerra contra a Hespanha; e por isso, durante essa guerra, não tinha melhor meio de favorecer os Hollandezes do que proteger o seu commercio. E, com tanta mais razão, que tinha tido grandes ligações com Flandres e Bravante, e, d'esse modo, dava-se apenas a differença de continuar as suas relações com Amsterdam, em vez de Bruges e Anvers. Demais a mais, a marinha franceza, pelo seu pouco desinvolvimento, não estava ainda no caso de competir com a dos Paizes-Baixos.

Os Hollandezes tiveram, portanto, em França,

a preponderancia commercial ou quasi monopolio exclusivo até á paz de Westphalia. Mas, então, os Francezes começaram a vêr que a prodigiosa accumulação de riquezas no seio da nova republica tinha sido adquirida, em grande parte, á custa d'elles, e trataram de estabelecer direitos protectores. D'ahi a pauta de 1667, que reverteu em prejuizo da Hollanda.

Esta respondeu a essa medida, prohibindo a importação da aguardente e pannos francezes, e impondo uma nova taxa aos outros artigos da mesma proveniencia. Isso concorreu tambem para a declaração da guerra de Luiz XIV; e essa guerra tornou-se n'uma lucta d'armas e de tarifas, com grande prejuizo dos Hollandezes, que até ahi tinham tomado a parte mais consideravel das importações francezas.

A paz de Nimegue terminou essa guerra, e foi seguida por um tratado de commercio, em que se renovaram as antigas relações mercantis entre os dois povos, de modo que nenhum d'elles podesse exigir do outro direitos mais elevados que dos nacionaes. Mas não havia da parte da França desejos sinceros de executar esse accordo; além d'isso, a situação d'ella tinha mudado, porque se tornava a potencia dominadora do continente; e a revogação do edito de Nantes afugentou muitos artistas francezes para a Hollanda, que, por isso mesmo, pôde fabricar grande numero de artigos de modas, que, primeiramente, importava da França.

Tudo isso trouxe novas rivalidades politicas e

commerciaes, pelas quaes Luiz XIV, em 1690, declarou tambem nova guerra aos Hollandezes, que terminou em 1697; mas, seguindo-se a guerra da *successão da Hespanha,* em que a Hollanda entrou na colligação contra a França, as hostilidades entre os dois paizes só vieram a acabar, em 1713, pelo tratado de Utrecht, confirmado pelo de Rastadt de 1714.

Os Hollandezes fizeram, então, com os Francezes uma convenção em que a marinha e commercio dos Paizes-Baixos foram mais favorecidos que era de esperar, devido á inferioridade da marinha franceza, que, embora tivesse feito progressos, não podia ainda rivalisar com a marinha da Hollanda.

Por isso, os Hollandezes ficaram ainda senhores das exportações dos productos da França, e mesmo das suas colonias, para o norte da Europa. E, quando as Antilhas francezes começaram a prosperar e a produzir abundantemente o assucar e o café, eram ainda elles que os distribuiam por toda a parte.

Essa intervenção, porém, começou a decaír, no meado do seculo XVIII, quando a França foi estabelecendo relações directas com o norte da Europa, e se foi interessando na pesca da baleia e dos arenques, fazendo perder aos seus rivaes o commercio dos artigos francezes n'essa região.

Tendo, assim, perdido a qualidade de intermediarios no trafico do norte, os Hollandezes só poderam exportar para a França os seus proprios productos, alguns generos coloniaes, em pe-

queno numero, alguns pannos, couros, teias de linho, manteiga, peixes, animaes de talho, e, sobretudo, especies e drogas.

A principio, exportavam muitos queijos; mas, depois, os direitos estabelecidos pelos Francezes, para protegerem a agricultura, prejudicaram grandemente essa exportação.

A Hollanda trazia em troca vinho, azeite, fructas, mel, productos elegantes e preciosos das fabricas francezas, e mesmo generos coloniaes.

*
* *

Emquanto á peninsula iberica, o commercio dos Hollandezes com os Hespanhoes era muito importante, e fazia-se, ou no entreposto dos Paizes-Baixos, ou, directamente, por meio dos Hollandezes nos portos de Hespanha.

Filippe II, apoderando-se de Portugal, fechou, como já vimos, os portos da peninsula aos Hollandezes. Mas, como os proprios Hespanhoes não podiam prescindir dos productos do norte, e, pela queda de Anvers, já não podiam fornecer-se d'elles nos depositos flamengos, aconteceu que, apezar de todas as opposições legaes, os Hollandezes continuaram a exercer o seu commercio na peninsula, tendo apenas de acautelar-se ou de servir-se de pavilhões estrangeiros. E ganharam, assim, dos seus proprios inimigos dinheiro para os combater: tanto mais que o

commercio de contrabando era o mais lucrativo [1].

A paz de Westphalia fez caducar as prohibições, e, então, a Hollanda tomou novamente a preponderancia do commercio de Hespanha, que não tinha industria, e cuja agricultura estava arruinada.

Esse estado de coisas acabou com a *guerra da Successão,* já porque os Francezes foram, desde logo, a nação mais favorecida e os Hollandezes perderam as vantagens que tinham adquirido; e já porque a Hespanha, no governo dos Bourbons, tratou de desinvolver a sua propria industria e agricultura. E, além d'isso, á proporção que os povos do norte se foram libertando do predominio dos Paizes-Baixos, começaram a frequentar os portos hespanhoes; de modo que, nos ultimos dez annos d'este periodo, os seus navios eram já mais numerosos ahi que os da Hollanda.

As relações directas com as colonias de Hespanha, é que sempre continuaram, não obstante a prohibição hespanhola, que era illudida pelo contrabando, e na occasião da guerra, pelos corsarios.

Entre os objectos fabricados que a Hollanda fornecia, as teias de linho tinham o primeiro lo-

---

[1] Mesmo n'esse intervallo, o numero dos navios hollandezes que frequentavam Lisboa, Cadiz e outros portos da peninsula, elevava-se a quatrocentos. — Schaeffer, *obr. cit.*, vol. II.

gar; e tanto que algumas tomavam nomes hespanhoes, e até parte d'ellas era fabricada na Allemanha.

Seguiam-se os pannos de lã, sarjas e camelleões, a maior parte provenientes de Leyde, madeiras, papel, cartas de jogar, objectos de mercearia, quinquilherias de Francfort e Nuremberg, armas, obras de ferro, cobre, diversos artigos do norte, drogas medicinaes, substancias tintureaes e especies. E, depois que a Hollanda recebeu os refugiados francezes, as sedas figuraram tambem nas carregações.

Entre os productos naturaes, deve mencionar-se o queijo, manteiga, peixes e cereaes.

Além d'isso, a Companhia das Indias Orientaes deixava na Hespanha duas terças partes da sua canella, e muita pimenta, embora os Inglezes, n'esse genero lhe fizessem concorrencia.

A Hespanha dava em troca todos os productos das suas colonias, pedras e metaes preciosos, cochenilha, anil, baunilha, cacau, quina, tabaco, pelles, campeche, lãs, vinho, azeite, sal, soda, fructas e outros productos da metropole.

O primeiro artigo de todos estes productos da metropole era a lã que excedia em qualidade a propria lã, ingleza, e que a Hollanda reenviava novamente para a Hespanha, depois de fabricada.

Com relação a Portugal, até á conquista pela Hespanha, era, como vimos, a Lisboa que os Hollandezes se vinham sortir de generos coloniaes, de mistura com as fructas, sal e alguns outros artigos; e ahi deixavam os seus carrega-

mentos, cujo maior debito era dos productos do norte.

Abertas as hostilidades com Filippe II, e começada a lucta nas colonias, cessaram as relações commerciaes entre os dois paizes; mas, como acontecia com a Hespanha, ainda assim, a Hollanda, ou por contrabando, ou por meio de pavilhões estrangeiros, surtia Portugal dos artigos do norte e dos productos da sua industria.

Quando Portugal se tornou independente da Hespanha, fez, em 1661, um tratado de commercio e alliança com a Hollanda, que estabeleceu a liberdade de trafico entre os dois paizes. Portugal cedeu á Hollanda as possessões da Asia e Oceania, que ella nos tinha tomado; e a Hollanda desistiu das suas pretensões ao Brazil, ficando comtudo com a faculdade de poder commerciar livremente lá. Essa liberdade foi revogada, passados alguns annos; mas, apezar d'isto, seguiu-se outra epoca de grande movimento commercial entre os dois paizes.

De resto, o commercio com Portugal assemelhava-se muito ao commercio com a Hespanha, sendo importados e exportados quasi os mesmos productos. O sal é que era carregado em maior porção, sendo Setubal o centro d'esse commercio.

Da mesma fórma que, na Hespanha, tambem esse commercio diminuiu, desde que os povos do norte começaram a vir directamente a Portugal. E, com o tratado de Methuen, concluido, em 1703, que fez de Portugal uma colonia com-

mercial da Inglaterra, os Hollandezes soffreram um golpe mortal.

*

* *

Com a Italia continuou a Hollanda as relações commerciaes da edade media, com a differença de que eram os navios hollandezes que cruzavam o Mediterraneo, e não as frotas italianas que iam a Bruges e Anvers, ou os negociantes da peninsula que buscavam por terra o entreposto hollandez.

*

* *

Da mesma fórma, tambem a Hollanda commerciava com os povos de Constantinopla, Smyrna, Alexandria e Alep, que recebiam assim, apezar da circumvagação do globo que os Hollandezes tinham de fazer, o anil, pimenta, canella, salitre, perolas, mousselinas, cobre, aço e outros productos, mais promptamente do que pela importação directa dos paizes orientaes, que produziam esses artigos.

O centro principal d'este commercio no Levante era Smyrna, que se tornou, pelo seu porto e situação [1], o ponto principal da chegada das caravanas da Asia Menor.

---

[1] Está situada no fundo d'um golfo de 70 kilometros de profundidade, que fórma um porto natural, rodeado por

Em Constantinopla, a intolerancia turca não era favoravel ao commercio; a grandeza de Alexandria parecia aniquilada; e relativamente ao Egypto, apenas alguns productos e um pouco de café representavam os artigos do seu commercio. Mas, em Smyrna, os Hollandezes tinham grandes estabelecimentos.

Os pannos de lã eram os principaes artigos que os Hollandezes levavam para lá; e traziam algodão, seda, pello de cabra, linhas vermelhas, gomma, noz de galha, anil, esponjas, cordovão, fructas do sul, como figos, uvas de Corinthia e tamaras.

N'esse commercio do Mediterraneo e do Oriente, as esquadras da marinha mercante da Hollanda seguiam tambem o systema geral de serem escoltadas por dois navios de guerra, por causa dos piratas.

A Hollanda soube mesmo tirar partido dos roubos dos Estados Barbarescos, pagando tributos vergonhosos aos piratas, e livrando-se, assim, de lhe serem tomados ou saqueados os seus navios, o que não acontecia com as outras nações. Chegou, d'esse modo, a dominar no Mediterraneo sobre a ruina da marinha italiana, e, só mais tarde, é que topou com a rivalidade da Inglaterra, e foi desapossada pela França, quando esta, reconhecendo as vantagens da sua situação

---

um circo harmonioso de montanhas. — Alfred Martineau, *Le Commerce français dans le Levante.*

para o commercio do Levante, concedeu a Marselha, em 1669, um privilegio para este effeito, como veremos detidamente no seguinte volume [1].

*

* *

O systema monetario dos Paizes-Baixos, na época moderna, offerece um caracter especial.

A offerta ou procura, a escassez ou abundancia mundial dos metaes preciosos, e a variabilidade de preços que d'ahi resultava para o commercio, para as operações bancarias e para os demais accidentes mercantis, resentia-se immediatamente nas praças hollandezas, e sobretudo em Anvers e Amsterdam.

Por outro lado, como os Paizes-Baixos continuaram a desempenhar nos seculos XVI e XVII o papel de mercado central da Europa, todo o dinheiro lá corria; e mesmo algumas das moedas das nações visinhas, ou das mais importantes no commercio, estava quasi nacionalisado, pela acceitação commum das praças hollandezas.

D'ahi provinha a necessidade de regulamentar o valor d'essas moedas, á proporção que a crise dos metaes preciosos e os accidentes do commercio, ou as circumstancias especiaes d'aquellas nações vinham modificar o valor intrinseco ou extrinseco, e portanto a maneira como essas moe-

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

das eram acceitas no commercio. E, pelas mesmas razões, esta necessidade se deu tambem, com respeito ás moedas nacionaes.

Foi n'esses termos que o governo dos Paizes-Baixos publicou differentes ordenanças (*plakkaats*), regulando o valor dos guldens e thalers allemães, das pistolas e ducados hespanhoes, das corôas francezas, dos nobles e soberanos inglezes, dos ryders de Filippe e dos guldens burgonhezes.

Seria longo enumerar todas essas ordenanças, e o valor que por ellas foi attribuido áquellas moedas. Por isso, nos contentamos em expôr simplesmente as moedas fabricadas nos Paizes-Baixos, e os valores que lhes forem sendo attribuidos.

Constam do seguinte quadro:

Moedas de ouro

1489	Ducado hungaro	3$862
1520	» »	4$087
1548	» »	7$518
1573	» »	5$781
1575	» »	11$250
	Ducado de Hollanda	11$343
1586	Ducado de Neerlandia	11$400
1603	» »	11$510
1606	» ryder de Neerlandia	37$537
	Ducado	11$550
1610	Ryder de Neerlandia	37$725
	Ducado	15$000
1615	Ryder	37$800
	Ducado	15$018
1619	Ryder	11$550
	Ducado	15$018

1622 — Ryder.	41$365
1638 — Ryder.	45$000
Ducado	15$187
1645 — Ryder.	45$225
Ducado	15$221
1749 — Ryder.	52$500

Moedas de prata

1542 — Karolus gulden	3$750
1567 — Burgondrische ou Krusdaalder	3$975
1577 — Staten daler.	3$975
1583 — Rixdaler ou nesdaalder Neerlandia	7$537
1586 — Real de Neerlandia	7$687
1606 — Rixdaler da Neerlandia	7$631
Leuwendaler	4$087
Peças de 10 estivers.	187
1608 — Rixdaler da Neerlandia	7$650
Leuwendaler	4$087
1610 — Peça de 10 estivers	187
1615 — Rixdaler da Neerlandia	7$650
Leuwendaler	7$500
1619 — Leuwendaler	7$500
1622 — Rixdaler Neerlandia	7$687
Leuwdaalder	7$500
1638 — Rixdaler da Neerlandia	7$687
1645 — Ducatão de Bravante.	11$300
Pacatão ou kruisdaler ou kruisriksdaler. .	7$687
1659 — Ryder de prata de Neerlandia	11$300
Ducado de prata de Neerlandia.	7$687
1681, 1686, 1691 e 1694 — Peças de 3 gulden . . .	11$250
Gulden	3$750 [1]

[1] Saw, *The History of Currency*. — Affonso Pequito, *Curso de Contabilidade*.

*
* *

A Hollanda augmentou consideravelmente, n'este periodo, as suas communicações internas.

Além dos tres grandes rios, Rheno, Escalda e Mosa, havia uma rêde completa de estradas. E, demais a mais, os Hollandezes, graças ás riquezas hydraulicas e aos braços numerosos, por onde aquelles rios se lançam no Oceano, puderam construir canaes que ligavam todas as cidades entre si e com o mar. De modo que, podendo, assim, o commercio e navegação, penetrar por toda a parte, elles podiam tambem pôr em obra e utilisar todos os recursos. Em nenhuma parte da Europa, o transporte dos productos era mais rapido e mais barato.

*
* *

Em conclusão: a Hollanda é o exemplo mais frizante do modo como a actividade nacional, a devoção civica e o genio industrial e commercial podem levantar qualquer paiz, por bem limitado que seja o seu territorio, á altura mais culminante da historia universal.

Com exiguo terreno; rodeados de perigos de toda a ordem; sujeitos ás invasões do mar e aos assolamentos dos rios; expostos continuamente á mobilidade, incerteza e alagamento do solo;

perseguidos por tempestades desastrosas; confinados entre a França e a Allemanha e por ellas combatidos; opprimidos e sugados pelos Hespanhoes: alargaram o territorio, á custa do mar e dos lagos; enxugaram e sanearam os pantanos; luctaram contra o Oceano, domando-lhe os impetos, pela gargalheira dos diques; corrigiram os desmandos dos rios; resistiram ás tempestades; expulsaram o jugo estrangeiro; e conquistaram a sua liberdade e a sua autonomia.

Depois, venceram a Hespanha, a França e a Inglaterra; reduziram a Hansa; disputaram a Portugal a primazia do Oriente; pejaram todos os mares dos seus navios e todos os paizes das suas mercadorias; devassaram o Oceano Glacial, para lhe arrancarem os melhores dos seus productos; abriram relações mercantis com as melhores praças do mundo; constituiram tambem no Oriente um grande imperio colonial, com a capital em Java; e na America disputaram as colonias dos outros povos, e deram caça aos navios hespanhoes e portuguezes. Chamaram para os seus mercados a concorrencia da Italia e do Mediterraneo; e, em summa, com o simples intervallo do fastigio de Lisboa e de Flandres, tiveram a primazia commercial da Europa até o meado do seculo XVIII.

A par d'isso, porém, a sêde do lucro e a avareza mercantil foi substituindo, pouco a pouco, mesmo na metropole, os interesses superiores do Estado por uma politica baixa de mercadores invejosos.

CAPITULO XIV

Belgica

Ligeiro esboço da historia politica da Belgica na edade moderna

Já vimos na historia politica da Hollanda que o governo do Duque d'Alba, a sua intolerancia e crueldade, os rigores da inquisição e o cego absolutismo do dominio hespanhol fizeram levantar as provincias septentrionaes dos Paizes-Baixos. Os paizes meridionaes, porém, que constituiam a Belgica, ficaram ainda sujeitos ao jugo de Hespanha. E, ao passo que a Reforma unira a Hollanda no mesmo sentimento e patriotismo, na Belgica ficou predominando o catholicismo, d'onde resultaram luctas sangrentas e terriveis dos sectarios das duas religiões, entre si, e mesmo com as provincias hollandezes.

Toda a prosperidade e toda a vida desappareceram ahi, emquanto que o norte, sob o commando de Guilherme, o Taciturno, pôde obter a victoria; e por isto, ao passo que a União de Utrecht (23 de janeiro de 1579) acabou a obra da independencia da Hollanda, a Belgica continuou na sua decadencia.

Em 1598, foi ella cedida por Filippe II ao archiduque Alberto, casado com sua filha Isabel;

mas isso não fez alterar a situação, porque o dominio da Hespanha não deixou de exercer-se de facto, e tanto mais que Isabel não teve successão, o que tornou mais ficticia aquella cedencia.

A lucta da Hespanha e Hollanda reflectia-se sempre com terriveis effeitos na Belgica; mas, em 1607, houve entre aquelles dois paizes um armisticio, a que se seguiu uma tregua de doze annos, assignada em 1609, e a Belgica pôde emfim respirar. Depois de tanto tempo de revoluções e de guerras, Alberto e Isabel aproveitaram essa tregua, para restabelecerem um pouco a ordem publica, provocarem a actividade nacional e tentarem melhorar a justiça. Mas, se conseguiram dar um certo brilho ás sciencias e artes, a industria emigrara em grande parte para a Inglaterra, o commercio fugira para a Hollanda, e o espirito publico estava aniquilado.

Concorreu poderosamente para esse abatimento economico o facto de se ter consignado n'essa tregua o impedimento aos Belgas da embocadura do Escalda.

Á morte de Alberto (1621) seguiu-se de perto a expiração d'aquella tregua. Isabel ficou nominalmente no goso da soberania; mas, só nominalmente, porque, de facto, quem governava, era Filippe IV de Hespanha, que acabara de subir ao throno (31 de março de 1621).

Então, os conflictos com as potencias visinhas recomeçaram, pouco a pouco; e, á morte de Isabel (1633), Fernando, de Hespanha, seu succes-

sor no governo da Belgica e irmão mais novo de Filippe IV, teve de fazer frente, ao mesmo tempo, á França e Hollanda, porque ambas ellas, conjuntamente, ambicionavam a Belgica.

Essas potencias, em 1635, chegaram até a concluir um tratado, para dividirem entre si as partes limitrophes dos Paizes-Baixos hespanhoes: e de modo que só a parte central ficaria independente. Mas esse tratado não foi por diante, porque, passado pouco tempo, a guerra dos *Trinta annos* modificou a situação da Europa, e tornou inimigas aquellas duas potencias.

Essa guerra dos *Trinta annos* terminou pelos tratados de Westphalia, e n'um d'elles, o de Munster (1648), confirmou-se definitivamente o impedimento da embocadura do Escalda para os Belgas e ainda do Zwin e do canal de Sas [1].

Sobreveiu em seguida uma nova guerra dos Francezes e Hespanhoes, que expoz a Belgica a ataques repetidos; e, pelo tratado dos Pyrineus, de 7 de novembro de 1659, coube á França quasi todo o Artois, comprehendendo Arras, Hesdin, Bapaume, Bethune, Lillers e Lens; em Flandres, Gravelines, Bourbourg, Saint-Venant; no Hainaut, Landrecies, Quesnoi, Avesnes; emfim, Mariemburgo, Philippeville, Thionville, Montmeièdy e Damvillers. E ainda Luiz XIV arrancou depois á força outra parte de Flandres; Charleroi, Binche,

---

[1] Carlos Calvo, *Le Droit International Théorique et Pratique,* vol. I, pag. 433.

Ath, Douai, Tournay, Audenarde, Lille, Armentiers, Courtray, Bergues e Furnes.

A guerra, que, posteriormente, se ateou entre a França e Hollanda (1672-1678), repercutiu-se tambem no solo da Belgica, e, em consequencia d'ella, pelo tratado de Nimegue, a França teve de restituir-lhe Charleroi, Binche, Ath, Audenarde e Courtray, que deviam servir de barreira contra a mesma França; mas exigiu em troca quatorze outras cidades: Valenciennes, Bouchain, Condé, Cambrai, Aire, Saint-Omer, Ypres, Wervick, Warneton, Poperinghe, Bailleul, Cassel, Bavai e Maubeuge.

Seguiram-se ainda differentes colligações e tratados, até o fim do seculo XVII, e, mesmo depois da morte de Carlos II, de Hespanha, até o tratado de Utrecht (1713).

*

* *

Por esse tratado de Utrecht, a Belgica tornando-se definitivamente austriaca, sob o governo do imperador Carlos VI (1713-1747), foi separada da Hespanha; e a França restituiu-lhe Tournay, Menin, Furnes, Dixmude e Ypres, conservando Lille, Orchies, Aire, Bethune e Saint-Venant.

Por outro tratado de 1715, celebrado entre a Hollanda e Austria, convencionou-se que as cidades de Namur, Tournay, Menin, Furnes, Warneton, Ypres e o forte de Knocke recebessem

guarnição hollandeza, para se oppôr, d'esse modo, uma barreira entre a França e os Paizes-Baixos; e um subsidio annual de quinhentos mil escudos, que os Belgas ficaram obrigados a pagar, devia indemnisar os Hollandezes das despezas d'essa guarnição.

Esta clausula levantou logo a reacção da Belgica. O governo recorreu a medidas draconianas, fazendo executar os chefes do movimento; e ao mesmo tempo, carregou o povo de impostos, o que produziu novas insurreições.

Carlos VI tentou abafal-as, pelo terror e crueldade (1717-1719), e o paiz caiu outra vez n'um torpor ainda mais profundo.

Comtudo, o imperador fez esforços para remediar o mal e apagar os traços dos seus excessos. E, realmente, a Belgica, d'ahi por diante, livre do jugo hespanhol e com um governo mais tolerante, apezar dos excessos de Carlos VI e das perturbações que se seguiram, se não retomou o seu antigo desinvolvimento, começou a renascer para a industria.

O levantamento commercial é que era mais difficil; porque o Escalda estava fechado. E, por isso mesmo e pela rivalidade da França e Hollanda, tornavam-se mais improprias e inopportunas as condições da Belgica, n'esse ponto.

Para remediar esse inconveniente, chegou Carlos VI a estabelecer a companhia de Ostende (19 d'abril de 1722), que possuiu logo quatro grandes navios, fazendo commercio com as costas da Africa, India e China.

Mas estas boas intenções naufragaram em face da opposição d'outras potencias, e entre essas a Inglaterra e a Hollanda, que guardavam bem fechado o recinto onde tinham encerrado a Belgica. Por outro lado, a fraqueza do imperador não o deixava reagir contra a opposição d'essas nações, nem por consequencia estimular fortemente o renascimento do paiz; e por tudo isso, e ainda em troca das promessas feitas pela Inglaterra e Hollanda de defenderem a successão ao throno de sua filha Maria Thereza, quando elle fallecesse, não teve duvida em sacrificar a Companhia d'Ostende, e portanto o commercio belga.

*
* *

Por morte de Carlos VI, começou a guerra da *Pragmatica sancção,* que se reflectiu tambem duramente na Belgica. Essa guerra terminou pela paz d'Aix-la-Chapelle, em 1748; e, por meio d'ella, a França teve de restituir á Belgica e Hollanda as conquistas que fizera durante a mesma guerra.

Maria Thereza, que fôra declarada successora de Carlos VI (1740-1780), descurou, a principio, os interesses da Belgica, e chegou até, por tratados secretos que fez com a Prussia, França e Baviera, e que não chegaram a ter execução, a querer alienar parte d'ella.

Mas, apezar d'esse mau procedimento politico, essa rainha, que associara como regente seu es-

poso Francisco de Lorena, nomeou governador da Belgica um irmão d'elle, Carlos de Lorena; e este, além de promulgar differentes medidas sociaes, como a abolição da tortura, a suppressão da mão morta e a prohibição de votos religiosos antes de vinte e cinco annos, que aproveitaram á civilisação do paiz, esmerou-se cuidadosamente em levantal-o tambem do abatimento economico em que jazia.

E, com effeito, a agricultura, commercio e industria começaram a levantar-se vigorosamente. Continuou-se a fabricar o linho, os pannos, a exercer-se a curtimenta e a prepararem-se as bellas rendas e tapeçarias de Bruxellas, Malines e Anvers. Foram tambem executadas diversas obras publicas importantes, como o alargamento do leito do Geeta, que se tornou navegavel até Demer, a profundação do canal de Sas, de Gand, a abertura do canal de Louvain e a transformação do parque de Bruxellas em jardim publico. E despertou, egualmente, o desinvolvimento das bellas artes e sciencias.

*
* *

Por morte de D. Maria Thereza, D. José II fez tambem algumas reformas sociaes, inspirado mais por pensamentos philosophicos do que por conveniencias praticas; e, em todo o caso, o paiz continuou a desinvolver-se, no seu governo. Mas, tendo elle restringido ao mesmo tempo as

liberdades publicas e lançado fortes impostos, provocou a revolução de 1787, que deu em resultado a União dos Estados Belgas Unidos, de 10 de janeiro de 1795. Esse facto, porém, já não pertence á edade moderna, de que estamos tratando [1].

---

[1] *Patria Belgica*, vol. II. — M.elle Ant. Gallet, *Abregé d'Histoire de la Belgique Commercielle et Industrielle*. — Th. Juste, *Histoire de la Belgique*. — H. S. Moke, *Histoire de Belgique*.

CAPITULO XV

Belgica

Movimento economico da Belgica na edade moderna

Explorações geographicas e coloniaes dos Belgas. — Atrophiamento d'essas explorações, pela agitação religiosa do seculo XVI. — Grande movimento industrial e commercial no principio d'este periodo. — Anvers e Flandres. — Declinação no tempo de Carlos V. — Grande decadencia no tempo de Filippe II de Hespanha. — Ruina que se seguiu até o governo da casa d'Austria (Carlos VI). — Despertamento do movimento economico, desde então. — Governo de Maria Thereza e de José II. — Principaes industrias e principaes accidentes do commercio, n'esta epoca. — Centros principaes. — Relações com os outros povos. — Moeda. — Communicações. — Conclusão.

A Belgica sujeita, como ficou, n'este periodo, aos governos estrangeiros, não podia ter colonias proprias, e não tem por isso historia colonial. Mas, apezar d'isto, os seus navegadores e exploradores figuram tambem honrosamente nas tentativas para o alargamento do mundo, para o conhecimento das terras novamente descobertas, e para a civilisação do universo.

Em 1481, Josse Van Ghistele, que os contemporaneos appellidaram o *Grande Viajante,* percor-

reu a Palestina, passou ao Egypto, subiu o Nilo até Thebas e Memphis, atravessou a Arabia até o golfo d'Aden; voltou á Syria, para visitar a Mesopotamia e a Persia; e escreveu a relação das suas viagens. José Ryckins, um franciscano, em 1534, importou o trigo no Peru. Os peregrinos Claudio Mirebel (1485), Jorge Languerrand, de Mons (1485), Pedro de Smet, de Bruxellas (1505), João Van Zillebeke, da Flandres oriental (1513), Hessel Van Martena (1517), Geert Kuynretorff (1520), Joannes Pascha (1527), João de Zuallart, d'Ath (1536), Omer Calle, de Furnes (1624), Vicente de Stochove, de Bruges (1630), João Van der Linden, d'Anvers (1633), Bernardino Surius, de Ruremonde (1644), Antonio Gonsales, de Malines (1665), Bartholomeu Deschamps, de Liége (1666), F. Caffin, tambem de Liége (1754); Marino Genbels, de Ciney (1770), A. J. Rottiser, de Beveren (1775): fizeram e descreveram as suas viagens ao Oriente.

Os missionarios contribuiram tambem muito para as explorações geographicas. Assim, Nicolau Cleynaerts, de Louvain, visitou o reino de Fez, em 1540, e deixou noticias muito interessantes sobre Marrocos. Quasi no mesmo tempo, Gaspar Bartzæus ou Bartzoen percorreu as Indias orientaes com S. Francisco Xavier; e Guilherme Hotton, de Luxemburgo, penetrou até a California.

No seculo seguinte, um religioso de Bruges, o Padre Bartholomeu de Blende, subiu o Paraguay, para achar um novo caminho para o paiz dos

Chiquitos, mas falleceu no percurso, assassinado pelos selvagens. Henrique Busens, no principio do seculo XVII, viveu na côrte do Grão Mogol, e Pedro Spira percorreu a provincia chineza de Kiam si. No fim do seculo XVII, Hennepim explorou o curso medio do Mississipi.

Como já vimos, o archipelago dos Açores foi em grande parte povoado pelos Flamengos; porque, desde 1450 a 1490, muitos milhares de Belgas se transportaram para lá, com capitaes e instrumentos de trabalho. Jacome de Bruges procurou a ilha Terceira. Guilherme Vandagara, a ilha de S. Jorge; e a ilha Terceira e Fayal foram povoadas pelo mesmo Jacome de Bruges e por Joz de Utra [1].

Uma das Canarias, a ilha de Palma, foi repovoada, depois da destruição dos indigenas, durante a ultima metade do seculo XV, pelas familias industriaes que os Hespanhoes attrairam de Flandres, e que, da mesma fórma que succedeu nos Açores, brevemente se fundiram com o elemento iberico.

Em 1514, Isabel d'Austria, rainha da Dinamarca, mandou ir de Flandres uma pequena colonia agricola, que estabeleceu na pequena ilha de Amack, em face de Copenhague; e os colonos, que ahi se entregaram á cultura horticola, conservaram, até o fim do periodo, os traços caracteristicos dos seus trajos e linguagem.

---

[1] Vide pag. 128 e 129.

Em 1517, o conde de Arschot, almirante de Flandres, tendo obtido a concessão do Yucatan, quiz enviar ahi muitos navios, carregados de colonos flamengos; mas, apenas chegados a San Lucar, voltaram pelo mesmo caminho, por causa da opposição dos Hespanhoes [1].

A revolução religiosa do seculo XVI, que separou a Belgica da Hollanda, e que deixou os Belgas sujeitos ao governo fanatico, absoluto e atrophiador da Hespanha, acabou com todas as tentativas livres de colonisação. E, desde então, apenas appareceram duas emprezas, n'esse sentido, a saber: em 1652, a acquisição por quatro Brabanções da ilha de Norstrand, situada na costa de Schleswig; e, em 1723, a fundação d'alguns escriptorios ou feitorias nas costas de Bengala, pela companhia de Ostende [2].

*

* *

Ainda no principio d'este periodo, a Belgica, antes de passar para o jugo de Filippe II, de Hespanha, e, por isso anteriormente á guerra que a devastou, não só manteve, mas augmentou prodigiosamente o movimento commercial que lhe vinha da edade media. Anvers conservou-se o grande centro mercantil, e os Flamengos tinham

---

[1] *Patria Belgica*, vol. III.
[2] *Patria Belgica*, vol. III.

o predominio do trafico internacional dos pannos com a Inglaterra. As suas barcas ligeiras introduziam as mercadorias nas enseadas mais apertadas, e de maneira que escapavam aos direitos fiscaes; e isso contribuia tambem para o augmento do commercio flamengo.

No tempo de Margarida d'Austria, ainda a agricultura estava prospera, a ponto da Belgica exportar, como a Hollanda, muitos productos agricolas para o norte, especialmente, para a Inglaterra.

A industria metallurgica estava egualmente florescente. Só a provincia de Namur contava trinta e cinco altos fornos para a fundição de ferro, e oitenta e cinco forjas para reduzir a fundição a barras.

A industria dos pannos *haute lisse* (alto liço), conhecidos vulgarmente por *pannos d'arraz*, estava egualmente florescente, a ponto de que o grande pintor Perino del Vago era constantemente incumbido de pintar padrões para elles. A propria *dinanderia* [1] ainda se conservava florescente.

*

* *

No tempo de Carlos v, começou a declinar esse progresso, e foram minguando os recursos economicos, mesmo dos particulares, por fórma

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 44.

que o imperador teve de taxar o preço dos generos e decretar leis sumptuarias. E, para reprimir a mendicidade que ia alastrando, ordenou até que todos os filhos de pobres aprendessem um officio. Eram as consequencias das suas guerras e dos enormes tributos de que elle carregou o paiz, bem como da emigração dos artistas que as perseguições catholicas iam produzindo.

Apezar, porém, de todas as travações a que a industria e commercio estavam submettidos e das perdas que as guerras lhe causavam, Courtray ainda tinha seis mil operarios, incumbidos da confecção das teias finas. Em Bruges, trabalhava-se a seda e as tapeçarias de *haute lisse*. Ypres possuia ainda algumas fabricas de pannos. Ostende entregava-se com ardor á pesca e á navegação. Wervich era conhecida por seus orgãos e violões. A curtimenta florescia em Malines, que era tambem notavel na fundição de canhões e sinos de bronze. Hoegaerden e Leau faziam o commercio das suas cervejas; e Diest, das suas teias, das suas cambraias e cambraietas. Os habitantes do Hainaut exploravam ainda as minas de ferro, chumbo e hulha, bem como as pedreiras de Ecaussines e Averne; e havia tambem n'essas regiões differentes vidrarias.

Da mesma fórma, a fabricação das facas, alfinetes, fitas, cintos e medalhas occupava ainda um grande numero de obreiros.

E Anvers conservava o seu apogeo, merecendo ainda o nome de *Anvers a Rica,* pela opulencia dos seus mercadores.

Ahi vinham dar as preciosas mercadorias dos Portuguezes e dos Hespanhoes, como pedras preciosas, perolas finas, ouro e prata em barras, cochonilha, madeiras exoticas, açafrão, drogas, grã, alunite, vinhos, xarope de gomma, alcaparras, ambar, noz moscada, gatos algalias, marfim, rhuibarbo, áloes, lapis lazuli e algodão da India.

Ahi vinham dar tambem os productos do norte e do resto da Europa, e até os productos da Africa, taes como assucar, coloquintida, couros, pellicas, pennas e pennachos. Ao mesmo tempo, esta cidade enviava para toda a parte as suas lãs, quinquilherias, productos da sua industria e os generos que recebia e reexportava.

Gand, a principio, era tambem muito importante, e empregava ainda cincoenta mil obreiros, na fabricação de pannos, sarjas e outros estofos; mas, tendo-se revoltado contra o imperador, este a privou de todos os privilegios, fez-lhe pagar uma indemnisação exorbitante, e decapitou os principaes cidadãos, cortando e prejudicando, assim, o seu desinvolvimento.

*
* *

Foi n'esse estado que Filippe II, de Hespanha, encontrou a Belgica; e, logo, o estabelecimento da inquisição e as perseguições religiosas; as crueldades do governo de Margarida de Mantua; a guerra de Hespanha com a Hollanda, em que tomaram parte muitas cidades belgas; e a furia dos

Hespanhoes: fizeram emigrar uma grande parte das classes trabalhadoras, devastaram as provincias, aterraram os cidadãos, alguns dos quaes foram fundar na Inglaterra colonias belgas, em Cantorbery, Norfolk, Lynn e Sandwich, e produziram uma rapida decadencia.

Anvers tinha sido a unica cidade que os protestantes conservaram na Belgica. Mas o general hespanhol Alexandre Farnezio cercou-a e tomou-a, depois de esgotados todos os recursos, e o seu commercio ficou aniquilado.

Para cumulo de infelicidade, em 1595, principiaram a ser imitados em Troyes e Champagne os setins de Bruges e os estofos de damasco, chamados *capharts*; e um cidadão de Courtray, Pasquier Lammertin, introduziu na Hollanda a fabricação do linho adamascado, que trouxe uma concorrencia esmagadora para as industrias similares da Belgica [1].

Comtudo, o jugo hespanhol de Filippe II e seus successores não abafou de todo o movimento economico.

A tapeçaria de *haute lisse* continuou a desinvolver-se. Os centros principaes eram Audenarde, Lille, Douai, Bethune, Bruges, Gand, Enghiens, Louvain, Mons, Malines, Diest, Anvers. Só em Audenarde, em 1559, havia doze a quatorze mil obreiros, vivendo de differentes industrias que

---

[1] M.elle Ant. Gallet, *Abrégé de l'Histoire de la Belgique Commercielle et Industrielle.*

se ligavam com essa fabricação, e Anvers era então o entreposto geral das tapeçarias.

A decadencia d'esse movimento data das perseguições religiosas; porque então um grande numero de fabricantes se expatriou, e foi levar aos paizes estrangeiros os processos de uma tão bella industria, que, depois d'isso, apenas vegetou. Demais a mais, Colbert, em 1667, fez assignar por Luiz XIV uma nova tarifa aduaneira que sobrecarregou a importação de varias mercadorias, e, sobretudo, d'esses *hautes lisses,* a ponto de equivaler a uma prohibição completa, o que lhes deu um golpe terrivel.

Os tecidos de linho continuaram tambem gosando a antiga reputação, mau grado a concorrencia da Hollanda.

A tregua de doze annos, concluida em 1609, melhorou alguma cousa a situação. Foi inaugurado o canal de Villebroeck, e votaram-se duzentas mil libras para a abertura d'um outro canal entre Gand e Bruges. A agricultura animou-se. A batata foi, então, introduzida, em Flandres, por Carlos de l'Ecluse, começando a ser cultivada, em 1620, nos arredores de Nieuport. Em 1610, foram descobertas e exploradas as importantes minas de chumbo de Vedrin. As artes [1] e bellas letras foram tambem animadas.

---

[1] São d'esta época Rubens, Otto, Vœnius, Van Dyck, Joardaens, Brauwer, Teniers, Van Hellmmont, Stévin, Juste, Lipse, Francisco Duquesnoy. — M.elle Ant. Gallet, *obr. cit.*

*

Mas, com pequenas excepções, tudo o mais entrou em franca decadencia, que seguiu, a passos agigantados com os successores de Filippe II.

*

* *

Quando a Belgica passou para o dominio da casa d'Austria, sob Carlos VI (1713-1740), a sua industria e agricultura começaram a renascer. O solo forneceu abundantemente os cereaes, garança, colza e azeite de nabo silvestre; o seu trigo achava na Hollanda um desembocadouro sempre crescente; e a sua cultura de linho alimentava uma industria activa, principalmente de tecidos finos e rendas. Courtray era o centro. A industria da seda occupou doze mil obreiros em Anvers. A tinturaria teve tambem grande desinvolvimento. Em Limburgo, a fabricação dos pannos foi muito notavel, desde então. Em Gand, a industria do algodão progrediu, de modo que se tornou a mais afamada do continente. Viramse em pouco tempo surgir papelarias, fabricas de couros, cervejarias, refinações de assucar. Em summa, o espirito industrial do povo despertou, desde que um regimen supportavel lhe permittiu uma livre expansão: tanto mais, que a industria hollandeza, já em plena decadencia, não podia abafar, como anteriormente, a concorrencia belga.

Não aconteceu a mesma coisa, emquanto ao commercio e navegação, como já notámos. Os esforços de Carlos VI, como tambem já referimos, e a fundação da companhia de Ostende foram

impotentes para levantar essas outras fontes de riqueza, e Amsterdam continuou a ter a maior parte das importações e exportações.

*

* *

No governo de Maria Thereza, ou antes de Carlos de Lorena, além dos trabalhos publicos e reformas sociaes que já mencionámos, tambem as industrias ganharam certo impulso. Prosperaram as fabricas de linho, especialmente em Gand, Aost, Bruges e Courtray. Esta ultima cidade era sobretudo afamada pelo linho adamascado. A fabricação de pannos, especialmente em Vervien, a curtimenta, sobretudo em Liége e Dinant, e as bellas tapeçarias de Bruxellas, Malines e Anvers, a fabricação de carros, tambem em Bruxellas, sustentaram o antigo renome.

A independencia dos Estados Unidos, em 1776, deu aos Belgas algumas vantagens temporarias; porque a Hollanda teve de se involver n'essa guerra, em que a Austria ficou neutral. Por isso, o pavilhão belga era respeitado das nações belligerantes, dando em resultado serem os Belgas encarregados do transporte por conta dos estrangeiros, e emprehenderem, por sua propria conta, as expedições ás Indias Orientaes.

*

* *

Esse movimento continuou no tempo de José II. Este principe fez differentes reformas sociaes, de

que já fallámos, e ordenou a demolição das praças fortes em que a Hollanda tinha guarnição. Ostende tornou-se um porto florescente, servindo de intermediario entre os paizes estrangeiros e as outras cidades belgas; e a propria Allemanha e Suecia ahi faziam desembarcar grande quantidade de lãs da Hespanha e outras mercadorias que, antes d'isso, vinham para Amsterdam. Em 1782, foi até declarado porto franco.

Além d'isso, a abolição do *tratado das barreiras* fez desapparecer as prisões do commercio; e abriu-se em Anvers uma bolsa, e um banco, que dispunha d'uma somma de dois milhões de florins.

José II concebeu tambem o designio de restabelecer, á força ou boamente, a livre navegação do Escalda, o que involvia a maneira de Anvers prosperar em face de Amsterdam; mas não pôde conseguir essa liberdade.

Parecia que iam renascer os bellos dias de Bravante e Flandres, quando o fim da guerra da America restituiu o ar e a vida aos Hollandezes, e a revolta dos Belgas contra a dominação da Austria veiu sustar aquelle desinvolvimento [1].

---

[1] M.elle Ant. Gallet, *obr. cit.* — *Patria Belgica*, vol. III. — Ernest Van Bryssell, *Histoire du Commerce et de la Marine en Belgique*. — Ed. Barlet, *Essais sur l'Histoire du Commerce e de l'industrie de la Belgique*. — Briavoinne, *De l'Industrie de la Belgique*.

*
* *

Passemos agora d'este quadro geral para o exame das principaes industrias e suas alternativas, bem como dos principaes accidentes do commercio.

A exploração da hulha tinha já uma grande importancia no começo do seculo XVI, e gosava d'uma organisação completa, na provincia de Liége. Essa industria soffreu as alternativas geraes de todas as outras; mas, no fim do seculo XVII, levantou-se de novo, e, em 1730, foi montada na montanha de S. Gilles, perto de Liége, a primeira bomba a vapor para o esgotamento das hulheiras.

A extracção do ferro e a industria siderurgica, manteve-se durante o seculo XVI, em grande desinvolvimento. Como já dissemos, em 1560, só na provincia de Namur se contavam trinta e cinco grandes fornos para a fundição d'este mineral, e oitenta e cinco forjas, para transformar a fundição em barras. Depois, essas industrias soffreram as alternativas geraes das outras mais.

A vidraria, que era muito antiga na Belgica, prosperou com força, até o meado do seculo XVII. Os proprios vidros de Veneza foram imitados em Anvers, sob Carlos V. Mas, já em 1686, essa industria se achava n'uma perfeita decadencia; e, embora no seculo XVIII, os reis concedessem varios privilegios para o estabelecimento de diffe-

rentes vidrarias em Namur, Gand, Charleroi, Gosselies, Ghlin, Bruxellas, etc., ella não attingiu mais o seu antigo esplendor.

A ceramica teve grande reputação, nos seculos XVI e XVII; e, especialmente, os vasos em *ceramica grega,* assim como os *grés de Flandres,* eram muito afamados. Mas, depois, em consequencia das perseguições religiosas, essa industria passou de Flandres para a Inglaterra, e decaiu totalmente. A fabricação das *majolicas,* importadas na Belgica, no seculo XVI, soffreu a mesma sorte.

No seculo XVIII, já tudo isso alcançara de novo grande desinvolvimento, e havia fabricas notaveis em Bruxellas, Tournay, Malines, Bruges, Liége. Em 1750, foi introduzida a primeira fabrica de porcellana em Tournay, na qual se trabalharam obras no genero das de Dresde e de Sévres.

A fabricação de armas, que foi sempre muito importante, por causa das contínuas guerras que houve na Belgica e no resto da Europa e da abundancia de mineral e ferro do paiz, estava concentrada em Liége e seus arredores.

A *dinanderia* é que decaiu completamente n'esta epoca, devido tambem ás luctas civis entre Dinant e Liége.

Em compensação, a agricultura attingiu grande desinvolvimento; e, da mesma fórma que os Hollandezes, tambem os Flamengos amavam muito as flôres. Tinham até fundado associações para a cultura de plantas raras, e cada festa de Santa

Dorothea era para as differentes confrarias occasião de expôrem as flôres mais bellas [1].

Pelo que respeita ás industrias textis, a dos pannos de lã estava muito desinvolvida na epoca anterior; mas, n'essa parte, além das causas geraes que apontámos, e que, em geral, prejudicaram todo o movimento industrial, accresceram ainda motivos especiaes.

Assim, a Inglaterra, no seculo XVI, obrigou os mercadores dos Paizes-Baixos septentrionaes e meridionaes a tomarem tanto as lãs velhas como as novas, e umas e outras n'uma quantidade limitada; ao passo que permittia aos mercadores italianos e hanseaticos comprarem livremente quaesquer lans inglezas, com a condição expressa de as não transportarem para os Paizes-Baixos.

Por isso, quando rebentaram as perseguições religiosas, a industria dos lanificios estava já em plena decadencia; e essas perseguições, expulsando do paiz um grande numero de artistas, que foram levar o seu trabalho á Hollanda, Allemanha e Inglaterra, acabaram de a arruinar.

O governo hespanhol tentou inutilmente deter a ruina, por meio da protecção aduaneira, mas nada conseguiu; e essa industria quasi que ficou perdida em toda a epoca. Por exemplo, em Flandres, onde ella tinha tido grande desinvolvimento, a corporação de fabricantes de pannos de Gand, em 1752, só se compunha de oito

---

[1] Reclus, *obr. cit.*, pag. 132.

mestres; em Bruges, em 1773, só restavam trinta e tres teares; e, em Liége, Hasselt e Saint-Trond, d'onde os fabricantes de pannos de Louvain tinham emigrado, por causa das perturbações politicas, havia egual decadencia.

Unicamente em Vervieres, Ensival, Stembert e ducado de Limburgo, onde a industria de lanificios era já importante, no seculo XVI, é que ella se fixou e conservou, mesmo depois das perseguições religiosas; porque ahi não havia corporações d'artes e officios que a embaraçassem, nem direitos de consumo, e todas as circumstancias se combinavam para tornar a producção mais barata. Em Vervieres, por exemplo, em 1757, produziam-se, por anno, setenta mil peças de lã, e, no fim da edade moderna, havia lá trinta mil obreiros.

Os primeiros trabalhos da industria algodoeira remontam ao seculo XVI; mas, decaindo posteriormente com as luctas civis e religiosas, só no fim do seculo XVIII, alcançou verdadeira importancia. Então, as fabricas belgas punham em obra 500:000 a 600:000 libras d'algodão por anno.

As impressões sobre o algodão foram tentadas desde o começo do seculo XVIII; e, desde 1700 até 1756, foram concedidos alguns privilegios a diversos fabricantes para o desinvolvimento d'essas impressões, o que deu em resultado estabelecerem-se differentes fabricas d'essa industria em Bruxellas, Gand, Vilvorde, Anvers, Liége, Bruges e Zokeren.

Relativamente á industria linheira, a Belgica foi um dos paizes que, primeiramente, a exerceu.

Teve ella já grande desinvolvimento nos seculos XV e XVI; mas, no seculo XVII, Colbert, em consequencia das luctas civis e perseguições religiosas de Flandres, pôde chamar para a França os artistas flamengos, que se foram estabelecer especialmente na Picardia e Normandia. O mesmo aconteceu com a Inglaterra; porque muitos outros se foram estabelecer na Escossia, onde, em 1724, importaram a fabricação das cambraias. Por tudo isto, essa industria decaiu consideravelmente, desde então.

A fabricação das rendas é tambem muito antiga na Belgica. Nos seculos XVI e XVII, a exportação d'ellas era tão grande e o lucro tão consideravel, por terem entrado no luxo geral da Europa, que Luiz XIII, em 1635, afim de pôr cobro ao dispendio que d'ahi resultava, prohibiu o uso das rendas de Flandres.

Os Inglezes prohibiram tambem a importação d'esse artigo; e o governo hespanhol, que então dominava na Belgica, respondeu a essa medida, prohibindo a entrada dos pannos inglezes. Só, em 1701, é que essas prohibições foram levantadas, permittindo-se por isso a entrada das rendas de Flandres na Inglaterra, bem como a entrada dos pannos inglezes na Belgica.

As principaes rendas eram as *de Bruxellas*, a *guipure fina*, a *mignonette*, as *malines*. Mas havia ainda outras mais; e, além d'isso, os fabricantes de quasi todos os paizes mandavam vir de Flandres as qualidades finas de linhas empregadas n'esse artefacto.

Colbert provocou tambem a emigração d'essa industria para França. E este exemplo foi seguido pela Inglaterra, Saxonia e outros Estados; de modo que o governo da Belgica impressionou-se com esse facto, e decretou penas rigorosas para toda a pessoa que recrutasse ou incitasse a emigração dos fabricantes de rendas.

Havia tambem a fabricação das rendas *Valenciennes,* assim chamadas da cidade onde estavam em uso no seculo XV, e que foi adoptada na Belgica, em 1656, principiando a ser exercida em Ypres. Mas essa progrediu lentamente, de modo que, em 1684, só existiam lá tres mestres de fabrica, e, no fim da edade moderna, ainda o numero não tinha augmentado sensivelmente. A confecção das rendas de Bruxellas é que foi sempre o ramo de mais fama. Em 1762, occupava quinze mil pessoas, e, em 1732, vinte e duas mil [1].

No fim do seculo XVI, fabricavam-se já na Belgica todas as especies de tecidos de seda, velludos, damascos, setins, tafetás, e outros; e, já na mesma epoca, se tentou a cultura da amoreira e a creação do sirgo, tentativa que deu pouco resultado, embora fosse renovada muitas vezes. Aquella fabricação, porém, pôde manter-se em Anvers; e, no fim do seculo XVIII, era já consideravel.

---

[1] Bury Pallisser, *Histoire de la Dentelle.*

As tapeçarias de *haute lisse,* que, já na epoca anterior, attingiram um grande desinvolvimento, continuaram da mesma fórma, no principio d'este periodo.

No tempo de Carlos V, quasi todas as communas mais importantes possuiam fabricas d'esse genero, por exemplo Lille, Douai, Bethune, Bruges, Gand, Enghien, Louvain, Mons, Malines, Diest, Anvers, Saint-Trond.

Em 1539, havia doze a quatorze mil pessoas que viviam d'essa industria, de que Anvers era então o principal entreposto. Esses tapetes constituiam um objecto de grande luxo, e o seu preço foi sempre elevado. Tanto que os proprios soberanos os offereciam, como presentes, aos principaes embaixadores, prelados, egrejas que desejavam beneficiar, etc.

Essa industria determinou egualmente o desinvolvimento da pintura e do desenho.

Mas a revolução religiosa fez tambem decair tudo isso, pela emigração dos industriaes para os outros paizes, onde foram estabelecer as fabricas de Gobelim, de Florença, de Delft, na Hollanda, de Mortlake, na Inglaterra e outras. E, além d'isso, a tarifa aduaneira de Luiz XIV de 1667, que já mencionámos, carregando de direitos a importação d'esse artigo, completou a decadencia de tal industria.

A fabricação da cerveja é tambem muito antiga na Belgica, assim como na Hollanda. E, muitas vezes, os cervejeiros belgas foram levar a sua industria ao estrangeiro, por exemplo Hane Kraenze,

que, em 1540 a 1541, fez a primeira cerveja em Nuremberg.

Era tambem importante a industria de carruagens, que, no seculo XVIII, se exportavam até para a França, Allemanha e Hollanda.

O talhe de diamantes e preparação de pedras preciosas foi sempre consideravel. N'essa parte, Anvers rivalisava com Amsterdam.

A arte da imprensa alcançou grande desinvolvimento, no seculo XVI, pela Reforma de Luthero. As perseguições religiosas e a censura fizeram-na decair até o seculo XVII. Mas, no seculo XVIII, foi tudo impotente para a conter, e essa industria retomou de novo o seu antigo desinvolvimento [1].

*

* *

A marinha teve, durante a grandeza de Anvers, grande desinvolvimento; e era auxiliada pelos seguros maritimos que, desde muito tempo, se achavam estabelecidos na Belgica, onde tinham sido organisados pelos proprios negociantes, para se garantirem mutuamente as respectivas indemnisações, no caso de perda.

Já, em 1535, ella tomou parte no cerco de

[1] Ernest Van Bryssell, *Histoire du Commerce et de la marine en Belgique*. — Briavoinne, *De l'Industrie en Belgique*. — Ed. Barlet, *Essais sur l'Histoire du Commerce et de l'industrie de la Belgique*. — *Patria Belgica*, vol. II e III.

Tunis, e augmentou muito mais, desde que os Flamengos estenderam as suas relações á America do Sul.

As perseguições do duque de Alba fizeram decair tambem essa industria. Mas, ainda assim, deram logar a um movimento de defeza que estimulou o genio maritimo dos Belgas; porque, perseguidos e cercados em terra, refugiaram-se e defenderam-se no mar, para arrostarem ahi os seus inimigos.

Em 1575, o principe de Orange, desesperando de subtrair a Belgica aos Hespanhoes, tratou de se manter na Hollanda; começou a lançar tributos sobre os navios belgas que demandavam os portos hollandezes; e chegou a entender-se com a Inglaterra, para que esta quebrasse todas as relações com as provincias hespanholas da Belgica.

Ao mesmo tempo, a Hollanda, que tinha na mão a embocadura do Escalda, bloqueava a entrada d'esse rio. E, por outro lado, a Hespanha, durante vinte e quatro annos de um estreito bloqueio maritimo, nas luctas com a Hollanda, França e Inglaterra, esgotou as suas forças maritimas, arrastando tambem as da Belgica; prohibiu os navios belgas de frequentarem os portos occupados pelos inimigos, a não ser mediante um alvará que custava muito caro; e obrigou a marinha mercante da Belgica a pagar uma taxa, conhecida pelo nome de *direito de comboio,* cujo producto era applicado ao equipamento de navios de guerra.

Finalmente, em 1559, tinha havido uma prohibição absoluta dos Belgas levarem ou exportarem mercadorias para as regiões occupadas pelos rebeldes; e d'ahi resultou, segundo já vimos, que essas nações foram buscar directamente os productos coloniaes ás proprias regiões productoras, com grande prejuizo não só do commercio portuguez e hespanhol, mas da marinha e commercio da Belgica.

Tudo isso arrastou novamente a decadencia da marinha belga.

A tregua de doze annos de 1609 não melhorou a situação, porque, ao passo que o archiduque Carlos permittira aos marinheiros da Hollanda e Zelandia pescarem e traficarem nas costas belgas, a navegação do Escalda ficava exclusivamente na mão dos Hollandezes. E depois na paz de Munster de 1648, fechando definitivamente o Escalda, o Zwin e o canal de Sas aos subditos belgas, completou a ruina geral da marinha belga.

Só o porto de Ostende é que, em todo este periodo, reagiu contra essas causas desoladoras; e, embora, em grau muito menor que o antigo movimento, continuou sempre aberto ao commercio.

A attenção d'alguns armadores de Ostende voltou-se até para as emprezas coloniaes, e, em 1722, ahi se creou a Companhia de Ostende, que, a principio, deu grande resultado, e estabeleceu um commercio importante, mesmo para os paizes distantes. Depois, a rivalidade e a opposição dos outros paizes fez que o imperador retirasse os

privilegios que lhe havia concedido, e a Companhia decaíu tambem, arrastando novamente a decadencia de toda a marinha.

*
* *

O commercio, da mesma fórma que a industria, foi enorme no seculo XVI, e, como succedeu com a marinha, era tambem auxiliado pelos seguros, de que já fallámos.

As luctas no tempo de Filippe II entre o governo hespanhol e o partido nacional fizeram paralisar esse commercio, e obrigaram tambem os commerciantes a emigrarem como os industriaes para os outros paizes, principalmente para a Inglaterra, dedicada á Reforma depois de Isabel, onde, segundo já dissemos, se fundaram varias colonias belgas, em Cantorbery, Norfolk, Lynn e Sandwich.

Augmentando as perseguições, mais augmentou o exilio dos industriaes e negociantes; e foi com grande difficuldade que os Anversenses retiveram a Companhia dos *Mercadores Aventureiros* [1], ao passo que fizeram inutilmente grandes esforços, para impedirem a saída da Hansa.

Em 1566, a effervescencia tornou-se geral na Hollanda, e organisou-se a resistencia contra a Hespanha. Muitas cidades da Belgica secunda-

---

[1] *A Historia Economica,* vol. III, pag. 264.

ram esse movimento; e, então, as perseguições e o receio da morte e da tortura, fizeram despovoar as cidades.

Demais a mais, o duque d'Alba, faltando-lhe dinheiro, decretou o imposto do dizimo sobre a venda de todas as mercadorias, e reclamou o centesimo de todas as propriedades particulares mobiliarias ou immobiliarias. E tudo isso produziu uma tal decadencia no commercio que, em 1574, os habitantes d'Anvers viram-se obrigados a pedir ao governador geral que solicitasse dos negociantes estrangeiros que não abandonassem os mercados belgas.

Accresce ainda que, segundo já expozemos, em 1575, o Principe d'Orange, desesperando de subtrair a Belgica aos Hespanhoes, tratou de se manter na Hollanda; começou a deitar direitos sobre os navios belgas, que iam aos seus portos; e chegou até a entender-se com a Inglaterra, para ella quebrar todas as relações com a Belgica.

No fim do seculo XVI, a situação do paiz era deploravel. As fabricas estavam fechadas, os entrepostos vasios, as cidades despovoadas, e a miseria reinava em Anvers e em Bruges. As embocaduras do Escalda estavam na mão dos inimigos de Hespanha, que bloqueavam a entrada do rio. Os elementos mais vivazes da população estavam eliminados pela guerra ou emigração. Era prohibido aos Belgas frequentarem os portos occupados pelos inimigos, a não ser com licença especial, que se pagava muito cara. E, demais a mais, a

marinha mercante tinha de pagar uma taxa, conhecida sob o nome de direito de *comboio,* cujo producto era destinado ao equipamento dos navios de guerra.

Como se tantas causas ruinosas não fossem bastantes, em 1599, appareceu a prohibição absoluta dos Belgas levarem ou exportarem mercadorias para a Hollanda. Os Hollandezes que, até então, tinham procurado os generos coloniaes em Hespanha, foram procural-os na India; e, embora muitos Anversenses se tivessem associado com elles, uns foram por isso condemnados ás galés, e outros a pagar uma multa pesada.

A tregua de doze annos de 1609 não melhorou a situação, como já vimos; e tanto mais que o archiduque Alberto permittiu aos marinheiros da Hollanda, o pescarem e traficarem nas costas belgas, emquanto que a navegação do Escalda ficava exclusivamente nas mãos dos Hollandezes.

Os industriaes e mercadores belgas ficavam, assim, privados de communicar com os estrangeiros; e os capitalistas desviaram os seus fundos para a agricultura.

Só havia tres portos com algum movimento: Bruges, Ostende e Dunkerque; e as luctas maritimas eram frequentes na costa.

Houve n'um momento a ideia de pôr o Escalda em communicação com o Rheno, por meio d'um canal, que tivesse a embocadura no Mosa, em Venloo. Começaram-se ainda os trabalhos,

quando novos movimentos politicos os tornaram inuteis, porque o inimigo tomou Bois le Duc, em 1628, e Maestricht, em 1632; e a conquista de Wesel e de Venloo completou o seu triumpho, tornando-o senhor absoluto do curso do Mosa e do Rheno.

Á morte de Isabel, em 1633, terriveis inundações devastaram o paiz de Liége, e ajuntaram novos soffrimentos aos habitantes, que não acharam saída para os seus carvões de pedra, em consequencia da interrupção de relações commerciaes com a Hollanda. Além d'isso, os desastres de Hespanha arrastaram a Belgica.

Em 1648, a cidade de Nivelles, centro de commercio das cambraias, perdeu esse ramo de negocio, que passou para Valenciennes, Douai e Cambrai. No mesmo anno, o tratado de paz de Munster não fez senão confirmar a oppressão commercial dos Paizes-Baixos. O Escalda, o Zwyn e o canal de Sas ficaram fechados aos subditos belgas, e submetteu-se a taxas quasi prohibitivas a entrada e saída de navios nos portos de Flandres. Com tudo isso tornou-se impossivel toda a concorrencia, e a supremacia da Hollanda ficou assente em bases solidas.

Nos ultimos annos do seculo XVII, o territorio belga não passava d'um vasto campo de batalha; e apenas os marinheiros de Ostende continuavam a arrostar valentemente o mar e a defender a honra do seu pavilhão.

Não obstante esses infortunios, ainda o *tratado de barreiras* de 1715 consignou de novo o

encerramento do Escalda, e estabeleceu, demais a mais, que a Belgica não poderia alterar as suas tarifas aduaneiras, sem o consentimento da Hollanda e Inglaterra.

Só o porto de Ostende continuou aberto ao commercio. A attenção d'alguns armadores voltou-se até para as emprezas coloniaes; e, desde 1716 a 1725, os seus habitantes foram traficar no Malabar; estabeleceram uma feitoria commercial em Goblon, no reino de Golconda, e outra na margem do Ganges; e, em 1722, crearam a companhia de Ostende, de que já fallámos, á qual o imperador Carlos VI, por desejar possuir algumas feitorias na India, deu uma carta privilegiada. A companhia começou com bastante felicidade as suas operações, mas, passados poucos annos, em 1727, o imperador teve de a sacrificar á inveja e solicitações da Hollanda, França, Inglaterra, Prussia e Dinamarca, fazendo-a desapparecer [1].

Como fraca compensação do commercio de além-mar, os Belgas obtiveram a concessão de regularem livremente as suas tarifas aduaneiras.

Depois da guerra da *Pragmatica sancção,* não se tratou mais de expedições distantes, mas só de reparar os males causados pela invasão estrangeira e de reanimar o commercio.

Novos canaes completaram a rêde da navegação fluvial. A fabricação das teias foi animada em

[1] Ruy Ennes Ulrich, *Politica Colonial.*

Flandres; e a dos pannos em Limburgo, por fórma que, tendo-se concentrado em Vervieres, já desde 1765, produzia annualmente duzentas mil peças. Mais tarde, o governo decretou uma reforma monetaria, e modificou as tarifas aduaneiras, de maneira a favorecer as fabricas belgas, especialmente, a vidraria do Hainaut. As relações postaes foram tambem reorganisadas. Fizeram-se tratados de commercio com a Hespanha e Sardenha. Foram abertos entrepostos em Anvers, Bruxellas, Bruges, Gand, Louvain, Malines e Nieuport. E facilitou-se o transito dos mercadores enviados para a Allemanha, França e Hollanda.

Em 1774, a insurreição dos Estados Unidos, que ameaçava enfraquecer o desinvolvimento do commercio britanico, veiu dar tambem alguma actividade ao porto de Ostende. E, por isso, cuidou-se em reabrir as negociações com a Asia e Africa, chegando a formar-se, n'este sentido, uma associação, que não deu resultado, pela falta de capitaes.

Depois, José II concedeu a Ostende privilegios d'um porto franco, e teve o desejo de restabelecer a livre navegação do Escalda. Não tendo os Hollandezes annuido a esse desejo, elle chegou a determinar a entrada de um exercito de sessenta mil homens na Hollanda. Parecia compromettida a paz da Europa, quando o mesmo imperador, reconsiderando sobre a primeira resolução, abandonou Maestricht aos Hollandezes, assim como as embocaduras do Escalda, do Sas e do Zwin,

dando um novo e profundo golpe no commercio belga [1].

*
* *

Bruges, já no fim da edade média, estava decaída, como vimos no terceiro volume [2], e acabou de arruinar-se, no principio d'este periodo, pelo açoriamento do Zuryn, pela concorrencia de Anvers e pelas agitações politicas da Belgica.

Anvers substituiu Bruges. Já, no fim da edade média, era a primeira praça commercial do mundo; e o seu commercio ainda alcançou maior incremento, depois que os Portuguezes, em 1503, ahi estabeleceram uma feitoria, onde vendiam os productos orientaes. Os mercadores dos outros paizes seguiram o mesmo exemplo, e, no meio do seculo XVI, essa praça havia tocado o zenith da prosperidade. Mais de mil casas estrangeiras ahi tinham os seus escriptorios, e, ás vezes, n'uma só maré, cem navios d'outras nações entravam no seu porto.

Os milhares de casas do seu commercio faziam mais negocio n'um mez que Veneza em dois annos, no tempo da maior grandeza [3].

---

[1] Ernest Van Brysset, *obr. cit.* — Briavoinne, *obr. cit.* — M.elle Ant. Gallet, *obr. cit.* — *Patria Belgica*, vol. II e IV.

[2] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 41.

[3] Henri Cons, *Précis d'Histoire du Commerce*, vol. I, pag. 243.

Fabricavam-se lá teias, fustões, velludos, tafetás, setim, papel, cartas de jogar, vidros á moda de Veneza, passamanerias, ouro, prata, etc. Os ourives d'esta cidade eram celebres, e havia cento e oitenta de ouro e prata e joias. As typographias de Anvers possuiam uma reputação universal.

Essa prosperidade, porém, foi detida subitamente pelas guerras nacionaes, pela rivalidade da Hollanda, e pela inquisição, que fez afugentar os melhores cidadãos.

Já muito decaída por tudo isso, em 1585, foi cercada pelo principe de Parma, Alexandre Farnezio, que completou a sua ruina.

Por outro lado, os Hollandezes senhores da embocadura do Escalda, tornaram a navegação d'este rio cada vez mais difficil para a Belgica, até que o tratado de Munster (1648) lh'a fechou definitivamente; e assim ficou impedida a restauração da antiga prosperidade de Anvers.

Esta cidade que, em 1568, se elevava a mais de duzentas mil almas, no meio do seculo XVII, estava reduzida a menos de cincoenta mil. Amsterdam herdou o seu commercio.

Gand occupa uma d'essas posições superiores, que lhe permittiu levantar-se de todos os desastres. Collocada na confluencia do Escalda, do Lys e das pequenas correntes do Liève e do Moère, é o entreposto natural dos productos dos valles superiores. Além d'isto, acha-se no angulo, onde o Escalda, sustentado pela maré, mais se approxima do mar, tendo de descrever uma

grande curva para o oriente. Desde seculos, e portanto na época moderna, Gand soube tirar proveito d'esta proximidade do Oceano, abrindo canaes, que lhe serviam ao mesmo tempo para se desembaraçar das cheias do Lys e do Escalda, e para traficar directamente com o estrangeiro, por meio de pequenas embarcações.

Mas esta cidade soffreu a sorte de todas as outras. Carlos v, apezar de ser natural de Gand, supprimiu as suas liberdades, condemnou os cidadãos mais energicos ao cadafalso ou ao exilio, e ditou aos habitantes regulamentos oppressivos. A nomeação dos seus magistrados foi, desde então, reservada aos principes, as corporações industriaes perderam a sua importancia, e o movimento economico foi arruinado. Só começou a levantar-se, como em geral as outras cidades, no governo da casa d'Austria.

Louvain, durante o seculo XVI, era muito importante em tecidos de pannos, na fabricação de armas de guerra e capacetes, e na industria de hydromel, para a qual se importava muito mel do estrangeiro; e a sua Universidade, uma das mais notaveis da Europa, augmentava essa importancia. Mas, no fim do seculo XVI, a vida intellectual extinguiu-se quasi completamente, como aconteceu, em geral, nas outras cidades belgas, e, juntamente, o movimento economico entrou em grande decadencia. Ás causas geraes que determinaram esta ruina e que já notámos, accresceu a peste, que levou cincoenta mil habitantes e todos os professores.

Malines, no principio do seculo XVI, contava entre os seus industriaes mais de doze mil tecelões. A sua industria metallurgica era tal, que fornecia os Paizes-Baixos de caldeiras, sinos, e, em geral, dos objectos de metal; os seus couros dourados eram objecto de grande exportação; e as suas rendas, que se distinguiam de todas as outras, pelo fio liso e pelas flôres, eram apreciadas em toda a Europa.

Decaindo grandemente, depois de Carlos V, apezar de Filippe II ter feito d'ella a metropole religiosa da Belgica, pela creação do seu arcebispado, não se levantou jámais na época moderna.

Audenarde foi tambem muito notavel no seculo XVI, pelo seu movimento economico, e sobretudo pela sua industria de pannos d'arraz (*haute lisse*), em que trabalhavam doze a quatorze mil pessoas. Soffreu, porém, depois d'isso, as contingencias de todas as outras cidades.

Liége, situada nas margens do Mosa, abaixo do confluente do Ourthe, já tinha por si esta boa situação. Além d'isso, a abundancia da hulha dava-lhe um grande elemento para o seu movimento industrial; e, como já dissemos no segundo volume [1], suppõe-se até que foi nas suas montanhas que se descobriu este combustivel.

Por tudo isso, foi extraordinaria a sua industria metallurgica, cujos productos introduzia na

---

[1] *A Historia Economica*, vol. II, pag. 60.

Allemanha, e d'elles suppria a propria Hollanda, nos tempos aureos de Flandres e Bravante.

Tournay guardou sempre a importancia que lhe provinha da sua posição, nas duas margens do Escalda e na convergencia de muitos caminhos naturaes do commercio, até que as causas geraes ruinosas que temos apontado, a fez tambem decaír.

Bruxellas, que já no seculo XII era a residencia dos duques de Bravante, foi sempre, desde então, a séde dos principes, governadores ou reis da Belgica; e isso lhe deu tambem certo movimento economico. Tinha grande renome por suas tapeçarias de *haute lisse* e de seda e bordadas a prata, bem como por suas armas, cambraias e riscados.

Ostende soffreu a sorte das outras cidades.

As luctas politicas, a guerra com a Hespanha, e a rivalidade da Hollanda e dos outros paizes, acabaram por arruinar o movimento do seu porto.

No intento de fazer despertar novamente esse movimento, Carlos VI estabeleceu, como vimos, a Companhia de Ostende com differentes privilegios, e essa Companhia começou a dar grandes resultados. Mas a rivalidade dos outros paizes, especialmente da Inglaterra e Hollanda, fizeram com que o imperador lhe retirasse os privilegios. A Companhia teve, portanto, de dissolver-se, e com ella foi-se de novo a prosperidade que principiava a despertar n'essa cidade.

Nieuport nunca teve grande movimento, porque lhe faltava sobretudo um canal de grande

navegação que unisse directamente o curso do Lys ao do Yser pelo Yperlec, e permittisse importar directamente do Hainaut, na Flandres Occidental, a hulha para a industria e a cal para a agricultura. Mas, além d'isso, foi victima dos accidentes geraes do paiz.

Poperinghe era já notavel pelas suas cervejarias, e Ypres pela sua industria.

*

* *

Até o meado do seculo XVI, todos os paizes iam a Flandres exercer o seu commercio, e ahi tinham escriptorios privativos os principaes commerciantes das nações estrangeiras, por exemplo os Fuggers, os Velsers, os Hocheslters, de Augsburgo; os Pentingers, de Ratisbona; os Gualterottis e os Bonvisis, de Milão; os Spinolas, de Genova; os Peruzzis, de Florença [1]. Os productos flamengos corriam toda a Europa, e era, geralmente, por meio de agentes estrangeiros, estabelecidos no paiz, que a Belgica, especialmente Flandres, fazia o commercio com os outros povos.

Começando pelos Portuguezes, datam de muito longe as suas relações com os Flamengos. Já em 1386, alguns negociantes portuguezes se estabeleceram em Bruges; e, n'esse mesmo anno, o duque de Borgonha, Filippe, o Atrevido, conce-

---

[1] Henri Cons, *obr. cit.*, vol. I, pag. 244.

deu aos habitantes e mercadores de Portugal um passaporte, datado de Paris, para residirem em Flandres com as familias e creados, comprarem e venderem, e poderem ir á Inglaterra, sem risco de qualquer vexame. E este privilegio, que só era valido por um anno, renovou-se no seguinte por tempo indeterminado.

Em 1411, João *Sem medo* consignou, em carta datada de Gand, novos privilegios para os Portuguezes, declarando que os tomava debaixo da sua protecção; e essas garantias foram ainda ampliadas por Filippe o Bom, em 1438. O movimento commercial dos Portuguezes correu de fórma que, em 1445, edificaram uma casa propria em Bruges, a qual, em 1503, encetou as remessas para a Allemanha.

Com a declinação d'essa cidade, o movimento passou para Anvers, onde os navios portuguezes tinham já ancorado pela primeira vez, tambem em 1503, e continuaram a ir carregados de especies e drogas da India, bem como de outras mercadorias coloniaes, que nunca se tinham visto lá. E, para continuar esse trafico em grande escala, o rei D. Manuel mandou para alli um feitor, que, entabolando negociações com o opulento negociante Nicolao Rechtergen, enviou, por intermedio d'elle, especiarias para a Allemanha. Os Allemães ficaram tão admirados de tal remessa, que duvidaram da bondade d'esses productos, e suspeitaram que estivessem falsificados; pois que sómente conheciam e tinham por legitimos os que vinham de Veneza. Insensivelmente se foi

apreciando a importancia do novo commercio, a ponto de levar os Fockers, os Walsers e Osterters, banqueiros allemães, a estabelecerem-se em Anvers, em 1516, e os negociantes estrangeiros, á excepção de alguns hespanhoes, a mudarem a sua residencia de Bruges para aquelle porto, arrastados pelos Portuguezes.

A nossa feitoria em Anvers foi organisada com o nome de *Casa de Portugal,* por contracto de 20 de novembro de 1511, celebrado com os burgomestres, que nos concederam para isso um predio, que ficou sendo propriedade nossa, e nos confirmaram os antigos privilegios, concedendo ainda outros novos [1].

Com a Allemanha, com o norte da Europa, e mesmo com os povos do Oriente, tambem a Belgica, no principio do periodo, exercia um grande commercio. Mas os accidentes politicos e militares que temos referido, arruinaram esse trafico, da mesma fórma que fizeram declinar toda a situação economica do paiz.

Com a França, as guerras d'esta com a Hespanha, as ambições dos Francezes, especialmente de Luiz XIV, sobre a Belgica, a alliança posterior d'aquelle paiz com a Hollanda, a decadencia dos Belgas e os mais accidentes politicos que temos referido, fizeram tambem que, após o meado do seculo XVI, as relações entre os dois paizes diminuissem de importancia.

---

[1] Zeferino Brandão, *Belgica,* pag. 77.

O mesmo aconteceu com a Inglaterra; accrescendo ainda, n'esta parte, as medidas de Isabel e Cromwell, tendentes a acabar com o predominio do commercio estrangeiro, e de que fallaremos no capitulo seguinte.

As relações commerciaes com a Hollanda é que foram sempre menores, já pela rivalidade dos dois paizes, e já porque os productos industriaes e competencia mercantil eram quasi identicos [1].

*

* *

Depois de Filippe o Bom, as diversas provincias dos Paizes-Baixos cunharam quasi sempre as mesmas moedas, variando apenas no titulo do conde, duque ou soberano que as mandava fabricar, e na marca da respectiva casa da moeda.

Filippe o Bello (1494-1506) emittiu o *grande tosão d'ouro,* a maior moeda conhecida d'esse metal, que tinha 44 millimetros de diametro; o *florim* e *meio florim de S. Filippe,* o *velho* e *novo tosão;* o *tosão de Maestricht;* o *duplo soldo d'escudo;* o *patar* ou *simples soldo;* o *meio soldo,* etc. [2]

No centro da cruz das chapas d'esse monarca, appareceram, pela primeira vez, signaes especiaes, como, por exemplo, para Flandres a flôr

---

[1] *Patria Belgica,* vol. II e III.

[2] Raimundo Sessure, *Dictionnaire Géographique de l'Histoire Monétaire Belge,* pag. 50.

de liz, para o Bravante um leão, para a Hollanda uma rosa e para o Hainaut um H. E, da mesma fórma, no seculo XVI, Gand tomou tambem, como distinctivo do seu dinheiro, um leão; Bruges, uma flôr de liz; e, assim, successivamente, muitas cidades tomaram um signal particular.

O imperador Carlos V mandou primeiramente cunhar em ouro *tosões d'ouro, florins* e *meios florins de S. Filippe*, e em prata o *soldo*, o *duplo soldo* e o *escudo*. E, depois, quando a prata e ouro do Novo Mundo augmentaram singularmente a circulação da moeda, o mesmo imperador, que desejava a unificação monetaria, fez referir todos os dinheiros de Flandres e Bravante a uma unidade, o *mito*, cujo valor correspondia approximadamente a 0,40 do real portuguez. Fechou as casas de moeda de Namur, Luxemburgo e Utrecht; e só deixou subsistir a de Bruges, Anvers e Tournay, na Belgica, e Maestricht, Dordrecht, Nimegue, na Hollanda.

Os dinheires flamengos, que então fez cunhar foram em ouro: o *florim*, o *real*, o *meio real* e a *corôa*. Em prata: o *grosso*, o *duplo grosso*, o *real*, o *meio real*, o *vlieger* ou *volante*, assim chamado da aguia gravada na face, e o *florim Carolus* ou *escudo*. Em cobre o *mito*, a *sizena* ou *peça de seis mitos*.

Algumas d'estas peças foram referidas ao dinheiro estrangeiro, muito espalhado então na Belgica, e tinham o mesmo valor. Assim, a corôa era destinada ás relações com a França, o florim com a Allemanha, e o real com a Hespanha.

Filippe II seguiu o systema monetario de seu pae. Mas já os archiduques Alberto e Isabel cunharam dinheiro novo, da seguinte fórma, com os seguintes valores:

Em ouro:

O duplo ducado.	150	soldos	ou	1$500 reis
Ducado singelo.	75	»	»	750 »
O albertino.	50	»	»	500 »
O duplo albertino.	100	»	»	1$000 »
O soberano.	120	»	»	1$200 »
com multiplos e submultiplos.				
Escudo ou corôa	72	»	»	720 »

Em prata:

Ducatão	60	soldos	ou	600 reis
Patacão	48	»	»	480 »
com multiplos e submultiplos.				
Esquelino de pavão.	6	»	»	60 »
Patar, com multiplos.	3	»	»	30 »
Florim, com submultiplos. . . .	20	»	»	200 »
Real.	5	»	»	50 »
com multiplos e submultiplos.				

Em cobre:

O dinheiro	4	mitos	ou	1,68 de real
Duplo dinheiro	8	»	»	3,36 » »
Liar	12	»	»	5,04 » »
Gigote	6	»	»	2,62 » »

Os outros soberanos continuaram a fazer cunhar dinheiro nas casas da moeda belgas, conservando-lhe, em geral a nomenclatura e valor antigo.

Nos annos de 1577, 1578 e 1579, em virtude dos artigos de pacificação de Gand, os Estados das provincias belgas ordenaram a cunhagem de dinheiro em Anvers, Bruxellas e Maestricht: *corôas* e *meias corôas* de ouro; *escudos, meios escudos, quarto de escudo,* tambem de ouro; peças de *quarenta e um soldos, soldos, meios soldos* de prata; e peças de cobre de 12,16 e 2 mitos. A legenda era *Pace et Justitia* [1].

---

[1] Mas, a par da cunhagem dos respectivos monarcas ou governadores geraes, houve a cunhagem especial de differentes cidades.

Anvers, por exemplo, em 1584, cercada pelo principe Alexandre Farnezio, fabricou moeda propria: os *leões d'ouro* e os *escudos de prata,* conhecidos pelo nome de *robustos.*

Aconteceu a mesma coisa com Tournay, em 1581; com Audenarde, em 1588, que, durante o cerco do mesmo Alexandre Farnezio, fabricou tambem moeda propria; com Bruxellas, em 1579 e 1580, e com Bruges, em 1583 e 1584. Durante a lucta com a Hespanha, Gand tambem fabricou *nobles d'ouro, meios nobles, quartos de noble*; bem como *briquetes, meios briquetes, grossos de leão, duplos patars* e *dinheiros negros* de bilhão, todos estes ultimos conhecidos pelo nome de *coppenolles,* do nome de João Coppenolle, que esteve á frente dos insurgentes. Em Liége, no principio do seculo XVI, cunharam-se tambem moedas proprias especiaes: *florins d'escudo, florins de Santo Huberto, maphans de S. Lamberto, patares duplos, patares da Virgem e de S. Lamberto, gryphos, rixdalers;* e, em 1612 a 1650, *florins de ouro, ducados, pistolas, ducatões, patacões, esquelinos,* peças de *quatro soldos, dois soldos,* e *um soldo de bilhão.*

Luxemburgo teve tambem casas de moeda e dinheiro proprio. Namur a mesma coisa, e, no tempo de Filippe II, fabricou *escudos* e *meios escudos.* — Raimundo Serrure,

Os outros soberanos belgas continuaram a fazer cunhar dinheiro, conservando em geral a nomenclatura e valor antigo[1].

*
* *

Pelo que respeita, ás communicações, no fim do seculo XV, o Escalda superior e seus affluentes, o Haine, o Scarpa e o Lys eram utilisados como vias de transporte da hulha e cal e d'outros productos.

No seculo XVI, Anvers passou a ser praça de commercio predominante, e então o Dendre, o Senna e o Dyle, tornados navegaveis pela canalisação, formaram com o Escalda, o Rupel e os dois Néthes uma reunião de vias de transporte, que foi completada pelos canaes que punham Bruxellas e Louvain em communicação com o Rupel, abrindo assim estas cidades ao commercio maritimo.

As perturbações e guerras de que a Belgica foi theatro, no seculo XVII, e o desastroso

---

obr. cit. — R. Serrure fils, *Eléments de l'Hist. Monétaire de Flandre.* — Louis Deschamps de Pas, *Essai sur l'Histoire Monétaire des Contes de Flandre de la maison d'Autriche et classement de leurs monnaies.*

[1] Raimundo Serrure, *obr. cit.* — *Patria Belgica,* vol. III. — R. Serrure fils, *Eléments de l'Histoire Monétaire de Flandre.*

*

tratado de Munster roubaram ás cidades de Anvers, Gand e Bruges a sua importancia commercial, ao mesmo tempo que as suas relações maritimas. Houve ainda tentativas para crear no interior do paiz uma linha de navegação entre Ostende, o Escalda, o Mosa e o Rheno, mas ficaram infructuosas.

Comtudo, no meio das guerras de Luiz XIV, abriram-se, no ponto de vista estrategico, vias navegaveis, que, depois, foram aproveitadas pela industria; e, foi então, que, no mesmo intento, se fizeram os primeiros trabalhos para a navegação sobre o Mosa e o Sambre.

No seculo XVIII, a exploração das pedreiras e das minas deu nova importancia á navegação interna do Escalda, do Dendre, do Haine, do Sambre e do Mosa. E, ao mesmo tempo, tentou-se estabelecer a navegação entre a bacia do Escalda e a do Sena, para facilitar assim as trocas entre a Belgica e a França.

Alargou-se tambem o leito do Geeta, para se tornar navegavel até Denner; profundou-se o canal de Sa de Gand; e abriu-se o canal de Louvain.

Emquanto á viação terrestre, no seculo XVII, as provincias belgas tinham já um desinvolvimento muito consideravel de boas estradas calcetadas.

No governo da casa d'Austria, e, sobretudo, no tempo de Maria Thereza, construiram-se caminhos novos e ligaram-se entre si os que já existiam. E, no fim da edade moderna, havia

já mais de dois mil kilometros de boas estradas [1].

*

* *

Como se vê, n'este periodo, a historia economica da Belgica, até o meado do seculo XVI, assume grandeza immensa; mas as guerras successivas de que o paiz foi victima, e que tanto assolaram o seu territorio e prejudicaram as suas provincias, as perturbações intestinas, as perseguições religiosas, a emigração dos obreiros, a incapacidade d'alguns dos seus governantes, e a pressão e crueldade de alguns outros: reduziram o movimento economico a um plano muito diminuto. A Flandres da edade media e do seculo XVI, que prendeu o mundo inteiro nos tentaculos do seu commercio, e que assombrou a terra pelo desinvolvimento da sua industria, tornou-se n'uma colonia apagada de Hespanha. Se não morreu, e a reacção do progresso conservou um resto das antigas tradições, é que o genio dos seus filhos valia tanto como a seiva das ortigas, que medram até debaixo das pedras.

Depois, com o governo da Austria, a Belgica novamente se reanimou e despertou de novo o seu movimento economico. E, se, ainda assim, o

---

[1] *Patria Belgica*, vol. III. — Ernest Van Bryssell, *obr. cit.* — Briavoinne, *obr. cit.*

paiz ficou a grande distancia do antigo esplendor, começou, comtudo, a brilhar, como um sol vivificador, a esperança e a iniciativa da Belgica contemporanea, de que, a seu tempo, fallaremos.

CAPITULO XVI

Inglaterra

Ligeiro esboço da historia politica da Inglaterra, na época moderna

Como vimos no ultimo volume, a historia politica da Inglaterra, durante a edade média, foi preenchida, principalmente, pela conquista dos Normandos (1066) e pelas consequencias que d'ahi se derivaram; pelas luctas do rei e do clero, por exemplo, no tempo de Henrique II e João *Sem Terra;* pelas luctas do rei com a nobreza, por exemplo, sob o mesmo João *Sem Terra,* em cujo reinado se deu a Grande Carta, bem como sob Ricardo II; pelas luctas contra a Escocia, como no tempo de Eduardo I e Eduardo II; pelas luctas entre os pretendentes á corôa e pelas conspirações palacianas, como, por exemplo, sob o mesmo Eduardo II e Ricardo II, Henrique IV, Eduardo V e Ricardo III; pela guerra com a França, desde 1338 a 1453; e pelas luctas da casa de York e Lancaster (*Rosa Branca* e *Rosa Vermelha*), desde Henrique VI (1461) até Henrique VII (1485).

Vimos tambem como Henrique VII da casa Lancaster casou com a princeza Isabel, representante da casa York, terminando assim com a guerra das *Duas Rosas* e com as rivalidades internas. Vimos egualmente como a Inglaterra teve pequeno desinvolvimento economico na edade media, devido, em grande parte, a esses accidentes politicos, que a trouxeram sempre revolta. E expuzemos, finalmente, como principiou com Henrique VII (1485-1509) a era dos grandes reinados do povo inglez.

Os primeiros tempos d'este rei ainda foram perturbados com differentes revoltas de varios impostores, que se davam como representantes da casa de York; e tambem o monarca teve de entrar em lucta com a nobreza, para lhe abater o orgulho e restringir os privilegios. Mas, nos ultimos tempos, pôde elle dedicar-se á organisação interna do reino e desinvolvimento da agricultura, commercio e industria; e muito mais poderia fazer, se não fosse dotado d'uma avareza enorme, que o impedia de todas as iniciativas dispendiosas.

Succedeu-lhe Henrique VIII (1509-1547), que estabeleceu a Egreja anglicana, só porque o Papa não auctorisou a dissolução do seu casamento com Catharina de Aragão, irmã do imperador Carlos V, afim de poder casar novamente com Anna Bolena, como depois casou. E d'ahi se seguiu entre protestantes e catholicos uma lucta accesa, que ensanguentou a Inglaterra, a par das maiores crueldades exercidas pelo rei

contra uns e outros, e até contra os membros da propria familia [1].

Apezar d'isso, iniciou as descobertas e expedições maritimas dos Inglezes; deu grande desinvolvimento á marinha; supprimiu os conventos e casas religiosas, apprehendendo todos os bens d'ellas para a corôa e augmentando, assim, o peculio da nação. E submetteu ao governo de Inglaterra o paiz de Galles, até ahi quasi independente.

Succedeu-lhe, em 1547, seu filho Eduardo VI, que foi proclamado rei aos nove annos, e falleceu, em 1553, da edade de dezeseis annos. Durante o seu curto reinado, foi o ludibrio dos influentes da côrte, que entre si disputavam o poder; mas, em todo o caso, apezar do protestantismo ser adoptado, então, como religião do Estado, acabaram as perseguições e crueldades, que tão tristemente haviam assignalado o reinado anterior. Era uma creança muito intelligente e applicada, que dava grandes esperanças.

Succedeu-lhe sua irmã Maria, conhecida por Maria Tudor (1552-1558), tendo-lhe sido disputado o throno por Joanna Grey, cujos partidarios foram vencidos.

---

[1] Foi, assim, que mandou tambem matar Anna Bolena. Casou terceira vez com Joanna Seymur, que morreu anno e meio depois. Casou em seguida com a princeza Anna Cleves, e, passado pouco tempo, fez annullar esse casamento. Mandou matar a quinta mulher, Catharina Howard. E casou ainda uma sexta vez com Catharina Parr, que falleceu de morte natural.

Restabeleceu o catholicismo, e casou depois com Filippe de Hespanha, filho do imperador Carlos v; mas, quando este foi chamado ao throno do seu paiz, ella reinou só na Inglaterra.

O seu governo durou apenas seis annos; e foi preenchido por grandes perseguições contra os protestantes e por uma guerra injusta contra a França, em que os Inglezes perderam Calais, unica praça que ainda lhes restava no territorio francez.

Esta rainha, d'um caracter naturalmente aspero e cruel, foi tambem influenciada, nas atrocidades e perseguições religiosas que commetteu, pelo fanatismo sombrio de seu esposo, que ella amava da mais viva ternura.

Succedeu-lhe sua irmã Isabel (1558-1603). Esta rainha começou por restabelecer o anglicanismo. Sobreveiu depois uma guerra com a França, que terminou pela paz de 1559.

Pela rivalidade e inveja que lhe inspirava a rainha catholica da Escocia, Maria Stuart, mandou-a prender, quando esta, fugida do seu paiz, se acolhera á protecção d'ella; e, levada ainda da mesma inveja e rivalidade, e temendo as intrigas e conspirações dos catholicos que se estavam fazendo na propria Inglaterra, em favor d'aquella rainha, mandou-a tambem julgar e matar. E, então, ao passo que tinha sido muito tolerante em religião, nos primeiros tempos do seu governo, desinvolveu as maiores perseguições e crueldades contra os catholicos.

A morte de Maria Stuart e essas perseguições

provocaram a guerra com Filippe II, de Hespanha, que se tinha feito o campeão do catholicismo ultrajado. N'essa guerra, Drake, em 1578, saqueou as costas do Peru. Em 1585, atacou as colonias americanas dos Hespanhoes. Em 1586, insultou Lisboa e as costas de Hespanha, e destruiu em Cadiz uma armada inteira de navios carregados de viveres e munições.

Para vingar tantos ultrajes, Filippe II resolveu invadir a Inglaterra, e preparou para isso a *armada invencivel* [1], que foi destroçada por uma tempestade.

A rainha nunca se quizera casar, tendo por timbre viver e morrer virgem, apezar das instancias em contrario do parlamento. Entre os muitos pretendentes que lhe mostraram affeição, distinguiu sobretudo o conde de Essex. Este, porém, era dotado de um genio pouco agradecido ás attenções da rainha e d'um caracter irrequieto e caprichoso, o que deu logar, depois de varias desintelligencias e reconciliações, a promover uma revolta militar contra ella e a ser por isso justiçado e morto. Isabel nunca mais teve alegria, e foi-se desprendendo do governo, até que falleceu, em 1603, cheia de pezares e de remorsos.

---

[1] Emile de Bonnechose, *Histoire d'Angleterre*, vol. III, pag. 480. — Sobre a importação e unidades d'essa esquadra póde vêr-se Messire Renon de France, *Histoire des Troubles des Pay-Bas*, vol. III, pag. 183 e seguintes.

O seu reinado foi, como veremos, um dos mais brilhantes da Inglaterra, e data d'ahi a grandeza economica do povo inglez e o seu gosto pelas expedições maritimas.

Succedeu-lhe Jayme I, que já era rei da Escocia [1] (1603-1625). Favoreceu de novo a religião anglicana, perseguindo os catholicos e puritanos, que, por isso mesmo, conspiraram contra elle; e, sendo descoberta a conspiração, maiores se tornaram aquellas perseguições.

Prodigo e vaidoso, carregou o povo de tributos, pelo que teve contínuas luctas com o parlamento; e deixou-se dominar por favoritos que o levaram a grandes abusos, como, por exemplo, á condemnação injusta de dois dos maiores homens que tem honrado a Inglaterra — o filosofo Bacon, ministro do rei, condemnado a uma multa enorme, e o almirante Walter Raleigh, condemnado á morte.

A subida de Jayme I fez unir provisoriamente as duas corôas da Escocia e Inglaterra; mas a união definitiva só teve logar, em 1707, sob a rainha Anna [2].

---

[1] O nome inglez é James, que uns traduzem por Jacques, outros por Diogo, e outros por Jayme, denominação que nós adoptamos.

[2] Com effeito, aquella primeira união tinha deixado á Escocia uma independencia ao menos nominal. Durante o seculo XVII, salvo uma pequena interrupção sob Cromwell, ainda esse paiz conservou a sua constituição e o seu parlamento; e, embora, na realidade, fosse uma provincia

A Jayme I succedeu o filho Carlos I (1625-1649). Mostrou-se affecto aos catholicos, perseguindo as outras seitas, e começou, desde logo, a pôr-se em opposição com o parlamento, que lhe não quiz votar os impostos por elle solicitados. Depois de ter dissolvido quatro parlamentos, o ultimo dos quaes se chamou o *curto parlamento,* viu-se obrigado a convocar o *longo parlamento,* que se collocou em hostilidade aberta com o rei. Esse facto e as tendencias absolutistas do monarca provocaram a guerra civil, a que se seguiu á morte de Carlos I, a proclamação da republica, em 1649, e a nomeação d'Oliveiro Cromwell, como chefe da nação, sob o nome de *Protector do reino.*

Apezar d'isso, a Escocia pugnou por Carlos II, filho do rei decapitado; e Cromwell teve de dominar essa opposição, n'uma serie de batalhas, de que sempre saiu victorioso.

Cromwell proclamou depois o celebre *Acto da navegação.* Por esse acto, nenhum producto do solo ou industria da Asia, Africa e America, podia ser importado na Inglaterra, a não ser em navios construidos na propria Inglaterra ou nas colonias, de propriedade ingleza, e cuja equipagem fosse tambem ingleza, pelo menos nas tres quartas partes. Só os Inglezes podiam exercer a profissão

---

da Inglaterra, tinha as suas alfandegas privativas, e até, com respeito ao acto de navegação, era tratada como paiz estrangeiro. Em 1707, porém, foi que se deu a reunião real e definitiva.

de commerciantes ou feitores nas colonias da sua nação. As mercadorias da Europa não podiam ser importadas na Inglaterra, senão em navios inglezes ou do paiz de producção, o que especialmente era destinado a prejudicar a Hollanda. Foram impostos grandes tributos sobre os peixes salgados importados. O assucar, o tabaco, o anil, o gengibre, o pau de tingir das colonias só podiam ser enviados á Inglaterra. Chamavam-se por isso *artigos enumerados* [1].

Este acto trouxe a guerra com a Hollanda, que Cromwell terminou gloriosamente, por um tratado, em que os Hollandezes tiveram de reconhecer a superioridade do pavilhão britanico.

Segundo já dissemos, tambem Cromwell reuniu temporariamente a Escocia [2] á Inglaterra. Alliando-se com a França, fez uma guerra feliz á Hespanha, e tornou a Inglaterra respeitada e temida na Europa. Apezar d'isso, a opposição dos verdadeiros liberaes e do parlamento contra elle foi constante; e, nos ultimos tempos, as ameaças á propria vida o tornaram tão receioso, que não saía senão guardado por tropa, e trazia toda a familia em contínuo sobresalto de que alguem o matasse.

Por morte de Cromwell, foi proclamado, em

---

[1] Os artigos enumerados foram depois, nos reinados posteriores, ora ampliados, ora restringidos.

[2] A Escocia perdeu o seu parlamento, mas obteve o direito de enviar trinta deputados ao parlamento inglez de Westminster.

1658, seu successor e protector do reino o filho Ricardo Cromwell; mas este, por sua incapacidade governativa, descontentou toda a gente, por fórma que, no fim de dois annos, pelos esforços do general Monk, se restabeleceu a monarchia, sob Carlos II, filho de Carlos I.

Este rei (1660-1685) começou por publicar a *declaração de Breda,* pela qual promettia o perdão das injurias e o esquecimento do passado; mas, não obstante isso, os regicidas e os republicanos foram mortos ou perseguidos, assim como, em geral, os adversarios da religião catholica ou do anglicanismo.

A par d'isso, o seu reinado foi cheio de guerras estrangeiras. Assim, ao passo que para arranjar dinheiro, vendeu Dunkerke a Luiz XIV, por instigação do mesmo Luiz XIV, intentou uma guerra contra a Hollanda, que só trouxe vergonhas e desgraças para os Inglezes; e, depois, alliou-se com a mesma Hollanda e com a Suecia, para resistir ás pretensões avassalladoras d'aquelle rei, que pretendia conquistar os Paizes-Baixos do Sul.

Reviveram no seu reinado as luctas dos protestantes e catholicos, favorecidos pela corôa. Houve tambem a opposição do parlamento, a par de varias intrigas e até d'uma conspiração, para o substituir no throno por um seu filho natural, o duque de Monmouth. E tudo isso, junto á prodigalidade do rei, á sua incapacidade governativa e ao seu fanatismo catholico, tornou desgraçado o seu governo. Como compensação, a

rainha Catharina, infanta portugueza, levou-lhe em dote Tanger e Bombaim. E, se aquella praça de pouco serviu aos Inglezes, porque foi reconquistada pelos Mouros, Bombaim tornou-se o grande emporio colonial da Asia.

Foi no seu tempo que o parlamento, em reacção liberal contra o rei, publicou o celebre *Habeas Corpus,* que vem a ser a garantia constitucional dos cidadãos inglezes, e que as designações de *Whigs* e *Tories* começaram a applicar-se ás opposições parlamentares e aos amigos da côrte [1].

Succedeu-lhe seu irmão Jayme II, que era duque de York (1685-1688).

Catholico ferrenho, perseguiu os protestantes, que fugiram em grande parte para o continente; e essa perseguição deu logar a uma rebellião, dirigida pelo duque de Monmouth, que foi vencido e morto.

N'esta situação, o rei, hostilisado pelo parlamento e pelos protestantes e anglicanos, tendo-se tornado perseguidor de todos os que não seguiam o culto catholico, e tendo restabelecido este culto em todas as suas forças, resolveu senhorear-se do poder absoluto.

Tudo isto levou os protestantes a chamar o stathouder da Hollanda, Guilherme d'Orange,

---

[1] Ambas significavam *ladrões*, a primeira no idioma escocez e a segunda no dialecto irlandez; mas, pela designação de Whigs, começaram a ser conhecidos os liberaes, e, pela de Tories, os conservadores.

que era genro de Jayme II, e que subiu ao throno, sob o nome de Guilherme III.

Guilherme III (1688-1702) levou os primeiros tempos do seu reinado a pacificar a Irlanda e Escocia, onde os catholicos luctaram a favor do rei deposto. Depois, teve de passar ao continente, com um pequeno exercito inglez, para defender a Hollanda, que estava em guerra com a França, guerra essa que terminou pela paz de Riswick, em 1697.

Os ultimos tempos de Guilherme III foram cheios dos incidentes d'esta guerra, de discordias civis, de conspirações a favor de Jayme II, e de luctas com o parlamento, cioso das suas garantias, que o rei lhe queria cercear, mas que elle, graças á sua energia, soube manter.

Guilherme III falleceu, em 1702, no estado de viuvo; e, não tendo deixado filhos, foi chamada ao throno sua cunhada Anna, esposa do principe Jorge da Dinamarca e filha de Jayme I (1702-1714).

O governo d'esta rainha foi preenchido pela *Guerra da successão* de Hespanha, em que a Inglaterra tomou parte, e que só terminou, em 1712; pela unificação definitiva com a Escocia; e pela rivalidade de Whigs e Tories.

Constantemente dominada por favoritas, a rainha Anna, embora bondosa, era destituida das qualidades necessarias para reinar; e se, apezar d'isto, o governo d'ella teve um certo brilho, foi devido a homens importantes d'esse tempo, como, por exemplo, Marlborough, o ge-

neral que de tantas glorias cobriu a Inglaterra na *Guerra da successão.*

Succedeu-lhe seu filho Jorge I (1714-1727), eleitor do Hanover e fundador na Inglaterra da dynastia hanoveriana.

Continuaram os esforços de muitos catholicos na Irlanda e Escocia a favor de Jayme II, o que deu logar a differentes execuções de homens importantes, que se julgaram necessarias para a consolidação do poder real. Continuaram tambem as desordens entre Whigs e Tories; e a administração do reino foi descurada. Contribuiu para isso o facto do rei não saber a lingua ingleza, nem o seu ministro Roberto Walpolle a franceza, que era muito conhecida na côrte; de modo que se viam obrigados a fallar o latim. Por outro lado, Jorge não abandonava os cuidados da administração de Hanover.

Ainda assim, pela simples iniciativa da nação, a gloria maritima da Inglaterra augmentou muito n'este reinado.

No tempo de Jorge II (1727-1760), continuou governando como seu ministro Roberto Walpolle, que desgostou o paiz e o parlamento, o qual, por isso, lhe foi quasi sempre adverso. Não obstante, continuou gozando os favores do rei e cerceando, sempre que podia, as garantias liberaes. Em 1737, rebentou a guerra da Inglaterra com a Hespanha, que terminou pela paz de Vienna, em 1739, para recomeçar pouco depois d'esse anno; e o mau successo d'esta guerra fez demittir aquelle ministro, e trouxe graves perturbações interiores.

Em 1742, rebentou a nova guerra da *Pragmatica Sancção,* em que a Inglaterra foi tambem involvida, juntamente com a Austria, Hollanda, Piemonte e Russia, contra a França, Prussia e Baviera.

N'essa guerra, a França tentou invadir a Gran-Bretanha, preparando para isso uma grande esquadra, cujo commando foi dado ao principe Carlos Eduardo, neto de Jayme II; mas a tempestade incumbiu-se de defender os Inglezes, porque essa esquadra foi quasi totalmente destruida, quando estava no canal.

Ao mesmo tempo, a guerra entre os dois paizes continuava encarniçada nas colonias. E, em 1741, aquelle principe Carlos Eduardo, mais feliz que da primeira vez, executou o audacioso plano de desembarcar com um exercito na Escocia, onde ateou a lucta, proclamando, como rei da Gran-Bretanha, a seu pae, que no exilio usava do nome de Jayme III. Foi completamente derrotado, na batalha de Culloden-Field; mas, apezar d'isso, a guerra continuou encarniçada nas colonias, com grande vantagem para a Inglaterra.

Jorge II morreu, em 1760, e succedeu-lhe seu neto Jorge III (1760-1820). Teve por ministro lord Chatam, o primeiro Guilherme Pitt, um dos maiores genios politicos da Inglaterra, que a levantou do abatimento em que ella ia caindo.

Essa guerra com a França terminou pelo tratado de Paris, de 1763, todo vantajoso para os Inglezes.

Por esse tratado, a França tinha de demolir

Dunkerke, restituir Minorca, e tudo o que tinha conquistado em Hanover. Perdeu a Acadia, a Nova Escocia, o Canadá, a Luisiania, que foi cedida á Hespanha, em troca da Florida, abandonada aos Inglezes, a ilha do cabo Breton, as do golfo de S. Lourenço, a Dominica e Tabago, recebendo apenas, como indemnisação Belle-Isle, Guadalupe, Maria Galante, Desiderada, algumas outras possessões, na America, e a ilha de Gorea, na Africa.

Na Asia, as coisas ficaram no estado em que estavam antes da guerra, com a condição de que os Francezes não enviariam para lá mais tropas.

Essa guerra com a França acarretou grandes despezas á Inglaterra, e d'ahi uma divida publica enorme. Para attenuar esse miseravel estado financeiro, em 1764, lord Granville, que então pertencia ao ministerio, lembrou-se de fazer contribuir os Estados-Unidos, e lançou-lhes o imposto do sello. Ora, até ahi, as colonias é que se taxavam a si proprias, e por isso levantou-se, desde logo, grande opposição a tal imposto.

Em vista d'essa opposição, foi elle substituido pelo imposto sobre o chá; mas os Estados-Unidos atacavam o principio e não a qualidade do imposto, e d'ahi resultou o levantamento geral da colonia, sob o commando de Washington, e a proclamação da sua independencia, em 1776.

A Inglaterra tratou de reconquistar pelas armas as ricas colonias que um absurdo politico lhe tinha feito perder; mas, depois d'uma guerra violenta, em que os Estados-Unidos foram auxilia-

dos pela França, teve de reconhecer aquella independencia, no tratado de 1783.

Por esse tratado, a Inglaterra restituiu á França os seus estabelecimentos e alguns novos fortes, no Senegal; e, nas Indias Orientaes, os antigos estabelecimentos das costas d'Orissa, Pondichery, Carical, Mahé e a feitoria de Surata, e renunciou á demolição de Dunkerke. A Hollanda cedeu á Inglaterra Negopatam, e a Hespanha guardou as Floridas e a ilha de Minorca.

Em 1765, Jorge III foi attingido de alienação mental, e foi por isso estabelecida uma regencia, ficando a governar, em nome d'elle, o primeiro ministro, William Pitt, filho de lord Chatam.

Sobrevieram depois as luctas da revolução franceza [1], que já pertencem a outro volume.

---

[1] Lord Macauley, *The history of England from the Accession of James the Second* e *Historia de Guilherme III*, traducção franceza de Amedée Pichot. — M. Villemain, *Histoire de Cromwell*. — Guizot, *Historia de Inglaterra*, traducção de Maximiano de Lemos. — Emilio de Bonnechose, *Histoire d'Angleterre*. — P. Roland, *Précis d'Histoire d'Angleterre, d'Écosse et d'Irlande*. — Félix Bodin, *Resumé de l'Histoire d'Angleterre*.

CAPITULO XVII

Inglaterra

Movimento economico da parte colonial

I. Como os Inglezes se lançaram no caminho das expedições maritimas. — Fraco resultado d'essas expedições até o tempo de Isabel. — Desinvolvimento e proveito d'ellas, no tempo d'essa rainha. — Expedição no mar Branco e relações commerciaes que d'ahi se seguiram entre os Inglezes e os Russos. — Tentativas relativas á America. — Formação das companhias de Londres e Plimouth para a colonisação da America do Norte. — Desinvolvimento d'essa colonisação. — Regimen economico das colonias da America do Norte. — Estabelecimentos inglezes nas Antilhas, Terra Nova, Bermudas, Bahamas, esteppes septentrionaes e America Central. — Acquisição do Canadá, Acadia, Nova Escocia, ilhas do cabo Breton e do golfo de S. Lourenço, Dominica e Florida. — Productos. — Centros principaes.

II. Expedições e explorações nas Indias orientaes. — Formação da *Sociedade dos Mercadores de Londres, traficando nas Indias Orientaes*. — Expedições d'esta companhia, e bom resultado d'ellas. — Predominio dos Inglezes na India. — Relações com a Persia. — Creação de outra companhia, formada em 1693, para explorar tambem o commercio do Oriente, e fusão das duas companhias. — Augmento do poder inglez, no fim do seculo XVII e seculo XVIII. — Relações com a China. — Productos, industria, commercio e centros principaes das colonias das Indias orientaes.

I

No capitulo anterior, deixámos indicados os accidentes politicos da metropole. Vejamos agora como ella constituiu o seu dominio colonial.

Já notámos tambem, a paginas 29 e seguintes, como as expedições dos Portuguezes e Hespanhoes lançaram os Inglezes no caminho das explorações maritimas; como elles tentaram descobrir, pelo nordeste e noroeste da Europa, uma passagem para a America e para a India; e como João Cabot e seu filho Sebastião Cabot, logo nas primeiras tentativas, em 1496 ou 1497, foram dar á parte septentrional d'esse continente. Mas Henrique VII, por sua avareza [1], não prestou nenhum auxilio a esses navegadores, e apenas os auctorisou a tomarem conta dos paizes conquistados, em nome da Inglaterra, sem se importar com a bulla de Alexandre VI.

Tiveram elles, por isso, de emprehender a viagem á sua custa, e, não tendo meios para tirarem partido de semelhante empreza, abandonaram aquella descoberta. Seguiram-se differentes expedições maritimas, quasi todas já mencionadas no primeiro capitulo; mas, aqui, frizaremos ainda as que maiores relações tiveram com o commercio ou colonisação, ou maior influencia exerceram no movimento economico.

---

[1] Emilio Bonnechose, *obr. cit.*, vol. I, pag. 276.

No tempo de Henrique VIII, Eduardo VI e Maria Tudor, apezar do estimulo dado por Henrique VIII á marinha, as crueldades e perseguições exercidas por elle e a fraqueza d'aquelles outros reis, a par das perturbações internas do reino, fizeram que as explorações pouco proseguissem, e se tornassem inuteis para o commercio e navegação. Mas, no tempo de Isabel, tudo mudou, devido á iniciativa d'essa rainha, ao genio dos seus ministros, ao facto de Filippe II, de Hespanha, lhe ter fechado os portos da peninsula iberica, e á lucta com os Hespanhoes.

Logo em 1558, Chancellor entrou no Mar Branco, e desembarcou no Dwina, no sitio onde em breve se havia de erguer a cidade de Archangel. D'ahi foi a Moskow, onde Ivan IV, o Terrivel, o acolheu admiravelmente, abrindo-se com isso as relações commerciaes entre os dois paizes, de que adiante fallaremos.

A lucta com os Hespanhoes levou Drake, em 1577 a 1580, a intentar a circumnavegação do globo [1], para os atacar nas suas colonias da America. Dobrou, por isso, o cabo de Horn, e seguiu as costas occidentaes d'aquelle continente, reconhecendo muitas das suas ilhas e archipelagos.

Em 1578, a mesma rainha firmou, pela primeira vez, uma carta que assignava a Onofre

[1] Foi assim o segundo viajante que fez a circumnavegação do globo. O primeiro, como já vimos, foi o portuguez Fernando de Magalhães.

Gilbert a auctoridade e pleno dominio sobre as terras que descobrisse na America do Norte e mares adjacentes, sem que mais ninguem ahi podesse fundar qualquer estabelecimento, no circuito de duzentas leguas. Por morte d'elle, a concessão passaria a seus herdeiros, com a obrigação de pagarem á Inglaterra um quinto da prata e ouro que tirassem.

Onofre morreu cheio de desgostos, sem ter auferido proveito de tão larga concessão. Seu cunhado e successor, Walter Raleigh, partiu tambem para a America, em 1584, com bastantes navios, mas teve identicos revezes e um fim desastrado. Tendo descoberto parte do territorio a que poz o nome de Virginia, em honra da rainha virgem, ahi fundou uma colonia que não deu resultado; e depois, concebendo o plano de adquirir as Guyannas e libertal-as do jugo hespanhol, tanto mais que, a tradição as representava como o paiz do ouro, tendo o *Eldorado* por capital, foi infeliz na expedição, perdeu com isso na metropole a reputação de que gozava, e foi condemnado á morte como traidor.

Em 1602, Gosnold fez uma viagem, para reconhecer o que subsistia ainda da colonia da Virginia; e, tendo navegado para o norte, abordou á região onde hoje está situada a cidade de Boston, voltando com uma forte carregação de pelliças, cuja venda lhe deu grande resultado. Por outro lado, o capitão Weimouth, que foi commissionado para verificar o valor da mesma colonia da Virginia, confirmou quanto se havia dito da sua

riqueza e magnificencia. E tudo isto despertou o enthusiasmo dos Inglezes, de modo que, logo em 1606, se crearam duas companhias, uma em Londres e outra em Plimouth, a primeira para explorar o sul e a segunda, o norte d'essa colonia [1].

Mas as colonias não davam ouro, e havia sempre luctas encarniçadas com os selvagens. Por esse motivo, o enthusiasmo das duas companhias ia arrefecendo, e tudo estava declinando, apezar do muito que Delawre havia feito pela Virginia, quando os puritanos, que as perseguições de Jayme I tinham levado a refugiar-se na Hollanda, obtiveram d'elle a concessão de se poderem estabelecer na America do Norte. Então, desde 1619, começou a immigração d'esses puritanos, e, em 1621, um grupo d'elles, em numero de cento e vinte, munidos d'uma carta de Jayme I, fundou a Nova Plimouth, na bahia de Massachussets, no cabo Cod. Pouco a pouco, a colonia foi engrandecendo, e dividiu-se em quatro provincias — Massachussets, Connecticut, Rhod-Island e New-Hampshire, que formaram uma confederação, sob o nome de *Nova Inglaterra.*

A par d'isso, a colonisação ia tambem progredindo nos outros pontos da America.

---

[1] Augusto de Carvalho, *O Brazil.* — Cesar Cantu, *Historia Universal,* vol. VIII. — Noel, *Histoire du Commerce du Monde,* vol. II, pag. 183. — Scherer, *obr. cit.,* vol. II.

Assim, a Virginia, onde a cultura do tabaco tomara muito incremento, attraira grande numero de immigrados do partido realista.

Em 1632, sob Carlos I, foi creada por lord Baltimore a colonia de Maryland, que a corôa lhe concedeu, e que elle, como catholico zeloso que era, converteu n'um refugio para os seus correligionarios, perseguidos pelos puritanos [1].

Em 1663, organisou-se a colonia da Carolina [2].

Os estabelecimentos de Nova-Jersey e Nova-York datam de 1664; mas já Humphrey tinha querido, inutilmente, estabelecer uma colonia ahi, e já o paiz tinha sido explorado pelos Suecos e Hollandezes, que lá tinham fundado tambem Nova-Amsterdam.

Em 1681 ou 1682, foi aberto pelo quaker Guilherme Penn um asylo para a mais completa

---

[1] Por morte de Baltimore, um seu filho continuou a colonisação de Maryland, estabelecendo a maxima tolerancia religiosa e civil e a maxima doçura no tratamento dos colonos. Os successores d'elle, depois de varias alternativas, chegaram a perder a posse da colonia, mas foram reintegrados n'ella por Jayme II.

[2] Já o almirante Coligny tinha aberto ahi um asylo para os protestantes francezes: mas o assassinato d'esse homem, justo e bom, arruinou a sua tentativa. Alguns Inglezes o substituiram, no fim do seculo XVI, mas abandonaram depois esse estabelecimento. Já não havia nenhum Inglez, quando oito fidalgos da côrte de Carlos II obtiveram d'elle, em 1663, a propriedade d'este bello paiz, pedindo ao celebre Locke que lhes redigisse uma constituição.

liberdade de consciencia, na região que do seu nome se appellidou Pensilvania [1].

Emfim, em 1735, a Georgia offereceu, da mesma fórma, um refugio ás victimas das perseguições catholicas, a que se seguiu uma grande immigração de Suissos.

Estas colonias tinham differentes cartas pelas quaes se governavam. Mas algumas d'ellas, como a Virginia, Carolinas, Nova-York, Nova-Jersey e Georgia, estavam sujeitas á suprema interferencia e direcção de Inglaterra, e por esse motivo se chamavam *colonias reaes* ou da *corôa*. Outras, como a Pensilvania e Maryland, formavam especies de feudos, estabelecidos em favor dos concessionarios ou proprietarios, e por isto se chamavam *colonias de proprietarios*. E havia outras, como as da Nova Inglaterra, onde o regimen po-

---

[1] Penn obteve a concessão d'esse territorio, que era immenso, em compensação dos serviços que seu pae tinha feito ao Estado. Era um paiz que, embora rodeado de colonias inglezas, tinha sido sempre desprezado, e ahi foi elle fundar aquella colonia para os Quakers, que o clero britanico perseguia, porque elles se recusavam a pagar os dizimos e outras taxas, impostas pela avareza e impostura ecclesiastica.

O estabelecimento de Penn começou por um acto de equidade; porque, não contente com a cessão que lhe tinha sido feita pelo governo, resolveu comprar aos naturaes do paiz o vasto territorio que se propunha povoar, e ahi estabelecer um regimen de doçura, tolerancia, propriedade e liberdade, que attraiu, até os colonos das outras provincias, e ainda Suecos, Hollandezes, Francezes e Allemães.

dia considerar-se de pura democracia; porque os cidadãos elegiam livremente o seu governo e os seus magistrados, e faziam as suas leis, sem intervenção do governo inglez ou de quaesquer outras entidades, só de harmonia com a respectiva carta ou constituição; e por isso se chamavam *colonias de carta* (*carter government*).

A metropole esforçou-se perseverantemente em reduzir essas colonias ao primeiro typo, e, geralmente, o conseguiu. Mas as tendencias liberaes dos colonos e a importancia que todas ellas foram tomando, obrigou, por fim, a Inglaterra, por uma patente de 1674, a respeitar as bases primitivas e os sentimentos de liberdade e independencia interna das mesmas colonias. De modo que, apezar d'aquella divisão das colonias em *reaes*, de *proprietarios* e de *carta*, a ingerencia da metropole na sua administração politica interna foi muito limitada de direito e quasi nulla de facto; e, não obstante a differença de constituições e religiões, um mesmo sentimento animava os colonos — a saber que o cidadão inglez levava para toda a parte onde se encontrasse, os direitos inalienaveis de que gozava na mãe patria [1].

---

[1] Thomaz Raynal, *Histoire Philosophique et Politique des Établissements et du Commerce des Européens dans les Deux Indes*, vol. IX. — Noel, *obr. cit.*, vol. II, pag. 185. — Leroy-Beaulieu, *De la Colonisation chez les Peuples Modernes*. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

*

* *

Emquanto ao regimen economico d'estas colonias, se a agricultura era livre, ao contrario do que succedia nas colonias portuguezas, hespanholas e hollandezas, a industria e o commercio estavam sujeitos a grandes durezas.

No principio da sua organisação, a metropole, considerando-as como o desembocadouro dos productos das suas manufacturas, tinha-lhes prohibido a liberdade de industria e até o fabricarem ellas proprias os artefactos de que precisavam. E isso, no proposito não disfarçado de conservar o monopolio de prover os colonos, e mesmo de lhes fixar o preço. Mas, pouco a pouco, foram-se modificando as decisões da corôa, e elles obtiveram auctorisação de fabricar os seus vestidos, com a condição de que as manufacturas de cada provincia só teceriam a quantidade sufficiente para o consumo local, sem que podessem levar-se para as provincias visinhas, nem transportar-se d'umas para as outras qualquer especie de lã em bruto ou em obra. Apenas algumas manufacturas de chapéos atravessaram essa barreira.

O parlamento chegou mesmo a regulamentar o trabalho. Um operario não podia trabalhar por sua conta, senão depois de sete annos de aprendizagem, e um mestre não podia ter mais de dois aprendizes, nem empregar qualquer escravo na sua officina.

As minas de ferro foram tambem submettidas a restricções, as mais severas, em beneficio dos mineiros da metropole. O mineral não podia transformar-se em aço, e só era permittido leval-o para a Inglaterra em barras ou fundido, e ainda assim em bruto, e não em obra.

O governo deu o primeiro passo para a liberdade, permittindo a exportação do ferro da America, livre de direitos, mas só para Londres, sem que podesse transportar-se, depois, para o interior, a mais de dez milhas. Em relação a qualquer outro porto, continuou a ser defeza a exportação.

Este systema restrictivo da metropole engendrou um enorme contrabando; por fórma que mais d'um terço dos productos importados entrava livre de direitos, e vinha de proveniencias estranhas á Inglaterra.

O commercio tambem não era livre. As importações eram travadas, por meio de regulamentos draconianos. Nenhuma embarcação estrangeira podia entrar nos portos da America ingleza, a não ser em caso de força maior. Os proprios navios da Inglaterra não eram recebidos, quando não vinham directamente da metropole; e os de qualquer outra nação europeia não podiam levar senão productos da metropole, com excepção dos vinhos da Madeira, Açores e Canarias, e do sal, porque este era necessario ás pescarias. Todas as exportações deviam ir dar aos portos inglezes. A propria Irlanda, que offerecia um desembocadouro para os trigos, linhos e outros productos das colonias, ficava-lhes fechada.

As colonias a principio supportaram resignadas esse regimen, mas, depois, começaram a reagir, até que, por fim, alcançaram tambem a sua autonomia economica [1].

*

* *

No seculo XVII, os Inglezes lançaram as vistas para as Indias Occidentaes. E foi aos flibusteiros que deveram as colonias d'essa região; porque, embora a metropole se conservasse em reserva, elles, começando por contrabandear e atacar o commercio hespanhol, fizeram d'algumas d'essas ilhas o seu baluarte e o seu refugio.

Depois, em 1624, o negociante inglez Courten, obtendo um privilegio de Jayme I, enviou á ilha Barbada uma trintena de individuos, que fundaram Jamestown. Os flibusteiros tomaram a colonia debaixo da sua protecção, e n'ella se estabeleceram definitivamente; de modo que essa ilha foi a primeira colonia ingleza n'essas paragens.

Na mesma época, uma outra colonia, a de S. Christovão, deveu egualmente aos flibusteiros

---

[1] Noel, *obr. cit.*, vol. II. — Eduard Laboulay, *Histoire des États Unis.* — Butel Dumont, *Histoire et commerce des colonies anglaises dans l'Amérique septentrionale.* — Leroy Beaulieu, *obr. cit.* — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. IX, pag. 203 e seguintes.

a sua fundação, e obteve do governo inglez um privilegio geral sobre todas as Antilhas.

Sobrevieram, então, na metropole grandes perturbações politicas, que fizeram emigrar muitos cidadãos para as Antilhas; e, assim, se povoaram e organisaram regularmente Barbada, Nevis, Antegoa, Monteserrat, Tortola, etc., que se ligaram entre si como outras tantas filhas de S. Christovão. E, em 1655, Cromwell tirou Jamaica aos Hespanhoes, que foi collocada sob um regimen militar.

Ora estas colonias, a não ser Jamaica, principiaram por se administrarem, quasi livremente, porque as perturbações politicas do reino impediam a metropole de olhar por ellas. Por isso, tambem quasi todas implantaram as instituições livres da Inglaterra, e se erigiram até n'uma especie de republicas; e esta liberdade politica trouxe comsigo a liberdade commercial [1].

Emquanto á Jamaica, foi ella collocada por Cromwell sob um regimen militar, que não impediu tambem a livre cultura do assucar, gengibre, cacau e anil. E essa ilha tornou-se a predilecta dos flibusteiros, que fizeram d'ella estancia de descanço e prazer; ahi levavam e gozavam as suas prezas; e, em breve, a enriqueceram, pelo contrabando com as colonias hespanholas.

---

[1] É de notar que, a principio, os Hollandezes foram os que mais lucraram com essa liberdade, porque se aproveitaram de quasi todo o commercio d'essas colonias, estabelecendo até feitorias suas por toda a parte.

Da mesma fórma, no seculo XVII, os Inglezes fundaram alguns estabelecimentos nas Bermudas e Bahamas. Estas ultimas, porém, das quaes a Providencia era a principal, foram mais valiosas como postos estrategicos do que sob o ponto de vista commercial.

Em 1662, os Inglezes puzeram tambem o pé na America Central, na peninsula de Yucatan, na bahia de Campeche; e ahi se entregaram ao córte dos paus de tingir, que abundavam lá, tendo incessantes contestações com a Hespanha, que se julgava com direito exclusivo a essa região. Da mesma fórma que nas Antilhas, toda esta colonia se administrava quasi livremente.

A Inglaterra, seguindo o exemplo da Russia, fundou egualmente varios estabelecimentos nos esteppes septentrionaes da America, por causa do trafico das pelles.

Em 1695, uma companhia escoceza tentou estabelecer tambem uma colonia no isthmo do Darien. Para isso obteve uma carta de Guilherme III; e a respectiva expedição, composta de muitos navios, chegou felizmente ao seu destino, e fundou o forte de Santo André e a cidade de Nova Edimburgo. Mas rebentou na metropole uma grande opposição, movida pelos interessados nas Companhias Hollandeza e Ingleza das Indias Orientaes, que viam n'aquella sociedade uma rival perigosa; e então Guilherme III retirou a carta, e prohibiu as colonias da America de auxiliarem a sua nova irmã, que se viu, por esse motivo, obrigada a liquidar.

Em 1713, os Inglezes obtiveram da França, pela paz de Utrecht, grande parte da Terra Nova, a Acadia ou Nova-Escocia, o littoral da bahia de Hudson e S. Christovão. Depois d'isso, quando o Canadá já estava, em grande parte, colonisado pelos Francezes, tambem os Inglezes, auxiliados pelos Iroquezes e Huronezes, começaram a guerreal-os; d'onde resultou que, em 1759, caíu Quebec em poder dos Inglezes; em 1761, Montreal, e, successivamente, o resto do Canadá. E, finalmente, em 1763, pelo tratado de Paris, foram elles confirmados na posse d'esta colonia, e adquiriram tambem o cabo Bretão, a Granada, S. Vicente, a Dominica e Tabago. Por esse mesmo tratado, alcançaram da Hespanha a Florida, em troca da ilha de Cuba, de que se tinham assenhoreado; mas, em 1883, voltou ella para a posse dos Hespanhoes.

Estas colonias deram logar a um outro regimen colonial, differente dos que mencionámos — *o militar,* ficando por isso debaixo do governo exclusivo da metropole.

*

* *

Emquanto aos productos commerciaes, começando pela região septentrional, as pelliças eram a sua principal riqueza. Para as explorar, organisou-se, em 1670, a *Companhia da bahia de Hudson,* á qual Carlos II concedeu o monopolio do respectivo commercio n'aquella bahia e nas re-

giões adjacentes: monopolio que, em todo o caso, não foi sanccionado pelo parlamento, nem coarctou o direito da concorrencia individual. E essa companhia começou com taes auspicios, que muitos dos seus accionistas pertenciam á alta nobreza. Depois, em 1764, alguns negociantes de Montreal fundaram tambem com o mesmo proposito a *Sociedade do Noroeste.*

A Terra Nova e Acadia serviam apenas para a Inglaterra como boas estações de pesca, de que o bacalhau era o producto mais proveitoso.

As colonias de Nova-York, Nova-Jersey e Nova-Inglaterra tinham um solo esteril, e por isso forneciam poucos artigos. O principal producto agricola era o milho; havia tambem algum trigo; e, entre as arvores, abundavam, especialmente, o bôrdo, de que se extraía muito assucar, e uma outra que fornecia cera vegetal. Mas o grande recurso dos seus habitantes era a pesca. Essas colonias possuiam tambem muito ferro.

Na Pensilvania, quando os Europeus lá chegaram, só havia madeiras e minas para explorar. Cortando arvores e arroteando terrenos, cobriram, pouco a pouco, as terras de numerosos rebanhos e muito gado grosso, dando logar a grande abundancia de lã, couros, carne, queijo e manteiga; colheram muitos fructos e muito variados, muito linho e canhamo, differentes especies de legumes, e toda a casta de cereaes, particularmente, o trigo e o milho; e exploraram egualmente muito ferro e madeiras.

Maryland tinha tambem muita madeira, e, pela colonisação, chegou a produzir egualmente muitos cereaes, e a ter muito gado; mas o seu principal artigo era o tabaco.

Na Virginia, o trabalho dos homens brancos e negros deu aos dois hemispherios trigo, milho, legumes seccos, ferro, canhamo, couros, pelliças, peixes e carnes salgadas, breu, madeiras e mastros, e, sobretudo, tabaco superior ao do Maryland.

A Carolina septentrional, a principio, era muito esteril; mas, com o tempo, chegou a fornecer á Europa couros, cêra, algumas pelliças e tabaco inferior; e a mandar para as Indias occidentaes muita carne salgada, uma pequena quantidade de cereaes, e alguns outros objectos de menor importancia. Abundava tambem de madeiras, e portanto de productos florestaes.

A Carolina meridional fornecia ao commercio dos dois mundos quasi os mesmos productos da Carolina septentrional, embora em menor quantidade. E voltou os seus cuidados, sobretudo, para o arroz e anil.

A colonisação da Georgia deu logar á producção de vinho, azeite e seda, grande quantidade d'arroz, devido aos grandes e numerosos pantanos, formados pelas chuvas, e muito anil, mas de qualidade inferior ao da Carolina.

Na Florida, havia grande abundancia de gado graudo, e era, principalmente, pela exportação dos couros, que essa colonia suppria as suas necessidades. Havia tambem muito anil, bastante

algodão, azeite e mesmo vinho, e uma arvore muito valiosa, o sassafraz, d'onde se extraía um remedio muito conveniente para as febres intermittentes e doenças venereas, embora, na Europa, esse remedio não tivesse a mesma utilidade, pela differença do clima e natureza da planta, que perdia a sua força n'uma longa travessia [1].

Nas Antilhas, as primeiras plantações foram o tabaco e o algodão. E, depois, a canna do assucar, que os colonos importaram do Brazil, fez progressos rapidos; porque, a partir de 1650, o commercio brazileiro estava paralisado, pela guerra dos Portuguezes e Hollandezes, e essas ilhas é que proviam de assucar a Europa quasi inteira. Cultivava-se tambem o cacau, o anil, o gengibre. E outro artigo muito importante era o dos negros importados, de que já fallámos no primeiro capitulo.

Em Jamaica, o regimen militar de Cromwell não impediu tambem a cultura d'aquelles mesmos generos, com grande proveito da ilha e dos flibusteiros, que d'ella tomaram conta, como já dissemos.

Finalmente, na peninsula de Yucatan, o genero que constituia a principal exploração dos colonos era o pau de campeche, muito abundante n'essa região.

---

[1] Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. IX.

*
* *

Os centros de população, industria ou commercio das colonias inglezas na America, n'esta época, eram ainda muito poucos e muito reduzidos. Muitas das maiores cidades dos Estados-Unidos que hoje assombram pela sua grandeza e movimento, ainda não existiam, e outras não passavam de centros insignificantes.

Por exemplo, Chicago, S. Francisco, Washington ainda não existiam. Pittsburgo só foi fundada, em 1765. Ainda no fim da época moderna, Philadelphia só tinha vinte mil habitantes; e mesmo Nova-York não chegava a ter sessenta mil.

Assim, os centros principaes eram, em Maryland, Anapolis, sua capital, e Baltimore, o porto mais importante, que podia receber navios de 17 pés de calado, e que por isso constituia o principal centro do movimento commercial da região. Mas, em todo o caso, ambas ellas, n'esta época, não passaram de cidades insignificantes.

Na colonia de Massachussets, havia Boston, que já gosava de certa importancia, e tinha bastante movimento.

Na Pensilvania, Philadelphia, *a cidade de irmãos,* situada na confluencia do Delawre e do Schuylkill, fôra destinada por Penn para capital de um grande imperio. Queria elle que esta cidade occupasse uma milha de largo sobre duas

de comprido; mas, n'este periodo, nunca ella chegou a attingir semelhante área. As ruas foram alinhadas a cordel, desde 50 a 100 pés de largura. As casas primitivas foram construidas de tijolo, ordinariamente na altura de tres andares, e cada uma d'ellas tinha o seu jardim e o seu pomar; mas foram-se pouco a pouco armando, revestindo ou refazendo dos marmores de differentes côres que havia na distancia d'uma milha da cidade, e que, geralmente, se adoptaram depois nas construcções novas. Dotada de grande porto e grande caes, onde abordavam os navios de grande tonelagem, fóra do tempo do gelo, com communicação com o Delawre e Schuylkill, progrediu rapidamente; mas, ainda assim, como já dissemos, no fim da época moderna, a sua população apenas regulava por vinte mil habitantes.

Na Virginia, o primeiro posto duravel dos Inglezes foi Jamestown, fundado em 1607, nas margens do James. Pela ruina d'elle, a séde do governo passou para Williamsbourg; mas esta cidade, ainda que decorada dos mais bellos estabelecimentos do continente septentrional e capital da colonia, não chegou a ter mais de dois mil habitantes.

Na Carolina do norte havia Brunswick, edificada na embocadura do rio do Cabo Tear, que era, ao mesmo tempo, o maior porto da colonia; e Wilgminton, a capital, edificada a montante, no mesmo rio.

Na Carolina do sul tinha apenas tres cidades

dignas d'esse nome, e, ainda assim, muito reduzidas: George-Town, na foz do rio Black, Beaufort ou Porto Royal e Charles-Town.

A principal era Charles-Town. Occupava um grande espaço, na confluencia do Ashley e do Coper. Tinha ruas bem alinhadas e, geralmente, largas. Era o entreposto da exportação e importação da colonia. Adquiriu por isso um augmento rapido, e ahi se crearam, tambem rapidamente, fortunas consideraveis, embora a Carolina do sul estivesse, n'este periodo, menos desinvolvida que a do norte.

Na Georgia, havia apenas alguns estabelecimentos, entre elles Purysburgo, nas margens do Savannah, a 13 leguas do Oceano, e a cidade de Augusta no interior, a 48 leguas do mar. E não admira esta falta de cidades, porque essa colonia, tendo sido fundada, em 1733, foi abandonada pelos proprios colonos, em 1741, em consequencia da pressão e mau governo dos seus proprietarios ou senhores; e só depois, quando a metropole lhe impoz um governo liberal, é que principiou a desinvolver-se.

A Florida, quando os Inglezes tomaram conta d'ella, em 1763, tinha apenas dois estabelecimentos, que nem cidades eram — Santo Agostinho e Pensacola, ambos dotados de bons portos. E mesmo toda a população da colonia não excedia a seiscentos habitantes, que suppriam as suas pequenas necessidades, pela venda dos couros e por alguns outros generos que a região fornecia. Os Inglezes fizeram de Santo Agostinho a ca-

pital da Florida Oriental, e de Pensacola a capital da Florida Occidental.

Da mesma fórma, no Canadá, as cidades eram ainda insignificantes. Montreal, Quebec, Toronto eram as principaes; mas a propria Montreal, em 1760, ainda contava sómente seis mil habitantes, e as outras nem tantos tinham.

Nos demais estabelecimentos inglezes, tambem não havia ainda cidades verdadeiramente dignas d'este nome.

II

O espirito navegador e colonisador dos Inglezes, que tanto se desinvolveu na America, não podia deixar de se dirigir tambem para a India. E tanto mais que, tendo-lhes Filippe II, de Hespanha, fechado os portos da peninsula iberica, precisavam de procurar directamente n'aquella região os productos que anteriormente recebiam, por intermedio dos Portuguezes e Hespanhoes.

Effectivamente, logo em 1600, formou-se a *Sociedade dos Mercadores de Londres, traficando com as Indias Orientaes*, que obteve da corôa, por quinze annos, o privilegio do commercio exclusivo em todos os paizes da Asia, Africa, America, situados além do Cabo da Boa-Esperança, até o estreito de Magalhães [1], e que, trabalhando, a

[1] O trafico com Guiné e Senegal já tinha sido entregue a uma outra companhia, chamada *Companhia Africana*.

principio, por conta particular dos emprezarios, só em 1613 se constituiu por acções.

A primeira expedição d'esta Companhia teve logar, em 1601, com cinco navios, sob as ordens de Lancaster, que abordaram a Achen, na ilha de Sumatra, onde havia noticias das victorias que a sua nação tinha obtido sobre os Hespanhoes; e essa circumstancia grangeou-lhes bom acolhimento. D'alli foram a Bantan, na ilha de Java, onde aconteceu a mesma coisa. D'este ponto, Lancaster mandou ás Molucas um navio, que trouxe uma grande quantidade de especies. Carregou depois outros navios de pimenta e de varios productos da India, e voltou, são e salvo, á Inglaterra.

Outras expedições, egualmente felizes, se seguiram; e o bom resultado d'ellas animou os Inglezes a estabelecerem feitorias permanentes n'essas paragens, á imitação dos Portuguezes e Hollandezes.

Intendeu a Companhia que devia estabelecer essas feitorias, não pela força, mas de harmonia com os indigenas [1]. E, realmente, em 1612, ella tinha já obtido do Grão Mogol, de Delhy, a faculdade de fundar uma feitoria, em Surata, na costa do Malabar, que foi o principal

---

[1] Tambem aquelles outros povos tinham intendido a mesma coisa, e assim começaram os seus estabelecimentos; mas, em breve, as circumstancias os obrigaram a fortificar-se e a manter militarmente o seu imperio commercial. Ia acontecer isso mesmo aos Inglezes.

entreposto até á acquisição de Bombaim, e outras duas em Almedabad e Cambaya; e tinha prosperado consideravelmente.

Mas, ao passo que a Companhia ia progredindo na India, encontrava na Oceania serios obstaculos nas rivalidades dos Hollandezes, que faziam todos os esforços para se apoderarem do commercio das especies, sem se importarem com a escolha dos meios; e que, por isso, tratavam de expulsar os Inglezes, como já tinham expulsado os Hespanhoes.

Resultaram d'ahi varios conflictos entre uns e outros, até que, em 1619, se fez entre as companhias dos dois paizes um tratado nos seguintes termos: Ficou em commum a posse de Banda e Amboina. Os Inglezes teriam um terço e os Hollandezes, dois terços dos respectivos productos. Cada companhia havia de contribuir na proporção do seu interesse para a defeza das duas ilhas. Um conselho, composto de homens experimentados de cada lado, regularia em Batavia todos os negocios commerciaes. E este accordo, garantido pelos soberanos respectivos, duraria por vinte annos.

Esse tratado não tardou a ser violado, e os Hollandezes, superiores em numero e recursos, porque tinham poderosas colonias, marinha bem exercitada, firmes allianças, grandes riquezas e o conhecimento preciso d'essa região, em 1622, expulsaram completamente os seus rivaes das Molucas, depois de commetterem contra elles horriveis atrocidades, em Amboina.

Na India continuavam as coisas a correr mais favoravelmente que na Oceania, e, em 1639, a Companhia comprou a cidade de Madrasta ao rajah de Bidjamagor, que se tornou a séde principal dos estabelecimentos inglezes n'essa região. Até então, a Inglaterra não teve senão feitorias, mas a acquisição d'esta cidade fez d'ella uma potencia territorial no Oriente.

Com o governo de Cromwell adoptou-se o systema de manter as colonias pela força e pela conquista; todas as feitorias foram pouco a pouco fortificadas; o governo attendeu com todo o cuidado aos interesses coloniaes; houve todo o empenho de alargar o circulo das relações mercantis; e tudo isso, a par do desinvolvimento da marinha e da influencia do acto de navegação, produziu um resultado enorme.

Demais a mais, dataram de então as relações com a Persia, que foram das mais vantajosas para os Inglezes, e que tiveram a seguinte origem:

Schah Abbass, principe bellicoso da casa de Sofis, tornara a Persia independente dos Turcos, e tinha-lhe dado o seu antigo brilho. Desinvolvera o commercio e a industria, e, por sua liberalidade, attraíra os estrangeiros ao paiz. Em Ispahan, formou-se logo uma colonia, que soube apoderar-se de todo o commercio da Persia, e que, assenhoreando-se tambem de quasi todo o commercio terrestre do resto da Asia, estendeu as suas relações ás principaes cidades da Europa, como Veneza, Genova, Marselha, Lisboa, Amsterdam e Londres.

Os Portuguezes tiveram receio d'esta concorrencia, e obrigaram Schah Abbass a traficar só com elles. Este principe, indignado por semelhante despotismo, propoz aos Inglezes cercarem Ormuz em commum. Ormuz foi por isso destruida; o seu commercio passou para Gouroum ou Bender Abbasi, que foi destinada a servir de entreposto ao trafico da India com a Persia; e os Inglezes travaram d'este modo estreitas relações mercantis com os Persas.

Depois, em 1650, a Companhia tomou aos Hollandezes Santa Helena, que ficou sendo a paragem habitual para os Inglezes no trajecto das Indias; e, em 1661, Carlos II concedeu-lhe Bombaim, que sua mulher Catharina, filha de D. João IV de Portugal, lhe levara de dote, e que em breve se tornou a praça mais importante da India, substituindo até Madrasta como residencia do governador.

Pouco a pouco, a mesma Companhia tomou logares importantes na terra firme, em Mazulipatman, Delhy, Calicut. Não contente com as feitorias, levantou fortes ou fortificações, onde tinha guarnições. E, aproveitando o descontentamento que havia contra os Portuguezes, por causa da tyrannia que estes exerciam sobre os indigenas, obteve dos potentados da India differentes privilegios especiaes em muitos districtos, e, em seguida, em varios territorios.

N'este novo augmento da Companhia, surgiu um novo conflicto com os Hollandezes, que muito a prejudicou; porque, em 1680, elles

expulsaram todos os Inglezes de Bantam. A companhia ingleza, resolvida a vingar a affronta, equipou uma grande frota; mas Carlos II, que precisava de dinheiro, vendeu a honra nacional aos Hollandezes aterrados, por dois milhões e duzentos e cincoenta mil francos, oppondo-se, por isso, á expedição [1].

Esgotada por esse equipamento e armamento inutil, a Companhia mandou para a India os seus navios descarregados, para ahi tomarem carregamentos a credito.

Como ella tinha cumprido sempre os seus compromissos, os Indios não tiveram duvida em lhe fiar essas mercadorias; mas, d'essa vez, faltou á boa fé dos contractos, inventando reclamações sem fundamento.

Pelas contestações que d'ahi se seguiram, os Inglezes tomaram, em 1688, varios navios, alguns dos quaes se achavam carregados de cereaes para o Grão Mogol. Este usou de represalias, e a sua vingança custou á Inglaterra a perda de muitas embarcações e grandes prejuizos, até que os Inglezes obtiveram supplicantes o seu perdão.

Esses revezes atrazaram novamente a Companhia; mas o governo de Guilherme III, que trazia comsigo o espirito commercial da Hollanda, contribuiu logo para levantal-a; e obteve

---

[1] Adolphe Blanqui, *Resumé de l'Histoire du Commerce.*

a renovação da sua carta, em 1693. Em 1698, uma outra companhia de alguns negociantes, associados para explorarem o commercio da India, obteve eguaes privilegios; de fórma que ficaram duas sociedades, legalmente constituidas, pretendendo cada qual o direito exclusivo sobre o commercio das mesmas possessões. O ciume d'ambas ellas deu em resultado fundirem-se, em 1708, sob o nome de *Companhia dos negociantes inglezes reunidos para o commercio das Indias Orientaes.*

Esta nova sociedade teve estatutos approvados pelo governo, que lhe concedeu tambem vantagens consideraveis e o direito de soberania em todas as regiões onde fosse chamada a exercer o commercio. Madrasta e Bombaim formaram as duas presidencias, que gozavam uma soberania absoluta nos respectivos territorios; e o poder d'essas presidencias era exercido por um governador, assistido d'um conselho. Esse governador correspondia-se com os Estados indigenas e com os directores da Companhia, que tinha a sua séde em Londres; nomeava todos os empregados, e commandava o exercito. O elemento militar era, portanto, subordinado ao civil.

Mais tarde, com a conquista de Calcutá, creou-se ahi outra presidencia, nos mesmos termos.

A potencia colonial dos Inglezes augmentou, então, prodigiosamente, pelos nobres esforços dos governos e dos cidadãos; e a Inglaterra dedicou-se, com toda a perseverança, a formar o seu vasto imperio colonial.

Além d'isso, por um lado, a guerra de Inglaterra na Europa e nas colonias tinha dado á nação um respeito enorme. Por outro lado, a dynastia de Hanover tinha herdado de Guilherme III a continuação d'esse espirito de liberdade commercial que a revolução de 1688 consagrara. Finalmente, coincidiu essa dynastia com a decadencia do imperio do Grão Mogol, que se perdia, cada vez mais, no meio da anarchia; e os Inglezes trataram logo de aproveitar essa decadencia.

Para isso, começaram por tentar as negociações pacificas. Em 1755, uma embaixada foi solicitar novos terrenos para a Companhia, e conseguiu que os territorios de Calcutá e Madrasta fossem arredondados. Succederam-se depois as expedições militares em que foram annexados aos territorios já existentes, primeiramente, Bengala, e, em seguida, Bahar, Orixa e o reino de Benares, antiga séde do collegio dos Brahmanes. E, finalmente, aproveitando as luctas dos Nababos (governadores) entre si e com o Grão Mogol, a Companhia foi conquistando provincias inteiras.

Mas os Francezes iam tambem alargando as suas conquistas; e, em breve, as duas nações, Inglaterra e França, tomaram a preponderancia na India, reduzindo-se a questão a saber qual d'ellas teria o predominio.

A guerra que se ateou entre os dois paizes, em que tão gloriosamente se distinguiram Dupleix, por parte dos Francezes, e Roberto Clive,

pelos Inglezes, deu a supremacia á Inglaterra, após a tomada de Pondchery, em 1761, embora esta praça fosse depois restituida á França.

A Companhia, desassombrada, então, da sua rival, continuou successivamente a conquistar os vastos territorios da India Ingleza, até o fim d'este periodo; e, ao mesmo tempo que alargava e tinha ido alargando as suas conquistas territoriaes, ia tambem diffundindo as suas feitorias e relações mercantis, por differentes partes.

Assim, aproveitou ella o declinar do commercio russo em Kiachta, no seculo XVIII, para entabolar relações com a China; e, então, foi-lhe facil introduzir ahi os productos fabricados na Inglaterra, sobretudo as lãs, principiando com isso a fazer diminuir a exportação dos metaes preciosos com que os Europeus se viam obrigados a fazer os pagamentos no Celeste Imperio. O trafico das pelliças, provenientes da America septentrional, contribuiu tambem para essas relações, porque a Companhia tratou de favorecer a importação d'esse artigo na China, como uma das maneiras de affastar os Russos de lá; e, em troca, o chá tornou-se um dos principaes objectos do lucro dos Inglezes.

Embora a Companhia não possuisse nenhuma colonia ou territorio na China, estabelecera muito cedo uma grande feitoria em Cantão, onde era tratada com a mesma egualdade que as outras nações; e tinha tambem para as mercadorias chinezas o monopolio de importação na metropole que tinha para as mercadorias da India, o

que facultava e augmentava aquelle commercio. E, além d'isso, ainda em 1772, ella quiz estabelecer um entreposto na ilha de Balangambom, situada na parte septentrional de Borneo, para, d'esse modo, adquirir mais facilmente os generos da China e ilhas orientaes, em troca dos productos e mercadorias da Europa e do Industão. Mas esse estabelecimento foi atacado e destruido pelos indigenas, incitados pelos Hespanhoes e Hollandezes.

A Companhia estabeleceu egualmente uma feitoria importante em Bassora, da seguinte fórma:

Na primeira metade do seculo XVIII, surgiu uma terrivel revolução no imperio persa, e, em virtude d'ella, Bender Abassi, viu-se, a partir de 1740, eclipsada por Mascate, situada na costa occidental da Arabia e capital da região do mesmo nome, que gozava d'uma certa independencia politica, e onde havia tranquillidade e ordem. Essa cidade tornou-se, por isso, o principal entreposto de todo o golfo; e as ilhas de Barhein, situadas na visinhança, ahi enviavam as suas perolas, menos brancas, porém maiores que as de Ceylão, e cuja pesca, explorada pelos Persas, era livre, sob uma taxa modica, em vez de constituir um monopolio como na India. E Bassora, na mesma região, que se tinha levantado dos seus numerosos desastres, tornara-se egualmente um grande entreposto, onde concorriam as caravanas da Asia.

Por isso, em consequencia da queda de Ben-

der Abassi, os Inglezes estabeleceram em Bassora aquella feitoria, para explorarem, por meio d'ella, tanto o commercio d'esse entreposto, como o de Mascate.

*
* *

Como dissemos, a carta da primeira companhia foi moldada na carta da Companhia Hollandeza das Indias Orientaes. Foi concedida só por quinze annos, e renovou-se, depois, successivamente, sem haver opposição, até o tempo de Isabel. Esta rainha concedeu tambem a renovação, que não chegou a ser confirmada pelo parlamento; e por isso, no tempo de Cromwell, houve viva discussão se devia conceder-se tal renovação, ou se a carta havia perdido a sua validade por não ter sido confirmada pelo parlamento e pela abolição da realeza. Por fim, sempre foi renovada, em 1657, e foi tambem confirmada por Carlos II, em 1661.

Em 1708, como já dissemos, essa companhia fundiu-se com outra sociedade, sob o nome de *Companhia dos negociantes inglezes reunidos para o commercio das Indias Orientaes;* e a carta d'esta nova associação foi tambem prorogada até 1730. Em 1730, foi novamente prorogada até 1760, com a obrigação da sociedade pagar vinte mil libras ao Estado; e essa prorogação subsistiu até 1773.

N'esse anno, o governo interveiu na adminis-

tração da Companhia. Até ahi, os seus directores, residentes em Londres, tinham a suprema auctoridade, da qual dependiam os governadores das tres presidencias; e estas, como já dissemos, eram independentes umas das outras, de modo que, muitas vezes, os actos d'uma estavam em contradicção com as demais. N'aquella data, porém, o governo inglez melhorou essa defeituosa organisação, introduzindo a unidade na administração das presidencias, e pondo ao mesmo tempo a Companhia n'uma certa dependencia da metropole [1].

N'este sentido, estabeleceu, tambem, na cidade de Bengala, um conselho supremo, composto de cinco membros, cujas vagas iriam sendo preenchidas pela Companhia, com approvação do monarca; e um supremo tribunal, composto de quatro membros, tambem nomeados pela corôa. O presidente de Bengala foi escolhido para chefe dos tres districtos.

Finalmente, em 1784, Pitt reformou a carta da Companhia, para a subordinar ainda mais ao governo.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Octave Noel, *obr. cit.*, vol. II. — Brocardo, *obr. cit.* — Thomaz Raynal, *obr. cit.*, vol. IX. — Eduardo Malo de Luque, *Historia Politica de los Estabelecimientos Ultramarinos de las Naciones Europeas*, vol. II.

*
* *

Já mais de uma vez nos temos referido aos productos do Oriente, que constituiam a riqueza colonial do commercio europeu [1]. As colonias inglezas da India tinham, portanto, em geral, o mesmo repositorio de productos orientaes que os Portuguezes e Hollandezes exploraram; e, assim, agora, apenas acrescentaremos algumas observações especiaes, a tal respeito.

O Malabar, a par dos outros artigos de que já fallámos, abundava tambem em sandalo; e este, além da sua preciosa madeira, fornecia, pela trituração do pau, uma massa muito apreciada, pelo seu cheiro doce e agradavel, que servia, para se queimar nos aposentos e esfregar o corpo, na China, India e Persia. O Malabar produzia egualmente muito açafrão, gengibre e a *falsa canella,* chamada *cassia lignea,* que era muito estimada porque embora abundasse tambem em Java, Timor e Mindanao, esta era de qualidade muito inferior. Os Hollandezes, no seu tempo de preponderancia na India, quizeram conseguir dos indigenas a estirpação das arvores que a produziam; e, desesperando d'essa tentativa, lembraram-se de exigir dos soberanos do Malabar que renunciassem

---

[1] Pag. 204 e 492.

ao direito de as descascar. Alguns d'estes comprometteram-se a isso, mas faltaram ao compromisso, principalmente depois que a Hollanda perdeu a sua força e augmentou o preço da canella de Ceylão.

O Malabar abundava tambem, especialmente na pimenta e arroz, sobretudo no antigo estado de Conara, que pertencera ao monarca de Goa.

A costa de Guzerate e a região de Calcutá produziam borax, salitre, sal, almiscar, assucar, opio, seda e algodão, com os respectivos artefactos, e com as cem variedades de telas, especialmente as mussellinas.

A ilha de Santa Helena era muito esteril. Quando os Inglezes a tomaram, em 1650, fizeram d'ella uma estação de paragem dos seus navios, e tentaram tambem fazer d'ella uma região agricola. Mas, á excepção dos pecegueiros, nenhuma arvore da Europa ahi prosperou. A vinha não deu resultado; os legumes foram successivamente presa dos insectos; e poucas sementes escaparam aos ratos. Os Inglezes tiveram, por isso, de se limitar á creação do gado, e esse mesmo difficilmente se multiplicava.

Tambem os Inglezes, na época moderna, aproveitaram as ilhas Comores, como estação de saude. Ahi levavam os seus doentes, e a salubridade e excellencia dos fructos, viveres e aguas os restabeleciam de pressa.

Os productos que ficam mencionados e os demais que se produziam no Oriente, de que

varias vezes temos fallado [1], constituiram o vasto commercio da Companhia das Indias, com excepção do cravo e noz muscada, que eram proprios da Malasia, e cuja exploração estava nas mãos dos Portuguezes e Hespanhoes e, sobretudo, dos Hollandezes. Ella trocava com o Peru as teias communs das margens do Ganges e da costa de Coromandel contra cêra, madeira, estanho e marfim [2].

Fornecia o reino de Assan d'essas mesmas teias communs, em troca do ouro, prata, madeiras preciosas, laca e especialmente do marfim.

Das Maldivas, que, na época moderna, se comprehendiam na designação do Malabar, tirava, apezar da esterilidade d'essas ilhas, côcos e cairo, e muitos cauris, que constituiam um grande artigo de commercio [3].

Introduzia na China as pelliças da America e differentes productos da Europa, em troca de seda, porcellanas e chá, que se tornou um dos principaes objectos do commercio inglez [4].

---

[1] Pag. 204 e 492.

[2] A antiga abundancia de topazios, safiras e amethistas tinha desapparecido d'essa região.

[3] Os cauris eram conchas muito brancas e lustrosas, que serviam de dinheiro, em muitos dos povos orientaes.

[4] O commercio do chá começou a fazer-se sob Carlos II. Em 1664, a Companhia fez doação ao monarca de dois arrateis (918 gr.) d'essas folhas, considerando-as como coisa rarissima; e que assim era, prova-se pelo preço que elle tinha ainda, ao terminar o seculo XVII, em que o arratel custava 60 shellings. E, em 1666, em que o chá foi

Os proprios productos do Japão entravam tambem, geralmente, no commercio. da Companhia.

*

* *

Pelo que respeita ao regimen industrial e commercial, a Companhia, a principio, respeitou a liberdade economica dos povos conquistados, e consentiu até o livre trafico das differentes possessões indianas entre si. Mas, desde que os Inglezes alargaram as suas possessões, e, sobretudo, desde que ficaram senhores de Bengala, a corrupção a que se entregaram; a oppressão que resultou d'essa corrupção; os abusos que se multiplicaram, de dia para dia; e o esquecimento profundo de todos os principios de justiça: fizeram um negro contraste com o espirito liberal da metropole. Então, a Companhia, não contente com a extorsão dos bens dos Indios, despojou-os dos arrendamentos que tinham sido obrigados a fazer das proprias terras; tomou para si o monopolio do tabaco, sal e betel, objectos de primeira necessidade para essas

levado da Hollanda á Inglaterra, pelos lords Arlington e Ossovi, é que as mulheres d'elles introduziram a moda nas pessoas de suas relações. Apezar d'isso, o uso do chá só se tornou commum em 1715; e tambem só então se começou a tomar o chá verde, porque até ahi apenas se conhecia o chá *buy*, isto é, formado indistinctamente de toda a especie de folhas reunidas.

regiões; arrogou-se o privilegio exclusivo da venda do algodão, proveniente do estrangeiro; reservou o commercio interior de Bengala só para nacionaes[1]; proveu-se do producto de todas as manufacturas, para forçar os negociantes de nações estrangeiras a compral-os aos Inglezes; prohibiu os tecelões de trabalharem por conta de outros paizes; e, para cumulo das vexações, embaraços e desordens que surgiram de taes medidas, ainda *quebrou,* com grande desfalque, a moeda corrente.

A tantos males veiu juntar-se, em 1768 e 1769, a escassez dos cereaes, especialmente do arroz, que constituia a base da alimentação geral.

A Companhia, para prevenir a fome, fez monopolio da compra dos poucos generos que havia, afim de os distribuir pelos Inglezes. Os Indios, privados, assim, de alimento, morreram aos milhares; e os cadaveres, abandonados por toda a parte, causaram uma peste geral, que ainda augmentou a calamidade. Calcula-se que falleceram tres milhões d'esses desgraçados.

O governo da metropole interveiu, então, em 1773, na administração da Companhia, nomeando, como já vimos, um conselho superior de cinco membros e um supremo tribunal, com séde em Calcutá, e restringindo abusos. Mas, nem com isso,

---

[1] Algumas vezes a Companhia concedia, por excepção, liberdade commercial a alguns negociantes estrangeiros, que, por isso, se chamavam *livres mercadores.*

acabaram as vexações e crueldades contra os Indios [1].

*

* *

Emquanto aos centros principaes, começando pela costa occidental, Bombaim tornou-se o mais importante d'essa região. A ilha de Bombaim foi, como já dissemos, em 1661, dada por Affonso VI, de Portugal, em dote á princeza D. Catharina, filha de D. João IV, para casar com Carlos II; e este a cedeu pela renda de 50$000 reis annuaes á Companhia. Essa ilha, muito estreita, e tendo apenas de comprimento pouco mais que 16 kilometros, foi, durante muito tempo, objecto de horror, pela sua insalubridade, passando até em proverbio: *que duas monções em Bombaim eram a vida de um homem.* Os campos estavam cheios de bambus e algodoeiros; as arvores eram estrumadas com peixe podre; e os pantanos infectos corrompiam as costas. Ninguem queria, por isso, fixar-se em logar tão doentio. Mas o seu porto era o melhor do Indostão; podia rece-

---

[1] É de notar que os maiores heroes das guerras da India, e, ao mesmo tempo, os que foram principaes fautores da potencia ingleza no oriente, Roberto Clive e Harren Hastings, foram tambem os que mais abusos, vexações e crueldades praticaram. Ambos elles foram julgados na Inglaterra por causa d'isso; e, embora fossem absolvidos, não escaparam á execração publica. — Colonel Malleson, *Life of Warren Hastings, first governor of India.*

ber, como o de Gôa, navios de maior tonelagem; e essa vantagem fez que os Inglezes estimassem a doação, e tratassem de sanear o terreno, desassombrando a ilha, de modo a ficar bem aberta aos ventos, e enxugando os pantanos, pelo esgôto das aguas.

Então, começaram a concorrer em massa os habitantes das regiões visinhas, attraídos pela doçura do tratamento dos Inglezes. A cidade cresceu tão rapidamente, que, em 1672, já tinha sessenta mil habitantes, e, no fim da época moderna, cem mil. Possuia muitas manufacturas de seda e algodão e, em geral, abordavam lá todos os negociantes que iam fazer transacções na India.

Surata foi, por longo tempo, a unica parte por onde o imperio do Gran Mogol exportava os productos das suas manufacturas, e recebia os artigos que eram necessarios ao consumo. No fim do seculo XVII, constituia o mercado mais activo da India, e o logar de embarque dos peregrinos musulmanos que iam a Kaaba, a ponto de se dizer que *Surata era a porta de Meca*. Os Portuguezes foram os primeiros Europeus que ahi tiveram estabelecimentos commerciaes, e, seguidamente, os Hollandezes, Inglezes e Francezes. Em 1759, os Inglezes tomaram conta d'esta cidade, e a conservaram, desde então, embora a França ficasse possuindo uma pequena feitoria, onde exercia todos os direitos de soberania; e de tal modo augmentou Surata, desde aquella data, que chegou a ter oitocentos

mil habitantes. O açoriamento do porto, a concorrencia de Bombaim, e um incendio que destruiu mais de nove mil casas, fizeram que ella decaísse; mas, ainda assim, teve sempre muita industria, especialmente, de bordados a seda, ouro e prata, e muito movimento commercial.

Barokia, situada a 35 milhas do rio Nerbedals, que se lança no golfo de Cambaya, foi tomada pelos Inglezes, em 1771. Era já celebre, pela riqueza da sua região e abundancia das suas manufacturas, que continuaram em grande desinvolvimento.

Madrasta achava-se dividida em *cidade branca* e *cidade negra*. A primeira, mais conhecida na Europa por *Forte de S. Jorge,* só era habitada por Inglezes. A *cidade negra,* outr'ora inteiramente aberta, e portanto indefeza, foi, em 1767, rodeada de muralhas e de um largo fosso, cheio d'agua. Estas precauções contra qualquer invasão, bem como a ruina de Pondichery, reuniu logo ahi trezentos mil homens — Judeus, Armenios, Mouros e Indios; e ahi se estabeleceram tambem consideraveis manufacturas, cujo numero augmentou, de dia para dia, a par de variadas culturas, cada vez mais florescentes.

Mazulipatman ou Mazulipatão, na embocadura do Krisma, servia de porto ás provincias que formavam então o reino de Golconda, bem como a outras regiões, com as quaes entretinha um grande commercio. Era antigamente o mercado mais activo, mais povoado e mais rico do Industão. Mas os grandes estabelecimentos dos

Europeus na costa do Coromandel fizeram-lhe perder a importancia. Foi a grande feitoria hollandeza até 1750. N'esse anno, passou para os Francezes, e, em 1759, para os Inglezes. E tornou-se para estes uma acquisição muito importante, não tanto pelas mercadorias que ahi podiam comprar, como pelas que podiam vender; pois, desde tempos immemoriaes, os povos do interior ahi vinham em caravanas prover-se de sal, e levavam, com esse genero de absoluta necessidade, fazendas de lã e outros productos da industria ingleza.

Cassimbasar, que se enriqueceu das ruinas de Malde e de Rajamahol, era o mercado geral da seda de Bengala.

Calcutá foi edificada pelos Inglezes, no fim do seculo XVII, nas ruinas da antiga Kalikota, e no desembocadouro do Ganges. O ar era doentio e o ancoradouro pouco favoravel; mas, apezar d'isso, a liberdade e segurança d'esta cidade attraiu successivamente Armenios, Mouros e Indios, de modo que, no fim da época, a sua população elevava-se já a trezentos mil habitantes.

A Delly actual, fundada pelos Inglezes nas ruinas de outras anteriores e successivas cidades do mesmo nome, na primeira metade do seculo XVII, occupa o logar onde divergem as grandes vias historicas da peninsula, para a bacia inferior do Ganges, as passagens do Hindou-Kouch, as boccas do Indo e o golfo de Cambaya; e, antes da construcção dos grandes caminhos, era o ponto estrategico por excellencia de todo o norte

do Industão. Tudo isto, junto á fertilidade da região, lhe conservou, já na edade moderna, o grande movimento economico que as antigas Dellys já tinham.

Patna, antigamente chamada Pataliputra, nome transformado pelos Gregos em Palibothra, era, no começo d'esta época, a cidade capital da India. Ahi convergiam as correntes naturaes da região; porque ao Ganges, ao Gogra e ao Sona juntava-se ainda, em face da cidade, o Gandak, que descia dos valles mais ricos do Nepal. E esta situação deu-lhe sempre grande importancia.

Daca era o mercado geral dos algodões, e, por isso, de todas as variedades das cem telas differentes que se fabricavam na India. A sua área, no seculo XVII, occupava 30 kilometros de norte ao sul.

Chundura, mais conhecida sob o nome de Ougly, era tambem um centro notavel.

Os Inglezes compraram, em 1686, Gondelor, com um territorio de oito milhas ao longo da costa e quatro milhas no interior; e ahi fundaram a fortaleza de S. David, que, pouco e pouco, se converteu n'uma cidade, a qual, com as aldeias adjacentes, contava sessenta mil habitantes.

Ballassor era o porto do districto do Catek, situado na embocadura mais occidental do Ganges; e ahi se concentrava a navegação para as Maldivas, que a intemperie do clima forçara os Inglezes e Francezes a abandonar. Ahi se carregavam tambem, para essas ilhas, arroz, telas

grossas e algumas sedas em troca de côcos, cairo e cauris [1].

*
* *

Como corollario do que temos exposto, podemos assentar que o regimen colonial da Inglaterra inspirou-se, geralmente, nos principios do systema colonial, de que fallámos no primeiro capitulo. Mas distinguia-se do regimen dos Portuguezes e Hespanhoes; porque o cidadão britanico levava por toda a parte o sentimento liberal da metropole; e, ao passo que as colonias da America gosavam, quasi todas, politicamente, de uma certa independencia interior, nas Indias orientaes, embora debaixo das vexações da Companhia, o espirito pratico dos Inglezes ia transformando as possessões em vasto campo de progresso material. Por outro lado, emquanto que Portugal e Hespanha fizeram das suas colonias uma exploração da corôa e dos fidalgos, a Inglaterra esmerou-se por fazer sempre das d'ella um poderoso recurso da grandeza e riqueza nacional.

E o regimen colonial da Inglaterra distinguiu-se tambem do regimen hollandez, em que a Hollanda olhava para as suas possessões, com

---

[1] Thomaz Raynal, *obr. cit.* — Elise Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle,* vol. VIII, *L'Inde et L'Indo-Chine.*

a grosseira especulação de negociantes avidos e crueis; emquanto que os Inglezes, a par da interesseira exploração mercantil, tratavam de collocar sempre, acima de tudo, o sentimento patriotico e de fecundar materialmente os seus dominios.

CAPITULO XVIII

Inglaterra

Movimento economico da metropole

Estado da metropole, desde o principio d'esta época até o tempo da rainha Isabel. — Desinvolvimento da agricultura, e demais industrias e commercio, no tempo d'esta rainha. — Como, para fazer desinvolver as industrias, ella teve de acabar com o predominio da Liga Hanseatica, e lucta que travou contra essa liga, acabando por expulsal-a. — Grande desinvolvimento que se seguiu á expulsão da Liga. — *Acto de navegação* de Cromwell, e influencia que exerceu nos destinos da Inglaterra. — Decadencia economica no tempo de Jayme I e seus successores, até o tempo de Guilherme III. — Levantamento no tempo d'este rei, e como a Inglaterra continuou progredindo depois d'isso. — Exame do movimento industrial e commercial em todo o periodo. — Instituições bancarias. — Emprestimos publicos. — Fundação de companhias por acções e abusos que se seguiram. — Relações da Inglaterra com os outros povos. — Centros principaes. — Dinheiro. — Communicações. — Conclusão. — Recapitulação final.

No fim da edade media, a Inglaterra estava ainda n'um grande atrazo relativo [1]; mas já Henrique VII, apezar da avareza de que fallá-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 279.

mos, promoveu o progresso economico do paiz, e, sobretudo, prestou um grande serviço á agricultura, permittindo que os nobres alienassem os seus bens e que os plebeus lh'os podessem comprar.

Sob o governo intolerante e despotico de Henrique VIII, não obstante os seus esforços a favor da marinha, a nação mal podia desinvolver-se: e tanto mais que o ministro Wolsey era mais inclinado a promover a influencia externa da Inglaterra do que o progresso interior.

Maria Tudor, fanatica e rancorosa, e Eduardo VI, uma creança, governada por tutores, tambem pouco fizeram, ou pouco podiam fazer a favor do movimento economico.

Mas com Isabel tudo mudou. A iniciativa d'essa rainha e dos seus ministros transformou as condições agricolas, industriaes e commerciaes do povo inglez, e deu-lhe o primeiro e mais vigoroso impulso da edade moderna.

Seguiram-se os reinados de Jayme I e Carlos I, em que as luctas religiosas e politicas, juntas á pequena capacidade governativa dos monarcas, fizeram retrogradar a Inglaterra, ou, pelo menos, a deixaram estacionaria [1].

Sobreveiu depois a republica, e tudo mudou

---

[1] Em todo o caso, Carlos I, com o desejo de desinvolver a navegação nacional já incumbiu Selden de publicar o celebre livro *Mare Clausum*, em resposta ao livro de Grocio — *Mare Liberum*, pag. 55.

novamente com o seu presidente Cromwell, não só porque o seu *acto de navegação* augmentou grandemente o movimento economico da Inglaterra, mas tambem porque a sua energia militar fel-a temida e respeitada no exterior e nas colonias.

Os reinados posteriores, até a revolução de 1688, tornaram a ser apagados; mas, então foi chamado a reinar o principe d'Orange, Guilherme III, que vinha d'um paiz livre e commercial. E, nas differentes medidas que foram promulgadas no seu tempo, como o *bill de tolerancia,* o *bill dos direitos* e o *bill da imprensa,* foi assegurada a tolerancia religiosa, fixando-se a situação das differentes religiões; completou-se a *Grande Carta;* foi emancipada a camara dos communs das ultimas travações da edade media, assegurando-se-lhe a egualdade na representação do paiz e elevando-a, mesmo n'esse ponto, acima da camara dos lords, pelo direito exclusivo de votar os impostos; proclamou-se a liberdade de imprensa; e tanto essa liberdade como o *habeas corpus* e as demais garantias constitucionaes viram a sua inviolabilidade garantida, não só pela força da lei, como pelo espirito publico.

Um paiz onde cada qual escolhia e seguia livremente a carreira que lhe agradava; onde a segurança da propriedade e das pessoas estava ao abrigo de qualquer arbitrio; onde a administração do Estado se achava collocada sob a vigilancia publica; e, finalmente, onde a legislação era a expressão genuina da vontade nacional:

devia offerecer uma feliz harmonia de poderes e um feliz equilibrio das forças vivas da nação.

Por isso, no tempo d'este rei, e como consequencia d'aquella revolução liberal de 1688, a Inglaterra progrediu extraordinariamente; e a velocidade adquirida por esse progresso difficilmente poderia deter-se, mesmo que os successores de Guilherme III ou os ministros respectivos não coadjuvassem o movimento. Demais a mais, se Jorge I e o seu ministro Walpole empregaram pequenos esforços pelo engrandecimento da patria, como já mostrámos, Jorge II e Jorge III, e os respectivos ministros pugnaram enormemente pela grandeza material e politica da nação, bem como pelo seu desinvolvimento economico; e, já no tempo d'elles, a Inglaterra começou a preparar-se para o fastigio que attingiu no seculo XIX.

O exame detalhado dos factores economicos vae corroborar o que fica exposto.

*

* *

Nos começos d'este periodo, a Inglaterra ainda não tinha explorado os seus productos mineraes — ferro, carvão e muitos outros, inclusivamente o sal, que constituem hoje a sua principal riqueza [1].

---

[1] James E. Thorold Rogers, *Industrial and Commercial History of England*, pag. 11.

Os Romanos já tinham feito uso dos grandes depositos salinos de Worcestershire e Cherchire, mas os Inglezes perderam essa exploração, e estavam n'esse ponto dependentes da França. A primeira camada de sal gemma da Inglaterra foi descoberta, pouco tempo depois da restauração de 1660; e, só no fim do seculo XVII, é que o processo de refinar o sal foi novamente descoberto.

O carvão de pedra, como já vimos, começou a explorar-se muito tarde; não só porque a fundição de ferro nos primeiros tempos d'este periodo estava muito pouco desinvolvida, mas tambem porque havia contra a hulha o preconceito de que já fallámos[1]. Por isso, já no tempo de Isabel, os Inglezes se queixavam de que florestas inteiras eram abatidas, para ahi se montarem as fornalhas, e até o parlamento se viu obrigado a prohibir aos ferreiros o emprego do combustivel que fosse proprio para as construcções.

As minas de estanho de Cornwall, que tinham sido exploradas desde a antiguidade, é que ainda constituiam uma grande riqueza, e continuaram a constituir até o fim do seculo XVII. E Cornwall e Galles forneciam tambem muito cobre.

Por outro lado, a Inglaterra, no principio d'este periodo e por quasi todo elle, não tinha

---

1 *A Historia Economica,* vol. II, pag. 68, e pag. 79 d'este volume.

ainda aperfeiçoado e desinvolvido as suas especies do reino animal, de fórma a tornar-se, mesmo n'esse ponto, um modêlo para a Europa. Apenas a especie ovina era explorada e tratada com cuidado.

Por isso, a fonte principal das producções inglezas, em quasi todo este periodo, foi a agricultura propriamente dita; mas, ainda assim, faltava-lhe muito para o seu regular desinvolvimento.

Começava o mal porque a população da Inglaterra era pequena. Ainda no tempo em que a corôa passou para Jayme II, essa população não excedia a cinco milhões e quinhentos mil habitantes, distribuida principalmente pelo norte do paiz. No principio do seculo XVIII, já orçava por seis milhões, e, no fim da época, por onze [1].

Demais a mais, uma grande porção de terreno além de Trent, ficou, até o seculo XVIII, n'um estado de barbaria, por causa do clima ser mais rigoroso, e pela qualidade do solo exigir uma cultura habil e industriosa; e não podia havel-a, n'um paiz que era tantas vezes theatro de guerras, e que, mesmo quando gosava de uma paz nominal, era constantemente saqueado pelos ladrões escocezes. Havia ainda numerosas companhias de ladrões que roubavam as habitações,

[1] Bonnechose, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 704. — Macauley, *The History of England from the Accession of James the Second*, vol. I.

os generos e o gado; e até, por causa d'elles, cada casa tinha matilhas de cães, e os habitantes deitavam-se sempre com armas á cabeceira.

Por tudo isso, ainda no fim do seculo XVII, supposto os productos da agricultura excedessem os das outras industrias, ella estava n'um estado muito imperfeito. As terras araveis não egualavam metade do sólo inglez, e o resto era constituido por pastos e pantanos. Os animaes selvagens, touros bravos, lobos, raposas, gatos bravos, teixugos, martas, assim como as aguias e os corvos, eram muito communs, o que demonstrava a grande porção de terrenos incultos.

O gado, a não ser na especie ovina, era pouco. Sabia-se que alguns legumes e nabos forneciam bom alimento de inverno para os carneiros e bois, mas não havia costume de os cultivar. Tornava-se por isso difficil conservar esse gado, quando a herva era pouca; de modo que, no principio do inverno, matava-se grande porção d'elle para salgar, e, durante muitos mezes, a burguezia não comia carne fresca.

As proprias especies estavam pouco aperfeiçoadas. Os carneiros e bois eram pequenos, em comparação dos actuaes. Os cavallos indigenas, ainda que muito uteis, não tinham grande estimação, e vendiam-se muito baratos. Preferiam-se as raças estrangeiras. A dos ginetes de Hespanha era olhada como fornecendo os melhores cavallos de batalha; e, por esse motivo, importavam-se em grande quantidade para as necessidades da guerra e do luxo. As carroças da aristocra-

cia eram puxadas por eguas pardas de Flandres. Não se conhecia nem o cavallo moderno inglez de carro nem o de corrida. Só mais tarde é que se compraram nos pantanos do Valcheren os ancestraes d'estes gigantescos quadrupedes, que são para todos os estrangeiros uma curiosidade de Londres[1]; e, para melhorar as raças, começaram a importar-se os cavallos da Arabia e da Persia[2].

*

* *

Em todo o caso, se a industria agricola deixava muito a desejar, comparada com as outras, já no principio da época, tinha um certo desinvolvimento. E, como notámos, Henrique VII concorreu para esse desinvolvimento, porque permittiu aos nobres alienarem os seus bens e aos plebeus o poderem compral-os.

Esta lei diminuiu a desegualdade das fortunas que havia entre senhores e vassallos; estabeleceu entre estes uma certa independencia; e espalhou no povo o desejo de se enriquecer, com a esperança de comprar propriedades, para gozar assim a riqueza que adquirisse.

Já no tempo de Isabel restava sempre um bom excedente de productos agricolas, para exportar. O augmento que ella deu ás outras in-

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 265.

[2] Macauley, *obr. cit.*, vol. I.

dustrias, occasionando uma procura mais activa d'esses productos, contribuiu tambem para desinvolver a agricultura; mas o estimulo principal esteve na iniciativa do seu grande ministro William Cecil (lord Barleigh)[1], enxugando os pantanos, promovendo a plantação das arvores, cohibindo o absenteismo, e promulgando o *codigo do trabalho*.

Por esse codigo, que attendia tambem ao desinvolvimento da industria, e que vigorou na Inglaterra até ao seculo XIX, todos os pobres eram obrigados a empregar-se na lavoura ou nas artes. Era regulamentado o tempo dos contractos do serviço domestico ou salariado, bem como o preço dos proprios salarios, afim de se evitarem os abusos dos patrões. Era tambem regulamentado o trabalho dos menores e o aprendizado das guildas. E, finalmente, providenciava-se ácerca da caridade publica, providencia tanto mais necessaria quanto o numero de mendigos se tornara assombroso, pelo licenceamento de soldados, effectuado no tempo d'essa rainha, em consequencia de estarem acabadas as guerras com a França, e a Egreja não tomar para si o cuidado de os alimentar[2].

No seculo XVIII, a agricultura acompanhou egualmente o commercio e a industria. Exploraram-se sobretudo os productos que davam mais

---

[1] W. Cunningham, *The Growth of English Industry and Commerce in modern times*, vol. I.

[2] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I.

rendimento, principiando por isso a preponderar a creação do gado e o estabelecimento dos prados artificiaes. Na ultima metade d'esse seculo, começou até a olhar-se especialmente para a criação dos bois e dos carneiros, no sentido de servirem para a alimentação, quando, até ahi, se attendia apenas á capacidade para o trabalho e para a lã [1].

Só na Irlanda, onde os terrenos pertenciam ao clero e aos grandes proprietarios, que ordinariamente viviam longe, e cujo territorio os Inglezes exploravam como conquistadores, o solo era mal cultivado; por fórma que, unicamente no norte, é que a industria linheira, provocando a cultura do linho, dera alguma impulsão ao trabalho agricola.

A abertura de canaes, começada no fim do seculo XVII, de que fallaremos, facilitando as communicações, bem como a applicação do ferro aos instrumentos agricolas, iniciada no seculo XVIII, tambem favoreceram muito a agricultura [2].

Em todo o caso, mais poderia ella ter progredido, logo desde o principio d'esta epoca, se não fossem as leis restrictivas que a embaraçavam.

Assim, com respeito á exportação do pão,

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 551.

[2] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 105 e seguintes, e 535. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — James E. Thorold Rogers, *The Industrial and Commercial History of England*, pag. 14.

já era prohibida, desde 1436, quando o seu preço excedesse uma certa taxa, que foi variando com os tempos. Só, em 1663, é que a venda d'elle se tornou livre para o interior, e, sob Guilherme III, tambem para o exterior. E com respeito á importação, essa foi livre até 1670; mas, então, Carlos II só a permittiu, quando o preço attingisse tambem uma certa taxa. Em 1763, sob George III, o augmento da população, proveniente da paz de Paris, fez abolir todas as restricções impostas aos importadores; mas, apezar d'isso, ainda em 1791, houve certas medidas restrictivas, que foram substituidas por um systema absoluto de liberdade.

*

* *

Não póde tratar-se do desinvolvimento das outras industrias da Inglaterra, na edade moderna, sem examinar o modo como o reino se emancipou da tutela da Liga Hanseatica, que, antes d'isso, dominava o commercio inglez, e prejudicava o seu movimento industrial.

Ora, as medidas que os reis haviam tomado, nos ultimos tempos da edade media, para protegerem os interesses mercantis do paiz, tinham sido isoladas e muito incoherentes, para serem efficazes. Muitas vezes, até ficavam paralisadas por considerações egoistas; já porque os reis tinham necessidade de dinheiro, e já porque os nobres tinham receio de que a expulsão da

Hansa fizesse diminuir o commercio das lãs, que constituia a sua principal riqueza.

Foi, assim, que, embora Eduardo III chegasse a prohibir que os negociantes inglezes exportassem a lã para Flandres, e obrigasse os seus subditos a vestirem-se unicamente de pannos nacionaes, estas medidas foram postergadas; porque a lã continuou a ser, como anteriormente, o principal objecto d'exportação, e não cessou tambem a importação dos lanificios estrangeiros. E foi tambem, assim, que, apezar da iniciativa particular ter creado, em 1406, a *Sociedade dos Mercadores Aventureiros,* auctorisada por Henrique IV, a qual se applicou á exportação de pannos inglezes, e tinha um escriptorio em Anvers, a Hansa obteve a continuação dos seus privilegios, em 1504, na ideia de que a Inglaterra não estava ainda no caso de explorar o commercio exterior [1].

Eduardo VI lançara já um forte direito sobre as importações da Hansa. Com a subida, porém, de Maria Tudor ao throno, voltaram os Hanseaticos aos seus antigos privilegios, apezar de que o espirito publico lhes era cada vez mais hostil.

Por outro lado, a marinha de Inglaterra estava ainda muito atrazada, ao passo que a marinha hanseatica dominava no mar do Norte e no mar Baltico.

---

[1] *A Historia Economica,* vol. III, nos capitulos dos Allemães e Inglezes. — Helen Zimern, *The Hansa Towns.* — E. Worms, *Histoire Commercielle de la Ligue Hanseatique.* — Cunningham, *obr. cit.* — James E. Thorold, *obr. cit.*

Por isso, para acabar o predominio da Hansa, era preciso, sobretudo, tratar de desinvolver a marinha e a industria de lanificios.

Ora, emquanto á marinha, a situação inferior do commercio inglez tinha feito parar o desinvolvimento da sua navegação, que se limitava á pesca costeira e á travessia da Mancha. Henrique VIII dedicou já cuidados especiaes a esse ramo do fomento nacional. Foi o primeiro rei de Inglaterra que teve uma frota permanente; porque, até ahi, a defeza do paiz estava incumbida aos chamados *cinco portos* e outras cidades do littoral. Mandou construir navios; creou canteiros e arsenaes; estabeleceu o ensino nautico e um corpo de almirantes. Fez importantes reparações em differentes enseadas e portos. Em 1525, fez construir em Dover, que elle poz em muito bom estado como a chave da França, o seu primeiro molhe; e, em virtude de uma carta real, creou a corporação da *Trinity-House* (Casa da Trindade) de Deptford, destinada a examinar e receber os pilotos, vigiar os pharoes, ordenar o seu estabelecimento, collocar boias e presidir a todos os detalhes da navegação dos portos.

A par d'isto, as viagens multiplicadas abriram serios desembocadouros á marinha ingleza. De 1511 a 1534, grandes navios, partindo de Londres, Southampton e Bristol, visitaram a Sicilia, as ilhas de Candia, Cio e Chypre, e os portos de Tripoli e Beiruth, levando tecidos de lã, pelles de bezerro e outros productos naturaes e manufacturados, e trazendo em troca rhuibarbo, vi-

nhos de Chypre, algodão, azeite, tecidos da Turquia, nozes de galha e especies.

Mas, apezar de tudo isso, faltava muito, para que a marinha podesse competir com os Hanseaticos, e os dois reinados que se seguiram a Henrique VIII, foram nullos, n'esse ponto.

Com Isabel tudo mudou, e a marinha começou então a adquirir um grande incremento que, segundo veremos, continuou nos reinados posteriores.

É que, além do desejo que a rainha e seus ministros tinham de competir com os Hanseaticos, as tentativas da *armada invencivel* concorreram tambem, para que se attendesse mais á marinha. Ao mesmo tempo, abandonou-se o sonho da conquista continental, concentrando-se por esse motivo na marinha nacional os recursos que se dispendiam na pretendida realisação de tal sonho [1]. A necessidade da defeza do reino, fez tambem que o ministro Cecil tratasse de prover de artilheria os portos inglezes, providencia tanto mais necessaria quanto a perda de Calais tinha privado a Inglaterra do seu principal arsenal. E, finalmente, as viagens successivas, no tempo d'essa rainha, e o desinvolvimento da pesca auxiliaram egualmente o progresso da marinha.

O governo inglez pôde, assim, conseguir um dos elementos essenciaes para combater os Hanseaticos.

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 14.

A industria dos lanificios é que marchou mais vagarosamente. Conforme as ideias da época, estava sujeita a restricções embaraçosas, como, por exemplo, a do preço e localidades da venda. E accrescia ainda que o parlamento, intendendo que a abundancia de pastos era excessiva, em detrimento da agricultura, limitou a acção das pastagens, o que prejudicou tambem essa industria de lanificios.

Faltavam tambem a principio artistas competentes; mas as perseguições religiosas vieram fornecel-os [1].

O governo publicou, então, leis adequadas a melhorar o producto e cohibir as fraudes; e a industria começou a progredir rapidamente.

Por aquelle augmento da marinha e por este desinvolvimento da industria de lanificios, a In-

---

[1] A immigração dos artistas estrangeiros começou, em 1544, principalmente, de francezes, vallonezes e hollandezes. Uma egreja valloneza e hollandeza, por combinação mutua, foi fundada, em Londres, no anno de 1550, e recebeu de Eduardo VI uma carta de concessão. Maria Tudor ordenou a esses immigrados que abandonassem o paiz, e mais de 400 obedeceram. Muitos d'elles, comtudo, voltaram, com a subida de Isabel, trazendo outros novos, e foram estabelecer-se em Londres e Sandwich, onde obtiveram licença da rainha, para fabricarem as mercadorias de Flandres.

Em 1567, a renovação das perseguições do duque d'Alba levou nova fornada de protestantes para Inglaterra, que se estabeleceram em Norwich, Colchester, Sandwich, Canterbury, Southampton, Londres, Soutwark e outras terras. — Ashley, *An Introduction to English Economic History and Theory*, vol. I, pag. 238 e seguintes.

glaterra estava nos termos de já poder luctar com a Liga Hanseatica; e tanto mais que o prestigio d'esta ia acabando nos outros Estados da Europa, e o espirito publico do paiz se levantara egualmente contra essa associação, como já notámos. Só faltava que o governo tomasse a iniciativa de a combater, aberta e decididamente, e foi essa uma das mais gloriosas emprezas da rainha Isabel, ou antes do seu grande ministro lord Barleigh.

Começou ella por soccorrer e animar as associações indigenas. Fez de novo contribuir os productos da Hansa, e reclamou para os Inglezes, nas cidades hanseaticas, o livre commercio, estipulado na convenção de Utrecht de 1473. Limitou a cinco mil peças a exportação dos pannos crús [1]. Prohibiu aos Hanseaticos a exportação de quaesquer lanificios para os Paizes-Baixos. E sómente consentiu que levassem para Inglaterra productos estranhos, até á quarta parte da respectiva importação; porque o resto devia ser dos proprios productos hanseaticos.

A Hansa, que não podia recorrer ás armas, recorreu ás intrigas, e conseguiu que a duqueza de Parma, então governadora dos Paizes-Baixos, prohibisse a entrada dos pannos inglezes, o que obrigou os *Mercadores Aventureiros* a deixarem

---

[1] Era esse dos principaes ramos do commercio da Hansa, que depois tingia e apromptava os mesmos pannos, para os importar de novo na Inglaterra.

Anvers e irem para Endem, na Friza Oriental, até que, depois, pelas perturbações da Hollanda e guerra com a Hespanha, antes quizeram estabelecer-se em Stade e varias outras cidades da Allemanha. A propria cidade de Hamburgo, preferindo o seu proprio interesse á causa commum, os acolheu muito bem, em 1569, e foi ahi que elles se concentraram, principalmente.

Conseguiram tambem os Hanseaticos que o imperador da Allemanha fizesse reclamações ao governo britanico. Este entreteve essas reclamações, sem nada resolver; mas, afinal, por instigações de Lubeck, os Inglezes foram expulsos de Hamburgo, em 1598, indo estabelecer-se em Middelburgo, na Zelandia [1].

Então, Isabel aboliu todas as garantias da Hansa, equiparou os seus membros a quaesquer outros estrangeiros, e prohibiu-lhes totalmente a exportação das lãs [2]. Em consequencia d'este rigor, a Liga dirigiu-se á dieta do imperio, a pedir a expulsão de todos os Inglezes da Allemanha; mas, embora se tomasse alguma deliberação n'este sentido, não chegou a executar-se.

Apezar d'isso, não pararam as medidas aggressivas de Isabel. Assim, porque os Hanseaticos faziam com a Hespanha um commercio impor-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 161. — *La Richesse de la Hollande*, vol. I, pag. 264 e seguintes.

[2] Para vêr como a Inglaterra jogava com as vantagens da sua grande producção de lã, veja-se a *Historia Economica*, vol. III, pag. 271.

tante, reclamou contra esse facto, allegando que elle constituia um auxilio á sua inimiga; e, não tendo sido attendida essa reclamação, fez apprehender diante de Lisboa, em 1588, sessenta navios da Hansa, que estavam carregados de mercadorias.

Então, a dieta sempre expulsou todos os Inglezes da Allemanha, e, como represalia, Isabel expulsou tambem todos os Allemães da Inglaterra, mandando fechar o escriptorio hanseatico do *Steelyard* [1].

Depois d'isso, ainda no tempo de Jayme I, a Liga fez esforços para recuperar parte dos seus privilegios, mas nada conseguiu. Hamburgo, em 1611, obteve a restituição do *Steelyard,* mas como empreza particular, desprovida de todo o auxilio official; e, tendo elle ardido, em 1666, não foi mais reconstruido.

Quanto aos *Mercadores Aventureiros,* apezar de tudo, continuaram tranquillamente em Stade, não tardando a receber do imperador auctorisação formal para residirem na Allemanha. E, por isso, em 1611, voltaram para Hamburgo, que, desde então, se tornou o ponto principal por onde entravam os productos inglezes.

Ora a declinação ou queda da Hansa foi a primeira condição para o grande progresso das industrias inglezas.

---

[1] Sobre o *Steelyard* veja-se a *Historia Economica,* vol. III, pag. 260 e seguintes.

Duas d'ellas, a da marinha e lanificios, tinham já servido, como vimos, para se poder acabar com o predominio dos Hanseaticos, e continuaram a adquirir cada vez maior desinvolvimento.

E, na verdade, com respeito á marinha, a iniciativa que Henrique VIII e Isabel lhe deram, e de que já fallámos, continuou nos reinados posteriores.

Estava no animo dos Inglezes, rodeados de mares e habituados, portanto, á contemplação das aguas e ás communicações maritimas, o amor por essa industria, que elles reputavam como a principal alavanca da sua grandeza. Demais, no seculo XVI, concorreu para o augmento da força naval, bem como da marinha mercante, que, em caso de precisão, se adaptava ás necessidades da guerra, o desejo de combater a Hansa e defender a Inglaterra dos ataques externos; no seculo XVII, a lucta commercial e militar com os Hollandezes; e, no seculo XVIII, a lucta com os Francezes, na India e no Canadá.

Por tudo isto, quasi todos os governos, depois de Isabel, attenderam efficazmente para esse ramo de economia nacional.

O *acto de navegação* de Cromwell[1] deu-lhe

[1] Cromwell empregou todos os esforços, para levantar a marinha, não só como elemento de commercio e superioridade politica, mas tambem com o fim de se emancipar do predominio mercantil dos Hollandezes. Nunca, porém, pôde egualar a marinha hollandeza; pois que a marinha mercante da Hollanda, ainda por occasião do *acto de nave-*

um impulso enorme. As grandes viagens que se seguiram depois de Isabel, foram tambem outro grande elemento de progresso. E, além d'isso, a derrota da *armada invencivel* trouxe aos Inglezes grande animação sobre o mar.

Jayme I é que não foi tão cuidadoso como os seus antecessores. Aconteceu a mesma coisa com Carlos I; e até foi essa uma das causas da sua queda, porque os Inglezes poupavam muitos defeitos dos seus governantes, em desconto da efficacia dos esforços que elles tivessem pelo progresso da marinha nacional. E, tambem no tempo de Carlos II, embora o parlamento votasse até um credito extraordinario para a construcção de trinta navios de guerra, a marinha decaiu enormemente. As embarcações construidas foram de tão pequena força, que se arruinaram muito brevemente. Os marinheiros eram pagos com tão pouca pontualidade, que se entregavam nas mãos dos usurarios, para lhes rebaterem o soldo. E a maior parte dos commandantes não tinha sido educada no mar [1].

A marinha tornou, porém, a levantar-se com o reinado de Guilherme III, e com a dynastia de Hanover, pela grandeza crescente da Inglaterra,

---

gação, se compunha de dezeseis mil navios, com uma tonelagem de 500:000 toneladas, egualando, assim, a de todas as nações da Europa reunidas.

[1] Macaulay, *The History of England from the Accession of James the Second*, vol. I. — Cunningham, *obr. cit.*, vol. I. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

do seu commercio e do seu poder colonial, e até pela adopção e expansão dos seguros maritimos. E, além d'isso, foi tambem auxiliada pela industria piscatoria [1], que é uma grande escola de marinheiros, e que, portanto, influe grandemente na arte nautica, da mesma fórma que esta influe na pesca.

Ao principio, muito pouco se podia fazer a favor da exportação do peixe, porque a Noruega, Hollanda e Flandres o exploravam em tal abundancia, que suppriam o proprio consumo, e tinham ainda grande excesso para vender; e a propria França empregava mil e quinhentos marinheiros na Terra Nova, e mandava annualmente uma armada de quinhentas velas pescar arenques na costa ingleza. Apenas, de tempos a tempos, a Escocia exportava alguns productos de pesca para a Europa.

Mas, para animar o consumo exterior, Cecil insistiu na obrigação de se guardar jejum, ás sextas-feiras e sabbados de cada semana, bem como nos dias das quatro temporas e vigilias e durante toda a quaresma, não por disciplina religiosa, mas por politica.

Em 1549, foi promulgado um estatuto, n'esse sentido, e essa medida deu já um certo desinvolvimento á industria piscatoria. Mas Jayme I vendeu depois aos Hollandezes o direito de pescarem arenques nas costas da Escocia, por uma

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 67.

somma que seu filho Carlos I elevou a trinta mil libras, e com isso prejudicou de novo a concorrencia dos pescadores nacionaes.

Tambem os Inglezes exploraram, e já desde o tempo de Isabel, as pesqueiras da Terra Nova; e ahi foram mais felizes, porque só tinham por competidores os Hespanhoes e Francezes, que não dispunham do genio maritimo e recursos dos Hollandezes.

Estando as coisas n'estes termos, o *acto de navegação* de Cromwell de 1651, veiu mudar a situação, acabando com a concessão dada aos Hollandezes de pescarem nas costas de Inglaterra, reservando para os Inglezes as aguas territoriaes, e prohibindo a importação dos peixes pescados por estrangeiros. E, embora deixasse de insistir-se na observancia dos dias de jejum, começaram a organisar-se companhias privilegiadas, que dispunham dos recursos precisos, para emprehenderem a pesca em larga escala. O Estado chegou mesmo a auctorisar, em 1750, uma sociedade denominada *Livre Pesca Britanica*, destinada a fazer concorrencia á Hollanda: sociedade essa que não deu grande resultado, por querer realisar, desde logo, muitos lucros.

Em todo o caso, até o fim do seculo XVII, os Inglezes não poderam combater a concorrencia e superioridade dos Hollandezes, na Europa, que ficaram sempre com o primeiro logar na pesca. Mas, em compensação, a concorrencia dos Francezes, no Novo Mundo, desappareceu, desde que estes perderam as suas possessões e a sua in-

fluencia no norte da America, e tiveram de ceder aos Inglezes a Terra Nova, cujo grande banco foi, desde então, o quartel principal das pescarias inglezas.

A carestia do sal tambem concorreu, a principio, para essa inferioridade dos Inglezes; mas, por fim, a abundancia d'este mineral, á proporção que a Inglaterra o foi explorando em grande quantidade, auxiliou efficazmente o desinvolvimento da pesca em geral [1].

Pelo que toca, especialmente, á pesca da baleia, a expedição do mar Branco e as tentativas da passagem do Nordeste já familiarisaram os Inglezes com ella, no tempo de Isabel. Os Hollandezes, porém, sob Jayme I, que não tinha, como vimos, as qualidades da sua antecessora, poderam, pela sua concorrencia, prejudicar os esforços dos Inglezes, especialmente, na Groenlandia. Estes formaram, por isso, em 1652, uma companhia anonyma, para recobrar aquella pesca. O governo deu-lhe o privilegio de exportar o azeite da baleia, livre de direitos, e animou-a ainda com outros premios; e ella póde, então, conseguir firmar novamente a pesca da baleia, embora os Hollandezes occupassem, por muito tempo, ainda n'esse ramo, o primeiro logar [2].

A industria dos lanificios experimentou egual

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 67 e 68.

[2] Scherer, *obr. cit.*, vol. II. — Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 484.

progresso, desde que Isabel restringuiu a exportação dos pannos crus, e acabou com a concorrencia hanseatica; e continuou egualmente a progredir, sob os Stuarts. Até ahi, não se tingia bem; mas os Inglezes aprenderam então a tingir. Desappareceu o singular preconceito de que o pau do Brazil era prejudicial á saude, preconceito que tinha durado por muito tempo, e fizera prohibir a sua importação; e começou, por isso, este pau a ser empregado largamente na tinturaria [1]. Regulamentou-se a fabricação dos tecidos de lã, emquanto á medida e qualidade; a até, para animar esta industria, se determinou que os mortos fossem enterrados em mortalhas de lã e que se podessem usar barretes fabricados no paiz [2].

A industria do linho era já antiga, especialmente na Irlanda, mas pouco florescente [3]. O seu maior desinvolvimento data de 1561, em que quatrocentos e seis obreiros de Flandres emigraram para a Inglaterra; e, depois d'isso, tambem os Huguenotes expulsos da França a fizeram progredir fortemente.

Para que essa industria não prejudicasse a

---

[1] Ao passo, porém, que desappareceu esse preconceito, quanto ao pau do Brazil, o uso do anil, apezar de existir desde ha muito na Hollanda, é que foi prohibido como venenoso, e só foi permittido, em 1660, sob Carlos II.

[2] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 25.

[3] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 330 e 519.

dos lanificios, na Inglaterra, foi restringido o numero de fabricas de lã, na Irlanda; mas, em compensação, as teias irlandezes eram isentas de direitos, e podiam ser exportadas directamente para as colonias, ao passo que eram muito tributados os linhos estrangeiros. Ainda, depois, se procuraram outras facilidades, para indemnisar a Irlanda d'aquella restricção, taes como as tarifas elevadas para os productos estrangeiros e premios para os nacionaes. E, em 1746, creou-se uma sociedade, sob o titulo de *Sociedade Linheira Britanica,* que muito augmentou a fabricação e commercio dos respectivos productos.

Isabel auxiliou tambem muito a fabricação do vidro, concedendo até privilegios aos seus fabricantes; e, por isso, esta industria tomou, egualmente, grande desinvolvimento [1].

Começou tambem no tempo d'essa rainha a fabricação de meias; e ainda ella tratou de naturalisar outras industrias. N'este sentido, um acto do parlamento do quinto anno do seu reinado prohibiu, sob penas severas, a importação d'armas, agulhas, rendas, sellos, diversos artigos de metaes, couros, objectos de quinquilheria e cutelaria, conseguindo, d'esse modo, crear essas industrias no seu paiz.

Um outro ramo que obteve grande progresso, no tempo d'esta rainha, foi a construcção de casas.

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, pag. 79.

Até ahi eram edificadas, na maior parte, de madeira, revestida d'uma camada d'argilla; eram cobertas de colmo; e grande numero só recebia luz por simples gelosias. Mas, sob o governo de Isabel, espalhou-se o uso das edificações de tijolo e da construcção de vidraças; e tornou-se muito grande o luxo dos moveis, adornos domesticos e vestuarios, assim como o luxo das refeições, louças e baixellas de meza [1].

Foi tambem iniciada no seu tempo a exploração do sal gemma, que a rainha favoreceu com privilegios e com a chamada de artistas estrangeiros [2].

A industria de tijolos, que era activa no tempo dos Romanos, reviveu no seculo XV, e continuou fortemente n'esta época [3], recebendo, egualmente, grande animação no tempo de Isabel. E tambem a papelaria e chapelaria lhe deveram grande protecção, e progrediram muito durante o periodo [4].

Da mesma fórma as letras e artes tiveram tambem um grande desinvolvimento no tempo de Isabel; e esse desinvolvimento continuou por todo o periodo.

---

[1] Emile de Bonnechose, *obr. cit.*, vol. II, pag. 546.

[2] Até ahi só se tinha explorado algum em Droitwich. — Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 77.

[3] James E. Thorold Rogers, *obr. cit.*, vol. I, pag. 11.

[4] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 84. — Cons, *obr. cit.*, vol. I, pag. 263.

Ora quasi todos os ramos d'essas industrias e respectivo commercio eram explorados por companhias privilegiadas, em prejuizo da exploração particular, que, em geral, não tinha capitaes para as grandes emprezas. E tal era o desejo de nacionalisar essas duas fontes da riqueza publica, que os estrangeiros não podiam ser membros de taes companhias [1].

A industria da seda, algodão, papeis pintados, bem como a grande industria metallurgica é que foram posteriores a Isabel.

Assim, as primeiras manufacturas de seda fundaram-se, no principio do seculo XVII, e tiveram, como as outras industrias de tecidos, grande animação, quando a revogação do edito de Nantes fez refugiar na Inglaterra muitos operarios francezes, que n'ella trabalhavam. Esses operarios retomaram o exercicio da sua profissão, em Spitalfields, perto de Londres. O parlamento protegeu-os, prohibindo, em 1697, pelo *acto* chamado tambem *de Spitalfields,* a importação de todas as sedas da Europa, prohibição que, em 1700, foi ampliada ás proprias sedas da Persia e da India; e a Inglaterra aproveitou, assim, a occasião propicia de fazer concorrencia á França, n'essa industria. E, demais a mais, por aquelle mesmo *acto de Spitalfields,* os operarios de tecidos de seda foram auctorisados a reclamar um salario fixo, determinado pela auctoridade.

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

É claro que estas medidas restrictivas não deram, afinal, o resultado que daria a liberdade; mas, no principio, serviram para, na phrase vulgar, pôr a maquina em movimento.

A industria algodoeira appareceu, em 1641, em Manchester. Em 1676, a impressão dos pannos de algodão era conhecida em Londres, e, em 1685, foi tambem implantada em Lancashire pelos immigrantes de Anvers. A materia prima vinha, então, de Chypre e Smyrna.

A industria linheira, que era antiga na Irlanda, no estado domestico, e que, já no seculo XVII, começara a desinvolver-se, mesmo na Inglaterra propriamente dita, favoreceu o progresso d'essa outra. Mas, em todo o caso, a tecelagem do algodão caminhava lentamente; porque os bons tecidos similares da India eram prohibidos, e os algodões inglezes constituiam uma novidade a que a nação não estava habituada; de modo que o gosto do paiz não procurava essa mercadoria. E só augmentou, depois que as colonias da America começaram a exportar a materia prima. Manchester ficou o centro principal, e até diversos tecidos d'algodão, especialmente os velludos, receberam o seu nome.

Apezar de tudo, essa industria caminhava lentamente. Á proporção que o preço da materia prima foi diminuindo, é que a tecelagem foi augmentando; e só, quando Higs, em 1763 ou 1764, inventou a maquina de fiar *Spinning Jenny* (Joannita a Fiadora), e que Hargreaves a aperfeiçoou, em 1672, e se seguiram outras maquinas

mais completas [1], é que se operou uma revolução sem exemplo. Então, a fabricação do algodão distanciou-se rapidamente de todas as outras, e data d'ahi a supremacia industrial da Inglaterra.

A materia prima passou a vir, em grande quantidade, do Oriente e das ilhas Bahamas; e,

---

[1] Higs era um pobre fabricante de pentes, do condado de Lancaster que, em 1763 ou 1764, viu a vantagem de inventar uma maquina, capaz de produzir trama com abundancia e facilidade; e, associando-se, para esse effeito, com um relojoeiro do paiz, chamado Kay, ambos elles se encerraram na residencia de Higs, onde estiveram fazendo ensaios e experiencias, durante alguns dias, a occultas dos seus companheiros. A plebe estupida começou, então, a insultal-os e vociferar contra elles, dizendo que andavam trabalhando na *pedra filosofal*. O relojoeiro, menos paciente, abandonou, por isso, a empreza; mas Higs continuou com perseverança, até que, realmente, descobriu a maquina de fiar, que, do nome de uma sua filha Joannita, denominou *Spinning Jenny* (Joannita a Fiadora).

Poucos annos depois, Jacob Hargreaves, carpinteiro de Blackburn, fez algumas importantes modificações n'essa maquina; e, por isso, alguns historiadores, erradamente, lhe attribuiram a invenção. Nós mesmo, a pag. 82, fomos atraz d'esse erro.

A *Jenny* só produzia trama, e Higs a completou, fazendo outra maquina, capaz de fiar o algodão, com a finura e consistencia necessarias que o ordume requeria, feito até então com linha estrangeira. Essa foi a maquina de cilyndrar, chamada pelos Inglezes *Throstle*.

O inventor tinha tornado publica a sua *Jenny;* mas queria reservar a publicidade d'aquella outra invenção, até poder levantar uma fabrica e manter por meio d'ella a sua numerosa familia, quando um barbeiro de Boston-Moors,

nas ultimas decadas do seculo XVIII, dos Estados-Unidos. Por isso, quando surgiu a guerra da independencia d'esses Estados, a falta de materia prima produziu uma crise na industria algodoeira, que se prolongou até o fim da mesma guerra.

Em 1785, levantou-se a primeira fabrica a vapor de tecidos de algodão, em Papplewick, no condado de Nottingham, e, em 1792, foi o vapor tambem aproveitado para a maquina de fiar, em Manchester e em Glasgow.

Emquanto á industria metallurgica, o seculo XVIII só foi de preparação, apezar de não ficar estacionaria no meio do movimento geral.

O estanho e chumbo, que eram os artigos mais antigos do commercio do paiz, continuaram tambem a ser explorados, como já vimos.

---

de vivo engenho, Arkwright, que tinha surprehendido o segredo, fez um modelo d'essa *throstle*, e, em 1768, obteve o privilegio de invenção. O pobre Higs morreu na miseria, e Arkwright falleceu, depois de ter juntado alguns milhões e ter sido nomeado *cavalleiro* e *sherife* do seu condado.

Outras maquinas engenhosas aperfeiçoaram depois, mais e mais, aquelles inventos, como, por exemplo, uma de João Lees e Hargraeves, em 1772; outra do proprio Higs e Wood, em 1773; e ainda outra, em 1775, de Samuel Crompton, que inventou a *Mull-Jenny*, composta da *Spinning* e do tear de cylindro.

Posteriormente, Cartwrigt, Austin e Johnson levaram á perfeição a maquina de tecer o algodão, a que se applicou pouco depois o poderoso motor inventado por Jacob Watt. — Boccardo, *obr. cit.*, pag. 395.

E, no paiz de Galles, condado de Derby e ilha de Anglesea, a extracção do cobre tomou tal incremento, que cessou de se importar. A exploração do ferro, porém, é que era minima, nos primeiros tempos, como vimos. Os Inglezes importavam-no da Hespanha, Suecia e America. A fabricação d'esse mineral começou a desinvolver-se no tempo de Carlos II; e os grandes fornos só datam de 1760 [1]. Mas, já no fim do periodo, os Inglezes levavam na preparação d'esse producto e do aço vantagem a todos os outros povos; e, já então, Birmingham e Sheffield eram afamadas em objectos metallurgicos, preparação de metaes e quinquilherias.

Em compensação, a hulha tornou-se um artigo de commercio, cada vez mais importante. Exportava-se para a França e Hollanda, e á sua extracção, tendo por centro Newcastle, dava frete a quatrocentos navios inglezes, sem contar os allemães e hollandezes, desde que se dissiparam, a respeito d'este combustivel, os antigos preconceitos de que já fallámos.

Convém tambem citar a fabricação da louça, que Wedgwood creou, em 1760, nas landes aridas do condado de Stafford, abundantes de kaolino, e que, em breve, ajuntou outro forte elemento ao poder industrial da Inglaterra.

Não fecharemos o estudo do movimento industrial dos Inglezes n'este periodo, sem mencio-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 524.

narmos uma das suas mais importantes industrias — a caça.

Os Russos, em 1553, fundaram varios estabelecimentos nos seus esteppes septentrionaes da America, e a Inglaterra seguiu-lhe o exemplo. O trafico das martas, zebelinas, arminhos, castores, era feito por intermedio dos Samoyedas, e as pelliças tinham grande valor e acceitação. No reinado de Isabel, restringiu-se muito o uso das pelles preciosas, e paralisou por isso este ramo de commercio; mas, em 2 de maio de 1670, foi concedido um privilegio á *Companhia das pelles da bahia de Hudson*, a qual principiou com tal patrocinio, que muitos dos accionistas pertenciam á alta nobreza. Tinha, comtudo, por competidoras algumas associações particulares, cujos agentes francezes, estabelecidos no Canadá, emprehendiam excursões aventurosas, bastante lucrativas; e estes intrepidos caçadores, designados pelo nome de *viajantes canadenses*, tal concorrencia fizeram á Companhia, que ella viu a sua existencia ameaçada.

A conquista do Canadá pelos Inglezes modificou esta situação; e, em 1766, tres annos depois da conquista do Quebec, o commercio de pelles prosperou novamente.

Depois, em 1784, alguns negociantes de Montreal fundaram tambem a *Sociedade do Noroeste*, que, em breve tempo, centralizou todo o commercio de pelles na sua mão; e outra vez a companhia de Hudson se viu ameaçada na sua existencia: tanto mais que a *Sociedade do Noro-*

este não hesitava no emprego dos meios, como a venda de alcool aos Indios, especulações fraudulentas, etc. Deu isso em resultado que a concorrencia das duas companhias as levou á fuzão, em 1821; mas esse facto já não pertence a este volume [1].

*
* *

Na Inglaterra, não havia o ridiculo preconceito de considerar o commercio como profissão degradante. Pelo contrario, o negociante inglez teve, desde tempos antigos, muita importancia; e esse conceito geral já constituia um elemento poderoso para o progresso mercantil.

A rainha Isabel auxiliou tambem fortemente esse progresso, não só pelas medidas que tomou, com relação á Liga Hanseatica, e pelo auxilio que deu aos *Mercadores Aventureiros*, mas ainda, pela protecção que dispensou a outras companhias inglezas.

Assim, deu importantes privilegios á *Companhia Prussiana e da Terra Oriental* (*Prussian and Eastland Company*), que tinha por alvo fazer concorrencia ao trafico da Liga Hanseatica, mesmo nas regiões do Baltico. Protegeu egualmente a *Companhia de Moscow* (*Moskovy Mer-*

[1] Julio Verne, *O paiz das pelles*, vol. I. — B. Wilson, *The Great Company*, pag. 50.

*

chants), creada por Eduardo VI, que fazia commercio com a Russia, e de lá com a Persia. Favoreceu a *Companhia Turca ou Companhia do Levante* (*Levant Company or Turkey Company*), formada para negociar com as regiões orientaes. E auxiliou egualmente uma outra, constituida para commerciar com os Paizes Barbarescos, embora essa não desse resultado [1].

Jayme I não foi tambem alheio ao desejo de desinvolver o progresso mercantil.

Carlos I e os seus collegas no *comité commercial*, que fôra organisado em 1626, empregaram tambem todo o cuidado n'esse desinvolvimento; mas a guerra civil desorganisou os seus trabalhos, e prejudicou os seus esforços.

O *acto de navegação* de Cromwell, como já fizemos sentir, produziu um grande adiantamento na marinha e no commercio, especialmente no commercio maritimo, que, desde Isabel, tinha sido secundado tambem pelas companhias inglezas, estabelecidas em varias partes do mundo.

Guilherme III, que vinha da Hollanda, educado nas ideias commerciaes e na tradição mercantil da sua patria nativa, deu egualmente grande impulso a este ramo da economia nacional; e, em 1656, instituiu até, para os negocios mercantis do reino, uma administração independente — *o conselho do commercio e das colonias*, assignando-lhe as attribuições, hoje di-

---

[1] M. Emile de Bonnechose, *Histoire d'Angleterre*, vol. II.

vididas pela direcção actual do commercio (*board of trade*).

Desinvolveu-se muito, depois d'isso, o espirito de associação, e formaram-se muitas sociedades, para o progresso do commercio e da industria, com o concurso dos homens mais importantes da nação. Hoje estas sociedades são de todos os paizes, mas foi na Inglaterra que, então, mais prosperaram.

Havia tambem, como já notámos, privilegios de invenção para qualquer descoberta, o que, visando directamente a desinvolver a industria, refluía grandemente sobre o movimento mercantil [1].

*

* *

O augmento da industria e do commercio trouxe comsigo o augmento dos capitaes, e, sequentemente, a necessidade de os depositar.

N'esse sentido, alguns dos reis, e por ultimo Carlos I, tinham-se arrogado o direito de receber

---

[1] É curioso que, nos ultimos tempos do seculo XVIII, começou a praticar-se o uso de se fazer nos cafés toda a sorte de negocios, inclusivamente os negocios de banco. Carlos II quiz supprimil-os como perigosos para o Estado, mas teve de renunciar a esse proposito: tanto mais que o café, que fôra levado a Londres, em 1562, por um negociante turco, se tornara logo a bebida da moda, e se foram creando numerosos estabelecimentos d'esse genero. — Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 492.

taes depositos, ou, na linguagem do tempo, de *fazer banco*. Chamava-se a isto *cambio do rei, (cambium regis)*; e, assim, a casa da moeda servia de deposito para as grandes reservas monetarias.

Este deposito, porém, deixou de considerarse seguro, quando rebentaram as guerras civis do reinado de Carlos I, e que o paiz foi presa da anarchia; e recorreu-se, então, aos ourives.

Assim, foram-se elles tornando os depositarios; recebiam por isso uma ligeira remuneração, e incumbiam-se de fazer pagamentos, o que lhes era facil, quando tinham os depositos de credores e devedores. Depois, foram, pouco a pouco, entrando n'outras operações, como emprestimos ao governo, e todos os negocios de banco. Davam já seis por cento aos depositantes, mas exigiam dez ou vinte pelos emprestimos que faziam; e por isso se oppozeram á creação d'um banco nacional, que já se tentou no tempo de Cromwell.

Ora esse juro excessivo causou grandes desordens economicas; porque os pequenos industriaes ou lavradores não o podiam pagar, e, d'esse modo, se foi depreciando a industria e a agricultura. Muitas terras ficaram incultas por falta de capital; as fontes contribuitivas diminuiram; e o proprio Carlos II, em 1672, não pôde pagar os juros elevados que devia aos ourives, por um adiantamento de 1.328:526 libras sterlinas, que lhe tinham feito.

Trouxe isto a necessidade da creação de um

banco. Os negociantes de Londres, á frente dos quaes estava o escocez Patterson, de que já fallámos, offereceram ao governo um milhão e duzentas mil libras, pela concessão de uma carta que auctorisasse o estabelecimento de um banco publico de circulação. O governo acceitou a proposta, e concedeu, em 1694, a carta de instituição do *Banco de Inglaterra*, com a faculdade do desconto de letras de cambio e do commercio da prata e ouro em barras e d'adiantamentos ao governo, pagaveis pelo producto dos impostos.

Este privilegio do banco de Inglaterra não se applicava á Escocia; mas o exemplo foi logo seguido, e, em 1695, ahi se estabeleceu o primeiro banco, sob o titulo de *Banco de Escocia*. Depois, vieram o *Banco Real de Edimburgo*, em 1727, a *Sociedade Linheira Britanica*, em 1746, a *Companhia de Aberdeen* e outras semelhantes, em 1767; de modo que, em 1783, a Escocia já contava quatorze bancos.

Os bancos, sociedades e companhias foram, já n'esta época, um dos grandes recursos do desinvolvimento economico da Inglaterra. A emissão de notas suppriu o capital que os Inglezes emprestavam aos estrangeiros, para as despezas da guerra, e outras. E, embora estas instituições de credito só attingissem o seu completo desinvolvimento, no periodo contemporaneo, a industria e o commercio da Inglaterra deveram-lhes grande progresso, especialmente, a industria e commercio da Escocia, até então insignificantes,

embora o abuso do papel de credito produzisse tambem inconvenientes.

*
* *

Emquanto ao credito publico, as guerras de Inglaterra, no seculo XVIII, trouxeram um augmento consideravel na divida do Estado.

Até 1694, tinha-se feito, geralmente, face ás despezas pelo augmento dos impostos; e os emprestimos eram contractados só pelos reis, em seu nome pessoal. Sob Guilherme III, porém, começaram elles a constituir um systema financeiro. A principio, o Estado apenas consignava algum ramo dos rendimentos publicos ao reembolso do capital e juros. Augmentando as necessidades, foi preciso consignar successivamente novos rendimentos; e, por fim, semelhante systema foi substituido pelo de titulos de rendas perpetuas ou divida fundada. Tal foi a origem do credito publico.

Primeiramente, os juros eram elevados, pela falta de confiança no governo, saído da revolução; mas, depois, tornaram-se mais diminutos. E a Inglaterra, apezar da sua divida publica, gosava de uma confiança absoluta, pela sua riqueza e desinvolvimento.

O augmento da divida publica trouxe o negocio de fundos publicos. E este negocio tornou-se em Londres e em Amsterdam uma industria especial importante; de modo que a especu-

lação tomou proporções mais vastas, e estendeu-se cada vez mais ás proprias mercadorias. Estabeleceram-se, por isso, emprezas por acções, apparecendo os projectos mais absurdos; e a especulação de enriquecer por esse meio agitou, durante os primeiros vinte annos do seculo XVIII, as principaes côrtes da Europa, arruinando tantas mais familias quanto os governos, por uma culpavel aberração, animavam essa especulação, e tomavam até parte n'ella. A Companhia do Mar do Sul, privilegiada, em 1711, é o exemplo mais frisante d'isso, com respeito á Inglaterra.

Esta companhia foi fundada, na esperança de que a Inglaterra, contractando com a Hespanha, obteria as condições mais vantajosas para o commercio com o mar do sul; e o governo, opprimido com a divida publica, deu-lhe o privilegio exclusivo das costas orientaes e occidentaes do novo continente, ao sul do Orenoco. Mas a Hespanha, pelo tratado do *Assiento*, não concedeu aos Inglezes senão o direito de importarem um numero determinado de escravos, e um unico carregamento de mercadorias, em Porto Bello.

Ora isto só não bastava á companhia; e, embora ella tivesse o recurso do contrabando, ainda assim, não podia corresponder ao grande numero de acções que tinha e aos encargos do seu objecto. O governo propoz-lhe, então, que tomasse conta da divida publica. Ella acceitou, metteu-se em varios ramos de negocio, e foi, assim, que, no anno de 1720, terminou por uma

catastrophe que arruinou quasi todas as fortunas da Inglaterra.

Ainda esta companhia conservou o direito de carregar os navios do *Assiento;* mas esse direito acabou, em 1750, pela reclamação dos negociantes inglezes [1].

*

* *

Pelo que respeita ás relações commerciaes com os outros povos, já fallámos das relações com os Portuguezes, Hespanhoes, Hollandezes e Flamengos. Por isso, trataremos agora sómente das outras nações.

A França, n'este periodo, defendeu o progresso do seu commercio interior e da sua industria, por monopolios e prohibições, e disputou á Inglaterra tanto a supremacia mercantil como a superioridade politica. Por isso mesmo, as diversas guerras entre os dois paizes foram tambem luctas economicas e de tarifas aduaneiras [2]; e as relações commerciaes acabaram por se reduzirem ao contrabando, embora, de tempos a tempos, houvesse diversos tratados de commercio, por exemplo, o de 1697, no governo de Cromwell.

A França tinha commercialmente uma grande

---

[1] Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

[2] Emile Bonnechose, *obr. cit.*, vol. II.

vantagem na fabricação dos objectos de luxo, leves e de um grande valor especifico, para os quaes a industria ingleza, que trabalhava para as massas populares, não tinha equivalentes que offerecesse. A Inglaterra, porém, indemnisou-se d'essa desvantagem, pelo contrabando, especialmente, depois que tomou conta de Gibraltar, em 1704.

Emquanto á Allemanha, já vimos que, a principio, os Hanseaticos é que dominavam o commercio inglez. Depois, com a expulsão da Hansa, quebraram-se as relações mercantis entre os dois paizes. Com a influencia dos *Mercadores Aventureiros,* reataram-se de novo; e, pelo desinvolvimento crescente da Inglaterra, maior se foi tornando a influencia do commercio inglez na Allemanha.

Acresceu para isso, como vimos, tratando da Hollanda, que os productos da região rhenana tiveram sempre um grande desembocadouro na Inglaterra, por não terem sido attingidos no *acto de navegação* de Cromwell [1]; e que a rainha Isabel reorganisou a Companhia Prussiana Oriental (*Prussian and Eastland Company*), que já vinha de Henrique VI, e cuidava especialmente do commercio do Baltico, influindo, por isso, tambem nas relações commerciaes d'essa região com a Inglaterra.

Os Inglezes traziam da Allemanha os vinhos

---

[1] Pag. 530.

do Rheno, fustões, cobre e fio de cobre, ferro e fio de ferro, latão, bronze, caldeiras, aço de toda a especie, mercadorias de Nuremberg, assucar, polvora, bordões e cajados de estrada para os homens do norte [1]. E, por seu lado, a Allemanha tirava da Inglaterra, principalmente lãs, pannos grosseiros e generos coloniaes.

As relações mercantis com a Scandinavia começaram a ter importancia tambem no tempo de Isabel, que, em 1687, para fomentar o commercio com essa região, com a Polonia e com os portos germanicos do Baltico, organisou uma nova companhia, sob o nome de *Mercadores do Oriente* (*Eastland Merchants*). Essa companhia levava para lá pannos e roupas da Inglaterra, e trazia alcatrão, canhamo, corda e cabos, mastros e madeiras de toda a especie.

Da mesma fórma, já antes de Isabel, os Inglezes tinham estabelecido relações commerciaes com a Russia. Havia, para isso, os chamados *Negociantes de Moscow* (*Muscovy Merchants*), que, depois, se constituiram em companhia, no tempo d'aquella rainha, e que estenderam o seu commercio até á Persia. A entrada de Chancellor no Mar Branco e a sua ida a Moscow, dando tambem logar á frequencia dos navios inglezes em Arkangel, auxiliou muito essas relações entre os dois paizes [2]. E, depois, no tempo de Pedro o Grande, apezar da predilecção que elle tinha pe-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 225.

[2] Pag. 30.

los Hollandezes, como a Hollanda estava decaída, e já não podia consumir muitos dos productos da Russia, tanto mais que o *acto de navegação* de Cromwell lhe tinha restringido o commercio, foram os Inglezes que principiaram a preponderar nos mercados moscovitas.

Na verdade, emquanto que os Hollandezes e Allemães se estabeleceram modestamente n'aquelle imperio, e ahi começaram com pequenos recursos, as primeiras casas de Londres fundaram em S. Petersburgo e Moscow succursaes importantes, e dominaram o mercado por seus grandes capitaes. Os principaes artigos da Russia estavam na sua mão, e até alguns d'elles, como ferro, linho, tecidos para velas ou simplesmente fiado, só podiam ser exportados pelos Inglezes. Mas estes, que precisavam para a sua marinha dos productos brutos da Russia, davam-lhe uma boa compensação d'esse privilegio.

Em 1697, aquelle imperador da Russia, Pedro o Grande, por occasião da visita que fez á Inglaterra, concedeu tambem á *Companhia de Moscow* o monopolio do tabaco; mas as reclamações das companhias *Prussiana* e dos *Mercadores do Oriente,* fizeram supprimir esse privilegio.

Emquanto á Turquia, Isabel, por suggestões dos negociantes de Londres, mandou um commissario a Amurat III, para abrir directamente as relações commerciaes com esse imperio; e, em 1581, foi organisada a *Companhia Turca ou do Levante* (*Levant Company or Turkey Com-*

pany), que progrediu por fórma que, logo em 1584, estendeu as suas operações pelo golfo Persico até Goa, e fez uma tal concorrencia ao commercio de Veneza na Inglaterra, que terminou com elle.

As principaes feitorias estavam em Smyrna e Aleppo, onde se fazia o deposito geral para o trafico da Persia. E, por isso, havia n'essas regiões grande procura de pannos inglezes, em troca da seda em bruto, drogas e outros productos orientaes, que, primeiramente, eram fornecidos pelos Italianos e Venezianos.

Essa companhia continuou com grande desinvolvimento, chegando, inclusivamente, a gosar d'um monopolio de facto, com relação áquelles productos. Foi reconstituida, em 1606, e continuou activamente o seu commercio, por toda esta época; mas, em 1753, perdeu aquelle monopolio, pela concorrencia dos Francezes e da propria Companhia Ingleza das Indias Orientaes.

Este commercio deu tambem em resultado que o deposito dos productos do Levante, que, primeiramente, se fazia em Southampton, por meio do trafico dos Venezianos, passou para Londres.

Finalmente, Isabel tentou entabolar ainda relações mercantis com os Paizes Barbarescos, e, n'este sentido, chegou a organisar-se uma outra companhia, que não deu resultado [1].

[1] Emilio Bonnechose, *obr. cit.*, vol. II. — Cunningham, *obr. cit.*, vol. I. — Scherer, *obr. cit.*, vol. II.

Apezar d'isso, a Inglaterra, que, sobretudo, depois da occupação de Gibraltar, em 1704, poderia terminar, facilmente, com a pirataria dos Barbarescos, preferiu preservar o seu commercio, por meio de resgates, afim de paralysar d'esse modo o commercio dos pequenos Estados maritimos, especialmente os de Italia, que não podiam offerecer tanto dinheiro. E, assim, conseguiu tambem obter a superioridade no commercio do Mediterraneo [1].

---

[1] Em 1766, o commercio da Inglaterra ou Gran-Bretanha com a Hollanda foi representado, quanto á exportação, pelo valor de 1.602:924 libras, e, quanto á importação, pelo valor de 374:587 libras; havendo, assim, a favor da Inglaterra uma differença de 1.228:337 libras.

Em relação á Allemanha, as exportações da Inglaterra representaram 1.811:268 libras, e as importações, 633:772; havendo, assim, a favor da Inglaterra uma differença de 1.177:596 libras.

Com respeito á Suecia, as exportações inglezas representaram 56:678 libras, e as importações, 195:449; havendo, assim, a favor da Suecia uma differença de 135:821 libras.

Emquanto á Russia, as exportações da Inglaterra representaram o valor de 109:800 libras, e as importações, o de 684:585; havendo, assim, a favor da Russia uma differença de 574:685 libras.

Emquanto á Hespanha, as exportações inglezas representaram o valor de 558:002 libras e as importações, o de 520:729; havendo, assim, a favor da Inglaterra uma differença de 37:273 libras.

Com respeito a Portugal, as exportações inglezas representaram o valor de 667:104 libras, e as importações, o de 347:806; havendo, assim, a favor da Inglaterra uma differença de 319:298 libras. — *Pintura da Inglaterra, manifesto*

*
* *

Já consideravel na edade media, Londres tinha augmentado, sob os Tudors e Stuarts, e tinha sido sempre o centro do commercio da Inglaterra. Mas, no curso do seculo XVIII, tornou-se a metropole commercial do universo. Assim, em 1700, só tinham entrado no seu porto oitocentos e trinta e nove navios britanicos e quatrocentos e noventa e seis navios estrangeiros; pois, noventa annos mais tarde, entraram duas mil duzentas e oitenta e quatro embarcações nacionaes e mil duzentas e cincoenta e seis de outros paizes!

O augmento colossal d'esta cidade, que excedeu todas as proporções conhecidas, operou-se por ella propria, debaixo da influencia dos seus interesses e das suas necessidades. Foi a potencia instinctiva do commercio que a determinou.

Séde de muitas companhias mercantis, instituições de credito e sociedades de seguros, e, sobretudo, da bolsa, a par da importancia da sua situação [1], Londres não podia deixar de ser o grande mercado para o consumo e para a ex-

---

apresentado ao Rei e ás duas Camaras do Parlamento por lord Granville, traduzido em hespanhol por D. Domingo de Monoleta.

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 274.

portação e importação das mercadorias. Poucos eram os ramos de negocio que ahi não estivessem localisados; e, especialmente o commercio turco e o das Indias Orientaes ahi tinha a sua concentração. Era o principal estaleiro da construcção de navios, e tambem o maior centro dos outros negocios maritimos; e a industria achava-se lá representada em todos os seus ramos: tanto mais que foi em Londres que os refugiados do continente se acolheram, quando os grandes centros manufactores só começavam a nascer. A queda de Anvers veiu tambem favorecer muito o augmento de Londres. E, para se fazer ideia d'esse augmento, basta dizer que a população, no tempo de Jayme II, era de quinhentos mil habitantes, e, no fim do periodo, já tinha attingido quasi que um milhão.

Bristol, durante quasi toda a época, seguia-se na importancia logo depois de Londres; mas, nos ultimos tempos, já foi excedida por Liverpool.

O esplendor actual de Liverpool contrasta singularmente com a sua humilde origem. No seculo XVI, não passava ainda de uma aldeia, com a sua egreja parochial, n'um raio de quatro milhas, contando apenas cento e trinta e dois habitantes, e possuindo simplesmente dois ou tres navios d'uma capacidade total de duzentas e trinta e tres toneladas. N'uma petição á rainha Isabel, ella propria se qualificava de *pobre aldeia decaída de Sua Magestade.*

Foi o trafico dos negros que lhe abriu o ca-

minho da fortuna. O seu porto, que se augmentou pelo estabelecimento da primeira doca, armou grande numero de negreiros. Mas esse trafico foi depois substituido por outro mais honroso, o commercio com a America.

Desde que uma companhia poderosa exercia em Londres o monopolio das Indias Orientaes, e dominava esse commercio, com exclusão das outras cidades e, portanto, de Liverpool, esta praça lançou os olhos para o oeste; e assim, em communicação com as colonias inglezas, attraiu logo para o seu porto quasi todo o commercio da America do Norte, depois da emancipação d'essas colonias.

A visinhança das fabricas de Manchester e a situação de Liverpool influiram tambem na sua grandeza, porque ella occupa o centro geographico das duas ilhas — Irlanda e Gran-Bretanha; é o ponto natural de convergencia para todo o movimento das trocas domesticas entre essas ilhas; e, ao mesmo tempo, offerece, por esta posição central, uma grande vantagem para o commercio estrangeiro, cujas mercadorias podem, facilmente, derivar-se por toda a região. Além d'isso, está, geralmente, no centro d'uma região hulheira; e era tambem por Liverpool que os productos das fabricas de Manchester passavam para a Irlanda.

No fim do seculo XVII, a sua população constava só de cinco mil habitantes; mas, por occasião da guerra da America, já tinha attingido cincoenta mil.

No principio da época moderna, tambem Manchester era uma cidade de terceira ordem; mas o seu desinvolvimento foi rapido; e, no tempo de Carlos II, era já uma das mais povoadas e prosperas. Ainda assim, em 1774, a sua população não excedia a quarenta e um mil habitantes.

Desde o principio do seculo XVI, Leeds tornou-se um grande centro de fabricação de pannos. Os obreiros flamengos tinham ensinado os seus fabricantes, e, em breve, a cidade expediu os seus estofos para toda a Inglaterra. Apezar d'isso, em 1774, não tinha mais que dezoito mil habitantes.

A grandeza de Birmingham é tambem recente, e tanto que ainda Cromwell a não achou bastante importante, para ter representação no parlamento. Mas, apezar d'isso, tornou-se um grande centro de industria metallurgica, bem como de quinquilherias de toda a ordem, tombaque, cobre amarello, estanho, chumbo, ferro, aço e assucar.

A grandeza industrial de Shefield foi tambem demorada, mas, ainda assim, já n'esta época, a sua cutelaria chegou a reinar em todo o mundo.

Derby viu, em 1718, estabelecer o primeiro moinho, para dobrar e torcer a seda [1]. Tornou-

---

[1] Foi um inglez que roubou aos Italianos esse segredo; e, por isso mesmo, foi envenenado por elles segundo as narrações do tempo. — E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — Le Nord-Ouest de l'Europe* (*Angleterre*).

se, por isso, muito industrial, e era tambem, especialmente, o centro da fabricação de meias.

Southampton tinha já grande commercio no principio da época, e era o entreposto principal do trafico italiano; mas o desinvolvimento da *Companhia do Levante* fez que esse trafico passasse para Londres, e que o movimento economico de Southampton declinasse alguma coisa.

Hallifax era tambem uma das principaes cidades manufactoras.

Como centro do negocio com a Europa, deve mencionar-se Hull, e, como principal entreposto da hulha, Newcastle.

York, a capital do norte, e Exeter, a capital do sul, assim como Worcester e Norwich, distinguiam-se egualmente pela sua industria.

Emfim, desde o principio do seculo XVII, Norfolk, Suffolk, Essex e Wester principiaram a ser grandes centros economicos, onde, principalmente, se exercia a industria de lanificios.

Na Escocia, Glasgow progrediu rapidamente, depois da união que égualou os portos escocezes aos portos da Inglaterra para o commercio colonial.

Clyde, que viu, em 1718, saír do seu porto o primeiro navio que atravessava o Atlantico, e se tornou logo o emporio principal dos tabacos de Maryland e Virginia, tinha ainda um papel muito modesto na industria, em que hoje rivalisa com Manchester. Estavam espalhadas muitas fabricas pelos campos, mas a sua concentração na cidade só devia generalisar-se pelo emprego das maquinas.

Na Irlanda, Dublin, no seculo XVII, era a segunda cidade das Ilhas Britanicas. Tinha trezentos mil habitantes, e só ella egualava as duas cidades de Edimburgo e Bristol reunidas [1].

Belfast, em 1612, não passava d'uma simples aldeia. O seu terreno foi dado por Jayme I a um seu favorito, e, no meiado do seculo XVII, ainda não tinha mais que sete a oito mil habitantes.

*

* *

No tempo de Isabel, era grande a desordem monetaria, que vinha já dos tempos de Henrique VIII, tanto pela alteração do valor que o dinheiro corrente soffreu, por differentes vezes, no governo d'esse rei e de Eduardo VI, como pelas falsificações e abusos que os moedeiros praticavam: tanto mais que, a par da cunhagem do Estado, havia o direito senhorial, isto é, o privilegio concedido a certos nobres para essa cunhagem. Isabel, porém, tomando por base o tostão, moeda de prata, com o valor de 81 reis, em vez de 108 reis que valia anteriormente, tratou de prevenir os abusos que havia no dinheiro corrente.

Os successores de Isabel continuaram tambem com a cunhagem por conta do Estado, a par

[1] E. Reclus, *Nouvelle Géographie Universelle — Le Nord-Ouest de l'Europe* (*Angleterre*).

do direito, senhorial, até Carlos II; e este aboliu esse direito, e franqueou a moedagem a todos os cidadãos na casa da moeda, o que trouxe uma nova desordem, pela differença da liga, cerceamento do peso, variedade e defeitos do fabrico. Além d'isso, a mudança constante da relação entre a prata e o ouro, tanto na Inglaterra como no continente, e a afluencia de metaes preciosos, vindos das colonias, fazia que, muitas vezes, fosse conveniente derreter as moedas, e vender a prata a peso; e até os proprios estrangeiros as levavam para esse effeito. Demais a mais, ao desbastamento proveniente do uso acrescia tambem o desfalque propositado, para vender a prata resultante d'esse desfalque. E tudo isso produziu, a par da desordem, um grande retraimento e escassez do numerario; de modo que principiaram a correr em abundancia as moedas estrangeiras, especialmente, os luizes de França e as pistolas de Hespanha.

Esses inconvenientes continuaram até Guilherme III, que, por isso mesmo, em 1696, fez uma refundição completa do dinheiro corrente. Mas, apezar d'isto, a variedade da relação entre o valor do ouro e da prata, a par das falsificações e defeitos da cunhagem, fizeram que esse estado de coisas se prolongasse até o anno de 1774, em que houve uma cunhagem geral das moedas d'ouro, relacionada com o valor real da prata, e se cohibiram muitos dos mencionados abusos.

Damos, em seguida, o quadro das moedas

emittidas até o reinado de Carlos I, extraído do livro de W. A. Shaw, que tantas vezes temos citado — *The History of Currency*. Não podemos completar o quadro, até o fim da época, por não termos encontrado elementos para isso; mas o facto do mesmo auctor não o ter levado além de Carlos I, indica-nos que, d'ahi por diante, as moedas não variaram de valor.

Assim, emquanto ás moedas de ouro, foram emittidas as seguintes, correspondendo aos seguintes valores:

HENRIQUE VII:		
1489.	Soberano . .	20^s = 4$500 reis
HENRIQUE VIII:		
1527.	Rose Nobel ou Real . .	1^l 3^d = 2$529 »
	Soberano . .	1^l 2^s 6^d = 5$058 »
1544.	Angel	8^s = 1$800 »
	Corôa	5^s = 1$125 »
	Libra	20^s = 4$500 »
1545.	Corôa	5^s = 1$125 »
	Libra	20^s = 4$500 »
EDUARDO VI:		
1549.	Libra	20^s = 4$500 »
1550.	Angel	8^s = 1$800 »
	Soberano . .	1^l 4^s = 5$400 »
MARIA TUDOR:		
1553.	Angel	6^s 8^d = 1$555 »
ISABEL:		
1558.	Angel	10^s = 2$250 »
	Soberano . .	1^l 10^s = 6$750 »
	Libra	20^s = 4$500 »
1601.	Angel	10^s = 2$225 »
	Libra	20^s = 4$500 »

Jayme I:		
1603.	Libra	22s = 4$950 reis
1604.	Unit e suas fracções, a dupla corôa, a corôa britanica e a corôa de cardo . . .	20s = 4$500 »
1605.	Angel	10s = 2$250 »
1610, em que o ouro soffreu um levantamento de dez por cento	Angel	11s = 2$475 »
	Unit.	1l 2s = 4$950 »
1619.	Angel. . . .	11s = 2$475 »
Carlos I		
1625.	Angel	10s = 2$250 »
	Unit.	20s = 4$500 »

Com o ouro que os Inglezes trouxeram da Africa começaram tambem a cunhar os guineus, cujo valor, variando desde 6$750 a 4$950, em 1717, se fixou em 21s ou 4$725.

Emquanto ás moedas de prata, foram emittidas as seguintes: o *penny*, que vinha a ser a peça de tres pence com o valor de 55 reis, o *groat*, do valor de 85 reis, e o *shilling*, do valor de 225 reis, nas seguintes épocas e da seguinte fórma. Os seus valores não variaram de emissão para emissão.

1504.	Penny. Groat. Shilling.
1527.	Penny. Groat.

1543.	Penny. Groat. Shilling.
1549.	Shilling.
1552.	Penny. Shilling.
1553.	Penny. Groat. Shilling.
1560.	Penny. Groat.
1601.	Penny. Shilling [1].

*
* *

Até o tempo de Maria Tudor, a conservação das estradas ficava a cargo dos particulares, e póde bem ajuizar-se como as communicações seriam imperfeitas. No tempo d'esta rainha, foram as parochias incumbidas de reparar os caminhos, com responsabilidade judicial pelo seu desleixo [2]. Já isso mostra como elles haviam de continuar a ser maus, porque as parochias pobres não tinham meios para os construir ou compôr nas respectivas testadas, e acresce ainda que andavam infestados de ladrões.

A prosperidade do seculo XVIII, porém, tor-

---

[1] Cunningham, *obr. cit.* — Thorold Rogers, *The Industrial and Commercial History of England.* — Bonnechose, *obr. cit.*, vol. IV, pag. 102. — Shaw, *obr. cit.*

[2] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 535.

nou mais urgente o melhoramento das estradas, e, então, adoptou-se o systema de estabelecer portagens, destinadas á sua reparação, de modo que os transeuntes contribuiam para ellas.

Crearam-se, depois, em 1771, sociedades encarregadas de velar pela viação publica. E o effeito immediato d'esta medida foi surprehendente, por fórma que, se, na primeira parte do seculo XVIII, as estradas estavam n'um estado desgraçado, antes do fim d'elle, já eram excellentes [1].

Os correios foram instituidos, em 1657, por Cromwell; e, embora elle os instituisse, principalmente, para o transporte dos despachos officiaes e para a descoberta dos designios criminosos e attentatorios da segurança do Estado, prestaram assignalados serviços ao commercio.

Por seu lado, Guilherme III fez melhorar e farolar as costas maritimas e reparar as enseadas [2]. E, em 1779, foi lançada a primeira ponte de ferro sobre o Severn, que marcou o inicio da edade do ferro, na Inglaterra; pois que, então, começou o ferro a ter grande applicação a differentes usos [3].

O systema de canaes data dos ultimos tempos do seculo XVIII.

Assim, o primeiro canal — de Worsley a Man-

---

[1] W. Cunningham and Ellen A. M. Arthur, *Outlines of English Industrial History*.

[2] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 484.

[3] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 523.

chester — foi acabado no tempo de Jorge III, em 1767. Seguiu-se o ramal que estabelece a ligação d'esse canal com o Mersey, em Runcorn, communicando Manchester com Liverpool. Veiu depois o canal da *Grande Juncção,* que juntou o Mersey ao Trent e ao Severn. E, ao passo que estes canaes facilitaram muito as communicações, contribuiram tambem grandemente para o desinvolvimento da industria e do commercio [1].

*

* *

N'esta rapida exposição da historia economica da Inglaterra, fica já patente o espirito emprehendedor, a actividade maritima, a persistencia tenaz, o genio colonisador, a cohesão nacional, e a comprehensão pratica e positiva d'esse grande povo.

Iniciando a época moderna, ainda n'uma inferioridade relativa, dominado commercialmente pelos Hanseaticos e Hollandezes, sobrepujado politicamente pela França e pela Hespanha, precedido colonialmente pelos Portuguezes e pelos Hespanhoes, em pouco tempo expulsou a Hansa dos seus dominios; resistiu á competencia mercantil dos Paizes-Baixos; preponderou politicamente sobre a França, Hespanha e Hollanda; adquiriu importantes colonias, arrancando muitas

---

[1] Cunningham, *obr. cit.*, vol. I, pag. 535.

d'ellas aos outros paizes; e, em summa, de progresso em progresso, de grandeza em grandeza, já no seculo XVIII, constituia o Estado preponderante da Europa.

Não tinha ainda, como no seculo XIX, as chaves de todos os mares[1], a entrada e saída de todas as avenidas maritimas. Os tentaculos da sua industria e commercio não abarcavam todas as malhas da rêde economica universal; e as maravilhas do seu progresso não assombravam ainda toda a terra. Mas o carvão e o vapor, a maquina de fiar, a fermentação de uma actividade immensa, a empolgação de uma poderosa marinha, o seu commercio extraordinario, e a guarda avançada de colonias valiosas, por toda a parte: bem prenunciavam que, já no seculo seguinte, a Inglaterra seria o primeiro imperio do mundo.

---

[1] *A Historia Economica*, vol. III, pag. 256.

RECAPITULAÇÃO

Paremos um pouco, para, no volume seguinte, continuarmos historiando o movimento economico da edade moderna.

Saídos da edade media, vimos como a humanidade sondou novos mares e abriu novos mercados; e, alargando, egualmente, a esphera moral, deu tambem ás sciencias e ás artes horisontes desconhecidos.

Vimos como os Portuguezes iniciaram as emprezas coloniaes e maritimas, descobrindo um novo mundo, rasgando tambem um novo caminho para a India, e dando aos outros povos absortos o espectaculo maravilhoso de quanto póde o genio e o arrojo d'um pequeno paiz; e como, atraz dos Portuguezes, seguiram ousadamente os Hespanhoes, Hollandezes, Inglezes e outras nações europeias.

Vimos como se deslocaram as correntes e situações economicas do globo, e de que fórma declinou o movimento commercial do Mediterraneo, para ser substituido pela invejosa exploração dos oceanos.

Vimos como, em consequencia do estabelecimento das colonias d'esta época, um novo despotismo industrial e mercantil, sob o nome de *systema colonial*, atrofiou, em geral, as possessões da Europa nos outros continentes; e como um extravasamento de novos e preciosos productos veiu inundar as praças europeias.

O systema chamado *mercantil* poz, a principio, em muitas nações uma especie de vedeta, para proteger a entrada dos metaes preciosos e defender a saída do numerario; mas, por fim, a evolução da economia politica despedaçou essa barreira, levantou especialmente a agricultura, e mostrou que a verdadeira riqueza dos Estados está no desinvolvimento harmonico de todas as fontes productivas.

Novas auras começaram a bafejar os povos. A liberdade resplandeceu no horisonte. O carvão e o vapor annunciaram as suas maravilhas. A *maquina de fiar* inaugurou a revolução portentosa que tinha de produzir-se na tecelagem. As outras industrias e o commercio já preconisaram grandemente a festa da civilisação contemporanea. A marinha de guerra e a marinha mercante acompanharam a revolução universal. A filosofia e a evolução de outras sciencias prepararam a emancipação do povo. E, na retorta do progresso,

foram refervendo as novas ideias, para illuminarem d'um resplendor assombroso a entrada do seculo XIX.

No volume seguinte, veremos tambem o contingente que os outros povos da Europa deram para essa festa, precursora da civilisação contemporanea.

FIM DO QUARTO VOLUME